

A SALA DO CRIME



P. D. JAMES

A SALA DO CRIME

Tradução de CATARINA LIMA

Círculo de Leitores

Título original

THE MURDER ROOM

Capa TIAGO CUNHA

ISBN 972-42-3369-3

Copyright 2003 by P D James

Impresso e encadernado para Círculo de **Leitores**

por Tilgráfica, SÁ

Braga no mês de Fevereiro de 2005

Número de edição 6239 Depósito legal número 220 855/04

Digitalização

Fátima Tomás

Correcção

Fabiana Martins

Para os meus dois genros,

Lyn Flook e Peter Duncan McLeod

—TP

3

O tempo presente e o tempo passado

Estão, talvez, presentes no tempo futuro,

E o tempo futuro contido no tempo passado.

T. S. ELIOT, *Burnt Norton*

SUMÁRIO:

NOTA DA AUTORA *Página 8*

LIVRO UM

As Pessoas e o Local. ”.

Sexta-feira, 25 de Outubro Sexta-feira 1 de Novembro-”1

Página 9 v

LIVRO DOIS

A Primeira Vítima (

Sexta-feira, de Novembro Terça-feira, 5 de Novembro,

Página 137

LIVRO TRÊS:, -

A Segunda Vítima

Quarta-feira, 6 de Novembro Quinta-feira, 7 de Novembro,

Página 329 LIVRO QUATRO A Terceira Vítima

Quinta-feira, 7 de Novembro Sexta-feira, 8 de Novembro Página 415

NOTA DA AUTORA

Devo pedir desculpa a todos os amantes de Hampstead Heath¹ e à Câmara Municipal de Londres pela minha temeridade em erigir o fictício Museu Dupayne na orla desses belos e venerados hectares. Alguns outros locais mencionados no romance também são reais, e os famosos casos de homicídio, expostos na Sala do Crime do museu, foram verídicos. É da maior importância salientar que o Museu Dupayne, os fiduciários, o pessoal, os voluntários e os visitantes existem apenas na minha imaginação, bem como o Swathling's College e todas as demais personagens da história. Devo, também, pedir desculpa por haver criado interrupções temporárias de serviço no metropolitano de Londres e na linha ferroviária entre Cambridge e Londres, muito embora os utentes dos transportes públicos possam aperceber-se de que é um recurso ficcional que não impõe grandes preocupações à sua credulidade.

Como habitualmente, exprimo a minha gratidão para com a Dr.^a Ann Priston, OBE², dos Serviços de Ciência Forense, e para com a minha secretária, Mrs. Joyce McLennan. Quero igualmente agradecer, em especial, a Mr. Andrew Douglas, oficial de investigação de incêndios dos Serviços de Ciência Forense, pela sua inestimável ajuda ao instruir-me sobre os procedimentos numa investigação de incêndios de origem suspeita.

P. D. JAMES

¹ Hampstead Heath Vasta charneca arborizada, a norte de Londres. (*N. da T.*)

² Abreviatura de *Officer of the Order of the British Empire*, oficial da Ordem do Império Britânico. (*N da T.*)

LIVRO UM

As Pessoas e o Local

Sexta-feira, 25 de Outubro/sexta-feira, de Novembro

Na sexta-feira, vinte e cinco de Outubro, exactamente uma semana antes da descoberta do primeiro cadáver no Museu Dupayne, Adam Dalgliesh visitou o local pela primeira vez. A visita foi fortuita, a decisão, impulsiva, e, posteriormente, recordaria aquela tarde como uma das estranhas coincidências da vida que, apesar de ocorrerem com mais frequência do que seria de esperar, nunca deixam de surpreender.

Saía do edifício do Ministério do Interior, em Queen Anne's Gate, às duas e meia, após uma longa reunião, apenas interrompida, por breves instantes, para o habitual intervalo em que se serviam sanduíches compradas e café sem qualquer sabor, e percorria, a pé, a curta distância que o levaria de volta ao seu gabinete na Scotland Yard. Estava sozinho, o que também era fortuito. A representação policial, na reunião, fora numerosa e, normalmente, Dalgliesh teria saído com o comissário adjunto, mas um dos subsecretários do Departamento Criminal da Polícia pedira-lhe que passasse pelo seu gabinete a fim de falarem de um assunto que nada tinha a ver com a reunião; desse modo, Dalgliesh saía sozinho. A reunião providenciara a esperada imposição de papelada e, quando Dalgliesh cortou caminho, pela estação de metropolitano de St. James's Park, para sair em Broadway, perguntou a si próprio se devia regressar ao seu gabinete e arriscar-se a uma tarde de interrupções ou levar a papelada para o seu apartamento, com vista para o Tamisa, e trabalhar em paz.

Se bem que ninguém houvesse fumado durante a reunião, o ambiente achava-se saturado e, agora, sabia-lhe bem respirar ar puro, mesmo que por breves instantes. Apesar de ameaçar chover, estava um dia invulgarmente ameno. As nuvens carregadas deslocavam-se pelo céu de um azul translúcido e quase podia julgar que se estava na Primavera, não fora o cheiro penetrante e outonal a maresia que emanava do rio decerto imaginado em parte e as fortes rajadas de vento, quando Dalglish saiu da estação.

Volvidos poucos segundos, avistou Conrad Ackroyd na berma da calçada, à esquina de Dacre Street. Olhava para a esquerda e para a direita, com aquele misto de ansiedade e de esperança, típico de um homem que está à espera de fazer sinal a um táxi. Quase de imediato, Ackroyd viu Dalglish e avançou para ele, com os braços estendidos e um sorriso no rosto, por baixo do chapéu de abas largas. Era um encontro que Dalglish já não podia, nem tão-pouco queria evitar, até porque poucos eram aqueles que não desejavam encontrar-se com Conrad Ackroyd por poucos instantes que fossem. O seu constante bom humor, o seu interesse pelos pormenores insignificantes da vida, a sua paixão por mexericos e, acima de tudo, a sua juventude aparentemente eterna transmitiam uma sensação de segurança. Estava tal qual como quando ele e Dalglish se haviam conhecido, havia várias décadas. Era difícil imaginar Ackroyd a sucumbir a uma doença grave ou a enfrentar uma tragédia pessoal, enquanto a notícia da sua morte seria, para os amigos, uma inversão da ordem natural das coisas. Talvez fosse esse o segredo da sua popularidade, pensou Dalglish. Ackroyd transmitia aos amigos a reconfortante ilusão de que o destino era benevolente. Como de costume, vestia com uma excentricidade cativante. O seu elegante chapéu de feltro, com abas flexíveis, estava puído a um canto, enquanto o seu corpo, baixo mas robusto, se achava envolto numa capa de *tweed*, em tons de púrpura e verde. E era o único homem que Dalglish conhecia que usava polainas.

Como é bom vê-lo, Adam! Perguntava a mim próprio se você estaria no seu gabinete, mas não queria visitá-lo, por ser uma experiência muito intimidante para mim, meu caro. Não estou certo de que me deixassem entrar, nem de que 12

sairia, se me fosse permitida a entrada. Estou hospedado num hotel, em Petty France, com o meu irmão. Ele vem a Londres uma vez por ano, e ficamos sempre alojados lá. É um católico devoto e o hotel fica a uma distância conveniente da Catedral de Westminster. Conhecem-no e são sempre muito tolerantes. Tolerantes em relação a quê?», interrogou-se Dalglish. E estaria Ackroyd a referir-se ao hotel, à catedral ou a ambos?

Não sabia que tinha um irmão, Conrad.

Eu próprio mal o sei. Vemo-nos tão poucas vezes. Ele é uma espécie de eremita. Vive em Kidderminster acrescentou, como se aquele facto explicasse tudo.

Dalglish preparava-se para murmurar uma desculpa táctica e despedir-se quando Conrad Ackroyd prosseguiu:

Suponho que não poderei forçá-lo a aceder a um desejo meu, caro amigo? Gostava de passar umas duas horas no Museu Dupayne, em Hampstead. Porque não me faz companhia? Conhece, certamente, o museu...

Já ouvi falar desse museu, mas nunca o visitei.

Pois devia. É um local fascinante. Dedicado ao período entre mil novecentos e dezanove e mil novecentos e trinta e oito, portanto, entre as duas guerras. Pequeno mas exaustivo. Tem uns belos quadros: Nash, Wyndham Lewis, Ivon Hitchens, Ben Nicholson. Sei que ficaria particularmente interessado pela biblioteca. Primeiras edições, alguns testamentos, escritos pela mão dos seus autores e, claro, os poetas da época. Venha!

Talvez numa outra ocasião.

Nunca se consegue arranjar uma outra ocasião, não é verdade? Porém, agora que o apanhei, considere o nosso encontro como obra do destino. Tenho a certeza de que tem o seu *Jaguar* guardado, algures, na garagem subterrânea da Polícia Metropolitana. Podemos ir de carro.

Quer antes dizer que posso conduzi-lo ao museu...

E voltará comigo a Swiss Cottage para tomar chá connosco, não é assim? A Nellie nunca me perdoaria.

Como está a Nellie?

Bonita e saudável, como sempre, obrigado. O nosso médico reformou-se no mês passado. Ao fim de vinte anos, foi

13 uma despedida triste. No entanto, o seu sucessor parece compreender as nossas constituições físicas e talvez seja melhor termos um médico mais novo.

O casamento de Conrad e de Nellie Ackroyd era tão sólido que poucas pessoas se davam ao trabalho de pôr em causa a sua congruência ou de fazer especulações lascivas acerca da sua possível consumação. Fisicamente, marido e mulher não podiam ser mais diferentes. Conrad era anafado, baixo e moreno, com olhos vivos e curiosos, e, com os seus pés pequenos, movia-se com a mesma energia e agilidade de um bailarino. Nellie era, pelo menos, uns sete centímetros mais alta do que o marido, tinha a tez do rosto pálida, o peito achatado e usava o cabelo louro, entremeado de fios brancos, enrolado em duas grossas tranças de cada lado da cabeça, que faziam lembrar auscultadores. O seu passatempo era coleccionar primeiras edições de livros escolares para raparigas, publicados nas décadas de 20 e de 30. A sua colecção das obras de Angela Brazil era considerada única. As grandes paixões de Conrad e de Nellie eram a sua casa e jardim, os seus dois gatos siameses e as refeições: Nellie era uma excelente cozinheira. Conrad tendia ainda a ser levemente hipocondríaco. Era o proprietário e editor de *The Paternoster Review*, conhecida pela virulência dos seus artigos e críticas não assinados. Na vida privada, era o mais bondoso dos Jekyll,

ao passo que, enquanto editor, era um implacável Hyde.

Um certo número de amigos de Conrad, cujas vidas obstinadamente muito ocupadas lhes impediam de desfrutar de todos os prazeres da vida, exceptuando os estritamente necessários, arranjavam, contudo, tempo para tomar chá com os Ackroyd em Swiss Cottage, uma grande casa eduardina, com uma confortável sala de estar e um ambiente de indulgência intemporal. Ocasionalmente, Dalglish era um desses amigos. O chá constituía um ritual nostálgico e sem pressa. As delicadas chávenas, com as suas asas alinhadas, o pão integral fino, com manteiga, as minúsculas sanduíches de pepino, o bolo de quatro quartos e o típico bolo inglês, com fruta cristalizada, faziam a sua esperada aparição, servidos por uma velha criada que seria uma dádiva para um agente de *casting* que quisesse

recrutar actores para uma telenovela passada na era eduardina. Para os visitantes mais velhos, o chá trazia memórias de uma época mais sossegada e, para todos, a temporária ilusão de que o mundo perigoso era tão susceptível como aquela vida caseira, onde reinava a ordem, a razão, o conforto e a paz. Passar o início do serão a falar dos outros com os Ackroyd seria considerado, indevidamente, nos tempos que correm, uma excessiva satisfação dos próprios desejos. Não obstante, Dalgliesh sabia que não seria fácil encontrar um pretexto válido para se recusar a levar o amigo a Hampstead.

Levá-lo-ei ao Dupayne com todo o gosto, mas talvez não possa ficar, se pretende demorar-se na sua visita ao museu...

Não se preocupe, meu caro. Tomarei um táxi para voltar para casa.

Dalgliesh precisou apenas de alguns minutos para ir buscar ao seu gabinete os papéis de que precisava, saber através da sua secretária particular o que acontecera durante a sua ausência e tirar o *Jaguar* do parque de estacionamento subterrâneo. Ackroyd achava-se perto do sinal giratório. Parecia uma criança obedientemente à espera dos adultos que a viessem buscar. Enrolou com cuidado a capa em volta do corpo, entrou no carro com um resmungo de satisfação, lutou com o cinto de segurança, deu-se por vencido e deixou que Dalgliesh o apertasse. Seguiam por Birdcage Walk, quando Ackroyd exclamou:

Vi-o em South Bank¹ no sábado passado. Estava de pé, junto à janela, no segundo andar, a contemplar o rio, na companhia de uma rapariga muito bonita, se me é permitido dizê-lo.

Sem olhar para ele, Dalgliesh retorquiu, em tom neutro:

Porque não subiu? Tê-la-ia apresentado.

Essa ideia ainda me passou pela cabeça antes de me aperceber de que estaria *de trop*. Assim, contentei-me em olhar para os vossos perfis... mais para o dela do que para o seu... Importante **centro cultural na margem sul do rio Tamisa, em Londres. (N. da T.)**

com maior curiosidade do que aquela que seria considerada de bom tom. Enganei-me⁴⁷ ao detectar um certo constrangimento, ou devo dizer, antes, uma certa coibição?

Dalgliesh não respondeu e, depois de observar, primeiro, o seu rosto e, depois, as suas mãos finas, que apertaram por uma fracção de segundo o volante, Ackroyd achou prudente mudar de assunto.

Desisti de publicar mexericos na *Review*. Não vale a pena, salvo quando se trata de uma notícia de última hora, verdadeira e escandalosa, e, mesmo assim, arrisco-me a ser processado. As pessoas são tão conflituosas... Pretendo diversificar e daí a razão da minha visita ao Dupayne. Estou a escrever uma série de artigos sobre o homicídio como símbolo da sua época, ou sobre o homicídio enquanto história social, se preferir. A Nellie pensa que talvez eu alcance o êxito desta vez, Adam. Na verdade, está muito entusiasmada. Tomemos os assassínios vitorianos mais famosos como exemplo. Nunca poderiam ter sido cometidos em qualquer outro século. Aquelas salas de estar claustrofóbicas, atulhadas de objectos, a aparente respeitabilidade, a subserviência feminina... E o divórcio... Se a esposa pudesse encontrar motivos para o pedir, o que era muito difícil, isso tornava-a uma pária social. Não é de admirar que aquelas pobres mulheres tenham começado a mergulhar fitas de papel para matar moscas, embebidas em arsénico, na água que punham a ferver para fazer chá. No entanto, essa é a época mais fácil. O período entre as duas guerras é mais interessante. No Dupayne, existe uma sala inteiramente dedicada aos casos de assassinio mais célebres dos anos vinte e trinta. Asseguro-lhe, desde já, que a sala não tem como objectivo despertar o interesse do público... não é esse tipo de museu, mas, sim, provar o meu ponto de vista. O assassinio, crime por excelência, é um paradigma da sua época.

Fez uma pausa e, pela primeira vez, olhou atentamente para Dalgliesh.

Parece um pouco cansado, meu caro. Está tudo bem consigo? Não está doente, pois não?

Não, Conrad, não estou doente.

A Nellie ainda ontem me disse que nunca o vemos. Está sempre demasiado ocupado a dirigir aquela equipa de nome inofensivo, criada para investigar homicídios de natureza delicada. «Natureza delicada» soa estranhamente a uma definição burocrata. Como se define um homicídio de natureza indelicada? No entanto, todos sabemos o que significa. Se o presidente da Câmara dos Lordes for encontrado morto, com as suas vestes e peruca, no *woolsack*¹, depois de haver sido brutalmente espancado, chame-se Adam Dalgliesh.

Não creio. Consegue imaginar um espancamento brutal, enquanto a Câmara dos Lordes se encontra em plena sessão parlamentar, com algumas de suas senhorias a assistir ao crime com grande satisfação?

Claro que não. O assassinio seria perpetrado depois de a sessão ser dada como encerrada.

Então, porque estaria o presidente sentado no *woolsack*.

Porque o tinham assassinado num outro local e levado para ali. Devia ler romances policiais, Adam. Actualmente, o assassinio na vida real, além de ser um lugar-comum e... desculpe-me a ousadia... um pouco vulgar, inibe a imaginação. Não obstante, transportar o cadáver para a Câmara dos Lordes levantaria um problema. Exigiria um plano urdido com antecedência e que, provavelmente, não daria resultado.

Ackroyd falava com pesar. Dalgliesh pensou se o próximo interesse do amigo seria o de escrever romances policiais. Se assim fosse, tinha de dissuadi-lo. O assassinio, tanto real como fictício e em qualquer uma das suas manifestações, era, ao que tudo indicava, um passatempo muito pouco apropriado para um homem como Ackroyd. Contudo, a sua curiosidade sempre fora muito abrangente e, assim que lhe ocorria uma nova ideia, agarrava-se a ela com a dedicação e o entusiasmo de um especialista.

E aquela sua ideia parecia persistir, porque Ackroyd continuou:

¹ Almofada em que se senta o presidente ou chanceler da Câmara dos Lordes. (*N. da T.*)

E não existe uma norma de que ninguém morre no Palácio de Westminster? Não lançam o morto para o interior de uma ambulância com uma pressa indecorosa para, mais tarde, declararem que ele morreu a caminho do hospital? Ora isso criaria algumas pistas interessantes quanto à hora da morte. Se fosse uma questão de herança, por exemplo, a hora da morte seria muito importante. Como é óbvio, já tenho o título: *Morte na Câmara dos Lordes*.

Isso exigiria muito tempo replicou Dalglish. Prefiro ficar com a teoria do assassinio como paradigma da sua época. O que espera encontrar no Dupayne?

Talvez inspiração, mas sobretudo informação. A Sala do Crime é notável. A propósito, não é o seu nome oficial, mas as pessoas referem-se a ela dessa forma. Exibe relatos dos jornais da época sobre os crimes e os julgamentos, fotografias fascinantes, incluindo algumas originais, e provas verídicas da cena do crime. Não faço ideia de como o velho Max Dupayne se apropriou dessas provas, mas creio que nem sempre era escrupuloso no que dizia respeito a adquirir o que queria. O que é certo é que o interesse do museu pelo assassinio coincide com o meu. O único motivo que levou o velho Dupayne a criar a Sala do Crime foi para relacioná-lo com a sua época; caso contrário, tê-la-ia encarado como uma fonte de informações para o depravado gosto popular. Já escolhi o meu primeiro caso. É o mais óbvio e envolveu Mistress Edith Thompson. Decerto conhece-o.

Sim, de facto, conheço-o.

Todos os que se interessavam pelos assassinios da vida real, pelas falhas do sistema de justiça criminal ou pelo horror e pelas anomalias da pena de morte, conheciam o caso Thompson-Bywaters. Inspirara romances, peças de teatro, filmes e uma grande quantidade de artigos publicados nos jornais, que davam relevo ao ultraje moral.

Aparentemente alheio ao silêncio do companheiro de viagem, Ackroyd continuou a papaguear alegremente:

Analise os factos. Temos uma jovem atraente, de vinte e oito anos, casada com um monótono funcionário de uma companhia de navegação, quatro anos mais velho do que ela. Vivem numa rua triste de um subúrbio miserável, a leste de

Londres. Pensa que ela encontrava algum reconforto numa vida de fantasia?

Não possuímos quaisquer provas de que o Thompson era um indivíduo monótono. Não está a sugerir, por certo, que a monotonia é um móbil para matar alguém?

Pois sempre lhe digo que posso pensar em motivos bem menos credíveis para um assassinio, caro amigo. A Edith Thompson não só é bonita como inteligente. Tem um emprego como gerente de uma empresa de confecção de chapéus, na City, e naquela época, isso já era alguma coisa. Vai de férias com o marido e a cunhada e conhece Frederick Bywaters, funcionário da Companhia Marítima P&O, oito anos mais novo que ela, por quem se apaixona perdidamente. Quando ele anda embarcado, ela escreve-lhe cartas arrebatadas que, para as pessoas sem imaginação, podem ser interpretadas como um incitamento ao assassinio. Ela refere, numa dessas cartas, que colocou lâmpadas eléctricas esmagadas nas papas de aveia de Percy, probabilidade que Bernard Spilsbury, patologista forense, pôs de parte durante o julgamento. Então, a três de Outubro de mil novecentos e vinte e dois, depois de uma ida ao Teatro Criterion, em Londres, quando regressam a casa, Bywaters aparece e esfaqueia Thompson até à morte. Alguém ouviu Edith Thompson gritar: «Não! Não faças isso!» Contudo, as cartas condenam-na, como não podia deixar de ser. Se Bywaters as tivesse destruído, ela ainda hoje estaria viva.

Duvido muito, porque teria cento e oito anos... Mas como justifica que esse assassinio seja específico dos meados do século vinte? O marido ciumento, o jovem amante, a dependência sexual... Podia ter ocorrido tanto há cinquenta ou cem anos como nos dias de hoje.

Nunca exactamente da mesma maneira. Há cinquenta anos, ela nem sequer teria oportunidade de trabalhar na City, para começar, e seria muito pouco provável que conhecesse Bywaters. Se fosse hoje, teria ingressado numa universidade, tirado um curso em que aplicasse a sua inteligência, disciplinado a sua fértil imaginação e, provavelmente, tornar-se-ia rica e bem-sucedida. Vejo-a como uma escritora romântica. O que é certo é que nunca se teria casado com Percy Thompson e,

caso cometesse um assassinio, os psiquiatras actuais caracterizá-la-iam como uma mulher propensa a refugiar-se num mundo de fantasia; o júri teria uma opinião diferente sobre as relações extraconjugais e o juiz não daria azo ao seu forte preconceito contra mulheres casadas que arranjam amantes oito anos mais novos, preconceito esse que, aliás, foi partilhado pelos jurados, em mil novecentos e vinte e dois.

Dalgliesh manteve-se em silêncio. Desde que, aos onze anos de idade, lera a história daquela mulher que, alheia a tudo e sob o efeito de calmantes, fora quase arrastada para o cadafalso, o caso permanecera num recanto da sua memória, latente, como uma serpente enroscada. O pobre e enfadonho Percy Thompson não merecera morrer, mas alguém merecia o que a sua viúva padecera na cela, durante os seus últimos dias, quando finalmente se dera conta de que havia um mundo real, no exterior, ainda mais perigoso do que as suas fantasias e que havia homens, nesse mundo, que, num determinado dia e a uma determinada hora, a levariam e a enforcariam propositadamente? Apesar de ser uma criança, na altura, aquele caso reforçara a sua posição favorável à abolição da pena de morte; teria aquele caso, perguntou a si mesmo, exercido uma influência mais subtil e persuasiva na sua convicção, nunca expressa por palavras mas enraizada na sua mente, de que as paixões fortes deviam sujeitar-se à força de vontade, de que um amor egocêntrico podia ser perigoso e o preço a pagar demasiado caro? Não fora o que lhe havia ensinado um velho sargento, muito experiente, agora já reformado, quando ele era um jovem recruta do Departamento de Investigação Criminal? «Todos os móveis de um assassinio se regem por quatro maiúsculas: Amor, Luxúria, Lucro e Ódio. Dir-te-ão que a mais perigosa é o ódio. Não acredites nisso. A mais perigosa é

o amor.»

Decidiu afastar da mente o caso Thompson-Bywaters e prestar atenção ao que lhe dizia Ackroyd.

Encontrei um caso mais interessante para a minha teoria. Ainda se encontra por resolver, é fascinante, pela sucessão dos elementos que dele resultam, e muito característico da década de trinta. Nunca poderia ter ocorrido numa outra época,

pelo menos, não exactamente da mesma maneira. Penso que já terá ouvido falar do caso Wallace? Escreveu-se muito sobre ele e o Dupayne conserva toda a documentação.

Foi mencionado, certa vez, durante um curso em Bramshill, quando eu acabara de ser promovido a inspector. Foi-nos indicado como exemplo do modo como não se deve conduzir a investigação de um homicídio. Não creio que esteja incluído no curso, actualmente. Escolhem casos mais recentes e relevantes. Exemplos não lhes faltam.

Por conseguinte, está a par dos factos. A desilusão de Ackroyd era tão evidente que não se afigurava possível contrariar a sua vontade em narrar os factos.

Recorde-mos.

Corria o ano de mil novecentos e trinta e um. A nível internacional, o Japão invadiu a Manchúria, na Espanha foi proclamada a república, houve insurreições na Índia e Cawnpore foi devastada por um dos piores surtos de violência entre as diversas comunidades, em toda a história daquele país. Foi, também, o ano em que a Anna Pavlova e o Thomas Edison morreram e em que o professor Auguste Piccard se tornou o primeiro a alcançar a estratosfera, num balão. Na Inglaterra, o novo Governo Nacional foi reeleito nas eleições de Outubro, Sir Oswald Mosley concluiu a formação do seu Partido Novo e havia dois milhões e setecentos e cinquenta mil desempregados. Não foi um bom ano. Como vê, Adam, procedi a uma pesquisa. Não está impressionado?

Muito mesmo. É um feito notável de memória, embora não veja que importância possa ter num assassinio tipicamente inglês que ocorreu num subúrbio de Liverpool.

Coloca-o num contexto mais vasto. No entanto, talvez não recorra aos factos ocorridos nesse ano, quando escrever o meu artigo. Deseja que continue? Não estou a maçá-lo?

Por favor, prossiga. Não está a maçar-me.

As datas: segunda-feira, dezanove, e terça, vinte de Janeiro. O alegado assassino: William Herbert Wallace, cinquenta e dois anos, agente de seguros da Prudential Company, um homem de óculos, ligeiramente corcunda, de aparência banal, que vive com a mulher, Julia, no número vinte e nove de

Wolverton Street, em Anfield. Passa os dias a andar de casa em casa para receber o dinheiro das apólices. Um xelim, aqui, um xelim, ali, num dia de chuva e perto de um fim inevitável. Típico da época. As pessoas mal tinham o suficiente para comer, mas, mesmo assim, juntavam algum dinheiro ao fim de cada semana, para se certificarem de que conseguiriam pagar um funeral decente. Podiam viver na maior miséria, mas, ao menos, dariam nas vistas depois de mortas. Nem questão de serem levados, à pressa, para o crematório para sair de lá, passados quinze minutos, arriscando-se a que os acompanhantes do funeral seguinte comesçassem a impacientar-se e a bater à porta.

«A esposa: Julia, cinquenta e dois anos, de um nível social um tudo-nada mais elevado, rosto bondoso e boa pianista. O Wallace tocava violino e, por vezes, acompanhava-a, na sala de estar, situada na parte da frente da casa. Ao que parece, ele não era grande violinista. Se houvesse tocado com grande entusiasmo, enquanto a mulher dedilhava as teclas do piano, então, teríamos o móbil para o crime, mas com outra vítima. De qualquer forma, eram tidos como um casal unido, mas quem pode sabê-lo? Não estou a distraí-lo da sua condução, pois não?

Dalglish lembrou-se de que Ackroyd, que não conduzia, sempre fora um passageiro nervoso.

De forma alguma.

Chegamos à noite de dezanove de Janeiro. O Wallace jogava xadrez e combinara ir efectuar uma partida no Clube Central de Xadrez, que se reunia num café no centro da cidade, às segundas e às quintas, à noite. Naquela segunda-feira, alguém telefonou para o café a perguntar por ele. Foi uma empregada que atendeu e chamou o presidente do clube, Samuel Beattle, para que falasse com a pessoa que telefonara. O Beattle assim fez e sugeriu ao homem que se achava do outro lado da linha que tentasse contactar o Wallace mais tarde, porque, nessa noite, devia jogar uma partida no clube, mas ainda não havia chegado. O homem terá explicado que lhe era impossível voltar a telefonar, porque celebrava o vigésimo primeiro aniversário da filha, mas deixou um recado para o -

Wallace, pedindo-lhe que o visitasse no dia seguinte, às sete e meia, para falarem acerca duma proposta de negócio. Deixou o seu nome, R. M. Qualtrough e a sua morada, Menlove Gardens East, Mossley Hill. O mais importante e interessante é que esse tal homem teve certa dificuldade em obter ligação para o café, quer genuína quer propositadamente. Em consequência disso, sabemos que a telefonista registou a hora do telefonema: dezanove horas e vinte minutos.

«No dia seguinte, o Wallace dirigiu-se a Menlove Gardens East que, como certamente sabe, não existe. Teve de apanhar três eléctricos para chegar à zona de Menlove Gardens, procurou a casa durante cerca de meia hora e pediu informações sobre a morada, pelo menos, a quatro pessoas, incluindo um polícia. Por fim, desistiu e voltou para casa. Os vizinhos da casa contígua, os Johnston, preparavam-se para sair quando ouviram alguém bater à porta das traseiras do número vinte e nove. Foram ver o que se passava e depararam com o Wallace, que lhes explicou que não conseguia entrar em casa. Enquanto ficaram ali, ele tentou abrir de novo a porta e a maçaneta girou. Entraram os três. O corpo da Julia Wallace jazia sobre o tapete da sala da frente. Tinha o rosto virado para baixo e a gabardina ensanguentada do Wallace a seu lado. Fora espancada até à morte num ataque de fúria. O crânio havia sido fracturado por onze golpes desferidos com uma força descomunal.

«Na segunda-feira, dois de Fevereiro, treze dias após o assassinio, o Wallace foi preso. Todas as provas contra ele eram circunstanciais. Não encontraram quaisquer vestígios de sangue nas suas roupas e a arma do crime desaparecera. Não havia qualquer prova física que o relacionasse com o assassinio. O que é interessante, nisto tudo, é que as poucas provas existentes tanto podiam sustentar a acusação como a defesa, dependendo do ponto de vista de cada pessoa. O telefonema, atendido no café, fora feito de uma cabina que ficava perto de Wolverton Street, numa altura em que o Wallace teria de passar por ali. Fez ele próprio o telefonema ou foi feito pelo assassino, que queria certificar-se de que o Wallace ia a caminho do café? Segundo a polícia, o Wallace revelou uma calma invulgar durante a investigação, sentado na cozinha, a acariciar

o gato enroscado no seu regaço. Essa calma devia-se ao facto de ser ele o assassino ou de ser um homem estóico, que ocultava as suas emoções? Também não podemos esquecer as repetidas tentativas por ele feitas para encontrar uma morada que veio a revelar-se falsa... Serviram para estabelecer o seu álibi ou revelaram que o Wallace era um agente de seguros consciencioso, que precisava de ganhar a vida e não desistia facilmente de um novo negócio?

Enquanto esperava, parado, num semáforo, Dalglish recordou o caso. Se a investigação fora muito confusa e desorganizada, o julgamento não lhe ficara atrás. O juiz sumariara os factos a favor de Wallace, mas o júri havia demorado apenas uma hora para o condenar. Wallace interpusera recurso e, mais uma vez, o caso fizera história, quando fora dado provimento ao recurso, com base em que não ficara provada a sua culpabilidade com a certeza necessária para justificar o veredicto; na realidade, o júri havia-se enganado.

Ackroyd continuou a tagarelar alegremente, enquanto Dalglish se concentrava na estrada. Estava à espera de deparar com muito trânsito; a jornada de regresso a casa, numa sexta-feira, começava cada vez mais cedo, a cada ano que passava, com congestionamentos exacerbados por famílias que saíam de Londres em direcção às suas casas de fim-de-semana. Ainda não haviam chegado a Hampstead e Dalglish já se arrependera do impulso que o levava a visitar o museu, calculando mentalmente quantas horas perderia. Disse a si mesmo que não devia preocupar-se. A sua vida já era demasiado sobrecarregada. Porque havia de estragar aquela agradável folga com remorsos? Antes de chegarem a Jack Straw's Castle, o tráfego parou e foram precisos alguns minutos até o *Jaguar* se juntar à fila estreita de automóveis que circulava por Spaniards Road, a estrada, em linha recta, que atravessava Hampstead Heath. Ali, arbustos e árvores achavam-se mais perto das bermas da estrada, dando a ilusão de que se estava em pleno campo.

Abrande a velocidade, Adam aconselhou Ackroyd, ou não poderá reparar na entrada, porque não é fácil descobri-la. Já estamos muito perto. Fica a menos de trinta metros, à sua direita.

De facto, não era fácil encontrar a entrada para o museu e, uma vez que a manobra implicava virar à direita e passar pelos outros carros, tão-pouco de fácil acesso. Dalgliesh avistou um portão aberto e, por trás, um caminho ladeado por arbustos e árvores, com ramos espessos e entrelaçados. À esquerda da entrada, havia uma placa preta, pregada ao muro, onde se lia, em letras brancas: MUSEU DUPAYNE. POR FAVOR, CONDUZA DEVAGAR.

Não se pode considerar propriamente um convite... comentou. Eles não querem ter visitantes?

Creio que não, pelo menos em grandes grupos. O Max Dupayne, que fundou o museu em mil novecentos e sessenta e um, considerava-o mais como um passatempo privado. O período entre as duas guerras fascinava-o ou, melhor dizendo, era a sua obsessão. Coleccionava tudo o que fosse relativo às décadas de vinte e de trinta, o que explica a existência de alguns dos quadros do museu: Dupayne conseguiu comprá-los, antes que os artistas se tornassem famosos. Também adquiriu as primeiras edições das obras de todos os grandes escritores da época, bem como de autores que ele achava serem dignos de figurar na sua colecção. Hoje em dia, a biblioteca é muito valiosa. No início, o museu era dedicado às pessoas que compartilhavam a sua paixão, e essa ideia influenciou a geração actual. Mas talvez as coisas mudem, agora que o Marcus Dupayne vai passar a dirigi-lo. Acaba de se reformar da Função Pública e talvez encare o museu como um desafio.

Dalgliesh seguiu por um caminho alcatroado tão estreito que dificultaria a passagem de dois carros. De cada lado, havia uma faixa de relva em frente de uma sebe espessa de rododendros; mais atrás, árvores finas e altas, com as folhas amareladas, contribuía para tornar sombrio o caminho de acesso. Passaram por um rapaz novo, ajoelhado na relva, e por uma mulher de idade, magra, de rosto anguloso, que se achava de pé, a seu lado, como se estivesse a dar-lhe instruções. Entre os dois, via-se uma caixa de madeira, parecendo que estavam a plantar bolbos. O rapaz ergueu a cabeça e observou os ocupantes do carro, mas a mulher, para além de um rápido olhar, não lhes prestou qualquer atenção.

iiiiilpil mill

O caminho virava à esquerda para se tornar mais plano, depois da esquina. Foi então que o museu surgiu, inesperadamente, à frente deles. Dalgliesh parou o carro e, em silêncio, contemplou-o. O caminho dividia-se em dois para contornar um espaço circular e relvado, com um canteiro central de arbustos. Ao fundo, erguia-se uma casa de tijolo, simétrica, elegante, imponente na sua arquitectura e maior do que Dalgliesh esperava. A fachada era composta por cinco varandas a central, mais avançada, com duas janelas, uma por cima da outra, quatro janelas idênticas nos dois andares inferiores de cada lado da varanda central, e outras duas no telhado inclinado. Uma porta envidraçada, com painéis simétricos e pintada de branco, achava-se inserida numa composição intrincada de tijolos. A contenção e a total simetria do edifício conferia-lhe um ar ligeiramente ameaçador, mais institucional do que doméstico. Ostentava ainda uma outra característica invulgar: onde podia julgar-se haver pilastras, via-se um conjunto de painéis embutidos, com capitéis ornamentados por uma elaborada alvenaria, conferindo uma nota de excentricidade à fachada que, de outra forma, seria demasiado uniforme.

Reconhece a casa? perguntou Ackroyd.

Não. Devia?

Não, a menos que tenha visitado Pendell House, perto de Bletchingley. É uma construção excêntrica do Inigo Jones, datada de mil seiscentos e trinta e seis. O próspero proprietário de fábricas vitorianas que construiu esta casa, em mil oitocentos e noventa e quatro, viu Pendell House, gostou da sua arquitectura e mandou fazer uma igual. Afinal, o arquitecto da obra original já não estava vivo para poder protestar... Contudo, não foi ao extremo de copiar também o interior. Ainda bem, porque o de Pendell House é um pouco suspeito. Aprecia este estilo?

Ackroyd mostrava-se tão ansioso e ingénuo como uma criança, na esperança de que a sua opinião não desiludisse o seu interlocutor.

E deveras interessante, mas não teria reparado que se trata da imitação de uma casa do Inigo Jones. Gosto do estilo,

mas já não tenho tanta certeza de que quisesse viver aqui. Simetrias a mais deixam-me pouco à vontade. Além de que nunca tinha visto painéis embutidos, em vez de pilastras, e decorados com um trabalho de alvenaria tão minucioso.

Nem você, meu caro, nem ninguém, segundo o Pevsner. Ao que parece, são únicos. Eu gosto. A fachada seria demasiado severa sem eles. Mas entremos para que possa descobrir o interior. Afinal, foi para isso que cá viemos. O parque de estacionamento fica atrás daqueles loureiros, à direita. O Max Dupayne detestava ver carros estacionados em frente da casa. Na verdade, detestava a maioria das manifestações da vida moderna.

Dalgliesh voltou a ligar o motor. Uma seta branca, pintada numa placa de madeira, levou-o ao parque de estacionamento. Era uma área de uns cinquenta metros por trinta, coberta por cascalho, cuja entrada ficava virada para sul. Doze carros achavam-se meticulosamente estacionados em duas filas. Dalgliesh encontrou um lugar vago ao fundo.

Não é lá muito espaçoso comentou. Que fazem eles num dia de grande afluência de visitantes?

Penso que os visitantes tentam estacionar no outro lado da casa. Há uma garagem ali, mas é usada pelo Neville Dupayne para guardar o seu *Jaguar E-type*. No entanto, nunca vi o parque de estacionamento cheio, nem, se quer saber, o museu apinhado de visitantes. Diria que é a afluência normal para uma tarde de sexta-feira. Além do mais, alguns dos carros pertencem aos funcionários.

De facto, não havia quaisquer indícios de vida quando se dirigiram à porta principal que, para Dalgliesh, era um tanto intimidante para o visitante casual; Ackroyd, porém, agarrou a maçaneta de bronze com aparente confiança, girou-a e abriu a porta.

Geralmente, fica aberta durante o Verão explicou. Com este sol, pode pensar-se que não correm qualquer pengo. Bom, mas o que interessa é que chegámos. Seja bem-vindo ao Museu Dupayne.

Dalgliesh seguiu Ackroyd até a um átrio espaçoso, cujo chão era revestido por quadrados de mármore preto e branco. À sua frente, erguia-se uma elegante escada que, ao fim dos primeiros vinte degraus, se dividia, seguindo para leste e para oeste, em direcção à larga galeria. De cada lado do átrio, havia três portas de mogno, com outras semelhantes mas mais pequenas, que comunicavam com a galeria superior. Na parede do lado esquerdo, via-se uma fileira de cabides e, por baixo destes, dois compridos bengaleiros. A direita, ficava a recepção, com o seu balcão curvo, de mogno, atrás do qual havia uma velha central telefónica, instalada na parede, e uma porta com a placa PRIVADO que Dalgliesh pensou ser a que dava acesso ao gabinete. O único sinal de vida era conferido por uma mulher, sentada atrás do balcão e que ergueu o olhar quando Ackroyd e Dalgliesh se lhe dirigiram.

Boa tarde, Miss Godby cumprimentou Ackroyd. Apresento-lhe Miss Muriel Godby, que se encarrega das entradas e nos mantém a todos na ordem. Este é o meu amigo, Mister Dalgliesh. Tem de pagar a entrada?

Claro que tenho de pagar replicou Dalgliesh.

Miss Godby fitou-o e Dalgliesh viu um rosto pálido, grave, com um par de olhos notáveis, por trás de óculos com uma armação estreita de chifre. A íris era de um amarelo-esverdeado, muito brilhante no centro, mas mais escuro no rebordo. O seu cabelo, de uma cor invulgar, entre o castanho-avermelhado e o dourado, era espesso e liso, separado por

uma risca ao lado e preso por um gancho de concha de tartaruga, para mantê-lo afastado do rosto. Por baixo da boca pequena mas firme, o queixo não se coadunava com a sua aparente idade. Miss Godby não devia ter muito mais do que quarenta anos, mas o queixo e a parte superior do pescoço revelavam já uma certa flacidez da velhice. Embora houvesse sorrido a Ackroyd, fora pouco mais do que um relaxamento da sua boca, o que lhe dava uma expressão ao mesmo tempo desconfiada e levemente intimidante. Usava um conjunto de casaco e camisola azul-claro, de lã fina, e um colar de pérolas, o que a fazia parecer tão antiquada como algumas das fotografias de debutantes inglesas que podiam ver-se em velhos números da *Country Life*. Talvez se vestisse propositadamente daquela maneira para se adaptar às décadas que o museu expunha, pensou Dalglish. Certo era que não havia nenhum traço de beleza juvenil ou ingénua na aparência de Miss Godby. Um cartaz emoldurado, que se achava sobre o balcão, indicava os preços das entradas: cinco libras para os adultos, três libras e meia para os reformados e os estudantes, e admissão gratuita para as crianças com menos de dez anos e os desempregados. Dalglish entregou uma nota de dez libras e recebeu, com o troco, uma etiqueta autocolante, azul e redonda. Ao receber a sua, Ackroyd protestou:

Temos mesmo de usar isto? Faço parte da Associação dos Amigos do Museu. Há muito que me inscrevi.

Miss Godby mostrou-se inflexível.

É um novo sistema, Mister Ackroyd. Azul para os homens, rosa para as mulheres e verde para as crianças. É uma forma simples de comparar as receitas com o número de visitantes e de obter informações sobre as pessoas que servimos. Além de que, como é óbvio, ajuda o pessoal a ver quais os visitantes que pagaram.

Os dois homens afastaram-se.

E uma mulher eficiente que muito trabalhou para organizar este museu explicou Ackroyd, mas gostava que ela conhecesse os limites das suas funções. Daqui, podemos ver a disposição geral das salas: a primeira sala, do lado esquerdo

29 é a galeria de quadros; a que se lhe segue, é a Sala do Desporto e Entretenimento, enquanto a terceira se dedica à história do período entre as duas guerras. E, ali, à direita, temos a sala do Traje, do Teatro e do Cinema. Tanto a biblioteca como a Sala do Crime ficam no piso superior. Sei que lhe interessa ver os quadros e visitar a biblioteca e, talvez, as restantes salas, e gostava muito de poder acompanhá-lo, mas tenho de trabalhar e é melhor começarmos pela Sala do Crime. Ignorando o elevador, Ackroyd subiu a escada central, com a sua eterna agilidade. Dalglish seguiu-o, ciente de que Muriel Godby o fitava, do seu posto, atrás do balcão, como se não estivesse certa de que era seguro deixá-los visitar o museu sozinhos. Tinham chegado à Sala do Crime, situada na ala este, na parte posterior do edifício, quando uma porta se abriu em frente do topo da escada. Ouviram o som de vozes exaltadas que se calaram subitamente, e um homem saiu de rompante. Hesitou por instantes, ao deparar com Dalglish e Ackroyd, mas, depois, cumprimentou-os com um aceno de cabeça e dirigiu-se para a escada, com o seu casaco comprido a adejar, como se apanhado pela veemência daquela saída intempestiva. Dalglish vislumbrou, de relance, uma madeixa rebelde de cabelo preto e dois olhos, brilhantes de raiva, num rosto corado. Quase de imediato, um outro homem surgiu à soleira da porta. Não se mostrou admirado ao encontrar visitantes, mas dirigiu-se directamente a Ackroyd.

Para que serve o museu? Foi o que o Neville Dupayne acabou de me perguntar. Para que serve? Pergunto-me se é mesmo filho do seu pai, se bem que a pobre Madeleine fosse demasiado virtuosa... Não tinha a vitalidade suficiente para actividades sexuais fora do matrimónio. Fico

contente em voltar a vê-lo aqui Então, olhou para Dalglish. Quem é este?

A pergunta podia mostrar-se ofensiva se não houvesse sido formulada num tom de perplexidade e de interesse genuínos, como se aquele homem se achasse em frente de uma nova aquisição, mesmo que não particularmente interessante.

Boa tarde, James replicou Ackroyd. Apresento um amigo meu, Adam Dalglish. Adam, deixe-me apresentar-lhe

30 James Calder-Hale, conservador e génio que tem a. seu cargo o Museu Dupayne.

Calder-Hale era alto e tão magro que quase parecia subnutrido. Tinha um rosto comprido e ossudo e uma boca grande e bem desenhada. O cabelo, que lhe tombava para a testa alta, começara a tornar-se grisalho, de forma irregular, com madeixas louro-claras salpicadas de fios brancos, o que lhe conferia um ar teatral. Os seus olhos, por baixo de sobrancelhas tão bem delineadas que pareciam depiladas, revelavam uma expressão inteligente e conferiam vigor ao rosto que, de outra forma, poderia ser descrito como afável. Dalglish, contudo, não se deixou iludir por aquela aparente sensibilidade; conhecera homens robustos e fisicamente activos com rostos de sábios recatados e alheios às coisas mundanas. Calder-Hale usava calças estreitas e amarrotadas, camisa às riscas e gravata azul-clara, mal apertada e demasiado larga, sob uma camisola de lã tão comprida, que quase lhe chegava aos joelhos. Calçava também pantufas de tecido aos quadrados. Expressara a sua aparente fúria e irritação numa voz de falsete, muito aguda, que Dalglish suspeitava ser mais histriónica do que genuína.

Adam Dalglish? Já ouvi falar de si Aquele comentário soava mais a uma acusação. Um *Caso para Responder e Outros Poemas*. Não costumo ler poesia moderna, por ter uma preferência muito fora de moda por versos que respeitem a métrica e, ocasionalmente, rimem, mas, ao menos, os seus não são mera prosa disposta numa página de forma peculiar. Suponho que a Muriel sabe que estão aqui...

Inscribi-me na associação. E veja, temos as nossas etiquetas adiantou Ackroyd.

Pois claro. Que pergunta mais tola a minha... Nem mesmo você, Ackroyd, passaria do átrio de entrada, se ela não quisesse. É uma verdadeira tirana, mas muito conscienciosa e, segundo me dizem, imprescindível. Perdoe-me pela minha veemência de há pouco. Não costumo perder as estribeiras, até porque, com qualquer um dos Dupayne, é um desperdício de energia. Bom, não quero interromper seja o que for que vieram fazer até cá.

Voltou-se para entrar no que devia ser o seu gabinete.

Que foi que disse ao Neville Dupayne? perguntou, então, Ackroyd, em voz alta. Que resposta lhe deu, quando ele perguntou para que servia o museu?

Calder-Hale hesitou antes de se virar para trás.

Disse-lhe o que ele já sabia. O Dupayne, tal como qualquer outro museu respeitável, fornece a custódia, a preservação, o registo e a exposição de peças antigas, que beneficiam os especialistas na matéria e todas as pessoas suficientemente interessadas em visitá-lo. Ao que parece, o Dupayne pensava que devia ter uma espécie de missão social ou missionária. Espantoso! Tive muito gosto em vê-lo. Despediu-se de Ackroyd e, depois, virou-se para Dalglish. E o senhor, também, claro. Há uma nova aquisição na galeria de quadros que talvez lhe suscite o interesse. Uma aguarela, pequena mas agradável, de Roger Fry, doada por um dos nossos visitantes regulares. Esperemos que possamos mante-la.

Que quer dizer com isso, James? inquiriu Ackroyd.

Claro, você ainda não sabe. O futuro deste lugar é incerto. O arrendamento vence-se no próximo mês e já se negociou outro. O velhote elaborou um estranho fideicomisso familiar. Pelo que percebi, o museu só pode continuar se todos os seus três filhos estiverem de acordo em assinar o novo contrato de arrendamento. Se o museu encerrar, será uma tragédia, mas, pessoalmente, não tenho qualquer autoridade para evitá-la, porque não sou um dos fiduciários.

Sem acrescentar mais, virou-se, entrou no gabinete e fechou a porta com firmeza.

Suponho que seria, de facto, uma tragédia para ele comentou Ackroyd. Trabalha aqui desde que se reformou do serviço diplomático. Sem ganhar qualquer salário, claro, mas tem um gabinete à sua disposição e conduz alguns privilegiados nas suas visitas ao museu. O pai dele e o velho Max Dupayne eram amigos, desde os tempos da universidade. Para o velhote, o museu era um passatempo privado, como os museus tendem a sê-lo para os respectivos conservadores. Não que ele não gostasse de receber visitantes... alguns até eram bem-vindos... mas pensava que um investigador genuíno valia mais do que cinquenta visitantes casuais, e agia em conformidade

32 com essa convicção. Se alguém não soubesse o que era o Museu Dupayne nem conhecesse o horário de abertura ao público, então, não precisava de sabê-lo. Uma informação mais precisa podia atrair visitantes casuais, que quisessem entrar, para se abrigar da chuva, na esperança de encontrar algo que mantivesse os filhos sossegados durante meia hora.

Mas um visitante casual não informado poderia gostar da experiência objectou Dalglish, apreciar o que o museu tem para oferecer e descobrir o fascínio do que, no deplorável jargão contemporâneo, somos encorajados a chamar experiência de museu. Nesse ponto, um museu tem uma função educacional. O Dupayne não gostava dessa perspectiva?

Sim, pelo menos, em teoria, segundo creio. Se os herdeiros mantiverem o museu aberto, talvez sigam por esse caminho, mas não têm assim tanto para oferecer aqui, pois não? O Dupayne não é propriamente o Victoria & Albert ou o British Museum... Se nutre um interesse pelo período entre as duas guerras mundiais, como eu, o Dupayne proporciona-lhe praticamente tudo o que precisa, mas os anos vinte e trinta não são muito atraentes para o público em geral. Depois de se passar um dia aqui, viu-se tudo. Penso que o velho Dupayne sempre se ressentiu pelo facto de a sala mais popular ser a Sala do Crime. Ora, um museu inteiramente dedicado ao crime poderia ter êxito. Admira-me que ainda ninguém tenha pensado nisso. Existe o Black Museum, da Scotland Yard, e essa pequena a colecção, muito interessante, que a Polícia Fluvial possui, em Wapping, mas não os

vejo a abrir as suas portas ao grande público. A admissão a esses dois museus é exclusivamente concedida mediante pedido escrito.

A Sala do Crime era espaçosa, com, pelo menos, nove metros de comprimento, e bem iluminada por três lustres suspensos, mas, para Dalgliesh, a primeira impressão foi a de uma obscuridade claustrofóbica, apesar das duas janelas, viradas para leste, e de outra, para sul. À direita da lareira ornamentada, havia uma segunda porta, simples, que devia estar permanentemente fechada, uma vez que não tinha puxador.

Ao longo de cada parede, alinhavam-se vitrinas e, por baixo destas, prateleiras com livros, presumivelmente relacionados com cada caso, bem como gavetas que continham documentos importantes e relatos da época. Por cima das vitrinas, fileiras de fotografias, a sépia e a preto e branco, muitas ampliadas, mas também algumas originais e francamente explícitas. A impressão que se tinha era a de uma colagem de sangue e de rostos lívidos sem expressão, de assassinos e de vítimas, unidos agora na morte, fitando o nada.

Dalgliesh e Ackroyd deram a volta à sala. Ali, expostos, ilustrados e analisados, achavam-se os casos de homicídio mais famosos do período entre as duas guerras. Nomes, rostos e factos acorreram, em grande profusão, à memória de Dalgliesh. A fotografia de William Herbert Wallace, sem dúvida mais novo do que na altura do seu julgamento, mostrando um rosto vulgar mas não de todo feio por cima de um colarinho, alto e engomado, com uma gravata estreita, apertada como um laço, a boca ligeiramente entreaberta, por baixo do bigode, e os olhos bondosos, por trás dos óculos de armação metálica. De seguida, uma fotografia de um jornal, com Wallace a apertar a mão do seu advogado, após o recurso. A seu lado, via-se o irmão; ambos eram mais altos do que qualquer outra pessoa do grupo, muito embora Wallace estivesse um pouco curvado. Vestira-se a preceito para a experiência mais aterrorizadora da sua vida. Usava um fato escuro e o mesmo colarinho alto e gravata estreita. O cabelo ralo, cuidadosamente dividido, brilhava por haver sido bem penteado. Era um rosto de certo modo característico do metucioso e consciencioso burocrata e não tanto o de um homem a quem as donas de casa, depois de pagar a sua apólice semanal, convidariam a entrar na sala das traseiras para conversar um pouco e tomar chá.

E aqui está a bonita Marie-Marguerite Fahmy, que, em mil novecentos e vinte e três, matou a tiro o seu marido, um *playboy* egípcio, ainda por cima no Hotel Savoy. Este caso é notável devido à defesa apresentada pelo Edward Marshall Hall. Concluiu a sua brilhante alegação apontando a pistola ao júri, para a deixar cair, com todo o estrondo, enquanto pedia um veredicto de inocente. Ela era a autora do crime, claro,

34

mas não foi condenada, graças ao seu advogado. O Marshall Hall também proferiu um discurso racista e, por conseguinte, censurável, ao sugerir que as mulheres que se casavam com o que ele chamou de orientais deviam esperar o tratamento que a sua constituinte recebera. Hoje em dia, teria graves problemas com o juiz, o presidente da Câmara dos Lordes e a imprensa. Mais uma vez, como pode verificar, meu caro, estamos perante um crime típico da respectiva época.

Pensava que, para a elaboração da sua tese, se baseara no método utilizado no crime e não nos procedimentos do sistema de justiça criminal da altura fez notar Dalgliesh.

Baseio-me em todas as circunstâncias. Eis outro exemplo de uma defesa brilhante, o chamado Homicídio do Baú de Brighton, em mil novecentos e trinta e quatro. Supõe-se que este baú que aqui vê, meu caro Adam, seja o baú original onde o Tony Mancini, um empregado de mesa de vinte e seis anos e ladrão cadastrado, enfiou o corpo da sua amante, uma prostituta de seu nome Violette Kaye. Foi o segundo homicídio que envolveu o baú de Brighton. O primeiro corpo, de uma mulher sem cabeça e sem pernas, fora encontrado na estação de comboios de Brighton, onze dias antes. Ninguém havia sido detido por esse crime. O Mancini foi julgado no Tribunal do Condado de Lewes, em Dezembro, e brilhantemente defendido pelo Norman Birkett, que lhe salvou a vida. O júri declarou-o inocente, mas, em mil novecentos e setenta e seis, o Mancini confessou. Este baú parece exercer um fascínio mórbido nos visitantes.

Não exercia qualquer fascínio sobre Dalgliesh. De súbito, sentiu a necessidade de olhar para o mundo exterior e dirigiu-se para uma das duas janelas viradas para leste. Em baixo, aninhada entre árvores novas, havia uma garagem de madeira e, a uma distância de doze metros, uma pequena barraca de jardim, munida com uma torneira de água. O rapaz que Dalgliesh vira, à entrada, lavava as mãos, que depois secou, esfregando-as nas

calças. Ackroyd chamou o amigo, na sua ânsia de lhe falar sobre o último caso.

Conduzindo Dalglish à segunda vitrina, exclamou:

O Homicídio do Carro em Chamas, mil novecentos e quarenta. É, sem dúvida alguma, um sério candidato para o meu artigo. Já deve ter ouvido falar dele. O Alfred Arthur Rouse, um mercador ambulante de trinta e sete anos que vivia em Londres, era um mulherengo compulsivo. Além de ser bígamo, supõe-se que tenha seduzido cerca de oitenta mulheres, durante as suas viagens. Por causa da sua conduta, viu-se obrigado a desaparecer para sempre, de preferência que fosse dado como morto. Assim, a seis de Novembro, deu boleia a um vagabundo, numa estrada deserta, em Northamptonshire, matou-o, regou-o com gasolina, deitou fogo ao carro e fugiu. Para seu azar, dois jovens que regressavam a casa, situada numa aldeia ali perto, viram-no e perguntaram-lhe que chamas eram aquelas. O Rouse continuou o seu caminho e replicou, em voz alta: Parece que alguém ateou uma fogueira. Aquele encontro ajudou a prendê-lo. Se ele se houvesse escondido numa vala e deixado os rapazes passar, talvez se tivesse safado.

E o que torna este homicídio característico da época? perguntou Dalglish.

O Rouse combatera na guerra e ficara gravemente ferido na cabeça. O seu comportamento, tanto na cena do crime como durante o julgamento, foi excepcionalmente estúpido. Para mim, o Rouse é uma vítima da Primeira Guerra Mundial.

E podia, de facto, ter sido uma vítima, pensou Dalglish. O comportamento de Rouse, após o homicídio, e a sua espantosa arrogância no banco dos réus, contribuíra, mais do que o advogado de acusação, para lhe pôr a corda à volta do pescoço. Teria sido interessante conhecer a sua folha de serviços, durante a guerra, e descobrir de que forma fora ferido. Poucos dos homens que haviam combatido na Flandres tinham regressado a casa em perfeito estado de sanidade mental.

Dalglish deixou Ackroyd absorto nas suas pesquisas e foi procurar a biblioteca, situada na ala oeste do mesmo andar. Era uma sala comprida, com duas janelas que davam para o parque de estacionamento, e uma terceira, que dava para o caminho de entrada. As paredes estavam forradas por estantes de mogno, três das quais tinham compartimentos salientes. Havia ainda uma mesa rectangular, ao centro. Noutra mesa mais 36

pequena, perto da janela, via-se uma máquina de fotocópias, com a indicação de que cada folha fotocopiada custava dez *pence*. Junto à máquina, estava sentada uma mulher de idade, que escrevia etiquetas para as peças expostas. Muito embora na sala não se sentisse frio, usava luvas sem dedos e um cachecol. Quando Dalglish entrou, anunciou numa voz doce e educada:

Algumas das vitrinas estão trancadas, mas possuo a chave, se quiser consultar os livros. Os exemplares de *The Times* e de outros jornais estão arquivados na cave.

Dalglish teve alguma dificuldade em pensar no que responder. Como lhe faltava ainda ver a galeria de quadros, não tinha tempo para examinar os livros com calma, mas, por outro lado, não queria que a sua visita fosse considerada demasiado exigente ou a mera satisfação de um capricho. Assim, replicou:

Obrigado, mas é a primeira vez que visito o museu e, por isso, estou a fazer uma ronda preliminar.

Passou lentamente em frente das estantes. Ali achavam-se obras, na maioria em primeiras edições, dos maiores escritores do período entre as duas guerras, além de alguns cujos nomes lhe eram desconhecidos. Os mais famosos estavam presentes: D. H. Lawrence, Virginia Woolf, James Joyce, George Orwell, Graham Greene, Wyndham Lewis, Rosamond Lehmann, uma lista representando a variedade e riqueza daqueles anos turbulentos. A secção dedicada à poesia possuía uma estante própria e continha as primeiras edições de Yeats, Eliot, Pound, Auden e Louis MacNeice. Havia, igualmente, os poetas da guerra, cujas obras tinham sido publicadas na década de vinte: Wilfred Owen, Robert Graves, Siegfried Sassoon. Dalglish desejou dispor de várias horas para poder folhear e ler aqueles livros. Contudo, mesmo que tivesse tempo, a presença daquela mulher silenciosa, com as mãos crispadas e enluvadas movendo-se laboriosamente, tê-lo-ia inibido. Gostava de estar só quando lia.

Dirigiu-se para uma das extremidades da mesa central onde uma meia-dúzia de exemplares de *The Strand Magazine* estava aberta, com as suas capas de cores diferentes, mostrando,

todas elas, fotografias do Strand¹, com a cena a variar ligeiramente de uma edição para a outra. Dalgliesh pegou no número referente ao mês de Maio de 1922. A capa anunciava contos de P. G. Wodehouse, Gilbert Frankau e E. Phillips Oppenheim e um artigo especial de Arnold Bennett, mas era nas primeiras páginas, dedicadas aos anúncios, que o início da década de vinte ganhava vida. Os cigarros, vendidos a cinco xelins e seis *pence* a centena, o quarto de dormir que podia ser mobilado por trinta e seis libras e o marido preocupado com o que era nitidamente a falta de libido da esposa, devolvendo, ao pequeno-almoço, a sua habitual boa disposição com uma pitada sub-reptícia de sais de fígado, adicionada ao chá. Por fim, desceu ao piso térreo e dirigiu-se à galeria de quadros. Percebia-se claramente que fora concebida para o estudante empenhado. Junto a cada quadro, havia um cartão emoldurado, com uma lista das principais galerias onde podiam ver-se outras obras do artista, enquanto duas vitrinas, de cada lado da lareira, continham cartas, manuscritos e catálogos, o que levou Dalgliesh a lembrar-se da biblioteca. Era, certamente, nas suas estantes que as décadas de vinte e de trinta se achava mais bem representada, pois tinham sido os escritores como Joyce, Waugh e Huxley, e não os artistas, que haviam interpretado com maior energia e influenciado os confusos anos do período entre as duas guerras. Passando lentamente em frente das paisagens de Paul e de John Nash, pareceu-lhe que o cataclismo de 1914-1918, dominado pela morte e pelo derramamento de sangue, criara um desejo nostálgico de uma Inglaterra onde reinasse a paz rural. Examinou uma paisagem típica de uma época de despreocupação, recriada para conferir tranquilidade e pintada num estilo que, apesar da sua diversificação e originalidade, era muito tradicional. Tratava-se de uma paisagem sem figuras humanas; os troncos cuidadosamente empilhados contra os muros da casa de uma quinta, os campos de cultivo sob céus apaziguadores, a extensão deserta de uma praia, eram recordações pungentes de uma

Rua de Londres, ilustrada nas capas de *The Strand Magazine*. (N. da T.)

geração morta. Dava a ilusão de que, depois de um dia de trabalho, os agricultores haviam pendurado as suas ferramentas e tinham-se despedido gentilmente da vida. E, no entanto, não existia paisagem mais precisa, mais perfeitamente ordenada. Aqueles campos não tinham sido cultivados para a posteridade, mas, sim, para uma árida imutabilidade. A natureza fora despedaçada, violada e corrompida, na Flandres, mas, naquele quadro, os campos surgiam restaurados para se inserir numa placidez eterna e imaginária. Dalgliesh não esperava encontrar uma pintura tradicional de uma paisagem tão perturbadora.

Foi com uma sensação de alívio que se dirigiu às anomalias religiosas de Stanley Spencer, aos retratos idiossincráticos de Percy Windham Lewis e aos retratos, mais trémulos e de traça mais casual, de Duncan Grant. Dalgliesh conhecia a maior parte desses pintores; quase todos lhe proporcionavam prazer, apesar de sentir que aqueles artistas haviam sido muito influenciados pelos nomes mais importantes da pintura continental. Max Dupayne não pudera adquirir as obras mais marcantes de cada um daqueles artistas, mas conseguira reunir uma colecção que, pela sua diversidade, era representativa da arte do período entre as duas guerras, o que, afinal, constituía o seu primordial objectivo.

Quando Dalgliesh entrou na galeria, havia já outro visitante: um jovem magro, com calças de ganga, sapatos de ténis velhos e um anoraque grosso. Por baixo do tronco largo, as suas pernas pareciam tão finas como paus. Aproximando-se dele, Dalgliesh viu um rosto pálido, de traços delicados. O cabelo estava tapado por um gorro de lã enfiado até às orelhas. Desde o momento em que Dalgliesh entrara na galeria, o jovem mantinha-se imóvel, de pé, em frente de um quadro que representava uma cena de guerra, da autoria de Paul Nash. Como era uma obra que Dalgliesh também queria ver, ambos ficaram a analisá-lo, em silêncio, lado a lado, por um breve minuto.

O quadro, que se intitulava *Passchendaele 2*, era-lhe desconhecido, mas estava lá tudo: o horror, a futilidade e a dor, fixados nos corpos daqueles mortos desajeitados e incógnitos. Ali estava finalmente um quadro que se expressava com muito

maior ressonância do que qualquer palavra. Não era a sua guerra, nem, tão-pouco, a do seu pai, e já ficara quase para trás na memória dos homens e mulheres vivos. No entanto, havia outro conflito mais moderno que tivesse provocado um pesar tão universal?

Mantiveram-se, lado a lado, contemplando o quadro em silêncio. Dalgliesh preparava-se para se afastar, quando o jovem exclamou:

Considera que é um bom quadro?

Era uma pergunta difícil e teve o efeito de provocar em Dalgliesh uma certa relutância em mostrar os seus conhecimentos.

Não sou artista nem historiador de arte replicou, mas parece-me um quadro muito bom. Gostava de tê-lo pendurado numa parede, em minha casa.

Aquela obra encontraria um lugar no apartamento obscuro e quase despojado de móveis, com vista para o Tamisa. Emma ficaria feliz de ver o quadro no apartamento e partilharia com Dalgliesh o que ele sentia naquele momento.

Costumava estar pendurado na parede da casa do meu avô, em Suffolk explicou o jovem. Comprou-o para se recordar do seu pai, meu bisavô, que morreu em Passchendaele.

Como veio o quadro parar aqui?

O Max Dupayne queria-o. Esperou até o meu avô estar desesperado, a nível monetário, e então comprou-o por uma ninharia.

Dalgliesh não conseguiu pensar num comentário apropriado e, passado um minuto, perguntou:

Vem ver o quadro com frequência?

Sim. Eles não podem impedir-me e, quando estou desempregado, não tenho de pagar entrada. Então, virando-se, acrescentou: Por favor, esqueça o que acabo de dizer. Nunca havia falado disto a ninguém. Fico contente por saber que gosta do quadro.

E afastou-se. Teria sido aquele momento de comunicação muda, em frente do quadro, que provocara uma tão inesperada confidência? O jovem podia ter mentido, mas Dalgliesh

achava o contrário, o que o fez pensar em como Max Dupayne havia sido escrupuloso na sua obsessão. Decidiu não dizer nada a Ackroyd sobre aquele encontro e, depois de uma segunda volta pela galeria, subiu a escada do átrio, em direcção à Sala do Crime.

Sentado numa das poltronas colocadas ao lado da lareira, e com vários livros e jornais espalhados em cima da mesa, à sua frente, Conrad ainda não estava pronto para deixar o museu.

Sabia que, agora, há um novo suspeito para o assassinio do Wallace? Só veio a lume há pouco tempo.

Sim, já tinha ouvido falar nisso respondeu Dalglish. Era um homem de nome Perry, não é assim? Mas também está morto. Não vai resolver esse caso, passados tantos anos, Conrad. Além do mais, julgava que era a relação entre um homicídio e a sua época que o interessava, e não o deslindar desse mesmo homicídio.

Acabamos por nos embrenhar no caso, meu caro. Mas tem razão. Não posso dar-me ao luxo de me desviar da minha pesquisa. Não se preocupe se tem de partir. Ia agora mesmo passar pela biblioteca para tirar umas fotocópias e ficarei aqui até à hora do encerramento, às cinco da tarde. Miss Godby teve a amabilidade de se oferecer para me dar boleia até à estação de metro de Hampstead. No interior daquele formidável peito, bate um coração bondoso.

Passados poucos minutos, Dalglish seguia no seu carro, absorto no que havia visto. Aquele período entre as duas guerras em que a Inglaterra, cuja memória fora marcada, a ferro e fogo, pelos horrores da Flandres e pela perda de uma geração, seguira, cambaleante, por entre uma quase total desonra, até enfrentar e superar um perigo ainda maior. No entanto, Dalglish interrogou-se por que motivo aquele período exercia um tão grande fascínio sobre Max Dupayne, ao ponto de lhe dedicar a sua vida para o registar; afinal, fora à sua própria época que atribuíra um memorial. Devia ter comprado as primeiras edições de romances e conservado os jornais e as revistas, à medida que iam sendo publicados. *Sustentei as minhas ruínas com estes fragmentos*. Seria essa a razão? Queria imortalizar

a si mesmo? Constituíra aquele museu, fundado por ele e com o seu nome, a sua aspiração pessoal contra o esquecimento? Talvez fosse um dos atractivos de todos os museus. As gerações morrem, mas o que fizeram, pintaram ou escreveram, aquilo por que lutaram e o que alcançaram ainda se acha presente, pelo menos, em parte. Ao erigir memoriais não somente dedicados aos famosos, mas também em homenagem a legiões de mortos anónimos, esperamos assegurar a nossa própria frágil imortalidade?

Dalglish, contudo, não estava com disposição para permitir que os seus pensamentos recuassem até ao passado. O fim-de-semana que se avizinhava seria inteiramente dedicado à escrita, porque trabalharia doze horas por dia, na semana seguinte. Nada iria interferir com o tempo livre que teria naquele sábado e naquele domingo. Veria Emma, e pensar nela iluminaria toda a semana da mesma forma como, naquele momento, o enchia de esperança. Sentia-se tão vulnerável como um adolescente, apaixonado pela primeira vez, ciente de que se confrontava com o mesmo terror: que, quando lhe dissesse o que sentia, ela o rejeitasse. Mas as coisas não podiam continuar como estavam e tinha de arranjar coragem para arriscar-se a ser rejeitado ou para aceitar a fugaz suposição de que Emma talvez o amasse. No fim-de-semana encontraria o momento, o local e, mais importante do que tudo o resto, as palavras que ou os separariam ou os uniriam finalmente.

Foi então que reparou, de súbito, que ainda tinha a etiqueta azul colada ao casaco. Arrancou-a, amarrotou-a até formar uma bola e guardou-a no bolso. Estava contente por ter visitado o museu; havia desfrutado de uma nova experiência e admirado muito do que vira; porém, disse a si mesmo que não regressaria ao Dupayne.

No seu gabinete com vista para o St. James's Park, o mais velho dos Dupayne esvaziava a sua secretária. Fazia-o como sempre fizera tudo na sua vida oficial: metodicamente, com ponderação e sem pressa. Havia poucas coisas para colocar de parte e menos ainda para levar consigo; quase todos os registos da sua vida oficial já tinham sido removidos. Uma hora antes, um paquete uniformizado levava o último arquivo, que continha as suas últimas minutas, com a mesma calma e falta de respeito, como se aquele esvaziamento final da sua secretária não fosse diferente de uma outra qualquer. Os seus poucos livros haviam sido gradualmente tirados da estante, que agora tinha apenas publicações oficiais, estatísticas criminais, relatórios governamentais, o Archbold e cópias dos códigos legislativos mais recentes. Outras mãos colocariam livros pessoais nas estantes vazias. Dupayne julgava saber de quem eram. Em seu entender, tratava-se uma promoção imerecida, prematura, ainda não conquistada, mas, por outro lado, o seu sucessor afirmara-se como um desses felizardos que, na gíria do serviço, eram eleitos como bem-sucedidos nas suas carreiras.

Também fora um desses felizardos, em tempos. Quando alcançara o cargo de secretário adjunto, falara-se dele como um possível chefe de departamento. Se tudo houvesse corrido bem, sairia, agora, com o título de *Sir*, e várias empresas da City estariam prontas a oferecer-lhe um cargo de director. Fora isso o que ele desejara, fora o que Alison desejara. A sua ambição profissional tinha sido consistente mas disciplinada,

sempre consciente de que o êxito era imprevisível, ao passo que a ambição da mulher fora feroz e embaraçosamente pública. Havia momentos em que perguntava a si mesmo se fora por esse motivo que Alison se casara com ele. Cada manifestação social era sempre organizada com vista ao seu êxito profissional. Um jantar nunca era um encontro de amigos, mas sim um dos estratagemas de uma campanha cuidadosamente planeada. Nunca se dera conta do facto de que nada do que ela pudesse fazer influenciaria a carreira do marido, nem que a vida dele, fora do seu gabinete, tivesse qualquer importância, desde que não fosse publicamente vergonhosa. De tempos a tempos, ele dizia-lhe: Não pretendo acabar em bispo, reitor ou ministro. Não vou ser amaldiçoado nem despromovido só porque o clarete tinha um sabor desagradável a rolha.

Trouxera um pano do pó, que se achava dentro da sua pasta. Verificou se todas as gavetas da secretária estavam vazias. Na gaveta inferior, do lado esquerdo, a sua mão encontrou o coto de um lápis. Há quantos anos estaria ali?, perguntou a si próprio. Examinou os dedos manchados pela poeira acinzentada e limpou-os ao pano, que dobrou cuidadosamente e guardou num saco de lona. Deixaria a pasta em cima da secretária. A insígnia real dourada da pasta desbotara, mas trouxe-lhe à memória o dia em que lhe haviam dado, pela primeira vez, uma pasta oficial, preta, com as insígnias reluzentes, ff como uma divisa do departamento onde trabalhava.

Marcara presença no obrigatório *cocktail* de despedida, antes do almoço. O secretário permanente prestara-lhe os esperados elogios com suspeita fluência; já havia proferido antes aquele mesmo discurso. Um ministro fizera uma breve aparição e só uma vez consultara discretamente o relógio. A atmosfera fora de uma falsa boa disposição, intercalada com momentos marcados por um silêncio constrangedor. À uma e meia, as pessoas haviam começado a retirar-se de mansinho. Afinal, era sexta-feira e tinham compromissos para o fim-de-semana.

Depois de fechar a porta do seu gabinete, pela última vez, e de passar pelo corredor vazio, ficou surpreso e até um pouco preocupado por não experimentar qualquer

emoção. Tinha de sentir algo arrependimento, uma leve satisfação, uma ponta de nostalgia, a tomada de consciência de um rito de passagem de testemunho? Não sentia nada. Os funcionários do costume achavam-se atrás da recepção, no átrio de entrada, mas ambos estavam ocupados, o que lhe evitou a obrigação de proferir algumas palavras de despedida. Resolveu seguir pelo seu trajecto favorito, em direcção a Waterloo: atravessaria o St. James's Park, desceria a Northumberland Avenue e passaria pela ponte pedonal de Hungerford. Transpôs as portas giratórias pela última vez e encaminhou-se para Birdcage Walk e para o suave rebuliço outonal do parque. Deteve-se a meio da ponte suspensa sobre o lago, como sempre fazia, para contemplar uma das mais belas vistas de Londres: a outra margem do rio e da ilha e, mais ao longe, as torres e os telhados de Whitehall. A seu lado, achava-se uma mulher com um bebé, num carrinho de três rodas, e uma criança, que lançava pão aos patos. O ar exalou um odor acre, quando os patos se precipitaram para apanhar os bocados de pão, provocando um remoinho nas águas do lago. Era uma cena que ele observara ao longo de vinte anos, durante os seus passeios à hora do almoço, mas que agora o fazia recordar memórias mais recentes e desagradáveis.

Fizera o mesmo percurso, uma semana antes. Havia uma mulher solitária que dava aos patos as côdeas das suas sanduíches. Era baixa e o seu corpo robusto estava coberto por um casaco grosso de *tweed*, enquanto um gorro de lã lhe tapava a cabeça até às orelhas. Depois de lançar a última côdea, a mulher virara-se e, ao vê-lo, sorria-lhe timidamente. Desde a infância que ele sempre achara repulsivas, quase ameaçadoras, as manifestações inesperadas de intimidade por parte de estranhos. Baixara a cabeça, sem sequer sorrir, e afastara-se apressadamente. Havia sido brusco e indelicado para com aquela mulher, como se ela tivesse acabado de lhe fazer uma proposta indecente. Alcançara os degraus da coluna do duque de York antes de se aperceber de que aquela mulher não era uma estranha, mas sim Tally Glutton, a governanta do museu. Não a reconhecera porque não usava a bata castanha, geralmente abotoada até ao pescoço. Agora, aquela súbita lembrança fê-lo

sentir-se irritado, tanto com Tally Glutton como com ele próprio. Cometera um erro embaraçoso, que teria de reparar quando voltasse a vê-la, o que podia revelar-se difícil, porque poderiam ter de falar sobre o futuro dela. O arrendamento da casa onde ela vivia, sem pagar qualquer quantia, devia valer, pelo menos, três mil e quinhentas libras por semana. As casas, em Hampstead, não eram baratas, especialmente aquelas com vista para o Heath. Se ele decidisse substituí-la, o alojamento gratuito seria um pretexto. Talvez pudessem contratar um casal; a mulher trataria da limpeza do museu, enquanto o marido se encarregaria do jardim. Por outro lado, Tally Glutton era muito trabalhadora e todos gostavam dela. Talvez fosse imprudente alterar a harmonia doméstica quando tinham de proceder a tantas outras mudanças. Como já era de calcular, Caroline insistiria em manter Glutton e Godby, e ele não queria discutir com a irmã. Muriel Godby não colocava quaisquer problemas. Ganhava um salário baixo e era muitíssimo competente, qualidades raras nos tempos que corriam. Talvez, mais tarde, surgissem outros problemas a nível hierárquico. Saltava à vista que Godby achava que só devia responder perante Caroline, não sem alguma razão, uma vez que fora a irmã dele que a contratara. Mas a distribuição dos deveres e responsabilidades podia esperar até o novo contrato de arrendamento ser assinado. Por ele, ficaria com as duas mulheres. Quanto ao rapaz, Ryan Archer, não trabalharia por muito tempo no museu. Os jovens raramente aqueciam o lugar. Se, ao menos, pudesse sentir-me arrebatado, ou, enfim, experimentar um sentimento intenso por algo... pensou. Havia muito que a sua carreira deixara de lhe proporcionar satisfação emocional. Até a música começara a perder o seu poder. Lembrou-se da última vez em que tocara o *Concerto para Dois Violinos*, de Bach. Fora há três semanas, como seu professor. A actuação havia sido correcta, até sensível, mas não lhe saíra do coração. Talvez metade *de* uma vida *de* neutralidade política, de uma cuidadosa análise de ambos os lados de qualquer discussão houvesse nutrido uma prudência que lhe debilitara o espírito. Agora, todavia, sentia-se esperançado. Talvez

encontrasse o entusiasmo e a realização por que tanto almejava, assim que passasse a dirigir o museu com o seu nome. Preciso disto, pensou. Posso transformá-lo num êxito. Não vou permitir que o Neville mo tire. Atravessava já a estrada, no Athenaeum, quando a sua mente começou a afastar-se do passado recente. A revitalização do museu fornecer-lhe-ia um interesse capaz de substituir e redimir todos aqueles anos indistintos.

O regresso à sua casa isolada, monótona e convencional, situada numa rua arborizada nos subúrbios de Wimbledon, não foi diferente do de outros dias. Como de costume, a sala de estar achava-se imaculada. Da cozinha, saía um ténue odor a comida. Sentada em frente à lareira, Alison lia o *Evening Standard*. Ao vê-lo entrar, dobrou cuidadosamente o jornal e levantou-se para ir receber o marido.

O secretário de Estado apareceu?

Não, e nem isso seria de esperar, mas o ministro fez uma breve aparição.

Bom, eles sempre deixaram bem claro o que pensavam de ti. Nunca te dispensaram o respeito que mereces.

Alison falava com menos rancor do que seria de esperar. Observando-a, ele julgou detectar na voz dela uma excitação reprimida, um misto de culpa e de rebeldia.

Podes servir-me um xerez, meu querido? Há uma garrafa nova de *Fino* no frigorífico.

O afecto com que ela o tratava resultava do hábito. A imagem que Alison transmitira ao mundo, ao longo de vinte e três anos de casamento, era a de uma mulher feliz e afortunada; enquanto outros matrimónios podiam falhar, de forma humilhante, o dela era sólido.

Quando ele pousou o tabuleiro, Alison anunciou:

Almocei com o Jim e a Mavis. Estão a planear uma viagem à Austrália, no Natal, para ver a Moira, que agora vive em Sydney com o marido. Pensei que talvez pudesse ir com eles.

O Jim e a Mavis?

Os Calvert. Deves lembrar-te deles. Ela está comigo na Comissão de Ajuda aos Idosos. Jantaram em nossa casa há um mês.

A mulher ruiva com mau hálito?

Oh, ela não costuma ter mau hálito. Deve ter sido qualquer coisa que comeu. Além de que sabes como o Stephen e a Susie têm insistido para que os visitemos, para não falar dos nossos netos. Parece-me uma oportunidade demasiado boa para deixá-la escapar, porque teríamos companhia durante o voo, que, devo confessar, é a parte da viagem que mais me assusta. O Jim é tão competente que, provavelmente, conseguirá arranjar-nos bilhetes na classe executiva pelo preço dos da classe económica.

Não posso ir à Austrália, nem neste ano nem no próximo. Há a questão do museu. Vou assumir a direcção. Pensei que to tinha explicado. Será um trabalho a tempo inteiro, pelo menos, no princípio.

Sim, bem sei, meu querido, mas podes arranjar alguns dias de férias e ir visitar-me, enquanto eu estiver na Austrália. E que quero fugir ao Inverno.

Quanto tempo pensas ficar por lá?

Seis meses, talvez um ano. Não vale a pena fazer uma viagem tão longa para uma estada curta. Mal teria tempo para recuperar da diferença de fusos horários. Não ficarei todo o tempo com a Susie e o Stephen. Ninguém quer uma sogra em casa durante meses a fio. O Jim e a Mavis estão a pensar em viajar pelo país. Jack, o irmão da Mavis, far-nos-á companhia. Assim, seremos quatro e não me sentirei *de trop*. Dois é bom, três é sempre de mais.

Estou a ouvir a minha mulher a pôr fim ao nosso casamento, pensou ele, admirado por pouco lhe importar tal perspectiva.

Podemos dar-nos a esse luxo, não é verdade? continuou Alison. Vais receber uma boa indemnização.

Sim, é um luxo que podemos permitir-nos. Fitava-a com a mesma falta de emoção com que analisaria

uma estranha. Aos cinquenta e dois anos, ela ainda era atraente, com uma elegância bem preservada, quase clínica. Ainda a desejava, se bem que não com frequência e nunca apaixonadamente. Era raro fazerem amor, em geral, apenas depois de uma ocasião em que a bebida e o hábito provocavam a rápida

satisfação de uma sexualidade insistente. Nada tinham a aprender de novo um com o outro, nem, tão-pouco, o queriam. Ele sabia que, para a mulher, aquelas monótonas e ocasionais cópulas reafirmavam que o casamento ainda existia. Podia ter-lhe sido infiel, mas sempre fora convencional. Os casos amorosos dela eram mais discretos do que furtivos. Ela fingia que não existiam, enquanto ele fingia que não sabia. O seu casamento era regulado por uma concordata jamais rectificada por palavras. Ele fornecia o sustento, ela certificava-se de que o marido tinha uma vida confortável, que as suas preferências eram satisfeitas, que as suas refeições eram excelentes e que era poupado até mesmo ao mais insignificante inconveniente da vida doméstica. Cada um respeitava os limites de tolerância do outro, no que, basicamente, era um casamento por conveniência. Alison fora uma boa mãe para Stephen, o único filho do casal, e era uma dedicada avó dos filhos de Stephen e da mulher, Susie, que a receberiam mais calorosamente na Austrália do que a ele.

Que pensas fazer desta casa? perguntou, mais relaxada, depois de lhe comunicar a notícia. Não vais querer viver numa casa tão grande. Deve valer cerca de setecentos e cinquenta mil libras. Os Rawlinson obtiveram seiscentas mil libras por High Trees e precisava de grandes reformas. Se quiseres vender a casa antes do meu regresso, por mim, não há problema. Terei pena de não estar cá para te ajudar, mas tudo o que precisas é de uma empresa de mudanças de confiança.

Então, ela pensava voltar, mesmo que temporariamente. Talvez a sua nova aventura não fosse diferente das outras, embora mais prolongada. Depois, haveria assuntos a tratar, incluindo a parte dela na venda da casa.

Provavelmente, venderei a casa, mas não tenho pressa
- respondeu ele, por fim.

Não podes mudar-te para o apartamento do museu? Parece-me a opção mais óbvia.

A Caroline nunca concordaria. Considera aquele apartamento como a sua casa, desde que passou a viver lá, após a morte do nosso pai.

Mas ela não mora realmente lá, pelo menos, durante o tempo todo. Além do mais, tem os seus aposentos na escola. Ao passo que tu viverias ali todo o ano e

poderias vigiar a segurança do museu. Se bem me lembro, o apartamento é amplo e agradável. Penso que te sentirias bem lá.

À Caroline precisa de sair da escola, de tempos a tempos. O seu preço por concordar em manter o museu aberto será o de ficar com o apartamento para ela. Ora, preciso do voto dela. Conheces bem as condições do fideicomisso.

Nunca as compreendi.

É muito simples. Toda e qualquer decisão importante relativa ao museu, incluindo a negociação de um novo contrato de arrendamento, exige o consentimento dos três fiduciários. Se o Neville não assinar, será o fim do museu.

Alison, de súbito, revelou uma genuína indignação. Talvez planeasse deixá-lo e trocá-lo por um amante, permanecer na Austrália ou regressar, consoante os seus caprichos, mas estaria sempre a seu lado, em qualquer discussão no seio da família Dupayne. Era capaz de lutar, de forma implacável, pelo que achava ser aquilo que o marido queria.

Nesse caso, tu e a Caroline têm de obrigá-lo a assinar! gritou. Que se passa com o Neville? Tem emprego próprio e nunca se interessou pelo museu. Não podes ter todo o teu futuro arruinado só porque o Neville não quer assinar um documento. Tens de pôr cobro a esse disparate.

Ele pegou na garrafa de xerez e, aproximando-se dela, voltou a encher os cálices, que ambos ergueram ao mesmo tempo, como para fazer um brinde.

Tens razão anuiu ele, em tom grave. Se for necessário, terei de impedir o Neville.

No sábado de manhã, às dez horas em ponto, Lady Swathling e Caroline Dupayne sentaram-se na sala da reitora da escola para a sua reunião semanal. O facto de ser uma ocasião quase formal, que só podia ser cancelada em consequência de uma emergência pessoal e que era interrompida unicamente às onze horas, quando o café era servido, constituía uma característica típica da relação entre as duas mulheres, assim como a disposição da mobília na sala. Sentavam-se, uma em frente da outra, em poltronas idênticas, a uma secretária dupla de mogno, junto da grande janela virada para sul, que oferecia uma vista do jardim, com as suas roseiras cuidadosamente tratadas, exibindo os caules espinhosos acima de um solo livre de ervas daninhas. Por trás do jardim, avistava-se o Tamisa, cujas águas eram de um tom prateado-escuro, sob o céu matinal.

A Casa Richmond fora o principal bem com que Lady Swathling contribuía para a sua sociedade com Caroline Dupayne. A sua sogra fundara a escola e deixara-a, em herança, primeiro, ao filho e, agora, à nora. Até à chegada de Caroline Dupayne, nem a escola nem a casa haviam recebido obras de melhoramento, mas a casa, tanto nos bons como nos maus momentos, mantivera a sua beleza, bem como a sua proprietária, na sua própria opinião e na dos outros.

Lady Swathling nunca perguntara a si própria se gostava ou não da sua sócia. Não era o tipo de pergunta que formulasse a respeito de quem quer que fosse. Para ela, as pessoas ou eram úteis ou não eram, a sua companhia era agradável ou 51 revelavam-se maçadoras e, então, evitava-as. Gostava que os seus conhecidos tivessem boa aparência ou, se os seus genes e o destino não os houvessem favorecido, ao menos que se vestissem convenientemente e tirassem o máximo partido da sua aparência. Nunca entrava na sala da reitora para a reunião semanal sem, primeiro, se mirar no grande espelho oval que ficava ao lado da porta. Esse exame era agora maquinal, e a segurança que lhe conferia, desnecessária. Nunca precisava de alisar o cabelo, salpicado de fios prateados, que era penteado em cabeleireiros caros, mas nunca tão rigidamente disciplinado que pudesse sugerir uma preocupação obsessiva com o aspecto exterior. A sua saia, de corte impecável, chegava-lhe a meio da barriga da perna, comprimento a que ela aderira apesar das várias mudanças impostas pela moda. Um casaco de caxemira cobria, com uma aparente despreocupação, a blusa creme, de seda pura. Tinha consciência de que os outros a viam como uma mulher distinta e bem-sucedida, que controlava a sua vida; e era precisamente assim que ela se via. O que contava, aos cinquenta e oito anos, era o que contara, aos dezoito: a educação e uma boa estrutura óssea. Estava ciente, também, de que a sua aparência era um trunfo para a escola, tal como o seu título. Na verdade, havia sido, a princípio, uma baronia Lloyd George, atribuída, como sabiam bem os *cognoscenti*, pelos favores que ela prestara ao primeiro-ministro e ao partido mais do que havia feito pela nação, mas, agora, só os ingénuos e os inocentes se preocupavam ou ficavam admirados com aquele tipo de patrocínio; afinal, um título era sempre um título.

Nutria pela casa uma paixão que nunca sentira por nenhum ser humano. Nunca entrava ali sem experimentar um súbito prazer físico por ela lhe pertencer. A escola, com o seu nome, era, finalmente, bem-sucedida, e havia dinheiro bastante para mantê-la, bem como o jardim, e ainda ficar com algumas economias. Sabia que devia aquele êxito a Caroline Dupayne. Podia recordar quase cada palavra da conversa tida, sete anos antes, quando Caroline, que trabalhava para ela como secretária particular, havia sete meses, apresentara o seu plano para a reforma, com algum descaramento e sem sequer

pedir autorização, levada mais pela sua abominação pela desordem e pelo fracasso do que pela sua ambição pessoal.

A não ser que procedamos a uma mudança, os lucros continuarão a descer afirmara Caroline. Para lhe ser sincera, existem dois problemas: não estamos a oferecer qualidade em troca do dinheiro que cobramos e não sabemos qual é o nosso objectivo. Estes dois problemas são fatais. Não podemos continuar a viver no passado e a actual conjuntura política está do nosso lado. Para os pais, não existe qualquer vantagem, hoje em dia, em enviar as filhas para estudar no estrangeiro: a nova geração de meninas ricas pratica esqui, todos os Invernos, em Klosters, e viaja desde a mais tenra idade. O mundo é um lugar perigoso e provavelmente tornar-se-á ainda mais perigoso. Os pais mostrar-se-ão cada vez mais ansiosos por verem as filhas concluir a sua formação em Inglaterra. E que queremos dizer com concluir a sua formação? O conceito está desactualizado e é quase hilariante para os jovens. De nada serve oferecermos o habitual programa de lições de culinária, de arranjos florais, de puericultura, de etiqueta, sem lhe adicionarmos alguma cultura geral. Podem obter todas essas noções gratuitamente, se o quiserem, nos cursos nocturnos das instituições locais. A escola também terá de ser vista como discriminatória. Não haverá mais inscrições automáticas, só porque o papá pode pagar as propinas. E nem pensar em aceitarmos mais idiotas; não conseguem nem querem aprender o que quer que seja, desencorajando e irritando as colegas. Nem, tão-pouco, inadaptadas com problemas psicológicos. A escola não é uma clínica psiquiátrica de luxo. E, muito menos, delinquentes. Surripiar objectos do Harrods ou do Harvey Nichols não é diferente de roubar no Woolworth's, mesmo que a mamã tenha conta nessas lojas e o papá possa pagar a caução.

Tempos houve em que podíamos estar certas de que as pessoas com uma certa linhagem se comportariam de determinada forma declarara Lady Swathling com um suspiro.

Deveras? Nunca reparei. E Caroline continuara, implacavelmente. Acima de tudo, precisamos de oferecer qualidade em troca do dinheiro. No fim do ano escolar ou do curso de dezoito meses, as alunas deverão poder demonstrar os

seus esforços. Temos de justificar as nossas propinas... Só Deus sabe como já são caras. Antes de mais, elas precisam de saber trabalhar com computadores. Conhecimentos administrativos e de secretariado serão sempre uma mais-valia. Depois, temos de nos certificar de que serão fluentes numa língua estrangeira. Se já souberem falar alguma, ensinar-lhes-emos uma segunda. As lições de culinária também deverão ser incluídas; é matéria muito popular, prática e está na moda, mas deverá ser ensinada ao nível de um *cordon bleu*. Quanto às outras disciplinas, aptidões sociais, puericultura, etiqueta... serão opcionais. Não haverá problema com a arte. Temos acesso a colecções privadas e estamos a um passo de Londres. Pensei ainda que poderíamos arranjar intercâmbios com escolas de Paris, Madrid e Roma.

E temos os recursos necessários para essas reformas? perguntara Lady Swathling.

Será difícil, durante os dois primeiros anos, mas depois as reformas começarão a dar lucro. Quando uma rapariga disser: Estudei um ano em Swathling's, isso deverá significar algo com valor no mercado. Assim que alcançarmos o devido prestígio, os lucros não tardarão a aumentar.

E assim havia sido. Swathling's tornara-se no que Caroline Dupayne planeara. Lady Swathling, que nunca esquecia uma ofensa, também nunca esquecia uma vantagem. Caroline Dupayne tornara-se, primeiro, vice-reitora e, mais tarde, sócia. Lady Swathling sabia que a escola floresceria sem ela própria, mas nunca sem a sócia. E havia ainda a sua dívida de gratidão para com Caroline. Podia deixar-lhe, em herança, tanto a escola como a casa. Lady Swathling não tinha filhos nem parentes próximos; por conseguinte, não haveria ninguém para impugnar o seu testamento. E agora que Caroline enviudara Raymond Pratt morrera, no seu *Mercedes*, depois de chocar contra uma árvore, em 1998, não tinha um marido que lhe exigisse a sua parte dos bens. Lady Swathling ainda não falara com Caroline acerca dessa sua intenção. Afinal, não havia pressa. Estavam muito bem assim, além de que lhe agradava pensar que, pelo menos numa coisa, era ela que detinha o poder.

Analisaram metodicamente os assuntos.

Está contente com a nova estudante, a Mareia Collinson? perguntou Lady Swathling.

Muito mesmo. A mãe dela é uma tola, mas a rapariga não. Tentou entrar em Oxford, mas não conseguiu. Não faz sentido ir para uma escola de preparação para os exames de acesso a Oxford, quando ela já tem em quatro disciplinas a nota máxima. Vai tentar novamente no ano que vem, na esperança de que a sua persistência seja recompensada. Ao que parece, ou é Oxford ou nada, o que não considero uma atitude muito racional, tendo em conta a concorrência. Teria maiores probabilidades se viesse de uma escola pública, e não me parece que um ano aqui lhe sirva de grande coisa. Não lhe disse isto, como é evidente. Quer tornar-se especialista em informática; é essa a sua maior prioridade. E escolheu o chinês como língua estrangeira.

Isso não levantará problemas?

Não creio. Conheço uma pós-graduada, em Londres, que ficaria feliz em lhe dar aulas particulares. A rapariga não tem qualquer interesse em passar um ano no estrangeiro. Parece desprovida de qualquer consciência social. Disse que tinha tudo o que precisava na escola e que, de qualquer maneira, o ensino no estrangeiro era apenas uma forma de caridade imperialista. Recorre aos chavões intelectuais que estão na moda, mas é inteligente.

Bom, se os pais dela podem pagar as propinas... Passaram a outro assunto. Durante a pausa para o café,

Lady Swathling comentou:

Na semana passada, encontrei a Célia Mellock no Harvey Nichols. Enquanto conversámos, mencionou o Museu Dupayne, mas não sei porquê. Afinal, só estive aqui durante dois trimestres. Afirmou que era estranho os alunos daqui nunca visitarem o museu.

A arte do período entre as duas guerras não faz parte do nosso currículo replicou Caroline. As jovens modernas não se mostram muito interessadas nos anos vinte e trinta. Como sabe, estamos a especializar-nos, neste trimestre, em arte moderna. Poderemos organizar uma visita ao Dupayne,

mas o tempo será mais bem aproveitado se o passarmos na Tare Gallery.

Ao despedir-se, disse algo curioso explicou Lady Swathling. Que valia a pena visitar uma segunda vez o Dupayne e que lhe estava grata, a si, por mil novecentos e noventa e seis. Não explicou porquê. Perguntei a mim própria o que queria dizer com aquilo...

A memória de Lady Swathling podia ser algo errática, mas nunca se enganava no que dizia respeito a quantias e datas. Caroline serviu-se de mais café.

Nada de importante, suponho. Nem sequer tinha ouvido falar dela em mil novecentos e noventa e seis. Sempre foi uma rapariga que gostava de ser o centro das atenções. A história do costume: a filha única de pais ricos, que lhe dão tudo, menos algum do seu tempo.

Tenciona manter o museu aberto? Não há um problema qualquer com o arrendamento?

A pergunta parecia absolutamente inofensiva, mas Caroline Dupayne sabia que era mais do que isso. Lady Swathling sempre valorizara a ténue relação da escola com um museu prestigioso, se bem que pequeno. Fora, aliás, uma das razões porque aprovara a decisão da sua sócia em voltar a usar o apelido de solteira.

Não há nenhum problema em relação ao arrendamento retorquiu Caroline. Tanto o meu irmão mais velho como eu estamos determinados a que o Museu Dupayne continue.

E o seu outro irmão? insistiu Lady Swathling.

O Neville decerto vai concordar connosco, e assinaremos o novo contrato de arrendamento. Eram cinco da tarde de domingo, vinte e sete de Outubro; o lugar, Cambridge. Por baixo da Ponte Garrett Hostel, os frágeis ramos dos salgueiros arrastavam-se no ocre escuro do rio. Debruçadas sobre a ponte, Emma Lavenham, professora de Literatura Inglesa, e a sua amiga, Clara Beckwith, observavam as folhas amarelas que eram levadas, corrente abaixo, como os últimos vestígios do Outono. Emma não podia passar por uma ponte pedonal sem se deter para contemplar a água, mas naquele momento Clara endireitou-se.

é melhor irmos andando. A última parte do caminho até Station Road demora mais tempo do que seria de esperar.

Viera de Londres para passar o dia com Emma em Cambridge. Havia conversado, almoçado e passeado nos jardins de Fellows. A meio da tarde, tinham sentido a necessidade de um exercício mais vigoroso e decidido ir, a pé, até à estação pelo trajecto mais longo, que contornava as traseiras das faculdades e seguia em direcção à cidade. Emma gostava de Cambridge, no início de um novo ano académico. A sua imagem mental do Verão era a de pedras reluzentes que se viam através de uma névoa de calor, de relvados onde se projectavam sombras, de flores exalando o seu perfume contra muros onde batia o sol, de botes conduzidos com energia e prática através de águas brilhantes ou balouçando suavemente sob espessos ramos, de música de baile distante e de vozearia. Não era, contudo, o seu trimestre favorito; havia algo de frenético, juvenil e tímido, traduzido por uma grande ansiedade, naquelas

semanas de Verão. Existia ainda o trauma dos exames e das febris revisões de última hora, a procura implacável de prazeres a que era forçoso renunciar em breve e a melancólica consciência das despedidas iminentes. Emma preferia o primeiro trimestre de um novo ano académico, com o interesse em conhecer os novos alunos, o fechar das cortinas, que protegiam do anoitecer, pontilhado pelas primeiras estrelas, o repicar longínquo de sinos e, tal como naquele momento, o odor característico do rio, da neblina e dos solos barrentos de Cambridge. O Outono chegara mais tarde, naquele ano, após uma das mais belas meias estações de que ela conseguia lembrar-se. Mas começara, finalmente. Os candeeiros de rua reflectiam a sua luz num tapete castanho-dourado de folhas mortas, que se desfaziam sob os seus pés, enquanto podia sentir no ar os primeiros odores agridoces do Inverno.

Emma usava um casaco comprido de *tweed*, botas altas, de couro, mas não trazia chapéu, porque a gola do casaco lhe emoldurava o rosto. Clara, cerca de sete centímetros mais baixa, caminhava ao lado da amiga. Usava um casaco curto, forrado de malha, e um gorro de lã, às riscas, que quase lhe tapava a franja lisa e preta. Levava ao ombro o seu saco de viagem, com livros que comprara em Cambridge, mas que carregava com a mesma facilidade com que o faria se o saco estivesse vazio.

Clara apaixonara-se por Emma durante o seu primeiro trimestre em Cambridge. Não era a primeira vez que sentia uma forte atracção por uma mulher obviamente heterossexual, mas aceitara aquela desilusão com o seu habitual cepticismo irónico e esforçara-se por conquistar a amizade de Emma. Clara concluíra o curso livre de Matemática. Não sentia qualquer desejo de se lançar numa carreira académica, declarando que a academia, quando levada a sério, tornava os homens amargos ou afectados, enquanto as mulheres, a não ser que se interessassem por outras coisas, ficavam ainda mais excêntricas. Depois da universidade, mudara-se de imediato para Londres onde, para surpresa de Emma e até da própria Clara, seguira com êxito uma carreira muito bem remunerada, como gestora financeira na City. A maré da prosperidade vazara, deixando

atrás de si vários naufragos e os despojos do fracasso e da desilusão, mas Clara havia sobrevivido. Explicara a Emma, horas antes, a razão da sua inesperada escolha a nível profissional.

Tenho um salário astronómico, mas vivo confortavelmente com um terço do que ganho e invisto o resto. Os homens entram em stresse, porque lhes dão bónus de meio milhão de libras, mas começam a viver como se ganhassem um milhão por ano: a casa luxuosa, o carro de último modelo, as roupas de marca, a mulher gastadora, a bebida... Depois, como não podia deixar de ser, vivem no terror de serem despedidos. Pois, no meu caso, a empresa pode despedir-me amanhã que pouco me importarei com isso. O meu objectivo é poupar três milhões e sair da capital para fazer algo que sempre quis fazer.

Tal como?

A Annie e eu pensámos que talvez pudéssemos abrir um restaurante, perto do *campus* de uma dessas universidades modernas, onde teríamos um grupo de clientes assíduos, desesperados por encontrar comida decente a preços que possam pagar; sopa caseira, saladas que sejam mais do que alface picada com meio tomate. A comida seria, na sua maioria, vegetariana, claro, mas preparada com imaginação. Talvez em Sussex... Um restaurante nos arredores de Falmer. E uma ideia... A Annie está entusiasmada, mas acha que deveríamos fazer algo que se revelasse útil para a sociedade.

São poucas as coisas mais socialmente úteis do que fornecer comida decente à juventude, a preços razoáveis.

Quando se trata de gastar um milhão de libras, a Annie pensa a nível internacional. Tem qualquer coisa da Madre Teresa de Calcutá.

Seguiram caminho, lado a lado, em silêncio. Então, Clara perguntou:

Como foi que o Giles reagiu, quando o deixaste?

Mal, como seria de esperar. Pelo seu rosto passou uma sucessão de emoções: primeiro, surpresa, depois, incredulidade, autocomiseração, e por fim, raiva. Parecia um actor que ensaiava expressões faciais em frente do espelho. Pergunto a mim mesma como foi que cheguei a gostar dele. ”

Mas gostaste.

Sim, gostei. O problema não era esse.

Ele julgava que o amavas.

Não. Estava convencido, isso sim, de que eu o achava tão fascinante como ele se acha a si próprio, e que não seria capaz de resistir a casar com ele, se ele condescendesse em propor-me casamento.

Tem cuidado, Emma riu-se Clara. Isso está a soar a azedume.

Não, não, a sério. Nenhum de nós tem razões para se orgulhar. Usámo-nos mutuamente. Ele era a minha defesa; eu era a namorada de Giles, o que me tornava intocável. A supremacia do macho dominante é aceite mesmo na selva académica. Deixavam-me em paz e pude concentrar-me no que realmente importava: o meu trabalho. Não era uma relação admirável, mas também não era desonesta. Nunca lhe afirmei que o amava. Nunca disse essas palavras a ninguém.

E agora queres dizê-las e ouvi-las, ainda por cima da boca de um elemento da polícia e poeta. Suponho que a parte do poeta é a mais compreensível. Mas que tipo de vida levarias? Quanto tempo passaram vocês juntos desde que se conheceram? Combinaram encontrar-se sete vezes, mas só se viram quatro. O Adam Dalgliesh pode sentir-se feliz por ser chamado pelo secretário de Estado, pelo comandante e por outras figuras gradas do Ministério do Interior, mas não vejo como isso te fará feliz. A vida dele é em Londres, a tua é aqui.

Não foi só culpa do Adam defendeu-se Emma. Tive de cancelar um dos nossos encontros.

Quatro encontros, para já não falar daquele caso trágico, quando vocês travaram conhecimento pela primeira vez. O homicídio não é propriamente a mais ortodoxa das apresentações. É impossível que o conheças.

Conheço o suficiente. Ninguém pode saber tudo acerca de outra pessoa. Amá-lo não me dá o direito de entrar e sair da sua mente como entro e saio dos meus aposentos, na universidade. O Adam é a pessoa mais reservada que alguma vez conheci, mas, apesar disso, conheço as facetas dele que realmente contam. < - - >

Mas seria mesmo assim?, perguntou Emma a si própria. Adam lidava intimamente com as brechas escuras da mente humana de onde espreitavam horrores que ela nunca conseguiria compreender. Nem mesmo a cena hedionda na igreja do Instituto de Teologia de Santo Anselmo lhe revelara o pior do que os seres humanos podiam fazer uns aos outros. Conhecia tais horrores da literatura, enquanto ele os explorava diariamente no exercício da sua profissão. Por vezes, quando acordava, às primeiras horas da manhã, a visão que tinha de Adam era a de um rosto sombrio, mascarado, com mãos suaves e impessoais, por baixo de luvas de látex. No que haviam tocado aquelas mãos? Por mais de uma vez, ensaiara as perguntas que não sabia se seria capaz de formular. Porque fazia aquilo? Era necessário à sua poesia? Porque escolhera aquela profissão? Ou fora a profissão que o escolhera a ele?

Há uma detective, a Kate Miskin, que trabalha com o Adam continuou. Faz parte da equipa. Vi-os juntos. Ele é seu superior, ela trata-o por senhor, mas há um companheirismo, uma intimidade que parece excluir todos aqueles que não sejam agentes da polícia. E esse o mundo do Adam do qual não faço nem nunca farei parte.

Nem vejo porque haverias de querer tal coisa. E um mundo obscuro e quase impenetrável. Além de que ele também não faz parte do teu mundo.

Mas podia. E um poeta. Compreende o meu mundo e podemos falar sobre ele; aliás, *falamos* sobre o meu mundo. Contudo, nunca falamos sobre o universo do Adam. Nunca estive, sequer, no apartamento dele. Sei que vive em Queenhithe, num apartamento com vista para o Tamisa, mas nunca o visitei. Só posso imaginar como será, porque também faz parte do mundo dele. Se ele alguma vez me convidar a ir ao seu apartamento, ficarei a saber que está tudo bem e que ele quer que eu faça parte do seu mundo.

Talvez ele te convide na próxima noite de sexta-feira. A propósito, a que horas pensas chegar a Londres?

Estava a pensar em apanhar o comboio da tarde e chegar a Putney por volta das seis, se já estiveres em casa a essa hora. O Adam disse-me que irá buscar-me às oito e um quarto, se não te importares.

Quer poupar-te o incómodo de atravessares Londres, sozinha, para ires ao restaurante, o que revela que é bem-educado. Achas que aparecerá com um ramo de rosas vermelhas para tentar agradar-te?

Emma riu-se.

Não, não aparecerá com um ramo de flores; mesmo que o fizesse, nunca seriam rosas vermelhas.

Tinham alcançado o monumento evocativo da guerra, situado ao fundo de Station Road. No seu plinto decorado, a estátua do jovem combatente caminhava para a morte com magnífica despreocupação. Quando o pai de Emma fora o reitor da faculdade onde leccionara, a ama de Emma levava-a, a ela e à irmã, a passear pelo jardim botânico, ali perto. De regresso a casa, fazia um pequeno desvio para que as meninas pudessem obedecer à ordem da ama de acenar ao soldado. A ama, uma viúva da Segunda Guerra Mundial, havia falecido há muito, tal como a mãe e a irmã de Emma. Só o pai, que levava uma vida solitária no meio dos seus livros, no apartamento de uma mansão em Marylebone, continuava vivo. Contudo, Emma nunca era capaz de passar pelo monumento sem um sentimento de culpa por já não acenar ao soldado. Irracionalmente, parecia-lhe um deliberado desrespeito para com as gerações mortas na guerra.

Na plataforma da estação, os namorados já haviam iniciado as suas despedidas apaixonadas. Vários casais passeavam de mão dada. Um outro casal, com a rapariga encostada contra a parede da sala de espera, parecia tão imóvel como se aqueles dois seres tivessem sido colados um ao outro.

A ideia do carrossel sexual não te aborrece? perguntou Emma, de súbito.

Que queres dizer com isso?

Refiro-me ao ritual de acasalamento moderno. Sabes como é. Provavelmente, deves tê-lo visto mais em Londres do que eu, aqui. Um rapaz conhece uma rapariga. Simpatizam um com o outro. Vão para a cama, por vezes, logo depois do primeiro encontro. Ou resulta e passam a formar um casal ou não resulta. Por vezes, termina na manhã seguinte, quando a rapariga vê em que estado se encontra a casa de banho do

rapaz, ou tem dificuldades em tirá-lo da cama para que vá trabalhar, para não falar já da óbvia aceitação, por parte do rapaz, de que seja ela a espremer as laranjas e a preparar o café. Se funciona, o rapaz acaba por se mudar para a casa da rapariga. Normalmente, é assim, não é verdade? Conheces algum caso em que tenha sido a rapariga a ir morar com o rapaz?

A Maggie Foster foi viver com o namorado respondeu Clara. Acho que não a conheces. Dá aulas de Matemática no King's e estudou em Cambridge. Mas, neste caso, foi porque pensaram que o apartamento do Greg era mais conveniente para o seu trabalho e que ele nunca poderia dar-se ao incómodo de voltar a pendurar as suas aquarelas do século dezoito.

Está bem, aceito o teu exemplo. Portanto, foram viver juntos, e que irá resultar ou não. Só que a separação, no caso deles, será mais complicada, mais cara e, invariavelmente, mais amarga. Em geral, isso deve-se ao facto de um deles querer um compromisso que o outro não pode assumir. Ou, então, resulta. Resolvem viver maritalmente ou casar-se, quando ela se torna pensativa e sonhadora. A mãe dela começa a fazer planos para o casamento, enquanto o pai faz um cálculo das despesas e a tia compra um chapéu novo. Reina o alívio geral. Mais uma vitória, mesmo que pequena, na luta contra o caos social e moral.

Clara riu-se.

Bom, sempre é melhor do que o ritual de acasalamento do tempo das nossas avós. A minha tinha um diário e está lá tudo. Era filha de um advogado de renome, que vivia em Leamington Spa. Como é lógico, nem se colocava a hipótese de ela arranjar um emprego. Depois de frequentar a escola, viveu em casa dos pais, fazendo aquele tipo de coisas que as filhas faziam, enquanto os irmãos andavam na universidade: compor arranjos florais, distribuir as chávenas nas ocasiões em que se servia chá, dedicar-se a obras de caridade... mas nunca do tipo que a pusesse em contacto com a realidade mais sórdida da pobreza; responder às cartas enfadonhas de parentes com as quais a mãe não podia aborrecer-se e ajudar nas festas dadas no jardim. Enquanto isso, as mães organizavam a vida social

por forma a garantir que as filhas encontrassem o homem certo. Partidas de ténis, bailes privados, festas ao ar livre. Aos vinte e oito anos, uma rapariga começava a ficar ansiosa; aos trinta, já fora posta na prateleira. Infelizes daquelas que eram feias, desajeitadas ou tímidas.

Infelizes daquelas que sejam feias, desajeitadas ou tímidas, hoje em dia rematou Emma. O sistema é igualmente brutal, não concordas? A única diferença é que, ao menos, podemos organizá-lo nós próprias, e existe sempre uma alternativa.

Clara voltou a rir.

Não me parece que tenhas motivos de queixa... Mal tens entrado ou saído do carrossel. Tens-te mantido lá, sentada no teu reluzente corcel, a rejeitar todos os homens que entram no carrossel e se interessam por ti. E porque dás a ideia de que esse carrossel é sempre heterossexual? Andamos todos à procura. Alguns têm sorte, e os que não a têm, geralmente, contentam-se com uma segunda escolha que por vezes se revela melhor do que a primeira.

Não quero contentar-me com uma segunda escolha. Sei quem quero e o que quero e não se trata de uma aventura passageira. Sei que, se for para a cama com ele, sofrerei muito, caso ele resolva acabar com tudo. O sexo não pode tornar-me mais comprometida do que já estou.

O comboio com destino a Londres entrou na plataforma número um. Clara pousou o saco, e as duas amigas abraçaram-se por breves segundos.

Então, até sexta-feira despediu-se Emma. >, ' Num impulso, Clara abraçou novamente a amiga.

Se ele não aparecer na sexta-feira, então, deverás **pensar** se existe algum futuro para nós as duas.

Se ele não aparecer na sexta, talvez o faça.

Emma ficou a ver o comboio partir, até o perder **de vista**, mas não esboçou qualquer aceno de despedida.

Desde a infância que a palavra Londres evocava na mente de Tallulah Glutton a visão de uma cidade encantada, de um mundo de mistério e de excitação. Dizia a si mesma que o desejo, quase físico, da sua infância e juventude não era irracional nem, tão-pouco, obsessivo, mas sim enraizado na realidade. Afinal, era londrina por nascimento, porque viera ao mundo numa casa com dois andares e com janelas protuberantes de uma rua estreita, em Stepney; os pais, os avós e a avó materna, de quem herdara o nome, haviam vivido no East End. A cidade era a sua, por direito. A sua própria sobrevivência havia sido fortuita e, nos seus momentos mais fantasiosos, considerava-a mágica. Quando a rua fora destruída por um bombardeamento, em 1942, só Tallulah, com apenas quatro anos, fora resgatada dos escombros. Sempre lhe parecera que se recordava daquele momento, talvez fortalecido pelo que a tia lhe contara sobre o resgate. À medida que os anos haviam passado, contudo, tornara-se menos segura de que aquilo de que se recordava eram as palavras da tia ou o acontecimento em si mesmo: como fora erguida em direcção à luz, coberta de poeira mas risonha, com os braços estendidos como se quisesse abraçar toda a rua.

Exilada, na infância, para uma loja de esquina, num subúrbio de Leeds, a fim de ser criada pela tia e o marido, uma parte do seu espírito ficara naquela rua destruída. Fora educada com todo o empenho e dever, e talvez até amada, mas nem a tia nem o tio eram expansivos, e o amor fora algo por que

não esperara nem nunca compreendera. Deixara a escola, aos quinze anos, mesmo depois de alguns dos seus professores enaltecere a sua inteligência, mas sem nada poderem fazer. Sabiam que a loja esperava por ela.

Quando o jovem contabilista de rosto afável, que visitava regularmente a loja para fazer com o seu tio a auditoria dos livros de contabilidade, começara a aparecer mais do que o necessário e a revelar-se interessado por ela, parecera-lhe natural aceitar o seu tímido pedido de casamento. Afinal, havia espaço; no apartamento por cima da loja, assim como na sua cama. Tinha dezanove anos. Os tios haviam tornado bem patente o] seu alívio. Terence deixou de lhes cobrar dinheiro pelos seus serviços; passara a ajudá-los, a tempo parcial, na loja, e a vida tornara-se mais fácil. Tally gostava da fôrnica como o marido fazia amor, regularmente mas sem grande imaginação, e julgava ter encontrado a felicidade. Contudo, o marido morrera de ataque cardíaco, nove meses depois do nascimento da filha do casal, e a vida anterior havia regressado e, com ela, as longas horas, a ansiedade financeira constante, o bem-vindo mas tirânico tilintar da sineta na porta da loja, a luta ineficaz para competir com os novos supermercados. Sentia o coração despedaçado pela pena e pelo desespero sempre que via os vãos esforços da tia para atrair antigos clientes; as folhas exteriores que arrancava das alfaces e das couves para as fazer parecer menos murchas, os anúncios de promoções que não enganavam ninguém, a boa vontade em fornecer crédito, na esperança de que a conta fosse paga um dia. Tinha a sensação de que a sua juventude fora dominada pelo cheiro de fruta apodrecida e pelo tilintar da sineta da porta.

Os tios haviam-lhe deixado a loja em herança e, após a morte de ambos, com o intervalo de um mês, ela pusera-a à venda. Tivera de baixar o preço inicial; só os masoquistas e os idealistas se mostrariam interessados em salvar uma pequena loja de esquina falida, mas, no fim, conseguira um bom negócio. Guardara dez mil para si, dera o resto à filha, que há muito saíra de casa, e partira para Londres à procura de um emprego. Passada uma semana, encontrara-o, no Museu Dupayne, e soubera, quando Caroline Dupayne lhe mostrara

66

a vivenda e ela avistara o Heath da janela do seu quarto, que finalmente regressara a casa.

Durante os anos difíceis e rigorosos da sua infância e, mais tarde, do seu curto casamento e do seu fracasso como mãe, o sonho de Londres persistira. Tanto na adolescência como depois, fortalecera-se até tomar a solidez das pedras da capital, o fulgor do sol sobre o rio Tamisa, a imponência das vastas avenidas brancas e o mistério dos estreitos atalhos que conduziam a pátios escondidos. A história e o mito tinham-se transformado numa casa e num nome e as pessoas imaginadas haviam-se tornado de carne e osso. Londres recebera-a de volta como uma das suas filhas e Tally não se sentira desapontada. Não nutrira uma ingênua expectativa de que passaria a estar sempre em segurança. A exposição do museu sobre o modo de vida no período entre as duas guerras revelava o que ela já sabia: Londres deixara de ser a capital que os seus pais haviam conhecido. A cidade onde eles tinham vivido era mais pacífica, num país mais afável. Pensava em Londres como um marinheiro podia pensar no mar; era o seu elemento natural, mas com um poder avassalador que ela encarava com respeito e prudência. Durante as excursões que fazia tanto a meio da semana como aos domingos, congeminara estratégias para se proteger. Guardava o pouco dinheiro de que necessitaria para o dia num porta-moedas muito velho, por baixo de um casaco comprido, no Inverno, ou de um casaco mais curto e leve, no Verão. Carregava às costas, numa mochila, a comida, o mapa dos autocarros e uma garrafa de água. Usava sapatos confortáveis e resistentes para as suas caminhadas e, se os seus planos incluíam uma visita demorada a uma galeria ou a um museu, levava consigo um banquinho de lona, leve e desdobrável. Com esse equipamento, passava de um quadro ao outro, incluída num pequeno grupo que ouvia as explicações dadas por especialistas da National Gallery ou da Tate, absorvendo sofregamente as informações como se bebesse goles de vinho, inebriada com a riqueza de tudo o que lhe era oferecido.

Na maioria dos domingos, ia à igreja para apreciar, em silêncio, a música, a arquitectura e a liturgia, numa experiência mais estética do que religiosa, mas descobrindo, por outro 67

lado, na ordem e no ritual, a satisfação de uma necessidade desconhecida. Fora educada como membro da Igreja Anglicana e os tios haviam-na enviado às aulas de doutrina da paróquia local, dadas aos domingos, de manhã e à tarde. Ia sempre sozinha. Os tios trabalhavam quinze horas por dia na sua tentativa desesperada de obter lucro da pequena loja, e os seus domingos eram marcados pela exaustão. O código moral por que se regiam era o do asseio, da respeitabilidade e da prudência. A religião era para quem tinha tempo para isso, um capricho da classe média. Agora, Tally entrava nas igrejas de Londres com a mesma curiosidade e expectativa com que entrava nos museus. Sempre acreditara para sua surpresa que Deus existia, mas duvidava que Ele se comovesse com a adoração do homem ou com as atribulações e extraordinárias extravagâncias e bizarras do ser que criara à Sua imagem e semelhança.

Todas as tardes regressava à vivenda, situada na orla do Heath. Era o seu santuário, o local de onde ela se aventurava a sair e para onde regressava, cansada mas feliz. Nunca conseguia fechar a porta sem uma sensação de ânimo renovado. A religião, tal como ela a praticava, e as orações nocturnas que ainda fazia estavam enraizadas num sentimento de gratidão. Até então, sentira-se só mas nunca solitária; agora, era uma mulher solitária que nunca se sentia só.

Mesmo que o pior acontecesse e fosse despejada, estava decidida a não procurar refúgio na casa da filha. Roger e Jennifer Crawford viviam na zona limítrofe de Basingstoke, numa casa moderna de quatro quartos, que fazia parte do que os construtores haviam descrito como dois crescentes¹ de casas destinadas a executivos. As ruas estavam separadas da contaminação das habitações dos que não eram executivos por portões de aço, cuja instalação, ferozmente defendida pelos residentes, era considerada pela sua filha e pelo seu genro como uma vitória da lei e da ordem, como protecção e melhoramento de valiosos bens de raiz e como validação de

uma Designação, na Inglaterra, das ruas com uma forma semicircular. (N. da T.)

distinção social. Havia um bairro camarário a uns setecentos metros da estrada principal, cujos habitantes eram considerados como uns bárbaros que as autoridades não conseguiam controlar.

Por vezes, Tally pensava que o êxito do casamento da filha se baseava não só numa ambição compartilhada, mas também na vontade comum do casal de tolerar e até de se compadecer com os motivos de queixa um do outro. Chegara à conclusão de que, por trás dessas queixas reiteradas, se achava um sentimento de presunção mútua. Acreditavam que se haviam saído muito bem, por si sós, e teriam um grande desgosto se algum dos seus amigos pensasse o contrário. A sua única preocupação genuína era a incerteza do futuro dela e a possibilidade de, um dia, terem de lhe dar abrigo, preocupação que Tally não só compreendia como compartilhava.

Não visitava a família havia cinco anos, exceptuando os três dias, pelo Natal, esse ritual de consanguinidade repetido anualmente e que ela sempre receara. Era recebida com uma cortesia escrupulosa e uma estrita adesão às normas sociais aceites que não ocultavam, contudo, a falta de entusiasmo ou de afecto genuíno. Não se sentia magoada, até porque o que ela própria nutria pela sua família não era amor. Tudo o que desejava era encontrar um pretexto plausível para escapar àquela visita anual. Além de que desconfiava que a filha e o genro sentiam o mesmo, embora compelidos pela necessidade de obedecer às convenções sociais. Ter uma mãe viúva e solitária em casa, no Natal, era considerado um dever que, uma vez estabelecido, não podia evitar-se, sem se correr o risco de ser alvo de mexericos ou de um pequeno escândalo. Assim, pontualmente, na véspera de Natal, Tally tomava o comboio que a filha e o genro sugeriam como mais conveniente e chegava à estação de Basingstoke, onde Jennifer ou Roger a esperavam e lhe tiravam a mala pesada das mãos como se fosse um fardo, iniciando o suplício anual.

O Natal em Basingstoke nunca era pacífico. Os amigos do casal apareciam. Eram sempre elegantes, alegres e efusivos. Depois, era a vez de o casal retribuir as visitas. Tally tinha a impressão de uma série de salas demasiado aquecidas, de rostos

corados, de vozes esganiçadas e de uma ruidosa sociabilidade, sublinhada pela sexualidade. As pessoas cumprimentavam-na, algumas com genuína ternura, e ela sorria e respondia, antes que Jennifer a afastasse tacitamente por não querer que os seus convidados se aborrecessem. Tally sentia-se mais aliviada do que humilhada. Nada tinha com que contribuir em conversas sobre carros, férias no estrangeiro, a dificuldade de encontrar uma *au pair* decente, a ineficácia da municipalidade local, as maquinações do comité do clube de golfe e o desleixo dos vizinhos quando era sua obrigação fechar os portões. Raramente via os netos, salvo no jantar da consoada. Clive passava a maior parte do dia trancado no quarto, que continha tudo o que um rapaz de dezassete anos precisava: televisão, vídeo e leitor de DVD, computador e impressora, aparelhagem de alta-fidelidade e respectivas colunas. Samantha, dois anos mais nova e, ao que parecia, de constante mau humor, mal parava em casa e, quando ali permanecia, passava horas agarrada ao telemóvel.

Contudo, agora, tudo isso acabara. Dez dias antes, após uma prudente reflexão e três ou quatro rascunhos, Tally redigira a carta. Importar-se-iam muito se ela não passasse o Natal com eles naquele ano? Miss Caroline não estaria no seu apartamento, durante a quadra natalícia e, se ela também partisse, não haveria ninguém para zelar pelo museu. Não passaria o dia sozinha. Recebera já convites de alguns amigos. Não seria o mesmo que passar o Natal com a família, claro, mas estava certa de que eles compreenderiam. Enviaria os presentes pelo correio no início de Dezembro.

Sentira uma certa culpa pela desonestidade da sua carta, mas, passados alguns dias, recebera a resposta. Havia um certo tom de ofensa, bem como uma insinuação de que Tally estava a deixar-se explorar, mas, mesmo assim, pudera aperceber-se do alívio da filha e do genro. O seu pretexto fora considerado válido; Jennifer poderia explicar aos seus amigos a ausência da mãe sem correr riscos. Tally passaria o Natal sozinha, na vivenda, e já planeava de que forma ocuparia o dia. De manhã, iria a pé até a uma igreja local e desfrutaria da satisfação de ser uma entre a multidão e, ao mesmo tempo, estar à parte, o que

lhe agradava. Depois, prepararia um frango para o almoço e, como sobremesa, compraria um daqueles pudins de Natal em miniatura e, talvez, uma meia garrafa de vinho. Alugaria umas cassetes, traria alguns livros da biblioteca e, consoante o tempo, daria um passeio ao longo do Heath.

Agora, contudo, não estava tão certa dos seus planos. Um dia depois de chegar a carta da filha, Ryan Archer, que passara pela vivenda depois de terminar o seu trabalho no jardim do museu, dera a entender que talvez passasse o Natal sozinho. O major estava a pensar em viajar para o estrangeiro. Levada por um súbito impulso, Tally dissera-lhe:

Não podes passar o Natal na tal casa abandonada que vocês ocuparam, Ryan. Se quiseres, podes jantar comigo, em minha casa... Só te peço que me avises com alguns dias de antecedência, por causa da comida.

Ele aceitara, mas não sem alguma hesitação, e Tally duvidava que ele trocasse a camaradagem de um grupo de jovens que viviam numa casa abandonada pelo plácido tédio da sua vivenda. No entanto, o convite estava feito. Se ele aparecesse, Tally, ao menos, ficaria com a certeza de que ele se alimentaria devidamente. Pela primeira vez, em muitos anos, ansiava pela chegada do Natal.

Agora, porém, todos os seus planos haviam sido oprimidos por uma nova e mais intensa ansiedade. Seria aquele o último Natal que passaria na vivenda? O cancro regressara e, desta vez, representava uma sentença de morte. Era esse o prognóstico pessoal de James Calder-Hale; aceitara-o sem medo e apenas com uma única mágoa: precisava de tempo para acabar o seu livro sobre o período entre as duas guerras. Não precisava de muito; o livro estaria concluído dali a quatro, seis meses, mesmo que tivesse de abrandar o ritmo. Talvez lhe fosse concedido esse tempo, mas, quando a ideia lhe vinha à mente, rejeitava-a. Conceder implicava a atribuição de um benefício. Atribuído por quem? Se ia morrer mais cedo ou mais tarde era uma questão de patologia. O tumor demoraria o seu tempo. Ou, se quisesse descrevê-lo de uma forma mais simples, teria sorte ou azar; mas, no fim, o cancro venceria.

Sentia-se incapaz de acreditar que tudo o que fizesse ou lhe fizessem, a sua atitude mental, a sua coragem ou a sua fé nos seus médicos conseguisse impedir aquela inevitável vitória. Talvez outros se preparassem para viver na esperança, a fim de ganhar o tributo póstumo após uma luta corajosa. Ele não tinha coragem para lutar, especialmente contra um inimigo já tão bem entrincheirado.

Uma hora antes, o seu oncologista informara-o, com tacto profissional, de que o cancro deixara de estar em remissão. Afinal, o médico tinha muita experiência. Enunciara, com admirável lucidez, as opções para futuros tratamentos e os resultados que deles se podiam esperar. Calder-Hale concordara com o tratamento recomendado, depois de alguns, poucos,

minutos a fingir que analisava as várias opções. A consulta tivera lugar no consultório do médico, em Harley Street, e não no hospital, e, apesar de ser o primeiro paciente, a sala de espera já começara a encher-se quando fora chamado. Expressar o seu próprio prognóstico e a sua total convicção de que fracassara teria sido uma ingratidão, quase uma falta de educação para com o oncologista, depois de este se dar a tanto incómodo. Calder-Hale sentia que era o médico que se agarrava à ilusão da esperança.

Ao sair de Harley Street, decidiu apanhar um táxi até à estação de Hampstead Heath e atravessar, a pé, o Heath, o que o faria passar pelos lagos e pelo viaduto que levava a Spaniards Road e ao museu. Deu consigo a resumir mentalmente a sua vida, com um misto de desprendimento e de espanto. Os cinquenta e cinco anos, que lhe haviam parecido tão importantes, deixavam-lhe um escasso legado. Os factos acorriam-lhe à mente em frases breves e entrecortadas. Filho único de um próspero solicitador de Cheltenham. Um pai bondoso, mas distante. Uma mãe extravagante, nervosa e convencional, que não dava problemas a ninguém, excepto ao marido. Educação na antiga escola do pai e, depois, em Oxford. O Ministério dos Negócios Estrangeiros e uma carreira, na sua maior parte, passada no Médio Oriente, que nunca progredira para além do normal. Podia ter subido mais alto, mas havia demonstrado ter dois defeitos fatais: falta de ambição e a impressão, junto de terceiros, de que não levava suficientemente a sério as suas funções. Orador fluente em árabe, com o dom de atrair amigos mas não o amor. Um casamento breve com a filha de um diplomata egípcio, convencido de que ela gostaria de ter um marido inglês, mas que depressa decidira que Calder-Hale não era o homem certo. Sem filhos. Uma reforma antecipada, depois do diagnóstico de um tumor maligno, que entrara em remissão de forma desconcertante e inesperada.

Desde que lhe havia sido diagnosticado o cancro, Calder-Hale desprendera-se, gradualmente, das expectativas da vida. Mas não havia acontecido o mesmo, anos antes? Quando ele procurara o alívio através do sexo, pagara-o discretamente por um preço alto e com o mínimo consumo de tempo e de emoção.

Agora, já não conseguia lembrar-se de quando se compenetrara de que o incômodo e a despesa gastos já não mereciam a pena, não tanto pelo desgaste do espírito num desperdício de vergonha, mas pelo dinheiro gasto em algo que o aborrecia. As emoções, os entusiasmos, os triunfos, os fracassos, os prazeres e as dores que haviam preenchido os interstícios daquela vida já não tinham o poder de o perturbar e custava-lhe a crer que alguma vez o houvessem conseguido.

Não era a preguiça, essa letargia do espírito, um dos pecados mortais? Rejeitar toda e qualquer alegria devia constituir uma espécie de blasfêmia para quem fosse religioso. O seu enfado era menos dramático. Tratava-se, sobretudo, de uma indiferença plácida em que as suas próprias emoções, até mesmo os ocasionais momentos de irritação, eram meramente teatrais. E a verdadeira teatralidade, esse jogo de rapazes, pelo qual ele se sentira atraído mais devido a uma bondosa condescendência do que por empenho, era tão pouco interessante quanto o resto da sua existência que não envolvesse a escrita. Reconhecia a sua importância, mas sentia-se menos um participante do que um observador imparcial dos esforços e loucuras de outros homens.

E agora restava-lhe concluir um trabalho, o único capaz de o entusiasmar. Queria completar a sua história sobre o período entre as duas guerras. Trabalhava no seu livro havia oito anos, desde que o velho Max Dupayne, amigo do seu pai, lhe mostrara o museu. Ficara fascinado, e uma ideia que permanecera adormecida na sua mente ganhara vida. Quando Dupayne lhe oferecera o cargo de conservador do museu, sem auferir qualquer salário, mas com gabinete próprio, esse convite revelara-se o encorajamento propício para ele começar a escrever. Dedicara-se àquele trabalho com um entusiasmo que nenhum outro jamais lhe dera. A perspectiva de morrer sem acabar o seu livro era-lhe intolerável. Ninguém se interessaria em publicar um livro inacabado. Morreria com a única tarefa a que se dedicara de corpo e alma reduzida a arquivos de notas quase ilegíveis e resmas de páginas dactilografadas e não revistas, que seriam enfiados em sacos de plástico e postos a um canto. Por vezes, a sua necessidade de completar o livro era tão forte que

o perturbava. Não era um historiador profissional, e os que o eram não seriam misericordiosos ao ler o seu livro, mas sabia que este não passaria despercebido. Entrevistara uma variedade interessante de pessoas com mais de oitenta anos: testemunhos pessoais habilmente intercalados com acontecimentos históricos. Ia apresentar pontos de vista originais, por vezes controversos, que imporiam respeito. Mas regera-se pela sua própria necessidade e não pela dos outros. Por motivos para os quais não conseguia encontrar explicação satisfatória, encarava a história como a justificação da sua própria vida.

Se o museu fechasse antes de ele concluir o seu livro, seria o fim. Pensava saber como funcionavam as mentes dos três fiduciários, o que o levava a uma amarga constatação. Marcus Dupayne procurava um emprego que lhe conferisse prestígio e o aliviasse da monotonia da reforma. Se o homem tivesse sido mais bem-sucedido e houvesse obtido um título, a direcção de uma empresa da City ou de uma comissão oficial estaria à sua espera. Calder-Hale interrogou-se sobre o que correria mal. Provavelmente, nada que Dupayne pudesse evitar: uma mudança de governo, as preferências de um novo secretário de Estado ou de um novo ministro, uma alteração na hierarquia. Quem ficava com o melhor cargo dependia, não raras vezes, de uma questão de sorte.

Já não estava tão certo quanto ao motivo por que Caroline Dupayne queria que o museu continuasse. Talvez algo relacionado com o seu desejo de preservar o nome da família. Além do mais, Caroline servia-se do apartamento, o que lhe permitia sair da escola. E estaria sempre contra Neville. Tanto quanto Calder-Hale se lembrava, houvera constantemente um forte antagonismo entre os dois irmãos. Como nada sabia sobre a infância deles, podia apenas imaginar as origens daquela irritação mútua, exacerbada pelas atitudes de cada um em relação ao trabalho do outro. Neville não fazia segredo do seu desprezo por tudo o que Swathling's representava, enquanto a irmã exprimia o seu descrédito pela psiquiatria.

Nem sequer é uma disciplina científica dizia ela, mas apenas o último recurso dos desesperados ou a indulgência, tão em moda, em relação às neuroses. Os psiquiatras não

conseguem sequer descrever a diferença entre cérebro e mente de uma forma que faça sentido. Provavelmente, causaram mais danos, nos últimos cinquenta anos, do que qualquer outro ramo da medicina e, se podem ajudar os pacientes, hoje em dia, foi porque a neurologia e os laboratórios farmacêuticos lhes forneceram as ferramentas necessárias. Sem os seus pequenos comprimidos, vocês estariam onde estavam há vinte anos.

Não iria haver um consenso entre Neville e Caroline Dupayne quanto ao futuro do museu, e Calder-Hale julgava saber qual das duas vontades prevaleceria. Não que isso alterasse o encerramento do museu. Se o novo locatário tivesse pressa em instalar-se, seria uma tarefa gigantesca, uma corrida contra o tempo, cheia de entraves e de complicações financeiras. E, sendo o conservador, era de esperar que ele tivesse de aguentar as consequências de tal combate. Por outro lado, o encerramento do museu poria termo a toda e qualquer esperança de acabar o seu livro.

A Inglaterra alegrara-se com um belo Outono, mais típico das suaves vicissitudes primaveris do que do lento declínio do ano até à sua decrepitude multicolor. Subitamente, o céu, que até então havia sido uma extensão de um azul-claro, escurecera com uma grande nuvem tão negra como o fumo de uma fábrica. As primeiras gotas de chuva começaram a cair e Calder-Hale mal teve tempo para abrir o guarda-chuva antes que ficasse molhado pelo forte aguaceiro. Era como se o peso acumulado do precário fardo da nuvem se houvesse esvaziado em cima da sua cabeça. Existia um pequeno maciço de árvores a poucos metros, e abrigou-se sob um castanheiro-da-índia, disposto a esperar pacientemente que o céu se desanuviasse. Por cima dele, os escuros troncos da árvore tornavam-se visíveis por entre as folhas amarelecidas e, erguendo o olhar, sentiu as gotas caírem-lhe no rosto. Perguntou a si próprio por que motivo era tão agradável sentir na pele aqueles pequenos salpicos que secavam rapidamente. Talvez não fosse mais do que o reconforto por saber que ainda conseguia sentir prazer com as espontâneas bênçãos da existência. Há muito que os prazeres físicos mais grosseiros, intensos e urgentes haviam perdido o

seu atractivo. Agora, que a falta de apetite se tornara evidente e o sexo uma necessidade raramente premente e um alívio que ele podia conceder a si próprio, ainda podia regozijar-se, ao menos, com a queda de uma gota de chuva no rosto.

Foi então que avistou a casa de Tally Glutton. Havia subido aquele caminho estreito que partia do Heath inúmeras vezes durante os últimos quatro anos, mas sentia-se surpreendido sempre que avistava a casa. Parecia confortavelmente enquadrada por uma orla de árvores e, no entanto, constituía um anacronismo. Talvez o arquitecto do museu, forçado, em virtude dos caprichos do seu proprietário, a fazer uma réplica exacta do século xviii para a casa principal, houvesse dado azo às suas preferências, quando desenhara a vivenda. Situada por trás do museu e fora do alcance da vista de quem nele se encontrasse, o seu cliente não devia ter ficado muito perturbado com o facto de aquela casa estar em discordância com o resto. Parecia uma ilustração tirada de um livro de histórias para crianças, com as duas janelas de sacada no piso térreo, de cada lado de um pórtico saliente, outras duas janelas simples no primeiro andar, por baixo do telhado, o jardim fronteiro com um carreiro pavimentado e, de cada lado, uma extensão de relva e uma sebe baixa de alfeneiros. No meio de cada um dos relvados que ladeavam a entrada, havia um canteiro oblongo e mais elevado, onde Tally Glutton plantara os seus habituais cíclames brancos e os seus amores-perfeitos roxos.

Ao aproximar-se do portão do jardim, avistou Tally por trás das árvores. Vestia a velha gabardina que usava para cuidar do jardim e trazia nas mãos um cesto e uma pá côncava. Calder-Hale havia-lhe dito, se bem que não recordasse quando, que, embora ela tivesse sessenta e quatro anos, parecia mais nova. O seu rosto, de tez um pouco áspera, começava a revelar as rugas da idade, mas era bondoso, com olhos vivos por trás dos óculos. Era uma mulher feliz, mas não dada, afortunadamente, àquela jovialidade resoluta e desesperada com que algumas pessoas de idade tentam desafiar o desgaste dos anos.

Sempre que Calder-Hale entrava nos terrenos do museu, depois de caminhar pelo Heath, passava pela casa de Tally, para ver se ela lá estava. Se fosse de manhã, esperava-o um café 77 se fosse de tarde, esperava-o chá e bolo inglês. Aquela rotina começara uns três anos antes, quando Calder-Hale fora apanhado por uma tempestade violenta sem guarda-chuva e chegara à casa de Tally com o casaco encharcado e as calças empapadas. Ela vira-o da janela e saíra, oferecendo-lhe uma oportunidade de secar as calças e tomar uma bebida quente. A preocupação que revelara pela sua aparência sobrepusera-se à timidez que podia sentir, e Calder-Hale recordava, com um sentimento de gratidão, o bem-estar proporcionado pelo calor do falso lume a carvão e pelo café quente, avivado por umas gotas de uísque que ela lhe dera. No entanto, não voltara a convidá-lo a entrar em sua casa e Calder-Hale apercebera-se de que Tally não queria levá-lo a pensar que era uma mulher só, ansiosa por ter companhia, ou que pretendia impor-lhe uma obrigação. Assim, era sempre ele que batia à porta ou a chamava, apesar de não ter quaisquer dúvidas de que as suas visitas eram sempre bem-vindas.

Agora, enquanto esperava que ela se aproximasse, inquiriu:

Estou muito atrasado para um café?

Claro que não, Mister Calder-Hale. Estive a plantar bolbos de narciso entre cada aguaceiro. Acho que ficam melhor por baixo das árvores. Tentei plantá-los nos canteiros, mas parecem tão deprimentes, depois de as flores murcharem... Mistress Faraday disse-me que temos de deixar as folhas até amarelecem, porque, se as arrancarmos ou cortarmos, não teremos flores. O problema é que isso demora muito tempo...

Seguiu-a até ao pórtico, ajudou-a a despir a gabardina e esperou, enquanto Tally se sentava no

banco estreito, tirava as botas e calçava as pantufas. Só depois a acompanhou pelo estreito corredor até à sala de estar.

Enquanto ligava o aquecimento, Tally comentou:

As suas calças parecem muito molhadas. E melhor sentar-se aqui para que sequem. Eu não me demoro muito a preparar o café.

Calder-Hale esperou, recostando a cabeça no espaldar alto da poltrona e esticando as pernas em direcção à fonte de calor. Sobrestimara a sua força e fora uma longa caminhada. Agora, contudo, o seu cansaço era quase agradável. Além do seu gabinete

78 aquela sala era uma das poucas em que ele podia sentar-se sem sentir uma certa tensão. E como Tally tornara a sala aprazível. Era confortável, sem grande ostentação. Não estava demasiado decorada e atulhada de objectos nem era feminina de mais. A lareira, original, era tipicamente vitoriana, com um rebordo azul de porcelana de Delft e uma cobertura ornamental de ferro. A poltrona de couro onde ele repousava, com espaldar acolchoado e braços confortáveis, era perfeita para a sua estatura. Em frente, havia uma poltrona parecida, mas mais pequena, onde Tally costumava sentar-se. De cada lado da lareira, os nichos com estantes continham livros de história e sobre a cidade de Londres. Calder-Hale sabia que a capital era a grande paixão de Tally, como ficara a saber, por conversas anteriores, que ela também gostava de biografias e de autobiografias; os poucos exemplares de romances, encadernados a couro, que se viam nas estantes eram grandes clássicos. A meio da sala, achava-se uma mesa circular e pequena, e duas cadeiras Windsor altas; era ali que Tally costumava comer. Calder-Hale vislumbrara pela porta entreaberta, no lado direito do corredor, uma mesa quadrada de madeira, com quatro cadeiras de espaldar alto, no que devia ser a sala de jantar. Nunca encontrara uma pessoa desconhecida naquela casa e parecia que a vida de Tally estava confinada às quatro paredes da sala de estar. A janela, virada para sul, tinha um peitoril largo, onde se encontrava a sua colecção de violetas-africanas, em tons de púrpura, que iam do pálido ao escuro, raiadas de branco.

Tally trouxe o café e os biscoitos. Ele levantou-se com alguma dificuldade e avançou para lhe tirar o tabuleiro das mãos. Inalando o reconfortante aroma, sentiu-se admirado por sentir tanta sede.

Quando estavam juntos, Calder-Hale costumava falar do que lhe vinha à cabeça. Suspeitava que, tal como no seu caso, só a crueldade e a estupidez chocavam Tally. Do que porventura sentisse, nada havia que não pudesse dizer-lhe. Por vezes, a sua conversa parecia um solilóquio, mas as respostas de Tally eram sempre bem-vindas e frequentemente surpreendentes.

Deprime-a limpar e varrer o pó da Sala do Crime, com todos aquelas fotografias de mortos? perguntou.

Penso que me habituei a eles. Não quer dizer que os considere meus amigos. Seria um disparate, mas fazem parte do museu. Quando vim trabalhar para aqui, costumava pensar no que haviam sofrido as vítimas ou no que os próprios criminosos tinham sofrido, mas isso nunca me deprimiu, até porque, para eles, está tudo acabado, não é assim? Fizeram o que fizeram, pagaram por isso e partiram. Agora, já não sofrem. Já há tanto que lamentar neste mundo em que vivemos, que de nada serviria lamentar erros passados. No entanto, por vezes interrogo-me para onde foram eles todos, não apenas os assassinos e as suas vítimas, mas todas as pessoas cujas fotografias se encontram no museu. Costuma fazer essa pergunta a si próprio?

Não, porque sei a resposta. Morremos como animais, das mesmas causas e, à excepção de uns poucos felizardos, com o mesmo sofrimento.

Então, é esse o fim?

Sim. É um alívio, não acha?

Portanto, o que fazemos, a forma como agimos não importa, a não ser nesta vida?

Onde mais podia importar, Tally? Já acho muito difícil comportar-me com uma decência aceitável, aqui e agora, sem ter de me atormentar com a necessidade de obter os bónus celestiais que me darão acesso a um além imaginário.

Tally pegou na chávena dele para a encher de novo.

No meu caso, penso que é o resultado de ter frequentado a catequese e ido à igreja duas vezes todos os domingos. A minha geração ainda acredita, pelo menos em parte, que será chamada a prestar contas pelo que fez neste mundo.

Talvez assim seja, mas o julgamento será aqui, num tribunal da Coroa, em que o juiz usará peruca. E, com um mínimo de inteligência, a maioria dos seres humanos geralmente consegue evitá-lo. Mas o que imaginava? Um grande livro de contabilidade, com colunas de débito e de crédito, onde o anjo dos registos anotasse tudo?

Falara afavelmente, como sempre. Tally Glutton sorriu.

Algo parecido admitiu. Quando tinha cerca de oito anos, pensava que esse livro era parecido com um livro

de contabilidade encarnado e muito grande que o meu tio usava na loja. Tinha Contabilidade escrito, a preto, na capa e as margens das páginas eram encarnadas.

Bom, a fé tem a sua utilidade social. Não pode dizer-se que tenhamos descoberto um substituto eficaz para a fé. Agora, somos nós que construímos a nossa própria moralidade: O que eu quero está correcto e tenho direito a obtê-lo. As gerações mais velhas ainda podiam estar sobrecarregadas pela memória folclórica da culpa judaico-cristã, mas esse sentimento desapareceu com as gerações seguintes.

Ainda bem que não estarei viva para passar por isso.

Calder-Hale sabia que Tally não era ingénua, mas ela sorriu-lhe, com o seu rosto sempre sereno. Fosse qual fosse a sua moralidade privada, se não ia muito mais além da bondade e do bom senso e por que raio haveria de ir? de que mais precisava ela ou qualquer outra pessoa?

Suponho que um museu é uma celebração da morte replicou Tally. As vidas dos mortos, os objectos que fizeram, as coisas que consideraram importantes, as suas roupas, as suas casas, as suas comodidades diárias, a sua arte...

Não. Um museu celebra a vida contrapôs Calder-Hale. Fala da existência individual e de como foi vivida. Fala também da vida conjunta de diferentes épocas, de homens e mulheres que organizaram as suas sociedades. Foca a perpetuação da vida da espécie *Homo sapiens*. Ninguém que tenha alguma curiosidade pode detestar um museu.

Eu gosto muito de museus murmurou Tally, mas porque julgo viver no passado. Não o meu próprio passado, que foi vulgar e muito pouco excitante, mas o passado de todas as pessoas que nasceram em Londres antes de mim. Nunca me sinto só, quando entro num museu. Nem ninguém o consegue.

Até passear ao longo do Heath constituía uma experiência diferente para cada pessoa, pensou Calder-Hale. No seu caso, reparava na mudança das árvores, no céu e gostava de sentir a turfa macia sob os seus pés, ao passo que Tally imaginava as lavadeiras da época Tudor a tirar proveito das nascentes de água límpida e a pendurar as suas roupas sobre as giestas para 81 que secassem, enquanto as carruagens saíam dos prostíbulos da cidade, na altura da peste bubónica e do grande incêndio, para se refugiar na parte alta de Londres, e Dick Turpin esperava, montado no seu cavalo, escondido entre as árvores.

Tally levantou-se para levar o tabuleiro para a cozinha. Calder-Hale também se levantou para lho tirar das mãos. Ao fitar o rosto dele, deixou transparecer, pela primeira vez, uma expressão preocupada.

Estará presente na reunião de quarta-feira, em que se decidirá o futuro do museu? perguntou.

Não, Tally, não estarei presente. Não sou um dos fiduciários, que são só três, os irmãos Dupayne. Não nos disseram nada. Tudo não passa de rumores.

Mas pode mesmo ser encerrado?

Será encerrado, se o Neville Dupayne levar a sua avante.

Porquê? Ele não trabalha lá. Raramente aparece no museu, excepto à sexta-feira, quando vem buscar o carro. Nunca se interessou por ele. Porque haveria de se interessar agora?

Porque odeia o que considera ser a nossa obsessão nacional pelo passado. Está demasiado envolvido nos problemas do presente. O museu é um escape conveniente para esse ódio. O pai dele fundou e gastou uma fortuna com o museu, que tem o nome da família. É óbvio que o Neville quer livrar-se de muito mais do que apenas do museu em si.

E pode?

Sim, pode. Se ele não assinar o novo contrato de arrendamento, o museu será encerrado. Mas, se fosse a si, não me preocuparia. A Caroline Dupayne é uma mulher determinada e duvido que o Neville consiga fazer-lhe frente. Tudo o que ele tem de fazer é assinar uma folha de papel.

A absurdidade das suas palavras chocaram-no, mal as pronunciou. Desde quando uma assinatura se tomara irrelevante? Pessoas haviam sido condenadas ou ilibadas mercê da assinatura de um nome. Uma assinatura podia deserdar ou dar uma fortuna. Uma assinatura escrita ou negada podia fazer a diferença entre a vida e a morte. Era improvável que o mesmo se aplicasse

à assinatura de Neville Dupayne num novo contrato de arrendamento. Levando o tabuleiro para a cozinha, ficou contente por se afastar da expressão perturbada de Tally. Nunca a vira naquele estado. Foi então que se deu conta, de repente, da gravidade do que a esperava. Aquela casa, aquela sala de estar eram tão importantes para Tally como o seu livro era para ele. E tinha mais de sessenta anos. Apesar de não ser considerada velha, nos dias que corriam, não era idade para se procurar um novo emprego e uma nova casa. Ofertas não lhe faltariam, porque nunca fora fácil encontrar governantas de confiança, só que aquela casa e aquele emprego eram perfeitos para ela.

Experimentou um desconfortável sentimento de piedade e, depois, um momento de fraqueza física, tão súbita que teve de pousar o tabuleiro à pressa na mesa e descansar, o que lhe trouxe o desejo de que houvesse alguma coisa que pudesse fazer, de que pudesse depositar aos pés de Tally uma prenda só que resolvesse todos os seus problemas. Pensou, por segundos, na ridícula ideia de que podia instituí-la beneficiária do seu testamento, mas sabia que um tal gesto de excêntrica generosidade o ultrapassava. Mal podia chamar-lhe generosidade porque, quando chegasse a altura, ele não precisaria mais de dinheiro. Sempre gastara o que ganhara e havia legado o que lhe restava aos seus três sobrinhos no testamento, cautelosamente redigido pelo advogado da família, uns quinze anos antes. Não deixava de ser curioso que ele, que não nutria especial afecto pelos sobrinhos e raramente os via, se preocupasse com a opinião deles depois de morto. Vivera com conforto e quase sempre com segurança. E se conseguisse reunir forças para um último gesto, tão excêntrico quanto magnífico, que fizesse a diferença para outra pessoa?

Foi então que ouviu a voz dela.

Sente-se bem, Mister Calder-Hale?

Sim, Tally, sinto-me bem respondeu. Obrigado pelo café. E não se preocupe com a reunião de quarta-feira. Algo me diz que vai correr tudo bem.

Eram onze e meia. Como de costume, Tally limpou o museu, antes de abrir as suas portas e, naquele momento, a não ser que precisassem dela, não tinha mais tarefas a cumprir além de proceder a uma vistoria final, com Muriel Godby, antes de o museu encerrar, às cinco da tarde. Contudo, tinha que fazer em casa e passara mais tempo do que o habitual a conversar com Mr. Calder-Hale. Ryan, o rapaz que a ajudava nas limpezas mais pesadas e no jardim, chegaria com as suas sanduíches à uma da tarde.

Assim que os primeiros dias frios do Outono haviam começado, Tally sugerira a Ryan que almoçasse na casa dela. Durante o Verão, via-o encostado a uma árvore, com um saco ao lado. Mas, à medida que os dias foram arrefecendo, passara a comer na barraca onde guardava o cortador de relva, sentado num caixote virado ao contrário. Custava-lhe saber que o rapaz se submetia a tanto desconforto, mas, mesmo assim, hesitara quando lhe fizera a oferta, por não querer impor-lhe uma obrigação ou dificultar-lhe a possibilidade de ele recusar. O rapaz, contudo, aceitara com entusiasmo e, a partir daquela manhã, chegava pontualmente à uma, com o seu saco de papel e a sua lata de *Coca-Cola*.

Tally não tinha qualquer desejo de almoçar com ele porque isso lhe parecia uma invasão da sua própria privacidade, que lhe era tão querida e habituara-se a tomar uma refeição ligeira, ao meio-dia, para que tudo estivesse limpo e arrumado antes de Ryan chegar. Quando fazia sopa, deixava um

pouco para Ryan, especialmente nos dias mais frios, e ele parecia gostar. Depois, seguindo as instruções de Tally, ele fazia café para os dois café a sério e não aqueles grãos que se tiram de um frasco e servia-o. Nunca ficava mais do que uma hora e Tally habituara-se a escutar os passos dele no carreiro, às segundas, quartas e sextas, dias em que ele vinha trabalhar. Nunca se arrependera de haver feito o primeiro convite, mas sentia sempre um misto de alívio e de culpa às terças e quintas, por ter a manhã toda só para si.

Tal como lhe pedira, delicadamente, no primeiro dia, Ryan tirava as botas de borracha à entrada, pendurava o casaco e dirigia-se, em peúgas, para a casa de banho, onde se lavava antes de se juntar a Tally. Trazia entranhado no corpo o cheiro a terra, a relva e aquele ténue odor masculino de que ela gostava. Ficava espantada por ele parecer sempre tão limpo e frágil. As suas mãos, de ossos tão delicados como os de uma rapariga, contrastavam com os braços bronzeados e musculosos.

Tinha um rosto redondo, de faces firmes e tez levemente rosada e tão macia como camurça. Os seus grandes olhos castanhos, com pálpebras superiores descaídas, eram muito afastados, por cima de um nariz arrebitado e de um queixo fendido ao meio. Tinha o cabelo muito curto, o que revelava o formato redondo da cabeça. Para Tally, era o rosto de um bebé que os anos haviam tornado maior, mas que ainda não apresentava quaisquer marcas da experiência conferida pela idade adulta. Só os olhos de Ryan traíam a sua aparente inocência intocável. Podia erguer as pesadas pálpebras e fitar o mundo com olhos esbugalhados e uma descontração que desarmava qualquer um, ou lançar, de súbito, um olhar desconcertante, tão malicioso quanto inteligente. Aquela dicotomia espelhava o que ele sabia: pedaços soltos de sofisticação, que ele recolhia do mesmo modo como apanhava o lixo do caminho de entrada, combinados com uma espantosa ignorância acerca das áreas de conhecimento mais abrangentes que a geração de Tally aprendera antes de sair da escola.

Encontrara-o, depois de colocar um anúncio no quadro de ofertas de emprego de uma tabacaria local. Mrs. Faraday, a

voluntária responsável pelo jardim, queixara-se de que já lhe custava muito varrer as folhas mortas e podar alguns dos arbustos e as árvores mais novas. Fora ela que sugerira o anúncio, em vez de recorrerem ao centro de emprego da área. Tally dera o número de telefone da sua casa, mas não fizera qualquer referência ao museu. Quando Ryan lhe telefonara, entrevistara-o com Mrs. Faraday e ambas se haviam sentido inclinadas a pô-lo à experiência durante um mês. Antes de Ryan sair, Tally pedira-lhe referências.

Há alguém para quem tenhas trabalhado e que possa escrever uma carta de recomendação?

Trabalho para o major. Limpo as pratas, entre outras coisas, no seu apartamento. Vou pedir-lhe uma carta.

Não dera mais informações, mas, passados dois dias, Tally recebera uma carta com um endereço de Maida Vale.

Estimada Senhora,

O Ryan Archer disse-me que está a pensar oferecer-lhe um emprego de ajudante de jardineiro. Ele não é especialmente habilidoso, mas executou algumas tarefas domésticas satisfatoriamente e revela-se disposto a aprender, quando se interessa. Não possuo referências quanto às suas aptidões em jardinagem, se é que as tem, mas, pessoalmente, duvido que saiba distinguir um amor-perfeito de uma petúnia. Não é um exemplo de pontualidade, mas, quando chega, é capaz de trabalhar arduamente desde que sob vigilância. Diz-me a experiência que as pessoas ou são honestas ou desonestas, e quer num caso quer no outro, não há nada a fazer quanto a isso. O rapaz é honesto.

Com aquela carta de recomendação muito pouco entusiasta e a aprovação de Mrs. Faraday, Tally contratara-o.

Miss Caroline revelara pouco interesse e Muriel descartara toda e qualquer responsabilidade.

As contratações domésticas são da sua competência, Tally. Não desejo interferir. Miss Caroline aceitou que o rapaz recebesse o salário mínimo e pagar-lhe-ei do meu fundo para as despesas do museu, todos os dias, antes de ele sair. Como é evidente, pedir-lhe-ei um recibo. Se ele precisar de roupa de protecção para o seu trabalho, também posso fornecer dinheiro do fundo, mas é melhor ser você a comprá-la e não ele.

O rapaz poderá efectuar as limpezas mais duras, como limpar o chão, aqui, incluindo a escada, mas não o quero ver em mais nenhuma outra parte do museu sem ser sob vigilância.

O major Arkwright, que forneceu as suas referências, diz que ele é honesto explicara Tally.

Talvez seja, mas esse tal major também pode ser um fala-barato e não temos maneira de descobrir se os amigos do rapaz são honestos. Penso que seria melhor a senhora e Mistress Faraday fazerem um relatório formal dos progressos dele, depois do período experimental de um mês.

Tally pensara que, para alguém que não queria interferir nos assuntos domésticos, Muriel se comportara como ela já calculava, mas a experiência resultara. Ryan era, de facto, imprevisível nunca podia estar segura de que ele aparecesse à hora certa, mas fora-se tornando mais responsável à medida que os meses iam passando, sem dúvida porque precisava do dinheiro ao fim do dia. Muito embora não fosse um trabalhador entusiasta, também não era preguiçoso, e Mrs. Faraday, sempre tão difícil de contentar, parecia gostar do rapaz.

Naquela manhã, Tally fizera canja de galinha com os restos do jantar da véspera e Ryan sorvia-a com evidente prazer, aquecendo os dedos finos na caneca.

É precisa muita coragem para matar alguém? perguntou.

Nunca achei que os assassinos fossem pessoas corajosas, Ryan. E mais provável que sejam cobardes. Por vezes, é preciso muito mais coragem para não matar.

Não estou a compreender o que quer dizer com isso, Mistress Tally.

Nem eu. Foi apenas um reparo tolo, agora que penso nisso. É que o assassinio não é propriamente um assunto agradável...

Pode não ser agradável, mas é interessante. Já lhe disse que Mister Calder-Hale me guiou numa visita ao museu, na sexta-feira passada, de manhã?

Não, Ryan, não mo tinhas dito.

Ele viu-me a arrancar as ervas daninhas do canteiro da frente, quando chegou. Deu-me os bons-dias e perguntei-lhe:

87 Posso ver o museu? Ele respondeu: Podes, mas a questão é saber se deves. Por mim, não vejo qualquer problema. Disse-me, depois, que me limpasse e que fosse ter com ele ao átrio de entrada. Acho que Miss Godby não gostou da ideia, pelo olhar que me deitou.

Mister Calder-Hale foi muito gentil em levar-te a ver o museu. Trabalhas aqui e, portanto, parece-me natural que te dessem a oportunidade de visitá-lo.

Porque não pude vê-lo anteriormente e sozinho? Não confiam em mim?

Se não tinhas ainda visto o museu, isso não foi porque não confiássemos em ti. E que Miss Godby não gosta que as pessoas que não pagaram bilhete andem a vaguear pelas salas e isso aplica-se a toda a gente.

Não à senhora.

Nem podia aplicar-se, Ryan, porque tenho de limpar o museu.

Nem a Miss Godby.

Mas ela é a secretária e a recepcionista. Tem de ter liberdade para ir aonde quiser, caso contrário, o museu não funcionaria. Por vezes, Miss Godby tem de acompanhar os visitantes quando Mister Calder-Hale não está.

Ou quando ele não os considera suficientemente importantes, pensou Tally, mas não o disse.

Gostaste do museu? perguntou.

Gostei da Sala do Crime.

Meu Deus, pensou Tally. Bom, talvez não fosse assim tão surpreendente. Ryan não era o único visitante que passara mais tempo na Sala do Crime do que noutra qualquer.

Aquele baú de latão... Acha que é realmente o verdadeiro, onde enfiaram o corpo da Violette?

Penso que sim. O velho Mister Dupayne era muito meticoloso no que dizia respeito à proveniência das peças... Quero dizer que gostava de saber de onde vinham. Não faço ideia de como conseguiu obter algumas dessas peças, mas creio que dispunha de bons contactos.

Ryan tinha acabado a sua sopa e tirou as sanduíches do saco: fatias grossas de pão branco com o que parecia ser salame.

Quer dizer que, se eu tivesse levantado a tampa, teria visto manchas do sangue dela?

Não podes abrir a tampa, Ryan. É proibido tocar nas peças em exposição.

E se eu a tivesse levantado?

Provavelmente, verias uma mancha, mas ninguém pode garantir que se trate do sangue da Violette.

Mas podia ter sido analisado.

Julgo que o analisaram, mas, mesmo que seja sangue humano, isso não significa que fosse o sangue dela. Eles ainda não conheciam o ADN naquela altura. Ryan, não achas que esta conversa está a ficar muito mórbida?

Pergunto a mim mesmo onde estará ela agora...

Provavelmente, enterrada no átrio de uma igreja, em Brighton. Nem sei se alguém sabe onde repousam os seus restos mortais. A pobrezinha era uma prostituta e talvez não existisse dinheiro para lhe fazer um funeral decente. Talvez tenha sido enterrada no que se chama uma vala comum.

Mas teria sido mesmo assim?, interrogou-se Tally. Talvez a celebridade a houvesse elevado ao nível daqueles que são dignificados depois da morte. Talvez tivesse tido um funeral sumptuoso: cavalos com plumas pretas, multidões de curiosos a seguir o cortejo, fotógrafos dos jornais locais, ou até mesmo da imprensa a nível nacional. Como deveria ter parecido ridículo a Violette, quando era nova, anos antes de ser assassinada, se alguém lhe profetizasse que seria mais famosa depois de morta do que em vida, ou que, quase setenta anos depois de ser assassinada, uma mulher e um rapaz de um mundo muito diferente do dela falariam acerca do seu funeral.

Tally ergueu as sobrancelhas quando ouviu Ryan dizer:

Penso que Mister Calder-Hale só me convidou porque queria saber o que faço aqui.

Mas ele sabe o que fazes, Ryan. Sabe que és jardineiro a tempo parcial.

Ele queria saber o que eu fazia nos outros dias.

E que foi que lhe disseste?

Disse-lhe que trabalhava num bar perto de **King's** Cross.

E é verdade, Ryan? Pensava que trabalhavas para o major.

E trabalho, mas não falo da minha vida a qualquer pessoa.

Cinco minutos depois, enquanto o observava a calçar os sapatos, deu-se conta mais uma vez do pouco que sabia a respeito do rapaz. Revelara-lhe que estivera num internato, mas não porquê nem onde. Às vezes, dizia-lhe que vivia numa casa abandonada, noutras, que ficava em casa do major. Se ele era reservado, ela também o era... assim como todos os que trabalhavam no museu. Trabalhamos juntos, vemo-nos uns aos outros quase todos os dias, conversamos, temos um objectivo comum, mas, no íntimo de cada um de nós, encontra-se um ser desconhecido, pensou Tally.

à

Era a última visita domiciliária do Dr. Neville Dupayne naquele dia e também a que mais temia. Mesmo antes de estacionar e fechar o carro, começara já a ganhar coragem para o suplício de fitar os olhos de Ada Gearing, que se fixariam nos seus com uma súplica muda, assim que ela abrisse a porta. Os poucos degraus que conduziam ao corredor do primeiro andar pareciam tão cansativos como se o levassem ao último andar. Esperaria à porta, como sempre. Albert, mesmo na sua fase catatônica, reagia ao toque da campainha da porta da frente, por vezes, com um terror que o deixava trémulo e colado à poltrona, outras, levantando-se com uma espantosa velocidade e empurrando a mulher para ser o primeiro a chegar à porta. Depois, seriam os olhos de Albert que fitariam os seus; olhos velhos que, no entanto, eram capazes de brilhar com emoções tão distintas como o medo, o ódio, a suspeita e o desespero.

O Dr. Neville quase desejava que fosse Albert a recebê-lo desta vez. Atravessou o corredor até à porta, munida de um óculo e duas fechaduras de segurança, para além da grade metálica colocada na parte exterior da única janela. Supunha que era a forma mais barata de ter alguma protecção, mas todo aquele aparato sempre o preocupava. Se Albert deitasse fogo ao apartamento, a única saída seria a porta. Deteve-se antes de tocar. Começara já a anoitecer. Com que rapidez, assim que se atrasavam os relógios para o horário de Inverno, o dia se desvanecia e a noite chegava. Os candeeiros de rua já estavam acesos e, erguendo o olhar, viu o imenso bloco de prédios, alto

e imponente, como um transatlântico ancorado na escuridão.

Sabia que era impossível tocar à campainha sem fazer barulho; mesmo assim premiu gentilmente o botão. Não teve de esperar mais do que o costume. Ada teria de certificar-se de que Albert estava sentado na sua poltrona e que se acalmara, depois do sobressalto que o toque da campainha lhe provocava. Passado um minuto, ouviu o ruído irritante dos ferrolhos, e Ada abriu a porta. De imediato, ele inclinou a cabeça de forma quase imperceptível, para a cumprimentar, e entrou. Ada fechou e trancou novamente a porta.

Seguindo-a pelo curto corredor, o Dr. Neville anunciou:

Lamento muito. Telefonei para o hospital, antes de sair, e ainda não há vagas na unidade especial, mas o Albert é o primeiro na lista de espera.

Já há oito meses que ele está nessa lista, doutor. Dá a ideia de que estamos à espera de que alguém morra para termos uma vaga.

De facto, dá essa ideia concordou o Dr. Neville.

Havia seis meses que tinham aquela mesma conversa. Antes de entrar na sala de estar e de pousar a mão no puxador, perguntou:

Como é que estão as coisas?

Ada sempre se mostrara relutante em falar do marido, enquanto ele se mantinha sentado, ali, aparentemente alheio e surdo a tudo.

Hoje, está calmo. Tem andado calmo toda a semana, mas, na quarta-feira passada, quando a assistente social veio visitar-nos, fugiu antes que pudesse deitar-lhe a mão. E muito rápido, quando o seu estado lhe dá para isso. Desceu os degraus e saiu para a rua antes que conseguíssemos apanhá-lo. Foi uma luta para o trazer de volta. As pessoas olharam para nós, por não sabermos o que estávamos a fazer, ao agarrar um homem idoso daquela forma. A assistente social ainda tentou persuadi-lo, falando-lhe docilmente, mas ele não quis ouvi-la. É isso que me aterroriza: que, um dia, ele saia para a rua e seja atropelado.

E era, realmente, o que Ada mais temia, pensou o Dr. Neville. A irracionalidade daquele temor por parte de Ada provocava-lhe um misto de tristeza e de irritação. O marido dela estava a ser sugado para o fundo do pântano que constituía a doença de Alzheimer. O homem com quem ela se casara tornara-se um estranho, com um comportamento instável, por vezes violento, incapaz de lhe proporcionar companheirismo ou de a apoiar. Ela estava fisicamente exausta por tentar tratá-lo, mas era o seu marido e vivia aterrorizada pelo receio de que ele pudesse sair para a rua e fosse atropelado.

A pequena sala de estar, com as cortinas floridas presas de cada lado da janela, os móveis velhos, o fogão a gás antigo mas sólido, devia ter o mesmo aspecto quando os Gearing haviam ido viver para ali. Só que, agora, a um canto, havia um televisor de ecrã gigante e, por baixo, um vídeo. E o Dr. Neville sabia que a protuberância no bolso do avental de Ada Gearing era o seu telemóvel.

Pôs a cadeira do costume entre eles. Reservara a meia hora de sempre para passá-la com o casal. Não fora portador de boas novas e não havia nada que pudesse fazer para os ajudar que já não tivesse feito, mas, ao menos, podia conceder-lhes algum do seu tempo. Faria o que sempre fazia: ficaria tranquilamente sentado como se tivesse todo o tempo do mundo, e escutaria. A sala estava muito aquecida, o que tornava o ambiente desconfortável. O fogão a gás deixava escapar um calor sibilante, que quase lhe queimava as pernas e lhe fazia secar a garganta. No ar, pairava um odor agriço e forte, composto pelo cheiro a suor, a comida frita, a roupas sujas e a urina. Ao inalá-lo, quase lhe parecia conseguir detectar cada um dos diferentes cheiros.

Sentado na sua poltrona, Albert mantinha-se imóvel. Tinha as mãos, de dedos nodosos, crispadas nas extremidades dos braços da poltrona e os seus olhos semicerrados fitavam o psiquiatra com uma extraordinária malevolência. Usava pantufas velhas, calças de desporto largas, azuis com uma risca branca ao longo de cada perna, e o casaco do pijama por baixo de outro, de lã, cinzento e muito comprido. O Dr. Neville perguntou a si mesmo quanto tempo teria sido necessário para Ada e a ajudante o vestirem.

93

Mistress Nugent continua a vir auxiliá-la? perguntou, consciente da futilidade da sua pergunta.

Então, Ada começou a falar com toda a liberdade, sem se preocupar com a eventualidade de que o marido pudesse compreender o que dizia. Talvez tivesse começado a dar-se conta, finalmente, de como eram inúteis aquelas conversas sussurradas do outro lado da porta da sala de estar.

Oh, sim, continua a ajudar-me. Agora, vem todos os dias. Nunca conseguiria suportar tudo isto sem ela. E um tormento, doutor. Quando o Albert está pior, diz-lhe coisas terríveis e ofensivas acerca de ela ser negra. E horrível... Sei que não o faz de propósito e que isso se deve à sua doença, mas Mistress Nugent não devia ter de sujeitar-se a ouvi-las. O Albert não costumava ser assim. E ela é tão bondosa... Não se ofende, mas tudo isso me aborrece. Como se não bastasse, Mistress Morris, a vizinha do lado, ouviu o Albert proferir aqueles disparates e disse-me que, se alguém da Segurança Social o descobrir, poderá levar-nos a tribunal por sermos racistas e obrigar-nos a pagar uma multa. Afirmo que nos vão tirar Mistress Nugent e que se certificarão de que não possamos ter outra pessoa, negra ou branca, para nos ajudar. E talvez Mistress Nugent esteja farta, e vá para outro sítio onde não tenha de ouvir coisas tão feias. Não a censuraria... A Ivy Morris tem razão. Podemos ir a tribunal sob acusação de sermos racistas. É o que vem nos jornais. E como é que eu poderei pagar a multa? O dinheiro já mal chega para as despesas...

As pessoas da idade e da classe social de Ada eram demasiado orgulhosas para se queixar da sua pobreza. O facto de ela haver mencionado a questão financeira, pela primeira vez, revelava a

dimensão da sua ansiedade.

Ninguém vai levá-la a tribunal replicou o Dr. Neville, com voz firme. Mistress Nugent é uma mulher experiente e sensata. Está a par da doença do Albert. Quer que eu fale com a assistente social?

Faria isso por mim, doutor? Será melhor se for o senhor a falar com ela. Ando tão nervosa... De cada vez que ouço bater à porta penso que é a polícia...

Nunca será a polícia.

O Dr. Neville ficou mais vinte minutos. Como de tantas outras vezes, ouviu Ada falar do desespero que sentia ante a possibilidade de lhe tirarem Albert. Sabia que não conseguia tratar dele, mas algo talvez a recordação dos votos matrimoniais que fizera era mais forte do que a sua necessidade de ajuda. E, mais uma vez, o Dr. Neville tentou assegurar-lhe de que Albert teria uma vida muito melhor na unidade especial do hospital, que receberia todos os cuidados médicos que não podia ter em casa, que ela poderia visitá-lo quantas vezes quisesse e que, se fosse capaz de compreender alguma coisa, Albert compreenderia tal decisão.^f

Talvez replicou Ada, mas seria ele capaz de me perdoar?

De que servia convencer aquela mulher de que não tinha de se sentir culpada, pensou o Dr. Neville. Ela continuaria sempre presa a duas emoções dominantes: o amor e a culpa. Que poder tinha ele, dando-lhe a sua opinião baseada numa sabedoria laica e imperfeita, para a aliviar de algo tão enraizado e elementar?

Ada fez chá para o Dr. Neville, antes de ele se ir embora. Fazia sempre chá, mas ele recusava gentilmente. Depois, teve de reprimir a sua impaciência enquanto Ada tentava convencer Albert a beber chá, espicaçando-o como se fosse uma criança. Por fim, contudo, sentiu que podia partir.

Telefonarei para o hospital amanhã disse, ao despedir-se e informá-la-ei de imediato, se houver novidades.

À soleira da porta, Ada fitou-o.

Não creio que consiga aguentar muito mais tempo... declarou ela.

Foram as últimas palavras que pronunciou, enquanto a porta se fechava entre eles. O Dr. Neville saiu para o frio da noite e ouviu, pela última vez, o ruído irritante dos ferrolhos.

Tinham acabado de dar as sete horas. Na sua minúscula mas imaculada cozinha, Muriel Godby fazia biscoitos. Desde que trabalhava no Dupayne, era seu hábito fazer biscoitos para o chá de Miss Caroline, quando ela estava no museu, e para as reuniões mensais dos fiduciários. Sabia que a reunião do dia seguinte seria crucial, mas isso não era motivo para alterar a sua rotina. Caroline Dupayne gostava de biscoitos amanteigados, que ficassem delicadamente estaladiços e com um tom castanho-pálido. Já haviam ido ao forno e, naquele momento, estavam a arrefecer numa prateleira. Muriel Godby concentrou-se nos preparativos dos biscoitos com recheio de chocolate. Achava que eram menos apropriados para o chá dos fiduciários; o Dr. Neville tendia a encostá-los ao rebordo da chávena de chá para que o chocolate derretesse, mas Mr. Marcus apreciava aqueles biscoitos e ficaria desapontado se ela não lhos levasse.

Dispôs todos os ingredientes como se estivesse a proceder a uma lição de culinária num programa televisivo: avelãs, amêndoas escaldadas, cerejas cristalizadas, passas e raspas de limão picadas, um quadrado de manteiga, açúcar em pó, natas e uma tablete do melhor chocolate preto. Enquanto picava os ingredientes, foi visitada por uma sensação fugaz e misteriosa, uma agradável fusão da mente e do corpo que nunca experimentara antes de ir trabalhar para o Dupayne. Aparecia raramente, de forma inesperada, e assemelhava-se a um leve formigueiro. Muriel supunha que aquela sensação expressava a

felicidade. Fez uma pausa, com a faca pousada sobre as avelãs, e deixou que aquela sensação seguisse o seu curso. Seria aquilo que as pessoas sentiam, durante quase toda a vida, até mesmo durante uma parte da infância? Nunca fizera parte da sua. A sensação desapareceu e, sorrindo, continuou a picar os ingredientes.

Para Muriel Godby, a sua juventude, até aos dezasseis anos, resumira-se a viver confinada numa prisão sem barreiras, por via de uma sentença da qual não havia recurso e por um delito nunca explicado de forma precisa. Aceitara os parâmetros, tanto mentais como físicos, do seu encarceramento: a casa quase isolada, da década de trinta, num insalubre subúrbio de Birmingham, com a sua fachada, a imitar o estilo Tudor, com as vigas de madeira entrecruzadas, e o pequeno jardim, com as sebes altas que o protegiam da curiosidade dos vizinhos. Aqueles limites estendiam-se à escola secundária à qual ela chegava em dez minutos, depois de atravessar o parque municipal, com os seus canteiros matematicamente exactos e as suas mudanças previsíveis de flores: narcisos, na Primavera, gerânios, no Verão, dalias, no Outono. Aprendera desde cedo que a lei da sobrevivência, na prisão, consistia em ser discreta e evitar sarilhos.

O seu pai era o carcereiro, um homenzinho meticuloso e muito baixo, com a sua maneira de andar empertigada e o seu sadismo, um tanto envergonhado, que a prudência o obrigava a manter dentro dos limites toleráveis quando o aplicava às suas vítimas. Muriel encarara a mãe como uma companheira de reclusão, mas o infortúnio de ambas não suscitara nenhum sentimento de compaixão ou de piedade. Havia certos assuntos acerca dos quais era melhor não falar, silêncios que como as duas sabiam seriam catastróficos se fossem quebrados. Cada uma protegia a sua infelicidade com mãos cuidadosas, mantendo a distância, como se receassem ser contaminadas pela delinquência não especificada da outra. Muriel sobrevivera graças à coragem, ao silêncio e à sua oculta vida interior. Os triunfos das suas fantasias nocturnas eram sempre dramáticos e exóticos, mas não se iludia, ciente de que pertenciam ao mundo do faz-de-conta e eram apenas

97

expedientes úteis para tornar a vida mais tolerável e não indulgências que pudessem ser confundidas com a realidade. Fora daquela prisão havia um mundo real e, um dia, ela sairia em liberdade e herdá-lo-ia.

Crescera, sabendo que o seu pai só amava a filha mais velha. Quando Simone fizera catorze anos, a obsessão mútua entre pai e filha achava-se de tal forma estabelecida, que nem Muriel nem a mãe questionavam a supremacia de ambos. Era Simone que recebia as prendas, os mimos, as roupas novas, ou que ainda saía nos fins-de-semana com o pai. Quando Muriel se deitava na cama do seu pequeno quarto, situado nos fundos da casa, ouvia o murmurar das suas vozes e as risadas, quase histéricas, de Simone. A mãe era a criada dos dois, mas sem receber qualquer salário. Talvez ela também atendesse às necessidades do marido e da filha mais velha, com o seu voyeurismo involuntário.

Muriel não sentia inveja nem rancor. Simone nada tinha que ela quisesse. Ao completar os catorze anos, Muriel apercebera-se da data da sua libertação: o dia do seu décimo sexto aniversário. Depois, só teria de certificar-se de que era capaz de se sustentar sozinha e de que nenhuma lei poderia obrigá-la a voltar para casa. A mãe, talvez dando-se conta finalmente de que não tinha vida própria, deixara-a com a discreta incompetência que havia caracterizado o seu papel de dona de casa e de mãe. Uma leve pneumonia não era fatal, a não ser para aqueles que não tinham qualquer desejo de combatê-la. Ao ver a mãe dentro do caixão, na capela do eterno descanso da agência funerária um eufemismo que provocara raiva e um sentimento de impotência em Muriel, deparara com o rosto de uma estranha, que, aos seus olhos, parecia ostentar um sorriso de um contentamento secreto. Era uma forma de libertação, mas não seria a sua.

Nove meses mais tarde, no dia em que completou dezasseis anos, Muriel saiu de casa, deixando Simone e o pai entregues ao seu mundo simbiótico de olhares cúmplices, de breves toques *e* de prendas infantis. Desconfiava, embora não tivesse a certeza nem isso lhe interessasse, do que eles faziam juntos. Não os avisou da sua intenção. O bilhete que deixou ao pai,

98

1

colocado com todo o cuidado no centro da prateleira do fogão de sala, limitava-se a informar que ela saía de casa para arranjar emprego e cuidar de si própria. Conhecia as suas qualidades, mas estava menos ciente das suas limitações. Apresentou-se no mercado do trabalho com seis respeitáveis notas que tivera no ensino secundário, a sua grande habilidade como dactilógrafa e estenógrafa, um cérebro disposto a aprender novas tecnologias, a sua inteligência e a sua meticulosidade. Viajou para Londres com o dinheiro que havia economizado desde os catorze anos, encontrou um quarto cujo aluguer podia pagar e começou a procurar emprego. Estava preparada para oferecer lealdade, dedicação e energia, e sentiu-se ofendida quando percebeu que tais atributos eram menos valorizados do que outros, mais sedutores: uma aparência física atraente, um bom humor gregário e vontade de agradar. Encontrava trabalho facilmente, mas não ficava muito tempo em nenhum emprego. Invariavelmente, saía por mútuo acordo. Era demasiado orgulhosa para protestar ou fazer valer os seus direitos, quando os patrões a chamavam e sugeriam que seria mais feliz num emprego onde dessem mais valor às suas qualificações. Forneciam-lhe boas referências, elogiando as suas virtudes. Os motivos do seu despedimento eram tacitamente omitidos, porque, na verdade, todos ignoravam quais fossem.

Nunca mais vira o pai e a irmã nem tivera notícias deles. Doze anos depois de sair de casa, ambos estavam mortos. Simone suicidara-se, e, duas semanas depois, o pai tivera um ataque cardíaco. A notícia, dada pelo advogado do pai por carta, demorara seis semanas a chegar. Muriel sentira apenas esse pesar, vago e indolor, que a tragédia alheia pode provocar em determinadas ocasiões. Ficara, contudo, surpreendida pelo facto de a irmã ter encontrado a coragem necessária para decidir morrer de uma forma tão dramática. Mas aquelas mortes mudaram a vida de Muriel. Como não houvesse outros parentes vivos, herdou a casa de família. Não voltou àquela casa, mas deu instruções a um agente imobiliário para que vendesse a propriedade e tudo o que continha.

A partir dali libertara-se da sua vida em quartos alugados. Encontrara uma casa de tijolo em South Finchley, junto a

99 um desses caminhos meio rurais que ainda existem, mesmo no interior dos subúrbios. Com janelas pequenas e feias e um telhado alto, era uma casa de aspecto desagradável mas de construção sólida e que oferecia uma razoável privacidade. Em frente, havia espaço para arrumar o carro, agora que podia permitir-se ter um. A princípio, limitara-se a acampar na propriedade, enquanto, semana após semana, ia adquirindo móveis em segunda mão, pintava as divisões e confeccionava as cortinas.

A sua vida profissional era menos satisfatória, mas enfrentara os maus tempos com coragem, uma virtude que nunca lhe faltara. O seu penúltimo emprego, como dactilógrafa e recepcionista em Swathling's, representara uma desqualificação do seu estatuto. No entanto, oferecia possibilidades e fora entrevistada por Miss Dupayne, que lhe havia insinuado que, com o tempo, talvez viesse a precisar de uma secretária pessoal. O emprego em Swathling's revelara-se um desastre. Muriel antipatizava profundamente com as alunas, por considerá-las estúpidas, arrogantes e mal-educadas, filhas mimadas dos *nouveaux riches*. Assim que as alunas se davam ao trabalho de reparar nela, a antipatia tornava-se mútua. Consideravam-na uma mulher introneteada, desagradável, feia, que não demonstrava a deferência que esperavam de uma inferior. Convinha-lhes ter um alvo para as suas queixas e as suas piadas; poucas eram maliciosas por natureza e havia até algumas que a tratavam com cortesia, mas nenhuma se opunha abertamente àquele desprezo geral. Até as mais dóceis se tinham habituado a tratá-la por HG, a sigla para horrível Godby.

Dois anos antes, as coisas haviam chegado a um ponto crítico: Muriel encontrara o diário de uma das alunas e guardara-o numa gaveta da sua secretária, à espera de poder devolvê-lo, quando a rapariga aparecesse na recepção e perguntasse se havia correio para ela. Muriel não vira nenhum motivo para procurar a dona do diário, mas a rapariga acusara-a de o guardar propositadamente.

Começara a gritar com Muriel, que se limitara a fitá-la com um frio desdém, ao ver que tinha o cabelo espetado e pintado de ruivo, uma argola dourada numa das abas do nariz e lábios muito pintados, que proferiam

obscenidades. Quando lhe tirara o diário das mãos, a rapariga sibilara as últimas palavras:

Lady Swathling pediu-me que lhe dissesse que quer vê-la no seu gabinete e eu sei porquê. Vai pô-la no olho da rua. Você não é o tipo de pessoa que serve para ser recepcionista desta escola. É uma mulher feia e estúpida e todas nós ficaremos felizes por vê-la partir.

Muriel permanecera sentada, em silêncio, e pegara na sua mala. Ia passar por mais uma rejeição. Apercebera-se de que Caroline Dupayne se aproximara dela. Fitou-a mas nada disse. Foi a mulher mais velha quem falou.

Acabo de estar com Lady Swathling. Creio que lhe ficaria bem tomar a iniciativa, Miss Godby. Está a desperdiçar as suas qualidades aqui; preciso de uma secretária e recepcionista no Museu Dupayne. O salário não será muito melhor, mas oferecer-lhe-á novas perspectivas. Se lhe interessa, sugiro que se dirija imediatamente ao gabinete de Lady Swathling e apresente a sua demissão antes que ela fale consigo.

E fora o que Muriel fizera. Por fim, havia encontrado um trabalho em que se sentia valorizada. Tomara a decisão certa. Encontrara a sua liberdade e, sem se dar conta, também en-

contrara o amor. Já passava das nove horas quando Neville Dupayne terminou a última visita e se dirigiu para o seu apartamento com vista para a Kensington High Street. Em Londres, conduzia um *Rover*, sempre que compromissos espaçados ou uma viagem pudessem sofrer demoras se utilizasse os transportes públicos. A sua paixão, o seu *Jaguar E-type*, encarnado, de 1963, estava guardado na garagem alugada do museu, onde ele ia buscá-lo todas as sextas-feiras, às seis horas. Tinha por hábito trabalhar até tarde, se necessário, de segunda a quinta, para poder ficar com o fim-de-semana livre e sair de Londres, algo que se tornara essencial para ele. Muito embora tivesse uma licença de residente para estacionar o *Rover*, era frustrante ter de dar voltas ao quarteirão até encontrar um lugar vago. O tempo instável voltara a mudar durante a tarde, e Neville atravessou a pé e sob uma chuva fina os cerca de cem metros que o levavam ao seu apartamento.

Vivia no último andar de um grande bloco de prédios do pós-guerra, arquitectonicamente indistintos mas bem conservados e práticos; as suas dimensões e enfadonha uniformidade, até mesmo as fileiras de janelas idênticas, muito próximas umas das outras, quais rostos anónimos e inexpressivos, pareciam garantir a privacidade que ele tanto desejava. Nunca pensava no apartamento como a sua casa, uma palavra que não tinha quaisquer conotações especiais para ele e que lhe seria difícil definir. Aceitava-a como um refúgio, com a sua paz primordial realçada pelos contínuos sons abafados da rua mo-

vimentada, cinco andares mais abaixo, e que lhe chegavam aos ouvidos, não como ruídos desagradáveis, mas antes como o marulhar ritmado de um oceano distante. Depois de fechar a porta atrás de si e de ligar o alarme, baixou-se para apanhar as cartas espalhadas na alcatifa, pendurou o casaco húmido, pousou a pasta, entrou na sala de estar e baixou as persianas que o protegiam das luzes de Kensington.

Era um apartamento confortável. Quando o comprara, cerca de quinze anos antes, depois de se mudar do centro de Inglaterra para Londres, quando o seu casamento chegara ao fim, dera-se ao trabalho de seleccionar o menor número de peças de mobiliário de *design* moderno e, com o passar do tempo, não sentira qualquer necessidade de mudar a sua escolha inicial. Gostava de ouvir música, de tempos a tempos, e comprara uma aparelhagem topo de gama, que lhe custara uma pequena fortuna. Não que sentisse grande interesse pela alta tecnologia. Só exigia que funcionasse eficazmente. Se um aparelho se avariava, substituí-a por outro modelo, uma vez que, para ele, era menos importante poupar dinheiro do que tempo, evitando assim a frustração que representava discutir com alguém. O telefone, um aparelho que ele tanto detestava, encontrava-se no vestíbulo; raramente atendia as chamadas, preferindo ouvir as mensagens gravadas, à noite. Aqueles que podiam precisar dele com urgência, incluindo a sua secretária, no hospital, tinham o número do seu telemóvel. Mais ninguém o conhecia, nem mesmo a filha nem os irmãos. O significado daquelas exclusões, quando pensava nisso, não o preocupava. Eles sabiam onde podiam encontrá-lo.

A cozinha continuava tão nova como na altura em que fora remodelada, quando havia comprado o apartamento. Era cuidadoso com a sua alimentação, mas não sentia prazer em cozinhar e dependia de pratos pré-cozinhados, que comprava nos supermercados. Tinha acabado de abrir o frigorífico e tentava decidir se preferiria uma tarte congelada de peixe com ervilhas ou uma mussaca, quando a campainha tocou. Aquele som, forte e consistente, fazia-se ouvir tão raramente que ele sobressaltou-se, como se alguém tivesse começado a dar murros na porta. Poucas pessoas sabiam onde morava e nenhuma

delas apareceria sem avisar primeiro. Dirigiu-se à porta e premiu o intercomunicador, na esperança de que fosse um estranho que se enganara no andar. Sentiu um súbito desânimo, quando ouviu a voz alta e autoritária da filha.

Papá, sou eu, a Sarah. Telefonei-te várias vezes. Tenho de ver-te. Não recebeste as minhas mensagens?

Não. Acabo de chegar e ainda não liguei o gravador de chamadas. Sobe.

Abriu a porta de entrada e ficou à espera de ouvir o ranger do elevador. Tivera um dia difícil e, no dia seguinte, seria confrontado com um problema diferente mas nem por isso menos complexo: o futuro do Museu Dupayne. Precisava de tempo para ensaiar as suas táticas, justificar a sua relutância em assinar o novo contrato de arrendamento, e passar em revista os argumentos que apresentaria para combater a decisão do irmão e da irmã. Ansiara por um serão sossegado, em que pudesse encontrar a determinação necessária para chegar a uma conclusão definitiva, mas agora era pouco provável que conseguisse essa paz que tanto desejava. Sarah nunca teria ido até ali se não tivesse um problema.

Assim que abriu a porta e lhe tirou o chapéu-de-chuva e a gabardina das mãos, apercebeu-se de que era um problema grave. Desde criança que Sarah nunca conseguira controlar e, ainda menos, disfarçar a intensidade das suas emoções. As birras que tivera em bebé haviam sido intensas e extenuantes, os seus momentos de felicidade e de entusiasmo frenéticos, e os seus desesperos contagiosos, deixando os pais tão desalentados quanto ela. A sua aparência e o modo como se vestia traíam sempre o tumulto do seu íntimo. Neville lembrou-se de uma determinada noite havia uns cinco anos? quando Sarah achara conveniente que o seu namorado da altura a fosse buscar ao apartamento do pai. Ficara, de pé, no mesmo sítio onde se encontrava agora, com o cabelo escuro apanhado no alto da cabeça e as faces coradas de alegria. Ao observá-la, sentira-se admirado por ver como a filha era bonita. Agora, contudo, o corpo de Sarah parecia ter adquirido prematuramente os contornos da meia-idade. O seu cabelo desgrenhado estava apanhado por trás de um rosto ensombrado pelo desespero.

Observando aquele rosto, tão parecido com o seu e, no entanto, tão misteriosamente diferente, Neville descortinou o desespero espelhado nos olhos negros da filha, que pareciam concentrados na sua infelicidade.

Sarah deixou-se cair pesadamente numa poltrona.

Aceitas uma bebida? Uma taça de vinho, café, chá?

Uma taça de vinho. Algo que já tenhas aberto.

Vinho tinto ou branco?

Pelo amor de Deus, papá! Que importância tem isso? Está bem, vinho tinto.

Neville tirou da garrafeira a garrafa mais à mão e trouxe-a com dois copos.

Queres comer alguma coisa? Já jantaste? Ia agora aquecer o jantar.

Não tenho fome. Vim até cá porque temos de resolver certos assuntos. Antes de mais, fica a saber que o Simon saiu de casa.

Então, era isso. Neville não se admirava. Só vira o companheiro da filha uma vez, mas fora o suficiente para se aperceber, com um misto de pena e de irritação, de que se tratava de outro erro-. Era um padrão recorrente na vida de Sarah. As suas paixões eram sempre avassaladoras, impulsivas e intensas, e agora, que estava perto dos trinta e quatro anos, a sua necessidade de ter um compromisso amoroso era intensificada por um crescente desespero. Neville sabia que nada do que pudesse dizer-lhe a consolaria e que tudo quanto lhe dissesse a enfureceria. A carreira de Neville havia-a privado, durante a adolescência, do seu interesse e preocupação, e o divórcio dos pais fornecera-lhe uma nova oportunidade para se sentir uma vítima. Agora, contudo, tudo o que pedia era ajuda.

Há quanto tempo saiu ele de casa? perguntou Neville.

Há três dias.

E é definitivo?

Caro que é. O nosso relacionamento já tinha acabado, há um mês, mas eu não me apercebi. E agora tenho de partir para muito longe. Quero ir viver para o estrangeiro.

E o teu emprego? E a escola?

Deixei-o.

Quer dizer que pediste a demissão, por escrito, dando-lhes um trimestre para encontrar alguém que te substitua?

Não pedi demissão nenhuma. Vim-me embora. Não quero voltar àquele maldita escola e ouvir os miúdos a rirem-se, à socapa, da minha vida sexual.

Crês realmente que eles fariam isso? Como saberiam tal

coisa?

Pelo amor de Deus, papá, tenta viver no mundo real! Claro que eles sabem. São especialistas em saber tudo sobre mim. Já chega ter de ouvir que eu não seria professora se tivesse capacidade para outra profissão qualquer, quanto mais atirarem-me à cara os meus fracassos sexuais!

Mas és professora do ensino básico. Dás aulas a crianças entre os oito e os doze anos.

Hoje em dia, os miúdos sabem mais sobre o sexo aos onze do que eu, aos vinte. Além do mais, formei-me para ensinar e não para passar metade do meu tempo a preencher formulários e a outra metade a tentar impor a ordem num grupo de vinte e cinco miúdos problemáticos, mal-educados e agressivos, que não revelam o menor interesse em aprender. Desperdicei a minha vida, mas acabou-se.

Não podem ser todos assim.

Claro que não, mas os que o são chegam para tornar uma aula num inferno, em que é impossível ensinar o que quer que seja. Tenho dois alunos a quem foi aconselhado tratamento psiquiátrico, numa instituição especializada. Já foram examinados, mas ainda não há vagas para eles. Então, o que acontece? Mandam-nos de volta para a escola. Tu és psiquiatra. Aqueles miúdos são da tua responsabilidade, não da minha.

Mas deixares a escola! Nem parece teu. Também deve ser difícil para os outros professores.

O director saberá desenhencilhar-se. Tive muito pouco apoio dele nos últimos trimestres. De qualquer maneira, vim-me embora.

E o apartamento?

Neville sabia que Sarah e Simon o haviam comprado a meias. Emprestara-lhe dinheiro para a entrada e supunha que era o salário dela que pagava o empréstimo.

Vamos vendê-lo, mas, neste momento, não há qualquer esperança de dividirmos os lucros porque não haverá qualquer margem de lucro. Aquele centro para delinquentes juvenis que está a ser construído em frente do meu apartamento pôs fim à possibilidade de o vendermos por mais do que o comprámos. nosso advogado devia tê-lo descoberto, mas não vale a pena processá-lo por negligência. Temos de vender o apartamento pelo melhor preço que conseguirmos. Deixo isso ao cuidado do Simon. Sei que será eficiente porque sabe que é legalmente responsável para comigo, no que diz respeito ao empréstimo. Quero sair deste país mas, para isso preciso de dinheiro, papá.

Quanto?

Do suficiente para viver sem preocupações no estrangeiro durante um ano. Não to estou a pedir... pelo menos, não directamente. Quero a minha parte dos lucros relativos ao museu. Então, poderei pedir-te um empréstimo razoável, cerca de vinte mil libras, e pagar-te quando o museu tiver sido encerrado. Todos nós temos direito a algo, não é verdade? Tanto os fiduciários como os netos?

Não sei quanto cabe a cada um de nós. De acordo com as cláusulas do fideicomisso, todos os objectos valiosos, incluindo os quadros, serão doados a outros museus. Receberemos uma parte do que sobrar, assim que for vendido. Talvez cerca de vinte mil libras para cada um, mas isso não passa de mera suposição, porque ainda não fiz as contas.

Será o bastante. Não há uma reunião de fiduciários amanhã? Telefonei à tia Caroline para lhe perguntar. Tu não queres que o museu continue aberto, não é verdade? Sempre soubeste que o avô gostava mais daquele museu do que de ti ou de qualquer outro familiar. Sempre foi o seu capricho. Além do mais, nem sequer está a dar lucro. O tio Marcus pode pensar que conseguirá rentabilizá-lo, mas engana-se. Só conseguirá continuar a gastar dinheiro até ter de o encerrar. Quero que me prometas que não vais assinar o novo contrato de arrendamento. Assim, poderei pedir-te dinheiro emprestado de consciência tranquila. Caso contrário, não querei um

empréstimo que nunca poderei pagar. Estou farta de viver endividada e de ter de me sentir grata.

Não tens de te sentir grata, Sarah.

Não? Não sou estúpida, papá. Sei que, para ti, é mais fácil dares-me dinheiro do que me amares e aceitei-o. Soube, desde criança, que amor era o que davas aos teus pacientes, não à mamã nem a mim.

Era uma queixa antiga e Neville ouvira-a muitas vezes, tanto da mulher como de Sarah. Sabia que continha alguma verdade, mas não tanto como ela e a mãe pensavam, por ser uma queixa demasiado óbvia, simplista e conveniente. A relação entre eles havia sido mais subtil e muito mais complexa do que aquela teoria psicológica barata conseguia explicar. Por isso, não argumentou; limitou-se a esperar.

Não é verdade que queres que o museu encerre? continuou Sarah. Sempre soubeste o que te fez a ti e à avó. É o passado, pai. É um local sobre pessoas mortas e anos perdidos. Sempre afirmaste que somos demasiado obcecados pelo nosso passado, que preservamos e colecionamos desnecessariamente. Francamente, não consegues enfrentar, uma vez na vida, o teu irmão e a tua irmã?

A garrafa de vinho continuava por abrir. De costas viradas para a filha, acalmando a mão trémula por um acto de força de vontade, tirou a rolha à garrafa de *Margaux* e encheu os dois copos.

Penso que o museu devia encerrar afirmou e tenciono dizê-lo na reunião de amanhã. Não estou à espera que os outros concordem comigo. Vai ser uma luta de vontades.

O que queres dizer com tenciono? Pareces o tio Marcus. Já devias saber, por esta altura, o que queres. E nem sequer tens de fazer nada para isso, pois não? Nem sequer és obrigado a convencê-los. Sei que serias capaz de qualquer coisa para evitar uma discussão de família. Tudo o que tens de fazer é recusares-te a assinar o novo contrato de arrendamento na devida data e manteres-te à distância. Eles não podem obrigar-te.

Entregando-lhe um dos copos, perguntou:

Precisas do dinheiro para quando?

Para daqui a poucos dias. Estou a pensar em apanhar o avião para a Nova Zelândia. A Betty Carter vive lá. Não penso que te lembres dela, mas estudámos juntas. Casou-se com um neozelandês e não se cansa de me convidar para eu ir passar férias com ela e o marido. Penso começar por South Island e, depois, talvez ir até à Austrália e, mais tarde, à Califórnia. Quero poder viver sem ter de trabalhar durante um ano. Depois, poderei decidir o que quero fazer a seguir, mas não será leccionar.

Não faças nada à pressa. Pode haver vistos a obter, lugares de avião a reservar... Além de que não é uma boa altura para saíres da Inglaterra. A instabilidade não podia ser maior e o mundo em que vivemos é mais perigoso do que nunca.

O que pode ser um motivo para eu sair daqui e viajar para o mais longe possível. Não estou minimamente preocupada com o terrorismo, tanto aqui, como em qualquer outro lugar. Preciso de mudar de ares. Fracassei em tudo. Acho que enlouqueceria se tivesse de ficar mais um mês neste maldito país.

Neville podia ter dito: *Vais levar a tua própria personalidade contigo*, mas não o fez, por saber como a filha zombaria e com razão daquele lugar-comum. Qualquer conselheira sentimental de uma revista feminina podia ajudar Sarah tanto como ele, mas havia a questão do dinheiro.

Posso passar-te um cheque, agora, se quiseres. E mantenho-me firme na minha decisão de encerrar o museu, porque é a coisa mais acertada a fazer.

Sentou-se em frente de Sarah. Não olharam um para o outro, mas, ao menos, bebiam o vinho juntos. Então, Neville sentiu de súbito um carinho tão forte pela filha, que, se estivessem de pé, tê-la-ia abraçado impulsivamente. Seria aquilo amor? Sabia, contudo, que era algo menos iconoclasta e perturbante, algo com o qual podia lidar. Era esse misto de pena e de culpa que sentira pelos Gearing. Não obstante, fizera uma promessa que teria de cumprir. Também se deu conta, o que o fez sentir nojo de si próprio, de que estava feliz por a filha ir viajar. A sua vida demasiado ocupada tornar-se-ia mais fácil com a única filha a viver no outro lado do mundo.

A hora da reunião dos fiduciários de quarta-feira, vinte de Outubro três da tarde havia sido marcada, na opinião de Neville, de acordo com as disponibilidades de Caroline, que tinha outros compromissos tanto de manhã como ao fim da tarde. Aquela hora não lhe convinha. Nunca estava no seu melhor após o almoço e tivera de alterar o horário das suas visitas domiciliárias marcadas para a tarde. Reunir-se-iam na biblioteca, situada no primeiro andar, como de costume, nas raras ocasiões em que, enquanto fiduciários, tinham negócios a tratar. Com a mesa rectangular ao centro, os três candeeiros fixos, por baixo de abajures de pergaminho, era o local mais óbvio, mas não aquele que ele teria escolhido. Guardava demasiadas recordações de entrar ali, em criança, com as mãos suadas e o coração a bater com força, sempre que o pai o chamava. O pai nunca lhe batera; a sua crueldade verbal e o seu patente desprezo pelo filho do meio havia constituído um abuso mais sofisticado que deixara marcas invisíveis mas duradouras. Nunca falara sobre o pai com Marcus e Caroline, salvo em termos gerais. Aparentemente, os irmãos haviam sofrido menos do que ele ou nem sequer haviam sofrido. Marcus fora um menino reservado, solitário e introvertido, mais tarde brilhante na escola e na universidade, armando-se contra as tensões da vida familiar com uma independência pouco imaginativa. Caroline, a mais nova dos três irmãos e a única filha, sempre fora a favorita do pai, tanto quanto ele era capaz de demonstrar afecto. O museu fora o grande amor da vida

de Marcus Dupayne, e a sua mulher, incapaz de competir com o museu e de encontrar algum consolo nos filhos, desistira daquela concorrência, morrendo antes de completar quarenta anos.

Neville chegou à hora marcada, mas Marcus e Caroline já estavam no museu. Perguntou a si mesmo se não haviam combinado encontrar-se mais cedo para falar sobre as suas estratégias. Claro que sim; cada manobra daquela batalha fora planeada com antecedência. Quando entrou, estavam de pé, ao fundo da biblioteca, e avançaram para ele. Marcus trazia uma pasta.

Caroline parecia vestida para uma batalha. Usava calças pretas com uma camisa de flanela fina, às riscas cinzentas e brancas e um lenço encarnado, de seda, atado à volta do pescoço, cujas pontas ondulavam como uma bandeira de desafio. Marcus, como que para salientar a importância oficial da reunião, vestira-se formalmente, no estereótipo do perfeito funcionário público. A seu lado, Neville sentiu que a sua gabardina velha, o fato cinzento já muito puído e que precisava de ser escovado o faziam parecer um parente pobre. Afinal, era um médico que, desde que se livrara da obrigação de pagar a pensão de alimentos à mulher, de pobre nada tinha. Podia ter-se permitido um fato novo, se não lhe faltasse o tempo e a energia para comprá-lo. Contudo, ao reunir-se com os irmãos, sentiu-se, pela primeira vez, em desvantagem quanto à forma como estava vestido, e o facto de essa sensação ser tão irracional como degradante deixou-o ainda mais irritado. Raramente havia visto Marcus em trajes que não fossem os que usava em férias: calções de caqui, camisola de algodão às riscas ou, ainda, uma camisola de lã grossa que usava no Inverno. Sempre que Marcus se vestia informalmente, parecia, pelo menos aos olhos de Neville, um pouco ridículo, como um escuteiro já adulto. Só parecia à vontade com os seus fatos de executivo, feitos por medida. E, naquele momento, parecia perfeitamente à vontade.

Neville tirou a gabardina, lançou-a para cima do espaldar de uma cadeira e avançou para a mesa central. Três cadeiras

tinham sido colocadas em torno da mesa, entre os candeeiros. Em cada lugar, havia uma pasta para guardar documentos e um copo. Uma garrafa de água achava-se numa bandeja entre dois dos candeeiros. Por ser a que lhe estava mais próxima, Neville avançou para uma cadeira e, só depois de se sentar, se deu conta de que ia ficar em vantagem, tanto física como psicologicamente, desde o princípio, mas, agora que já se sentara, não teve coragem para mudar de lugar.

Marcus e Caroline instalaram-se nas suas cadeiras. Foi através de um olhar furtivo que Marcus deixou transparecer que a cadeira onde Neville estava sentado fora reservada para ele. Marcus pousou a pasta a seu lado. Neville teve a impressão de que a mesa havia sido preparada para um exame oral. Não restavam dúvidas quanto a quem iria ser o examinador, nem quanto a quem se esperava que chumbasse. As estantes atulhadas de livros, com as suas portas de vidro trancadas e que subiam até ao tecto, pareciam-lhe ameaçadoras, prontas a cair sobre ele, recordando-lhe uma fantasia infantil de que haviam sido mal fabricadas e desabariam, primeiro, muito devagar e, depois, caindo com estrondo, soterrando-o por baixo do peso mortífero dos livros. Os nichos sombrios dos pilares salientes atrás dele provocavam-lhe o mesmo terror que um perigo que espreitasse. A Sala do Crime, que podia haver-lhe provocado terror mais intenso, se bem que menos pessoal, evocava-lhe apenas pena e curiosidade. Na sua adolescência, costumava ficar horas a contemplar, em silêncio, aqueles rostos indecifráveis, como se a intensidade do seu olhar pudesse arrancar-lhes, de alguma maneira, os seus terríveis segredos. Havia fitado o rosto inexpressivo e estúpido de Rouse. Ali estava um homem que dera boleia a um vagabundo com o intuito de o queimar vivo. Neville podia imaginar a gratidão com que o viajante cansado entrara no carro que o conduziria à morte. Ao menos, Rouse fora misericordioso, quando o estrangulara ou lhe dera uma pancada para o deixar inconsciente antes de lhe deitar fogo, se bem que o devesse ter feito para melhor levar a cabo o homicídio e não por piedade. O vagabundo, sem nome nem família, fora indesejado, ignorado e ainda continuava por identificar. Somente através da sua terrível

112 morte obtivera uma notoriedade efémera. A sociedade, que tão pouco se preocupara com ele em vida, vingara-o com toda uma panóplia de leis.

Esperou, enquanto Marcus abria a pasta, sem pressa, tirava alguns documentos e ajustava os óculos.

Obrigado por terem vindo começou. Preparei estes dossiês com os documentos de que precisamos. Não incluí cópias do fideicomisso porque conhecemos bem os seus termos. Contudo, tenho-o na minha pasta se algum de vocês quiser consultá-lo. O parágrafo relevante para o assunto em discussão é a cláusula terceira. Estipula que todas as decisões importantes relativas ao museu, incluindo a negociação de um novo arrendamento, a nomeação do conservador e todas as aquisições de valor superior a quinhentas libras, devem ser acordadas, por unanimidade, mediante a assinatura de todos os fiduciários. O arrendamento actual expira em quinze de Novembro do ano em curso, e a sua renovação requer as nossas três assinaturas. Na eventualidade de o museu ser vendido ou encerrado, o fideicomisso estipula que todos os quadros avaliados em mais de quinhentas libras, bem como todas as primeiras edições, serão oferecidos a museus conceituados. A Tate Gallery goza de direito de preferência, no que respeita aos quadros, e a British Library, quanto aos livros e manuscritos. Todos os restantes objectos devem ser vendidos e a receita dividida entre os fiduciários, então em exercício, e os descendentes directos do nosso pai. Isso significa que a receita da venda será dividida entre nós os três, o meu filho e os seus dois filhos, e a filha do Neville. A manifesta intenção do nosso pai ao instituir um fideicomisso de família foi, por conseguinte, que o museu continuasse a existir.

Claro que deve continuar a existir interveio Caroline. Já agora, e por simples curiosidade, quanto receberíamos, se o museu encerrasse?

Se não assinarmos, os três, o novo contrato de arrendamento? Não pedi uma avaliação e as verbas não passam de uma estimativa minha. A maior parte dos objectos que sobraem, após efectuadas as doações, tem um considerável interesse histórico ou sociológico, mas provavelmente não alcançará

grande valor no mercado. Pelas minhas contas, receberíamos cerca de vinte e cinco mil libras, cada um.

E uma quantia jeitosa, mas pela qual não vale a pena vender o nosso património comentou Caroline.

Marcus virou uma página do seu dossiê.

Incluí uma cópia do novo contrato de arrendamento como Apêndice B. Os termos, à excepção do arrendamento anual, não mudaram significativamente. O prazo de validade é de trinta anos, com renegociação da renda de cinco em cinco anos. Verão que o custo continua a ser razoável, até mesmo vantajoso e muito mais favorável do que o que poderíamos conseguir por uma propriedade como esta, no mercado actual. Isso deve-se, como sabem, ao facto de o proprietário só poder arrendá-la a uma organização dedicada à literatura ou às artes.

Já sabemos tudo isso replicou Neville.

Mesmo assim, achei que seria útil relembrar esses factos, antes de iniciarmos o processo das tomadas de decisão.

Neville fixou os olhos nas obras de H. G. Wells que se achavam numa estante à sua frente. Perguntou a si próprio se ainda havia alguém que lesse aqueles livros actualmente.

O que temos de decidir anunciou é de que forma vamos lidar com o encerramento do museu. Desde já quero informar-vos de que não tenho a mínima intenção de assinar um novo contrato de arrendamento. Chegou a altura de o Museu Dupayne encerrar as suas portas. Achei que devia deixar bem clara, desde já, a minha posição.

Houve um silêncio de alguns segundos. Neville forçou-se a olhar para os rostos dos irmãos. Nem Marcus nem Caroline deixavam transparecer qualquer emoção ou surpresa. Aquela salva de artilharia era o início de uma batalha que já esperavam e para a qual estavam preparados. Tinham poucas dúvidas quanto ao resultado final. Se as houvesse, eram relativas apenas à estratégia mais eficaz.

A voz de Marcus, quando se fez ouvir, era calma.

Em meu entender, essa tua decisão é prematura. Nenhum de nós pode tomar uma resolução razoável quanto ao futuro do museu, antes de havermos analisado se, financeiramente, podemos continuar a mante-lo. Por exemplo, se pode-

mós suportar os custos do novo arrendamento e que mudanças são necessárias para manter este museu em pleno século vinte e um.

Desde que compreendam que quaisquer discussões ulteriores serão uma pura perda de tempo... volveu Neville. E não estou a agir impulsivamente. Tenho pensado nisto desde que o nosso pai faleceu. Chegou o momento de o museu encerrar e de as peças irem para outras instituições.

Nem Marcus nem Caroline replicaram. Quanto a Neville, optou por não protestar mais. A reiteração das suas objecções só iria enfraquecer os seus argumentos. Era melhor deixar os irmãos falar para, depois, reafirmar rapidamente a decisão que tomara.

Marcus prosseguiu, como se Neville não houvesse acabado de falar.

O Apêndice C apresenta as minhas propostas para uma reorganização e uma gestão mais eficaz do museu. Incluí as contas do ano passado, as estatísticas relativas aos visitantes e os cálculos relativos a um financiamento. Verão que proponho financiar o novo arrendamento através da venda de um único quadro, talvez uma das obras de Nash, o que não violará os termos do fideicomisso, se a quantia obtida for utilizada, na sua totalidade, para uma gestão mais eficaz do museu. Podemos desfazer-nos de um quadro sem grandes prejuízos. Afinal, o Dupayne não é uma galeria de arte. Desde que tenhamos uma parte representativa da obra dos artistas mais importantes do período entre as duas guerras, podemos justificar a existência da galeria. Temos também de pensar no pessoal. O James Calder-Hale está a efectuar um trabalho eficiente e pode continuar, por enquanto, mas sugiro que, mais tarde, contratemos um conservador qualificado, se o museu se desenvolver. Actualmente, o pessoal do museu resume-se ao James, à Muriel Godby, a secretária e recepcionista, à Tallulah Clutton, que reside na vivenda e faz de tudo um pouco, excepto as limpezas mais pesadas, e ao Ryan Archer, o rapaz que é jardineiro a tempo parcial e que também se ocupa de outras tarefas. Ainda há as duas voluntárias, Mistress Faraday, conselheira para o jardim e para a propriedade, e Mistress Strickland, a calígrafa. Têm-nos prestado, ambas, uma grande ajuda.

Podias ter-me incluído nessa tua lista comentou Caroline. Venho até cá, pelo menos, duas vezes por semana. Sou eu que praticamente dirijo o museu desde que o nosso pai morreu. Se há um controlo geral, sou eu que o faço.

O problema é esse: não existe um controlo geral eficaz

replicou Marcus, calmamente. Não estou a subestimar o que fazes, Caroline, mas toda a organização é basicamente amadora. Temos de começar a pensar como profissionais, se formos proceder às mudanças fundamentais de que precisamos para sobreviver.

Caroline franziu as sobrancelhas.

Não precisamos de mudanças fundamentais. O que temos é único. Sei que é pequeno e que nunca irá atrair o público como um museu mais polivalente, mas foi fundado com um determinado objectivo, que consegue cumprir. Pelos cálculos que incluíste, parece que estás com esperança de obter um financiamento oficial. Esquece isso. O Estado não nos dará uma só libra. Porque haveria de o fazer? Mesmo que tal acontecesse, teríamos de complementar o financiamento, o que é impraticável. As entidades locais de Hampstead Heath já sofrem pressões a mais, tal como todas as outras, e o governo central não consegue financiar, de forma adequada, até mesmo os maiores museus nacionais, tal como o Victoria & Albert ou o British Museum. Concorde que tenhamos de aumentar o rendimento do museu, mas não à custa de vendermos a nossa independência.

Não pensei nos fundos públicos objectou Marcus.

Nem nos fundos do governo, nem das entidades locais, porque nunca o obteríamos. Até porque nos arrependéríamos, se esses fundos nos fossem concedidos. Basta ver o caso do British Museum: cerca de cinco milhões de libras de dívidas. O governo insiste numa política de entradas gratuitas, o seu financiamento é inadequado, eles metem-se em apuros e têm de recorrer novamente ao governo para que lhes dê mais dinheiro. Porque não vendem o seu imenso excedente de peças, cobram preços razoáveis para as entradas, no que toca aos grupos mais vulneráveis, e se tornam independentes?

Porque, pela lei, não podem desfazer-se de doações e porque não podem existir sem apoios; mas concordo contigo: nós podemos. E não vejo por que razão os museus e as galerias devam conceder entradas gratuitas. Outras manifestações culturais não o são... os concertos de música clássica, o teatro, a dança, a BBC..., isto, partindo do princípio de que a BBC ainda produz cultura... Ah, e a propósito, nem sequer penses em desfazer-te do apartamento. E meu desde que o nosso pai morreu e preciso dele. Não posso viver num apartamento minúsculo em Swathling's.

Nem sequer me passou pela cabeça privar-te do apartamento retorquiu Marcus, com a mesma calma. Não é apropriado para exposições e o seu acesso, por um único elevador ou pela Sala do Crime, representaria um inconveniente. Além do mais, espaço não nos falta.

E também não penses em livrares-te da Muriel ou da Tally. Ambas valem muito mais do que os salários miseráveis que recebem.

Não era minha intenção despedi-las. A Godby é demasiado eficiente para a perdermos. Estou a pensar em dar-lhe mais responsabilidades... sem que isso interfira, como é óbvio, com o trabalho que ela faz para ti. Mas precisamos de alguém mais simpático e acolhedor na recepção. Pensei recrutar uma licenciada para secretária e recepcionista. Uma rapariga com as capacidades necessárias, claro.

Deixa-te disso, Marcus! Que tipo de licenciatura? Tirada numa universidade de terceira categoria? É melhor certificares-te de que essa pessoa sabe ler e escrever. A Muriel trabalha com o computador, a Internet e a contabilidade. Encontra uma licenciada que consiga fazer tudo o que ela faz, pelo mesmo salário, e terás muita sorte.

Neville man tivera-se em silêncio durante aquele diálogo. Talvez os seus adversários estivessem a virar-se um contra o outro, muito embora tivessem o mesmo objectivo: manter o museu aberto. Quanto a ele, esperaria pela sua vez. Sentia-se surpreendido e não era a primeira vez pelo pouco que conhecia os irmãos. Nunca acreditara que, por ser psiquiatra, obteria a chave-mestra que abriria todas as portas da mente humana, mas não havia duas mentes cuja entrada lhe estivesse

mais bloqueada do que as que partilhavam com ele a falsa intimidade da consanguinidade. Marcus era muito mais complexo do que o seu exterior burocrata e cuidadosamente controlado podia sugerir. Tocava violino quase ao nível de um profissional, o que devia significar algo. E ainda bordava. Aquelas mãos alvas e bem cuidadas tinham uma peculiar destreza. Examinando as mãos do irmão, Neville podia imaginar os dedos, compridos, de unhas arranjadas por uma manicura, movendo-se nas suas actividades: escrevendo minutas elegantes em registos oficiais, esticando as cordas do violino, enfiando um fio de seda nas agulhas de bordar ou folheando, como naquele instante, os documentos que preparara tão meticulosamente. O seu irmão Marcus, com uma casa, monótona e convencional, nos subúrbios, uma esposa muitíssimo respeitável que, provavelmente, nunca lhe provocara uma hora de ansiedade e o filho, cirurgião bem-sucedido, que estabelecera uma carreira lucrativa na Austrália. E Caroline. Quando havia começado a descobrir em que consistia o âmago da vida da irmã? Nunca visitara a escola e desprezava tudo o que representava aos seus olhos: uma preparação privilegiada para uma vida de ociosidade. A vida de Caroline, na escola, constituía um mistério para ele. Suspeitava que o casamento dela a desiludira, apesar de haver durado onze anos. Como seria agora a sua vida sexual? Era difícil de acreditar que, além de ser uma mulher sozinha, Caroline fizera voto de castidade. Neville apercebeu-se de que estava cansado. As pernas tremiam-lhe, em espasmos, e mal conseguia manter os olhos abertos. Esforçou-se por se manter acordado e por escutar a voz monocórdica e pausada de Marcus.

As investigações a que procedi durante o mês passado levaram-me a uma conclusão inevitável. Para sobreviver, o Museu Dupayne tem de mudar. Não podemos continuar a ser um pequeno repositório especializado no passado para alguns intelectuais, investigadores e historiadores. Temos de ser receptivos ao grande público e vermo-nos como educadores e mediadores. Não apenas como guardiões de décadas de há muito mortas. Acima de tudo, devemos tornar-nos abrangentes. Esta política foi estabelecida pelo governo, em Maio de

dois mil, na sua publicação *Centros para a Mudança Social: Museus, Galerias e Arquivos para Todos*. Encara o desenvolvimento social como uma prioridade e declara que os museus deveriam... e passo a citar: identificar as pessoas que estão excluídas socialmente... despertar a sua atenção e estabelecer as suas necessidades [...] desenvolver projectos cujo objectivo seja melhorar as vidas das pessoas em risco de exclusão social. O museu tem de ser visto como um agente da mudança social.

A gargalhada de Caroline foi, ao mesmo tempo, sardónica e genuinamente gutural.

Meu Deus, Marcus! Admira-me que nunca tenhas sido nomeado director de um importante ministério do Estado! Possuis todos os requisitos necessários. Engoliste todo esse jargão contemporâneo de um único e glorioso trago! Que devemos fazer? Ir até Highgate e Hampstead e descobrir que grupos sociais não nos lisonjeiam com a sua visita? Concluir que temos muito poucas mães solteiras com dois filhos, homossexuais, lésbicas, pequenos comerciantes e minorias étnicas? E, depois, que temos de fazer? Atraí-los, instalando um carrossel no jardim para as crianças e oferecer-lhes chá? Ou devemos oferecer-lhes antes balões, para que os levem para casa como recordação? Se um museu cumprir a sua missão com eficácia, as pessoas que estiverem interessadas irão visitá-lo, e nunca pertencerão a uma só classe social. Na semana passada, estive no British Museum, com um grupo da escola. Às cinco e meia da tarde, os visitantes começaram a sair... novos, velhos, ricos, mendigos, negros, brancos. Visitaram o British Museum porque a entrada é gratuita e porque possui um acervo magnífico. Não podemos ter essas duas coisas, mas podemos, isso sim, continuar a fazer o que fizemos desde que o nosso pai fundou este museu. Pelo amor de Deus... Continuemos a ser como éramos, o que já é bastante difícil.

Se os quadros forem para outras galerias replicou Neville, nada estará perdido. As pessoas continuarão a poder vê-los, provavelmente em maior número.

Caroline rejeitou a ideia,...

Não necessariamente. Aliás, parece-me muito pouco provável. A Tate não tem espaço para exhibir os milhares de quadros que possui. Duvido que tanto a National Gallery como a Tate se mostrem interessadas no que temos para lhes oferecer. Talvez o caso mude de figura no que diz respeito às galerias de província, mais pequenas, mas também não há qualquer garantia de que os queiram. Os quadros pertencem a este museu. Fazem parte de uma história, bem planeada e coerente, sobre o período entre as duas guerras.

Marcus fechou o dossiê e pousou as mãos sobre a capa.

Antes que o Neville fale, quero deixar dois pontos bem assentes. O primeiro é o seguinte: os termos do fideicomisso destinam-se a assegurar que o Museu Dupayne continue a existir. Penso que não restam quaisquer dúvidas quanto a isso. A maioria deseja que ele continue aberto. Isso significa, Neville, que não temos de convencer-te dos nossos motivos. És tu que tens de nos convencer, a nós. O segundo ponto é o seguinte: estás seguro quanto aos teus motivos? Não deverias encarar a possibilidade de que o que se acha por trás desse teu desacordo nada tem a ver com dúvidas racionais acerca de o museu ser financeiramente viável ou cumprir o seu objectivo? Não será possível que te sintas motivado por um sentimento de vingança para com o nosso pai? Fazendo-o pagar pelo facto de o museu haver representado mais para ele do que a sua família, do que tu? Se eu estiver certo, então, não é um tanto infantil ou até, para algumas pessoas, um tanto ignóbil?

Aquelas palavras, proferidas pela voz monocórdica, calma e, aparentemente, sem rancor de um homem sensato que apresentara uma teoria razoável, atingiram Neville com a mesma força de um murro. Sentiu encolher-se na cadeira. Sabia que o seu rosto devia deixar transparecer a intensidade da sua reacção: um misto repentino de espanto e de raiva, que não conseguia controlar e apenas confirmava a acusação de Marcus. Apesar de já esperar uma luta, nunca lhe passara pela cabeça que o irmão se aventurasse num campo de batalha tão perigoso. Podia sentir que Caroline se inclinara para a frente, com os olhos fixos no seu rosto. Estavam à espera da resposta dele. Sentiu-se tentado a dizer que um psiquiatra na família já

chegava, mas desistiu; não era o momento para recorrer à ironia barata. Em vez disso, após um silêncio que pareceu durar durante meio minuto, recuperou a voz e conseguiu falar com calma.

Mesmo que fosse verdade, e não o é mais para mim do que para qualquer outro membro da família, isso não alteraria a minha decisão. Não vale a pena continuarmos com esta discussão, especialmente se degenerar na análise do perfil psicológico de cada um de nós. Não tenciono assinar o novo contrato de arrendamento e, agora, se me dão licença, tenho de ir ver os meus pacientes.

Foi então que o telemóvel de Neville tocou. Tencionava desligá-lo, durante a reunião, mas havia-se esquecido. Pegou na gabardina e tirou o telemóvel de um dos bolsos. Reconheceu, de imediato, a voz da sua secretária, que nem precisou de se identificar.

A polícia contactou-me. Queriam telefonar-lhe, mas disse-lhes que lhe daria pessoalmente a notícia... Mistress Gearing tentou suicidar-se e matar o marido, primeiro, com uma *overdose* de aspirina solúvel e, depois, enfiando sacos de plástico na cabeça.

Estão bem?

Os paramédicos conseguiram reanimar o Albert, que vai safar-se. Ela morreu.

Apesar de sentir os lábios inchados e rígidos, Neville replicou:

Obrigado por me ter avisado. Eu telefono-lhe mais tarde.

Guardou o telemóvel e regressou, muito hirtos, à sua cadeira, admirado por as suas pernas conseguirem mover-se. Tinha consciência do olhar indiferente de Caroline.

Peço desculpa. Acabam de me informar que a esposa de um dos meus pacientes se suicidou.

Marcus ergueu o olhar dos papéis.

Não o teu paciente, mas a esposa dele?

Não, não foi o meu paciente.

Se não foi o teu paciente, não era necessário incomodarem-te.

Neville não lhe respondeu. Sentou-se, com as mãos fechadas sobre o regaço, por temer que os irmãos reparassem que tremiam. Sentia uma fúria tão física que parecia acumular-se no seu organismo, como um vômito. Tinha de despejá-la, como se, através de um jacto nauseabundo, pudesse livrar-se da dor e da culpa. Lembrou-se das últimas palavras que Ada Gearing lhe dissera: *Não creio que consiga aguentar muito mais tempo*. E falara a sério. Com estoicismo e sem nunca se queixar, ela apercebera-se dos seus limites. Havia-lho dito, mas ele não a ouvira. Era extraordinário que nem Marcus nem Caroline se dessem conta daquele tumulto devastador que lhe ia no íntimo e o fazia sentir nojo de si próprio. Olhou para Marcus. O irmão tinha o sobrolho franzido pela concentração, mas, aparentemente, não se mostrava muito preocupado, já pronto para formular um novo argumento e planejar uma outra estratégia. O rosto de Caroline era mais fácil de interpretar: estava lívida de raiva.

Imóveis, por poucos segundos, naquele quadro de confrontação, nenhum deles havia ouvido a porta abrir-se. Contudo, um movimento despertou-lhes a atenção. Muriel Godby achava-se à soleira da porta com um tabuleiro.

Miss Caroline pediu-me que trouxesse chá às quatro horas anunciou. Posso servi-lo?

Caroline acenou afirmativamente com a cabeça e começou a afastar os papéis para arranjar espaço na mesa. Neville não conseguiu aguentar mais. Levantou-se de súbito, agarrou na gabardina e encarou os irmãos pela última vez.

Já terminei. Nada mais tenho a dizer. Estamos todos a perder o nosso tempo. Podem começar a planejar o encerramento do museu. Nunca assinarei esse contrato de arrendamento. Nunca! E vocês não podem obrigar-me a fazê-lo.

Detectou, nos rostos dos irmãos, uma expressão fugaz de desdém e de repugnância. Sabia o que estavam a pensar. Viam-no como uma criança rebelde, que descarregara a sua raiva impotente contra os adultos. Só que ele não se sentia impotente. Tinha poder, e eles sabiam-no.

Avançou às cegas para a porta. Não soube como aconteceu; se foi o seu braço que bateu no rebordo do tabuleiro ou

122

se Muriel Godby se movera, instintivamente, para lhe bloquear a saída. O tabuleiro saltou-lhe das mãos. Neville passou por ela, sem se deter, só se dando conta do grito horrorizado daquela mulher, de um jacto de chá a ferver que descreveu um arco no ar e do estilhaçar de porcelana, ao cair. Sem olhar para trás, desceu a escada a correr, passou por Mrs. Strickland, que da recepção o fitou, atónita, e saiu do museu.

Quarta-feira, trinta de Outubro, o dia da reunião dos fiduciários, começara para Tally como um outro dia qualquer. Dirigira-se ao museu, antes de o Sol nascer, e demorara uma hora a proceder à sua rotina habitual. Muriel chegara cedo. Trazia um cesto e Tally imaginou que, como de costume, ela estivera a fazer biscoitos para o chá dos fiduciários. Recordando os seus tempos de escola, Tally pensou: Está a querer agradar à professora, e sentiu uma certa pena de Muriel, que reconheceu como sendo um censurável misto de piedade e de um ligeiro desdém.

Ao voltar à pequena cozinha que se achava na parte de trás do átrio de entrada, Muriel explicou-lhe o programa do dia. O museu manter-se-ia aberto de tarde, à excepção da biblioteca. Mrs. Strickland devia estar a chegar, mas recebera instruções para trabalhar na galeria de quadros. Ficaria na recepção, enquanto Muriel servisse o chá. Não haveria necessidade de chamar Tally. Mrs. Faraday telefonara para dizer que estava constipada e não iria ao museu. Talvez fosse melhor Tally manter

Ryan debaixo de olho, assim que ele se dignasse aparecer, para se certificar de que o rapaz não se aproveitava da ausência de Mrs. Faraday.

De regresso a casa, Tally sentiu-se agitada. A sua usual caminhada ao longo do Heath, apesar da chuva fina, deixara-a cansada, o que era raro, sem conseguir acalmar tanto o seu corpo como o seu espírito. Ao meio-dia, deu-se conta de que não tinha fome e resolveu atrasar o almoço, composto por

124

uma sopa e ovos mexidos, até Ryan chegar. Naquele dia, trouxera uma metade de pão integral cortado às fatias e uma lata de sardinhas. A chave da lata partiu-se quando tentou desprendê-la e teve de ir buscar um abre-latas à cozinha. Tentou servir-se dele, mas não conseguiu, o que fez com que esguichos de óleo saltassem, manchando a toalha de mesa, enquanto o cheiro forte a sardinhas se espalhava por toda a casa. Tally teve de abrir a porta e uma janela, mas o vento começara a soprar com mais força, lançando a chuva contra as vidraças. Voltando para a mesa, observou Ryan, enquanto este barrava o pão com as sardinhas, servindo-se da faca da manteiga e não da que Tally lhe preparara. Pareceu-lhe disparatado chamar a atenção do rapaz, mas, de repente, desejou que Ryan se fosse embora. Porque não lhe apetecia comer ovos mexidos, Tally dirigiu-se à cozinha e abriu um pacote de sopa de feijão com tomate. Levou a tigela e uma colher para a sala de estar e sentou-se à mesa com Ryan.

É verdade que o museu vai fechar e que seremos todos despedidos? perguntou ele com a boca cheia.

Tally conseguiu ocultar o tom de preocupação da sua voz.

Quem te disse isso, Ryan?

Ninguém. Foi algo que ouvi, por acaso.

Não devias escutar as conversas alheias.

Não fiz de propósito. Estava a aspirar o átrio de entrada, na segunda-feira, enquanto Miss Caroline conversava com Miss Godby na recepção, e ouvi-a dizer: Se, na quarta-feira, não conseguirmos convencê-lo, o museu será encerrado. E tão simples como isto. No entanto, julgo que ele cairá em si. Depois, Miss Godby disse qualquer coisa que eu não consegui perceber. Só ouvi algumas palavras antes de Miss Caroline sair: Não diga nada a ninguém.

Não te parece que devias seguir o conselho dela? Ryan fitou Tally com os seus olhos grandes e inocentes.

Miss Caroline não estava a falar comigo. Hoje é quarta-feira. É por isso que eles os três vêm até cá esta tarde.

Tally apertou a tigela com as mãos, embora não houvesse começado ainda a sorver a sopa, por recear que lhe fosse difícil levar a colher aos lábios sem revelar quanto tremiam.

125

Admira-me que tenhas conseguido ouvir tanta coisa, Ryan, porque elas deviam estar a falar em voz baixa comentou.

Falavam tão baixo que pareciam estar a partilhar um segredo. Só ouvi as palavras finais, mas elas nunca dão por mim quando ando nas limpezas. É como se eu não estivesse ali. Mesmo que tivessem reparado em mim, pensariam que eu não conseguiria ouvir o que diziam por causa do barulho do aspirador. Talvez não se tenham importado com a possibilidade de eu as ouvir ou não, porque, para elas, eu não conto.

Falara sem revelar qualquer rancor, mas tinha os olhos fixos no rosto de Tally, e esta sabia o que ele queria que lhe respondesse. Sobrara um pedaço de pão no prato de Ryan e, sem deixar de a fitar, o rapaz começou a esmigalhá-lo para depois fazer bolas, que colocou no rebordo do prato.

Claro que contas, Ryan, assim como o trabalho que fazes aqui. Não quero que metas nessa tua cabeça que não te dão valor, porque seria um disparate.

Pouco me importa se me dão ou não valor. Pelos menos, os outros. Afinal, pagam-me pelo que faço, não é verdade? Se não gostasse do meu trabalho, já me tinha ido embora, se bem que, agora, pareça que não me resta alternativa...

A preocupação que sentiu pelo jovem fez com que Tally se esquecesse, por breves momentos, das suas angústias pessoais.

Para onde irás, Ryan? Que tipo de emprego vais procurar? Tens planos?

Espero que o major tenha feito planos para mim. Ele é muito bom nisso. E a senhora? O que vai fazer, Mistress Tally?

Não te preocupes comigo, Ryan. Hoje em dia, trabalho não falta para as governantas. As páginas de *The Lady* estão cheias de anúncios à procura de governantas. Ou talvez me reforme.

E para onde irá viver?

Era uma pergunta incómoda. Indicava que Ryan, de alguma forma, estava a par da sua grande ansiedade, muito embora nunca a houvesse expressado. Alguém lhe teria contado? Ou fora algo que ele também escutara por acaso? Vieram-lhe à

mente extractos de conversas imaginárias. *A Tally vai ser um problema. Não podemos despedi-la assim, sem mais nem menos. Tanto quanto sei, não tem para onde ir.*

Isso dependerá do emprego que eu arranjar, não é verdade? replicou calmamente. Espero ficar em Londres, mas de nada me serve tomar uma decisão, enquanto não soubermos o que vai acontecer ao museu.

Ryan tornou a fitá-la, olhos nos olhos, e Tally quase se convenceu de que ele estava a ser sincero.

Pode ir viver para a casa que ocupámos, se não se importar de partilhá-la. Os gémeos da Evie são muito barulhentos e não cheiram lá muito bem, mas não é tão mau como possa pensar. Quero dizer: para mim, serve, mas já não estou tão certo de que a senhora gostasse...

Claro que não ia gostar. Como podia Ryan imaginar que ela gostaria de viver numa casa ocupada? Estaria ele a tentar ajudá-la, mesmo que desastrosamente, ou estaria a brincar com a situação dela? Aquela ideia desagradava-lhe, mas tentou manter um tom de voz afável, até mesmo algo divertido, quando replicou:

Penso que não terei de chegar a esse ponto, mas, obrigada na mesma, Ryan. Ocupar uma casa abandonada e partilhá-la com estranhos é coisa de jovens. Não achas que devias voltar ao trabalho? Anoitece cada vez mais cedo e ainda tens de cortar uma hera morta no muro voltado para oeste.

Era a primeira vez que lhe sugeria que devia retirar-se, mas Ryan levantou-se, aparentemente sem se sentir ofendido. Apanhou algumas migalhas da toalha, levou o seu prato, a faca e o copo de água para a cozinha e voltou com um pano húmido com que começou a limpar as manchas de óleo.

Deixa estar, Ryan disse-lhe Tally, tentando não demonstrar a sua irritação. Tenho de lavar a toalha.

Depois de pousar o pano sobre a mesa, Ryan saiu. Tally suspirou de alívio quando a porta se fechou atrás dele.

A tarde passou lentamente. Tally manteve-se ocupada com pequenas tarefas na casa, por se sentir demasiado agitada para se sentar e ler. De súbito, tornou-se-lhe intolerável não saber o que estava a acontecer ou, se não pudesse sabê-lo, intolerável

127 permanecer ali, como se pudessem ignorá-la. Não lhe seria difícil arranjar um pretexto para ir até ao museu e falar com Muriel. Mrs. Faraday referira precisar de mais bolbos para plantar nas bermas do caminho de entrada. Podia Muriel comprá-los com o dinheiro destinado às despesas do museu? Pegou na gabardina e cobriu a cabeça com um capuz de plástico. Lá fora, continuava a cair uma chuva fina e silenciosa que fazia brilhar as folhas dos loureiros e lhe salpicava as faces. Ao chegar à porta do museu, Marcus Dupayne saiu. Caminhava apressadamente, com o semblante carregado, e pareceu não a ver, apesar da curta distância que os separava. Tally reparou que ele nem sequer fechara a porta. Estava entreaberta e, empurrando-a, Tally entrou no átrio, iluminado apenas pelos dois candeeiros da recepção onde Caroline Dupayne e Muriel estavam a vestir os casacos. Por trás delas, o átrio revelava-se um lugar desconhecido e misterioso, de sombras escuras e recantos cavernosos, com a escada central a subir para o negro vácuo. Nada lhe parecia familiar, simples ou reconfortante. Teve, por breves momentos, uma visão dos rostos da Sala do Crime, tanto das vítimas como dos assassinos, a descer a escada, num cortejo lento e silencioso, vindos da escuridão. Apercebera-se de que as duas mulheres se haviam virado e a fitavam. Por fim, a visão desvaneceu-se.

Muito bem, Muriel exclamou Caroline Dupayne, em tom enérgico. Vou deixá-la trancar as portas e ligar o alarme.

Com um rápido boa noite, que não era dirigido nem a Muriel nem a Tally, avançou para a porta e saiu.

Muriel abriu o armário onde guardava as chaves e tirou a da porta de entrada e as de segurança.

Miss Caroline e eu já passámos em revista as salas, por isso não tem de ficar aqui anunciou. Tive um acidente com o tabuleiro do chá, mas já limpei tudo. Fez uma pausa e, logo de seguida, acrescentou: Acho melhor começar a procurar um emprego.

Só eu?

Todos nós. Miss Caroline disse-me que se encarregaria de mim. Penso que tem uma proposta em mente que talvez

eu venha a aceitar. Mas... sim, todos nós teremos de procurar um novo emprego.

O que aconteceu? Os fiduciários chegaram a uma conclusão?

Ainda não, pelo menos, oficialmente. A reunião não foi propriamente pacífica... Muriel fez nova pausa, antes de continuar, com o ligeiro deleite de quem transmite más novas. O doutor Neville quer encerrar o museu.

E pode?

Pode impedir que o museu continue aberto, o que vai dar ao mesmo. Não conte a ninguém que eu lhe disse isto. Como já mencionei, ainda não é oficial, mas você trabalha aqui há oito anos e pensei que tinha o direito de saber.

Tally conseguiu manter a sua voz calma.

Obrigada por mo dizer, Muriel. Esteja descansada que não contarei a ninguém. Quando pensa que será encerrado em definitivo?

É como se já fosse definitivo. O novo contrato de arrendamento tem de ser assinado até ao dia quinze de Novembro, o que faz com que Miss Caroline e Mister Marcus tenham pouco mais de duas semanas para convencer o irmão a mudar de ideia. Ora, ele não vai voltar atrás na sua decisão...

Duas semanas. Tally voltou a agradecer e dirigiu-se para a porta. Ao voltar para casa a pé, pareceu-lhe que os seus tornozelos estavam atados a grilhetas e que os seus ombros se haviam curvado sob um peso insuportável. Iriam despejá-la dali a duas semanas? Recobrou rapidamente a razão. Não seria assim. Não podia ser assim. Passar-se-iam semanas, provavelmente meses, até mesmo um ano, antes que os novos locatários se mudassem para ali. Primeiro, teriam de tirar todas as colecções e as peças de mobiliário, assim que se estabelecesse o destino que lhes seria dado, e isso era algo que não podia fazer-se à pressa. Disse a si mesma que teria muito tempo para decidir o que iria fazer. Não queria iludir-se com a ideia de que os novos locatários se mostrariam felizes por ela permanecer na vivenda. Precisariam da vivenda para os seus empregados, como era óbvio. Tão-pouco se queria iludir com a ideia de que as suas economias lhe permitiriam comprar um apartamento

129 de uma assoalhada em Londres. Havia-as investido cuidadosamente, mas, com a recessão económica, já não lhe rendiam juros. Seria o suficiente para a entrada de um apartamento, mas como podia ela, uma mulher de mais de sessenta anos e sem rendimento fixo, obter ou pagar um empréstimo? Contudo, outros haviam sobrevivido a catástrofes muito piores e ela também haveria de consegui-lo. Nada de significativo aconteceu na quinta-feira nem nada foi comunicado oficialmente quanto ao futuro do museu. Nenhum dos Dupayne apareceu e houve apenas um diminuto fluxo de visitantes que, aos olhos de Tally, pareciam um grupo desanimado e solitário a vaguear pelas salas como se não soubesse o que estava a fazer ali. Na sexta-feira de manhã, Tally abriu o museu às oito horas, como de costume, desligou o sistema de alarme, voltou a programá-lo, acendeu as luzes e iniciou a sua inspecção. Como houvera muito poucos visitantes no dia anterior, nenhuma das salas do primeiro andar precisava de ser limpa. O piso térreo, que implicava limpezas mais pesadas, era tarefa de Ryan. Quanto a Tally, só tinha de limpar umas dedadas em algumas das vitrinas, em particular na Sala do Crime, e dar lustro às mesas e às cadeiras.

Muriel chegou pontualmente às nove horas, e o dia no museu começou. Um grupo de seis

académicos de Harvard devia chegar a qualquer momento, mediante marcação prévia. A visita fora organizada por Mr. Calder-Hale que lhes mostraria as salas, mas ele nutria pouco interesse pela Sala do Crime e, geralmente, era Muriel que se encarregava de a mostrar. Muito embora o conservador aceitasse que o homicídio pudesse ser simbólico e característico da época em que havia sido cometido, defendia que se podia realçar aquele aspecto sem dedicar uma sala inteira aos assassinos e aos seus homicídios. Tally sabia que ele se recusava a fornecer explicações ou pormenores sobre tudo o que se achava exposto na Sala do Crime

131 assim como se mostrava inflexível quanto à proibição de se abrir o baú só para que os visitantes pudessem ver as alegadas manchas de sangue, ávidos por sentir um calafrio de horror.

Muriel mostrou-se muito repressiva. As dez horas, foi procurar Tally, que se achava atrás da garagem a conversar com Ryan sobre quais os arbustos que precisavam de ser aparados e se deviam telefonar a Mrs. Faraday, que continuava ausente, para lhe pedir conselho.

Tenho *de* deixar a recepção por algum tempo. Precisam de mim na Sala do Crime. Se, ao menos, aceitasse ter um telemóvel, eu podia contactá-la quando não está na vivenda comentou Muriel.

A recusa de Tally em ter um telemóvel era um motivo de queixa antigo, mas mantivera-se firme na sua decisão. Detestava telemóveis, não tanto porque as pessoas tinham o hábito de deixá-los ligados nas galerias e nos museus, mas porque berravam para aqueles aparelhos conversas sem qualquer interesse, enquanto ela estava sentada calmamente no seu lugar preferido do autocarro, a parte da frente do primeiro andar, e contemplava o espectáculo que passava pela janela. Sabia que o seu ódio por telemóveis não era provocado apenas por aquelas inconveniências. De forma irracional mas inelutável, o seu toque havia substituído o som insistente que dominara a sua infância e a sua vida adulta: o tilintar da porta da loja dos tios.

Sentada atrás da recepção, a distribuir os pequenos autocolantes forma que Muriel encontrara para contabilizar o número de visitantes e escutando o burburinho suave de vozes que vinham da galeria de quadros, Tally sentiu-se mais animada. O dia reflectia o seu estado de espírito. Na quinta-feira, o céu, como um imenso tapete cinzento impenetrável, abatera-se sobre a cidade, parecendo querer absorver-lhe as energias e a própria vida. Mesmo na orla do Heath, o ar exalava um odor tão acre quanto o da fuligem. Contudo, na sexta-feira de manhã, o tempo mudara. O ar ainda era frio, mas menos pesado. Ao meio-dia, uma vento fresco sacudia as copas finas das árvores, movendo-se por entre os arbustos e perfumando o ar com o cheiro a terra, tão característico do fim do Outono.

Estava ainda na recepção quando chegou Mrs. Strickland, uma das voluntárias. Era uma calígrafa amadora e ia ao Dupayne, às quartas e sextas, para se sentar na biblioteca e escrever tudo o que lhe pedissem, preenchendo um objectivo triplo, uma vez que também dispunha de competência para responder à maior parte das perguntas dos visitantes sobre os livros e os manuscritos, enquanto mantinha discretamente debaixo de olho as entradas e saídas. À uma e meia, Tally foi novamente chamada para ficar na recepção, enquanto Muriel almoçava no gabinete adjacente. Muito embora a anuência de visitantes houvesse diminuído, o museu parecia mais concorrido do que nas últimas semanas. As duas horas, formara-se mesmo uma pequena fila. Enquanto dava as boas-vindas com um sorriso e entregava o troco, o optimismo de Tally aumentou. Talvez ainda se encontrasse uma maneira de salvar o museu, muito embora não houvesse ainda sido feita qualquer comunicação oficial sobre o assunto.

Pouco antes das cinco horas, como já todos os visitantes tinham saído, Tally regressou ao museu, pela última vez, para se juntar a Muriel na ronda de inspecção. No tempo do velho Mr. Dupayne, aquela tarefa era da única responsabilidade de Tally, mas, uma semana depois da chegada de Muriel, esta decidira por sua própria iniciativa juntar-se a Tally, que compreendera, intuitivamente, que não lhe convinha entrar em conflito com a protegida de Miss Caroline e, por conseguinte, não formulara qualquer objecção. Como de costume, passaram de uma sala para a outra, trancaram as portas da galeria de quadros e da biblioteca e desceram à cave para examinar a sala do arquivo, que ficava sempre iluminada porque a escada de ferro podia constituir um perigo. Tudo estava em ordem. Nenhum dos visitantes deixara ficar, esquecido, qualquer objecto pessoal. Já tinham colocado as capas de couro sobre as vitrinas e só lhes restava arrumar os poucos jornais espalhados sobre a mesa da biblioteca, devidamente protegidos por capas de plástico. Por fim, apagaram as luzes.

De volta ao átrio de entrada e depois de olhar para a escuridão que se estendia por cima da escada, Tally questionou-se, como tantas vezes o fizera, sobre a peculiar natureza daquele

vazio silencioso. Para ela, o museu, depois das cinco horas da tarde, tornava-se misterioso e estranho, como os lugares públicos frequentemente parecem depois da saída de todas as pessoas, e o silêncio, qual espírito estranho e agoirente, entra sorrateiramente para se apoderar das horas da noite. Mr. Calder-Hale saíra ao fim da manhã, com o seu grupo de visitantes, Miss Caroline fizera o mesmo por volta das quatro da tarde e, pouco depois, Ryan recebera o seu dinheiro do dia e partira a pé até à estação de metropolitano de Hampstead. Agora, só restavam Tally, Muriel e Mrs. Strickland. Muriel oferecera-se para dar boleia a Mrs. Strickland até à estação e, às cinco e um quarto, um pouco antes do que habitualmente, ambas haviam partido. Tally ficara a ver o carro desaparecer no caminho da entrada e, depois, começara a sua caminhada pela escuridão, em direcção a casa.

O vento levantara-se em rajadas irregulares, arrancando-lhe da mente o optimismo das horas do dia. Lutando contra o vento, encaminhou-se para a parte virada a leste da vivenda, arrependida de não haver deixado as luzes acesas. Desde que Muriel fora trabalhar para o museu, Tally aprendera a ser poupada, mas o aquecimento e a electricidade da sua casa dependiam de um circuito separado do museu e, muito embora nunca ninguém se houvesse queixado, Tally sabia que as facturas eram examinadas por Muriel, que tinha razão em proceder daquela maneira. Agora, mais do que nunca, era importante poupar dinheiro. Contudo, ao aproximar-se da massa sombria, desejou que as luzes da sala de estar brilhassem por entre as cortinas, para lhe garantir que aquela ainda era a sua casa. Deteve-se à porta para contemplar a vasta extensão do Heath e avistar, ao longe, o esplendor de Londres. Mesmo quando caía a noite e o Heath se transformava num vazio negro, sob o céu, continuava a ser um local que lhe era familiar e de que muito gostava.

De súbito, ouviu um farfalhar nos arbustos e *Tomcat* apareceu. Sem qualquer demonstração de afecto nem parecendo dar pela presença de Tally, percorreu o carreiro e sentou-se, à espera que ela lhe abrisse a porta.

Tomcat era um gato vadio. Até mesmo Tally tinha de admitir que era muito pouco provável que alguém pudesse

escolhê-lo como animal de estimação. Era o maior gato que alguma vez vira, com uma pelagem estranha, de um tom castanho-alaranjado, e um focinho achatado, em que um olho se achava mais abaixo do que o outro, patas largas e curtas, e uma cauda que ele parecia não saber que lhe pertencia porque raramente a usava para demonstrar qualquer outra emoção a não ser descontentamento. Aparecera no Heath, no Inverno anterior, e sentara-se à porta da vivenda durante dois dias até que Tally, provavelmente de forma insensata, colocara num pires comida para gatos, que ele tragara sofregamente por estar faminto. Depois, passara pela porta aberta, entrara na sala de estar e apropriara-se de uma cadeira situada ao lado da lareira. Ryan, que se encontrava de serviço naquele dia, olhara da porta com viva desconfiança para o animal.

Entra, Ryan. Ele não te vai atacar. É apenas um gato e nada pode fazer para melhorar o seu aspecto.

Mas é tão grande... Que nome lhe vai dar?

Ainda não pensei nisso. *Gengibre* e *Marmelada* são demasiado óbvios, por causa da cor do seu pêlo. De qualquer forma, o mais certo é ele desaparecer...

Não me parece que ele queira partir. Os gatos de pelagem amarela não são todos machos? Devia chamar-lhe *Tomcat*.

E assim fora escolhido o nome.

A reacção dos Dupayne e do pessoal do museu nas semanas seguintes, expressa quando haviam dado com *Tom*, não fora entusiasta. A desaprovação tinha sido mesmo patente no tom de voz de Marcus Dupayne, quando dissera:

Não tem coleira, o que indica que não era particularmente estimado. Talvez pudesse pôr um anúncio, mas o mais certo é o seu dono ter ficado feliz por o ver pelas costas. Se vai ficar com ele, Tally, faça com que ele não entre no museu.

Mrs. Faraday vira o gato com a desaprovação típica de uma pessoa que se dedica à jardinagem, limitando-se a dizer que era impossível impedi-lo de andar pelo relvado, e não se enganara. Quanto a Mrs. Strickland, exclamara:

¹ Designação, em inglês, para gatos machos. (*N da T*)

Que gato tão feio! Pobrezinho! Não seria melhor mandar abatê-lo? Não devia ficar com ele, Tally. Deve estar cheio de pulgas. Não vai deixá-lo aproximar-se da biblioteca, pois não? Sou alérgica a pêlo de gato.

Tally não estava à espera que Muriel se mostrasse solidária e ela reagira em conformidade.

É melhor certificar-se de que ele não entra no museu. Miss Caroline não gostaria nada de ver um gato e já tenho muito com que me preocupar para agora ter de passar a vigiar um animal. E espero bem que não esteja a pensar em instalar uma portinhola na vivenda, porque o próximo inquilino pode não gostar de ter um buraco na porta.

Somente Neville Dupayne parecera não reparar no gato.

Tomcat depressa estabeleceu a sua rotina diária. Tally dava-lhe de comer assim que se levantava, e depois ele desaparecia, para voltar ao fim da tarde, quando se sentava em frente da porta à espera que o deixasse entrar para a sua segunda refeição. Voltava a ausentar-se até às nove da noite, quando pedia de novo que o deixasse entrar. Por vezes, dignava-se sentar-se, por breves momentos, no regaço de Tally, para de seguida ocupar a sua cadeira, até ela se ir deitar e o pôr ao relento, durante a noite.

Enquanto abria a lata de sardinhas, o prato favorito de *Tomcat*, Tally apercebeu-se inesperadamente de que estava contente por vê-lo. Alimentá-lo fazia parte da sua rotina diária e, agora, com um futuro incerto pela frente, aquela rotina proporcionava-lhe uma reconfortante impressão de segurança e normalidade e uma pequena defesa contra as grandes mudanças iminentes, reforçada pelos seus fins de tarde. Dali a pouco, preparar-se-ia para a aula nocturna sobre a arquitectura georgiana de Londres, que tinha lugar às sextas-feiras, pelas seis horas, numa escola local. Todas as semanas, às cinco e meia em ponto, ela pegava na bicicleta e chegava à escola com antecedência suficiente para tomar um café e comer uma sanduíche no barulhento anonimato da cantina.

Às cinco e meia, na feliz ignorância dos horrores que a esperavam, Tally desligou as luzes, trancou a porta da vivenda, tirou a bicicleta da barraca do jardim, acendeu e ajustou o único farolim e começou a pedalar energicamente pelo caminho de entrada do museu.

LIVRO DOIS

A Primeira Vítima

Sexta-feira, de Novembro/terça-feira, 5 de Novembro

A nota escrita com uma letra cuidada na porta da Sala Cinco confirmava o que Tally já havia suspeitado, dada a ausência de pessoas no corredor: a aula fora cancelada. Mrs. Maybrook adoecera, mas esperava estar de volta na sexta-feira seguinte. Naquela noite, Mr. Pollard teria muito gosto em incluir os estudantes na aula que dana na Sala Sete, às seis horas, acerca de Ruskin e de Veneza. Tally não se sentia disposta a enfrentar, mesmo durante uma hora, um novo tema, um professor diferente e rostos que não lhe eram familiares. Era o desapontamento final e de menor importância naquele dia, que começara de forma tão promissora, com a luz do Sol intermitente a reflectir a esperança progressiva de que tudo correria bem, mas que se havia alterado com a chegada do crepúsculo. Um vento errático, de intensidade crescente, e um céu quase sem estrelas haviam-lhe provocado a sensação opressiva de que nada de bom iria acontecer. E, agora, aquela deslocação em vão. Regressou à barraca deserta onde deixara a sua bicicleta e abriu o cadeado que colocara numa das rodas. Era tempo de voltar ao conforto familiar da vivenda, para ler um livro ou ver um vídeo, acompanhada por *Tomcat*, que não fazia exigências e se servia a si próprio.

O regresso a casa nunca lhe parecera tão cansativo. Não era só pelo facto de o vento a ter apanhado de surpresa; sentia as pernas pesadas como chumbo e a bicicleta convertera-se num penoso empecilho que exigia a utilização de toda a sua força para a fazer avançar. Foi com alívio que atravessou

Spaniards Road, depois de esperar que passasse uma pequena procissão de automóveis, e começou a pedalar pelo caminho de entrada do museu. Naquela noite pareceu-lhe interminável. Para lá das zonas iluminadas, a escuridão era quase palpável, dificultando-lhe a respiração. Inclinou-se sobre o guiador, para melhor poder observar o círculo de luz formado pelo farolim da sua bicicleta e que oscilava sobre o asfalto como se fosse um fogo-fátuo. Até àquele momento, nunca tivera medo do escuro. Tornara-se uma espécie de rotina nocturna atravessar a pé o seu pequeno jardim até à orla do Heath para inalar o odor do solo e das plantas, intensificado pela penumbra, e contemplar ao longe as luzes trémulas de Londres, de um brilho mais agressivo do que a miríade de pequenos pontos luminosos na abóbada celeste. No entanto, naquela noite, Tally não iria sair de casa.

Depois da última curva, para além da qual já podia ver o edifício, travou a fundo, transida de horror; a visão, o cheiro e os sons combinaram-se para que o seu coração desse um pulo e começasse a bater precipitadamente como se estivesse prestes a explodir e a despedaçar-lhe o corpo. À esquerda do museu, havia algo em chamas. Talvez a garagem ou a barraca do jardim. Por alguns segundos, o mundo à sua volta desintegrou-se. Um grande automóvel avançava na sua direcção, a toda a velocidade, cegando-a com os faróis. Atingiu-a, antes que tivesse tempo para se afastar ou, sequer, para pensar. Instintivamente, agarrou-se ao guiador e, logo a seguir, sentiu o impacte. A bicicleta saltou-lhe das mãos e viu-se projectada numa confusão de luzes, sons e um emaranhado de metal antes de cair sobre a relva da berma, por baixo da bicicleta, cujas rodas não paravam de girar. Durante um certo tempo, ficou estendida, momentaneamente aturdida e demasiado confusa para tentar qualquer movimento. Até os seus pensamentos pareciam estar paralisados. Depois, a sua mente recuperou o domínio e Tally tentou levantar a bicicleta. Para sua surpresa, verificou que podia fazê-lo e que não perdera a força nos braços e nas pernas. Sentia o corpo dorido, mas não estava gravemente ferida... 140

Levantou-se com alguma dificuldade, sem largar a bicicleta. O carro havia parado. Tally apercebeu-se de uma figura masculina e ouviu uma voz perguntar:

Lamento muito. Sente-se bem?

Mesmo naquele momento de tensão, a voz do homem impressionou-a; era uma voz característica que, em outras circunstâncias, lhe pareceria tranquilizadora. O rosto que se inclinou sobre o seu também era característico. À luz ténue dos candeeiros do caminho pôde vislumbrá-lo claramente por breves instantes. Era atraente, tinha cabelo louro e, nos olhos, brilhava-lhe uma súplica desesperada.

Estou bem, obrigada respondeu. Não ia a pedalar e caí sobre a relva. Estou bem reiterou.

O homem falara num tom preocupado, mas não passou despercebida a Tally a frenética necessidade dele em sair dali. Mal esperou ouvir a voz dela para correr de volta ao carro. Antes de abrir a porta, voltou-se e, olhando para as chamas, cada vez mais altas, comentou:

Parece que alguém ateou uma fogueira.

Logo em seguida, o automóvel arrancou ruidosamente e desapareceu.

Na confusão daquele momento, aliada à sua ânsia desesperada de chegar ao local do incêndio para chamar os bombeiros, Tally não perguntou a si própria quem seria aquele homem e qual a razão por que se encontrava ali, com o museu fechado. No entanto, a sua última frase evocara-lhe algo de terrível. As palavras e as imagens fundiram-se numa instantânea e horrorizada recordação. Eram as mesmas palavras proferidas pelo assassino Albert Arthur Rouse, enquanto se afastava do carro em chamas em que a sua vítima morria carbonizada.

Ao tentar sentar-se no selim, Tally verificou que a bicicleta ficara inutilizável, com a roda da frente torcida. Atirou-a de novo para a berma relvada e começou a correr em direcção às chamas, com o coração a palpar ao compasso do bater dos pés no solo. Ainda antes de chegar à garagem, pôde verificar que era aquele o foco do incêndio; o telhado estava a arder e as chamas mais altas vinham do pequeno grupo de vidoeiros prateados que ficavam à direita da garagem. Aos seus ouvidos chegavam, em torvelinho, o silvar do vento, o crepitar do fogo

141

e as pequenas explosões, semelhantes a disparos de pistolas, dos ramos mais altos que, em chamas, tombavam das copas das árvores e, depois de se recortarem por momentos contra o céu escuro como peças de um fogo-de-artifício, caíam em volta dos seus pés, já calcinados.

À porta aberta da garagem, estacou, paralisada pelo terror.

Oh, não! Santo Deus, não!

Uma nova rajada de vento levou para longe o seu grito angustiado. Tally só pôde contemplar a cena durante alguns segundos, antes de fechar os olhos; mas sabia que não iria conseguir apagar da mente o horror daquela visão. Ficaria gravada na sua memória para sempre. Não sentiu o impulso de entrar, na tentativa de salvar alguém, porque não havia ninguém que pudesse ser salvo. O braço que saía da porta entreaberta do carro, tão rígido como se fosse o de um espantalho, fora constituído, em tempos, por carne, músculos, veias e sangue palpitante... mas já não o era. A bola enegrecida que via através do pára-brisas estilhaçado e a fileira de dentes brancos, que brilhavam

entre a carne calcinada, haviam pertencido a uma cabeça humana... mas que deixara de o ser.

De súbito, veio-lhe à memória com nitidez um desenho que vira num dos seus livros acerca de Londres e em que apareciam as cabeças de traidores executados, espetados em estacas na Ponte de Londres. Aquela lembrança causou-lhe uma desorientação momentânea, a crença de que aquilo não estava a acontecer ali nem naquele momento, antes resultava de uma alucinação vinda de séculos passados numa amálgama de horror real e, ao mesmo tempo, imaginário. Cedo, porém, recobrou a consciência da realidade. Tinha de chamar os bombeiros quanto antes. O seu corpo parecia-lhe um peso morto, cravado na terra, e os seus músculos, tão rígidos como se fossem feitos de ferro. Essa sensação, contudo, também durou pouco.

Mais tarde, não foi capaz de recordar-se como chegou à porta da vivenda. Descalçou as luvas, atirou-as ao chão, sentiu o metal frio do seu molho de chaves no bolso interior da mala de mão e tentou ocupar-se das duas fechaduras. Enquanto tentava manobrar a chave de segurança, disse em voz alta para si própria:

Calma! Tem calma!

E, na verdade, sentia-se mais calma. Se bem que as mãos ainda lhe tremessem, o terrível palpitar acelerado do coração abrandara e conseguiu abrir a porta.

Uma vez dentro da vivenda, a mente de Tally foi ficando mais lúcida a cada segundo que passava. Ainda não conseguira dominar o tremor das mãos mas os seus pensamentos, pelo menos, tornaram-se mais claros. A primeira coisa a fazer era chamar os bombeiros.

A chamada que fez para o 112 foi prontamente atendida, mas a espera que se lhe seguiu pareceu-lhe interminável. Quando uma voz de mulher lhe perguntou qual o serviço de que necessitava, respondeu:

Os bombeiros, por favor, e é muito urgente. Há um corpo dentro dum carro que está a arder.

Quando, por fim, ouviu uma outra voz, desta vez masculina, forneceu calmamente todos os pormenores necessários em resposta às perguntas que lhe foram feitas e, depois, pousou o auscultador. Nada se podia fazer por aquele corpo carbonizado, por muito depressa que chegasse o carro dos bombeiros, mas, logo a seguir, acudiriam em seu auxílio agentes da polícia, peritos e toda a casta de pessoas que tinha de confrontar-se com aqueles casos, por dever de ofício. Então, sentir-se-ia aliviada da terrível responsabilidade e da impotência que lhe pesavam sobre os ombros.

Agora, devia telefonar a Marcus Dupayne. Por baixo do telefone, situado na sua pequena secretária de madeira de carvalho, conservara um cartão, metido dentro de uma capa de plástico, com os nomes e os números de telefone das pessoas a que poderia recorrer em caso de emergência. Até à semana anterior, o nome de Caroline Dupayne encabeçara a lista mas, agora que Marcus Dupayne se reformara, passara a ser o primeiro a quem telefonar numa emergência. Havia recopiado o cartão com a sua letra nítida e meticulosa e premiu as teclas do telefone.

Uma voz feminina respondeu quase de imediato.

Mistress Dupayne? Daqui fala a Tally Glutton, do museu. Por favor, Mister Dupayne está em casa? Receio que tenha ocorrido um terrível acidente.

Que espécie de acidente? quis saber a mulher num tom de voz áspero.

A garagem está a arder. Já chamei os bombeiros e estou agora à espera que cheguem. Mister Dupayne pode vir até cá quanto antes, por favor?

Ele não está. Foi visitar o Neville ao seu apartamento de Kensington. A voz voltou a assumir a rispidez anterior. *O Jaguar* do doutor Dupayne está aí?

Sim, está na garagem, e lamento dizer-lhe que, segundo parece, há um corpo no interior.

Fez-se silêncio, como se a comunicação tivesse sido cortada. Tally nem sequer era capaz de ouvir a respiração de Mrs. Dupayne. Queria que a mulher desligasse para poder telefonar a Caroline Dupayne. Não fora daquela maneira que desejava dar a notícia.

Por fim, Mrs. Dupayne voltou a falar. O seu tom de voz era premente, autoritário, sem admitir réplica.

Vá ver imediatamente se o carro do meu marido se encontra lá. E um *BMW* azul. Eu fico à espera.

Era mais rápido obedecer do que discutir com aquela mulher. Tally correu, pelas traseiras da casa, até ao parque de estacionamento, por trás do seu escudo de arbustos e loureiros. Só havia ali um automóvel, o *Rover* do Dr. Neville. De regresso à vivenda, apressou-se a pegar no auscultador.

Não, Mistress Dupayne, não está lá nenhum *BMW*. Novo silêncio, embora desta vez Tally se apercebesse de

uma curta inspiração de ar, denunciando um suspiro de alívio. A mulher falou num tom de voz mais calmo:

Porei o meu marido ao corrente da situação logo que ele regresse. Estamos à espera de visitas que vêm jantar connosco esta noite e, por isso, ele não deve demorar. Não posso ligar-lhe para o telemóvel, porque o desliga quando conduz. Entretanto, telefone à Caroline.

E, por fim, desligou.

Tally não precisava de que ela lho dissesse; Miss Caroline tinha de ser informada do sucedido. Desta vez, teve mais sorte. Quando ligou para a escola, respondeu-lhe o gravador de chamadas, mas Tally só ouviu as primeiras palavras da 144

mensagem de Caroline, antes de voltar a pousar o auscultador e tentar ligar-lhe para o telemóvel. A resposta não se fez esperar. Tally ficou surpreendida pela forma tranquila e sucinta como conseguiu transmitir-lhe o que tinha a contar.

Daqui fala a Tally, Miss Caroline. Lamento informá-la de que aconteceu algo de horrível: o carro do doutor Neville e a garagem estão a arder e o fogo propagou-se às árvores. Chamei os bombeiros e tentei falar com Mister Marcus, mas ele não se encontra em casa. Fez uma pausa e, depois, foi capaz de dizer o que era quase inexprimível: Parece-me que há um corpo dentro do automóvel!

Era extraordinário como a voz de Miss Caroline podia manter-se tão normal e imperturbada.

Está a querer dizer-me que alguém morreu carbonizado no interior do carro do meu irmão? perguntou.

Receio que sim, Miss Caroline.

Só então o tom da sua interlocutora se tornou mais insistente.

Quem é? O meu irmão?

Não sei, Miss Caroline, não sei! Mesmo aos próprios ouvidos de Tally, a sua voz estava a converter-se num queixume de desespero. O auscultador escorregava-lhe das mãos suadas e, por isso, transferiu-o para a orelha esquerda.

A voz de Caroline voltou a ouvir-se e era cada vez mais impaciente.

Tally, está aí? E o museu?

Está intacto. Só estão a arder a garagem e as árvores que a rodeiam. Já chamei os bombeiros.

De súbito, Tally perdeu o domínio sobre si própria; sentiu que lhe afloravam lágrimas quentes aos olhos e que a voz se lhe extinguia. Até àquele momento, tudo fora horror e pânico, mas, repentinamente e pela primeira vez, foi invadida por um terrível pesar. Não que gostasse do Dr. Neville ou sequer o conhecesse bem; as lágrimas brotavam de um poço mais fundo do que a simples dor por um homem haver morrido de forma tão horrível; sabia que só em parte eram uma reacção provocada pelo choque e pelo terror. Pestanejou e, procurando recuperar a calma, pensou: «É sempre assim, quando morre alguém.

Choramos um pouco por nós mesmos. Aquele sentimento de profunda dor, contudo, era algo mais do que a triste aceitação da sua própria mortalidade; fazia parte de um pesar universal pela beleza, pelo horror e pela crueldade do mundo.

A voz de Caroline voltou a adoptar um tom decidido, *autoritário* e estranhamente reconfortante.

Muito bem, Tally, fez o que devia. Vou já para aí. Levarei cerca de trinta minutos a chegar, mas vou já para aí.

Tally pousou o auscultador e manteve-se imóvel por instantes. Devia telefonar a Muriel? Se Miss Caroline quisesse! que ela estivesse presente, não lho teria dito? No entanto, Muriel iria sentir-se ofendida e zangada se não a informasse do que acontecera. Tally apercebeu-se de que não era capaz de confrontar-se com a perspectiva do descontentamento de Muriel afinal, era ela quem, de facto, assegurava o funcionamento do museu. O incêndio iria, provavelmente, constituir a notícia local mais importante daquele fim-de-semana. Claro que ia. Notícias como aquela espalhavam-se sempre. Muriel tinha todo o direito de ser informada quanto antes.

Ligou, mas a linha estava ocupada. Pousou o auscultador, mas voltou a levantá-lo de novo. Se Muriel estava ao telefone, era pouco provável que pudesse atender o telemóvel, mas valia a pena tentar. Ao fim de quatro toques, ouviu a voz dela. Tally só teve tempo de se identificar.

Porque me ligou para o telemóvel? perguntou Muriel. Estou em casa.

A linha estava ocupada.

Não, não estava. Fez uma pausa e acrescentou: Espere um momento Nova pausa, mais curta. O telefone da mesa-de-cabeceira estava mal colocado explicou. O que se passa? Onde está?

Parecia furiosa. Detesta ter de admitir uma falha sua, por mais insignificante que seja, pensou Tally.

No museu replicou. A minha aula foi cancelada. Lamento ter de dar-lhe uma terrível notícia: houve um incêndio na garagem e o automóvel do doutor Neville está lá dentro. E há... também... um corpo. Alguém morreu queimado. Receio que se trate do doutor Neville. Chamei os bombeiros e telefonei a Miss Caroline.

Desta vez, o silêncio foi mais prolongado.

Muriel, ainda está aí? perguntou Tally. Ouviu o que eu disse?

Sim, ouvi replicou Muriel. É aterrador. Tem a certeza de que ele está morto? Não pôde tirá-lo do carro?

Aquela pergunta era ridícula.

Ninguém poderia salvá-lo.

E supõe que se trata do doutor Neville...

Quem mais poderia estar dentro do carro dele? argumentou Tally. No entanto, não tenho a certeza. Não sei de quem se trata; só sei que está morto. Não vem até cá? Julguei que gostasse de saber o que se passou.

Claro que vou. Fui a última pessoa a sair do museu e o meu dever é ir para aí, tão depressa quanto possível. Não diga a Miss Caroline que o corpo é do doutor Neville, antes que tenhamos a certeza disso. Pode tratar-se de outra pessoa qualquer. A quem mais telefonou?

A Mister Marcus, mas ainda não tinha chegado a casa. A mulher dele ficou de lhe dar a notícia. Acha que devo telefonar a Mister Calder-Hale?

A voz de Muriel revelava impaciência quando replicou:

Não. Deixe isso ao cuidado de Miss Caroline, quando ela aí chegar. Além disso, não sei em que poderia ser-nos útil. Deixe-se ficar onde está. Ah, outra coisa, Tally...

O quê, Muriel?

Peço-lhe que me desculpe por ter sido tão rude consigo. Quando chegarem os bombeiros, mantenha-se dentro de casa. Estarei aí tão depressa quanto seja possível.

Tally pousou o auscultador e foi até à porta da vivenda. Para além do crepitar do fogo e do silvar do vento, pôde distinguir o som de um carro que se aproximava. Correu para a frente do museu e soltou um suspiro de alívio. O grande camião, com os seus faróis a brilhar como holofotes, avançou como se fosse um gigantesco monstro lendário, iluminando o relvado e o museu, quebrando aquela calma frágil com o seu clamor. Tally precipitou-se para o camião, enquanto apontava num gesto desnecessário para as chamas. Sentiu que um enorme peso lhe era retirado de cima dos ombros. Finalmente, o auxílio havia chegado. 147

O comandante adjunto Geoffrey Harkness gostava que não tivessem sido colocadas cortinas nas janelas do seu gabinete do sexto andar; o mesmo acontecia com Adam Dalgliesh, um andar abaixo. No ano anterior, tinham sido reorganizadas as acomodações da Scotland Yard e, agora, pelas janelas de Dalgliesh, podia ver-se a zona mais aprazível e rural de St. James's Park, que, àquela distância, se assumia mais como uma promessa do que uma simples paisagem. Para ele, as estações eram assinaladas pelas metamorfoses do parque: a Primavera, pelo desabrochar dos rebentos nas árvores; o Verão, pela luxuriante amplidão das suas copas; o Outono, pelos tons dourados e amarelados, e o Inverno, pelos apressados transeuntes, de gola levantada para se protegerem do frio. No princípio da época estival, apareciam, de súbito, as cadeiras de repouso municipais, numa profusão de lonas coloridas, e os londrinos, com roupas leves, sentavam-se sobre a relva aparada num cenário digno de um quadro de Seurat. Nas tardes de Verão, enquanto caminhava de regresso a casa através do parque, por vezes ouvia o crescendo dos instrumentos de percussão de uma banda militar e via os convidados das festas ao ar livre da rainha, muito emproados pela elegância que exibiam e que não estava nos seus hábitos.

A vista de que desfrutava Harkness, contudo, não proporcionava nada daquela variedade sazonal. Depois de anoitecer, fosse qual fosse a estação do ano, toda a janela era constituída por um panorama de Londres, delineada e celebrada pelas 148

luzes. Torres, pontes, casas e ruas decoravam-se com jóias, braceletes e colares de diamantes e rubis, que tornavam ainda mais misterioso o escuro curso do rio. A paisagem era tão espectacular que ofuscava o gabinete de Harkness, fazendo com que o mobiliário oficial, adequado ao seu posto, parecesse uma transigência mesquinha, e que as suas recordações pessoais, condecorações e placas que recebera de polícias estrangeiras assumissem o aspecto ingenuamente pretensioso de meros trofeus de crianças.

A convocatória, sob a forma de pedido, proviera do comandante adjunto, mas, assim que Dalglish entrou no gabinete do seu superior, apercebeu-se de que não se tratava de um assunto rotineiro da Polícia Metropolitana. Maynard Scobie, da Unidade Especial de Segurança, já lá se encontrava, acompanhado por um colega que Dalglish não conhecia mas que ninguém se deu ao trabalho de apresentar. Mais significativa ainda era a presença de Bruno Denholm, do MI5 olhava pela janela, mas, de seguida, voltou-se e foi sentar-se ao lado de Harkness. Os rostos dos dois homens não podiam ser mais eloquentes. O comandante adjunto parecia irritado e Denholm exibia o ar cauteloso, porém decidido, do homem que sabe estar em minoria mas que dispõe da arma mais potente.

Sem qualquer preâmbulo, Harkness tomou a palavra.

Trata-se do Museu Dupayne, uma instituição privada dedicada ao período entre as duas guerras. Em Hampstead, na orla do Heath. Conhece-o?

Estive lá, pela primeira vez, na semana passada.

Isso pode ser útil, segundo creio. Pessoalmente, nunca tinha ouvido falar desse museu.

Pouca gente o conhece. Não fazem publicidade, embora isso possa vir a mudar. Tem uma nova administração. O Marcus Dupayne assumiu a direcção.

Harkness encaminhou-se para a mesa.

Será melhor sentarmo-nos, porque isto pode levar algum tempo. Houve um homicídio ou, para ser mais exacto, uma morte suspeita que, de acordo com o oficial de investigação dos bombeiros, não foi provocada por causas naturais. O Neville Dupayne morreu, carbonizado, dentro do seu 149

Jaguar, na garagem do museu. Segundo parece, era seu hábito ir buscar o carro todas as sextas-feiras, às seis da tarde, para ir passar fora o fim-de-semana. Nesta sexta-feira, é possível que alguém tenha esperado pela sua chegada para lançar gasolina sobre a sua cabeça e lhe atear fogo. Parece ser isso que aconteceu. Queremos que seja você a ocupar-se do caso. Dalglish olhou para Denholm.

Como se encontra presente, deduzo que tenha interesse no caso.

Só de forma marginal, mas gostaríamos que o assunto fosse esclarecido o mais cedo possível. Conhecemos apenas os factos, mas parecem inequívocos.

Então, para que precisam de mim?

E necessário que tudo fique resolvido com a maior discrição possível explicou Harkness. Um assassinio sempre atrai alguma publicidade, mas não queremos que a imprensa comece a fazer perguntas. Dispomos de um contacto no local, James Calder-Hale, que ocupa o cargo de conservador ou coisa parecida. E um antigo funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, perito em assuntos do Médio Oriente. Fala árabe e um ou dois dialectos. Há quatro anos, reformou-se por motivos de saúde, mas mantém-se em contacto com os amigos. E, o que ainda é mais importante, os amigos mantêm-se em contacto com ele. De vez em quando, fornece-nos pistas úteis para resolvermos certos quebra-cabeças e gostaríamos que essa situação continuasse assim.

Ele faz parte da folha de pagamentos? quis saber Dalglish.

Não exactamente. As vezes, com efeito, é necessário efectuar certos pagamentos. No entanto, trabalha sobretudo como *freelance*, e é-nos muito útil.

O MIFive não teve qualquer prazer em prestar esta informação adiantou Harkness, mas nós insistimos, dada a necessidade de conhecer o terreno que pisamos. Como é evidente, deve guardar só para si o que acaba de ouvir.

Se vou dirigir a investigação de um homicídio, tenho de o dizer aos meus dois subordinados. Suponho que não levantarão quaisquer objecções se eu prender o Calder-Hale, no caso de ser ele o assassino do Neville Dupayne?

150

I

Penso que irá descobrir que ele está inocente. Tem um álibi replicou Denholm, com um sorriso.

Terá mesmo?, pensou Dalglish. O MI5 actuara rapidamente; a sua primeira reacção, ao saber do crime, fora a de entrar em contacto com Calder-Hale. Se dispusesse de um álibi consistente, podia ser eliminado da lista dos suspeitos e toda a gente ficaria feliz. No entanto, o envolvimento do MI5 continuava a constituir um problema. Oficialmente, talvez eles considerassem mais prático manter-se à distância, mas, oficiosamente, iriam vigiar cada passo que ele desse.

E como pensa impingir isto à divisão local? perguntou. A primeira vista, não passa de mais um caso. Uma morte suspeita não justifica, por si só, pedir a intervenção da Brigada de Investigações Especiais. É possível que queiram saber porque nos ocupamos do caso.

Harkness minimizou a questão.

Nós trataremos disso. Provavelmente, iremos insinuar que um dos pacientes de Dupayne, num passado mais ou menos recente, era uma pessoa importante e, por isso, queremos que o assassino seja descoberto sem quaisquer escândalos. Ninguém vai entrar em pormenores demasiado explícitos. O que importa é que o caso seja resolvido. O oficial de investigação dos bombeiros permanece no local, tal como Marcus Dupayne e a irmã. Segundo julgo, nada impede que comece já a tratar do assunto.

Tinha de telefonar a Emma. De regresso ao seu gabinete, Dalglish sentiu-se invadido por um sentimento de desolação tão intenso como as desilusões de infância, meio adormecidas na sua memória, e que trazia consigo a mesma convicção supersticiosa de que um destino maligno se voltara contra ele, por não o considerar digno de ser feliz. Havia reservado uma mesa num recanto tranquilo de The Ivy para as nove horas. Jantariam mais tarde e fariam planos para o fim-de-semana. Calculara meticulosamente o momento adequado; a sua reunião na Yard era capaz de durar até às sete horas, e marcar o jantar para mais cedo poderia revelar-se desastroso. Por isso, ficara combinado que, às oito e meia, iria buscar Emma ao apartamento da sua amiga Clara, em Putney; naquele momento, já devia ir a caminho de Putney.

A sua secretária podia cancelar a reserva no restaurante, mas nunca a usara para transmitir a mais simples mensagem que fosse a Emma, e não era agora que ia alterar essa prática; seria como revelar aquela parte da sua vida privada que queria manter inviolável. Enquanto premia as teclas do telemóvel, perguntou a si próprio se não seria a última vez em que ouviria a voz de Emma. Só de pensar nessa hipótese, ficou horrorizado. Se Emma decidisse que aquela última frustração era o fim de tudo, estava decidido a que o seu derradeiro encontro tivesse lugar, cara a cara.

Foi Clara quem respondeu. Quando ele perguntou por Emma, disse-lhe:

Vai desmarcar o encontro, não é assim?

Quero falar com a Emma. Ela está?

Foi ao cabeleireiro e deve regressar a qualquer momento, mas não se incomode a telefonar outra vez. Eu própria lhe darei o recado.

Prefiro falar com ela pessoalmente. Diga-lhe que telefonarei mais tarde.

Se fosse eu, não me daria a esse incómodo replicou Clara. Com certeza há, algures, um cadáver em decomposição à sua espera. Fez uma pausa e depois acrescentou, em tom informal: Não passa de um pulha, Adam Dalglish.

Tentou que a sua voz não revelasse a cólera que se apoderou dele, mas sabia que, por mais que fizesse, Clara iria senti-la, tão lancinante como uma chicotada.

E possível, mas preferia ouvir isso da boca da Emma. Ela não precisa de uma guardiã.

Adeus, comandante. Dir-lhe-ei isso mesmo. E Clara desligou.

Agora, à sua desilusão vinha juntar-se a raiva, não contra Clara, mas contra ele próprio. Não soubera conduzir a conversa telefónica como devia, fora irracionalmente ofensivo para com uma mulher e essa mulher era amiga de Emma. Decidiu esperar um pouco, antes de voltar a fazer nova chamada. Isso daria tempo a todos para que pudessem ponderar o que deviam dizer.

No entanto, quando voltou a telefonar, foi Clara que respondeu de novo.

A Emma resolveu regressar a Cambridge informou. Saiu há cinco minutos. Dei-lhe o seu recado.

Aquela informação pôs fim à chamada. Enquanto se dirigia ao armário para ir buscar o saco com o equipamento adequado para a investigação de um homicídio, a voz de Clara pareceu ressoar-lhe aos ouvidos: *Com certeza há, algures, um cadáver em decomposição à sua espera.*

Antes de mais, contudo, tinha de escrever a Emma. Telefonavam um ao outro o menos possível e sabia que fora ele que dera origem àquela relutância em falarem um com o outro, quando não se encontravam juntos. Para Dalgliesh, era demasiado frustrante, e até angustiante, ouvir a voz dela sem ver o seu rosto. Preocupava-o sempre a hipótese de a sua chamada ser inoportuna ou de se limitarem a trocar banalidades. As palavras escritas eram mais duradouras e, por conseguinte, mais susceptíveis de fazerem perdurar a infelicidade, mas, ao menos, podia controlar o que pretendia comunicar. Não se alongou na carta; exprimiu, em termos simples, toda a pena e desapontamento que sentia, deixando ao critério de Emma dizer-lhe se e quando gostaria de encontrar-se com ele; para tanto, prontificava-se a ir a Cambridge, se fosse mais conveniente. Assinou a carta com um simples Adam. Até então, sempre se haviam encontrado em Londres. Era Emma que suportava o inconveniente da deslocação, o que o levava a concluir que o fazia por se sentir menos comprometida em Londres, encontrando-se com ele no que, para ela, era terreno mútuo. Escreveu o endereço com todo o cuidado, colou um selo de correio azul e meteu o sobrescrito no bolso, com o propósito de o introduzir no marco da estação de correios que ficava em frente da Scotland Yard. Mentalmente, calculava já quanto tempo teria de esperar antes de obter resposta. i

Faltavam cinco minutos para as oito e os inspectores Kate Miskin e Piers Tarrant bebiam um copo num bar junto ao rio, entre a Ponte de Southwark e a Ponte de Londres. Aquela parte da margem, perto da Catedral de Southwark, era muito concorrida, como sempre sucedia no final de um dia de trabalho. A réplica, em tamanho real, da *Golden Hinde*, de Drake, ancorada entre a catedral e o bar, há muito fechara as suas portas aos visitantes, mas via-se ainda um pequeno grupo de pessoas que circulava lentamente à volta do costado negro do barco, em madeira de carvalho, erguendo o olhar para observar o castelo da proa, interrogando-se tal como a própria Kate o fizera, com frequência como fora possível a uma embarcação tão pequena fazer uma viagem à volta do mundo no século xvi, através de mares tumultuosos.

Kate e Piers haviam tido um dia agitado e frustrante. Quando a Brigada de Investigações Especiais se achava temporariamente inactiva, eles eram adstritos a outros departamentos. Nunca se sentiam à vontade, apercebendo-se do secreto ressentimento dos colegas para os quais a Brigada de Investigações Especiais do comandante Dalglish era favorecida por privilégios exclusivos e que arranjavam sempre uma forma subtil ou, por vezes, mesmo agressiva, de fazer com que os seus membros se sentissem marginalizados. Por volta das sete e meia, o burburinho no bar tornara-se insuportável. Piers e Kate tinham-se apressado a comer o peixe frito com as batatas fritas e, com um simples gesto de mútuo entendimento, pegaram

154 nos seus copos e foram para a esplanada, que se encontrava quase deserta. Havia estado ali muitas vezes, mas, naquela noite, Kate teve a sensação de que a sua saída do bulício do bar para poder desfrutar da calma noite de Outono era como um prenúncio de despedida. O ruído das vozes deixado para trás cessou de chegar-lhes aos ouvidos. O cheiro forte do rio eliminou os vapores da cerveja e ficaram ali, juntos, a olhar para o Tamisa, cuja superfície palpitante estremecia e era sulcada por uma miríade de luzes. O rio era pouco profundo naquela zona, e as ondas, túrgidas e lamacentas, vinham morrer, cobertas por uma fina camada de espuma suja, nos seixos da margem. Para noroeste e por cima das torres da ponte ferroviária de Cannon Street, a cúpula da Catedral de São Paulo erguia-se sobre a cidade, como se fosse uma miragem. As gaivotas pavoneavam-se pela margem do rio e, de súbito, três delas voaram, num tumulto de asas, e passaram gritando sobre a cabeça de Kate para ir pousar no parapeito da cerca de madeira da esplanada, com a brancura dos seus papos a destacar-se da escuridão do rio.

Seria aquela a última vez em que bebiam juntos?, perguntou Kate a si própria. Só faltavam três semanas para Piers saber se fora aprovada a sua transferência para a Unidade Especial de Segurança. Era o que ele queria e planeava, mas Kate sabia que ia sentir a sua falta. Quando, cinco anos antes, fora incorporado na brigada, parecera-lhe um dos agentes mais sexualmente atractivos com quem havia trabalhado. Aquela tomada de consciência fora tão surpreendente quanto indesejada. Não resultava, por certo, do facto de ele ser especialmente bonito; era cerca de dois centímetros mais baixo do que ela, tinha braços que mais pareciam os de um macaco e os seus ombros largos e rosto enérgico conferiam-lhe o aspecto de alguém que estava habituado à rudeza da vida de rua e sabia como enfrentá-la. A boca, bem delineada, revelava sensibilidade, se bem que parecesse sempre pronta a curvar-se para dizer uma piada, enquanto o rosto, um tanto rechonchudo e com sobrancelhas oblíquas, insinuava uma personalidade de comediante. Apesar disso, acabara por respeitá-lo como colega e como homem, pelo que não via com bons olhos a perspectiva de

ter de se adaptar a um novo companheiro de trabalho. A sexualidade de Piers já não a perturbava; valorizava por de mais o seu trabalho e o lugar que detinha na brigada para colocá-los em risco pela satisfação temporária que podia dar-lhe uma relação amorosa encoberta. Na Polícia Metropolitana, não era possível manter nada em segredo durante muito tempo e já vira não poucas carreiras e vidas desfeitas para se sentir tentada a enveredar por tal caminho, por muito sedutor que fosse. Não havia relações amorosas mais propensas ao fracasso do que as baseadas no desejo, no tédio ou na ânsia de excitação. Por isso, não lhe fora difícil manter as devidas distâncias em tudo que não fosse estritamente profissional.

Piers guardara, para si próprio, as suas emoções e a sua intimidade, com tanto rigor como Kate. Ao fim de cinco anos de trabalho em conjunto na polícia, Kate pouco mais conhecia da vida do colega, fora da polícia, do que no dia em que ele fora incorporado na brigada. Sabia que ele vivia num apartamento por cima de uma loja numa das ruas estreitas da City e que a sua paixão era explorar os becos secretos de Square Mile, com a sua aglomeração de igrejas e o seu rio misterioso, carregado de histórias misteriosas. Piers, todavia, nunca a convidara a visitar o seu apartamento, nem Kate lhe propusera visitar o dela, que ficava a norte do Tamisa, a cerca de oitocentos metros do local em que se encontravam naquele momento. Se alguém se via forçado a lidar com o que de pior homens e mulheres podiam fazer uns aos outros, se o odor da morte parecia, por vezes, ficar impregnado na sua roupa, tornava-se necessário dispor de um lugar onde fosse possível fechar a porta, tanto física como psicologicamente, a tudo o que fosse alheio a si próprio. Kate suspeitava que AD, no seu apartamento de um andar elevado de Queenhithe, sobranceiro ao rio, experimentava o mesmo sentimento. Já não sabia se devia invejar a mulher que acreditasse ser capaz de invadir essa privacidade, ou se, pelo contrário, devia ter pena dela.

Mais três semanas e Piers, muito provavelmente, deixaria a brigada. Já sucedera o mesmo ao sargento Robbins, quando finalmente se concretizara a sua tardia promoção ao cargo de inspector. Aos olhos de Kate, era como se o grupo de colegas

a que se habituara, unido por um tão delicado equilíbrio de personalidades e de recíproca lealdade, estivesse a esboroar-se.

Vou ter saudades do Robbins comentou.

Pois eu não replicou Piers. Aquela sua opressiva rectidão preocupava-me. Nunca poderei esquecer-me de que era um pregador laico. Sentia-me sob constante julgamento. O Robbins é demasiado bom para ser verdadeiro.

Ora, a Polícia Metropolitana não é exactamente um modelo de rectidão.

Não digas disparates, Kate! Quantos agentes conheces tu que sejam malfeitores? A nossa missão é lidar com malfeitores. Não deixa de ser estranho como as pessoas esperam que os polícias sejam sempre notavelmente mais virtuosos do que a sociedade em que são recrutados.

Kate manteve-se calada, por momentos, e depois mudou de assunto.

Porquê a Unidade Especial de Segurança? Não vai ser fácil para eles integrar-te com a patente que possuis. Julguei que tentasses entrar no MIFive. Não seria a tua oportunidade de te juntares aos ricalhaços que se licenciaram em universidades privadas e afastares-te da plebe que vive do seu trabalho?

Sou um agente da polícia. Se alguma vez deixar de sê-lo, não será para ingressar no MIFive. Já o MISix era capaz de me tentar... Depois de uma curta pausa, prosseguiu: A verdade é que me candidatei aos Serviços Secretos assim que saí de Oxford. O meu tutor pensava ser o que me convinha e efectuou as habituais entrevistas discretas. Só que a comissão de avaliação teve opinião contrária.

Vinda de Piers era uma revelação extraordinária e Kate apercebeu-se, pelo tom exageradamente informal da sua voz, que lhe custara fazê-la. Sem olhar para ele, comentou:

Ficaram eles a perder e a Polícia Metropolitana a ganhar. E, agora, vão enviar-nos um tal Francis Benton-Smith. Conhece-lo?

Vagamente retorquiu Piers. Vais gostar dele. É muito atraente, talvez até demasiado. O pai é inglês e a mãe, indiana; daí o seu encanto. A mamã é pediatra e o papá dá aulas numa escola oficial do ensino secundário. O sujeito é

ambicioso, inteligente. Um pouco óbvio de mais na sua ambição de alcançar o poder. Vai tratar-te por inspectora, sempre que possa. Conheço bem o género. Entram ao serviço porque pensam ter uma educação de nível superior que os fará brilhar e destacar-se dos idiotas que lá trabalham. Já conheces a velha teoria: obtém um emprego em que demonstres, desde o início, ser o mais esperto e, com um pouco de sorte, passarás à frente dos outros.

Estás a ser injusto contrapôs Kate. Não podes saber como ele é. Além de que estás a descrever-te a ti próprio. Não foi por essa razão que entraste para a brigada? Também tu tens uma educação de nível superior. Já te esqueceste da licenciatura em Teologia que obtiveste em Oxford?

Já te expliquei: era a maneira mais fácil de ter acesso a Oxbridge¹. Claro que, por esta altura, teria sido transferido para a escola pública de um bairro social e, com um pouco de sorte, o governo obrigaria Oxbridge a aceitar-me. De qualquer modo, não creio que tenhas de aturar o Benton por muito tempo. Não foi só a promoção do Robbins que tardou; correm rumores de que, dentro de meses, serás promovida a inspectora-chefe.

Aquele rumor já havia chegado aos ouvidos de Kate. Não era, afinal, o que sempre desejara e por que lutara? Não fora a sua ambição que a elevara daquele apartamento barricado, no sétimo andar de um bloco residencial de um bairro modesto até ao apartamento que na altura lhe parecera o cume da sua realização profissional? A Polícia Metropolitana em que agora prestava serviço não era a mesma em que ingressara no início da carreira. Havia mudado, mas o mesmo sucedera à Inglaterra e ao mundo. E também ela mudara. Depois do Relatório Macpherson, tornara-se menos idealista, mais cínica acerca das maquinações da classe política, mais reservada no que dizia. A jovem detective Miskin fora imprudentemente ingénua, mas perdera algo mais valioso do que a ingenuidade. No entanto, a Polícia Metropolitana ainda merecia a sua dedicação e Adam

¹ Termo usado em Inglaterra para designar o conjunto das universidades de Oxford e de Cambridge. (*N. da T.*)

Dalgliesh, a sua ardente lealdade. Disse a si própria que nada podia permanecer imutável. Ela e Dalgliesh seriam, em breve, os dois únicos membros da inicial Brigada de Investigações Especiais, e quanto tempo iria ele manter-se no seu cargo?

Passa-se alguma coisa de errado com o AD? perguntou.

Que queres dizer com errado?

É que, nos últimos meses, pareceu-me mais tenso do que habitualmente.

E isso espanta-te? É uma espécie de ajudante-de-campo do comandante. Obrigam-no a ocupar-se de tudo e de mais alguma coisa: do antiterrorismo, da comissão de formação de detectives, das constantes críticas às deficiências da Polícia Metropolitana, do caso Burrell, do relacionamento com o MIFive, de prolongados encontros com as altas esferas e de tudo o mais que possa passar-te pela cabeça. Não admira que se sinta sob pressão. Todos nos sentimos, mas ele está habituado e, se calhar, até precisa disso.

Pergunto a mim própria se aquela mulher de Cambridge, a que conhecemos no caso de Santo Anselmo, não andarà a dar-lhe voltas à cabeça.

Mantivera um tom de voz neutro e os olhos fixos no rio, mas pôde adivinhar o longo e divertido olhar que Piers lhe lançou. Ele sabia da sua relutância em pronunciar o nome dela e, Deus do céu, porquê?, embora não o tivesse esquecido.

A nossa bela Emma? Que queres dizer com dar-lhe voltas à cabeça?

Ora, não te armes em esperto, Piers! Sabes muito bem a que me refiro.

Não, não sei. Podias estar a falar fosse do que fosse, desde as críticas que ela fizesse aos poemas do AD como à sua recusa em ir com ele para a cama.

Achas que estão... que vão para a cama?

Sinceramente, Kate! Como queres tu que eu saiba? Não te passou pela cabeça que possa acontecer exactamente o contrário? Que seja o AD a dar voltas à cabeça dela? Não sei

se vão para a cama ou não, mas ela não se recusa a jantar com ele, se é que isso te interessa. Vi-os em The Ivy, há umas semanas.

Como diabo conseguiste uma mesa em The Ivy?

Não fui eu, foi a rapariga que estava comigo. Pequei ao querer fazer algo que está acima do meu estatuto social... e, o que é ainda pior, muito acima das minhas posses. A verdade é que os vi sentados à mesa, num recanto da sala.

Estranha coincidência...

Nem por isso. Estamos em Londres e, mais tarde ou mais cedo, acabamos sempre por encontrar pessoas conhecidas. E isso que torna tão complicada a vida sexual dos que residem nesta cidade.

E eles viram-te?

O AD viu-me, mas disponho de tacto e de boa educação suficientes para não ir intrometer-me seja no que for sem antes ser convidado a fazê-lo, e nem um nem outro me fizeram qualquer convite nesse sentido. Ela só tinha olhos para o AD. Diria que pelo menos um deles estava apaixonado, se é que isso pode servir-te de consolo.

Não servia, mas, antes que Kate pudesse replicar, o seu telemóvel tocou. Ouviu atentamente o que lhe foi dito e, depois de se manter em silêncio durante cerca de meio minuto, replicou:

Sim, senhor. O Piers está comigo. Compreendo. Vamos já para aí.

Desligou e enfiou o telemóvel no bolso.

Suponho que era o chefe.

Suspeitam que houve um homicídio. Um homem morreu, carbonizado, dentro do seu automóvel no Museu Dupayne, em Spaniards Road. Vamos ocupar-nos do caso. Ele leva os nossos sacos para os casos de homicídio.

Graças a Deus, já comemos. E porque havemos de ser nós a tratar do caso? Que há de especial nessa morte?

O AD não o disse. Vamos no teu carro ou no meu?

O meu é mais rápido, mas o teu está aqui. De qualquer modo, com o trânsito de Londres praticamente engarrafado e com o presidente da Câmara a brincar com os semáforos, iríamos mais depressa de bicicleta.

Kate ficou à espera, enquanto Piers voltava a entrar no bar para devolver os copos vazios. Que estranho, pensou ela. Fora morto um só homem e a brigada ia perder dias, semanas ou talvez mais tempo para descobrir o como, o porquê e o quem. Tratava-se de um homicídio, o crime por excelência. O custo da investigação não interessava. Mesmo que não prendessem ninguém, o caso não seria encerrado. E, no entanto, a qualquer minuto, os terroristas podiam provocar milhares de mortes. Não disse nada a Piers, quando este regressou; sabia já qual seria a réplica dele: *A nossa função não é lidar com terroristas, mas isto é*. Lançou um último olhar à outra margem do rio e seguiu atrás do colega em direcção ao seu carro.

Foi uma chegada muito diferente da que ocorrera por ocasião da sua primeira visita. Quando o *Jaguar* começou a percorrer o caminho de entrada, até o percurso de aproximação ao museu lhe pareceu desconhecido. A difusa iluminação da fila de candeeiros intensificava a obscuridade envolvente e os arbustos emaranhados pareciam mais densos e mais altos, cercando o caminho e tornando-o mais estreito do que se lembrava. Por trás da escuridão impenetrável, uns frágeis troncos de árvores projectavam os seus ramos, semidesnudados, para o azul-escuro do céu nocturno. Quando contornou a curva final, pôde vislumbrar a casa, tão enigmática como uma miragem. A porta da frente encontrava-se fechada e as janelas eram meros rectângulos negros, à excepção da que estava iluminada, na parte esquerda do piso térreo. O caminho achava-se barrado por uma fita e havia um polícia uniformizado de guarda. Era manifesto que esperavam a chegada de Dalglish, porque, depois de lançar um breve olhar ao cartão que lhe foi exibido através da janela do automóvel, o agente fez a continência e apressou-se a afastar os postes a que a fita estava amarrada.

Dalglish não precisou de quaisquer indicações para se dirigir ao local onde ocorrera o incêndio. Pequenas nuvens de fumo acre ainda flutuavam, à esquerda do edifício, e pairava no ar um cheiro desagradável a metal queimado, ainda mais forte do que o odor outonal de madeira chamuscada. Antes de se dirigir para lá, todavia, virou à direita e conduziu o *Jaguar* até ao parque de estacionamento, oculto por trás de um ren-

que de loureiros. O trajecto até Hampstead fora lento e fastidioso e, por isso, não ficou surpreendido quando verificou que Kate, Piers e Benton-Smith tinham chegado antes dele. Viu ainda outros carros estacionados: um *BMW saloon*, um *Mercedes 190*, um *Rover* e um *Ford Fiesta*. Ao que parecia, os Dupayne e, pelo menos, um dos membros do pessoal também já haviam chegado.

Kate pô-lo ao corrente do que se passava, enquanto Dalglish tirava do carro os sacos para casos de homicídio e os quatro fatos de protecção.

Chegámos há cerca de cinco minutos, chefe. O agente de investigação de incêndios do laboratório forense encontra-se no local da ocorrência e os fotógrafos iam já a sair no momento da nossa chegada.

E a família?

Mister Marcus Dupayne e a irmã, Miss Caroline Dupayne, estão no museu. Foi a governanta, Mistress Tallulah Glutton, que se apercebeu do fogo. Está na casa onde mora, situada nas traseiras do museu, com Miss Muriel Godby, que exerce funções de secretária e recepcionista. Ainda não falámos com ninguém, a não ser para informar que o senhor vinha a caminho.

Dalglish virou-se para Piers.

Vá dizer-lhes, por favor, que irei falar com eles logo que possa. Primeiro com Mistress Glutton e, depois, com os Dupayne. Entretanto, você e Benton-Smith devem proceder a uma busca nas redondezas. Provavelmente, não encontrarão nada de especial, sobretudo enquanto não amanhecer, mas de qualquer modo é melhor fazê-lo. Depois, vão ter comigo à garagem.

Com Kate a seu lado, dirigiu-se ao local do incêndio. Duas lâmpadas de arcos voltaicos brilhavam no que restava da garagem e, quando se aproximou, viu que o local estava tão iluminado e atravancado como se fosse um estúdio de filmagem. Era a sensação com que sempre ficava ao chegar ao local de um qualquer crime, depois de iluminado; tudo lhe parecia notoriamente artificial, como se o assassino, ao eliminar a vítima, tivesse retirado aos objectos circundantes, mesmo aos

163

vestijos mais vulgares, toda e qualquer semelhança com a realidade. Os veículos dos bombeiros já haviam partido, deixando sulcos profundos nas margens do relvado, esmagado pelo desenrolar das mangueiras pesadas.

O agente de investigação de incêndios apercebeu-se da sua chegada. Tinha mais de um metro e oitenta de altura, um rosto pálido e enrugado, de feições marcadas, e uma espessa cabeleira ruiva. Envergava uma bata azul, botas de borracha altas e tirara da boca a máscara de protecção, que agora lhe pendia do pescoço. Com aquela cabeleira ruiva que nem as próprias lâmpadas de arcos voltaicos conseguiam eclipsar e o seu rosto ossudo e robusto, manteve-se, durante alguns momentos, tão rígido e hierático como um mítico guardião dos portões do inferno; só lhe faltava uma espada refulgente para completar a ilusão, que se desvaneceu em seguida, quando o homem se aproximou de Dalglish com passadas vigorosas e lhe apertou a mão com força.

Comandante Dalglish? O meu nome é Douglas Anderson e sou o encarregado da investigação de incêndios. E esta é a Sam Roberts, a minha assistente.

Sam era uma rapariga magra, com um ar de determinação quase infantil no rosto encimado por cabelo preto.

Um tanto afastadas, havia três outras figuras, de botas e batas brancas, com as máscaras baixadas.

Creio que já conhece o Brian Clark e os outros peritos em investigação na cena do crime.

Clark levantou um braço em sinal de que havia reconhecido o comandante, mas não saiu de onde estava. Dalglish nunca o vira dar um aperto de mão fosse a quem fosse, mesmo quando esse cumprimento teria sido apropriado. Era como se receasse que qualquer contacto humano fosse capaz de alterar os indícios. Dalglish perguntou a si próprio se alguém que fosse convidado a jantar com Clark não corria o risco de ver a sua chávena de café etiquetada como prova ou coberta com pó para recolha de impressões digitais. Clark sabia que a cena de um crime devia ser deixada tal como estava até que o encarregado da investigação a tivesse examinado e os fotografos houvessem registado todos os pormenores, mas não tentava

164 sequer esconder a sua impaciência de continuar a tarefa de que fora incumbido. Os seus dois colegas, mais descontraídos, mantinham-se um pouco atrás dele, como se fossem um par de auxiliares, envergando trajes especiais e à espera do momento oportuno para desempenharem os seus papéis num ritual esotérico.

Depois de vestirem batas brancas e de enfiarem as luvas, Dalglish e Kate encaminharam-se para a garagem. O que restava dela ficava a uns trinta metros do muro do museu. O telhado havia desaparecido quase por completo, mas as três paredes estavam ainda de pé e as portas, abertas, não apresentavam quaisquer sinais do incêndio. Em tempos, à volta da garagem, houvera uma fileira de árvores novas e esguias, mas agora nada restava delas a não ser irregulares estacas de madeira enegrecida. A cerca de onze metros de distância, havia uma pequena barraca, com uma torneira de água, à direita da porta. Surpreendentemente, só fora atingida ao de leve pelo fogo.

Com Kate em silêncio a seu lado, Dalglish parou por um momento à entrada da garagem e percorreu com os olhos aquele espectáculo macabro. Nada ficava na sombra sob a luz forte dos arcos voltaicos: os contornos dos objectos eram bem definidos e as cores quase imperceptíveis. A única excepção era constituída pelo vermelho-vivo da comprida capota do automóvel, deixada intacta pelo fogo, e que brilhava como se tivesse sido pintada recentemente. As chamas haviam-se projectado para cima, atingindo o telhado de plástico ondulado e Dalglish pôde ver, através dos rebordos enegrecidos, o céu nocturno e uma miríade de estrelas. À sua esquerda e a cerca de metro e meio do assento do condutor, ficava uma janela quadrada, cujos vidros se achavam estalados e cobertos de fuligem. A garagem, pequena e de tecto baixo, segundo tudo indicava resultara da transformação de um antigo barracão: entre cada lado do automóvel e as paredes não havia mais de um metro e vinte centímetros e, entre a parte da frente do capô e as duas portas da garagem, apenas cerca de trinta centímetros. A porta, à direita de Dalglish, achava-se escancarada; quanto à da esquerda, do lado do condutor, parecia que alguém tentara

165

fechá-la. Havia fechos no cimo e na parte inferior da porta da esquerda da garagem, enquanto, na da direita, fora instalada uma fechadura *Yale*. Dalglish pôde verificar que a chave estava no seu lugar. À sua esquerda, encontrava-se um interruptor e notou que a lâmpada fora tirada do casquilho. No ângulo formado pela porta semicerrada e pela parede, encontrava-se uma lata de gasolina com capacidade para cinco litros, que não fora atingida pelas chamas. A tampa de rosca desaparecera.

Douglas Anderson encontrava-se de pé, um pouco atrás da porta entreaberta do carro, atento e em silêncio, como se fosse um motorista à espera que ocupassem os seus lugares no interior. Sempre com Kate a seu lado, Dalglish acercou-se do cadáver. Estava encostado ao assento do condutor, ligeiramente virado para a direita, com o que restava do braço esquerdo junto ao corpo e o direito, estendido e rígido, numa imitação burlesca de protesto. Através da porta entreaberta, podiam ver-se o cúbito e alguns fragmentos de roupa queimada agarrados às fibras de um músculo. Tudo o que podia arder, na cabeça, fora consumido e o fogo propagara-se até um pouco acima dos joelhos. O rosto queimado, com as feições completamente irreconhecíveis, estava virado em direcção ao exterior, e toda a cabeça, carbonizada como a de um fósforo queimado, parecia anormalmente pequena. Tinha a boca aberta numa careta, como se estivesse a rir-se do aspecto grotesco da sua própria cabeça. Só os dentes, de um branco reluzente que contrastava com a carne calcinada, e uma pequena porção do crânio fracturado revelavam que aquele cadáver era o de um ser humano. Do carro desprendia-se o cheiro a carne e a tecido queimados e, de forma menos pronunciada mas inconfundível, o cheiro a gasolina.

Dalglish olhou para Kate, cujo rosto parecia esverdeado sob o brilho das luzes e petrificado numa máscara de determinação. Lembrou-se de que, certa vez, ela lhe confessara o seu medo do fogo; não se recordava de quando nem porquê, mas essa confiança uma das raras que Kate lhe fizera ficara impressa na sua memória. O afecto que dedicava à rapariga tinha raízes profundas, resultantes da sua própria personalidade

complexa e das experiências por que haviam passado juntos. Sentia respeito pelas qualidades que demonstrava como agente da polícia e pela grande determinação que a elevara ao posto a que ascendera, além de um quase paternal interesse pela sua segurança e pelo êxito da sua carreira e da atracção que Kate, como mulher, sentia por ele, e que nunca se tornara explícita. Dalgliesh não se apaixonava facilmente e era absoluta a sua inibição e, pensava, a de Kate também relativamente a um relacionamento sexual com alguém com quem trabalhava. Ao dar-se conta da expressão rígida de Kate, sentiu um assomo de afeição protectora e, por um momento, passou-lhe pela mente a hipótese de arranjar uma desculpa para a dispensar e mandar chamar Piers. No entanto, nada disse. Kate era demasiado inteligente para não se aperceber da verdadeira causa do seu estratagema e o mesmo aconteceria com Piers. Não desejava humilhá-la, sobretudo perante um colega do sexo masculino. Instintivamente, aproximou-se dela, e o seu braço tocou ao de leve no ombro de Kate. Sentiu que o corpo dela se retesava. Não haveria problemas com Kate.

Quando foi que chegaram os bombeiros? perguntou.

Faltavam cinco minutos para as sete. Quando viram que havia um corpo dentro do carro, telefonaram para o conselheiro da Brigada de Homicídios. Deve conhecê-lo; chama-se Charlie Unsworth. Em tempos, foi perito em cenários de crime na Polícia Metropolitana. Depois de efectuar a inspecção preliminar, não levou muito tempo a concluir que se tratava de uma morte suspeita e, por isso, telefonou por sua vez para o nosso departamento. Como sabe, estamos de serviço durante vinte e quatro horas por dia e cheguei aqui às sete e vinte e oito. Decidimos começar a investigação de imediato. A agência funerária virá buscar o cadáver assim que o senhor tiver terminado o seu trabalho. Procedemos a uma inspecção preliminar do carro, mas é melhor levá-lo para Lambeth. Pode haver impressões digitais.

O pensamento de Dalgliesh retrocedeu ao seu último caso, no Instituto de Santo Anselmo. Se o padre Sebastian se

encontrasse ali naquele momento, teria feito o sinal da cruz. O seu próprio pai, um sacerdote anglicano moderado, teria inclinado a cabeça numa prece, e as palavras sair-lhe-iam dos lábios, santificadas por séculos de invocação. Ambos, ponderou, eram felizes por poder encontrar respostas instintivas capazes de conferir àqueles calcinados restos mortais o reconhecimento de que haviam pertencido a um ser humano. Havia uma necessidade de dignificar a morte, de afirmar que aquele corpo em breve etiquetado como prova pela polícia, transportado, dissecado e objecto de toda a espécie de exames ainda tinha importância superior à da carcaça deformada do *Jaguar* e às das árvores mortas.

A princípio, Dalgliesh deixou que fosse Anderson a falar. Era a primeira vez que se encontravam, mas sabia que o encarregado da investigação do incêndio era um homem com mais de vinte anos de experiência no que tocava a mortes causadas pelo fogo. Ali, era ele o perito e não Dalgliesh.

Que pode dizer-nos? perguntou.

Não há dúvidas quanto ao foco do incêndio; a cabeça e a parte superior do corpo. Como pode ver, o fogo confinou-se quase exclusivamente à parte do meio do automóvel. As chamas atingiram a capota, que estava levantada, e depois subiram e incendiaram o plástico ondulado do telhado da garagem. Os vidros da janela provavelmente estalaram com o calor, dando passagem a uma corrente de ar que fez alastrar o fogo. Foi por isso que as labaredas se espalharam até às árvores. Se tal não tivesse acontecido, o incêndio ter-se-ia apagado antes que alguém se apercebesse, isto é, qualquer pessoa que se encontrasse no Heath ou em Spaniards Road. Claro que, quando regressasse, Mistress Glutton ter-se-ia dado conta do que se passava, com chamas ou sem chamas.

É a causa do fogo?

Quase de certeza, gasolina. Como é evidente, poderemos determinar rapidamente se esta suposição é exacta. Estamos a recolher amostras das roupas e do assento do condutor e vamos submetê-las a uma análise no *sniffer*, o *TVA Mil*, para determinar se há vestígios de hidrocarbonetos. No entanto, o

sniffer não é específico; seremos obrigados a fazer uma cromatografia gasosa e, como sabe, isso pode demorar cerca de uma semana. No entanto, todos esses meios são quase desnecessários. Apercebi-me do cheiro a gasolina nas calças do homem e no assento que ardeu, assim que entrei na garagem.

E a gasolina, provavelmente, veio daquela lata comentou Dalglish. Mas onde está a tampa?

Aqui. Não lhe tocámos.

Anderson conduziu Dalglish ao fundo da garagem. No recanto mais afastado, lá estava a tampa.

Acidente, suicídio ou homicídio? perguntou Dalglish. Teve tempo para formular um diagnóstico provisório?

Não se tratou de um acidente; essa hipótese pode ser posta de lado. Não creio tão-pouco que tenha sido um suicídio. Segundo a minha experiência, os suicidas que utilizam gasolina não atiram a lata para longe. Em regra, vamos encontrá-la junto do carro. Mas mesmo que tivesse derramado a gasolina sobre o corpo e atirado a lata para longe, porque é que a tampa não se encontrava ao pé dela ou sobre o tapete do carro? Na minha opinião, a tampa foi desatarraxada por alguém que se encontrava no canto esquerdo do fundo da garagem, já que de outra forma a tampa não teria rolado até lá. O chão de cimento, embora bem nivelado, inclina-se da parte de trás para a porta. Calculo que essa inclinação deve ser de uns oito centímetros, no máximo, mas a tampa, mesmo que tivesse rolado, iria parar a um local próximo daquele em que foi encontrada a lata.

E o assassino, se é que o houve, ficaria às escuras, porque não havia lâmpada no casquilho interveio Kate.

Se a lâmpada tivesse fundido, a rosca ficaria no casquilho comentou Anderson. Alguém a tirou. Claro que pode tê-lo feito por um motivo perfeitamente inocente. Podia ter sido tirada por Mistress Glutton ou pelo próprio Dupayne. No entanto, quando uma lâmpada se funde, o normal é deixá-la no casquilho até se trazer outra para a substituir. Além disso, temos o cinto de segurança; o cinto ardeu mas a fivela

metálica está ainda no seu lugar. A vítima apertou o cinto de segurança. Ora, nunca vi tal coisa num caso de suicídio.

Se tivesse receio de mudar de ideias no derradeiro instante, podia ter apertado o cinto de segurança fez notar Kate.

E pouco provável. Com a cabeça regada com gasolina e um fósforo aceso, que hipóteses teria de mudar de ideias?

Assim, o quadro, tal como o podemos ver neste momento, é o seguinte: o assassino tira a lâmpada, permanece na garagem às escuras, desatarraxa a tampa da lata de gasolina e fica à espera, com os fósforos na mão ou dentro do bolso. Como tinha de se ocupar da lata e dos fósforos, provavelmente achou preferível deixar cair a tampa no chão. Com certeza não ia arriscar-se a colocá-la no bolso, por saber que tinha de actuar com muita rapidez se quisesse sair da garagem sem se ver encurralado pelo fogo. A vítima, que supomos ser o Neville Dupayne, abre a porta da garagem com a chave *Yale*. Sabe onde se encontra o interruptor. Vê ou pressente que falta a lâmpada quando a luz não se acende. No entanto, não precisa de iluminação, dado que, em poucos passos, chegará à porta do carro. Entra, senta-se ao volante e põe o cinto de segurança. Isto é um pouco estranho porque só ia tirar o carro da garagem; antes de se ir embora, tinha de fechar de novo a porta da garagem. Apertar o cinto pode ter sido um acto meramente instintivo. E então que o assaltante sai da escuridão. Creio que se trata de alguém que a vítima conhecia e a quem não receava. Abre a porta do carro para lhe falar e é imediatamente regado com gasolina. O assaltante tem os fósforos à mão, acende um, atira-o em direcção a Dupayne e sai rapidamente da garagem. Não queria dar a volta pela traseira do carro, porque o tempo urgia. Por isso, teve sorte em escapar ileso. Empurra a porta do carro até esta ficar semicerrada, por forma a dar-lhe espaço para passar. Pode ter deixado impressões digitais, mas é pouco provável. Este assassino... se é que existe... com certeza calçou luvas. O lado esquerdo da porta da garagem está meio fechado. Presumo que tivesse a intenção de fechar os dois batentes para não deixar que o fogo fosse visto do exterior, mas

acabou por decidir não perder mais tempo. Tinha de fugir quanto antes.

Os dois batentes da porta parecem pesados comentou Kate. Uma mulher teria dificuldade em fechá-los, mesmo parcialmente, com rapidez.

Mistress Glutton estava sozinha quando descobriu o incêndio? quis saber Dalgliesh.

Estava, sim. Regressava de uma aula nocturna. Não sei bem quais as suas funções no museu, mas creio que se ocupa das peças expostas, limpando-lhes o pó e tudo o mais. Reside numa vivenda a sul do edifício principal, com vista para o Heath. Da sua casa, telefonou imediatamente para os bombeiros e depois entrou em contacto com o Marcus Dupayne e com a irmã deste, a Caroline Dupayne. Também telefonou para a secretária e recepcionista, uma tal Muriel Godby. Vive perto e foi a primeira a chegar. Miss Dupayne chegou a seguir, e o irmão, pouco tempo depois. Mantivemo-los a todos afastados da garagem. Os Dupayne estão ansiosos por falar consigo e revelam-se peremptórios em não se irem embora enquanto o corpo do irmão não for removido. Isto, supondo que o cadáver é do irmão deles.

Há alguma prova que leve a crer que não seja?

Nenhuma. Encontrámos umas chaves no bolso das calças. Na bagageira do carro, há um saco de viagem, mas não descobrimos nada que confirmasse a identidade da vítima. Claro que temos as calças. Os joelhos não foram queimados, mas eu não posso afirmar com segurança que...

Claro que não. Uma identificação positiva tem de esperar pela autópsia, mas não me parece que restem dúvidas.

Piers e Benton-Smith saíram da escuridão, para lá do clarão das luzes.

Não há ninguém nas redondezas nem quaisquer veículos cuja presença desperte suspeitas informou Piers. Na barraca do jardim, encontrámos uma máquina de cortar relva, uma bicicleta e os habituais utensílios de jardinagem. Não vimos nenhuma lata de gasolina. Os Dupayne vieram falar connosco há cerca de cinco minutos. Estão a ficar impacientes.

Era compreensível, pensou Dalglish. Afinal, Neville Dupayne era irmão deles.

Expliquem-lhes que, primeiro, preciso de falar com Mistress Glutton. Irei ter com eles logo que possível. Você e o Benton-Smith fiquem aqui para colaborar na investigação. Eu e a Kate estaremos na vivenda.

Assim que haviam chegado os bombeiros, um deles sugerira a Tally que esperasse na vivenda, embora em tais modos que mais fora uma ordem do que um pedido. Sabia que não queriam que ela lhes perturbasse o trabalho, e tão-pouco tinha qualquer desejo de se aproximar da garagem. No entanto, sentia-se demasiado nervosa para ficar fechada entre quatro paredes e, em vez disso, contornou a parte de trás da vivenda, passou pelo parque de estacionamento e caminhou até à entrada de acesso. Ali chegada, começou a andar para diante e para trás, à espera de ouvir algum carro aproximar-se.

Muriel fora a primeira a chegar. Levara mais tempo do que Tally esperava. Depois de Muriel estacionar o seu *Ford Fiesta*, Tally despejou a sua história. Muriel ouviu-a, em silêncio, e depois disse num tom firme:

De nada nos serve esperarmos cá fora, Tally. Os bombeiros não vão querer que os estorvemos. Mister Marcus e Miss Caroline devem estar a chegar a qualquer momento. Era melhor esperarmos na sua casa.

Foi o que disse um dos bombeiros admitiu Tally, mas eu precisava de estar ao ar livre.

Muriel olhou para ela fixamente sob a luz do parque de estacionamento.

Agora, eu estou aqui. É melhor irmos para dentro de casa. Mister Marcus e Miss Caroline sabem onde podem encontrar-nos..

Assim sendo, regressaram juntas à vivenda. Tally sentou-se na sua cadeira habitual, com Muriel à sua frente, e mantiveram-se num silêncio de que, aparentemente, ambas precisavam. Tally não fazia ideia de quanto tempo haviam ficado assim, até o silêncio ser quebrado pelo som de passos no carroiro. Muriel levantou-se mais rapidamente e encaminhou-se para a porta. Tally ouviu um murmúrio de vozes; depois, Muriel regressou, acompanhada por Mr. Marcus. Por breves instantes, Tally ficou a olhar para ele, como se não acreditasse no que via. Tornou-se um velho, pensou. Estava lívido, e as proeminentes maçãs do rosto mostravam-se cobertas por um emaranhado de vasos capilares. Por trás da sua palidez, tinha os músculos em redor da boca e do queixo muito tensos, como se toda a sua face se achasse semiparalisada. Quando falou, Tally ficou surpreendida por verificar que a sua voz quase não se alterara. Com um gesto, recusou a cadeira que ela lhe ofereceu e manteve-se de pé, hirto, enquanto ouvia o que ela narrava mais uma vez. Sem dizer palavra, ouviu-a até ao fim. Tentando arranjar uma maneira, por inadequada que fosse, de lhe demonstrar a sua simpatia, Tally propôs-lhe uma chávena de café. Mr. Marcus recusou tão bruscamente que ela interrogou-se se a ouvira.

Segundo julgo ter compreendido, um oficial da Scotland Yard vem a caminho disse Marcus Dupayne por fim. Esperarei por ele no museu. A minha irmã já lá se encontra. Virá vê-la mais tarde. Chegara já à porta, quando se voltou e perguntou: Sente-se bem, Tally?

Sinto, sim, Mister Marcus. Obrigada. Estou bem Com voz entrecortada, acrescentou: Lamento, lamento mesmo muito.

Ele fez um aceno com a cabeça e pareceu prestes a dizer qualquer coisa, mas saiu sem proferir mais palavras. Minutos depois da partida de Mr. Marcus, a campainha da porta soou. Muriel apressou-se a ir abrir. Regressou sozinha e disse que um agente da polícia viera saber se estavam bem e ainda para as informar de que o comandante Dalgliesh viria falar com elas logo que possível.

De novo sozinha com Muriel, Tally acomodou-se outra vez na cadeira junto à lareira. Com a porta exterior fechada,

assim como a do pórtico, só havia uma pequena réstia do acre cheiro a queimado no vestíbulo; sentada junto da lareira, na sala de estar, Tally quase podia julgar que lá fora nada mudara. As cortinas com o seu estampado de folhas verdes tinham sido corridas, impedindo que se visse a noite. Muriel havia ligado o calorífero a gás quase no máximo e o próprio *Tomcat* regressara misteriosamente e fora esticar-se sobre o tapete. Tally sabia que lá fora deviam soar vozes masculinas, botas a pisar a erva molhada, e ver-se o brilho intenso dos arcos voltaicos, mas ali, nas traseiras do museu, a calma era total. Sentiu-se grata pela presença de Muriel, pelo sereno e autoritário controlo que mantinha, e até pelo seu silêncio, que não representava uma forma de censura, antes se mostrava quase amistoso.

Você ainda não jantou e eu também não exclamou Muriel, levantando-se por fim. Precisamos de comer. Deixe-se ficar sentada que eu trato de tudo. Tem ovos?

Há uma embalagem nova no frigorífico respondeu Tally. Dizem que são do campo, mas receio que não sejam totalmente de cultura biológica.

Servem à mesma. Não, não se levante. Espero encontrar tudo quanto preciso.

Como era estranho, pensou Tally, que experimentasse grande alívio num momento como aquele por saber que a sua cozinha se achava imaculada, que mudara de manhã o pano de enxugar a louça e que os ovos eram frescos. Sentia-se invadida por uma grande exaustão mental que nada tinha a ver com o cansaço físico. Recostando-se na cadeira em frente da lareira, deixou que os seus olhos percorressem a sala de estar, perscrutando cada objecto para se assegurar de que nada mudara, que o seu mundo continuava a ser um local familiar. Os ruídos abafados que lhe chegavam da cozinha eram quase sensualmente agradáveis, e fechou os olhos, para ouvi-los. Pareceu-lhe que Muriel saíra da sala havia muito quando a viu reaparecer com o primeiro de dois tabuleiros e a sala foi inundada pelo cheiro de ovos e torradas com manteiga. Sentaram-se à mesa, uma em frente da outra. Os ovos mexidos estavam perfeitos: cremosos, quentes e levemente polvilhados

com pimenta. Em cada prato, havia um raminho de salsa. Tally pensou de onde provinha até se recordar de que havia colocado uma mão-cheia de salsa numa caneca, no dia anterior.

Muriel também fizera chá.

Creio que o chá é mais apropriado do que o café para os ovos mexidos, mas posso fazer café, se preferir disse.

Não, obrigada, Muriel replicou Tally. Está muito bem assim. Foi muito gentil.

E fora gentil, de facto. Tally não se apercebera de que estava com fome antes de começar a comer. Os ovos mexidos e o chá quente revigoraram-na. Invadiu-a a tranquilizadora certeza de que fazia parte do museu, de que não era apenas a governanta que o limpava e tratava dele, e sentiu-se grata pelo refúgio que lhe era proporcionado por aquela vivenda, e por ser membro do pequeno mas dedicado grupo de pessoas para quem o Dupayne fazia parte das suas vidas. No entanto, como conhecia tão mal as pessoas com quem trabalhava... Quem havia de imaginar que alguma vez experimentaria um tamanho conforto pela companhia de Muriel? Já esperava que se revelasse calma e eficiente, mas a sua amabilidade surpreendera-a. Tinha de reconhecer que, quando Muriel chegara, as primeiras palavras que proferira haviam sido para mostrar o seu desagrado pelo facto de a barraca onde se guardava a gasolina não estar fechada à chave, como mais de uma vez fizera notar a Ryan. No entanto, logo de seguida, pusera de lado as suas censuras e dedicara-se a assumir o controlo da situação e a ouvir o que Tally lhe contara.

Com certeza não quer ficar aqui sozinha esta noite adiantou. Não tem parentes ou amigos que lhe possam dar guarida?

Até àquele momento, Tally não pensara que iria ficar sozinha quando todos se fossem embora, mas, agora, essa ideia incutira-lhe uma nova ansiedade. Se telefonasse para Basingstoke, Jennifer e Roger não se escusariam em viajar até Londres para vir buscá-la. Afinal, não seria uma visita vulgar. A presença de Tally, pelo menos desta vez, constituiria uma alegre causa de excitação e de conjecturas para toda a vizinhança. Claro

que devia telefonar a Jennifer e a Roger, e quanto mais cedo melhor, antes que soubessem do que acontecera pelos jornais. Isso, contudo, podia ficar para o dia seguinte. Sentia-se demasiado cansada para enfrentar naquele momento as suas perguntas e a sua preocupação. Uma coisa era certa, todavia: não desejava sair daquela casa. Sentia um receio quase supersticioso de que, mal a abandonasse, a vivenda não mais a aceitaria de volta.

Ficarei bem aqui, Muriel. Estou habituada à solidão. Sempre me senti em segurança nesta casa.

Mas atrevo-me a lembrar-lhe de que esta noite é diferente das outras. Sofreu um choque terrível. Miss Caroline não admitirá que fique aqui sem companhia. Provavelmente, vai propor que vá com ela para a escola.

Essa perspectiva, pensou Tally, era quase tão desagradável como a de Basingstoke. No seu espírito, formou-se de imediato um ror de objecções. A sua camisa de dormir e o seu roupão estavam perfeitamente limpos e em estado aceitável, mas eram já velhos; que aspecto iriam ter no apartamento de Miss Caroline em Swathling's? E o pequeno-almoço? Seria no apartamento de Miss Caroline ou na sala de jantar da escola? A primeira hipótese era embaraçosa. Que poderiam elas ter a dizer uma à outra? Por outro lado, não se sentia com coragem para afrontar a curiosidade barulhenta de um quarto repleto de adolescentes. Aquelas preocupações podiam parecer pueris e supérfluas quando comparadas com o horror que havia lá fora, mas não conseguiu afastá-las do espírito.

Fez-se silêncio e depois Muriel acrescentou:

Se quiser, posso ficar aqui consigo, esta noite. Não preciso de muito tempo para ir buscar a roupa de dormir e a escova de dentes. Não me importaria de a levar para minha casa, mas creio que prefere permanecer na sua.

Os sentidos de Tally pareciam ter ficado mais apurados. E tu preferes ficar aqui do que levar-me para tua casa, pensou. A proposta destinava-se tanto a causar boa impressão em Miss Caroline como a ajudá-la a ela. Apesar disso, sentiu-se agradecida e replicou:

Se não lhe der grande incómodo, Muriel, ficaria muito satisfeita por poder contar com a sua companhia esta noite.

Graças a Deus, pensou, a cama sobresselente está sempre feita, com lençóis limpos, embora nunca espere visitas. Vou pôr lá uma botija de água quente, enquanto a Muriel for a casa e, na mesinha-de-cabeceira, um dos vasos com violetas-africanas e alguns livros. Farei tudo para que se sinta confortavelmente instalada. Amanhã, removerão o cadáver e já me sentirei bem.

Continuaram a comer em silêncio, até que Muriel comentou:

Convém que guardemos todas as nossas energias para quando chegar a polícia. Temos de nos preparar para as perguntas que nos forem feitas. Creio que deveremos ser muito prudentes quando falarmos com a polícia. Não queremos que fiquem com uma impressão errada, não é verdade?

Que quer dizer com deveremos ser muito prudentes, Muriel? Só temos de lhes contar a verdade.

Claro que vamos contar-lhes a verdade. O que quis dizer foi que não devemos contar-lhes coisas que não nos digam respeito, coisas sobre a família, como, por exemplo, aquela conversa que tivemos acerca da reunião dos fiduciários. Não devemos revelar-lhes que o doutor Neville queria encerrar o museu. Se acharem que precisam dessa informação, Mister Marcus dir-lhes-á o que se passou. Na realidade, não se trata de um assunto que nos diga respeito.

Não ia contar-lhes tal coisa retorquiui Tally, perturbada.

Também não o farei. É importante que não fiquem com uma ideia errada...

Tally sentiu-se estarrecida.

Mas, Muriel, só pode ter sido um acidente, nada mais do que isso. Não está a insinuar que a polícia vai pensar que a família teve algo a ver com o sucedido, pois não? Não podem acreditar em tal coisa. Seria ridículo. Mais do que isso, seria perverso!

Claro que sim, mas é a esse tipo de ideias que a polícia costuma aferrar-se. Estou só a dizer que temos de ser prudentes. E, como é óbvio, vão fazer-lhe perguntas acerca do tal condutor. Pode mostrar-lhes a bicicleta danificada. Será uma prova.

Prova de quê, Muriel? Está a sugerir que não vão acreditar em mim? Que podem pensar que nada tenha realmente acontecido?

Talvez não cheguem a esse ponto, mas vão precisar de provas. Os polícias não acreditam em nada nem em ninguém. Foram treinados para isso. Tally, tem a certeza de que não seria capaz de reconhecer esse homem?

Tally sentia-se confusa. Não queria falar do incidente naquele momento, nem com Muriel.

Não o reconheci declarou, mas, agora que penso nisso, tenho a sensação de que já o vi anteriormente. Não consigo recordar-me quando e onde, mas sei que não foi no museu. Não me esqueceria do seu rosto, se ele cá viesse regularmente. Talvez tenha visto o seu retrato em qualquer parte, nos jornais ou na televisão. Ou, então, talvez se pareça com alguém que eu conheça bem. É só uma impressão minha, mas não considero que seja de grande ajuda para a polícia.

Bom, se não sabe, não sabe. No entanto, eles vão tentar descobrir de quem se trata. E pena que não haja tomado nota da matrícula do carro.

Aconteceu tudo tão depressa, Muriel. Ele desapareceu enquanto eu ainda tentava pôr-me de pé. Não pensei em tomar nota da matrícula, mas, mesmo que tivesse essa intenção, como conseguiria fazê-lo? Foi só um acidente e não fiquei ferida. Nessa altura, não sabia do que se passara com o doutor Neville.

Ouviram alguém bater à porta. Antes que Tally pudesse levantar-se, Muriel já se precipitara para a entrada. Regressou com duas pessoas, um homem alto e de cabelo preto e a mulher-polícia com quem já ambas haviam falado.

O comandante Dalgliesh e a inspectora Miskin, que já conhece anunciou Muriel. Depois, voltando-se para o comandante, perguntou: O senhor e a inspectora aceitam uma chávena de café? Se preferirem, também há chá. Não levarei muito tempo a fazer café.

Já começara a colocar chávenas e pires sobre a mesa quando o comandante Dalgliesh respondeu:

Um pouco de café seria bem-vindo.

Muriel assentiu com a cabeça e, sem mais palavras, levou consigo o tabuleiro do jantar. Tally pensou: Já deve ter-se arrependido da sua oferta. Não duvido de que preferia ficar aqui e ouvir o que tenho a dizer. Perguntou a si própria se o comandante não aceitara o café por preferir falar com ela a sós. Sentou-se à mesa, em frente dela, enquanto Miss Miskin escolheu uma cadeira junto da lareira. Para grande surpresa de Tally, *Tomcat*, de súbito, deu um pulo e foi aconchegar-se no colo da inspectora. Não era habitual fazê-lo, mas acontecia sempre com visitantes que não gostavam de gatos. Miss Miskin não consentiu mais liberdades a *Tomcat* e, com delicadeza mas firmemente, tirou-o do seu colo e pô-lo em cima do tapete.

Tally examinou o comandante. Para ela, os rostos ou eram moldados de uma forma suave ou esculpidos. O do comandante pertencia a esta última categoria. Era um rosto autoritário mas atraente, e os olhos escuros que fitavam os seus pareciam gentis. Possuía uma voz atractiva... e a voz era sempre muito importante para ela. Foi então que se recordou das palavras de Muriel: *Os polícias não acreditam em nada nem em ninguém. Foram treinados para isso.*

Deve ter sido um grande choque para si, Mistress Glutton disse ele. Sente-se capaz de responder agora a algumas perguntas? É sempre útil estabelecer os factos, o mais cedo possível, mas, se preferir recompor-se durante mais algum tempo, podemos voltar amanhã cedo.

Não, por favor. Prefiro contar tudo já. Sinto-me bem. Não gostaria de esperar toda a noite.

Então, pode dizer-nos o que sucedeu, desde o momento em que o museu encerrou, esta tarde, até agora? Leve o tempo que quiser, mas tente recordar-se de todos os pormenores, mesmo os que lhe pareçam sem grande importância.

Tally contou a sua história. Pelo olhar atento do comandante, sabia que estava a relatar tudo correcta e claramente. Sentia a necessidade irracional da sua aprovação. Miss Miskin pegara num bloco e, discretamente, estava a tomar apontamentos, mas, quando Tally a fitou de relance, pôde verificar

que os olhos da inspectora não se despegavam do seu rosto. Nenhum deles a interrompeu enquanto falou.

No final, o comandante Dalglish tomou a palavra.

Disse-me que o rosto do tal condutor que a atropelou e desapareceu, logo de seguida, lhe era vagamente familiar. É capaz de se recordar de quem se tratava ou do local em que o viu anteriormente?

Receio que não. Se, na realidade, o tivesse já visto, penso que me lembraria de imediato. Talvez não do nome, mas do lugar em que o vira. Não aconteceu assim; a minha impressão foi muito menos segura, como se o seu rosto fosse muito conhecido e eu tivesse visto uma fotografia dele em qualquer lado. Claro que também pode ser parecido com um actor da televisão, um desportista, um escritor. Lamento não poder ser-vos mais útil.

Foi útil para mim, Mistress Glutton, muito útil. Amanhã, pedir-lhe-emos que se desloque à Scotland Yard à hora que lhe convier, para examinar alguns retratos e talvez para falar com um dos nossos desenhadores. Juntos, poderemos estabelecer um retrato robô. Como é óbvio, gostaríamos de descobrir quem é esse condutor, se tal for possível.

Naquele momento, Muriel regressou com o tabuleiro do café. Servira-se de grãos recentemente moídos e o seu aroma espalhou-se pela sala. Miss Miskin sentou-se à mesa e tomaram o café juntos. Em seguida, a convite do comandante Dalglish, foi a vez de Muriel contar a sua história.

Saíra do museu às cinco e um quarto. O museu fechava às cinco e, habitualmente, completava o seu dia de trabalho às cinco e meia, com excepção das sextas-feiras, dias em que tentava partir mais cedo. Juntamente com Mrs. Glutton certificara-se de que todos os visitantes haviam saído. Dera boleia a Mrs. Strickland, uma voluntária, até à estação de metropolitano de Hampstead e depois dirigira-se para a sua casa, em South Finchley, onde chegara por volta das cinco e quarenta e cinco. Não retivera o momento exacto em que Tally lhe ligara para o telemóvel, mas calculava que tivesse sido por volta das seis e quarenta. Logo de seguida, viera para o museu.

A inspectora Miskin interrompeu-a nesse momento.

Parece possível que o fogo tenha sido provocado por gasolina incendiada. Guardavam gasolina nas instalações do museu e, se assim for, onde?

Muriel olhou para Tally e depois respondeu:

A gasolina destinava-se ao cortador de relva. O jardim não está sob a minha responsabilidade, mas sei que guardavam gasolina na barraca. Creio que toda a gente sabia disso. Avisei o Ryan Archer, o rapaz que desempenha as funções de ajudante de jardineiro, de que a barraca devia ficar sempre fechada à chave. Os utensílios e equipamentos de jardinagem são caros. Apesar disso, tanto quanto as senhoras sabem, a barraca nunca era fechada à chave? ”

Não respondeu Tally. A porta não tem fechadura.

Alguma de vós se recorda da última vez em que viu a lata?

Voltaram a olhar uma para a outra e Muriel replicou:

Já não vou à barraca há bastante tempo. Não consigo lembrar-me de quando lá fui pela última vez.

No entanto, disse ao Ryan Archer para a manter fechada à chave. Quando o fez?

Pouco depois de a lata de gasolina ter sido comprada. Foi Mistress Faraday, a voluntária que se encarrega do jardim, que a trouxe. Creio que terá sido em meados de Setembro, mas ela será capaz de vos fornecer a data exacta.

Obrigada. Vou precisar dos nomes e moradas de todos quantos trabalham no museu, incluindo os voluntários. É a senhora que é responsável pelo pessoal, Miss Godby?

Muriel corou ao de leve.

Sou, sim retorquiu. Posso fornecer-lhe os nomes, esta noite. Se forem ao museu para falar com Mister e Miss Dupayne, poderei acompanhar-vos.

Não é necessário interveio Dalglish. Mister Dupayne dar-nos-á a lista dos nomes. Alguma das senhoras conhece o nome da garagem de que se servia o doutor Dupayne para cuidar do seu *Jaguar*?

Foi Tally quem respondeu. < . >.. <

A assistência era prestada por Mister Stan Carter, na Garagem Duncan, em Highgate. Por vezes via-o, quando trazia o carro de alguma reparação, e ficávamos a conversar.

Fora a última pergunta. Os dois polícias levantaram-se e Dalglish e stendeu a mão a Tally. muito obrigado, Mistress Glutton disse. Foi de grande utilidade para nós. Um dos meus agentes entrará em contacto consigo amanhã. Vai ficar aqui? Não creio que seja muito agradável para si passar a noite na vivenda.

Foi Muriel quem respondeu em tom seco:

Ofereci-me para passar a noite com Mistress Glutton. Como é natural, não passaria pela cabeça de Miss Dupayne consentir ficasse aqui, sozinha. Retomarei o meu serviço no museu, às nove horas de segunda-feira, embora julgue que Mis-er e Miss Dupayne irão manter o museu encerrado, pelo menos até se realizar o funeral. Se precisarem de mim amanhã, estarei à vossa disposição.

- Não creio que seja necessário retorquiu o comandante Dalglish. Vamos solicitar que o museu e as demais instalações fiquem fechados ao público durante os próximos três ou quatro dias, no mínimo. Os agentes da polícia manter-se-ão aqui para guardar o local até que o corpo e o automóvel sejam removidos. Tinha a esperança de que pudéssemos fazê-lo ainda esta noite, mas parece que não é possível efectuar esse serviço. Até ao amanhecer. Quanto ao condutor que atropelou Misress Glutton, a descrição que ela fez diz-lhe alguma

coisa? absolutamente nada respondeu Muriel. Parece um típico visitante do museu, mas ninguém que eu possa reconhecer especificamente. É pena que a Tally não se tenha lembrado **de** tomar nota da matrícula do carro. O mais estranho foi o que ele disse. Não sei se visitou a Sala do Crime, comandante, quando aqui estive com Mister Ackroyd, mas um dos casos que está representado tem a ver com uma morte causada pelo fogo.

Sim *conheço* o caso Rouse. E recordo-me do que Rouse disSe.

Parecia ficar à espera de que uma das mulheres fizesse qualquer comentário. Tally observou-o e, depois, fez o mesmo

em relação à inspectora Miskin. Nenhum deles deixava transparecer fosse o que fosse.

Mas não é a mesma coisa! exclamou. Não pode ser. Neste caso, tratou-se de um acidente.

Os dois polícias nada disseram e foi Muriel quem comentou:

O caso Rouse não foi um acidente, pois não? Ninguém lhe respondeu. Corada, Muriel olhou primeiro

para o comandante e depois para a inspectora Miskin, como se procurasse que eles a tranquilisassem.

É demasiado cedo para dizer, com segurança, porque morreu o doutor Dupayne declarou Dalglish, calmamente. Tudo quanto sabemos, por enquanto, é como morreu. Vejo, Mistress Glutton, que tem uma fechadura de segurança e ferrolhos nas janelas. Não acredito que aqui corra qualquer risco, mas seria prudente que tivesse o cuidado de verificar se tudo fica bem fechado antes de se ir deitar. E não abra a porta a ninguém, depois do anoitecer.

Nunca o faço garantiu Tally. Ninguém que eu conheça viria até aqui depois de encerrado o museu, sem telefonar primeiro. No entanto, nunca tive medo. Sentir-me-ei novamente bem quando esta noite chegar ao fim.

No minuto seguinte, depois de renovar os seus agradecimentos pelo café, o comandante Dalglish levantou-se. Antes de sair, a inspectora Miskin entregou às duas mulheres um cartão com um número de telefone. Se alguma coisa acontecesse a qualquer uma delas, deviam telefonar imediatamente para aquele número. Muriel, com os modos de dona de casa que lhe eram próprios, acompanhou os dois polícias até à porta.

Sentada à mesa sozinha, Tally ficou a olhar fixamente para as duas chávenas vazias, como se aqueles objectos vulgares tivessem o condão de lhe assegurar que o seu mundo não se partira em pedaços.

Dalgliesh levou Piers consigo quando foi falar com os dois Dupayne, deixando Kate e Benton-Smith a colaborar com o agente de investigação de incêndios e, se necessário, para falar uma última vez com Tally Glutton e Muriel Godby. Ao dirigir-se para o museu verificou, com surpresa, que a porta estava agora aberta. Um estreito feixe de luz, proveniente do átrio de entrada, iluminava o fronteiro maciço de arbustos, conferindo-lhes a ilusão de que a Primavera já havia chegado. No carreiro de cascalho, algumas pequenas pedras brilhavam como se fossem jóias. Dalgliesh premiu o botão da campainha, antes de entrar juntamente com Piers. A porta entreaberta podia ser considerada como um convite discreto, mas sabia que convinha estabelecer limites para o que podia presumir-se. Entraram no amplo átrio de entrada; totalmente vazio e silencioso, parecia um grande palco preparado para a representação de um drama contemporâneo. Quase podia imaginar as personagens a entrar em cena pelas portas do piso térreo e a subir a escada central, para irem ocupar os seus lugares com autoridade ensaiada.

Assim que os seus passos ressoaram no chão de mármore, Marcus e Caroline Dupayne apareceram à porta que dava acesso à galeria de quadros. Afastando-se para o lado, Caroline Dupayne fez-lhes sinal para que entrassem. Durante os breves segundos necessários para as apresentações, Dalgliesh deu-se conta de que ele e Piers estavam a ser objecto de um exame tão minucioso como aquele a que submetiam os Dupayne.

A impressão que Caroline lhe causou foi imediata e surpreendente. Era tão alta como o irmão ambos com pouco menos de um metro e oitenta e tinha ombros largos e pernas e braços compridos. Vestia calças e um casaco de *tweed* fino a condizer, por cima de uma camisola de gola alta. As palavras bonita ou bela não eram adequadas, mas a estrutura óssea sobre a qual se molda a beleza revelava-se nas maçãs do rosto salientes e no contorno, bem definido mas delicado, do queixo. O cabelo escuro, com um ou outro fio prateado, era curto e estava penteado para trás, em ondas bem marcadas, num estilo que parecia informal, mas que, segundo Dalglish suspeitou, resultava do trabalho dispendioso de um bom cabeleireiro. Os seus olhos escuros suportaram, por cinco segundos, o exame de Dalglish, de forma especulativa e a que não faltava um certo ar de desafio. Não era manifestamente hostil, porém, ele apercebeu-se, de imediato, de que tinha naquela mulher uma potencial adversária.

A única parecença entre ela e o irmão confinava-se ao cabelo escuro, no caso dele mais amplamente raiado de fios grisalhos, e às maçãs do rosto salientes. A cara de Marcus Dupayne era serena e pelos seus olhos escuros perpassava a expressão interior de um homem cujas preocupações eram racionais e controladas. Os seus enganos seriam sempre meros erros de julgamento, nunca consequência de um impulso ou de um descuido. Para um homem como ele, havia um procedimento para tudo na vida e, também, para a morte. De forma metafórica, naquele preciso momento ordenava que lhe trouxessem o processo em busca de precedentes e com o objectivo de ponderar mentalmente a resposta correcta. Não demonstrava minimamente o oculto antagonismo da irmã, mas os seus olhos, mais encovados do que os dela, reflectiam cautela e também alguma preocupação. Afinal, talvez aquela fosse uma emergência para a qual não encontrara qualquer precedente que pudesse ajudá-lo. Durante cerca de quarenta anos, devia ter protegido o seu ministro e o seu secretário de Estado. Dalglish perguntou a si próprio quem se preocupava ele agora em proteger.

Pôde ver que os dois irmãos haviam estado sentados em duas poltronas de espaldar vertical, de cada lado da lareira, ao fundo da galeria. Entre as poltronas, achava-se uma mesa baixa sobre a qual estava colocada uma bandeja com uma cafeteira, um jarro de leite e duas canecas. Havia também dois copos largos e sem pé, dois outros para vinho, uma garrafa de vinho e outra de uísque. Só um dos copos de vinho fora utilizado. O outro único assento existente era um banco, forrado a couro, no centro da galeria. Não era muito apropriado para uma sessão de perguntas e respostas, e por isso ninguém se dirigiu para ele.

Marcus Dupayne olhou à sua volta, como se subitamente se desse conta das carências da galeria.

Há umas cadeiras desdobráveis no gabinete. Vou buscá-las Voltou-se para Piers e disse: Pode ajudar-me? Era uma ordem; não um pedido.

Esperaram em silêncio. Caroline Dupayne dirigiu-se ao quadro de Nash e pareceu examiná-lo. Segundos depois, o irmão e Piers regressaram com as cadeiras, e Marcus, tomando o comando das operações, colocou-as com todo o cuidado em frente das poltronas em que ele e a irmã voltaram a sentar-se. O contraste entre a profunda comodidade do couro e a rigidez das tábuas de madeira das cadeiras desdobráveis falava por si só.

Não é a primeira vez que visita o museu, não é assim? perguntou Marcus Dupayne. Não esteve cá, há uma semana? O James Calder-Hale falou-me disso.

Sim, estive aqui na sexta-feira passada, com o Conrad Ackroyd confirmou Dalglish.

Uma visita certamente mais agradável do que a actual... Perdoe-me por introduzir esta nota social, talvez despropositada, no que para si deve ser essencialmente uma visita oficial. Para nós também, é claro.

Dalglish proferiu as habituais palavras de condolências. Por mais cuidado que tivesse, pareciam-lhe sempre banais e vagamente impertinentes, como se estivesse a proclamar qualquer envolvimento emocional da sua parte, em relação à morte da vítima. Caroline Dupayne franziu as sobrancelhas, como se aquela cortesia preliminar, além de pecar por falta de sinceridade

187 fosse para ela uma perda de tempo. Dalglish não a censurava por isso.

Sei que tem muito que fazer, comandante disse ela, mas estamos à sua espera há mais de uma hora.

Receio que esse seja o primeiro de muitos incómodos

replicou Dalglish. Precisava de falar com Mistress Glutton, por ter sido a primeira pessoa a chegar ao local do incêndio. Sentem-se capazes de responder agora às perguntas que devo fazer? Se não for esse o caso, podemos voltar amanhã.

Foi Caroline que ripostou:

Não restam dúvidas de que vai voltar amanhã de qualquer modo, mas, pelo amor de Deus, ponhamos de lado os preliminares. Já calculava que tivesse ido falar com a Tally Glutton. Como está ela?

Consternada e sob o efeito do choque, como seria de prever, mas a recuperar. Miss Godby está com ela.

A fazer chá, sem dúvida. O remédio inglês para toda e qualquer calamidade. Nós, como pode ver, optámos por algo mais forte. Não vou oferecer-lhe uma bebida, comandante, porque conheço as formalidades. Suponho que não restam dúvidas de que o corpo no carro é o do meu irmão?

Terá de proceder-se a uma identificação formal, é claro

retorquiu Dalglish, e, se necessário, a ficha dentária e o teste de ADN prová-lo-ão, mas, infelizmente, não creio que haja lugar para dúvidas. Fez uma pausa e, em seguida, perguntou: Há alguns parentes ou familiares mais próximos para além da senhora e de Mister Marcus Dupayne?

Foi Marcus quem respondeu, num tom de voz tão controlado como se estivesse a falar com a sua secretária.

Há uma filha solteira, a Sarah. Vive em Kilburn. Não conheço a morada exacta, mas a minha mulher sabe-a, porque a tem na lista de pessoas a quem envia cartões de boas-festas. Antes de aqui chegar, telefonei para a minha mulher e ela já vai no seu carro a caminho de Kilburn para lhe dar a notícia. Estou à espera de que me telefone, assim que tiver tido oportunidade de falar com a Sarah.

Vou precisar do nome completo e da morada de Miss Dupayne fez notar Dalglish. Como é evidente, não vamos incomodá-la esta noite. Espero que a sua esposa possa ajudá-la e dar-lhe o apoio necessário.

Embora pelo rosto de Marcus Dupayne tivesse passado uma espécie de esgar ao franzir as sobrancelhas, replicou sem se alterar:

Nunca mantivemos uma grande intimidade, mas, como é natural, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance. Penso que a minha mulher se oferecerá para ficar com ela esta noite, se a Sarah assim o desejar. E, é claro, poderá ir para nossa casa, se o preferir. De qualquer forma, eu e a minha irmã iremos vê-la, amanhã de manhã.

Caroline Dupayne mudou de posição na poltrona, com impaciência, e acrescentou bruscamente:

Não há grande coisa para lhe contar, pois não? Nós próprios não temos a certeza de nada. O que ela vai querer saber é como morreu o pai. E é isso que estamos à espera que nos digam.

O olhar rápido que Marcus Dupayne lançou à irmã podia conter uma advertência.

Suponho que seja cedo de mais para respostas definitivas disse, mas podem adiantar-nos alguma informação? Por exemplo, como deflagrou o incêndio, se é que não resultou de um acidente?

O incêndio deflagrou no carro. Alguém derramou gasolina sobre a cabeça do condutor e pegou-lhe fogo. Não há qualquer hipótese de que tenha resultado de um acidente.

Fez-se um silêncio que durou cerca de quinze segundos e, depois, Caroline Dupayne voltou a falar:

Portanto, podemos estar seguros de uma coisa: segundo afirmam, o fogo só pode ter sido ateadado deliberadamente.

Exacto. Estamos a tratar do caso como sendo uma morte suspeita.

Novo silêncio. Assassínio, essa palavra grave e inflexível, parecia ecoar no ar, embora ninguém a tivesse proferido. A pergunta seguinte tinha de ser feita, embora fosse pelo menos indesejável e, na pior das hipóteses, dolorosa. Outros investigadores teriam julgado mais conveniente adiar o interrogatório para

o dia seguinte, mas não era esse o modo de agir de Dalgliesh. As primeiras horas que se seguiam a uma morte suspeita eram cruciais. Apesar disso, a frase que pronunciara antes «Sentem-se capazes de responder, agora, às perguntas que devo fazer?» não havia sido um mero formalismo. Naquela fase e esse facto parecia-lhe interessante eram os Dupayne que podiam controlar o interrogatório. Assim pensando, anunciou:

Vou fazer-vos uma pergunta que não é fácil de formular e a que tão-pouco é fácil responder. Havia algo na vida do vosso irmão que pudesse levá-lo a desejar pôr-lhe termo?

Os Dupayne estavam decerto preparados para aquela pergunta; afinal, haviam ficado a sós durante uma hora. No entanto, a sua reacção surpreendeu Dalgliesh. Houve um novo silêncio, um pouco longo de mais para ser de todo natural, e Dalgliesh teve a sensação de uma controlada cautela por parte dos dois Dupayne, os quais não olhavam um para o outro. Suspeitava de que não só haviam combinado o que tinham a dizer, mas ainda quem devia falar primeiro. Foi Marcus.

O meu irmão não era homem que compartilhasse os seus problemas, muito menos com membros da família. Contudo, nunca me deu qualquer motivo para recear que fosse ou pudesse vir a tornar-se um suicida. Se me tivesse feito essa pergunta há uma semana, teria afirmado peremptoriamente que tal sugestão era absurda. Agora, no entanto, já não estou tão seguro disso. Quando, na quarta-feira, nos encontrámos pela última vez na reunião de fiduciários, pareceu-me mais nervoso do que habitualmente. Estava preocupado com o futuro do museu, como, aliás, todos nós. Não estava convencido de que possuíamos todos os meios necessários para mante-lo em funcionamento, e a sua intuição inclinava-se fortemente no sentido do encerramento. Não se mostrou disposto a ouvir quaisquer argumentos ou a tomar parte na discussão de forma racional. Durante a reunião, recebeu um telefonema do hospital a informar que a mulher de um dos seus pacientes se tinha suicidado. Como é óbvio, ficou muito abalado com essa notícia e, pouco depois, abandonou a reunião. Nunca o vira em tal estado. Não estou a sugerir que ele pensasse em pôr termo

à vida; essa ideia continua a parecer-me absurda. Quero apenas referir que se encontrava sob um stress considerável e podia ter preocupações das quais nada sabemos.

Dalgliesh voltou a olhar para Caroline Dupayne, a qual acrescentou:

Não o vira nas últimas semanas anteriores à reunião dos fiduciários. Na verdade, pareceu-me então distraído e preocupado, mas não creio que fosse por causa do museu. Não lhe dedicava qualquer interesse, nem eu e o meu irmão esperávamos outra coisa da sua parte. Foi a primeira reunião que tivemos e limitámo-nos a discutir preliminares. O documento que institui o fideicomisso é inequívoco mas complicado, e há muitos pormenores que têm de ser resolvidos. Não tenho dúvidas de que o Neville acabaria por deixar-se convencer. Possuía a sua quota-parte do orgulho da família. Se estava debaixo de um grande stress... e acredito que sim... a causa tem de ser procurada no seu trabalho. Preocupava-se profundamente com a sua actividade e há anos que trabalhava em excesso. Não conheço grande coisa sobre a sua vida, mas isso sei. Ambos o sabíamos.

Antes que Marcus pudesse retomar a palavra, Caroline apressou-se a acrescentar:

Não podemos continuar com este assunto em outra altura? Estamos ambos sob o efeito do choque, cansados e incapazes de ordenar convenientemente as ideias. Só permanecemos aqui porque queríamos assistir à remoção do corpo do Neville, mas parece-me que isso não vai acontecer esta noite.

Proceder-se-á à remoção do corpo amanhã de manhã, tão cedo quanto possível. Receio que seja impossível fazê-lo durante a noite.

Caroline Dupayne pareceu esquecer-se do seu desejo de ver terminado o interrogatório.

Se porventura estamos perante um homicídio disse em tom impaciente, então, já têm um suspeito principal. A Tally Glutton deve ter-lhe falado do condutor que saiu do museu, a tal velocidade que a atropelou. Encontrar esse homem é, com certeza, mais urgente do que interrogar-nos.

Temos *de* encontrá-lo, se tal for possível declarou Dalglish. Mistress Glutton revelou-nos que, segundo julga, já o vira anteriormente, embora não se lembre onde e quando. Penso que vos terá contado o que conseguiu ver do aspecto desse indivíduo, durante o seu breve encontro. Era um homem alto, louro, bem-parecido e com uma voz particularmente agradável. Conduzia um grande carro preto. Esta curta descrição traz-vos alguém à memória?

Pode aplicar-se a várias centenas de milhares de homens que vivem na Grã-Bretanha comentou Caroline. Está realmente à espera que possamos identificá-lo?

Dalglish conseguiu manter o domínio sobre si próprio.

Admiti a possibilidade de que pudessem conhecer alguém... um amigo ou algum visitante habitual do museu... que vos tivesse vindo à memória quando ouviram a descrição de Mistress Glutton.

Caroline Dupayne não se dignou responder. Foi o irmão que interveio, dizendo:

Perdoe à minha irmã o facto de não poder ser-vos de grande ajuda. Tanto eu como ela pretendemos colaborar convosco; é esse o nosso desejo e o nosso dever. O nosso irmão teve uma morte horrível e ambos queremos que o seu assassino... se é que há um... preste contas à justiça. Talvez pudéssemos deixar a continuação do interrogatório para amanhã. Durante esse intervalo, vou procurar lembrar-me de alguém que se pareça com o misterioso condutor, muito embora esteja convencido de que não conseguirei fornecer-vos qualquer pista. Podia tratar-se de um visitante habitual do museu, mas ninguém de que me recorde. Não será mais plausível que tenha estacionado o carro ilegalmente nesta propriedade, e se tenha assustado quando viu o incêndio?

E uma explicação perfeitamente admissível concordou Dalglish. Claro que podemos continuar a nossa conversa amanhã, mas há uma coisa que desejava ver esclarecida desde já. Quando foi que viram o vosso irmão pela última vez?

Os dois irmãos entreolharam-se e foi Marcus que replicou:

Vi-o esta noite. Queria falar do futuro do museu com ele. A reunião de quarta-feira foi insatisfatória e inconclusiva.

Pensei que seria conveniente discutirmos o caso tranquilamente. Sabia que ele viria buscar o carro às seis horas, como invariavelmente fazia às sextas-feiras, para se servir dele nas suas viagens de fim-de-semana, e cheguei ao seu apartamento por volta das cinco horas. Fica em Kensington High Street e estacionar naquele local é praticamente impossível. Por isso, deixei o carro em Holland Park e atravessei o jardim. Depressa me apercebi de que não era a melhor altura para o visitar. O Neville continuava aborrecido e enervado, sem a menor disposição para falar acerca do museu. Compreendi que de nada adiantava permanecer ali e despedi-me dele dez minutos mais tarde. Precisava de caminhar para afastar a minha frustração do espírito, mas receava que o parque encerrasse à noite. Por isso, regressei ao local em que deixara o carro, por Kensington Church Street e Holland Park Avenue. Nesta última, o trânsito era intenso, o que não admira ao fim da tarde de uma sexta-feira... Quando a Tally Glutton telefonou para minha casa, a minha mulher não conseguiu entrar em contacto comigo através do telemóvel. Por isso, só soube da notícia quando cheguei a casa, o que aconteceu cerca de dez minutos depois da chamada da Tally. Vim imediatamente para cá. A minha irmã já tinha chegado.

Portanto, tanto quanto sabemos, o senhor foi a última pessoa que viu o seu irmão vivo. Quando saiu do apartamento dele, sentiu que poderia estar terrivelmente deprimido?

Não. Se isso tivesse acontecido, não o deixaria sozinho. Dalglish voltou-se para Caroline Dupayne.

Á última vez que vi o Neville foi na reunião de fiduciários, na quarta-feira adiantou ela. Não voltei a entrar em contacto com ele desde então, fosse para falar do futuro do museu ou de qualquer outro assunto. Sinceramente, não acreditava que isso servisse para alguma coisa. Achei que se comportara de forma estranha na reunião e que o melhor seria deixá-lo em paz durante algum tempo. Julgo que quer saber o que fiz esta tarde. Saí do museu, pouco depois das quatro horas, e, no meu carro, dirigi-me à Oxford Street. Às sextas-feiras, costumo ir ao Marks & Spencer e à secção de alimentação do Selfridges para comprar comida para o fim-de-semana

quer o passe no meu apartamento em Swathling's ou no apartamento de que disponho aqui no museu. Não foi fácil conseguir um lugar para o carro, mas tive a sorte de encontrar um na zona dos parquímetros. Desligo sempre o telemóvel quando vou às compras e não voltei a ligá-lo até regressar ao carro. Creio que já devia passar das seis horas, porque perdi o início do noticiário na rádio. A Tally telefonou-me, cerca de meia hora mais tarde, quando ainda me encontrava em Knightsbridge. Vim para aqui logo a seguir.

Era tempo de dar por terminada a entrevista. Dalgliesh não tinha qualquer dificuldade em lidar com o antagonismo mal dissimulado de Caroline Dupayne, mas podia ver que tanto ela como o irmão estavam cansados. Marcus, então, parecia exausto. Só os reteve por mais alguns minutos. Ambos confirmaram saber que Neville ia buscar o seu *Jaguar* às seis horas, todas as sextas-feiras, mas não faziam ideia do local onde se dirigia e nunca lho haviam perguntado. Caroline fez questão de acentuar que uma tal pergunta seria despropositada. Se não esperava que o irmão quisesse saber o que ela fazia no fim-de-semana, porque iria interrogá-lo sobre como passava ele o seu? Se tinha uma outra vida, tanto melhor para ele. Admitiu prontamente que sabia haver uma lata de gasolina na barraca, uma vez que se encontrava no museu quando Miss Godby pagara a sua compra a Mrs. Faraday. Marcus Dupayne, por seu lado, declarou que, até pouco tempo antes, raramente ia ao museu. No entanto, dado saber que tinham um cortador de relva, presumira que devia haver gasolina de reserva, guardada em algum local. Ambos foram peremptórios quando afirmaram não conhecer alguém que quisesse fazer mal ao irmão e aceitaram, sem colocar qualquer objecção, que as instalações do museu e, logo, o próprio edifício deviam ser vedadas ao acesso do público enquanto a polícia continuasse a fazer investigações no local. Marcus adiantou que, em qualquer caso, já haviam decidido encerrar o museu durante uma semana ou até o corpo de Neville ser cremado, em cerimónia privada.

Os dois irmãos acompanharam Dalgliesh e Piers até à porta de entrada, com o mesmo formalismo que teriam observado

194 se eles fossem seus convidados. Os polícias regressaram à escuridão da noite. No lado oriental da casa, Dalgliesh pôde ver o brilho dos arcos voltaicos, com dois polícias a guardar o local do crime por trás de fitas que barravam o acesso à garagem. Não havia sinal de Kate nem de Benton-Smith; provavelmente, já estariam no parque de estacionamento. O vento amainara, mas, quando Dalgliesh se quedou em silêncio durante alguns momentos, pôde ouvir um suave sussurro, como se o último suspiro do vento ainda fizesse balouçar os arbustos e agitasse, ao de leve, as poucas folhas das árvores mais novas. O céu nocturno era como um quadro pintado por uma criança, uma irregular e fina camada de tinta cor de anil sobre a qual as nuvens apareciam como borões encardidos. Perguntou a si próprio como estaria o céu em Cambridge. Emma já devia ter chegado a casa. Estaria à janela, a contemplar Trinity Great Court ou, como ele teria feito, andaria a percorrer o pátio, mergulhada num torvelinho de indecisões? Ou, pior ainda, aquela viagem de uma hora até Cambridge servira para convencê-la de que já bastava, que não tentaria voltar a vê-lo? Obrigando a mente a concentrar-se no caso que tinha entre mãos, comentou:

A Caroline Dupayne está desejosa de manter em aberto a hipótese de um suicídio e o irmão também, embora com alguma relutância. Se nos colocarmos no lugar deles, a sua atitude é compreensível. No entanto, por que razão iria o Neville Dupayne suicidar-se? Queria que o museu fosse encerrado e, agora que está morto, os outros fiduciários podem ter a certeza de que vai manter-se aberto.

De súbito, sentiu a necessidade de ficar só.

Quero dar uma última vista de olhos ao local do crime. A Kate leva-o de volta, não é assim? Diga-

lhe, a ela e ao Benton-Smith, que nos reuniremos no meu gabinete dentro de uma hora.

Eram onze e vinte quando Dalgliesh e os membros da sua equipa se reuniram no gabinete do comandante para passar em revista os progressos da investigação. Sentado numa das cadeiras da oblonga mesa de conferências em frente da janela, Piers sentiu-se grato por AD não haver escolhido o seu próprio gabinete para aquela reunião. Como de costume, encontrava-se num estado de desarrumação semiorganizada; se, invariavelmente, ele conseguia deitar a mão ao processo de que precisava, quem visse o seu gabinete dificilmente acreditaria que tal proeza fosse possível. Sabia que AD não faria comentários; o chefe era muito metódico e organizado, mas aos seus subordinados apenas exigia integridade, dedicação e eficiência. Se eram capazes de alcançar esses objectivos no meio da barafunda, não via razão para interferir. Apesar disso, Piers sentia-se satisfeito por os olhos escuros e inquisidores de Benton-Smith não estarem a vaguear por sobre os papéis acumulados na sua secretária. Em contraste com aquela desordem, mantinha o seu apartamento na cidade quase obsessivamente bem arrumado, como se fosse um meio adicional de estabelecer a separação entre a sua vida profissional e a privada.

Iam beber descafeinados. Kate, como ele sabia, não podia ingerir cafeína depois das sete horas sem se arriscar a uma noite em branco e afigurara-se uma pura perda de tempo sem sentido preparar duas cafeteiras. A secretária particular de Dalgliesh saía há muito, e fora Benton-Smith que se encarregara do café. Piers esperara por ele sem entusiasmo; café descafeinado

196 sempre lhe parecera uma designação contraditória, mas, pelo menos, a obrigação de o preparar e de mais tarde lavar as chávenas servia para colocar Benton-Smith no seu lugar próprio. Perguntou a si mesmo porque achava o homem tão irritante. Antipatia pareceu-lhe uma palavra demasiado forte. Não que se ressentisse pela espectacular boa aparência de Benton-Smith, reforçada por um salutar amor-próprio. Nunca se importara pelo facto de um colega ser mais atraente do que ele próprio; só ficaria aborrecido se fosse mais inteligente ou alcançasse maior êxito. Um tanto surpreendido por esta conclusão, pensou: É porque, tal como eu, é ambicioso e porque a sua ambição é idêntica à minha. Superficialmente, não poderíamos ser mais diferentes, mas a verdade é que eu não gosto dele por ser tão parecido comigo.

Dalgliesh e Kate sentaram-se em silêncio. O olhar de Piers, até então fixado no panorama de luzes que se estendia por baixo da janela do quinto andar, deambulou pelo gabinete. Embora lhe fosse familiar, sentiu a desconcertante impressão de que o via pela primeira vez. Divertiu-se mentalmente a avaliar o carácter do ocupante do gabinete pelas poucas pistas que fornecia. Aos olhos de qualquer estranho, era essencialmente o gabinete de um alto funcionário, equipado de acordo com os regulamentos estabelecidos a propósito do mobiliário considerado apropriado para um comandante. Ao contrário de outros colegas seus, AD não sentira a necessidade de decorar as paredes com louvores emoldurados, com fotografias ou com as placas de polícias estrangeiras. Nem sequer havia qualquer retrato sobre a secretária; aliás, Piers ficaria surpreendido se visse tal prova da vida privada do chefe. Havia apenas duas características menos comuns. Uma das paredes estava inteiramente revestida por estantes, mas isso, como Piers sabia, não era revelador de um gosto pessoal. Nas estantes, fora colocada apenas uma biblioteca puramente profissional; decretos do Parlamento, relatórios oficiais e governamentais, obras de consulta, livros de história, o Archbold de processo penal, tratados de criminologia e de medicina forense, obras sobre a história da polícia e as estatísticas criminais dos últimos cinco anos. A única outra característica invulgar era constituída pelas litografia

de Londres. Piers supunha que o chefe não gostava de ver as paredes totalmente nuas, mas até a escolha das litografias revelava uma certa impessoalidade. O chefe, claro, nunca iria escolher quadros a óleo; considerá-los-ia impróprios e pretensiosos. Os seus colegas, se por acaso se detivessem para contemplar as litografias, provavelmente tomá-las-iam como indicadoras de um gosto excêntrico mas inofensivo. Não podiam, ponderou Piers, ofender fosse quem fosse e só intrigariam quem tivesse uma noção do seu preço.

Benton-Smith apareceu com o café. Por vezes, naquelas sessões a altas horas da noite, Dalgliesh dirigia-se ao seu armário e trazia para a mesa copos e uma garrafa de vinho tinto. Segundo tudo indicava, isso não ia acontecer naquela noite. Tendo-se decidido por rejeitar o café, Piers aproximou de si o jarro de água e encheu um copo.

Como devemos apelidar este presumível homicida? perguntou Dalgliesh.

Era seu costume deixar que a equipa discutisse o caso antes de ele próprio intervir, mas, primeiro, tinham de arranjar um nome para a sua presa invisível e, por enquanto, desconhecida.

Foi Benton-Smith que respondeu.

E que tal Vulcano, o deus do fogo? propôs. Tinha de se adiantar aos outros, pensou Piers, antes de comentar:

Pelo menos, é uma palavra mais fácil de pronunciar do que Prometeu...

Cada um deles abriu já o respectivo bloco de apontamentos.

Muito bem. Kate, começa você? propôs Dalgliesh. Kate sorveu um gole de café, mas, aparentemente, achou a

bebida demasiado quente e empurrou a chávena para o lado. Dalgliesh nem sempre dava a palavra, em primeiro lugar, ao mais antigo membro da equipa, mas fê-lo naquela noite. Kate já devia ter ponderado a melhor forma de explanar os seus argumentos.

Começámos por considerar a morte do doutor Dupayne como um homicídio e o que podemos apurar até agora

confirma essa hipótese. Está posta de parte a eventualidade de um acidente. Ele foi regado com gasolina e, fosse como fosse que isso se produziu, tratou-se de um acto deliberado. Contra a hipótese de suicídio existem vários factos: o de ele já haver colocado o cinto de segurança, o de a lâmpada à esquerda da porta ter sido removida do seu casquilho, e ainda a estranha localização da lata de gasolina e da respectiva tampa de rosca. A tampa foi encontrada a um canto, ao fundo da garagem, enquanto a lata se achava aproximadamente a dois metros da porta do carro. Não há dúvidas quanto ao momento da morte. Sabemos que o doutor Dupayne deixava o seu *Jaguar* no museu e ia buscá-lo todas as sextas-feiras, às seis horas. Também temos o depoimento de Tallulah Glutton, que confirma que a morte ocorreu às seis horas ou pouco tempo depois. Sendo assim, procuramos alguém que conhecia os hábitos do Dr. Dupayne, possuía a chave da garagem e sabia que havia uma lata de gasolina na barraca, cuja porta não tem fechadura. Ia acrescentar que o assassino devia conhecer também os hábitos de Mistress Glutton, designadamente que frequentava com regularidade uma aula ao fim da tarde de sexta-feira; no entanto, não sei se isso é ou não relevante. O... Vulcano pode ter procedido a diligências preliminares. Assim, poderia saber já a que horas encerrava o museu e, ainda, que Mistress Glutton estaria na vivenda depois do anoitecer. Este crime foi cometido com grande rapidez e o assassino pode ter pensado que já estaria longe antes que Mistress Glutton se tivesse apercebido do incêndio ou do cheiro a fumo. Kate fez uma pausa.

Têm alguns comentários a fazer ao que a Kate acaba de expor? perguntou Dalglish.

Foi Piers que decidiu avançar.

Não se tratou de um assassinio perpetrado num impulso de momento; foi cuidadosamente planeado. Não pode admitir-se a inexistência de premeditação. A primeira vista, os suspeitos são os restantes membros da família Dupayne e o pessoal do museu. Todos dispunham dos conhecimentos necessários e também de um motivo. Os Dupayne queriam manter o museu aberto ao público e, presumivelmente, era

também esse o desejo da Muriel Godby e da Tallulah Glutton. A Godby perderia um bom emprego e a Glutton, o emprego e a casa em que vive.

Não se mata um homem de modo tão horrendo só para não perder o emprego contrapôs Kate. A Muriel Godby, segundo tudo indica, é uma secretária eficiente e com larga experiência; não ficaria desempregada durante muito tempo. O mesmo se aplica à Tally Glutton. Nenhuma boa governanta se vê constrangida a permanecer desempregada. Mesmo que não arranjasse colocação rapidamente, tem com certeza familiares que a sustentassem. Não me parece que qualquer uma delas possa ser incluída no rol dos suspeitos.

Antes de conhecermos mais dados, é prematuro falar do móbil do crime atalhou Dalglish. Nada sabemos acerca da vida privada do Neville Dupayne, das pessoas com quem trabalhava, do local aonde se dirigia quando ia buscar o seu *Jaguar*, todas as sextas-feiras. E temos ainda o problema do misterioso condutor que atropelou Mistress Glutton.

Se é que ele existe comentou Piers. As únicas provas da sua existência são as nódoas negras no braço de Mistress Glutton e a roda torcida da sua bicicleta. Podia muito bem ter provocado a queda, ela própria, para forjar essas provas. Não é precisa muita força para dobrar a roda duma bicicleta. Podia tê-la feito chocar contra uma parede.

Benton-Smith mantivera-se em silêncio, mas, naquele momento, comentou:

Não creio que ela esteja envolvida no homicídio. Não fiquei muito tempo na vivenda, mas pareceu-me uma testemunha honesta. Gostei dela.

Piers reclinou-se na cadeira e, lentamente, passou o dedo sobre o rebordo do copo, antes de dizer com uma calma controlada:

E que diabo tem isso a ver com o assunto? Estamos à procura de provas. Que goste ou não de uma testemunha não interessa nada.

Para mim, interessa ripostou Benton-Smith. A impressão com que se fica de uma testemunha faz parte das provas. Se isso é válido para os jurados, em julgamento, por-

que não há-de sê-lo para a polícia? Não consigo imaginar a Tally Glutton a perpetrar este homicídio nem qualquer outro, diga-se de passagem.

Sendo assim, suponho que para si a Muriel Godby seria a principal suspeita retorquiui Piers, em vez de qualquer um dos Dupayne, só porque ela é menos atraente do que a Caroline Dupayne e porque o Marcus deve ser posto de parte, já que nenhum alto funcionário público seria capaz de cometer um homicídio.

Não contrapôs Benton-Smith, muito calmo. Colocá-la-ia em primeiro lugar na lista dos suspeitos porque este homicídio... se é que se trata de um homicídio... foi perpetrado por alguém que é esperto, mas não tão esperto como julga ser. Essa circunstância aponta mais para a Muriel Godby do que para qualquer um dos Dupayne.

Esperto mas não tão esperto como julga ser? admirou-se Piers. Só você seria capaz de detectar semelhante fenómeno.

Kate olhou para Dalglish. Ele sabia até que ponto uma rivalidade salutar podia contribuir para o êxito de uma investigação; nunca quisera chefiar uma equipa de conformistas, confortavelmente habituados a elogiarem-se uns aos outros. No entanto, Piers havia ultrapassado as marcas, mas, nem mesmo assim, AD iria repreendê-lo em frente de um agente de categoria inferior.

Foi o que aconteceu. Ignorando Piers, Dalglish voltou-se para Benton-Smith.

O seu raciocínio é válido, sargento, mas parece-me perigoso levá-lo demasiado longe. Até o assassino mais esperto pode ter falhas de conhecimento ou de experiência. O Vulcano talvez esperasse que o automóvel explodisse e que o cadáver, a garagem e o carro ficassem completamente destruídos, em particular se não contasse que Mistress Glutton ia regressar tão cedo a casa. Um incêndio devastador teria eliminado a quase totalidade das provas. Deixemos, porém, o perfil psicológico do criminoso e concentremo-nos no que é preciso fazer.

Kate voltou-se para Dalglish.

Acredita na história que Mistress Glutton nos contou, comandante? O acidente, o condutor que se pôs em fuga?

Sim, acredito. Vamos difundir o habitual anúncio otimista, solicitando que entre em contacto connosco, mas, se ele não o fizer, não vai ser fácil encontrá-lo. Só dispomos da impressão momentânea de Mistress Glutton, logo a seguir ao atropelamento, mas parece-me particularmente nítida, não acham? O rosto que se inclinou sobre ela com o que descreveu como uma expressão em que se via o horror misturado com a compaixão. Parece-vos que esse retraio é aplicável ao nosso assassino, alguém que acabava de despejar gasolina sobre a sua vítima com o deliberado propósito de a queimar viva? Queria fugir dali o mais depressa possível. Acha provável que parasse só porque atropelara uma velhota que seguia na sua bicicleta? E, mesmo que o fizesse, mostraria tanta preocupação pelo estado em que ela se encontrava?

Há, no entanto, o tal comentário que ele fez a propósito do fogo e que é idêntico ao do caso Rouse interveio Kate. Pareceu-me óbvio que essas palavras impressionaram Mistress Glutton e Miss Godby. Nenhuma delas me pareceu impulsionável ou irracional, mas pude notar que a frase lhes causou preocupação. Não estamos a lidar com um homicídio copiado de outro, a papel químico. O único factor comum aos dois casos é a existência de um homem morto dentro dum carro em chamas.

Talvez se trate de uma coincidência sugeriu Piers. Provavelmente, foi um daqueles comentários que, em circunstâncias idênticas, podia ser feito por qualquer pessoa. O homem pretendia justificar o facto de haver ignorado um incêndio. Tal como fez o Rouse.

O que deixou as duas mulheres preocupadas adiantou Dalgliesh foi o facto de pensarem que as duas mortes podiam ter algo mais em comum do que aquelas poucas palavras. Talvez tenha sido isso que, pela primeira vez, as levou a admitir que o Dupayne houvesse sido assassinado. Seja como for, vai trazer-nos complicações. Se não encontrarmos o tal condutor e conseguirmos levar um suspeito a tribunal, o depoimento de Mistress Glutton será uma bênção para a defesa. Mais alguns comentários acerca do resumo efectuado pela Kate?

Benton-Smith mantivera-se sentado, muito quieto e em silêncio. Naquele momento, porém, tomou a palavra.

Creio que poderíamos admitir a hipótese de suicídio.

Então, vá em frente. Diga-nos como exclamou Piers, irritado.

Não estou a afirmar que foi um suicídio. O que quero referir é que as provas de homicídio não são tão sólidas como estamos a considerá-las. Os Dupayne contaram-nos que a mulher dum dos seus pacientes se suicidou. Talvez devêssemos procurar saber porquê. O Neville Dupayne pode ter ficado mais perturbado por essa morte do que os seus irmãos julgaram. Virou-se para Kate e prosseguiu: Voltando aos pontos que focou, inspectora, o Neville Dupayne já apertara o cinto de segurança. Permito-me sugerir que o fez para ter a certeza de que assim ficaria impossibilitado de sair do carro. Não havia sempre o risco de que, uma vez envolto pelas chamas, mudasse de ideias, tentando sair do automóvel a correr, até se atirar sobre o relvado, para tentar apagar o fogo rolando sobre si próprio? Ele queria morrer dentro do seu *Jaguar*. Por outro lado, temos de considerar os locais em que foram encontrados a lata e a tampa de rosca. Por que razão iria ele colocar a lata junto do carro? Não seria mais natural que, primeiro, atirasse a tampa para longe e só depois a lata? Que lhe importava o sítio em que fossem cair?

E a lâmpada desaparecida? perguntou Piers.

Não temos quaisquer indícios para saber há quanto tempo havia desaparecido. Ainda não conseguimos interrogar o Ryan Archer. Pode ter sido ele que a retirou... ele ou qualquer outra pessoa, inclusive próprio Dupayne. Não podemos estabelecer um caso de homicídio com base numa lâmpada que desapareceu.

Não encontramos qualquer bilhete de suicídio contrapôs Kate. Aqueles que se matam, em regra, desejam explicar porque o fazem. E que meio foi ele escolher para se suicidar! O homem era médico e, por isso, tinha acesso a drogas e a todo o tipo de medicamentos. Podia ter tomado uma dose letal no carro e assim morrer no seu *Jaguar*, se era isso que queria. Sendo assim, porque preferiu imolar-se pelo fogo e morrer numa horrível agonia? 203

Provavelmente, a morte foi quase imediata retorquiu Benton-Smith.

Piers perdeu a paciência.

Uma ova! bradou. Não foi suficientemente rápida. A sua teoria não me convence minimamente, Ben ton. Daqui a pouco vai dizer que foi o próprio Dupayne que retirou a lâmpada do suporte e colocou a lata onde a encontrámos para que o seu suicídio pudesse dar a ideia de um assassinio. Belo presente de despedida para a família, não haja dúvida. Seria um acto mais próprio de uma criança caprichosa ou de um doido varrido.

E uma possibilidade a considerar limitou-se Benton-Smith a dizer, sem alterar o tom de voz.

Oh, mas tudo é possível! retorquiu Piers, exaltado.

E possível que a Tallulah Glutton tenha cometido o crime porque mantinha uma relação amorosa com o Dupayne e ele a ia trocar pela Muriel Godby! Com franqueza, conservemos os pés bem assentes no chão!

Há um facto que podia apontar mais para um suicídio do que para um assassinio interveio Dalglish. Teria sido difícil a Vulcano regar a cabeça do Dupayne com gasolina, servindo-se da lata. O líquido seria despejado muito lentamente. Se o Vulcano precisava de impedir que a vítima se defendesse, mesmo por breves segundos, teria de despejar a gasolina em algo parecido com um balde. Ou, então, bater-lhe na cabeça primeiro, para o deixar inconsciente. Vamos continuar as buscas no terreno logo que amanhã, mas, mesmo que o Vulcano se tenha servido de um balde, duvido que o encontremos.

Não encontrámos nenhum balde na barraca do jardim

adiantou Piers, mas o Vulcano pode tê-lo levado consigo. De qualquer modo, terá despejado a gasolina no balde dentro da garagem, e não na barraca, antes de remover a lâmpada. Depois, deve ter dado um pontapé na lata atirando-a para um canto. Queria tocar-lhe o menos possível, mesmo que usasse luvas, mas era importante para ele deixar a lata na garagem, se queria que a morte fosse atribuída a um acidente ou a um suicídio.

Kate interveio, procurando controlar a sua excitação.

Depois do crime, o Vulcano podia ter enfiado toda a sua roupa de protecção dentro do balde. Ser-lhe-ia muito fácil livrar-se dessas provas. Provavelmente, o balde era um daqueles baldes baratos, de plástico. Podia amolgar-lo e metê-lo num contentor, num caixote de lixo ou numa vala qualquer.

Por ora, tudo isso são meras conjecturas comentou Dalgliesh. Corremos o risco de começar a formular teorias antes de conhecermos os factos. Por isso, se estão de acordo, vamos distribuir as tarefas que devemos efectuar amanhã. Marquei com a Sarah Dupayne ir vê-la, às dez horas, com a Kate. Talvez possamos obter algumas pistas acerca do que o pai fazia nos fins-de-semana. Podia levar uma vida dupla e, se assim acontecia, precisamos de saber aonde ia, quem ia ver e com quem se relacionava. Até ao momento, demos por adquirido que o assassino chegou ao museu antes da vítima, tratou dos preparativos e esperou, oculto na escuridão da garagem, mas é também de admitir que o Dupayne não estivesse sozinho. Pode ter trazido o Vulcano consigo ou, por prévia combinação, ter ido até encontrar-se com ele. Piers, você e o Benton-Smith deviam ir falar com o mecânico da Garagem Duncan, um tal Stanley Cáster. Talvez o Dupayne lhe tenha feito algumas confidências. Em qualquer caso, o homem pode ter uma ideia dos quilómetros que o Dupayne percorria em cada fim-de-semana. Também precisamos de entrevistar de novo o Marcus e a Caroline Dupayne e, é claro, a Tallulah Glutton e a Muriel Godby. Depois de uma noite repousante, talvez se lembrem de qualquer coisa que ainda não nos revelaram. Há igualmente as voluntárias que prestam serviço no museu: Mistress Faraday, que trata do jardim, e Mistress Strickland, a calígrafa. Encontrei Mistress Strickland na biblioteca, quando visitei o museu no dia vinte e cinco de Outubro. E, claro, temos ainda o Ryan Archer. É estranho que esse tal major em casa de quem se diz que ele mora não haja respondido às nossas chamadas telefónicas. O Ryan deve regressar ao trabalho às dez horas de segunda-feira, mas precisamos de falar com ele antes disso. Existe uma prova que tenho a esperança de podermos testar. Mistress Glutton afirmou que,

quando telefonou à Muriel Godby, pela rede fixa, a linha estava ocupada e por isso teve de ligar para o seu telemóvel. Segundo a versão da Muriel Godby, o auscultador não estava bem colocado. Seria interessante determinar se ela se encontrava em casa quando respondeu à chamada no telemóvel. Você é um perito nestas coisas, não é verdade, sargento?

Não sou um perito, mas tenho alguma experiência nesse campo. Num telemóvel, a estação de base utilizada fica registada no princípio e no fim de cada chamada, seja recebida ou emitida, incluindo as chamadas para o *voice-mail*. O sistema também regista a estação de base utilizada pelo interlocutor, se a rede for a mesma. Os dados são conservados durante vários meses e divulgados quando a lei o impõe. Já participei em casos em que conseguimos obter esses dados, mas nem sempre com proveito. Sobretudo nas cidades, o máximo que se consegue precisar na localização de uma chamada é uma área de uns duzentos metros ou talvez menos. O serviço está congestionado e é possível que tenhamos de esperar.

E algo que precisamos de apurar insistiu Dalglish. E temos de entrevistar a mulher do Marcus Dupayne. Talvez seja capaz de confirmar a alegada intenção do marido de visitar o irmão nessa tarde.

Sendo sua mulher, é o que provavelmente fará comentou Piers. Tiveram tempo de sobra para combinar uma mesma versão, mas, mesmo que ela o faça, isso não significa que tudo o mais que o Marcus contou seja verdade. Era-lhe fácil caminhar até ao lugar onde deixara o carro, ir até ao museu, matar o irmão e regressar a casa. Temos de estudar melhor os tempos de percurso, mas creio que tal hipótese é viável.

Foi nessa altura que o telemóvel de Piers tocou. Atendeu, ouviu o que lhe era dito e, depois, respondeu ao seu interlocutor:

Acho que é melhor falar com o comandante Dalglish, sargento.

Entregou o telemóvel a Dalglish que também escutou em silêncio.

Obrigado, sargento disse por fim. Houve uma morte suspeita no Museu Dupayne e o Archer pode ser uma testemunha importante. Temos de encontrá-lo. Farei com que dois dos meus colaboradores vão ver o major Arkwright logo que esteja recomposto e regresse a casa.

Devolveu o telemóvel a Piers:

Era o sargento Mason explicou, da esquadra de Paddington. Acaba de regressar do apartamento do major Arkwright, em Maida Vale, depois de ter ido visitá-lo ao Hospital St. Mary. Quando o major voltou para casa, por volta das sete horas da tarde, o Ryan Archer atacou-o com um atizador. A vizinha do apartamento de baixo ouviu o ruído da queda do corpo no solo e chamou uma ambulância e a polícia. O major não se encontra em estado grave; tem apenas um ferimento superficial na cabeça, mas vai ficar em observação no hospital durante a noite. Entregou as chaves ao sargento Mason para que a polícia fosse verificar se as janelas estavam fechadas. O Ryan Archer fugiu depois da agressão e, até ao momento, não há notícias dele. Penso que é pouco provável que o vejamos de regresso ao trabalho na manhã de segunda-feira. Vamos emitir um mandado e deixar a busca para aqueles que dispõem do pessoal necessário.

Prioridades para amanhã prosseguiu Dalglish, mudando de assunto. Eu e a Kate iremos falar com a Sarah Dupayne logo de manhã e, depois, inspecionaremos o apartamento do Neville Dupayne. Piers, após você e o Benton terem ido à garagem, marque um encontro com o major Arkwright, com quem irá falar juntamente com a Kate. Mais tarde, teremos de interrogar as voluntárias, Mistress Faraday e Mistress Strickland. Telefonei ao James Calder-Hale; recebeu a notícia do homicídio com a calma que eu já esperava dele e condescendeu em falar connosco às dez da manhã de domingo, altura em que estará no museu para tratar de assuntos particulares. Deveremos saber, por volta das nove da manhã de amanhã, a hora e o local da autópsia. Gostava que você estivesse presente, Kate, com o Benton. Quanto a si, Benton, tem de se encarregar das diligências necessárias para que Mistress Glutton possa ver o ficheiro de cadastrados. Não é de crer que reconheça algum deles, mas o retrato robô que o desenhador

207
fizer depois, segundo a sua descrição do condutor fugitivo, pode vir a revelar-se útil. É possível que algumas destas tarefas se prolonguem por domingo e segunda-feira. Quando a notícia for divulgada, vai ter grande publicidade nos órgãos de comunicação. Felizmente, há neste momento bastantes acontecimentos importantes, o que evitará que o caso seja assunto de primeira página. Pode entrar em contacto com o Departamento de Relações Públicas, Kate? E fale também com a secção que se ocupa das instalações para que convertam um gabinete em sala de interrogatórios. Não há razão para incomodar a polícia de Hampstead, que já tem muito pouco espaço disponível. Mais algumas perguntas? Não? Então, mantenham-se em contacto comigo durante o dia de amanhã para a eventualidade de ter de alterar o programa.

Eram onze e meia. Tally, envolta no seu roupão de lã, tirou as chaves do gancho em que estavam penduradas e abriu o cadeado da janela do seu quarto. Fora Miss Caroline que havia insistido na necessidade de garantir a segurança da vivenda quando assumira a responsabilidade do museu, depois da morte do pai, mas Tally nunca gostara de dormir com a janela fechada. Abriu-a de par em par e foi banhada pelo ar frio, que trazia consigo a paz e o silêncio da noite. Sempre apreciara aquele momento que marcava o final de um dia. Sabia que era ilusória a paz que se estendia lá fora, sob os seus olhos. Na escuridão da noite, os predadores cercavam as suas vítimas, na infindável luta pela sobrevivência, e o ar ganhava vida com milhões de pequenas lutas e movimentos furtivos, inaudíveis para ela. Naquela noite, havia ainda uma outra imagem de dentes brancos reluzentes, como um esgar ameaçador, numa cabeça enegrecida. Sabia que nunca seria capaz de afastar inteiramente da mente aquela visão. Só podia diminuir a sua força obsessiva aceitando-a como uma terrível realidade com a qual teria de viver, como milhões de outras pessoas tinham de viver com os seus horrores, num mundo devastado pela guerra. Agora, porém, já não havia vestígios do cheiro a fumo e ela fez correr o olhar pelos silenciosos hectares sobre os quais se espargiam as luzes de Londres, como um cofre cheio de jóias por cima de um ermo de escuridão que não parecia ser nem céu nem terra..’. 209

Perguntou a si própria se Muriel, no pequeno quarto de hóspedes, contíguo ao seu, já estaria a dormir. Havia regressado à vivenda mais tarde do que Tally esperava e explicara que tomara um duche em casa; preferia o duche ao banho de imersão. Trouxera consigo um adicional pacote de leite, os cereais de que gostava ao pequeno-almoço e um frasco de chocolate em pó *Horlicks*. Aquecera o leite em dose suficiente para ambas e haviam ficado sentadas a bebê-lo enquanto viam, na televisão, o *Jornal da Noite*; as imagens em movimento que passavam ante os seus olhos distraídos davam-lhes, pelo menos, uma ilusão de normalidade. Logo que o noticiário acabara, haviam desejado boas noites uma à outra. Tally estava grata pela companhia de Muriel, mas, por outro lado, sentia-se contente por saber que ela se iria embora no dia seguinte. Também estava grata a Miss Caroline; ela e Mr. Marcus tinham ido à vivenda depois de o comandante Dalglish e a sua equipa haverem finalmente partido. Fora Miss Caroline que falara por ambos.

Lamentamos profundamente tudo aquilo por que passou, Tally. Foi terrível para si. Queremos agradecer-lhe por haver demonstrado tanta coragem e agido tão prontamente. Ninguém teria feito melhor.

Para grande alívio de Tally, não lhe haviam feito perguntas nem prolongado a visita. Era estranho, pensou, que tivesse sido necessário ocorrer aquela tragédia para que ela se desse conta de que gostava de Miss Caroline. Era uma daquelas mulheres que são adoradas por uns e odiadas por outros. Consciente do poder de Miss Caroline, Tally aceitava que a simpatia que sentia por ela era um tanto repreensível; Miss Caroline podia ter tornado insuportável a sua vida no museu, mas preferira não o fazer.

A casa aconchegou-a no seu seio, como sempre o fizera. Era o lugar em que, depois de tantos anos de trabalho árduo e de sacrifícios, abria os braços para a vida, como fizera naquele momento em que mãos fortes mas delicadas a tinham retirado dos escombros para a erguer em direcção à luz.

Contemplava sempre a escuridão sem sentir medo. Pouco depois de chegar ao Dupayne, um velho jardineiro, agora já reformado, falara-lhe com mórbido deleite de um assassinio

210 que ocorrera na era vitoriana, naquela que era, então, uma moradia privada. Não ocultara o seu prazer na descrição do cadáver de uma jovem criada que, com a garganta cortada, fora encontrada estendida junto de um carvalho, na orla do Heath. A rapariga estava grávida e correram rumores de que um dos membros da família, o patrão ou um dos seus dois filhos, fora o responsável pela morte da criada. Havia também quem asseverasse que o seu fantasma, incapaz de encontrar paz, ainda vagueava pelo Heath, durante a noite. Nunca se mostrara a Tally, cujos medos e ansiedades revestiam formas mais tangíveis. Só por uma vez sentira um *frisson*, menos de medo do que de curiosidade, quando vira algo mover-se por baixo dos ramos do carvalho; duas figuras escuras que se destacaram da ainda mais escura paisagem, se juntaram e falaram uma com a outra, antes de se separarem e caminharem cada uma para seu lado. Numa dessas figuras reconheceu Mr. Calder-Hale. Não fora, aliás, a única vez que o vira caminhar, acompanhado, durante a noite. Nunca falara dessas visões nocturnas, nem a Mr. Calder-Hale nem a qualquer outra pessoa. Podia compreender o atractivo de passear no escuro e não era coisa que lhe dissesse respeito.

Depois de fechar parcialmente a janela, dirigiu-se para a cama. No entanto, teve dificuldade em adormecer. Ali deitada, às escuras, os acontecimentos do dia teimaram em perpassar pela sua mente, cada um deles mais nítido e delineado do que na realidade. Contudo, algo havia que ficava para além do alcance da memória, algo de fugidio e indizível, mas que permanecia no fundo da sua mente como uma vaga e desfocada inquietação. Talvez aquele mal-estar resultasse do sentimento de culpa por não haver feito o suficiente, por ter sido, de certo modo, parcialmente responsável pelo que acontecera. Se não tivesse ido à aula nocturna, talvez o Dr. Neville ainda estivesse vivo. Sabia

que aquele sentimento de culpa era irracional e fez o possível para afastá-lo do espírito. Então, com o olhar fixo no borrão esvaído para lá da janela entreaberta, foi assaltada por uma recordação de infância, quando ficava sentada sozinha na penumbra de uma lúgubre igreja vitoriana, nos subúrbios de Leeds, a ouvir a oração das vésperas. Ia para

211

sessenta anos que não voltara a escutar aquela prece, mas, agora, as palavras acudiam-lhe a mente tão nítidas como se estivesse a ouvi-las pela primeira vez *Suplicamos-Te, Senhor, que ilumines a nossa escuridão e que, por Tua grande misericórdia, nos defendas de todos os perigos e ameaças desta noite, pelo amor do Teu Filho, Jesus Cristo, nosso Salvador* Sem afastar da memória a imagem daquela cabeça carbonizada, recitou a oração em voz alta e sentiu-se reconfortada

Sarah Dupayne vivia no terceiro andar de um edifício antigo, numa incaracterística rua de casas com janelas abauladas do século xix, nos limites de Kilburn, que os agentes imobiliários locais preferiam anunciar como West Hampstead. Em frente do número dezasseis havia uma pequena área coberta de relva não aparada e de arbustos retorcidos que talvez tivesse sido elevada à dignidade de parque, mas que pouco mais era do que um pequeno oásis de verdura. A seu lado, dois prédios meio demolidos representavam agora terreno para construção, aparentemente destinado a ser ocupado por um único edifício. Havia um grande número de cartazes com nomes de agências imobiliárias cravados nos pequenos jardins dianteiros das casas, um deles pertencente ao número dezasseis. Algumas das casas, graças às suas portas reluzentes e às frontarias de tijolo restauradas, proclamavam que a rua começara a ser colonizada pela jovem classe profissional com aspirações, mas, a despeito da sua proximidade da estação de Kilburn e dos atractivos de Hampstead, ainda conservava o ar desolado de uma rua de residências transitórias. Naquela manhã de sábado, apresentava-se invulgarmente calma e não havia sinais de vida por trás das cortinas corridas.

À direita da porta do número dezasseis, havia três campainhas. Dalglish premiu o botão que tinha, por cima, um cartão onde se lia DUPAYNE. O nome que se achava por baixo daquele apelido fora riscado e era, agora, indecifrável. Uma voz feminina respondeu ao toque da campainha e Dalglish identificou-se.

De nada me serve premir o botão para abrir a porta porque está avariado disse a voz. Desço já.

Menos de um minuto mais tarde, a porta abriu-se e puderam ver uma mulher corpulenta, de feições marcadas, testa alta salientada pelo cabelo escuro penteado para trás e preso, na nuca, por um lenço. Quando solta, a exuberância daquela cabeleira devia conferir à mulher um aspecto ordinário e aciganado, mas, naquele momento, o seu rosto pálido e sem outra maquilhagem que não fosse um traço de batom passado nos lábios parecia vulnerável. Dalgliesh calculou que ela devia andar perto do quarenta, mas os pequenos estragos causados pelo tempo eram já claramente visíveis, tal como as rugas na fronte e os pequenos vincos deixados pelos dissabores da vida nos cantos da boca larga. Usava calças pretas e uma camisola de gola redonda, sobre a qual pusera uma camisa larga, de lâ púrpura. Não usava sutiã e os seus seios avantajados balouçavam quando fazia qualquer movimento.

Afastou-se para o lado, a fim de os deixar passar.

Sou a Sarah Dupayne apresentou-se. Lamento mas não há elevador. Por favor, subam.

Ao falar, exalara-se da sua boca um ténue cheiro a uísque. Enquanto subia a escada com passos firmes à frente dele, Dalgliesh pensou que talvez se houvesse enganado na estimativa da sua idade; devia ser mais nova do que julgara a princípio. A tensão das últimas doze horas desvanecera, por certo, os traços de juventude que lhe restavam. Ficou surpreendido por encontrá-la sozinha. Numa altura como aquela, seria de esperar que alguém se tivesse prontificado a fazer-lhe companhia. O apartamento a que foram conduzidos, bem iluminado, dava para o pequeno espaço verde fronteiro. Havia duas janelas e, à esquerda, uma porta aberta que, segundo tudo indicava, era a da cozinha. A sala era inquietante. Dalgliesh ficou com a impressão de que fora mobilada com algum cuidado e sem olhar a despesas, mas que, agora, os seus ocupantes haviam perdido o interesse, tendo-se mudado, senão fisicamente, pelo menos no plano emocional, para outro lugar qualquer. Nas paredes pintadas, eram visíveis marcas de sujidade, indicando que alguns quadros haviam sido retirados e, sobre a

prateleira da lareira vitoriana, só se via uma pequena jarra de Doulton com dois ramalhetes de crisântemos brancos e já murchos. O sofá, que ocupava grande parte da sala, era moderno e feito de couro. A única outra peça de mobiliário de maiores dimensões era uma comprida estante que tapava uma das paredes; achava-se quase vazia, com os livros tombados uns sobre os outros.

Sarah Dupayne convidou-os a sentarem-se no sofá e foi sentar-se num pufe de couro, junto à lareira.

Querem tomar café? perguntou. Creio que ainda me resta o suficiente no frigorífico. Não podem aceitar bebidas alcoólicas, pois não? Como já devem ter notado, estive a beber, mas não muito. Devo dizer que me sinto perfeitamente apta a responder às perguntas que me forem feitas, isto se receiam que não seja capaz de fazê-lo. Importam-se que fume?

Sem esperar pela resposta, meteu a mão no bolso da camisola e tirou dele um maço de cigarros e um isqueiro. Esperaram enquanto ela acendia um cigarro e começava a inalar o fumo vigorosamente, como se considerasse a nicotina uma droga capaz de lhe salvar a vida.

Lamento ter de importuná-la com perguntas tão pouco tempo depois da morte do seu pai começou Dalglish, mas quando somos confrontados com um caso de morte suspeita, os primeiros dias da investigação são habitualmente os mais importantes. Precisamos de obter as informações essenciais tão depressa quanto possível.

Morte suspeita? Tem a certeza? Isso significa homicídio. A tia Caroline julga que foi um suicídio.

E deu-lhe alguma razão para pensar isso?

Não em concreto. Disse-me que os senhores estavam convencidos de que não se tratava de um acidente. Suponho que, para ela, a alternativa admissível é o suicídio. Qualquer hipótese é mais provável do que um homicídio. Quem poderia querer matar o meu pai? Ele era psiquiatra e não um traficante de droga ou qualquer coisa do género. Tanto quanto sei, não tinha inimigos.

Devia ter pelo menos um contrapós Dalglish.

Se assim for, não é ninguém que eu conheça.

Ele alguma vez lhe falou de alguém que pudesse querer-lhe mal? perguntou Kate.

Querer-lhe mal? Isso é linguagem de polícia? Despejar-lhe gasolina para cima e depois deixá-lo morrer envolto em chamas é querer-lhe mal, de certeza! E de que maneira, Deus meu! Não, não conheço ninguém que lhe quisesse mal replicou, pondo uma ênfase especial em cada uma das palavras, com pesado sarcasmo.

O relacionamento do seu pai com os irmãos era bom? continuou Kate. Davam-se bem?

Não é lá muito subtil nas suas perguntas, pois não? Não, creio que, por vezes, se odiavam mutuamente. E o que acontece em todas as famílias, ou ainda não o descobriram? Os Dupayne não são muito unidos, mas isso não é assim tão invulgar. Quero dizer: o facto de uma família não ser unida não significa que os seus membros queiram deitar fogo uns aos outros.

Qual era a posição do seu pai em relação à assinatura do novo contrato de arrendamento? inquiriu Dalglish.

Afirmou que não ia assiná-lo. Fui vê-lo na terça-feira, na tarde anterior àquela em que teve lugar a reunião de fiduciários. Disse-lhe que, em meu entender, devia opor-se e não assinar o contrato de arrendamento. Para ser sincera, eu queria a minha parte do dinheiro. Ele, no entanto, tinha outras razões.

Quanto esperava obter cada um dos fiduciários?

Tem de fazer essa pergunta ao meu tio. Creio que à volta de vinte e cinco mil libras. Não é uma grande fortuna, pelos padrões actuais, mas permitir-me-ia estar um ano ou dois sem trabalhar. O meu pai queria que o museu fosse encerrado por motivos mais louváveis. Achava que nos preocupávamos demasiado com o passado, uma espécie de nostalgia nacional, e que isso nos impedia de enfrentar os problemas do presente.

E os fins-de-semana em que ele ia para fora? quis saber Dalglish. Aqueles que o levavam a ir buscar o carro ao museu todas as sextas-feiras, às seis horas? Sabe para onde ia?

Não. Nunca mo revelou e eu nunca lho perguntei. Sei que saía de Londres nos fins-de-semana, mas não me apercebi de que isso acontecesse todas as sextas-feiras. Suponho que era essa a razão por que trabalhava até tão tarde nos outros quatro dias da semana, por forma a ficar com os sábados e os domingos livres. Talvez levasse outra vida além da que eu conhecia. Gostava que assim fosse e que isso lhe haja proporcionado alguma felicidade antes de morrer.

Mas ele nunca mencionou para onde ia ou se havia alguém com quem ia encontrar-se? insistiu Kate. Nunca falaram acerca disso?

Não falávamos um com o outro. Não quero dizer com isto que estivéssemos de relações cortadas. Era o meu pai e eu amava-o, só que não comunicávamos muito. Ele estava sempre cheio de trabalho e eu também. Vivíamos em mundos diferentes. De que iríamos falar? Quero dizer: ao fim do dia, ele provavelmente sentia-se tão cansado como eu e adormecia, exausto, em frente do televisor. De qualquer maneira, trabalhava até depois do anoitecer, a maior parte das vezes. Porque iria dar-se ao incómodo de se deslocar até Kilburn só para me contar que dia terrível tivera? No entanto, existia uma mulher na sua vida e podem tentar perguntar-lhe.

Sabe de quem se trata?

Não, mas algo me diz que vão descobrir quem é. Não é esse o vosso trabalho? Andar à caça de pessoas?

Como sabe que havia uma mulher na vida do seu pai?

Quando me mudei de Balham para aqui, perguntei-lhe se podia ficar no seu apartamento durante um fim-de-semana. Sempre se mostrara muito reservado, mas eu sabia o que se passava. Andei a bisbilhotar um pouco... como uma mulher sempre faz. Não vou contar-vos como o descobri para não vos fazer corar. De qualquer modo, não era assunto que me dissesse respeito e pensei: Tanto melhor para ele. A propósito, devo dizer que o tratava por papá. Quando fiz catorze anos, ele sugeriu que o tratasse por Neville. Deve ter pensado que era esse o meu desejo para, segundo as tendências modernas, mostrar que via nele mais um amigo do que um pai. Pois bem, enganou-se. O que eu realmente queria era chamar-lhe

papá e sentar-me no seu colo. Talvez achem isso ridículo, mas uma coisa posso garantir: diga o resto da família o que disser, o papá não se suicidou. Nunca me faria isso.

Kate apercebeu-se de que Sarah Dupayne estava à beira das lágrimas. Deixara de fumar e, com mãos trémulas, atirou o cigarro, ainda meio consumido, para a lareira vazia.

Não é boa altura para ficar sozinha comentou Dalglish. Não tem uma pessoa amiga que possa fazer-lhe companhia?

Ninguém, tanto quanto me lembre. Não quero o tio Marcus a apresentar-me as monótonas condolências da praxe, nem a tia Caroline a olhar para mim com o seu ar sardónico, desafiando-me a mostrar alguma emoção e a ser hipócrita.

Podemos regressar noutra altura, se quiser ficar por aqui hoje propôs Dalglish.

Sinto-me bem. Podem continuar. De qualquer modo, creio que não ficarão por muito mais tempo. Quero dizer: não posso adiantar-vos muito mais.

Quem são os herdeiros do seu pai? Ele alguma vez falou consigo acerca do seu testamento?

Não, mas creio que sou eu a única herdeira. Quem mais poderia ser? Não tenho irmãos e a minha mãe morreu no ano passado. De qualquer forma, ela nunca iria receber nada. Divorciaram-se quando eu tinha dez anos. Foi viver para Espanha e nunca mais tornei a vê-la. Não voltou a casar-se, porque não queria perder a pensão, mas as quantias que o meu pai lhe pagava não o arruinaram. Também não acredito que tenha deixado alguma coisa ao Marcus ou à Caroline. Irei ao apartamento de Kensington esta tarde, para descobrir o nome do advogado do papá. O apartamento há-de ter algum valor, claro, até porque ele era muito criterioso em relação a tudo o que comprava. Creio que também lá devem querer ir.

Sim confirmou Dalglish, precisamos de dar uma vista de olhos aos documentos do seu pai. Poderíamos ir juntos. Tem a chave?

Não, ele não queria que eu andasse a entrar e a sair da sua vida. Na maior parte das vezes, quando ia vê-lo, levava comigo os meus problemas e penso que ele gostava que o avisasse
218 com antecedência das minhas visitas. Não encontraram as chaves no... no seu bolso?

Sim, encontrámos um molho de chaves, mas preferia pedir-lhe uma emprestada, se a tivesse.

Suponho que guardaram as chaves do papá para servir de prova no processo. O porteiro deixar-nos-á entrar. Vão quando quiserem. Por mim, prefiro ir sozinha. Planeio passar um ano no estrangeiro quando tudo estiver resolvido. Terei de esperar que o caso seja encerrado? Quero dizer: poderei partir depois do inquérito preliminar e do funeral?

E isso que deseja? perguntou Dalglish, num tom afável.

Creio que não. O papá avisar-me-ia de que não há como escapar... Para onde quer que se vá, levamos a nossa personalidade connosco. É uma frase muito batida, mas verdadeira. E agora a minha bagagem vai ser muito pesada, não acham?

Dalglish e Kate levantaram-se. O comandante estendeu a mão a Sarah Dupayne.

Compreendo e lamento declarou.

Kate e Dalglish não trocaram qualquer palavra até saírem do apartamento e se encaminharem para o carro. Kate parecia pensativa.

Está muito interessada no dinheiro, não lhe parece? É importante para ela comentou.

Suficientemente importante para a levar a cometer um patricídio? Pretendia que o museu fosse encerrado e estava segura de vir a receber as suas vinte e cinco mil libras, mais cedo ou mais tarde.

Talvez preferisse o mais cedo ao mais tarde. Sente-se culpada por algo.

Porque não amava o pai ou não o amava tanto quanto devia replicou Dalglish. O sentimento de culpa é inseparável da dor. No entanto, há na sua mente algo mais do que a morte do pai, por muito horrorosa que tenha sido. Temos de descobrir o que ele fazia nos fins-de-semana. O Piers e o Benton-Smith podem ter obtido algumas informações do mecânico da garagem, mas penso que o nosso maior trunfo pode ser a secretária particular do Dupayne. Pouco há na vida do

padrão que uma secretária particular não saiba. Descubra quem é, Kate, por favor; temos de falar com ela ainda hoje, se possível. O Dupayne era psiquiatra no Hospital St. Oswald. É por aí que deve começar.

Kate ligou para o serviço de informações relativos a números de telefone e, depois, para o hospital. Levou algum tempo até obter comunicação com a extensão desejada. A conversa não durou mais do que um minuto e Kate quase se limitou a ouvir.

Cobrando o microfone do telemóvel com a mão, disse a Dalgliesh:

A secretária particular do doutor Dupayne é uma tal Mistress Angela Faraday. Trabalha nas manhãs de sábado, mas o consultório fecha à uma e um quarto. Vai ficar a trabalhar sozinha no seu gabinete até às duas. Pode falar com o senhor nessa altura. Segundo parece, não vai almoçar fora. Limita-se a comer algumas sanduíches no próprio gabinete.

Agradeça-lhe, Kate, e diga-lhe que lá estarei à uma e meia.

Combinado o encontro, Kate desligou.

E uma coincidência curiosa que tenha o mesmo apelido da voluntária que trata do jardim do museu comentou ela. Isto, se realmente for uma coincidência... Faraday não é um apelido comum.

Se não for uma coincidência e se houver qualquer relação entre as duas observou Dalgliesh, esse facto abre um bom número de possibilidades interessantes. Antes disso, porém, vamos ver o que o apartamento de Kensington tem para nos revelar.

Passada meia hora, estacionavam à porta do prédio. As campainhas ao lado da porta indicavam os números dos apartamentos, mas não ostentavam nomes, com excepção do apartamento número treze, em que havia a menção PORTEIRO. Meio minuto depois de Kate premir o botão, o homem apareceu, ainda a vestir o casaco do uniforme. De complexão robusta, tinha olhos tristes e um volumoso bigode que levou Kate a lembrar-se de uma morsa. Deu um apelido extenso, intrincado e que parecia ser polaco. Embora taciturno, não se

mostrou descortês e respondeu devagar mas sem evasivas às perguntas que lhe fizeram. Era indubitável que já sabia da morte de Neville Dupayne, mas não lhe fez qualquer referência... e Dalgliesh também não. Para Kate, aquela reticência comum emprestou à conversa dos dois homens um tom de certo modo surrealista. Em resposta às perguntas que lhe foram feitas, o porteiro afirmou que o Dr. Dupayne era um cavalheiro muito reservado. Raramente o via e não conseguia lembrar-se sequer da última vez que falara com ele. Se recebia visitas, nunca as vira. No seu gabinete, guardava duas chaves de cada um dos apartamentos e, sem objecção, entregou-lhes as do número onze, limitando-se a pedir um recibo.

O exame a que procederam, todavia, revelou-se pouco proveitoso. O apartamento, que dava para Kensington High Street, tinha a imaculada e impessoal aparência de um andar modelo destinado à observação de potenciais compradores. No ar pairava um certo cheiro a bafio; mesmo àquela considerável altura do solo, Dupayne tivera o cuidado de fechar todas as janelas antes de partir para o fim-de-semana. Procedendo a um exame preliminar da sala de estar e dos dois quartos de dormir, Dalgliesh pensou que nunca havia visto a casa da vítima de um crime que, de forma mais patente, fosse tão pouco reveladora da vida privada de quem nela vivera. As janelas tinham persianas com ripas de madeira como se o proprietário do apartamento tivesse receado que até mesmo a escolha de cortinas lhe fizesse correr o risco de trair o seu gosto pessoal. Não havia quadros nas paredes pintadas de branco. A estante continha uma dúzia de livros de medicina, mas, além deles, as leituras de Dupayne haviam-se confinado a biografias, autobiografias e compêndios de história. O seu entretenimento preferido, durante as horas de lazer, aparentemente consistia em ouvir música. A aparelhagem era moderna e os CDs, guardados num pequeno armário, revelavam a sua preferência pela música clássica e pelo *jazz* de Nova Orleães.

Dalgliesh confiou a Kate o encargo de examinar os quartos de dormir e sentou-se à secretária que fora de Neville. Como já esperava, todos os documentos achavam-se meticulosamente arquivados. Verificou que as despesas correntes eram

pagas por transferência bancária, o método mais fácil e apropriado para evitar problemas. A conta da garagem era-lhe enviada trimestralmente e liquidada poucos dias depois. A sua carteira de acções revelava que investira, com prudência, um capital de pouco mais de duzentas mil libras. Os extractos bancários, guardados numa pasta de couro, mostravam que não efectuara grandes pagamentos nem levantara somas significativas. Fazia regularmente generosos donativos a obras de caridade, sobretudo às relacionadas com doenças mentais. Os únicos movimentos de interesse eram os provenientes da utilização do cartão de crédito, entre os quais se destacavam pagamentos, todas as semanas, de uma conta de hotel ou de estalagem. As localidades eram diferentes, mas as quantias nunca muito elevadas. Seria perfeitamente possível apurar se as diárias se referiam à permanência de uma ou de duas pessoas, mas Dalglish decidiu aguardar. Era ainda possível que a verdade fosse descoberta através de outros meios. Kate regressou da visita aos quartos.

A cama do quarto de hóspedes está feita referiu ela, mas não há indícios de que alguém se tenha deitado nela recentemente. Creio que a Sarah Dupayne tinha razão. Ele trazia uma mulher para o apartamento, porque encontrei na gaveta do fundo, dobrado, um roupão de banho em linho, três cuecas, lavadas mas não passadas a ferro, um desodorizante do género usado sobretudo por mulheres e também um copo com uma escova de dentes extra.

Podiam ser da filha comentou Dalglish.

Kate havia trabalhado com ele durante tempo mais do que suficiente para se envergonhar facilmente, mas, naquele momento, corou e a sua voz revelou o seu embaraço.

Não creio que as cuecas sejam da filha. Por que razão há cuecas, mas não uma camisa de dormir ou um par de chinelos de quarto? Em meu entender, se uma amante vinha até aqui e queria ser despida por ele, provavelmente traria cuecas limpas consigo. O roupão que encontrei na gaveta é pequeno de mais para um homem e, além disso, o dele encontra-se pendurado na porta da casa de banho.

222

Se a amante passava os fins-de-semana com ele comentou Dalglish, pergunto a mim próprio onde se encontravam, se ele ia buscá-la ou se era ela que ia até ao museu e ficava à espera do Neville Dupayne... Esta última hipótese parece pouco provável. Correria o risco de que alguém que trabalhasse até mais tarde a visse. Neste momento, só podemos fazer conjecturas. Vamos ver o que a secretária dele tem para nos dizer. Vou deixá-la no museu, Kate, porque quero falar com a Angela Faraday sozinho.

Piers sabia porque Dalglish o escolhera a ele e a Benton-Smith para interrogar Stan Carter na garagem. Para Dalglish, os automóveis eram veículos destinados apenas a transportá-lo de um lugar para o outro. Exigia que fossem seguros, rápidos, confortáveis e agradáveis à vista. O seu actual *Jaguar* preenchia esses requisitos. Para além disso, não via qualquer razão para discorrer acerca dos seus méritos nem para cogitar sobre os novos modelos que merecessem ser submetidos a um teste de condução. Falar acerca de automóveis era coisa que o aborrecia. Piers, que raramente guiava na cidade e gostava de ir a pé desde o seu apartamento na City até à Scotland Yard, compartilhava da atitude do chefe, embora a combinasse com um grande interesse pelos novos modelos e pelo seu desempenho em marcha. Se uma conversa sobre carros podia levar Stan Carter a mostrar-se mais comunicativo, Piers era a pessoa indicada para mantê-la.

A Garagem Duncan ficava situada na esquina de uma estrada secundária, onde Highgate convergia

com Islington. Uma grande parede, feita com os característicos tijolos cinzentos de Londres, e manchada nas zonas em que se tentara, em vão, fazer desaparecer os grafitos, era interrompida por um amplo portão provido de um cadeado. Os dois lados do portão, porém, estavam abertos naquele momento. No interior à direita, havia um pequeno escritório. Uma jovem de cabelo louro ostensivamente pintado e apanhado, ao alto, por uma grande pinça de plástico, de tal forma que mais parecia

formar uma crista encontrava-se sentada em frente dum computador, enquanto um homem com um blusão preto de couro estava inclinado sobre ela e examinava o monitor. Endireitou-se, quando Piers bateu à porta, e foi abri-la.

Depois de abrir a carteira e se identificar, Piers anunciou:

Polícia. O senhor é o gerente?

Foi o que me disse o patrão.

Queremos falar com Mister Stanley Cárter. Ele encontra-se aqui?

Sem se incomodar a olhar para o cartão que Piers exibira, o homem indicou com a cabeça o fundo da garagem.

Lá atrás. Está a trabalhar.

Também nós contrapôs Piers. Não vamos roubar-lhe muito tempo.

O gerente retomou o exame do monitor e fechou a porta do escritório. Piers e Benton-Smith passaram por entre um *BMW* e um *Volkswagen Golf*, presumivelmente propriedade do pessoal, já que ambos eram de modelo recente. Por trás dos automóveis, a oficina adquiria maiores proporções, com paredes de tijolo pintadas de branco e um tecto alto. Ao fundo, havia uma plataforma de madeira edificada para servir como primeiro andar e à qual dava acesso uma escada tosca, situada na parte mais à direita. A frente da plataforma fora decorada com uma fileira de reluzentes radiadores como se fossem trofeus capturados numa batalha. A parede da esquerda encontrava-se revestida por estantes de aço e, um pouco por toda a parte, viam-se as ferramentas e utensílios próprios daquele tipo de actividade; alguns pendiam de ganchos e exibiam etiquetas, mas, na sua maioria, estavam amontoados numa espécie de caos organizado. A Piers, tal aspecto era familiar e não diferia do de similares lugares de trabalho que havia visitado, com peças acumuladas, à espera que lhes fosse dada alguma utilidade; Cárter, por certo, sabia onde descobrir tudo aquilo de que precisava. Alinhados no chão, viam-se cilindros de gás oxiacetilénico, latas de tinta e de dissolvente, bidões de gasolina amolgados e uma prensa, enquanto, pendurados por cima das prateleiras, havia chaves-inglesas, cabos para ligar baterias entre si, correias de ventoinhas, máscaras de soldador e filas de

pistolas de pintura. A garagem era iluminada por dois longos tubos fluorescentes e no ar frio pairava um cheiro forte a tinta e outro, mais atenuado, a óleo. O local encontrava-se deserto e o único som que se ouvia era o de um leve martelar por baixo de um *Alvis* cinzento de 1940, colocado sobre a rampa. Piers agachou-se e chamou:

Mister Cárter?

O martelar cessou. Duas pernas deslizaram por baixo do veículo, logo seguidas por um corpo vestido com um fato-macaco sujo e uma camisola grossa de gola alta. Stan Carter pôs-se de pé, tirou um trapo do bolso do peito e limpou as mãos lentamente, detendo-se em cada dedo, enquanto fitava os dois agentes com semblante tranquilo. Satisfeito com a redistribuição do óleo pelos seus dedos, apertou a mão com energia, primeiro a Piers e, depois, a Benton-Smith e, em seguida, esfregou as palmas das mãos nas calças como para lhes retirar quaisquer rastros de contaminação. Estavam perante um homem baixo e magro já a ficar careca e com uma curtíssima franja grisalha, aparada em linha recta sobre a testa alta. Tinha um nariz comprido e afilado e a palidez das faces era típica de alguém cuja vida de trabalho se processava num recinto coberto. Podia passar por um monge, mas não havia nada de contemplativo naqueles olhos perscrutadores e penetrantes. Apesar da pouca altura, mantinha o corpo muito direito.

Piers pensou que devia tratar-se de um antigo soldado. Feitas as apresentações, informou:

Estamos aqui para lhe fazer algumas perguntas acerca do doutor Neville Dupayne. Sabe que ele morreu?

Sei. Deduzo que foi assassinado, porque, se assim não fosse, não estariam aqui.

Tomámos conhecimento de que era o senhor que tratava da manutenção do seu *Jaguar E-type*. Pode dizer-nos há quanto tempo o fazia e em que consistia o seu trabalho?

Vai fazer doze anos em Abril. Ele conduzia o carro e eu via se estava tudo em ordem. Sempre a mesma rotina. Ia buscá-lo à garagem do museu todas as sextas-feiras, às seis da tarde, e regressava aos domingos à noite, ou às segundas-feiras pelas sete e meia da manhã.

E deixava-o aqui?

Tanto quanto sei, em regra, levava-o directamente para a garagem do museu. Quase todas as semanas, eu ia até lá, à segunda ou à terça-feira, para trazer o *Jaguar* para aqui e proceder à sua revisão. Lavava-o, polia-o, via o nível do óleo e da água, enchia o depósito de gasolina e fazia o mais que fosse necessário. Ele gostava que o carro estivesse sempre limpo e impecável.

Que acontecia quando era ele que trazia o carro directamente para aqui?

Nada de especial. Deixava-o para a revisão. Sabia que entro de serviço às sete e meia. Por isso, quando queria dizer-me alguma coisa acerca do automóvel, vinha primeiro até cá e só depois tomava um táxi para o museu.

Quando o doutor Dupayne trazia o carro para aqui, falava do fim-de-semana, por exemplo, do local onde estivera?

Não era um homem muito falador, a não ser quando se tratava do carro. Trocávamos algumas palavras. Quando muito, falava do tempo que havia feito durante o fim-de-semana.

Quando o viu pela última vez? quis saber Benton-Smith.

Há cerca de duas semanas, numa segunda-feira. Veio cá trazer o carro pouco depois das sete e meia.

Como lhe pareceu? Deprimido?

Não mais deprimido do que qualquer outra pessoa, numa chuvosa manhã de segunda-feira.

Ele costumava conduzir depressa? voltou a perguntar Benton-Smith.

Não sei, porque não ia no carro com ele. No entanto, julgo que sim. Não se justifica ter um *Jaguar E-type* para andar devagar.

Gostávamos de saber até onde ia ele, nos fins-de-semana. Dar-nos-ia uma ideia do local de destino. Nunca lho disse? insistiu Benton-Smith.

Não, porque não era da minha conta para onde ele ia. Já me fizeram essa pergunta.

No entanto, deve ter tomado nota da quilometragem interveio Piers.

E provável. O carro era submetido a uma revisão total, ao fim de cinco mil quilómetros. Normalmente, não precisava de grandes reparações. Afinar o carburador demorava algum tempo, mas o carro era muito bom. Nunca deu problemas durante todo o período em que cuidei dele.

Foi um modelo lançado em mil novecentos e sessenta e um, não é verdade? comentou Piers. Creio que a Jaguar nunca conseguiu fabricar um modelo mais bonito.

No entanto, não era perfeito replicou Cárter. Alguns condutores achavam-no muito pesado e nem todos gostavam das suas linhas. O doutor Dupayne, contudo, não era desses; tinha uma autêntica paixão pelo carro. Se tivesse de deixar este mundo, creio que ficaria contente se o *Jaguar* fosse com ele.

Ignorando aquele surpreendente arroubo de sentimentalismo, Piers inquiriu:

E quanto à quilometragem?

Raramente abaixo dos cento e sessenta quilómetros, em cada fim-de-semana. Quase sempre entre os duzentos e quarenta e os trezentos e vinte. Por vezes, bastante mais, sobretudo quando regressava só à segunda-feira.

O doutor Dupayne viajava sozinho? perguntou Piers.

Como quer que o saiba? Nunca vi ninguém com ele.

Ora, Mister Cárter, não me diga que nunca se apercebeu de que ele viajava acompanhado replicou Benton-Smith com certa impaciência. A lavar o carro e a tratar dele todas as semanas! Mais tarde ou mais cedo, há-de ter descoberto alguma prova deixada pelo acompanhante, nem que fosse um odor diferente.

Cárter olhou fixamente para o sargento.

Que espécie de odor? A frango assado com caril e batatas? Ele guiava com a capota aberta, durante a maior parte das vezes, excepto quando chovia. E acrescentou, mal-humorado: Nunca vi ninguém nem senti qualquer cheiro fora do vulgar. Que me interessava a mim saber quem ia com ele?

E no que se refere às chaves? perguntou Piers. Se ia buscar o carro ao museu, às segundas ou terças-feiras, é porque tinha em seu poder tanto as chaves do *Jaguar* como as da garagem onde ele o deixava.

E verdade. Guardava-as no chaveiro do escritório.

E o chaveiro está sempre fechado?

Quase sempre, e a respectiva chave fica na gaveta da secretária. Só fica na fechadura, se a Sharon ou Mister Morgan se encontram no escritório.

Quer dizer que outras pessoas podiam apossar-se delas? inquiriu Benton-Smith.

Não vejo como. Há sempre alguém aqui e o portão é fechado com cadeado às sete horas. Se trabalho mais tarde, tenho de entrar pela porta que fica para lá da esquina, servindo-me da minha própria chave. Há uma campainha e o doutor Dupayne sabia onde podia encontrar-me. Além disso, as chaves dos carros não têm etiquetas. Sabemos a que carros pertencem, mas qualquer pessoa estranha à garagem não conseguiria identificá-las.

Voltou-se e olhou para o *Alvis*, dando a entender claramente que era um homem muito atarefado e já havia dito tudo quanto era necessário. Piers agradeceu-lhe e entregou-lhe um dos seus cartões, pedindo-lhe que o contactasse se, mais tarde, se lembrasse de qualquer pormenor relevante que lhe tivesse escapado.

No escritório, Bill Morgan confirmou a informação acerca das chaves de modo mais afável do que Piers esperava. Mostrou-lhes o chaveiro e, tirando a respectiva chave da gaveta da secretária, serviu-se dela para o abrir e voltar a fechar várias vezes, como se quisesse demonstrar com que facilidade era possível fazê-lo. Puderam ver a habitual fileira de ganchos; nenhum deles tinha qualquer indicação do carro a que pertencia a chave correspondente nem do seu proprietário.

De volta ao seu automóvel, que, por milagre, não fora adornado com nenhuma multa por estacionamento proibido, Benton-Smith comentou:

Não lhe sacámos grande coisa.

O mais certo é que não houvesse mais nada para lhe sacar. E a que propósito veio aquela pergunta acerca de o

Dopayne poder estar deprimido? O homem não o viu nas duas últimas semanas. Seja como for, sabemos que não se trata de um suicídio. Também não precisava de ser tão duro com o mecânico a propósito de um possível acompanhante. O homem não é daqueles que se deixam perturbar com intimidações.

Não creio que tenha querido intimidá-lo retorquiu Benton-Smith friamente.

Não, mas pouco faltou. Saia daí, sargento. Sou eu que vou conduzir.

Não era aquela a primeira vez que Dalgliesh visitava St. Oswald. Podia recordar duas ocasiões anteriores em que, quando era sargento, fora até ali para interrogar as vítimas de uma tentativa de assassinio. O hospital ficava numa praça do Noroeste de Londres e, quando parou em frente dos portões de ferro abertos, verificou que, pelo menos na aparência, pouco havia mudado. O edifício do século XIX, revestido com tijolos cor de ocre, era maciço; com as suas torres quadradas, grandes arcos e janelas ogivais estreitas, parecia-se mais com um estabelecimento de ensino da época vitoriana ou com um lúgubre aglomerado de igrejas do que com um hospital.

Encontrou sem dificuldade espaço para estacionar o seu *Jaguar* no parque destinado aos visitantes e, depois de passar sob um pórtico majestoso, entrou pelas portas que se abriram automaticamente mal se aproximou delas. Notou que, no interior, tinham sido efectuadas algumas alterações. Agora, havia um balcão de recepção, vasto e moderno, atrás do qual estavam dois funcionários, bem como, à direita, uma porta aberta que dava acesso à sala de espera, mobilada com cadeirões de couro e com uma mesa baixa, sobre a qual se viam revistas espalhadas.

Não se dirigiu à recepção, porque a experiência havia-lhe ensinado que, nos hospitais, raramente eram interceptados aqueles que entravam com passo decidido. Entre um grande número de sinais indicadores, viu um com uma seta que apontava o caminho para à Consulta Externa de Psiquiatria.

Seguiu por um corredor com o chão revestido a vinil. A decadência de que se recordava havia desaparecido; as paredes estavam pintadas de fresco e nelas alinhava-se uma sucessão de fotografias a sépia, emolduradas, que narravam a história do hospital. A ala pediátrica, em 1870, exibia camas com grades, crianças de rostos frágeis e tristes com as cabeças envoltas em ligaduras, damas vitorianas de visita, ostentando vestidos com anquinhos e enormes chapéus, e ainda enfermeiras com os seus uniformes que lhes desciam até aos tornozelos e toucas altas e pregueadas. Viam-se, também, fotografias do hospital, destruído pelas bombas dos alemães, e outras que mostravam as equipas de ténis e de futebol do St. Oswald, os dias em que o hospital era aberto ao público e as ocasionais visitas *de* membros da família real.

A Consulta Externa de Psiquiatria ficava na cave e Dalgliesh desceu a escada, seguindo o rumo indicado pelas setas, até chegar a uma sala de espera que naquele momento se encontrava quase deserta. Havia um outro balcão de recepção, onde se achava uma atraente rapariga de traços asiáticos, sentada em frente de um computador. Dalgliesh referiu-lhe que tinha encontro marcado com Mrs. Angela Faraday, e a rapariga, com um sorriso, apontou para uma porta ao fundo da sala e informou-o de que o gabinete de Mrs. Faraday ficava à esquerda. O comandante bateu à porta e a mesma voz que ouvira pelo telemóvel respondeu de imediato.

O gabinete era pequeno e estava a abarrotar de arquivos que mal deixavam espaço para uma secretária, uma cadeira e uma poltrona. A janela dava para um muro traseiro, feito dos mesmos tijolos cor de ocre. Por baixo dela, num estreito canteiro, uma grande hortênsia, agora sem folhas de ramos secos, exibia umas poucas flores murchas de pétalas suavemente coloridas e tão finas como se fossem feitas de papel. A seu lado, no solo arenoso, encontrava-se uma roseira há muito por podar, de folhas engelhadas e castanhas, entre as quais podia vislumbrar-se um debilitado botão cor-de-rosa.

A mulher que lhe estendeu a mão, segundo Dalgliesh calculou mentalmente, devia ter pouco mais de trinta anos. O rosto inteligente era pálido e de traços delicados, e a boca

pequena mas de lábios grossos; o cabelo escuro caía-lhe em melenas que faziam lembrar plumas sobre a testa alta e as faces. Por baixo das sobrancelhas, os olhos grandes revelavam uma dor que Dalgliesh nunca vira num olhar humano. Era notório o seu esforço para manter o pequeno corpo tenso, como se tivesse de exercer grande força de vontade para evitar a convulsão provocada por uma torrente de lágrimas.

Não quer sentar-se? propôs, indicando a poltrona de espaldar alto junto da mesa.

Dalgliesh hesitou durante uns breves instantes, ao pensar que devia ser ali que Neville Dupayne costumava sentar-se; não havia, contudo, outro assento e o comandante disse para consigo mesmo que a sua instintiva relutância inicial não passava de um disparate.

A mulher deixou que fosse Dalgliesh a tomar a iniciativa da conversa.

Agradeço-lhe por ter aceitado receber-me. A morte do doutor Dupayne deve ter constituído um terrível choque para todos os que o conheciam e trabalhavam com ele. Quando soube do sucedido?

Esta manhã, pelo noticiário da rádio. Não deram quaisquer pormenores, limitando-se a informar que um homem morrera, queimado, no interior de um automóvel no Museu Dupayne. Compreendi de imediato que se tratava do Neville.

Não olhou para Dalgliesh, mas, incessantemente, fechava e abria as mãos que pousara sobre o regaço.

Diga-me, por favor pediu. Preciso de saber. Foi assassinado?

Não podemos ter uma certeza absoluta neste momento, mas creio que essa é a hipótese mais provável. Em qualquer caso, devemos considerar a sua morte como suspeita. Se vier a provar-se que se tratou de um homicídio, então teremos de conhecer o mais possível a vítima. É por isso que estou aqui. A filha dele disse-nos que a senhora trabalha com o doutor Neville há cerca de dez anos. Acaba-se sempre por conhecer bem uma pessoa com a qual se convive diariamente ao fim de dez anos. Tenho a esperança de que possa ajudar-me a conhecê-lo melhor.

Angela Faraday fitou-o fixamente, com um olhar de extraordinária intensidade. Dalgliesh sentiu-se submetido a um julgamento. Havia, contudo, algo mais: o apelo à garantia tácita de que poderia falar livremente e ser compreendida.

Dalgliesh esperou e Angela Faraday acabou por dizer simplesmente:

Amava-o. Fomos amantes durante seis anos, mas tudo acabou há três meses. Isto é, o sexo acabou, mas o amor, não. Creio que o Neville se sentiu aliviado, porque se preocupava com a constante necessidade de guardar segredo e de enganar os outros. Já lhe era bastante difícil manter as aparências sem esse acréscimo de secretismo. Foi uma preocupação a menos para ele, quando voltei para o Selwyn. Na verdade, nunca deixei o Selwyn. Julgo que uma das razões por que me casei com o Selwyn foi a de saber, no meu íntimo, que o Neville não ia querer-me para sempre.

A relação terminou por sua vontade ou por vontade dele? perguntou Dalgliesh delicadamente:

Por vontade de ambos, mas principalmente pela minha. O meu marido é um homem bondoso e afável e eu amo-o, não, talvez, como amei o Neville, mas, mesmo assim, éramos... somos felizes. Além disso, existe a mãe do Selwyn. Provavelmente, já teve ocasião de falar com ela; é voluntária no Museu Dupayne. Não é de trato fácil, mas adora o filho e tem sido bondosa para connosco; ofereceu-nos uma casa e o carro, tudo pago por ela, e fica feliz por saber que o Selwyn também o é. Comecei a compreender quanto sofrimento iria infligir a ambos. O Selwyn é uma daquelas pessoas para quem o amor é absoluto. Não será muito inteligente, mas sabe muito acerca do amor. Nunca suspeitaria nem sequer lhe passaria pela cabeça que eu pudesse enganá-lo. Apercebi-me de que a minha relação com o Neville não era uma coisa certa nem justa. Não acredito que ele sentisse o mesmo, porque não tinha uma esposa em quem pensar e não mantinha um relacionamento muito estreito com a filha. Quando o nosso caso chegou ao fim, isso não o preocupou grandemente. Sabe, sempre o amei mais do que ele a mim. A vida do Neville era tão ocupada, tão dominada pelo stresse, que talvez tenha sido um alívio

234 para ele não ter de se preocupar mais... pela minha felicidade, pela possibilidade de que a nossa relação fosse descoberta.

E acha que isso aconteceu? Que alguém veio a aperceber-se do caso?

Não, tanto quanto sei. Os hospitais são lugares ideais para os mexericos... Suponho que isso acontece em quase todas as instituições, mas nós sempre fomos muito cautelosos. Não creio que alguém tenha descoberto e, agora, ele está morto e não há ninguém a quem eu possa falar a seu respeito. É estranho, mas sinto-me aliviada só por poder falar dele consigo. Era um homem bom, comandante, e também um excelente psiquiatra, embora não acreditasse que o era. Nunca conseguiu manter a imparcialidade, necessária à sua profissão, que lhe permitisse ter paz de espírito. Preocupava-se em demasia com o estado do Serviço de Psiquiatria. A Inglaterra, que é um dos países mais ricos do mundo, não é capaz de tratar convenientemente dos idosos, dos doentes mentais, de todos aqueles que levaram a vida inteira a trabalhar, a contribuir para o bem-estar dos outros e se vêem a braços com a pobreza e todo o tipo de adversidades. Agora que estão velhos e mentalmente perturbados e precisam de carinho e de afecto, senão mesmo da cama de um hospital, que temos para lhes oferecer? Pouco, muito pouco. Ele também se afligia com os seus pacientes esquizofrénicos, aqueles que se recusam a tomar medicamentos. Achava que devia haver asilos, lugares em que pudessem ser acolhidos até passar a crise, e onde pudessem mesmo sentir-se aliviados por saber que se encontravam em boas mãos. E havia também os casos dos pacientes que sofriam da doença de Alzheimer; alguns enfrentam problemas tremendos e ele não era capaz de se alhear do seu sofrimento.

Uma vez que estava submetido a um crónico excesso de trabalho sugeriu Dalgliesh, talvez não seja de admirar que não quisesse dedicar ao museu mais tempo do que já lhe concedia.

Não lhe dedicava tempo nenhum. Comparecia às reuniões trimestrais de fiduciários e a que, em seu entender, não podia faltar. Mantinha-se afastado de tudo o mais, deixando à irmã o encargo de gerir o museu como bem entendesse.

Não se interessava pelo museu?

Mais do que isso; detestava-o. Costumava dizer que o museu já lhe havia roubado uma parte significativa da sua vida.

Alguma vez lhe explicou o que queria dizer com isso?

Referia-se à sua infância. Não falava muito dessa época, mas sei que não foi uma criança feliz. Não havia suficiente amor naquela família. O pai consagrava toda a sua energia ao museu e também gastava muito dinheiro com ele, embora não houvesse descurado a educação dos filhos, suportando todas as despesas das escolas preparatórias, dos colégios particulares, das universidades... O Neville, por vezes, falava da mãe. Fiquei com a impressão de que era uma mulher fraca, tanto sob o ponto de vista físico como psicológico. Receava por de mais o marido para proteger os filhos.

Não havia amor suficiente, mas havê-lo-á alguma vez? E protecção contra quê? Violência, abusos, negligência?, pensou Dalglish.

O Neville achava que somos demasiado obcecados pelo passado através da história, das tradições, dos objectos que colecionamos prosseguiu ela. Afirmava que atravancamos a nossa existência com vidas passadas e ideias mortas, em vez de enfrentarmos os problemas do presente. No entanto, o seu próprio passado era para ele uma obsessão constante. Não o podemos apagar, não é assim? Já lá vai, mas, apesar disso, permanece no nosso íntimo. E sempre assim, quer se trate de todo um país ou de uma só pessoa. Aconteceu, foi ele que fez de nós o que somos e temos de compreendê-lo.

O Neville Dupayne era um psiquiatra. Deve ter compreendido melhor do que ninguém como esses tentáculos, fortes e indestrutíveis, podem ganhar vida e agarrar-se à nossa mente, reflectiu Daígliesh.

Deu-se conta de que, uma vez lançada na sua confissão, Angela Faraday não conseguia parar de falar.

Não estou a explicar tudo isto da melhor maneira. Foi apenas a impressão com que fiquei. Não falávamos muitas vezes da sua infância, do seu casamento falhado nem do museu. Não tínhamos tempo para isso. Quando conseguíamos passar

uma noite juntos, tudo o que ele queria era jantar, fazer amor e dormir. Não queria evocar recordações, mas apenas encontrar um alívio. Ao menos, era algo que eu podia dar-lhe... Por vezes, depois de fazermos amor, eu pensava que outra mulher poderia ter feito o mesmo por ele. Deitada a seu lado, sentia-me mais afastada dele do que na clínica, quando tomava nota do que me ditava ou falávamos das marcações da semana. Se amamos alguém, aspiramos a satisfazer todas as necessidades da pessoa amada, mas não conseguimos, não é assim? Ninguém o consegue. Só podemos dar ao outro aquilo que ele está disposto a aceitar. Desculpe, não sei porque estou a dizer-lhe isto.

E não foi sempre assim? As pessoas contam-me coisas. Não preciso de perguntar nem de investigar; contam-me tudo, pensou Dalglish. Tudo começou quando era ainda um jovem sargento e, ao aperceber-se de tal facto, ficara surpreendido e intrigado; aquela faculdade alimentara a sua poesia e trouxera consigo a percepção, meio envergonhada, de que para um detective se tratava de um dom que podia ser-lhe muito útil. A compaixão também estava presente; desde criança que conhecia os desgostos da vida e isso também alimentara a sua poesia. Recolhi as confissões de muitas pessoas e servi-me delas para lhes colocar algemas nos pulsos, concluiu mentalmente.

Julga que a pressão exercida pelo trabalho e as desgraças que compartilhava o terão levado a não querer continuar a viver? perguntou.

Ao ponto de se matar, de se suicidar? Nunca! A voz de Angela Faraday adquiriu um tom de grande ênfase. Nunca, nunca! De vez em quando, falávamos de suicídio. Ele opunha-se a tal acto. Não me refiro ao suicídio daqueles que são muito velhos ou se encontram em fase terminal de uma doença incurável. Todos podemos compreender esses casos. Refiro-me aos jovens. O Neville costumava dizer que o suicídio era, na maioria das vezes, um acto de agressão, que provocava um terrível sentimento de culpa nos familiares e amigos. Nunca deixaria à filha semelhante legado.

Obrigado agradeceu Dalglish em tom afável. Foi-me de grande ajuda. Há, no entanto, outra coisa. Sabemos que o doutor Dupayne guardava o seu *Jaguar* numa garagem contígua ao museu e ia ali buscá-lo todas as sextas-feiras, pouco depois das seis horas, regressando aos domingos, já bastante tarde, e por vezes até na manhã de segunda-feira. Como é óbvio, precisamos de saber aonde ia e se visitava alguém nos fins-de-semana.

Quer saber se ele levava uma outra vida secreta, para além da que mantinha comigo?

O que pretendo saber é se esses fins-de-semana têm algo a ver com a sua morte. A filha não faz ideia do local aonde ele se dirigia e parece que nunca lho perguntou.

Angela Faraday, de súbito, ergueu-se da cadeira e dirigiu-se à janela. Depois de um breve silêncio, declarou:

Não, ela não ia fazer-lhe uma pergunta dessas. Nem creio que alguém da família a fizesse ou se importasse sequer com isso. Levam vidas independentes, como os membros da família real. Perguntei a mim própria, com frequência, se a responsabilidade não era do pai. O Neville falou-me dele algumas vezes. Não sei porque quis ter filhos. A sua única paixão era o museu. Só se interessava pela aquisição de peças que pudesse exhibir, gastando enormes somas para manter e enriquecer o museu. O Neville amava a filha, mas experimentava um sentimento de culpa em relação a ela; tinha medo de se ter comportado exactamente como o pai, dando à sua profissão todo o carinho e atenção que devia consagrar à Sarah. Julgo ser essa a razão que o levava a querer encerrar o museu. E talvez precisasse também do dinheiro.

Para ele próprio? quis saber Dalglish.

Não, para a filha respondeu Angela Faraday, que entretanto regressara à secretária.

E disse-lhe alguma vez aonde ia, nos fins-de-semana?

Não aonde ia, mas o que fazia. Os fins-de-semana constituíam para ele uma espécie de libertação. Adorava aquele carro; não era mecânico e não podia repará-lo ou assegurar a sua manutenção, mas gostava de conduzi-lo. Todas as sextas-feiras, metia-se no *Jaguar*, ia para o campo e dava passeios a pé. Caminhava durante todo o sábado e todo o domingo. 238 4

pernoitava em estalagens modestas, em hotéis de pequenas vilas ou aldeias ou, mesmo, em casas com quartos para arrendar. Gostava de boa comida e de conforto e, por isso, era muito metódico na escolha dos lugares onde ficava. No entanto, raramente voltava a pernoitar no mesmo lugar, pelo menos com regularidade. Não queria despertar a curiosidade dos outros nem que lhe fizessem perguntas. Por vezes, caminhava pelo Wye Valley, ao longo da costa de Dorset, e outras vezes junto ao mar, em Norfolk ou Suffolk. Eram esses passeios solitários a pé, longe dos conhecidos, longe do telefone, longe da cidade, que o mantinham são de espírito.

Baixara o olhar para as mãos, cruzadas à sua frente sobre a secretária. Depois, porém, ergueu os olhos e fitou Dalglish, que, compungido, pôde ver neles de novo os escuros poços da dor inconsolável.

Ia sozinho, sempre sozinho. A voz de Angela Faraday reduzira-se a um murmúrio, prestes a ser entrecortado pelo choro. Era disso que ele precisava e é isso, também, que mais me magoa. Nunca quis que eu o acompanhasse. Depois de me ter casado, não me seria fácil fazê-lo, mas podia sempre arranjar uma maneira. Passávamos tão pouco tempo juntos; apenas algumas horas furtivas no seu apartamento, mas nunca nos fins-de-semana. Jamais pude compartilhar esses passeios, caminhar com ele, falar com ele, passar toda a noite a seu lado na mesma cama... Jamais, jamais...

Alguma vez lhe perguntou porquê? quis saber Dalglish com delicadeza.

Não. Tinha muito medo de que me dissesse a verdade, de que a sua solidão era mais necessária para ele do que eu. Fez uma pausa e acrescentou: Houve, contudo, uma coisa que fiz. Ele nunca virá a sabê-lo e, agora, também já não importa. Arranjara maneira de ficar livre no próximo fim-de-semana. Tive de mentir ao meu marido e à minha sogra, mas fi-lo. Ia pedir ao Neville que me levasse com ele, só por uma vez. Estava disposta a prometer-lhe que seria só por uma vez. Se me tivesse sido possível passar um único fim-de-semana com ele, creio que conseguiria arranjar coragem para acabar definitivamente com a nossa relação.

Ficaram sentados, em silêncio. Para lá da porta do gabinete, a vida do hospital continuava os partos e as mortes, a dor e a esperança, pessoas vulgares a executar tarefas invulgares, mas nada dessa vida chegava até eles. Para Dalglish, era penoso ver tamanha angústia sem encontrar palavras para amenizá-la, mas não havia nada que pudesse dar àquela mulher. O seu trabalho era apenas o de descobrir quem assassinara o seu amante. Não tinha o direito de a enganar, levando-a a supor que fora visitá-la como amigo.

Esperou até que ela estivesse mais calma e só depois prosseguiu:

Apenas mais uma pergunta. Ele tinha inimigos, alguns pacientes que quisessem fazer-lhe mal?

Se algum o odiasse a ponto de desejar vê-lo morto, creio que eu o saberia. Não era muito querido por ser tão solitário, mas toda a gente o respeitava e gostava dele. Claro que há sempre esse risco, não é verdade? Os psiquiatras aceitam-no e não creio que corram maiores riscos do que o pessoal das Urgências, especialmente nas noites de sábado, quando metade dos doentes chegam aqui bêbedos ou drogados. Ser médico ou enfermeira nas Urgências é uma profissão perigosa. Foi este o mundo que construímos. Obviamente, há doentes que podem ser agressivos, mas nunca por forma a planejar um homicídio. Aliás, como poderia algum deles saber do carro e da ida do Neville ao museu todas as sextas-feiras, para ir buscá-lo?

Os pacientes dele vão sentir a sua falta comentou Dalglish.

Alguns deles e durante algum tempo. Na sua maior parte, pensarão: Quem vai agora tratar de mim? Quem vou encontrar na consulta da próxima quarta-feira? Enquanto eu terei de continuar a ver a sua letra nas fichas dos pacientes. Pergunto a mim própria quanto tempo levará até que não consiga lembrar-me da sua voz...

Até ali conseguira controlar-se, mas, de súbito, o seu tom de voz alterou-se.

O mais horrível é que não posso chorar a sua morte, pelo menos em frente de outras pessoas. Não há ninguém com quem possa falar do Neville. As pessoas ouvem rumores

acerca da sua morte e já andam *a. especular*. Ficaram chocadas, como era de esperar, e parecem genuinamente pesarosas, mas também excitadas, segundo creio. Uma morte violenta é sempre terrível, mas também intrigante. Despertou-lhes a curiosidade; posso vê-la nos seus olhos. O homicídio corrompe, não é assim? Leva tantas coisas consigo, além de uma vida...

Tem razão, é um crime que contamina concordou Dalglish.

De súbito, Angela Faraday começou a chorar. Dalglish acercou-se dela e ela abraçou-o, agarrando-se ao seu casaco. Dalglish apercebeu-se de que havia uma chave na porta, talvez uma necessária medida de prevenção e, quase a arrastando pelo gabinete, fez girar a chave.

Lamento muito... soluçou ela, sem parar de chorar.

Dalglish verificou que havia uma segunda porta na parede da esquerda e abriu-a, com toda a cautela, depois de ajudar Mrs. Faraday a sentar-se na sua cadeira. Para seu alívio, descobriu que, como calculava, a porta dava para um pequeno corredor com uma casa de banho à direita. Regressou para junto de Angela Faraday, que agora se mostrava um pouco mais calma, e ajudou-a a caminhar até à casa de banho, fechando a porta atrás de si. Ouviu correr água da torneira e esperou. Ninguém bateu à porta do gabinete nem tentou abri-la. Mrs. Faraday não demorou muito a reaparecer; três minutos volvidos regressou ao gabinete, aparentemente recomposta, com o cabelo penteado e sem vislumbre da desesperada crise de choro para além do inchaço dos olhos,

Desculpe murmurou. Foi muito embaraçoso para si...

Não precisa de pedir desculpa. Só lamento não poder oferecer-lhe o consolo de que precisa.

Como se nada se tivesse passado entre eles a não ser um breve encontro oficial, ela continuou, em tom formal:

Se quer saber mais alguma coisa, seja o que for que possa ajudá-lo nas suas investigações, por favor não hesite em telefonar-me. Quer o número de telefone de minha casa?

Pode vir a ser-me útil respondeu Dalglish.

Ela escreveu os algarismos numa folha do seu bloco, arrancou a folha e entregou-lha.

Ficar-lhe-ia muito agradecido se pudesse examinar o ficheiro dos doentes para ver se encontra algo que possa ser útil para as investigações. Algum paciente ressentido, que tivesse tentado processá-lo, ou que se mostrasse insatisfeito com o seu trabalho, seja o que for que permita supor a existência de um inimigo entre aqueles que eram tratados pelo doutor Dupayne.

Não acredito em tal hipótese. Se uma coisa dessas tivesse acontecido, julgo que seria do meu conhecimento. De qualquer maneira, as fichas dos doentes são confidenciais. O hospital não consentiria que as divulgasse sem a devida autorização.

Eu sei. Se necessário, obterei a devida autorização.

Não há dúvida de que é um polícia fora do comum comentou Mrs. Faraday, mas, mesmo assim, será sempre um polícia. Não seria prudente da minha parte esquecer-me disso.

Estendeu-lhe a mão e ele apertou-lha. Estava muito fria.

Caminhando ao longo do corredor em direcção à sala de espera e à porta de entrada, sentiu de repente a necessidade de tomar um café. Esse desejo coincidiu com a visão do sinal que indicava onde ficava o bar. Fora ali, quando visitara o hospital no início da sua carreira, que havia tomado uma refeição ligeira ou bebido uma chávena de chá. Lembrava-se de que o bar era, então, gerido pela chamada Liga de Amigos do Hospital e perguntou a si próprio se iria encontrá-lo na mesma. Achava-se, com efeito, no mesmo local: uma sala de seis por três metros, com janelas que davam para um pequeno jardim pavimentado. Os tijolos cinzentos, para além das altas janelas ogivais, reforçavam a impressão de se encontrar no interior de uma igreja. As mesas de que se lembrava, com toalhas de quadrados vermelhos, haviam sido substituídas por outras mais robustas com tampos de formica, mas o balcão, à esquerda da porta, com os seus sibilantes recipientes de chá ou café e as prateleiras de vidro onde era exposto o que os clientes podiam comer, pouco parecia ter mudado. A ementa também não variara muito: batatas assadas com diversos recheios, ovos e feijões servidos em torradas, rolinhos de *bacon*, sopa de tomate e

de legumes e uma grande variedade de bolos e biscoitos. Era uma hora de pouca afluência; aqueles que tinham almoçado já haviam partido e via-se uma pilha de pratos sujos numa mesa lateral, por baixo de um cartaz em que era pedido aos clientes que ali deixassem os talheres e a louça de que se haviam servido. As únicas pessoas presentes eram dois trabalhadores, com os seus fato-macacos, numa mesa do fundo, e uma mulher nova, com um bebé num carrinho a seu lado. Parecia ignorar a presença de uma outra criança de tenra idade que, com um dedo na boca, corria à volta da perna de uma cadeira, cantarolando uma música desafinada; parou de súbito quando viu Dalglish, ficando a olhar para ele com viva curiosidade. A mãe tinha à sua frente uma chávena de chá e fitava o jardim, enquanto maquinalmente fazia andar o carrinho do bebé para trás e para a frente. Era impossível saber se o seu ar de trágico alheamento era causado pelo cansaço ou pela dor. Dalglish pensou que um hospital era um mundo estranho em que seres humanos se cruzavam uns com os outros durante algum tempo, cada um com o seu fardo de esperança, angústia ou desespero, mas, apesar disso, um mundo curiosamente familiar, acolhedor e, por estranho paradoxo, tão aterrador quanto reconfortante.

O café servido ao balcão por uma mulher de idade era barato mas bom, e ele bebeu-o rapidamente, sentindo a súbita necessidade de sair dali quanto antes. Aquele breve intervalo de descanso fora uma simples pausa num dia sobrecarregado de trabalho. A perspectiva de ir interrogar a mais velha Mrs. Faraday assumira um aspecto do maior interesse e importância. Conheceria ela a infidelidade da nora? E, se fosse esse o caso, que importância lhe dera?

Quando regressou ao corredor principal, viu Angela Faraday, que caminhava um pouco mais à frente, e parou para examinar uma fotografia a sépia e assim dar tempo a que ela se afastasse. Quando ela entrou na sala de espera, apareceu um jovem, tão prontamente como se houvesse reconhecido os seus passos no corredor. Dalglish viu um rosto sensível e de notável beleza, com traços finos e olhos grandes e brilhantes. O jovem não viu Dalglish; só tinha olhos para a esposa, enquanto

estendia as mãos para pegar nas dela e, depois, se colocava a seu lado com o rosto subitamente iluminado por uma confiança cega e uma alegria quase infantil.

Dalglish esperou até que ambos saíssem do hospital. Por uma razão instintiva que não sabia explicar, teria preferido não haver assistido àquele encontro. O major Arkwright vivia no apartamento do primeiro andar de uma casa antiga remodelada, em Maida Vale. O edifício, meticulosamente conservado, era protegido por um gradeamento de ferro, que parecia pintado de fresco. A placa de latão com os nomes dos quatro inquilinos fora polida até ficar de um branco-prateado e, de cada lado da porta, viam-se dois grandes vasos, cada um com o seu loureiro. Uma voz de homem respondeu prontamente quando Piers premiu o botão. Não havia elevador.

No alto da escada alcatifada, o major Arkwright esperava-os, à porta do apartamento. Era um homenzinho aperaltado que envergava um fato feito por medida com colete a condizer e o que parecia ser a gravata tradicional do regimento a que pertencia. O bigode uma linha delgada como que traçada a lápis, que contrastava com as sobrancelhas espessas era arruivado, mas pouco podia ver-se do seu cabelo. Toda a cabeça, que parecia invulgarmente pequena, achava-se coberta por um gorro feito de musselina, por baixo do qual era visível um pedaço de gaze branca, sobre a orelha esquerda. Piers deu consigo a pensar que aquele gorro o fazia parecer-se com um Pierrot envelhecido, sem emprego, mas nem por isso desanimado. Examinou atentamente Piers e Kate com os seus olhos, de um azul intenso, mas sem revelar qualquer espécie de hostilidade. Olhou sem grande interesse para os seus cartões de identidade, limitando-se a acenar com a cabeça, em sinal de que apreciava a sua pontualidade.

Era patente, logo à primeira vista, que o major colecionava antiguidades, em particular estatuetas comemorativas *Staffordshire*. O pequeno vestibulo estava tão atafalhado com estatuetas que Kate e Piers entraram com todo o cuidado, como se estivessem numa loja repleta de antiguidades. Numa prateleira estreita que corria ao longo da parede, estava disposta uma colecção impressionante: o duque de Clarence, desafortunado filho de Eduardo VII, e a sua noiva, a princesa May; a rainha Vitória, com um vestido de cerimónia; um Garibaldi, a cavalo; Shakespeare, inclinado sobre um pilar encimado por livros, com a cabeça apoiada na mão direita, e notáveis pregadores vitorianos tecendo duras críticas dos seus púlpitos. Na parede fronteira, havia uma miscelânea de peças de colecção, na sua maioria da época vitoriana: silhuetas nas suas molduras ovais, um bordado numa moldura, com a data de 1852, pequenos quadros a óleo representando cenas rurais do século XIX, nos quais lavradores e as famílias com aspecto limpo e bem alimentado muito pouco convincente faziam cabriolas ou se achavam tranquilamente sentados em frente das suas casas pitorescas. Os olhos experimentados de Piers registaram, num relance, todos aqueles pormenores, entre os quais, para sua surpresa, nada havia que até então se relacionasse com a carreira militar do major.

Foram conduzidos a uma sala de estar confortável mas sobrecarregada de mobília, com um expositor pejado de estatuetas *Staffordshire* semelhantes às que já haviam visto, e depois, através de um curto corredor, até a um jardim-de-inverno, mobilado com quatro cadeiras de vime e uma mesa com tampo de vidro. Nas estantes baixas, ao longo das paredes, encontrava-se uma notável selecção de plantas, na sua maioria de folhagem perene e todas em flor.

O major sentou-se e fez sinal a Piers e a Kate para que o imitassem. Parecia tão alegre e despreocupado como se recebesse velhos amigos. Antes que Piers ou Kate pudessem falar, perguntou, acentuando cada sílaba:

Já encontraram o rapaz? i,

Ainda não.

Hão-de conseguir encontrá-lo. Não creio que ele se tenha atirado ao rio. Não é desse género. Vai aparecer, logo que saiba que eu não morri. Não precisam de se preocupar com a altercação que tivemos... Mas, na verdade, não estão preocupados com isso, pois não? Têm entre mãos assuntos mais importantes. Eu não teria chamado a ambulância nem a polícia, mas Mistress Perrifield, que vive no andar de baixo, ouviu-me cair e subiu para ver o que se passava. E uma mulher bem-intencionada, embora um tanto propensa a intrometer-se na vida alheia. O Ryan esbarrou nela quando saiu daqui a correr. Como deixou a porta aberta, ela chamou a ambulância e a polícia, antes que eu pudesse impedi-la de o fazer. Estava um pouco aturdido; bom, na realidade, estava inconsciente. Admira-me que ela não haja chamado também os bombeiros, o exército ou quem mais lhe passasse pela cabeça. De qualquer modo, não vou apresentar queixa.

Piers estava ansioso por obter uma rápida resposta para a única pergunta vital.

Não é esse assunto que mais nos preocupa. Pode dizer-nos a que horas o Ryan Archer chegou a casa, na tarde de ontem?

Receio que não. Encontrava-me nessa altura em South Ken, num leilão de cerâmica *Staffordshire*. Havia uma ou duas peças que me interessavam, mas alcançaram preços superiores aos que ofereci. Antigamente, era capaz de obter uma peça comemorativa por trinta libras, mas agora não...

E a que horas regressou a casa?

Por volta das sete. Encontrei um amigo à saída da sala de leilões, e fomos beber um copo a um bar, onde não ficámos muito tempo. O Ryan já se encontrava aqui quando cheguei.

A fazer o quê?

A ver televisão, no seu quarto. Aluguei um televisor para ele. O rapaz não aprecia os meus programas favoritos e, além disso, gosto de usufruir duma certa privacidade ao fim da tarde. Esta solução, em geral, funciona.

Como estava ele quando o senhor chegou? quis saber Kate.

Que quer dizer com isso?

Achou-o agitado, angustiado, diferente do habitual? Só o vi cerca de um quarto de hora depois de chegar a

casa. Limitei-me a chamar por ele e respondeu-me. Não me recordo do que dissemos. Só depois é que veio ter comigo e teve início a discussão. Por minha culpa, devo admiti-lo.

Pode contar-nos o que aconteceu?

Tudo principiou quando começámos a falar do Natal. Eu resolvera levá-lo comigo numa viagem a Roma e já reservara o hotel e as passagens de avião. Foi então que ele me disse haver mudado de ideia, porque fora convidado a passar o Natal com outra pessoa, uma mulher.

Escolhendo com todo o cuidado as palavras, Kate insistiu:

E isso desagradou-lhe? Sentiu-se desapontado, com ciúmes?

Com ciúmes? Não. Deixou-me completamente furioso! Já tinha pago os bilhetes de avião.

Acreditou no que ele lhe disse?

Não, pelo menos no que dizia respeito à tal mulher.

O que se passou em seguida?

Era evidente que ele não queria ir a Roma. Achei que devia ter-mo dito antes de eu fazer as reservas. E havia tratado de obter informações sobre a possibilidade de ele frequentar alguns cursos. O rapaz é bastante inteligente, mas a sua cultura deixa muito a desejar. Na maior parte das vezes, faltava às aulas. Deixara-lhe alguns folhetos para que ele os examinasse e, depois, pudéssemos conversar acerca do assunto, mas ele nem sequer os leu. Seguiu-se uma discussão à volta da minha ideia. Julguei que ele estava interessado, mas, pelos vistos, enganei-me. Disse-me que estava farto das minhas interferências na sua vida ou algo parecido. Não censuro o rapaz. Como já disse, a culpa é toda minha. Empreguei as palavras erradas.

Que palavras?

Disse-lhe: Nunca chegarás a ser alguém na vida. Pretendia acrescentar: Enquanto não adquirires educação e formação, mas não tive oportunidade de acabar a frase. O Ryan ficou fora de si. Com certeza, eram as mesmas palavras que ouvira da boca do padrasto. Bom, não exactamente o padrasto, mas antes o homem que foi viver com a mãe dele. Trata-se

da história habitual, que devem ter ouvido dúzias de vezes. O pai sai de casa, a mãe arranja uma série de amantes, até que um deles acaba por instalar-se em casa dela. O filho e o amante odeiam-se mutuamente e um deles tem de ir-se embora. Não é difícil adivinhar quem. O homem, segundo tudo indica, era um brutamontes. É curioso como certas mulheres gostam de homens assim. Seja como for, o certo é que o indivíduo conseguiu pôr o Ryan fora de casa. Admira-me que o Ryan não lhe tenha dado com um atizador na cabeça...

Ele disse à governanta do museu que tinha vivido em internatos desde a infância interveio Kate.

Conversa fiada! Viveu na casa dos pais até aos quinze anos. O pai tinha morrido havia dezoito meses quando ele saiu de casa. O Ryan deu-me a entender que a morte do pai ocorrera em circunstâncias particularmente trágicas, mas nunca me explicou como. Provavelmente, trata-se de outra das suas fantasias. Não, nunca estive em instituições do género. O rapaz é um desastre, mas não tanto quanto o seria se alguma vez houvesse ficado nas mãos duma dessas instituições.

Já se tinha revelado violento para consigo anteriormente?

Nunca. Não é um rapaz violento. Como já disse, a culpa foi toda minha. Proferi as palavras erradas no momento errado.

E ele contou-lhe alguma coisa acerca do que ocorrera durante o dia, o que fizera no emprego, a que horas saíra e a que horas chegara a casa?

Nada. Também não é de admirar, não acha? Não tivemos muito tempo para conversar até ao momento em que perdeu as estribeiras, agarrou no atizador e me agrediu. Atingiu-me no ombro direito, atirou-se a mim e eu caí, batendo com a cabeça no rebordo do televisor e fazendo cair também o maldito aparelho.

Pode dizer-nos alguma coisa acerca da vida dele aqui em casa? quis saber Piers. Como se encontraram? Há quanto tempo vivem juntos?

Apanhei-o em Leicester Square há nove meses. Ou talvez dez. É-me difícil precisar quando; em fins de Janeiro ou

em princípios de Fevereiro. Era diferente dos outros rapazes. Tomou a iniciativa de falar comigo e apercebi-me de que estava prestes a meter-se em sarilhos. A prostituição é uma vida terrível; quando se envereda por essa ladeira, é como morrer. Ele não havia começado ainda, mas pensei que não estava longe de o fazer. Naquela época, andava a dormir pelas ruas e, por isso, trouxe-o para aqui.

E passou a viver com ele acrescentou Kate, sem rodeios. Isto é, eram amantes.

Ele é *gay*, claro, mas não foi por isso que o trouxe para casa. Tenho um companheiro há já muitos anos. Actualmente, encontra-se no Extremo Oriente, a desempenhar um cargo de consultor, mas deve regressar no princípio de Janeiro. Contava que, por essa altura, o Ryan já se tivesse instalado em outro sítio. Este apartamento é demasiado pequeno para os três. O Ryan foi até ao meu quarto na primeira noite em que ficou aqui, aparentemente por pensar que devia pagar o alojamento em espécie, mas pus as coisas em pratos limpos. Nunca misturo o sexo com os negócios. Nunca o fiz e não me sinto muito atraído por jovens. Faz-me sentir esquisito, atrevo-me a dizê-lo, mas é assim mesmo. Gostava do rapaz e tinha pena dele, mas mais nada. Ele ia e vinha. Às vezes, prevenia-me de que ia ausentar-se e outras vezes, não. Normalmente, regressava uma ou duas semanas mais tarde, desejoso de tomar um banho, de vestir roupas limpas e de dormir numa cama confortável. Durante essas ausências, vivia em diversas casas ocupadas, mas nunca por muito tempo.

Sabia que ele trabalhava como jardineiro no Museu Dupayne?

Fui eu que o recomendei. Disse-me que trabalhava lá às segundas, quartas e sextas. Nesses dias, costumava sair cedo e regressar por volta das seis da tarde. Presumo que trabalhasse onde dizia, ou seja, no museu.

Como ia para lá? perguntou Kate.

De metro e, depois, a pé. Tinha uma bicicleta velha, mas desapareceu.

Não acha tarde trabalhar até às cinco no Inverno? Quando o Sol se põe muito mais cedo do que a essa hora?

Contou-me que tinha sempre outras tarefas para fazer. Trabalhava tanto dentro do museu como no jardim. Não lhe fazia perguntas, tal como em relação ao padraço. O Ryan não tolera que se metam na sua vida. Não posso censurá-lo por isso, já que também sou assim. Querem beber alguma coisa? Chá ou café? Esqueci-me de o propor.

Kate agradeceu-lhe e explicou que tinham de ir-se embora. O major assentiu com a cabeça.

Espero que o encontrem observou. Se isso acontecer, digam-lhe que eu estou bem e que tem uma cama aqui se quiser voltar a esta casa. Pelo menos, por enquanto. E não foi ele que assassinou o tal doutor... Como é que ele se chama? Doutor Dupayne?

Doutor Neville Dupayne.

Podem ficar certos de uma coisa: o rapaz não é um assassino.

Se lhe tivesse batido com mais força e um pouco ao lado, podia sê-lo.

Ora, mas não o fez, pois não? Quando saírem, não tropecem no regador. Lamento não ter podido ser-lhes mais útil. Quando o encontrarem, não se esquecerão de mo dizer?

Para grande surpresa de Kate e de Piers, o major estendeu-lhes a mão quando chegaram à porta. Apertou a de Kate com tal vigor que ela, por pouco, não fez um trejeito de dor.

Sim, senhor. Pode estar certo de que o avisaremos prometeu ela.

Já depois de fechada a porta, Kate sugeriu:

Podíamos ir falar com Mister Perrifield. Talvez saiba quando o Ryan chegou a casa. Parece-me uma daquelas mulheres que mantém os vizinhos debaixo de olho.

No andar de baixo, tocaram à campainha. A porta foi aberta por uma robusta mulher de idade avançada, muito maquilhada e com um penteado bem seguro com laca. Envergava um fato de saia e casaco estampado, com quatro bolsos, todos adornados com grandes botões de latão. Abriu a porta, sem retirar a corrente de segurança, e examinou-os com ar desconfiado através da abertura. No entanto, quando Kate lhe exibiu o seu cartão de identidade e explicou que procediam a uma

investigação acerca de Ryan Archer, a mulher retirou a corrente de imediato, e convidou-os a entrar. Kate suspeitou que lhes seria difícil verem-se livres dela e, por isso, explicou que não iriam incomodar Mrs. Perrifield durante muito tempo. Podia dizer-lhes a que horas Ryan havia chegado a casa na tarde anterior?

Mrs. Perrifield asseverou, com grande veemência, que gostaria muito de ajudá-los, mas que, infelizmente, não podia fazê-lo. A tarde de sexta-feira era dedicada ao seu brídege. No dia anterior, estivera a jogar com uns amigos, em South Kensington, e depois do chá ficara ainda mais algum tempo para tomar um xerez. Chegara a casa um quarto de hora antes da atroz agressão. Piers e Kate tiveram de ouvir todos os pormenores relativos à forma fortuita como Mrs. Perrifield pudera salvar a vida do major, graças, no entanto, à sua pronta intervenção. Esperava que o seu vizinho se desse conta agora de que ninguém deve ser demasiado confiante nem demasiado compreensivo. Ryan Archer não era o tipo de hóspede desejável numa casa séria. Reiterou como lamentava não poder ser mais prestável, e Kate acreditou nela. Não duvidava que Mrs. Perrifield adoraria poder contar-lhes que Ryan havia entrado em casa a tresandar a gasolina, vindo directamente do local do crime.

Enquanto se encaminhavam para o carro, Kate comentou:

Quer dizer que, tanto quanto sabemos até agora, o Ryan não dispõe de um álibi. Apesar disso, parece-me difícil acreditar...

Por amor de Deus, Kate! Também tu? atalhou Piers. Nenhum deles é um provável assassino. O rapaz é tão suspeito como os outros. E quanto mais tempo andar a monte, pior será para ele.

A casa de Mrs. Faraday era a oitava de uma fileira de edifícios dos meados do século XIX, na parte sul de uma praça de Islington. Sem dúvida construídos para o estrato mais elevado da classe trabalhadora, as casas haviam passado decerto pelas usuais metamorfoses do aumento das rendas, do desmazelo, dos estragos provocados pela guerra e da sucessão dos ocupantes, mas, de há muito, tinham passado a ser habitadas pela classe média, que ali se instalara atraída pela proximidade da City, dos bons restaurantes e do Teatro Almeida, bem como pela satisfação de poder proclamar que vivia numa comunidade étnica e socialmente diversificada e interessante. Pelo número de grades e de sistemas de alarme contra assaltos, era patente que os residentes se haviam protegido contra as manifestações menos desejáveis dessa mesma diversidade. O bloco de casas exibia uma atraente unidade arquitectural. A uniformidade das fachadas, de estuque creme, com varandas de ferro preto, era quebrada pela pintura brilhante das portas de cores diferentes e pela diversidade das aldrabas de bronze. Na Primavera, esta conformidade arquitectural devia ser alegrada pelos botões das cerejeiras, cujos troncos estavam protegidos por gradeamentos circulares, mas, naquele momento, o sol outonal irradiava sobre uma rua apenas decorada por ramos sem folhas, pondo tons dourados nos troncos das árvores. Em algumas janelas, brilhavam aqui e ali vasos com heras e com os amores-perfeitos amarelos do Inverno..

Kate fez bater a aldraba contra a base de bronze e a sua chamada foi prontamente atendida. Foram cortesmente recebidos por um homem de idade, cabelo branco cuidadosamente penteado para trás e rosto impassível. O seu traje revelava uma certa ambiguidade excêntrica: calças pretas listradas, colete de linho castanho que parecia recentemente passado a ferro e laço às pintas.

Comandante Dalglish e inspectora Miskin? perguntou. Mistress Faraday está à vossa espera. Encontra-se no jardim, mas talvez não se importem de ir até lá. O meu nome é Perkins acrescentou, como se isso, de alguma forma, servisse para explicar a sua presença na casa.

Não era, de modo algum, nem a casa nem a recepção que Kate esperava. Não havia, nos tempos que corriam, muitas casas em que a porta era aberta por um mordomo, nem o homem que seguiam tinha a aparência de um mordomo. Pelo seu porte e à-vontade parecia mais um velho servidor ou seria um amigo da família que havia decidido desempenhar aquele papel por perverso divertimento próprio?

O vestíbulo era estreito e mais estreito parecia em virtude do alto relógio de pêndulo, em mogno, situado à direita da porta. As paredes estavam cobertas por aguarelas colocadas tão perto umas das outras que pouco se via do papel de parede estampado em tons verdes. A esquerda, uma porta permitiu a Kate ver de relance estantes cheias de livros, uma lareira elegante e, sobre esta, um retrato a óleo. Não era o género de casa em que alguém pudesse contar com gravuras de cavalos selvagens a galopar numa praia ou exibindo o rosto esverdeado de uma mulher oriental. Uma escada com corrimão de mogno, artisticamente talhado, conduzia ao piso superior. Ao fundo do corredor, Perkins abriu uma porta pintada de branco, que dava acesso a uma estufa que abarcava toda a largura da casa. A atmosfera que ali reinava dava uma sensação de intimidade informal; viam-se casacos arremessados sobre cadeiras baixas de vime, revistas sobre uma mesa também de vime, uma profusão de plantas que obscurecia a luminosidade ambiente e lhe conferia uma ligeira tonalidade verde, como se o local estivesse debaixo de água. Um pequeno lanço de degraus dava acesso ao jardim e um carreiro empedrado conduzia à

estufa. Através dos vidros, puderam ver a silhueta de uma mulher que se agachava e erguia em sequência rítmica com a precisão de quem executava uma dança formal. Essa movimentação não cessou quando Dalgliesh e Kate alcançaram a porta e viram que a mulher estava a lavar e a desinfetar vasos. Havia um alguilar com água e espuma de sabão, colocado sobre uma prateleira baixa, e a mulher tirava os vasos, inclinava-se para os submergir num balde com desinfetante e, em seguida, os colocar numa prateleira mais alta, por ordem dos respectivos tamanhos. Passados alguns segundos, decidiu-se a ir ter com os visitantes e abriu a porta, por onde se escapou um forte cheiro a *Jeyes Fluid*, um desinfetante para plantas.

Era alta, quase com um metro e oitenta, e vestia umas calças sujas de veludo cotelê, uma camisola azul-escura, botas de borracha e luvas vermelhas de jardinagem. O seu cabelo grisalho, penteado para trás e deixando a descoberto a testa alta, estava quase coberto por um chapéu de feltro, colocado displicentemente; do rosto, com nariz e faces salientes, desprendia-se uma expressão inteligente. Os olhos eram escuros e vivos, por baixo de pálpebras caídas e, se bem que a pele por cima do nariz e das faces se mostrasse curtida pelo ar livre, quase não tinha rugas. No entanto, quando descalçou as luvas, Kate pôde ver, pelas veias azuis e proeminentes e pela pele fina e enrugada das mãos, que a mulher era mais velha do que ela esperava. Decerto devia passar dos quarenta quando o filho nascera. Kate olhou para Dalgliesh; o rosto dele mantinha-se inexpressivo, mas ela sabia que o seu chefe devia compartilhar a sua impressão. Estavam em frente de uma mulher de respeito.

Mistress Faraday? disse Dalgliesh.

A mulher tinha uma voz autoritária e articulou cuidadosamente as palavras:

Claro. Quem mais queria que fosse? Esta é a minha casa, esta, a minha estufa, e foi o meu empregado que os deixou entrar.

Kate pensou que a mulher adoptara um tom propositadamente suave para retirar às palavras qualquer significado ofensivo.

E o senhor, claro está, deve ser o comandante Dalglish prosseguiu. Não se incomode a mostrar-me o seu cartão ou seja lá o que for que o identifique. Como é óbvio, estava à sua espera, mas, não sei porquê, julguei que viria sozinho. Afinal, não se trata de uma visita de cortesia.

O rápido olhar que lançou a Kate, embora não fosse hostil, era tão avaliador como se Mrs. Faraday estivesse a analisar as virtudes e qualidades de uma nova serviçal. Dalglish fez as apresentações e Mrs. Faraday surpreendeu-os ao apertar as mãos de ambos antes de voltar a calçar as luvas.

Queiram desculpar-me por continuar com o meu trabalho disse. Não é coisa do meu particular agrado e, quando o faço, gosto de o acabar tão depressa quanto possível. Esta cadeira de vime está razoavelmente limpa, Miss Miskin, mas receio bem que só possa oferecer-lhe a si, Mister Dalglish, este caixote revirado. Penso, no entanto, que lhe servirá de assento e é suficientemente seguro.

Kate sentou-se, mas Dalglish manteve-se de pé. Antes que pudesse abrir a boca, Mrs. Faraday continuou:

Vieram falar comigo acerca da morte do doutor Dupayne, como é evidente. A vossa presença leva-me a crer que não acreditam que fosse causada por acidente.

Dalglish decidiu ser frontal.

Nem por acidente nem por suicídio. Lastimo informá-la, Mistress Faraday, que andamos a investigar um homicídio.

Já suspeitava disso, mas não estão a atribuir-lhe demasiada importância? Perdoem-me, mas a morte do doutor Dupayne, por muito lamentável que seja, implica o envolvimento de um comandante e de uma detective? Como não obtivesse resposta, acrescentou: Façam as perguntas, por favor. Se puder ajudar, é óbvio que terei muito gosto em fazê-lo. É claro que conheço alguns pormenores. Notícias como essa espalham-se muito rapidamente. Foi uma morte horrível.

Mrs. Faraday continuou o seu trabalho. Enquanto a via tirar os vasos do alguidar de água para, depois, os desinfetar e dispor nas prateleiras, aflorou à memória de Dalglish uma recordação da sua infância na barraca que havia no jardim da reitoria. Fora uma das suas ocupações da juventude: ajudar o jardineiro a proceder à limpeza anual dos vasos. Podia lembrar-se do cheiro a madeira aquecida pelo sol que se desprendia da barraca e das histórias que lhe contava o velho Sampson acerca das suas façanhas na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, apercebera-se de que na sua maioria eram fictícias mas, quando as ouvira, haviam cativado o espírito de um menino de dez anos, transformando o seu trabalho num apetecido entretenimento. O velhote fora um fantasista dotado de grande inventiva. Agora, achava-se em frente daquela mulher e estava convencido de que, se ela lhe mentisse, saberia ser ainda mais convincente.

Pode dizer-nos qual a natureza da sua intervenção no museu? perguntou. Sabemos que a senhora é uma das voluntárias. Há quanto tempo desempenha as suas funções e em que consistem ao certo? Sei que esta pergunta talvez não lhe pareça relevante, mas, neste momento, precisamos de saber o mais possível acerca da vida do doutor Dupayne, tanto no aspecto profissional, como no que se relaciona com o museu.

Então, deverá ir falar com os membros da sua família e com as pessoas que trabalhavam no hospital com o doutor Dupayne. Uma delas, como julgo que sabe, é a minha nora. O meu relacionamento com a família remonta há doze anos. O meu marido era amigo do Max Dupayne, fundador do museu, e sempre o apoiámos. Quando o Max era vivo, tinha um jardineiro já velho e não muito

competente, e foi o próprio Max que me pediu para o ajudar, indo até lá uma vez por semana ou, pelo menos, com certa regularidade, para lhe dar conselhos. Actualmente, como devem saber, é o Ryan Archer que se ocupa do jardim a tempo parcial, além de desempenhar tarefas de limpeza e de servente. O rapaz é ignorante mas demonstra ter boa vontade, e as minhas visitas processam-se como anteriormente. Depois da morte do Max Dupayne, o James Calder-Hale, na altura o arquivista, pediu-me que continuasse quando chamou a si a tarefa de seleccionar os voluntários.

Foi necessário seleccionar os voluntários? interveio Kate.

” Aí está uma pergunta pertinente. Segundo parece, Mister Calder-Hale pensava que havia voluntários em demasia e que a maior parte deles traziam mais problemas do que vantagens. Os museus tendem a atrair entusiastas com poucos dotes práticos aproveitáveis. Assim, reduziu a três o número de voluntários: eu própria, Miss Babbington, que ajudava a Muriel Godby na recepção, e Mistress Strickland, que trabalha na biblioteca. Miss Babbington teve de se afastar há cerca de um ano por causa da sua artrite, e agora só ficámos duas. Bom seria que fôssemos mais.

Segundo nos contou Mistress Glutton disse Dalglish, foi a senhora que forneceu a lata de gasolina para o cortador de relva. Quando o fez?

Em Setembro, quando cortámos a relva pela última vez. O Ryan informou-me de que já não havia gasolina e eu prontifiquei-me a levar uma lata, para poupar a despesa da entrega. Nunca chegou a ser utilizada. O cortador de relva já andava a funcionar mal havia algum tempo, e o rapaz não demonstrou qualquer jeito para tratar da sua manutenção e, muito menos, para o consertar. Cheguei à conclusão de que era preciso substituí-lo. Entretanto, o Ryan serviu-se do cortador de relva manual. Quanto à lata de gasolina, ficou guardada na barraca.

Quem sabia que a lata estava ali?

O Ryan, como é óbvio, Mistress Glutton, porque guarda a sua bicicleta na barraca e, provavelmente, Miss Godby. Tenho a certeza de lhe haver dito que era preciso substituir o velho cortador de relva. Ficou preocupada com o custo de uma máquina nova, mas, como compreende, não havia qualquer pressa em comprá-la; com toda a probabilidade, não seria necessário voltar a cortar a relva até à próxima Primavera. Agora que penso nisso, devo ter-lhe falado da gasolina, porque ela deu-me o dinheiro que me custara e eu assinei o respectivo recibo. É possível que os Dupayne e Mister Calder-Hale também soubessem. Terão de lhes perguntar.

E, uma vez que a gasolina já não era necessária, não pensou em trazer a lata para sua casa? quis saber Kate.

Mrs. Faraday lançou-lhe um olhar dando a entender que tal pergunta nunca ocorreria a um investigador inteligente.

Não, não pensei replicou. Acha que devia ter pensado nisso? Já me haviam reembolsado o preço da lata.

Kate, recusando deixar que a intimidassem, mudou de assunto.

Há já doze anos que visita o museu regularmente. Considera-o um lugar feliz? Estou a referir-me às pessoas que ali trabalham.

Mrs. Faraday pegou no vaso seguinte, examinou-o com atenção, mergulhou-o no desinfetante e colocou-o, virado para baixo, na prateleira.

Não tenho maneira de o saber. Nenhum membro do pessoal veio ter comigo para se queixar da sua infelicidade e, se algum o houvesse feito, não lhe teria dado ouvidos. Como se temesse que o tom da sua resposta pudesse ser considerado ameaçador, acrescentou: Depois da morte do Max Dupayne, instalou-se uma certa falta de controlo em muitos aspectos. A Caroline Dupayne ficou nominalmente com o museu a seu cargo, mas tem as suas obrigações para com a escola em que trabalha. Como já disse, Mister Calder-Hale ocupa-se dos voluntários e o rapaz trata do jardim, ou, pelo menos, tenta mantê-lo em condições. Depois da chegada da Muriel Godby, as coisas melhoraram. É uma mulher competente e parece gostar muito das responsabilidades que assumiu.

Dalglish perguntou a si próprio como abordar a melindrosa questão do relacionamento da nora de Mrs. Faraday com Neville Dupayne. Precisava de saber se o romance era tão secreto como Angela Faraday proclamara; em especial, até que ponto Mrs. Faraday podia ter adivinhado ou ouvido algo acerca do caso.

Já falámos com a sua nora, na qualidade de secretária particular do doutor Dupayne, e sei que era pessoalmente responsável pelos pacientes da consulta externa. Trata-se, manifestamente, de uma pessoa cuja opinião a respeito do estado de espírito do doutor Dupayne, naquela sexta-feira, é muito importante.

E esse estado de espírito tem alguma relevância para o facto de ele ter sido assassinado? Presumo não estar a insinuar que pode ter-se tratado de um suicídio?

Sou eu que tenho de decidir o que é ou não relevante, Mistress Faraday ripostou Dalglish.

E a relação da minha nora com o Neville Dupayne é relevante? Com certeza, ela contou-lhe tudo. Claro que sim... O amor, a satisfação de se ser desejada constitui sempre uma espécie de triunfo. Poucas pessoas haverá que se importem de confessar que atraíram o desejo de outrem. Segundo os costumes sexuais desta época, não é o adultério que é considerado um acto condenável.

Creio que, para ela, a relação era mais angustiada do que gratificante, atendendo à necessidade de a manter secreta e à preocupação de que o seu filho pudesse descobri-la e sentir-se magoado.

Sim admitiu Mrs. Faraday, com azedume. A Angela não é destituída de consciência.

Foi Kate que formulou a pergunta seguinte:

O seu filho sabe que a mulher dele tinha uma relação com outro homem, Mistress Faraday?

Fez-se silêncio. Mrs. Faraday era demasiado inteligente para não se aperceber do alcance daquela pergunta. Devia estar já à espera dela, pensou Kate. Em certa medida, fora ela própria que a provocara, por ser a primeira a mencionar o adultério da nora. Teria sido por estar convencida de que a verdade, mais cedo ou mais tarde, seria descoberta e que teria de explicar o seu silêncio? Fez rodar o vaso entre as mãos, examinando-o cuidadosamente e, em seguida, debruçou-se e mergulhou-o no desinfetante. Dalglish e Kate ficaram à espera da sua resposta, mas Mrs. Faraday só falou depois de voltar a endireitar-se.

Não, não sabe, e o meu dever é fazer com que nunca venha a sabê-lo. Espero poder contar com a sua colaboração, comandante. Presumo que nenhum de vós haja escolhido essa profissão para infligir dor, de forma deliberada, a quem quer que seja.

Dalglish apercebeu-se de que Kate respirou fundo para, logo e disciplinadamente, reprimir essa reacção instintiva.

A minha profissão é, apenas, investigar homicídios como este, Mistress Faraday. Não posso dar-lhe qualquer garantia

260 excepto a de que os factos considerados irrelevantes não serão tornados públicos. Receio que a investigação de um assassinio venha sempre a fazer sofrer alguém. Gostaria que fosse só o criminoso. Fez uma pausa e concluiu: Como ficou a saber do caso?

Quando os vi juntos. Foi há três meses, quando um dos menos destacados membros da família real foi ao hospital para inaugurar o novo bloco operatório. O Neville Dupayne e a Angela não estavam juntos, por razões profissionais. Ele encontrava-se na lista dos médicos que iam ser apresentados enquanto ela colaborava nos preparativos da cerimónia, encaminhando os visitantes, acompanhando os VIPs e desempenhando outras funções similares. Foi então que se encontraram fortuitamente e ficaram juntos durante alguns minutos. Vi o rosto dela e a forma como apertaram as mãos quando se separaram. Para mim, foi o bastante. Não é possível ocultar o amor, sobretudo quando não nos apercebemos de que estamos a ser observados.

Se a senhora reparou nisso, não terá sucedido o mesmo com outras pessoas? inquiriu Kate.

Talvez tenha sucedido a algumas das pessoas que trabalhavam com eles mais de perto. No entanto a Angela e o Neville Dupayne mantinham independentes as suas vidas privadas. Duvido que alguém

revelasse esse segredo, a mim ou ao meu filho, mesmo que suspeitasse de tal relação. Talvez tenha dado origem a mexericos entre o pessoal do hospital, mas não era motivo para alguém interferir ou tentar prejudicar qualquer um deles. Eu vi-os num momento em que ambos estavam distraídos. Não tenho dúvidas de que haviam aprendido a dissimular o que sentiam um pelo outro.

A sua nora afirmou que a relação entre ambos chegara ao fim adiantou Dalglish. Haviam decidido que a possibilidade de ferir outras pessoas não justificava que a relação se prolongasse.

E o senhor acreditou?

Não vejo razão para não acreditar.

Pois bem, ela mentiu-lhe. Haviam planeado passar juntos o próximo fim-de-semana. O meu filho telefonou-me 261

sugerindo que fosse passar o fim-de-semana com ele porque a Angela ia visitar uma antiga colega de escola em Norwich. Ela nunca havia falado da escola nem das colegas. iam partir em viagem, juntos, pela primeira vez.

Não pode ter a certeza disso, Mistress Faraday observou Kate.

Tenho, sim.

Novo silêncio. Mrs. Faraday continuou o seu trabalho. Por fim, Kate perguntou:

Ficou feliz com o casamento do seu filho?

Fiquei muito feliz. Tinha de aceitar que não lhe seria fácil encontrar esposa. Muitas mulheres teriam gostado de ir para a cama com ele, mas não de passar o resto da sua vida a seu lado. A Angela pareceu-me gostar genuinamente dele. Creio que ainda gosta. A propósito, eles conheceram-se no museu. Aconteceu numa tarde, há três anos. O Selwyn tinha a tarde livre e viera ajudar-me a cuidar do jardim. Havia uma reunião de fiduciários depois do almoço, e o Neville Dupayne esquecera-se da sua agenda e de outros documentos. Telefonou para o hospital e foi a Angela que lho levou. Depois, quis ver o que estávamos a plantar e conversámos durante algum tempo. Foi então que o Selwyn e ela se conheceram. Senti-me muito contente e aliviada quando começaram a sair juntos e, mais tarde, ficaram noivos. Parecia-me a esposa ideal para ele: amável, sensível e com um instinto maternal. Claro que o que ganhavam, posto em comum, não era grande coisa, mas eu consegui oferecer-lhes uma pequena casa e um automóvel. Era manifesto o quanto ela significava para ele... e ainda significa.

Vi o seu filho observou Dalglish. Estava na sala de espera do St. Oswald quando acabei de interrogar a sua nora.

E com que impressão ficou, comandante?

Achei que tinha um rosto perfeito. Pode dizer-se que é um belo homem.

O meu marido também o era, mas não tão notoriamente. Bem-parecido talvez seja a palavra mais adequada. Pareceu reflectir durante alguns segundos e depois o seu rosto

abriu-se num sorriso nostálgico. Muito bem-parecido. Belo é uma palavra desapropriada para descrever um homem.

Parece-me apropriada.

Os últimos vasos haviam sido inspeccionados e desinfetados, encontrando-se agora arrumados em fileiras, consoante o seu tamanho. Depois de olhar para eles com a satisfação de haver concluído um trabalho bem feito, Mrs. Faraday voltou a falar:

Creio que é melhor explicar-vos uma coisa a propósito do Selwyn. Não é inteligente. Podia dizer que sempre teve dificuldades na aprendizagem, mas, como diagnóstico, essa frase deixou de fazer sentido. Consegue sobreviver na implacável sociedade de hoje, mas não tem capacidade competitiva. Foi educado com outras crianças ditas normais, mas não conseguiu obter nenhum diploma; aliás, nem sequer tentou fazê-lo, salvo em duas matérias não académicas. A universidade estava obviamente fora de questão, mesmo qualquer uma do fundo da lista, dessas que estão tão desesperadas em manter o número de alunos que, segundo me contaram, aceitam jovens que mal sabem ler e escrever. Mesmo essas não aceitariam o Selwyn. O pai era muito inteligente e o Selwyn foi o nosso único filho. Como é natural, logo que as limitações do Selwyn se tornaram aparentes, constituíram para o meu marido um grande desapontamento... A palavra desgosto talvez não seja forte de mais. No entanto, amava o filho tanto quanto eu. Tudo o que ambos queríamos era que Selwyn fosse feliz e encontrasse um emprego dentro das suas capacidades, que pudesse ser útil aos outros e satisfatório para ele. Quanto à felicidade, não houve problemas. Nasceu com a capacidade de ser alegre. Trabalha como porteiro do Hospital St. Agatha. Gosta do que faz e é um bom profissional. Um ou dois dos porteiros mais velhos interessam-se por ele e, por isso, fez amigos. Tem igualmente uma esposa que ama, e é minha intenção que continue a tê-la a seu lado.

O que fez ontem, Mistress Faraday inquiriu Dalglish, entre as cinco e meia e as seis e meia da tarde?

A pergunta era brutalmente directa, mas Mrs. Faraday já devia esperá-la. Acabara de lhe oferecer um móbil, sem que

ninguém a tivesse levado a fazê-lo. E agora iria apresentar um álibi?

Quando ouvi a notícia de que o Neville Dupayne tinha morrido esclareceu, compreendi de imediato que iriam investigar a sua vida privada e que, mais tarde ou mais cedo, viriam a saber do seu relacionamento íntimo com a minha nora. Os colegas do hospital não trairiam o seu segredo, revelando-o a mim ou ao marido da Angela. Porque o fariam? No entanto, quando soubessem que o Dupayne fora assassinado, a sua atitude decerto seria diferente. Também me apercebi, claro, de que podia ser considerada como suspeita. A verdade é que planeei ir ao museu ontem, para me encontrar com o Neville Dupayne quando ele ali chegasse. Sabia que ia até lá todas as sextas-feiras, para ir buscar o *Jaguar*. Penso que, no museu, toda a gente estava a par disso. Pareceu-me a melhor forma de poder vê-lo com absoluta privacidade. Não faria sentido marcar um encontro no hospital; poderia sempre dar um pretexto, alegando não ter tempo. Além disso, a presença da Angela naquele lugar representava um embaraço adicional. Ora, eu queria falar com ele a sós, para tentar convencê-lo a acabar com a relação.

Tinha alguma ideia de como poderia fazê-lo? perguntou Kate. Quero dizer: que argumentos pretendia utilizar, além do mal que ele causava ao seu filho?

Não. Não dispunha de nada específico com que pudesse ameaçá-lo, se é isso que quer insinuar. O Selwyn não era seu paciente e não creio que a Ordem dos Médicos se interessasse pelo caso. A minha única arma, se assim quiser chamar-lhe, era a de apelar ao seu sentido de decência. Afinal, havia sempre a possibilidade de ele se haver arrependido daquela relação e de desejar pôr-lhe termo. Saí de casa às cinco em ponto. Tinha planeado chegar ao museu pelas cinco e meia, para o caso de ele aparecer mais cedo do que habitualmente. Como o museu encerra às cinco, o pessoal já teria saído. Mistress Glutton poderia ver-me, mas considereei essa hipótese como pouco provável, já que a casa dela fica nas traseiras do museu. Mas, mesmo que ela me visse, eu tinha o direito de estar ali.

E viu o doutor Dupayne?

Não, porque desisti do meu plano. O trânsito estava congestionado, como acontece habitualmente às sextas-feiras, e muitas vezes nem sequer conseguia avançar quando o sinal verde se acendia. Tive tempo para pensar e cheguei à conclusão de que o meu plano fora mal concebido. O Neville Dupayne estaria ansioso por partir, a fim de desfrutar do seu tão almejado fim-de-semana. Seria a pior altura para o abordar, e só disporia dessa única oportunidade. Se falhasse, todos os meus esforços teriam sido em vão. Disse a mim mesma que teria mais hipóteses se conversasse, primeiro, com a Angela. Afinal, nunca falara com ela acerca do seu caso com o doutor Dupayne. Ela não fazia ideia de que eu sabia da relação. Quando se desse conta de que eu estava a par do que se passava, isso talvez a levasse a reconsiderar. Ela gosta muito do meu filho e está longe de ser uma... uma predadora impiedosa. Provavelmente, teria mais hipóteses de êxito falando com ela do que com o Dupayne. O Selwyn quer ter um filho. Falei com vários médicos e todos me disseram não haver qualquer razão para temer que um filho da Angela e do Selwyn não seja normal. Além disso, creio que a minha nora também quer ser mãe e não me parece que esperasse ter um filho do Dupayne. Claro que iriam precisar de auxílio financeiro. Quando cheguei a Hampstead Pond, decidi voltar para casa. Não olhei para o relógio; porque havia de fazê-lo? No entanto, estou certa de que estava em casa às seis e vinte e o Perkins pode corroborá-lo.

E ninguém a viu? Ninguém que pudesse reconhecê-la, a si ou ao seu carro?

Não, que eu saiba. E agora, a menos que tenham outras perguntas a fazer, desejava ir para dentro de casa. A propósito, comandante, ficar-lhe-ia muito grata se não falasse directamente com o meu filho. Estava ao serviço no Hospital St. Agatha quando o Dupayne foi assassinado. O hospital poderá confirmá-lo, sem que vos seja necessário falar com o Selwyn.

A entrevista terminara e Kate pensou que havia sido muito mais frutuosa do que ela esperava.,

Mrs. Faraday não os acompanhou até à porta da frente, deixando esse encargo a Perkins, que permanecera na estufa durante a entrevista. Antes de sair, Dalgliesh virou-se para ele e perguntou:

Por favor, pode dizer-me a que horas Mistress Faraday regressou a casa na tarde de ontem?

Às seis e vinte e dois, comandante. Lembro-me de ter olhado para o relógio nesse momento.

Abriu a porta de par em par, de uma forma que era mais uma ordem do que um convite.

Mantiveram-se em silêncio até entrar no carro. Depois de apertar o cinto de segurança, a irritação de Kate explodiu.

Felizmente que ela não é minha sogra! Só há uma pessoa de quem gosta: o seu querido filho. Aposto que ele não se teria casado com a Angela se não tivesse obtido a aprovação da mamã. Foi a mamã que lhes comprou a casa e o automóvel. Ele gostava de ter um filho, não é verdade? Pois também lho compraria, se tal fosse possível. E se isso implicar que a Angela tenha de deixar o emprego, então, a mamã subsidiará toda a família. Não importa que a Angela possa ter outra opinião, não queira ter filhos... pelo menos, por enquanto... e até goste do seu trabalho no hospital ou preze a sua independência. Aquela mulher é impiedosa.

Ficou surpreendida com a intensidade da sua cólera contra Mrs. Faraday, pela arrogância que demonstrara e pela superioridade que não tentara esconder, e contra si mesma, por revelar as suas emoções de modo tão pouco profissional. A cólera no caso de um crime era natural e podia ser até um louvável estímulo para entrar em acção. Um detective que se tornasse tão insensível e duro que a piedade e a ira já não fizessem parte da sua reacção à angústia e à dor resultantes de um crime faria melhor se procurasse outro modo de vida. A indignação contra um suspeito, contudo, era uma condescendência que podia perverter perigosamente a capacidade de discernimento. Misturada com essa cólera, que tentava dominar, havia ainda uma outra emoção igualmente repreensível. Honesta por natureza, verificou com certa vergonha que era um ressentimento por ter sido posta em causa a classe a que pertencia.

Vira sempre a luta de classes como o recurso dos falhados, inseguros e invejosos. Ela não se incluía no número de tais pessoas. Então, porque sentia tal cólera? Levava anos a despendar energias até lançar o seu passado para trás das costas. O facto de ser filha ilegítima, a aceitação de que jamais viria a saber o nome do pai e a vida que levava naquele degradado bloco de apartamentos dum bairro social da cidade, com a avó rabugenta, o cheiro, o barulho, o desespero que impregnava tudo e todos. No entanto, quando conseguira um emprego que a havia afastado do Edifício Ellison Fairweather mais eficazmente do que qualquer outro, teria deixado nele uma parte de si própria, uma lealdade residual para com os pobres e os carenciados? Alterara o seu estilo de vida, estabelecera outras amizades e até mesmo, gradual e imperceptivelmente, modificara a sua maneira de falar. Tornara-se um membro da classe média, mas, chegada a hora da verdade, não continuava ao lado dos antigos e quase esquecidos vizinhos? Não eram aquelas criaturas como Mrs. Faraday, membros da próspera classe média, cultivada e liberal, que ao fim e ao cabo controlavam as suas vidas? Pensou: Criticam-nos pelas nossas reacções mesquinhas que eles nunca tiveram necessidade de adoptar. Nunca foram obrigados a viver num bloco dum bairro social degradado, com o elevador vandalizado e uma violência insipiente mas constante. Não tiveram de enviar os filhos para escolas em que as salas de aulas são autênticos campos de batalha e em que oitenta por cento dos alunos não sabe falar inglês. Se os filhos deles são delinquentes, levam-nos a um psiquiatra e não a um tribunal de menores. Se precisam de tratamento médico urgente, podem sempre recorrer a consultórios particulares. Não admira que consigam dar-se ao luxo de ser tão liberais.

Ficou sentada em silêncio a observar os dedos longos de AD, que seguravam o volante. O ar dentro do carro devia vibrar com a turbulência dos seus pensamentos.

Não é assim tão simples, Kate comentou Dalgliesh. Não, nada o é nunca, mas para mim, no entanto, é bastante simples, pensou Kate.

Acha que ela disse a verdade perguntou ao afirmar que a relação da nora com o Neville Dupayne ainda se

mantinha? Só temos a sua palavra. Acredita que a Angela lhe mentiu, chefe, quando falou com ela?

Não; creio que foi sincera, pelo menos na maior parte do tempo. Agora, com o Dupayne morto, talvez se tenha convencido de que a relação já havia realmente terminado e que um fim-de-semana passado com ele lhe poria um ponto final. A dor pode pregar partidas estranhas à percepção da verdade por parte das pessoas que atinge. No entanto, no que toca a Mistress Faraday, não importa saber se os amantes andavam ou não a planear esse fim-de-semana. Ela acredita que sim e isso é o bastante para lhe dar um móbil para cometer o homicídio.

E dispunha dos meios e da oportunidade para o cometer acrescentou Kate. Sabia onde estava a gasolina, porque foi ela que a comprou. Sabia que o Neville Dupayne entraria na garagem às seis horas e que, nessa altura, o pessoal do museu já teria ido para casa. Foi ela própria que afirmou tudo isso, não é verdade?

Foi notável a sua franqueza, talvez mesmo surpreendentemente franca comentou Dalgliesh. No que respeita à relação amorosa da nora, todavia, só nos contou o que sabia que acabaríamos por descobrir. Não a vejo a pedir ao seu empregado para mentir. E se na verdade planeou matar o Dupayne, teria o cuidado de fazê-lo quando tivesse a certeza de que o filho não poderia ser incluído no rol dos suspeitos. Verificaremos o álibi do Selwyn Faraday, mas, se a mãe dele nos disse que estava de serviço no hospital, creio que acabaremos por apurar que assim era de facto.

Acha necessário que ele venha a saber da infidelidade da mulher? perguntou Kate.

Não, a menos que a mãe seja acusada de homicídio. E acrescentou: Foi um acto de uma crueldade horripilante.

Kate não respondeu. O chefe não queria dizer decerto que Mrs. Faraday era incapaz de cometer tal crime, mas a verdade é que ele também pertencia à mesma classe social. Sentir-se-ia à vontade naquela casa, na companhia de Mrs. Faraday, por ser um mundo que compreendia bem. Contudo, estava a ser ridícula. Dalgliesh sabia, ainda melhor do que ela, que nunca

se pode prever nem tão-pouco compreender inteiramente o que um ser humano é capaz de fazer. Perante uma tentação irresistível, tudo se desmorona: as sanções morais e legais, a educação privilegiada e até as crenças religiosas. O acto de matar alguém pode surpreender mesmo o próprio assassino. Tinha visto, estampado nos rostos de homens e de mulheres, o assombro pelo que haviam feito. Dalgliesh voltou a falar.

É sempre mais fácil quando o assassino não tem de presenciar a morte da vítima. Os sádicos podem tirar prazer da crueldade, mas os homicidas, na sua maioria, preferem convencer-se a si próprios de que não cometeram o crime ou, então, que não causaram grande sofrimento à vítima, que a morte foi rápida e serena ou até que a vítima desejava morrer.

Só que nada disso se aplica a este caso redarguiu Kate.

Não concordou Dalgliesh. A este caso, não.

O gabinete de James Calder-Hale ficava situado nas traseiras do primeiro andar do museu, entre a Sala do Crime e a galeria dedicada à Indústria e Emprego. Aquando da sua primeira visita, Dalglish havia reparado nas palavras dissuasórias inscritas numa placa de latão, à esquerda da porta: CONSERVADOR. ESTRITAMENTE PRIVADO. Agora, contudo, a sua visita era aguardada. Calder-Hale abriu a porta assim que o comandante bateu.

Dalglish ficou surpreendido com as dimensões do gabinete. O Dupayne sofria menos de falta de espaço do que os museus mais pretensiosos ou célebres, limitado como estava, na sua ambição e objectivo, ao período entre as duas guerras mundiais. Mesmo assim, era surpreendente que Calder-Hale tivesse sido privilegiado com uma divisão consideravelmente mais ampla do que o gabinete do piso térreo.

O conservador havia-se rodeado de comodidades. Uma grande escrivaninha, dotada de uma estrutura vertical com gavetas e pequenas prateleiras, achava-se colocada perpendicularmente à única janela por onde podia ver-se a copa de uma faia alta, agora em todo o esplendor do seu dourado outonal, e, atrás, o telhado da vivenda em que vivia Mrs. Glutton e o arvoredado que bordejava o Heath. A lareira, notoriamente da época vitoriana, mas menos pomposa do que as das galerias, estava equipada com uma estufa de gás, que simulava carvão em brasa. Achava-se acesa e as chamas azuis e encarnadas davam ao gabinete um acolhedor ambiente doméstico, realçado

por dois cadeirões com encostos altos, cada um deles instalado de cada lado da lareira. Por cima, fora pendurado o único quadro existente no gabinete, uma aguarela de uma rua de aldeia que parecia ter sido pintada por Edward Bawden. Estantes feitas por medida cobriam as paredes, salvo por cima da lareira e à esquerda da porta, onde se encontrava um guarda-louça pintado de branco, com uma bancada de vinil sobre a qual se viam um microondas, uma chaleira eléctrica e uma cafeteira. Ao lado do guarda-louça, havia um pequeno frigorífico e, por cima deste, um armário de parede. A direita, uma porta entreaberta permitia vislumbrar o que devia ser a casa de banho. Dalglish, com efeito, pôde ver de relance, num dos cantos, uma armação de vidro para duche e um lavatório. Se o quisesse, pensou, Calder-Hale nunca teria necessidade de sair daquele gabinete.

Havia papéis por todo o lado capas de plástico com recortes de jornais, alguns já amarelecidos pelo tempo; arquivadores nas prateleiras mais baixas; folhas manuscritas empilhadas que transbordavam dos compartimentos da estrutura elevada da escrivaninha; pacotes de textos dactilografados atados com fita adesiva, no chão. Aquela superabundância podia resultar de décadas acumuladas de trabalho administrativo, embora, na sua maioria, as folhas manuscritas parecessem ser recentes. No entanto, o cargo de conservador do Museu Dupayne não podia implicar tão grande volume de papelada. Calder-Hale, presumivelmente, estava empenhado num projecto pessoal que o levava a escrever, ou era um daqueles diletantes que se sentem muito felizes quando se dedicam a um exercício académico que não têm intenção ou que, na verdade, sejam psicologicamente incapazes de completar. Calder-Hale parecia um candidato pouco provável a esta última categoria, se bem que pessoalmente se mostrasse tão misterioso e complexo como algumas das actividades que exercia. E, por muito valiosas que fossem as suas façanhas, era tão suspeito como qualquer outra pessoa mais de perto ligada ao Museu Dupayne. Como os demais, dispunha de meios e de oportunidade para cometer o crime. Se tinha ou não motivos para o fazer, era o que faltava apurar, embora fosse possível que, mais

do que todos os outros, tivesse a necessária crueldade para tanto.

Na cafeteira, havia um resto de café. Calder-Hale indicou-a com a mão.

Querem tomar café? perguntou. Posso obter facilmente uma cafeteira cheia.

Depois de Dalglish e Piers declinarem a proposta, sentou-se na cadeira giratória da escrivaninha e fitou-os.

É melhor sentarem-se nos cadeirões, se bem que não creia que a nossa conversa seja muito prolongada.

Dalglish sentiu-se tentado a dizer que o interrogatório duraria o tempo que fosse necessário. O gabinete achava-se desconfortavelmente quente pela conjunção do aquecimento central e da estufa e Dalglish pediu que Calder-Hale desligasse esta última. Sem se apressar, o conservador levantou-se e fechou a torneira do gás. Foi então que Dalglish se apercebeu de que o homem parecia doente. Aquando do primeiro encontro, corado pela indignação, real ou fingida, Calder-Hale dera-lhe a impressão de um homem vigoroso e de boa saúde. Agora, porém, pôde aperceber-se da sua palidez por baixo dos olhos, da pele flácida que lhe cobria as faces e de um momentâneo tremor das mãos quando fechara a torneira.

Antes de voltar a sentar-se, Calder-Hale encaminhou-se para a janela e deu um puxão à fita a que estava presa a persiana, e que levou esta a descer com estrépito, por pouco não atingindo um vaso com violetas-africanas.

Detesto esta penumbra. O melhor é fechar a persiana.

Em seguida, colocou a planta sobre o tampo da escrivaninha e adiantou, como se considerasse necessário um pedido de desculpa ou uma explicação:

Foi a Tally Glutton que me deu isto, a três de Outubro. Alguém lhe disse que, nesse dia, eu fazia cinquenta e cinco anos. É a planta de que menos gosto, mas mostra uma irritante relutância em morrer.

Instalou-se na cadeira e fê-la rodar, a fim de poder olhar para os dois polícias, o que fez com alguma complacência. Afinal, fisicamente era ele que se encontrava em posição dominante.

A morte do doutor Dupayne está a ser investigada como homicídio esclareceu Dalglish. Um acidente está fora de questão e há indícios que refutam a hipótese de suicídio. Viemos solicitar a sua colaboração. Se sabe ou suspeita de alguma coisa susceptível de nos ajudar, queira dizê-la.

Calder-Hale pegou num lápis e começou a fazer rabiscos na folha de mata-borrão que tinha à sua frente.

Seria útil que nos fornecessem algumas informações. Tudo o que sei, tudo o que cada um de nós sabe, foi o que conseguimos apurar junto uns dos outros. Alguém atirou para cima do Neville a gasolina de uma lata que estava guardada na barraca do jardim, e depois ateou-lhe fogo. Sendo assim, têm a certeza de que não foi um suicídio?

As provas físicas que possuímos são contrárias a tal hipótese.

E quanto às provas psicológicas? Vi o Neville na sexta-feira da semana passada, quando o senhor veio até cá na companhia do Conrad Ackroyd, e pude notar que se encontrava sob grande stresse. Não sei que problemas tinha, para além do excesso de trabalho que podemos considerar como um dado adquirido. E estava a exercer a profissão errada. Se alguém quer ocupar-se da mais intratável de todas as doenças humanas, convém que se certifique, primeiro, de que possui resistência mental para tanto e pode manter o necessário distanciamento. O suicídio é compreensível; o assassinio, não. E ainda mais um assassinio tão hediondo! Tanto quanto sei, ele não tinha inimigos, mas em boa verdade, como podia eu sabê-lo? Conhecia-o mal. Raramente nos encontrávamos. Ele guardava aqui o carro desde a morte do pai e, todas as sextas-feiras, vinha buscá-lo às seis horas, e ia-se embora de imediato. Ocasionalmente, eu ia a sair quando ele chegava. Nunca me disse para onde ia e eu também nunca lho perguntei. Sou conservador deste museu há quatro anos e, durante esse tempo, não creio ter visto o Neville aqui mais do que uma dúzia de vezes.

Porque veio ele ao museu na sexta-feira da outra semana?

Calder-Hale pareceu desinteressar-se dos desenhos que havia traçado no mata-borrão. Naquele momento, tentava equilibrar o lápis no tampo da escrivaninha.

Queria saber a minha opinião acerca do futuro do museu. Como os Dupayne provavelmente lhe contaram, o novo contrato de arrendamento tinha de ser assinado até ao dia quinze deste mês. Pareceu-me que ele tinha algumas dúvidas quanto à hipótese de o museu encerrar. Fiz-lhe notar que era inútil pedir o meu auxílio; não sou fiduciário e não estaria presente na reunião. De qualquer forma, ele já conhecia a minha opinião. Os museus honram o passado numa época que venera a modernidade quase tanto como o dinheiro ou a fama. Não espanta ninguém que os museus passem por tantas dificuldades. Seria uma grande perda se o Dupayne fechasse, mas só para aqueles que dão o devido valor àquilo que ele tem para oferecer. Os Dupayne estão incluídos nesse número? Se não quiserem salvar esta instituição, mais ninguém poderá fazê-lo.

Creio que agora a sua continuidade está garantida opinou Dalglish. Era importante para si que o contrato de arrendamento fosse assinado?

Se não o fosse, isso seria inconveniente para mim e para algumas pessoas que estão interessadas no que faço aqui. Como pode ver, instalei-me confortavelmente nos últimos anos, mas tenho o meu próprio apartamento e uma vida fora destas paredes. Duvido que, chegada a hora da verdade, o Neville se houvesse oposto ao novo arrendamento. Afinal, era um Dupayne, e creio que acabaria por alinhar com os irmãos.

Piers falou pela primeira vez.

Onde estava, Mister Calder-Hale perguntou, em tom inflexível, entre... digamos, as cinco e as sete horas da tarde na sexta-feira?

Quer saber se tenho um álibi? Não estão a esticar o período crucial? A hora que lhes interessa, é decerto, é a das seis da tarde. Muito bem, sejamos meticolosos. As cinco menos um quarto, saí do meu apartamento, em Bedford Square, e fui de moto ao meu dentista em Weymouth Street. Ele tinha de completar o trabalho iniciado na coroa de um dente. Habitualmente, deixo a moto em Marylebone Street, mas não 274

encontrei espaço vago e, por isso, dirigi-me a Cross Keys Close, em Marylebone Lane, e estacionei-a aí. Saí da Weymouth Street por volta das cinco e vinte e cinco, mas creio que a assistente do dentista e a recepcionista poderão confirmar a hora exacta. Descobri que me haviam roubado a moto e, por isso, vim a pé para casa, cortando caminho por ruelas, a norte de Oxford Street e sem me apressar. No entanto, julgo ter chegado ao apartamento por volta das seis. Telefonei então para a esquadra mais próxima, onde decerto terá ficado registada a hora da chamada. Fiquei com a impressão de que pouco ligaram à minha queixa e, até hoje, não entraram em contacto comigo. Com a presente vaga de crimes à mão armada e a ameaça do terrorismo, o furto de uma moto dificilmente será considerado uma prioridade. Vou esperar durante mais dois dias, depois, darei a mota como perdida e reclamarei o seu valor à companhia de seguros. Devem tê-la atirado para alguma vala algures. E uma *Norton*... já não as fabricam... e eu gostava muito dela, mas não da mesma forma obsessiva que o Neville gostava do seu *Jaguar E-type*. Piers anotara as horas.

E não há mais nada que possa dizer-nos? perguntou Dalgliesh.

Não. Lamento não vos ser de maior préstimo, mas, como já disse, eu mal conhecia o Neville.

Ouviu falar do encontro de Mistress Glutton com o condutor misterioso?

O que ouvi a propósito da morte do Neville já é certamente do vosso conhecimento. O Marcus e a Caroline relataram-me a entrevista que tiveram com os senhores na sexta-feira, e falei também com a Tally Glutton. A propósito, devo dizer que ela é uma mulher honesta. Podem fazer fé no que vos narrou.

Quando lhe perguntaram se a descrição feita por Mrs. Glutton lhe fizera lembrar alguém, Calder-Hale respondeu:

Corresponde à descrição dos habituais visitantes do Dupayne. Duvido que ele seja uma personagem importante neste caso. Não me parece que um assassino em fuga, em particular, alguém que acaba de deitar fogo à sua vítima, vá parar

para ver se uma velhota precisa de auxílio. Sobretudo, porque se arriscava a que ela tomasse nota da matrícula do carro.

Já emitimos um anúncio disse Piers. Pode ser que ele apareça.

Eu não acalentaria grandes esperanças. Pode ser uma daquelas pessoas sensíveis que não consideram a inocência como protecção bastante contra as maquinações casuísticas da polícia.

Mister Calder-Hale interveio Dalglish, parece-me possível que saiba por que razão o Neville Dupayne foi morto. Se assim for, pouparia tempo e incómodos, tanto a mim como a si, se o revelasse desde já.

Não sei. Quem me dera sabê-lo. Se o soubesse, di-lo-ia. Posso admitir a ocasional necessidade de cometer um homicídio, mas não neste caso nem pela forma como foi perpetrado. Posso ter as minhas suspeitas, dar-lhes até quatro nomes, por ordem decrescente de probabilidade, mas suponho que possuam a mesma lista e pela mesma ordem.

Parecia não haver de momento mais nada a perguntar ao conservador e Dalglish preparava-se para se levantar quando Calder-Hale acrescentou:

Já falaram com a Marie Strickland?

Oficialmente, ainda não. Tivemos um breve encontro quando visitei o museu, há pouco mais de uma semana. Pelo menos, creio que a pessoa em questão era Mistress Strickland, porque estava a trabalhar na biblioteca.

E uma mulher espantosa. Já fizeram investigações a seu respeito?

Devíamos tê-lo feito?

Perguntava a mim próprio se porventura se haviam interessado em conhecer o seu passado. Durante a guerra, foi uma das agentes femininas que o Serviço de Operações Especiais lançou, de pára-quedas, em França, nas vésperas do dia D. O propósito era o de reconstruir uma rede da resistência na zona ocupada, no Norte, que havia sido desmantelada na sequência de uma alta traição no ano anterior. O grupo dela sofreu idêntica sorte; no seu seio, houve um traidor que, segundo se dizia, era amante da Marie Strickland. Foram, aliás,

os dois únicos membros do grupo que não foram cercados, torturados e mortos.

Como o sabe? perguntou Dalglish.

O meu pai trabalhava com o Maurice Buckmaster no quartel-general do Serviço de Operações Especiais, em Baker Street. Teve a sua quota-parte de responsabilidade no fracasso da missão. Ele e Buckmaster foram avisados, mas recusaram-se a acreditar que as mensagens que recebiam, via rádio, eram emitidas pela Gestapo. Claro que nessa altura eu não era nascido, mas o meu pai contou-me o ocorrido pouco antes de morrer. Nas suas últimas semanas de vida, antes que começasse a receber morfina, quis compensar vinte e cinco anos de falta de comunicação entre nós. A maior parte do que me disse não é segredo para ninguém. De qualquer modo, com a posterior divulgação dos documentos oficiais, tudo veio a cair no domínio público.

Alguma vez falou com Mistress Strickland a propósito desse caso?

Não creio que ela suspeite, sequer, que o conheço. Deve ter-se apercebido de que sou filho do Henry Calder-Hale ou, pelo menos, seu parente, mas isso não era razão para que viesse ter comigo a fim de manter uma conversa sobre o passado, sobretudo daquele passado e tendo eu o apelido que tenho. Apesar de tudo, julguei que estariam interessados em sabê-lo. Sinto-me sempre pouco à vontade quando me encontro com a Marie Strickland, embora não o suficiente para desejar que não estivesse aqui. É que a sua valentia é incompreensível para mim: faz-me sentir inferiorizado. Tomar parte numa batalha é uma coisa, mas arriscar-se à traição, à tortura e a uma morte solitária é outra, totalmente diferente. Quando jovem, deve ter sido uma mulher extraordinária, um misto de delicada beleza britânica e de crueldade. Já fora apanhada numa missão anterior, mas conseguiu escapar ilesa. Creio que os alemães não conseguiam acreditar que ela não era o que parecia. E agora lá fica sentada na biblioteca, horas a fio, uma velhota com artrite nas mãos e de olhos mortiços, a escrever etiquetas com letra elegante, mas que produziriam o mesmo efeito se a Muriel Godby as escrevesse no computador e, depois, as imprimisse.

Ficaram sentados em silêncio. O último comentário irónico de Calder-Hale, pontuado por um certo azedume, parecia tê-lo deixado exausto. O seu olhar estava fixo numa pilha de papéis sobre a escrivaninha, mais com um ar de cansada resignação do que de interesse por eles. Não havia mais nada a sacar daquele homem; chegara o momento de partir.

Enquanto se dirigiam para o automóvel, nenhum deles falou de Mrs. Strickland.

O álibi do Calder-Hale não me parece muito sólido comentou Piers. Estacionar a mota numa rua movimentada! Quem poderá dizer a que horas a deixou lá ou a que horas foi roubada? Ele devia usar capacete, o que é um disfarce perfeito. Se a mota foi abandonada algures, é bem possível que esteja escondida entre o arvoredor de Hampstead Heath.

Temos a hora em que saiu do dentista retorquiu Dalgliesh, e provavelmente apuraremos que é exacta. A recepcionista devia verificar as horas das marcações. Se, como ele diz, saiu do consultório às cinco e vinte e cinco, conseguiria chegar ao museu antes das seis? Talvez, se tivesse sorte com o trânsito e com os semáforos, mas precisaria de mais tempo. Será melhor o Benton-Smith fazer o mesmo trajecto, de preferência com uma *Norton*. Talvez a Garagem Duncan nos possa ajudar.

Vamos precisar de mais do que uma moto. Já estou a imaginar uma corrida de *Nortons*...

Uma bastará. Já andam demasiados malucos à solta nas estradas. O Benton-Smith deve repetir o percurso várias vezes, utilizando itinerários alternativos. O Calder-Hale podia ter ensaiado o trajecto previamente por caminhos diferentes. E o Benton não precisa de fazer loucuras; o Calder-Hale não se arriscaria a passar sinais vermelhos.

Não quer que eu assista à autópsia?

Não. A Kate levará o Benton consigo, para que ele adquira experiência. A causa da morte é óbvia, mas será interessante determinar o estado geral de saúde da vítima e o grau de alcoolemia.

Pensa que ele podia estar embriagado? admirou-se Piers. 278

Não ao ponto de ficar incapaz de conduzir, mas, se andava a tomar bebidas em demasia, isso pode conferir credibilidade à hipótese de um suicídio.

Julguei que havíamos descartado já essa hipótese.

E descartámos. Estou a pensar no que a defesa pode alegar; o júri talvez considerasse razoável esse argumento. A família está ansiosa por que lhe entreguemos o corpo para ser cremado. Segundo parece, conseguiram fazer uma reserva no crematório para quinta-feira.

Foram rápidos comentou Piers. Devem ter feito a reserva pouco tempo depois da morte do Neville. Revela uma certa dose de insensibilidade, como se estivessem com pressa de completar o trabalho já iniciado por outrem. Ao menos, não fizeram a reserva antes que fosse morto...

Dalglish não replicou e foi em silêncio que ambos apertaram os cintos de segurança no interior do *Jaguar*.

Marcus Dupayne havia convocado uma reunião do pessoal do museu para as dez horas de segunda-feira, quatro de Novembro. O bilhete fora redigido tão formalmente como se fosse dirigido a um organismo governamental e não a apenas quatro pessoas.

Embora o museu estivesse encerrado e as suas limpezas de rotina dificilmente fossem necessárias, Tally dirigiu-se ao museu para efectuá-las, como, aliás, o fizera durante o fim-de-semana, uma vez que aquele ritual lhe conferia segurança.

De regresso à vivenda, despiu a bata, lavou-se e, depois de meditar algum tempo, vestiu uma blusa lavada e regressou ao museu, pouco antes das dez. A reunião devia realizar-se na biblioteca e Muriel já ali se encontrava, dispondo sobre a mesa as chávenas para o café. Tally pôde ver que, como de costume, Muriel havia feito biscoitos. Naquela manhã, pareciam de aveia; Muriel devia ter pensado que os biscoitos de chocolate eram demasiado festivos para a ocasião.

Os dois Dupayne foram pontuais e Mr. Calder-Hale chegou poucos minutos depois. Demoraram-se alguns momentos a beber café numa pequena mesa em frente da janela virada para norte, como se pretendessem demarcar qualquer acto de natureza social do assunto grave a abordar; em seguida, dirigiram-se para os respectivos lugares na mesa central.

Pedi-vos que comparecessem aqui por três razões começou Marcus Dupayne. A primeira é para agradecer a si, James, a si, Muriel, e a si, Tally, pelas condolências que nos

apresentaram pela morte do nosso irmão. Numa altura como esta, a dor é absorvida pelo estado de choque e este pelo horror. Teremos tempo... talvez, não o bastante... para chorar a morte do Neville e dar-nos conta da falta que vai fazer, tanto a nós como aos seus doentes. A segunda razão é para vos informar o que eu e a minha irmã decidimos acerca do futuro do Museu Dupayne. A terceira, para vos falar da nossa reacção, no âmbito da investigação policial, àquilo que foi estabelecido... e que temos de aceitar, como sendo um homicídio e, também, de como devemos lidar com a publicidade que o caso despertou, como já era de esperar. Decidi só promover hoje esta reunião, porque me pareceu que, durante o fim-de-semana, todos estaríamos ainda demasiado chocados para raciocinar com clareza.

Assim sendo, presumo que será assinado o novo contrato de arrendamento e que o Museu Dupayne vai continuar? adiantou James Calder-Hale.

O contrato de arrendamento já foi assinado por mim e pela minha irmã disse Marcus. Para o efeito e mediante marcação prévia, deslocámo-nos hoje a Lincoln's Inn, às oito e meia.

Antes de o Neville ter sido cremado? admirou-se Calder-Hale. Será que devia cheirar-me a carne assada, no forno crematório, e não me apercebi disso?

Caroline replicou, em tom frio:

Já haviam sido efectuadas todas as diligências preliminares. Só faltavam as assinaturas de dois dos fiduciários sobreviventes. Teria sido prematuro convocar esta reunião sem, antes, vos podermos garantir que o museu vai continuar aberto.

Não teria sido mais correcto deixar passar mais alguns dias?

Marcus manteve-se impassível.

E para quê, em concreto? Está a deixar-se influenciar pela opinião pública ou há alguma objecção de natureza ética ou teológica que me tenha escapado?

O rosto de James Calder-Hale crispou-se num sorriso irónico, que mais pareceu um esgar, mas ele não respondeu.

O inquérito preliminar será aberto, amanhã de manhã, mas deve ser suspenso para continuar em data anterior. Se o corpo nos for entregue, a cremação terá lugar na quinta-feira. O meu irmão não professava nenhuma religião e, por isso, a cerimónia será laica e privada. Só estarão presentes os parentes mais chegados. Ao que parece, o hospital pretende efectuar mais tarde um serviço religioso na capela, em sua memória, e, como é óbvio, estaremos presentes. Suponho que todos aqueles que quiserem participar nessa homenagem serão bem-vindos. Só tive uma breve conversa, por telefone, com o administrador e nada de concreto está ainda decidido.

Passemos agora ao futuro do museu. Eu serei o administrador-geral. A Caroline continuará a trabalhar a tempo parcial e será a responsável por aquilo que podemos considerar a parte visível do museu: admissão dos visitantes, gestão, financiamento e manutenção. Você, Muriel, também continuará sob as suas ordens. Sei que tem um acordo particular em relação à limpeza do apartamento dela, que também será mantido. Gostaríamos que você, James, continuasse a desempenhar o cargo de conservador, tendo sob sua responsabilidade a aquisição e conservação das peças, a organização de exposições, o relacionamento com os investigadores e o recrutamento de voluntários. Você, Tally, manterá as funções que já desempenha, continuando a habitar na vivenda, respondendo perante a minha irmã pela limpeza geral do museu e ajudando a Muriel na recepção, sempre que necessário. Vou escrever às nossas duas actuais voluntárias, Mistress Faraday e Mistress Strickland, para lhes pedir que, se quiserem, continuem também a efectuar as tarefas de que se têm incumbido. Se o museu vier a expandir-se, como espero que aconteça, talvez tenhamos de admitir mais pessoal e receberemos, de braços abertos, outros voluntários. O James, como até aqui, encarregar-se-á de seleccioná-los. O jardineiro, o Ryan, também pode continuar a exercer as suas funções, se porventura se dignar aparecer.

Tally falou pela primeira vez.

Estou preocupada com o Ryan. Marcus desdramatizou o assunto.

Não creio que a polícia suspeite do Ryan Archer. Mesmo que tivesse inteligência bastante para o fazer, por que motivo iria o rapaz planejar este assassinio?

Não há razões para se inquietar, Tally explicou James com afabilidade. O Dalglish contou-nos o que se passou. O rapaz fugiu porque agrediu o major Arkwright e, provavelmente, julga que o matou. Há-de aparecer quando souber que isso não aconteceu. Seja como for, a polícia anda à procura dele. Não há nada que possamos fazer.

Como é evidente, os agentes pretendem falar com ele. Esperemos que seja discreto no que lhes contar opinou Marcus.

Mas que pode ele dizer-lhes? perguntou Caroline. Seguiu-se um silêncio, quebrado por Marcus.

Talvez seja melhor abordarmos agora a investigação em curso. O que me parece deveras surpreendente é o grau de empenhamento demonstrado pela polícia. Porque foi escolhido o comandante Dalglish? Julguei que a sua brigada havia sido constituída para investigar casos de homicídio particularmente delicados ou difíceis. Não me parece que a morte do Neville preencha esses requisitos.

James inclinou-se na cadeira, arriscando-se a fazê-la tombar.

Posso adiantar um certo número de hipóteses disse ele. O Neville era psiquiatra. Talvez andasse a tratar de alguém suficientemente poderoso, cuja reputação necessite de uma protecção superior à habitual. Não seria agradável, por exemplo, se viesse a saber-se que o ministro das Finanças é um cleptómano, que um bispo é um bígamo assumido ou que um cantor de música *pop* tem grande predilecção por raparigas de tenra idade. Por outro lado, a polícia pode suspeitar de que o museu haja sido utilizado para fins criminosos, como, por exemplo, aceitando artigos roubados, escondendo-os entre as peças expostas ao público, ou organizando uma rede de espionagem ao serviço do terrorismo internacional.

Acho que o sentido de humor é um tanto inoportuno num momento como o que vivemos, James comentou Marcus, franzindo as sobrancelhas. No entanto, pode tratar-se de algo relacionado com a profissão do Neville. Decerto

ficou a conhecer, ao longo da carreira, um grande número de segredos perigosos. O seu trabalho levou-o a entrar em contacto com uma enorme diversidade de pessoas, na sua maioria com perturbações psicológicas. Nada sabemos acerca da sua vida privada. Não sabemos, sequer, para onde ia às sextas-feiras e com quem se encontrava. Não sabemos tão-pouco se veio acompanhado ou se ele se encontrou, aqui, com outra pessoa. Foi ele que mandou fazer as chaves da garagem. Não temos maneira de apurar quantos duplicados havia ou quem tinha acesso a eles. A chave sobresselente que se encontra no armário do gabinete do piso térreo, provavelmente, não é a única existente.

A inspectora Miskin fez-me uma pergunta a esse respeito adiantou Muriel, quando ela e o sargento foram ter comigo e com a Tally na sexta-feira, depois de o comandante Dalglish se ir embora. Pôs a hipótese de alguém haver tirado a chave da garagem, substituindo-a por outra, do mesmo tipo, *Yale*, antes de voltar a pôr a autêntica no sítio habitual. Fiz notar que não me aperceberia da diferença, se alguém houvesse feito tal coisa. Uma chave *Yale* parece igual a qualquer outra do mesmo tipo, a menos que a examinemos com toda a atenção.

E há o condutor misterioso interveio Caroline. Parece óbvio que, até ao momento, é o principal suspeito. Resta esperar que a polícia consiga descobrir quem é.

James estava a fazer um rabisco de notável complexidade. Sem parar, acrescentou:

Se não o conseguir, vai ser difícil atribuir o crime a outra pessoa. Deve haver alguém a rezar para que ele continue a monte, em mais do que um sentido.

Muriel decidiu intervir.

E aquelas estranhas palavras que disse à Tally... *Parece que alguém ateou uma fogueira*. Foram exactamente as mesmas palavras que o Rouse pronunciou. Não estaremos perante um daqueles homicídios cometidos exactamente da mesma forma que outro, anterior?

Marcus voltou a franzir o sobrolho.

284 Não me parece que devamos dar largas à fantasia. O mais provável é que não passe de uma simples coincidência. Não obstante, o tal condutor deve ser encontrado; até lá, a nossa obrigação é a de prestar a maior ajuda possível à polícia. Não me refiro a fornecer informações que não nos sejam pedidas. E extremamente imprudente fazer especulações, seja entre nós, seja com outrem. Proponho que nenhum de nós preste declarações à imprensa nem responda aos telefonemas dos jornalistas. Se um jornalista se mostrar demasiado insistente, remetam-no para o Departamento de Relações Públicas da Polícia Metropolitana ou para o comandante Dalglish. Devem ter-se apercebido de que foi colocada uma barreira na estrada de acesso ao museu. Deram-me chaves suficientes para todos vós. Como é evidente, só precisarão delas aqueles que se sirvam de um automóvel. Por exemplo, a Tally pode muito bem contornar a barreira com a sua bicicleta ou fazê-la passar por baixo dela. O museu estará encerrado durante toda esta semana, mas espero poder reabri-lo ao público na próxima segunda-feira. Há, contudo, uma excepção. O Conrad Ackroyd convidou um pequeno grupo de académicos canadianos, que devem chegar na quarta-feira, e vou dizer-lhe que abriremos o museu, excepcionalmente, para que eles possam visitá-lo. É de esperar que o homicídio provoque a afluência de visitantes adicionais, facto que, de início, pode provocar algumas dificuldades. Vou passar tanto tempo quanto me for possível no museu e espero encarregar-me pessoalmente de acompanhar os grupos de visitantes. No entanto, não poderei estar aqui na quarta-feira, porque tenho uma reunião com o banco nesse dia. Alguém tem mais alguma pergunta a fazer?

Olhou à sua volta, mas, a princípio, ninguém quis falar. Depois, Muriel declarou:

Creio falar por todos para exprimir a nossa satisfação pelo facto de o Museu Dupayne continuar aberto. O senhor e Miss Caroline podem contar com todo o nosso apoio para que a vossa decisão nesse sentido tenha o maior êxito.

Não se ouviu qualquer murmúrio de apoio. Se calhar, pensou Tally, Mr. Calder-Hale partilhava da sua opinião de que tanto as palavras de Muriel como a ocasião escolhida para as proferir não eram as mais apropriadas.

285 Foi então que o telefone tocou. Haviám ligado todas as extensões para a biblioteca e Muriel apressou-se a atender a chamada. Ouviu o que lhe diziam, voltou-se e informou:

E o comandante Dalglish. Pretende identificar um dos visitantes do museu e conta com a minha ajuda.

Então, será melhor continuar a conversa telefónica no gabinete da recepção interveio secamente Caroline Dupayne, porque eu e o meu irmão precisamos de ficar aqui durante mais algum tempo.

Muriel tirou a mão do bocal e proferiu:

Não desligue, comandante. Vou atender a chamada lá em baixo, no gabinete da recepção.

Tally seguiu-a, escada abaixo, e saiu pela porta da frente. No gabinete da recepção, Muriel levantou o auscultador.

Quando fui aí com Mister Ackroyd, na sexta-feira da outra semana retomou Dalglish, vi um jovem na galeria de quadros. Estava interessado no Nash. Encontrava-se sozinho, tinha rosto magro, usava calças de ganga já bastante gastas nos joelhos, um anoraque grosso, um gorro de lã enterrado até às orelhas e uns sapatos de ténis azuis e brancos. Disse-me que já havia visitado o museu anteriormente. Gostava de saber se, por acaso, se recorda dele.

Sim, creio lembrar-me. Não se enquadra no tipo habitual de visitantes e, por isso, chamou-me a atenção. Da primeira vez que cá estive, não veio sozinho, mas sim acompanhado por uma jovem. Ela trazia consigo um bebé numa daquelas mochilas para transportar bebés. Sabe o que é? O bebé fica encostado ao peito da mãe, com as pernas pendentes. Recordo-me de ter pensado que parecia um macaquinho agarrado à mãe. Não se demoraram muito tempo. Creio que só visitaram a galeria de quadros.

E foram acompanhados por alguém?

Não me pareceu necessário. Lembro-me de que a rapariga trazia um saco de algodão decorado com flores e apertado com um cordão. Penso que seria para guardar fraldas e o biberão do bebé. Aliás, deixou-o no vestiário. Não me pareceu que pudessem roubar qualquer peça e, como Mistress Strickland estava a trabalhar na biblioteca, também não podiam deitar a mão a nenhum livro.

Tem algum motivo para pensar que eles pretendiam roubar um livro?

Não, mas muitos dos volumes são primeiras edições valiosas. Todo o cuidado é pouco, mas, como já disse, Mistress Strickland encontrava-se na biblioteca. E a voluntária que se encarrega de escrever as etiquetas. Talvez ela possa recordar-se se eles entraram na biblioteca.

Tem uma memória espantosa, Miss Godby.

Bom, como já referi, comandante, aqueles jovens não pertenciam ao tipo habitual de visitantes que recebemos.

E que é?

Na sua maioria, tendem a ser pessoas de meia-idade. Alguns são muito mais velhos. Suponho que sejam os únicos que se recordam dos anos entre as duas guerras. Há também os investigadores, os escritores e os historiadores. Os visitantes de Mister Calder-Hale são, em regra, estudantes aplicados. Segundo creio, ele mostra-lhes o museu mediante prévia marcação, depois das horas normais de funcionamento. Como é natural, esses não assinam o livro de registo.

Por acaso, não tomou nota do nome do tal jovem? Ele não assinou o livro?

Não. Só é assinado pelos que pertencem aos Amigos do Museu Dupayne, que não pagam entrada. Então, alterou o tom de voz e afirmou com súbita satisfação: Acabo de lembrar-me de uma coisa que é capaz de ajudá-lo, comandante. Há três meses... posso fornecer-lhe a data exacta, se for necessário... planeámos efectuar uma conferência com diapositivos acerca da pintura e da execução de gravuras nos anos vinte; teria lugar na galeria de quadros e seria dirigida por um distinto amigo de Mister Ackroyd. Cada inscrição custava dez libras e esperávamos que fosse a primeira de uma série de iniciativas idênticas. O programa ainda não estava pronto; alguns dos conferencistas que deviam participar no evento haviam prometido colaborar connosco, mas tive problemas em marcar as datas convenientes. Preparei um livro para registar os nomes e moradas dos visitantes que estivessem interessados em assistir a essa conferência.

E o rapaz deu-lhe o seu nome e morada?

Foi a mulher dele que o fez, quando vieram juntos da primeira vez. Presumo que seja a mulher do rapaz, porque notei que usava aliança. O visitante que saíra antes deles tinha assinado o livro e, por isso, pareceu-me natural convidar o casal a fazer o mesmo. Teria sido desagradável, se não o fizesse. Foi ela que escreveu o nome e a morada no livro. Quando se afastaram do balcão em direcção à porta, vi-o a falar com ela. Deu-me a impressão de que estava irritado e lhe disse que não devia ter feito tal coisa. Claro que nenhum deles apareceu na conferência, o que não me espantou, dado que, como disse, o preço da inscrição era de dez libras.

Pode consultar o livro e ver o que a tal jovem escreveu? Eu fico à espera.

Seguiu-se um silêncio e, menos de um minuto depois, Muriel voltou a falar.

Creio que encontrei o jovem que procura. A rapariga registou ambos como marido e mulher. Mister David Wilkins e Mistress Michelle Wilkins. Quinze A, Goldthorpe Road, Ladbroke Grove.

Quando Muriel regressou depois da conversa telefónica que tivera com o comandante Dalglish, Marcus deu a reunião por concluída. Faltavam quinze minutos para as onze.

O telefone de Tally tocou, mal ela entrou na vivenda. Era Jennifer.

Es tu, mãe? perguntou. Não posso demorar muito tempo. Estou a telefonar do emprego. Tentei falar contigo mais cedo, esta manhã. Estás bem?

Estou muito bem, obrigada, Jennifer. Não te preocupes comigo.

Tens a certeza de que não queres vir passar uns tempos connosco? De que estás em segurança nessa vivenda? O Roger podia ir buscar-te.

Agora que a notícia do crime andava nos jornais, pensou Tally, os colegas de Jennifer deviam ter começado a falar. Talvez tivessem insinuado que ela devia ir buscar a mãe, para a afastar das garras do ainda desconhecido assassino e a levar consigo para a sua casa de Basingstoke. Tally sentiu um espasmo de culpa. Talvez estivesse a fazer um juízo errado; talvez Jennifer tivesse ficado realmente preocupada, até porque lhe havia telefonado todos os dias mal soubera do ocorrido. Fosse como fosse, tinha de evitar que Roger se deslocasse a sua casa. Para tanto, serviu-se do único argumento que sabia capaz de convencer a filha.

Por favor, não te inquietes, minha querida. Garanto que não há razões para isso. Não quero sair da vivenda, o que

poderia levar os Dupayne a admitir alguém para me substituir, nem que fosse temporariamente. Tenho ferrolhos nas portas e em todas as janelas e sinto-me perfeitamente segura. Se começar a sentir-me nervosa, ligo-te imediatamente, mas estou certa de que isso não irá acontecer.

Quase pôde sentir a sensação de alívio de Jennifer no tom da sua voz.

Mas o que está a passar-se? perguntou ela. O que anda a fazer a polícia? Tens sido incomodada pelos polícias ou pela imprensa?

Os polícias têm sido muito corteses para comigo. Como é óbvio, já todos fomos submetidos a interrogatórios e creio que voltaremos a sê-lo.

Mas, com certeza, eles não pensam que...

Não atalhou Tally. Tenho a certeza de que não suspeitam de nenhuma das pessoas que trabalham no museu. No entanto, querem saber o mais possível acerca do doutor Neville. Os jornalistas não nos incomodaram. Este número de telefone não vem na lista e colocaram uma barreira para impedir que os carros entrem na propriedade. Os polícias têm sido muito eficazes no que respeita a tudo isso e também a conferências de imprensa. O museu encontra-se encerrado, por ora, mas esperamos poder abri-lo ao público de novo, na próxima semana. O funeral do doutor Neville está marcado para quinta-feira.

E, segundo penso, vais estar presente, não é assim, mãe?

Tally perguntou a si própria se a filha ia dar-lhe conselhos quanto à roupa que devia vestir.

Não, não vou, porque vai ser uma cremação muito simples a que só assistirão os parentes mais chegados.

Sendo assim e se, na verdade, te sentes bem...

Muito bem, obrigada, Jennifer. Foi muito gentil da tua parte teres telefonado. Dá beijos meus ao Roger e às crianças.

Desligou com tal prontidão que Jennifer devia ter ficado a pensar que a mãe fora pouco delicada. Logo a seguir, o telefone voltou a tocar. Ao pegar no auscultador, ouviu a voz de Ryan. Falava baixinho, enquanto, em fundo, se ouvia uma confusão de outros sons.

I

Mistress Tally, daqui é o Ryan.

Tally soltou um suspiro de alívio e transferiu o auscultador para o ouvido esquerdo, dado ser aquele por que ouvia melhor.

Oh, Ryan, fico contente por teres telefonado. Estamos todos preocupados a teu respeito. Estás bem? Onde estás?

Na estação de metro de Oxford Circus. Mistress Tally, não tenho dinheiro. Pode telefonar-me?

Parecia desesperado. Procurando manter a voz muito calma, Tally replicou:

Claro que sim. Dá-me o número. E fala mais alto, Ryan, porque quase não consigo ouvir-te.

Ainda bem, pensou, que tinha sempre à mão um bloco e uma caneta. Tomou nota dos algarismos e obrigou-o a repeti-los.

Fica onde estás ordenou, por fim. Vou ligar imediatamente.

O rapaz pousou o auscultador no gancho e, quando ela lhe ligou, atendeu e perguntou de imediato:

Eu matei-o, não é verdade? O major. Está morto, não está?

Não, não está morto, Ryan. Não ficou ferido com gravidade e não vai apresentar queixa. No entanto, como é óbvio, a polícia quer interrogar-te. Sabes que o doutor Neville foi assassinado?

Vem nos jornais. Vão pensar que fui eu. Parecia mais aborrecido do que preocupado.

Claro que não, Ryan. Tenta ser sensato e raciocinar como deve ser. O pior que podes fazer é fugir. Onde tens dormido?

Encontrei uma casa com as janelas e a porta entaipadas, perto de King's Cross, mas que tem uma cave na parte da frente. Tenho andado a vaguear desde que amanheceu. Não quero voltar para aquele esconderijo porque sei que a polícia iria procurar-me lá. Tem a certeza de que o major está bem? Não está a mentir-me, pois não, Mistress Tally?

Não, não estou a mentir, Ryan. Se o tivesses morto, a notícia viria nos jornais. Agora, o que é preciso é que voltes para casa. Tens dinheiro?

Não, e não posso servir-me do telemóvel porque está descarregado.

Eu vou aí buscar-te.

Esforçou-se por pensar rapidamente. Encontrá-lo em Oxford Circus não ia ser fácil e, além disso, levar-lhe-ia muito tempo a lá chegar. A polícia andava no encalço do rapaz e podia apanhá-lo a qualquer momento. Parecia-lhe importante encontrar-se com Ryan antes que tal acontecesse. Por isso, acrescentou:

Ouve, Ryan. Há uma igreja, a Igreja de Todos-os-Santos, em Margaret Street. E perto de Oxford Circus. Sobe por Great Portland Street em direcção à BBC; Margaret Street fica à direita. Senta-te calmamente e permanece na igreja até eu chegar. Ninguém irá incomodar-te lá, nem interferir contigo. Se alguém te dirigir a palavra, é por pensar que precisas de ajuda. Nesse caso, diz que estás à espera de uma pessoa amiga. Também podes ajoelhar-te. Se o fizeres, ninguém irá interpelar-te.

Como se estivesse a rezar? Deus vai fulminar-me com um raio!

Claro que Ele não fará tal coisa, Ryan. Ele não é assim!

Faz, sim, senhora! O Terry, o último amante da minha mãe, contou-me que vem na Bíblia.

Quero dizer que Ele não faz tal coisa, agora.

Oh, céus!, pensou. Dei-lhe a impressão de que Deus aprendeu a controlar-se melhor! Como é que fomos envolver-nos nesta ridícula discussão teológica?

Vai correr tudo bem acrescentou com firmeza. Vai para a igreja, como já disse. Aparecerei lá, tão depressa quanto me seja possível. Lembras-te das indicações que te dei?

Pôde detectar um certo mau humor na voz do rapaz, quando este recitou:

Subo em direcção à BBC e Margaret Street fica à direita.

Muito bem. Vou já sair.

Pousou o auscultador. A deslocação ia sair-lhe cara e talvez levasse mais tempo do que desejava. Não estava habituada a chamar táxis pelo telefone e teve de consultar a lista. Acentuou

292 que se tratava de um caso urgente, e a rapariga que a atendeu garantiu-lhe que ia fazer o possível para que o táxi fosse buscá-la no quarto de hora seguinte, espaço de tempo superior ao que Tally esperava. Havia terminado já o seu serviço matinal no museu; no entanto, perguntou a si própria se devia lá voltar para prevenir Muriel de que ia ausentar-se durante cerca de uma hora. Mr. Marcus e Miss Caroline ainda se encontravam no museu e um deles podia precisar dela e perguntar onde estava. Depois de reflectir durante alguns minutos, sentou-se à secretária e escreveu um bilhete: *Muriel, tive de ir ao West End. Vou estar ausente durante uma hora, mais ou menos, mas regressarei antes da uma da tarde. Pensei que devia avisá-la para o caso de querer saber porque saí. Está tudo bem. Tally.*

Decidiu-se a deixar o bilhete na porta do museu antes de partir. Muriel ia achar que era uma estranha forma de comunicar com ela, mas Tally não podia arriscar-se a perguntas. E que fazer em relação à polícia? Devia avisá-la de imediato, para que fizesse cessar as buscas? Esse acto, porém,

seria visto por Ryan como uma traição, se a polícia chegasse à igreja antes dela. Isso não aconteceria, contudo, se não dissesse onde podiam encontrá-lo. Vestiu o casaco, pôs o chapéu na cabeça, verificou que tinha dinheiro suficiente na mala de mão para ir a Margaret Street e voltar e, em seguida, marcou o número que lhe fora dado pela inspectora Miskin. Foi uma voz masculina que atendeu.

Daqui fala Tally Glutton. O Ryan Archer acaba de telefonar-me. Encontra-se bem e vou ter com ele a fim de o trazer para aqui.

Pousou o auscultador logo de seguida. O telefone tocou antes de ela alcançar a porta, mas não atendeu a chamada; saiu à pressa e fechou à chave a porta da vivenda. Depois de meter o bilhete na caixa do correio do museu, desceu o caminho de entrada para esperar pelo táxi do lado de lá da barreira. Os minutos pareceram-lhe intermináveis e não conseguiu resistir a consultar continuamente o relógio de pulso. Passaram-se quase vinte minutos antes que o táxi aparecesse.

Para a Igreja de Todos-os-Santos, em Margaret Street, por favor, e o mais rapidamente que lhe for possível pediu assim que entrou no carro. O motorista, já de idade avançada, não respondeu. Talvez estivesse farto de passageiros que o exortassem a conduzir de pressa, quando tal era impossível.

Os semáforos não jogaram a seu favor e, em Hampstead, i incorporaram-se numa longa fila de carrinhas e de táxis que seguia lentamente para sul, em direcção ao West End. Tally ia sentada muito direita, agarrada à mala, procurando manter-se calma e paciente, uma vez que de nada lhe servia enervar-se. O motorista fazia o melhor que podia.

Quando chegaram a Marylebone Road, Tally inclinou-se para a frente e disse:

Como a rua só tem um sentido, talvez lhe seja difícil chegar à igreja. Pode deixar-me ao fundo de Margaret Street.

Posso levá-la até à igreja, não se preocupe foi a resposta que obteve.

Cinco minutos mais tarde, o homem cumpria a promessa.

Vou só buscar alguém que se encontra no interior da igreja. Pode esperar um momento, por favor, ou quer que lhe pague já?

Não há problema respondeu o motorista. Eu espero.

Tally ficara horrorizada com o montante que marcava o taxímetro. Se o regresso custasse o mesmo preço, teria de ir ao banco no dia seguinte.

Atravessou o pequeno pátio, pouco convidativo, e empurrou a porta. Fora àquela igreja pela primeira vez no ano anterior, quando Jennifer lhe oferecera um cheque-livro pelo Natal e ela havia comprado *As Mil Melhores Igrejas de Inglaterra*, da autoria de Simon Jenkins. Decidira então visitar todas as igrejas de Londres que vinham mencionadas no livro, mas, por causa da distância a que vivia, esse projecto levava algum tempo a concretizar-se; no entanto, a busca abrira-lhe os olhos para uma nova perspectiva da vida londrina, bem como para uma herança arquitectura e histórica que até então nunca conhecera.. 294

Mesmo sob o efeito daquela ansiedade concentrada, com o taxímetro a contar inexoravelmente e a possibilidade de que Ryan não houvesse esperado por ela, o interior do templo, gloriosamente ornamentado, impôs-lhe um momento de quietude deslumbrada. Do chão até ao tecto nenhum ponto havia sido deixado sem decoração. As paredes brilhavam com mosaicos e murais, e o enorme retábulo, com a sua fileira de pinturas de santos, atraía o olhar para a magnificência do altar-mor. Aquando da primeira visita, a sua reacção a tanto artifício ornamental fora estranha, mais de espanto do que de veneração. Só numa segunda visita se sentira como se estivesse em casa. Costumava ver a igreja durante a celebração da missa solene, com os padres envergando os seus paramentos, a mover-se cerimoniosamente em frente do altar-mor, e os cânticos do coro a elevar-se para o céu, de mistura com as volutas acres do incenso. Naquele momento, quando a porta se fechou, rangendo, atrás de si, o ambiente tranquilo e silencioso e as filas de bancos vazios impuseram-se-lhe como um mistério mais subtil. Algures, devia haver um guarda, pensou Tally, mas não vislumbrou nenhum. Duas freiras estavam sentadas na fila da frente perante a imagem da Virgem e algumas velas ardiam ininterruptamente, sem sequer bruxulear quando ela fechou a porta.

Viu Ryan quase de imediato. Estava sentado numa das filas de trás e, mal a descortinou, levantou-se e foi ao seu encontro. O coração de Tally palpitou de alívio.

Tenho um táxi à espera. Vamos directos para casa.

Mas tenho fome, Mistress Tally, e sinto-me prestes a desmaiar. Não podemos ir comer um hambúrguer?

O tom de voz do rapaz tornara-se infantil, fazendo lembrar o queixume de um garoto.

Deus do céu, aqueles repugnantes hambúrgueres!, pensou Tally. De vez em quando, ele levava alguns para o almoço e aquecia-os no forno. O forte cheiro a cebola levava tempo a desvanecer-se. No entanto, Ryan parecia efectivamente debilitado e a omeleta que Tally pensava preparar para ele provavelmente não era a comida de que necessitava.

A perspectiva de uma refeição rápida reanimou Ryan de imediato. Ao abrir a porta do táxi para que ela entrasse, disse ao motorista com petulante determinação:

Para a casa de hambúrgueres mais próxima, camarada, e depressa!

Passados alguns minutos, chegaram ao lugar pretendido e Tally pagou a corrida, dando ao motorista uma libra de gorjeta. No interior do restaurante, entregou a Ryan uma nota de cinco libras para que ele ocupasse o seu lugar na fila e comprasse o que quisesse, além de um café para ela. Ryan regressou com um hambúrguer duplo com queijo e um grande batido de leite, para, depois, ir buscar o café. Instalaram-se numa mesa, tão longe da janela quanto possível. O rapaz pegou no hambúrguer e começou a comê-lo vorazmente, com grandes dentadas.

Sentiste-te bem na igreja? Gostaste? perguntou Tally.

Não foi mau de todo respondeu Ryan com um encolher de ombros. A igreja é um bocado esquisita. Tem uns paus aromáticos iguais aos que havia na casa ocupada em que fiquei.

Referes-te ao incenso?

Uma das raparigas da casa, a Mamie, costumava acender esses paus. Ficávamos sentados no escuro e ela comunicava com os mortos.

Não pode ser, Ryan. Não podemos falar com os mortos.

Bom, ela podia. Falou com o meu pai. Disse-me coisas que não poderia saber se não tivesse falado com o meu pai.

Mas ela vivia contigo na tal casa, Ryan. Deve ter sabido coisas a teu respeito e a respeito da tua família. E, quanto ao resto que te contou, talvez tenha adivinhado por mero acaso.

Não insistiu o rapaz. Ela falou com o meu pai. Posso ir comprar outro batido de leite?

Não tiveram problemas em chamar um táxi para a viagem de regresso. Só então Ryan fez perguntas a propósito do assassinio. Tally narrou-lhe os factos tão resumidamente quanto pôde, não insistindo no horror da descoberta do corpo e não entrando em pormenores.

Há uma equipa da Scotland Yard a proceder às investigações referiu, composta pelo comandante Dalglish e três assistentes. Querem falar contigo, Ryan. Como é óbvio, debes responder honestamente às perguntas que fizerem. Todos nós queremos que este terrível mistério seja esclarecido.

E o major? Disse-me que ele está bem, não é assim?

Sim. A ferida na cabeça sangrou bastante mas não é grave. No entanto, podia ter sido. Por que razão perdeste as estribeiras daquela maneira, Ryan?

Ele provocou-me, não foi?

Ryan voltou a cabeça para olhar fixamente pela janela do táxi e Tally julgou ser prudente não dizer mais nada acerca do caso. Surpreendeu-a o facto de Ryan demonstrar tão pouca curiosidade acerca da morte do Dr. Neville, embora as notícias nos jornais até então houvessem sido curtas e ambíguas. Provavelmente, estava por de mais preocupado com a sua agressão ao major para dar importância ao assassinio do Dr. Neville.

Pagou a corrida e, se bem que horrorizada pelo custo total da deslocação, voltou a dar uma libra de gorjeta ao motorista, que pareceu ficar satisfeito com tal gratificação. Depois, ela e Ryan passaram por baixo da barreira e encaminharam-se para a vivenda, em silêncio.

O inspector Tarrant e o sargento Benton-Smith iam a sair do museu.

Sempre conseguiu encontrar o Ryan, Mistress Glutton comentou o inspector. Ótimo. Temos algumas perguntas para te fazer, rapaz. Eu e o sargento vamos para a esquadra e, por isso, é melhor vires connosco. Não vai ser coisa demorada.

Não podem falar com o Ryan na vivenda? interveio rapidamente Tally. Posso deixá-los a sós na sala de estar.

Como aliciante, esteve prestes a cometer a loucura de lhes oferecer café.

Ryan deixou de olhar para ela e fitou o inspector.

Vão prender-me?

Não, vamos levar-te à esquadra para termos uma conversa. Há coisas que têm de ser esclarecidas. Podes chamar-lhe auxiliar a polícia nas suas investigações.

Ryan resolveu levar a situação para a brincadeira.

Ah, sim? Sei o que isso quer dizer. Quero a presença de um advogado.

A voz do inspector de súbito tornou-se áspera.

Ouve lá, não és menor, pois não?

Tally disse para consigo que, para a polícia, lidar com delinquentes juvenis era sempre difícil e obrigava a perder muito tempo. Sem dúvida, não era uma perspectiva do agrado do inspector.

Não, tenho quase dezoito anos.

Que alívio! Claro que podes chamar um advogado, se quiseres. Temos alguns que estão sempre ao dispor. Ou, então, podes falar a um amigo.

Bom, nesse caso, vou telefonar ao major.

Aquele tipo que te perdoou? Está bem, podes telefonar-lhe da esquadra.

Ryan partiu com os polícias sem recalcitrar, antes exibindo um certo ar fanfarrão. Tally desconfiava que o rapaz estava preparado para gozar aquele momento de notoriedade. Podia compreender a razão que levava os polícias a não quererem interrogá-lo na vivenda. Mesmo que ela os deixasse a sós, estaria demasiado perto para que eles pudessem fazer o seu trabalho à vontade. Além do mais, ela também estava envolvida naquele enigma, possivelmente até como suspeita. O que eles queriam era falar com Ryan em total privacidade. Com um aperto no coração, não teve dúvidas de que iam conseguir extrair dele tudo quanto pretendiam.

Kate não ficou surpreendida por Dalgliesh ir com ela interrogar David Wilkins. Afinal, era necessário, uma vez que só AD podia identificá-lo. Wilkins estivera no museu na semana anterior ao assassinio de Dupayne e admitira ter razões de queixa contra a instituição. Embora fosse um suspeito pouco provável, tinha de ser interrogado e nunca ninguém sabia em que parte de uma investigação AD podia decidir intervir em pessoa. Ou não fosse ele sobretudo um poeta, literariamente interessado em conhecer a tessitura das vidas dos outros. A poesia do chefe era um mistério para ela. O homem que escrevera *Um Caso para Responder e Outros Poemas* não tinha qualquer ponto de contacto com o detective graduado, sob cujas ordens cumpria o seu serviço com apaixonado empenho. Podia reconhecer alguns dos seus estados de espírito, receava as suas ocasionais críticas, ainda que sempre brandas, e sentia-se feliz por saber que ele a considerava um membro valioso da sua equipa... mas não o conhecia. Há muito aprendera a disciplinar, primeiro, e, por fim, a pôr de parte qualquer esperança de obter o seu amor. Suspeitava de que, agora, outra mulher conseguira esse feito. Ela, Kate, sempre acreditara que devia limitar as suas ambições ao que lhe era acessível. Disse para consigo própria que, se AD fosse afortunado no amor, se mostraria contente por ele, mas, mesmo assim, admirava-se e sentia-se até perturbada pelo intenso ressentimento que experimentava em relação a Emma Lavenham. Aquela mulher não era capaz de se dar conta do que estava a fazer a AD?

Caminharam, em silêncio, durante os últimos oitenta metros, debaixo duma chuva fina. Goldthorpe Road era constituída por uma fileira de casas com paredes de estuque, dos finais da época vitoriana, que se prolongava para lá do extremo norte de Ladbroke Grove. Não restavam dúvidas de que aqueles sólidos monumentos às aspirações domésticas do século XIX um dia seriam adquiridos, remodelados e convertidos em blocos de apartamentos caros e fora do alcance de dois profissionais assalariados, salvo se tivessem boas perspectivas de futuro. Por enquanto, porém, décadas e décadas de negligência haviam mergulhado todas aquelas casas em total decrepitude. Nas paredes gretadas haviam-se acumulado anos da poluição e do lixo de Londres, o estuque dos pórticos caíra aos pedaços, deixando à vista os tijolos por baixo, e a pintura das portas de entrada estalara e estava a escamar-se. Não era necessário atentar nos numerosos botões de campainha para compreender que naquela rua morava muita gente, mas, apesar disso, apresentava um ambiente estranhamente silencioso e calmo, quase sinistro, como se os habitantes, conscientes de uma qualquer contaminação iminente, se tivessem escapulado a coberto da noite.

O apartamento de Wilkins, no número quinze A, ficava na cave. Cortinas frágeis, descaídas a meio, tapavam a única janela. O trinco estava partido e o portão de ferro só se achava fechado graças a um cabide de arame que alguém torcera para fazer uma espécie de laço. Dalglish levantou-o, e ele e Kate desceram os degraus de pedra que conduziam à cave. Alguém se esforçara para a manter limpa, mas, mesmo assim, havia um húmido amontoado de lixo que fora impelido pelo vento para um canto e de que sobressaíam maços de cigarros, folhas de jornais, sacos castanhos amarfanhados e um lenço com aspecto repugnante. A porta ficava à esquerda, numa zona em que o pavimento se arqueava e tornava a entrada invisível da rua. O número quinze A achava-se toscamente pintado a branco na parede, e Kate pôde verificar que havia duas fechaduras: uma Yale e por baixo outra, de segurança. Ao lado da porta fora colocado um vaso de plástico verde, com um gerânio. A haste da planta apresentava-se lenhosa, as poucas folhas

300 secas e acastanhadas e a única flor cor-de-rosa, de caule frágil, era tão pequena como um malmequer. Kate perguntou a si própria como pudera alguém esperar que a planta florisse sem apanhar sol.

A sua chegada não passara despercebida. Olhando para a direita, Kate viu uma das pontas da cortina ondular. Premiu o botão da campainha e esperaram. Desviando os olhos para Dalglish, Kate reparou que ele observava o gradeamento metálico, acima das suas cabeças, com rosto inexpressivo. O candeeiro da rua, brilhando por entre a chuva fina, deixava ver o contorno marcado do seu queixo e algumas zonas do rosto. Oh, meu Deus... Parece mortalmente cansado, pensou.

Não obtendo resposta, voltou a tocar passado um minuto. Desta vez, a porta foi aberta com toda a cautela. Por cima da corrente de segurança, um par de olhos amedrontados fixaram-se nos dela.

Mister David Wilkins está em casa? perguntou Kate. Somos da polícia e queremos falar com ele.

Tentara não se mostrar ameaçadora, embora se desse conta de que esse esforço era inútil. Uma visita da polícia raramente traz uma boa notícia e, naquela rua, seria provavelmente presságio de catástrofe.

A corrente mantinha-se no seu lugar. A voz de uma rapariga fez-se ouvir:

É por causa da renda? O Davie está a tratar disso. Não se encontra aqui neste momento. Foi à farmácia para ir buscar os seus medicamentos.

Não tem nada a ver com a renda explicou Kate. Estamos a investigar um caso e pensamos que Mister Wilkins pode prestar-nos algumas informações úteis.

Aquelas palavras não eram muito mais tranquilizadoras. Toda a gente sabia o que significava ajudar a polícia numa investigação. A frincha da porta alargou-se até ao limite permitido pela corrente.

Dalgliesh voltou-se e perguntou:

Estou a falar com Mistress Michelle Wilkins? A rapariga acenou afirmativamente e ele acrescentou: Não vamos fazer perder muito tempo ao seu marido. Nem sequer 301

sabemos se ele pode ajudar-nos, mas o nosso dever é tentar obter o seu auxílio. Se ele não vai demorar-se, talvez pudéssemos esperar.

Claro que podiam esperar, pensou Kate. Podiam esperar, dentro ou fora de casa, mas porquê toda aquela hesitação?

Foi então que a rapariga retirou a corrente. Puderam ver uma jovem magra e que parecia ter pouco mais do que dezasseis anos. O cabelo castanho-claro caía-lhe, em madeixas, de cada lado dum rosto fino e os seus olhos ansiosos fixaram-se por um instante em Kate, com uma expressão de súplica. Estava vestida com as ubíquas calças de ganga, sapatos de ténis sujos e uma camisola de homem. Em silêncio, seguiram atrás dela, através de um corredor estreito, comprimindo-se para não derrubar um carrinho de bebé desdobrável. À sua frente, a porta da casa de banho estava aberta, deixando à vista uma sanita antiquada com um autoclismo alto do qual pendia uma corrente. Junto à base do lavatório, empilhado contra a parede, encontrava-se um monte de toalhas e de roupa de cama.

Michelle Wilkins colocou-se de lado e indicou-lhes uma porta à direita. A sala estreita corria a toda a largura da casa. Na parede traseira abriam-se duas portas, ambas escancaradas. Uma delas dava acesso a uma cozinha atravancada e a outra ao que, manifestamente, era o quarto de dormir. Neste, uma cama de bebé gradeada e um divã duplo ocupavam quase todo o espaço por baixo da única janela. A cama estava por fazer, as almofadas amarfanhadas e o edredão, puxado para trás, deixava a descoberto lençóis amarrotados.

A sala achava-se mobilada apenas com uma mesa quadrada e quatro cadeiras de madeira, um sofá muito velho, coberto por uma manta de algodão indiano, uma cómoda de pinho e um grande televisor ao lado do aquecedor a gás. Durante os anos em que prestara serviço na Polícia Metropolitana, Kate entrara em salas mais imundas e deprimentes. Raramente a impressionavam, mas, naquele momento, experimentou, o que era raro nela, uma sensação de desconforto, se não mesmo de embaraço. Como se sentiria se a polícia irrompesse pelo seu apartamento, sem avisar ou sem haver pedido e obtido permissão prévia? Estaria imaculado. Porque não havia de estar?

Não havia mais ninguém além dela própria para o pôr em desalinho. Mesmo assim, a intromissão ser-lhe-ia insuportável. Ela e Dalgliesh precisavam de estar naquela casa, mas a sua presença continuava a ser uma intrusão.

Michelle Wilkins fechou a porta do quarto e depois fez um gesto que podia ser tomado como convite para que se sentassem no sofá, Dalgliesh sentou-se mas Kate dirigiu-se à mesa. No centro desta encontrava-se um berço portátil, dentro do qual estava deitado um bebé rechonchudo de faces rosadas. Kate supôs que era uma menina, por causa do vestido curto, com folhos, de algodão cor-de-rosa, do bibeiro bordado com malmequeres e do casaquinho de malha branco. Em contraste com o resto da sala, tudo o que dizia respeito ao bebé achava-se limpo. A sua cabeça, com uma penugem de um branco leitoso, repousava sobre uma almofada limpa; o pequeno cobertor, afastado para um dos lados, não apresentava qualquer nódoa e o vestido parecia ter sido recentemente passado a ferro. Afigurava-se quase impossível que aquela rapariga tão frágil tivesse dado à luz uma bebé tão alegremente robusta, que não parava de agitar as suas fortes pernas, separadas pela fralda, como se estivesse a dar vigorosos pontapés. Logo a seguir, a criança aquietou-se, ergueu as mãos, que mais pareciam estrelas-do-mar, e concentrou-se nos movimentos dos dedos como se, de súbito, se desse conta de que lhe pertenciam. Depois de algumas tentativas, conseguiu inserir na boca um polegar e começou a chupá-lo.

Michelle Wilkins aproximou-se de Kate e ficaram juntas a observar a bebé.

Que idade tem? perguntou Kate.

Quatro meses. Chama-se Rebecca, mas eu e o Davie tratamo-la por Becky.

Não sei grande coisa acerca de bebés, mas parece-me bastante avançada para a idade comentou Kate.

E está. Já consegue arquear as costas e endireitar-se. Se o Davie ou eu lhe pegarmos, parece que quer pôr-se de pé.

Na mente de Kate instalou-se uma suave confusão emocional. Que deveria sentir? O amargo reconhecimento do tão apregoado e inexorável passar dos anos, cada um dos quais,

além dos trinta primeiros, tornava cada vez mais improvável a possibilidade de vir alguma vez a ser mãe? Não era esse mesmo dilema que enfrentavam todas as mulheres com uma bem-sucedida carreira profissional? Então, porque se sentia assim? Seria apenas uma reticência temporária? Alguma vez chegaria o dia em que se visse dominada pela necessidade, física ou psicológica, de ter um filho, de saber que uma parte de si própria sobreviveria à sua morte, um anseio que se tornasse de tal maneira imperativo e dominador que a levasse a recorrer a algum humilhante expediente moderno para satisfazer esse desejo? Ficou horrorizada só de pensar em tal hipótese. Claro que não. Filha ilegítima, criada pela avó idosa, nunca conhecera a sua mãe. Não saberia por onde começar, pensou. Sentir-me-ia desesperada. Ninguém pode dar o que nunca teve. Apesar disso, que representavam as responsabilidades do seu trabalho, mesmo as que mais exigiam dela, quando comparadas com aquilo: trazer ao mundo um outro ser humano, ser responsável por ele até fazer dezoito anos, nunca poder deixar de tratar e de se preocupar com ele, enquanto fosse viva? E, no entanto, a rapariga que se achava a seu lado conseguira esse feito e sentia-se feliz por isso. Há todo um mundo de experiências que me são totalmente desconhecidas, concluiu mentalmente. De repente, com tristeza, sentiu-se diminuída.

O seu marido visitava a galeria do Museu Dupayne com regularidade, não é assim? perguntou Dalglish. Encontrámo-nos lá, há dez dias. Estivemos a contemplar o mesmo quadro juntos. Acompanhava-o frequentemente nessas visitas?

A rapariga inclinou-se de súbito sobre o berço e começou a ajustar o cobertor. O cabelo liso caiu para a frente, obscurecendo-lhe o rosto. Parecia não ter ouvido Dalglish, mas, por fim, retorquiu:

Só lá fui uma vez... há cerca de seis meses. O Davie estava desempregado nessa altura e, por isso, deixaram que ele entrasse sem pagar. A mulher que estava ao balcão, contudo, disse-me que eu tinha de pagar porque recebia um subsídio de desemprego. Eram cinco libras e não podíamos dar-nos a esse luxo. Disse ao Davie que entrasse sozinho, mas ele não quis.

Nessa altura, um homem aproximou-se do balcão e perguntou o que se passava. A mulher tratou-o por doutor Dupayne, o que me levou a supor que estivesse ligado ao museu. O certo é que lhe disse que ela devia deixar-me entrar. O que espera que esta visitante faça? perguntou ele à mulher. Que espere lá fora, à chuva, com o bebé? Depois, pediu-me que deixasse o carrinho no local onde se arrumavam os casacos, logo à entrada, e que levasse a Becky ao colo, comigo.

Não creio que isso tenha deixado muito satisfeita a mulher que estava ao balcão comentou Kate.

O rosto de Michelle iluminou-se.

Não, não deixou. Corou e lançou um olhar fulminante ao doutor Dupayne. Ficámos contentes por nos livrarmos dela e podermos ir ver os quadros.

Alguem em particular? quis saber Dalgliesh.

Sim. Um que pertenceu ao avô do Davie. E por isso que o Davie gosta de ir ao museu.

Nesse momento, ouviram ranger o portão e o ruído de passos nos degraus. Michelle Wilkins esgueirou-se silenciosamente através da porta. Chegou até eles uma troca de palavras murmurada no corredor. David Wilkins apareceu e durante um momento permaneceu, irresoluto, à porta da sala, como se fosse ele o visitante. A esposa encostou-se ao rapaz e Kate pôde ver que as mãos de ambos se tocaram e depois se apertaram uma na outra.

Dalgliesh levantou-se e esclareceu:

Sou o comandante Dalgliesh e trago comigo a inspectora Miskin da Polícia Metropolitana. Lamentamos ter vindo sem os avisar previamente. Não vamos tomar-lhe muito tempo. Não seria melhor que nos sentássemos?

Ainda de mãos dadas, marido e mulher dirigiram-se para o sofá, enquanto Dalgliesh e Kate se sentaram junto da mesa. A bebé, que até então se limitara a emitir suaves ruídos, de repente começou a chorar. Michelle precipitou-se para a mesa e pegou nela. Mantendo-a encostada ao ombro, regressou ao sofá. O casal concentrou toda a sua atenção em Rebecca.

Terá fome? perguntou o pai.

Vai buscar o biberão, Davie.

Kate compreendeu que nada podia fazer-se enquanto Rebecca não fosse alimentada. O biberão chegou com extraordinária presteza. Michelle Wilkins embalou a filha que começou a sugar avidamente a tetina do biberão. Não se ouvia outro barulho além daquele vigoroso chupar. A sala, de súbito, tornara-se caseira e sossegada. Parecia ridículo iniciar qualquer conversa sobre um homicídio.

No entanto, Dalgliesh adiantou: Provavelmente já percebeu que queremos falar consigo acerca do Museu Dupayne. Deve ter sabido que o doutor Neville Dupayne foi assassinado. O jovem assentiu com a cabeça, mas nada disse. Tinha-se ”

encostado à mulher e ambos mantinham os olhos fixos na bebé.

Andamos a falar, tanto quanto possível, com as pessoas, que ou trabalhavam no museu ou o visitavam com regularidade continuou Dalgliesh. Tenho a certeza de que compreenderá porquê. Primeiro, sou forçado a perguntar-lhe onde se encontrava e o que fez na passada sexta-feira entre, digamos, as cinco e as sete da tarde.

Michelle Wilkins ergueu o olhar.

Tinhas ido ao médico, Davie lembrou ela. Voltou-se para Dalgliesh e acrescentou: A consulta da tarde começa às cinco e um quarto e a marcação do Davie era para as seis menos um quarto. Não que seja atendido sempre a essa hora,

mas ele é sempre pontual, não é verdade, Davie? ”

A que horas foi consultado? perguntou Kate.

Por volta das seis e vinte respondeu Davie. Não; tive que esperar muito.

O consultório é perto daqui?

É em Saint Charles Square, não muito longe daqui, na verdade.

A mulher acrescentou acorrendo em seu auxílio:

Tens o cartão das marcações, não é verdade, Davie? Mostra-lhes.

David Wilkins remexeu no bolso das calças, tirou um cartão e entregou-o a Kate. Estava amarrotado e registava uma longa lista de marcações. Não restavam dúvidas de que o 306 rapaz tivera consulta marcada para a tarde da sexta-feira anterior. Seria uma questão de minutos apurar se, de facto, comparecera e fora atendido. Kate tomou nota dos pormenores necessários e devolveu-lhe o cartão.

O Davie sofre muito de asma e tem um coração frágil explicou Michelle. É por isso que nem sempre pode trabalhar. Às vezes, está de baixa por doença e, outras vezes, recebe subsídio de desemprego. Começou a trabalhar num novo emprego na segunda-feira passada, não é verdade, Davie? Agora que arranjámos esta casa, as coisas vão melhorar.

Fale-me do quadro pediu Dalgliesh. Disse-me que pertenceu ao seu avô. Como foi parar ao Museu Dupayne?

Kate perguntou a si mesma por que razão Dalglish insistia em prolongar aquele interrogatório. Já tinham o que queriam. Nunca acreditara que David Wilkins fosse um possível suspeito e Dalglish tão-pouco; assim sendo, porquê continuar? No entanto, longe de se sentir ofendido pela pergunta, o rapaz pareceu ansioso por falar.

Pertenceu ao meu avô. Tinha uma modesta loja em Cheddington, no Suffolk, perto de Halesworth. O negócio correu bem até à chegada dos supermercados, que provocaram a sua ruína. No entanto, antes disso, já ele comprara o quadro do Nash. Foi posto à venda numa casa local, e ele e a minha avó foram ao leilão, para licitar em relação a um par de poltronas. O meu avô gostou do quadro e comprou-o. Durante o leilão, não despertou grande interesse por parte dos assistentes, que o consideraram demasiado lúgubre. Além disso, não havia outros quadros entre os bens leiloados e não creio que os presentes soubessem o valor que tinha. O Max Dupayne sabia-o bem, mas chegou tarde de mais. Tentou persuadir o meu avô a vender-lhe o quadro, mas sem êxito. Então disse-lhe: Se alguma vez quiser vender o quadro, estou interessado nele, mas não será pelo preço que agora lhe ofereço. Não é de grande valor mas gosto dele. Só que o meu avô também gostava do quadro, até por outras razões. Sabe, o pai dele... ou seja, o meu bisavô... foi morto em Passchendaele, durante a guerra de catorze-dezoito, e creio que ele pretendia guardar o quadro como

uma espécie de homenagem ao pai. Esteve pendurado na sala de estar dos meus avós até a loja falir e se mudarem para uma casa em Lowestoft. Depois, as coisas pioraram para eles ainda mais. Seja como for, o Max Dupayne deve ter mantido contacto com o meu avô, porque foi visitá-los certo dia. Perguntou pelo quadro e disse de novo que queria comprá-lo. O meu avô estava crivado de dívidas e, por isso, aceitou a proposta.

Sabe por que preço o Max Dupayne o comprou? perguntou Dalglish.

Disse que estava disposto a pagar ao meu avô o preço por que ele comprara o quadro, ou seja, pouco mais de trezentas libras. Claro que fora uma soma bastante avultada para o meu avô quando o adquirira, e creio que, por isso, chegou a ter uma discussão com a minha avó. No entanto, foi obrigado a desfazer-se do quadro.

O seu avô não se lembrou de recorrer a uma casa de leilões, em Londres ou na província, para avaliar o quadro? A Sotheby's, a Christie's ou outra do género? perguntou Kate.

Não, creio que não. Não sabia da existência de casas de leilões e Mister Dupayne, segundo ele me contou, disse-lhe que não conseguiria o mesmo preço se recorresse a essas casas, porque lhe levariam uma grande comissão e, além disso, teria o fisco à perna. Algo a ver com um imposto sobre a mais-valia.

Pois posso assegurar-lhe que não explicou Kate. De qualquer forma, não obteve qualquer mais-valia, pois não?

Sei disso, mas creio que Mister Dupayne deu a volta ao meu avô, porque ele acabou por vender-lhe o quadro. Depois da morte do meu avô, o meu pai contou-me o que se passara. Quando soube onde estava o quadro, fui vê-lo.

Tinha alguma esperança de o reaver?

Fez-se silêncio. Nos últimos minutos, David esquecera-se de que estava a falar com um elemento da polícia. Olhou então para a mulher, que mudou a posição da bebé no seu colo e aconselhou:

É melhor dizer-lhe, Davie. Fala-lhe do homem mascarado. Não fizeste nada de mal.

Dalgliesh ficou à espera. Sabia sempre, pensou Kate, quando devia fazê-lo. No minuto seguinte, o rapaz contou:

Está bem. Pensei em roubá-lo. Sabia que não conseguiria comprá-lo. Li relatos de roubos em galerias de arte, em que se referia como a tela era cortada, tirada da moldura, enrolada e levada para o exterior. Não tinha intenção de fazer tal coisa, mas gostava de pensar nessa possibilidade. Sabia que haveria qualquer espécie de alarme na porta, mas julgava possível entrar pela janela e deitar a mão ao quadro antes que aparecesse alguém. Calculei que a polícia nunca levaria menos de dez minutos a chegar ao local e não havia ninguém suficientemente perto do museu para ouvir o alarme. Era uma ideia estúpida, sei-o bem, mas entretinha-me a remoer no modo como poderia levá-la a cabo.

Mas não o fizeste, Davie. Apenas pensaste nessa hipótese. Tu próprio disseste que não tinhas intenção de pôr em prática a ideia que te ocorreu. Não podem prender-te por pensar numa coisa que não chegaste a fazer. E o que diz a lei.

Bom, não exactamente, pensou Kate, mas Wilkins afinal não se envolvera em nenhuma conspiração para provocar um atentado com explosivos.

Seja como for, tentou ou não roubar o quadro? inquiriu Dalgliesh.

Certa noite dirigi-me lá, pensando que podia roubá-lo, mas foi então que chegou alguém. Isso passou-se no dia catorze de Fevereiro. Fui na minha bicicleta e escondi-a entre os arbustos, junto do caminho que conduz ao museu. Tinha levado comigo um grande saco de plástico, daqueles que servem para o lixo, com a intenção de o enrolar à volta da tela. Não sei se teria chegado a tentar cometer o roubo. Quando lá cheguei, apercebi-me de que não dispunha de nada suficientemente forte para partir a janela do piso térreo e que essa janela estava a maior distância do solo do que eu julgara. Na verdade, não planeei devidamente o roubo. Foi então que ouvi um carro que se aproximava. Escondi-me entre os arbustos e espreitei. Era um automóvel potente e o condutor estacionou-o no parque que fica por trás dos loureiros. Vi-o apear-se e, nesse momento, fugi do meu esconderijo a correr. Estava assustado. Deixara a bicicleta à entrada do caminho de acesso ao museu e, correndo por entre os arbustos, alcancei o local onde se encontrava a bicicleta. Sei que o homem não me viu.

Mas você viu-o a ele comentou Kate.

Não de forma a que pudesse reconhecê-lo, se voltasse a encontrar-me com ele. Não lhe vi o rosto. Quando saiu do carro, usava uma máscara.

Que espécie de máscara? quis saber Dalgliesh.

Não era do género daquelas que se vêem na televisão em programas sobre crimes. Não tinha nenhuma meia enfiada na cabeça. A máscara cobria-lhe apenas os olhos e o cabelo, mais ao jeito daquelas que aparecem em fotografias de foliões durante o Carnaval.

Quer dizer, então, que voltou para casa na sua bicicleta e desistiu da ideia de roubar o quadro? perguntou Dalgliesh.

Não creio que alguma vez tivesse a intenção de a pôr realmente em prática. Na altura, julguei que era esse o meu propósito, mas agora vejo que tudo aquilo não passava de fruto da minha imaginação. Se houvesse formulado um plano a sério, teria tomado mais precauções.

Mesmo que conseguisse roubar o quadro, nunca conseguiria vendê-lo adiantou Kate. Talvez não fosse considerado valioso na altura em que o seu avô o comprou, mas actualmente é uma obra de grande valor.

Não pretendia vendê-lo. Tencionava pendurá-lo numa parede desta casa. Talvez até nesta sala. Só queria apoderar-me dele porque o meu avô se lhe havia afeiçoado e, também, porque o levava a recordar-se do meu bisavô. Só pretendia tê-lo na minha posse por causa do passado.

De súbito, o rosto pálido do rapaz contorceu-se e Kate pôde ver duas lágrimas rolarem-lhe pelas faces. Ergueu o punho e enxugou-as, como se fosse uma criança. Num gesto de consolo, a mulher entregou-lhe a bebé. David pegou-lhe ao colo e passou os lábios pelo cabelo de Rebecca.

Você não fez nada de censurável e ficamos-lhe muito gratos pela ajuda que nos prestou afirmou Dalgliesh. Talvez nos voltemos a encontrar, quando for ao museu para

ver o quadro, novamente. Muita gente gosta dele. Eu sei que gosto. Se o seu avô não o tivesse comprado, não estaria agora no Museu Dupayne, e talvez ninguém tivesse possibilidade de o admirar.

Como se também ela se houvesse esquecido de que estava perante dois polícias, considerando-os antes como visitas, Michelle Wilkins perguntou:

Querem tomar chá? Peço desculpa por não me ter lembrado há mais tempo de vos oferecer. Ou também tenho *Nescafe*.

E muito amável da sua parte retorquiu Dalglish, mas julgo que é melhor não ficarmos mais tempo. Agradeço-lhe de novo, Mister Wilkins, pela sua colaboração. Se lhe ocorrer mais alguma coisa, pode contactar-nos na Scotland Yard. O número está neste cartão.

Foi Michelle Wilkins que os acompanhou até à porta.

Ele não está metido em apuros, pois não? perguntou ela. Não fez nada de mal. Na verdade, ele nunca roubaria fosse o que fosse.

Não respondeu Dalglish. O seu marido não está metido em apuros. Não fez nada de mal.

Dalglish e Kate entraram no automóvel e apertaram os cintos de segurança. Nenhum deles falou. Kate sentia um misto de depressão e de raiva. Pensou: Deus do céu, que casa tão miserável! Não passam de duas crianças grandes à mercê de qualquer um que considere valer a pena explorá-los. A bebé, no entanto, tem bom aspecto. Pergunto a mim própria quanto tiveram de pagar por aquele casebre e, no entanto, o facto de o terem não vai jogar a seu favor na lista de espera das autoridades locais que se ocupam do alojamento das famílias carenciadas. Já terão chegado à idade da reforma quando reunirem os requisitos necessários. Teriam feito melhor se optassem por dormir na rua, porque, desse modo, o seu caso seria considerado prioritário. O que não significa que fossem instalados numa casa decente. O mais provável seria que os enfiassem num albergue com direito a cama e a pequeno-almoço. Não há dúvida de que a Inglaterra é um país terrível para os pobres. Isto, se forem honestos, porque os parasitas e

os espertalhões safam-se sempre. Se alguém pretende apenas ser independente, bem pode esperar por auxílio: nunca o obterá.

Não foi muito proveitoso, pois não? disse ela em voz alta. O Wilkins viu o homem mascarado em Fevereiro, ou seja, oito meses antes da morte do Dupayne. Para mim, nem o Wilkins nem a mulher podem ser considerados como suspeitos a ter em conta. Ele podia ter razões de queixa contra a família, mas por que razão iria escolher o Neville para se vingar?

Verificaremos o álibi do rapaz, mas, segundo penso, chegaremos à conclusão de que na tarde de sexta-feira passada estava onde disse, ou seja, no consultório do médico. O David Wilkins limita-se a tentar comunicar.

Comunicar?

Sim, com o pai e o avô, com o passado, com a vida. Kate ficou em silêncio. Dois minutos mais tarde, Dalglish pediu:

Por favor, telefone para o museu, Kate, e veja se está lá alguém. Será interessante verificar o que os Dupayne têm a dizer acerca do visitante mascarado.

Foi Muriel Godby que respondeu. Pediu que Kate esperasse um pouco e voltou a falar segundos mais tarde. Tanto Caroline Dupayne como Mr. Calder-Hale encontravam-se no museu. Miss Caroline preparava-se para sair mas esperaria até o comandante Dalglish chegar. Foram encontrar Caroline Dupayne na recepção a examinar uma carta com Miss Godby e, de imediato, conduziu-os ao gabinete. Dalglish achou interessante o facto de ela se encontrar no museu numa segunda-feira, e perguntou a si próprio por quanto tempo Caroline Dupayne podia ausentar-se da escola. Provavelmente, a família havia pensado que, se os polícias iam infestar o museu, convinha que um Dupayne ali estivesse para ficar de olho neles. Se assim fora, compreendia tal procedimento. Em momentos de perigo, nada seria menos prudente do que manter-se distanciado do local de acção.

Um jovem que veio ao museu na noite de catorze de Fevereiro começou viu um homem chegar de carro. Trazia uma máscara no rosto. Tem alguma ideia de quem pos-

sa ser?

sa ser

Nenhuma. Caroline reagiu à pergunta com o que, segundo Dalglish, era a cuidadosa demonstração de que não via qualquer interesse no caso e, logo a seguir, acrescentou: Que pergunta tão estranha, comandante. Desculpe... Quer saber se esse homem teria vindo visitar-me. Afinal, era catorze de Fevereiro, dia de São Valentim. Não, sou demasiado velha para esse tipo de brincadeiras. Para dizer a verdade, já era demasiado velha para isso quando tinha vinte e um anos. No entanto, talvez fosse alguém que se dirigia a uma festa. E um problema que ocasionalmente temos de enfrentar. Arranjar um lugar para estacionar o carro em Hampstead é praticamente impossível e, por isso, aqueles que conhecem este local

sentem-se tentados a vir até cá, para aqui deixarem os automóveis. Felizmente, parece que essa prática agora é mais rara, embora não possamos ter a certeza. Este local, na verdade, não é muito conveniente, e percorrer a pé Spaniards Road constitui um trajecto bastante lúgubre de noite. A Tally está sempre aqui, claro, mas eu disse-lhe que, se ela ouvir ruídos depois do anoitecer, não deve sair da vivenda. Se porventura se sentir preocupada, pode telefonar-me. O museu é uma casa isolada e vivemos num mundo cheio de perigos, como o senhor sabe melhor do que eu.

Nunca pensaram em mandar instalar um portão? perguntou Dalglish.

Pensámos em fazê-lo, mas não seria prático. Além disso, quem ficaria de guarda ao portão? O acesso ao museu tem de ser franqueado o mais possível. Fez uma pausa e depois acrescentou: Não vejo o que tudo isso possa ter a ver com o assassinio do meu irmão.

Nem nós, por enquanto. Só demonstra, uma vez mais, como é fácil a qualquer pessoa entrar aqui sem ser vista.

Mas isso já nós sabíamos. Foi o que fez o assassino do Neville. Estou mais interessada no jovem que viu o misterioso mascarado. Que andava ele a fazer aqui, estacionando no recinto do museu sem autorização?

Não, não veio de automóvel. Só agiu assim por mera curiosidade. Não provocou qualquer dano nem tentou entrar no edifício.

E o visitante mascarado?

Presumivelmente, estacionou o carro e foi-se embora. O jovem assustou-se e não ficou à espera de ver o que ele fez.

Sim, devia ter-se sentido assim... Quero dizer: assustado. Este lugar é tenebroso de noite e já foi palco de outro assassinio. Sabia disso?

Não, nunca ouvi falar em tal coisa. Um assassinio Foi em mil oitocentos e noventa e sete, dois anos depois de a casa ter sido construída. Uma criada, Ivy Grimshaw, foi encontrada apunhalada e morta na orla do Heath. Estava grávida. As suspeitas recaíram sobre o dono da casa e os seus

dois filhos, mas não se descobriram provas que ligassem qualquer um deles ao crime. Como não podia deixar de ser, tratava-se de homens prósperos que exerciam altos cargos na região e eram muito respeitados. Talvez mais importante ainda, eram donos de uma fábrica de botões de que as gentes locais dependiam para a sua subsistência. A polícia entendeu por conveniente acreditar que a tal Ivy, às escondidas, fora encontrar-se com o amante e que este, com um golpe de navalha, se livrara dela e ao mesmo tempo do inoportuno filho que trazia no ventre.

Encontraram-se provas da existência de algum amante fora da casa em que ela trabalhava?

Não foi apresentada qualquer prova nesse sentido. A cozinheira contou à polícia que a Ivy lhe confidenciara que não tinha intenção alguma de que a mandassem embora e, também, que podia complicar a vida dos patrões, mas acabou por retractar-se. Foi trabalhar para outra casa, algures na costa sul, depois de haver recebido, segundo creio, um substancial presente de despedida do seu agradecido patrão. Ao que parece, foi aceite a história de um amante alheio à casa e o processo foi arquivado. Foi pena que tudo isso não houvesse ocorrido nos anos trinta, porque poderíamos ter incluído o caso na Sala do Crime.

Só que, pensou Dalgliesh, mesmo nos anos 30, as coisas não poderiam ter sucedido exactamente assim. O assassinio brutal de uma jovem, imoral e sem amigos, tinha ficado impune e os membros da respeitável população local haviam conservado os seus empregos. A tese de Ackroyd talvez fosse simplista e a sua escolha de exemplos se revelasse convenientemente selectiva, mas baseava-se numa verdade: frequentemente, o homicídio é um paradigma da sua época.

No gabinete do andar de cima, deixando com visível relutância a sua escrita, Calder-Hale exclamou:

No dia catorze de Fevereiro? Provavelmente, era algum convidado para uma festa do dia de São Valentim. No entanto, é estranho que estivesse sozinho. Em regra, os convidados vão a essas festas acompanhados pelo respectivo par.

Mais estranho ainda é que já tivesse posto a máscara aqui comentou Dalglish. Porque não esperou até chegar à festa?

Bom, não foi dada no museu, a menos que a Caroline tivesse organizado alguma.

Ela afirma que não.

Não, não seria o género dela. Penso que o tal homem se serviu ilicitamente deste local para estacionar o carro. Há cerca de dois meses, eu próprio tive de mandar embora um carro cheio de jovens foliões. Tentei amedrontá-los com a fútil ameaça de que ia chamar a polícia. De qualquer forma, eles partiram sem grandes protestos, chegando mesmo a pedir desculpa pelo sucedido. O mais provável é que não quisessem deixar o seu *Mercedes* ao meu alcance. Por fim, perguntou: E no que toca ao jovem? Que razão deu para andar por aqui?

Limitava-se a explorar o local. Partiu um tanto à pressa, quando chegou o mascarado. É perfeitamente inofensivo.

Veio de carro?

Não.

É estranho comentou Calder-Hale, antes de regressar à sua papelada. O vosso visitante mascarado, se é que existe, não tem nada a ver comigo. Posso dedicar-me a certo tipo de brincadeiras, mas as máscaras, em regra, são demasiado histriónicas.

Era óbvio que a entrevista chegara ao fim. Ao voltar-se para sair, Dalglish pensou: Não anda longe de uma admissão das suas actividades secretas, mas porque não o faz? Já lhe devem ter dito que estou ao corrente dos serviços que presta. Estamos a jogar o mesmo jogo e, espero-o, do mesmo lado. O que ele anda a fazer, por muito trivial que seja e embora me pareça coisa de amador, faz parte de um plano bastante mais vasto. É importante e ele tem de ser protegido... protegido contra tudo, excepto contra uma acusação de homicídio.»

Iria falar ainda com Marcus Dupayne, mas esperava dele a mesma explicação: alguém que conhecia aquele local e pretendia servir-se dele para estacionar o carro sem pagar durante algumas horas. Era uma hipótese assaz razoável, mas havia um pormenor que continuava a intrigá-lo: confrontados com dois

visitantes misteriosos, tanto Caroline Dupayne como James Calder-Hale haviam-se mostrado mais preocupados com o misterioso jovem do que com o condutor mascarado. E perguntou a si próprio porquê.

Calder-Hale continuava no rol dos suspeitos. Poucas horas antes, naquela mesma tarde, Benton-Smith havia cronometrado o trajecto em mota de Marylebone ao museu. A segunda viagem fora a mais rápida, tirando quatro minutos à duração da primeira.

Tive sorte com os semáforos dissera o sargento. Se o Calder-Hale conseguiu igualar o meu melhor tempo, ficaria com três minutos e meio para preparar o homicídio. Pode tê-lo cometido, mas só com tanta ou mais sorte do que eu. Ora, ninguém vai fazer depender o êxito de um plano de assassínio da sorte com o trânsito durante o trajecto.

No entanto comentara Piers, pode ter pensado que valia a pena tentar a experiência. A consulta do dentista dava-lhe um álibi que não era de desprezar. Não podia ficar à espera indefinidamente, se o seu propósito fosse o de manter o museu em funcionamento. O que não consigo entender é por que razão havia de preocupar-se com tal assunto. Quero dizer: que lhe importava se o museu fosse ou não encerrado? É certo que dispõe de um gabinete confortável, mas, se quiser continuar a trabalhar em privado, há outros gabinetes em Londres.

Mas não gabinetes, pensou Dalgliesh, que oferecessem uma localização tão conveniente para as actividades secretas que Calder-Hale exercia para o MI5.

Quando Kate telefonou para marcar a entrevista, informou que Mrs. Strickland pedira para falar com o comandante Dalglish a sós. O pedido era estranho o encontro de ambos na biblioteca do museu, por ocasião da primeira visita de Dalglish, não estabelecera qualquer relacionamento particular entre eles, mas apressou-se a concordar. Até ao momento, Mrs. Strickland não podia considerar-se incluída no rol dos suspeitos mais importantes e, a menos que isso viesse a suceder, seria insensato arriscar-se a perder qualquer informação útil que lhe pudesse fornecer por insistir em manter o protocolo policial.

A morada, fornecida por Caroline Dupayne, conduziu-o até Barbican e correspondia a um apartamento num sétimo andar. Não era a morada que Dalglish esperava. Aquele impressionante bloco de cimento, com a sua profusão de janelas muito juntas umas das outras e de carreiros parecia mais apropriado para os jovens financeiros da City do que para albergar uma viúva idosa. No entanto, quando Mrs. Strickland lhe abriu a porta e o conduziu à sala de estar, pôde compreender a razão que a levava a escolher aquele local. Dava para um vasto pátio e, mais ao longe, avistava-se o lago e a igreja. Lá em baixo, passavam minúsculos casais e pequenos grupos, encaminhando-se para as cerimónias vespertinas no que parecia um estampado em que as cores mudassem constante e deliberadamente. O ruído da cidade, sempre menos intenso no fim de um dia de trabalho, era um zumbido rítmico mais relaxante

do que perturbador. Mrs. Strickland habitava um pacífico ninho, em plena City, e o panorama de que desfrutava, com o céu em mutação e a constante actividade humana, levava-a a sentir que fazia parte da vida da City, embora muito acima da sua frenética actividade de compras e vendas. Apesar disso, era uma mulher realista e a Dalgliesh não passaram despercebidas as duas fechaduras de segurança na porta de entrada.

O interior do apartamento era igualmente surpreendente. Ao vê-lo, Dalgliesh teria julgado que o proprietário era uma pessoa próspera mas jovem, ainda alheia ao peso de anos mortos, aos haveres de família, às recordações sentimentais, aos objectos que, através de longas associações, ligavam o passado ao presente e criavam uma ilusão de permanência. Se um senhorio quisesse mobilar e decorar um apartamento para satisfazer um inquilino exigente, disposto a pagar renda elevada, a casa não seria diferente. A sala de estar achava-se mobilada com peças modernas e bem concebidas de madeira clara. À direita da janela, que ocupava quase toda a largura da parede, via-se a secretária de Mrs. Strickland com um candeeiro articulado e uma cadeira giratória. Era manifesto que, ocasionalmente, levava trabalho para casa. Havia uma mesa redonda em frente da janela, flanqueada por duas poltronas de couro cinzento. O único quadro visível era uma espécie de baixo-relevo abstracto, pintado a óleo, talvez por Ben Nicholson, segundo supôs Dalgliesh. Podia ter sido comprado para não revelar nada acerca da sua proprietária, excepto que tinha meios para o comprar. Dalgliesh achou curioso que uma mulher tão determinada a expurgar o passado tivesse escolhido trabalhar num museu. A única peça de mobiliário que atenuava o anonimato prático do apartamento era a estante, feita por medida, que ia do chão até ao tecto ao longo da parede da direita. Estava repleta de volumes encadernados em pele, tão apertados uns contra os outros que mais pareciam colados entre si. Ela considerara-os merecedores de serem preservados. Era óbvio que se tratava de uma biblioteca particular; Dalgliesh perguntou a si próprio a quem pertencia.

Mrs. Strickland indicou-lhe uma das poltronas.

-” Habitualmente, bebo um copo de vinho a esta hora. Se quiser acompanhar-me, terei muito gosto. Prefere tinto ou branco? Também tenho clarete e *nesting*.

Dalgliesh aceitou um copo de clarete. A mulher, com ar um tanto rígido, saiu da sala para regressar, minutos depois, abrindo a porta com os ombros. O comandante levantou-se de imediato para ajudá-la; tomou-lhe das mãos o tabuleiro em que havia uma garrafa, um saca-rolhas e dois copos, e colocou-o sobre a mesa. Sentaram-se em frente um do outro e ela consentiu que fosse ele a extrair a rolha da garrafa e a encher os copos, ficando a vê-lo, pensou ele, com indulgente satisfação. Mesmo considerando a mudança da opinião pública sobre o momento em que os últimos anos da meia-idade resvalam inexoravelmente para a velhice, Mrs. Strickland era, de facto, uma mulher velha, talvez de oitenta e cinco anos, calculou Dalgliesh. Atendendo à sua história, dificilmente podia ser mais nova. Na juventude, pensou, devia ter sido uma daquelas admiradas beldades tipicamente inglesas, loiras e de olhos azuis, por vezes tão enganadoras. Dalgliesh vira bastantes fotografias e documentários sobre as mulheres durante a guerra, em uniformes ou com trajos civis, para saber que aquela delicadeza feminina podia estar associada a uma forte determinação e, ocasionalmente, até a uma certa crueldade. A sua beleza de outrora fora vulnerável, acusando particularmente a dilapidação causada pelo passar dos anos. Agora, a pele esponjosa achava-se coberta por um emaranhado de rugas finas e os lábios pareciam desprovidos de sangue. No entanto, havia ainda vestígios de dourado no cabelo fino e grisalho, penteado para trás e enrolado numa trança, na nuca; se bem que a cor da íris se houvesse desvanecido até um pálido azul, os olhos de Mrs. Strickland eram ainda grandes, por baixo das sobrancelhas delicadamente curvadas, e encontraram os de Dalgliesh com uma expressão inquisidora e alerta. Quando estendeu as mãos para pegar no copo de vinho, ele pôde verificar que estavam deformadas pela artrite; vendo os seus dedos à volta do copo, Dalgliesh perguntou a si próprio como conseguia ela produzir uma caligrafia tão magnífica.

Como se adivinhasse os seus pensamentos, Mrs. Strickland olhou para os dedos e declarou:

Ainda consigo escrever, mas não sei por quanto tempo mais poderei continuar a ser útil. É estranho; os meus dedos tremem, de vez em quando, mas nunca quando estou a fazer trabalhos de caligrafia. Não tirei nenhum curso; trata-se apenas de algo que sempre gostei de fazer.

O vinho era excelente e servido à temperatura certa.

Como começou a colaborar no Museu Dupayne? quis saber Dalglish.

Através do meu marido. Era professor de História na Universidade de Londres e conhecia o Max Dupayne. Depois da morte do Christopher, o Max perguntou-me se podia ajudá-lo a escrever as etiquetas. Quando a Caroline Dupayne passou a dirigir o museu, continuei a efectuar o mesmo trabalho. O James Calder-Hale encarregou-se dos voluntários e reduziu consideravelmente o seu número, de uma forma que muitos consideraram bastante impiedosa. Disse que havia gente a mais a correr pelo museu como coelhos. Na sua maioria, eram pessoas solitárias. Para ficar, era preciso que a tarefa de cada um fosse considerada necessária e proveitosa. A verdade é que agora seriam bem-vindos mais alguns voluntários, mas Mister Calder-Hale parece relutante em recrutá-los. A Muriel Godby agradeceria que alguém a ajudasse na recepção, desde que se conseguisse encontrar a pessoa certa. Por enquanto, sou eu que, ocasionalmente, a substituo quando me encontro no museu.

Ela parece ser muito eficiente comentou Dalglish.

É, sim. A organização do museu melhorou muito desde que ela começou a trabalhar ali, há dois anos. A Caroline Dupayne nunca tomou parte muito activa na gestão do dia-a-dia. Nem poderia fazê-lo por causa das suas obrigações na escola. Miss Godby encarrega-se da contabilidade, para satisfação do auditor, e agora tudo decorre muito mais tranquilamente. Mas o senhor não está aqui para que eu o mace com pormenores da vida administrativa do museu, pois não? O que deseja é falar acerca da morte de Neville.

Conhecia-o bem?

Mrs. Strickland fez uma pausa, bebeu um gole de vinho e pôs o copo sobre a mesa.

Creio que o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa que trabalha no museu. Não era de trato fácil e ia lá raramente, mas, no ano passado, por vezes chegava mais cedo às sextas-feiras e ia até à biblioteca. Não acontecia com frequência, talvez uma vez de três em três semanas, aproximadamente. Outras vezes, deambulava por entre as estantes e, logo de seguida, sentava-se para ler um velho número do *Blackwood's Magazine*. Ou pedia-me que abrisse uma estante e pegava num livro. Quase sempre permanecia sentado, em silêncio, mas em raras ocasiões falou comigo.

Descrevê-lo-ia como um homem feliz?

Não, não o descreveria como um homem feliz. Não é fácil julgar o grau de felicidade de outrem, não é verdade? No entanto, trabalhava em excesso, preocupava-se por poder estar a desiludir os seus pacientes, não lhes consagrando todo o tempo de que precisavam, e indignava-o o estado em que se encontram os serviços de psiquiatria. Considerava que nem o governo nem a sociedade em geral se preocupavam suficientemente com os doentes mentais.

Dalglish perguntou a si próprio se Dupayne havia confidenciado a Mrs. Strickland o que fazia nos fins-de-semana, ou se Angela Faraday fora a única pessoa a quem o contara. Fez a pergunta e a velha senhora respondeu:

Não. Era muito reticente acerca do que lhe dizia respeito. Só uma vez falámos da sua vida privada. Creio que ia à biblioteca porque era de algum modo repousante para ele ver-me a trabalhar. Tenho pensado nisso e parece-me ser a explicação mais provável. Eu continuava sempre a executar a tarefa que tinha entre mãos, e ele gostava de ver como as letras iam tomando forma. Talvez o tranquilizasse...

Andamos a investigar este caso como sendo um homicídio. Parece improvável que ele se tenha suicidado, mas, mesmo assim, ficaria surpreendida se ele porventura quisesse pôr termo à vida?

A voz da velha senhora, que revelava um certo cansaço, retomou força. Foi com firmeza que declarou:

Ficaria perplexa. Ele não era pessoa para se suicidar. Pode pôr de lado essa hipótese. Talvez haja alguns membros

da família a quem tal ideia pareça conveniente, mas o senhor deve afastá-la da sua mente. O Neville não se suicidou.

Está bem certa disso?

Estou. Em parte, por uma conversa que tivemos, duas semanas antes da sua morte, ou seja, na sexta-feira anterior à sua primeira ida ao museu, comandante. Disse-me que o carro dele ainda não estava pronto. Um mecânico da garagem... creio que se chama Stanley Cárter, prometera entregar-lho às seis e um quarto. Fiquei no museu depois de este encerrar, e passámos juntos cerca de uma hora. Falámos do futuro da biblioteca e ele disse-me que vivíamos por de mais no passado. Referia-se tanto ao passado de cada um de nós como à história do nosso país. Dei comigo a fazer-lhe confidências, coisa que é raro acontecer, comandante. Fazer confidências acerca da minha vida privada não se coaduna com a minha maneira de ser. Eu devia ter pensado que era impertinente, e até de mau gosto, servir-me dele como meu psiquiatra particular, sem pagar a consulta, mas o certo é que foi isso mesmo que aconteceu ou algo parecido. No entanto, também ele se serviu de mim, ou seja, acabámos por nos servir um do outro. Disse-lhe que, quando se chega a uma idade avançada, não é fácil esquecer o passado. Os velhos pecados regressam, agravados pelo peso dos anos, e os pesadelos, os rostos dos mortos que não deviam ter morrido voltam também e ficam a olhar-nos, não com amor mas para nos censurar. Para alguns, essa pequena morte pode ser, à noite, uma descida ao nosso inferno privado. Falámos de expiação e de perdão. Sou a única filha de uma mãe francesa, católica romana praticante, e de um pai ateu. Grande parte da minha infância foi passada em França. Disse-lhe que os crentes podem lidar com a sua culpa através da confissão, mas como poderão aqueles que não têm fé, como eu, encontrar a paz de espírito? Lembrei-me de uma frase escrita por um filósofo que eu havia lido e que, segundo creio, é de Roger Scruton: O consolo das coisas imaginárias não é um consolo imaginário. Conte-lhe que, às vezes, chegava a ansiar por um consolo imaginário. O Neville declarou que devíamos aprender a absolver-nos a nós próprios. O passado não pode ser alterado e é preciso encará-lo com honestidade e sem

procurar desculpas, para depois o pôr de lado; ficar obcecado pela culpa é uma indulgência destrutiva. Disse ainda que sentir culpa é próprio da natureza humana. Sou culpado, logo existo.

Parou de falar, mas Dalgliesh manteve-se em silêncio. Ficara à espera de saber qual a razão que a levava a ter a certeza de que Dupayne não se suicidara. Ela havia de lá chegar, na ocasião oportuna. Deu-se conta, compadecido, de que para Mrs. Strickland fora doloroso o relato daquela conversa com Neville Dupayne. Ela estendeu a mão para a garrafa de clarete e o comandante pôde notar que os dedos lhe tremiam. Adiantou-se-lhe e, pegando na garrafa, encheu os dois copos.

Passado um minuto, a velha senhora prosseguiu:

Quando chegamos a uma idade avançada, gostaríamos de recordar apenas os momentos felizes da nossa vida, mas as coisas não se passam desse modo, excepto para os mais afortunados. Tal como a poliomielite pode atacar de novo sob outra forma, o mesmo acontece com os erros, os fracassos e os pecados do passado. Ele disse-me que compreendia e comentou: O meu pior fracasso volta sempre envolto em labaredas.

O silêncio prolongou-se desta vez por mais tempo, e Dalgliesh viu-se obrigado a perguntar:

Ele explicou-lhe a que se referia?

Não, nem eu lho perguntei. Não me era possível fazê-lo. No entanto, ele disse outra coisa. Talvez pensando que eu fosse supor tratar-se de algo que tinha a ver com o seu desejo de que o museu não continuasse aberto, esclareceu que o seu desabafo não se relacionava com ninguém ligado ao Dupayne.

Tem a certeza disso, Mistress Strickland? O que ele lhe referiu, o tal fracasso que regressava envolto em labaredas, não tinha nada a ver com o museu?

Tenho a certeza absoluta. Foram essas as palavras que proferiu.

E quanto ao suicídio? Afirmou estar convencida de que ele nunca se mataria.

Também falámos acerca disso. Creio ter dito que, atingida uma idade avançada, qualquer pessoa podia estar certa de que o alívio não demoraria muito tempo. Afirmei sentir-me satisfeita por esperar esse alívio mas que, nem mesmo nos piores momentos, me passara pela cabeça ser eu própria a antecipá-lo. Foi então que ele declarou que o suicídio era uma solução indefensável, excepto para os muito velhos ou para aqueles que sofriam dores contínuas, sem qualquer esperança de cura. O suicídio deixava atrás de si um fardo muito pesado para aqueles que assim ficavam privados de um ente querido. Além dessa perda, sentiam sempre sentimentos de culpa e até o medo oculto de que o impulso para a autodestruição fosse hereditário. Comentei que achava aquela afirmação um tanto dura e injusta para aqueles cuja vida se tornara insuportável, e que o seu desespero final devia suscitar compaixão e não censura. Além do mais, ele era um psiquiatra, membro do sacerdócio moderno. Não era sua missão compreender e absolver? Não ficou aborrecido com as minhas palavras. Admitiu que talvez houvesse sido demasiado enfático, mas uma coisa era para ele certa: qualquer pessoa que, no pleno uso das suas faculdades mentais, decidisse suicidar-se devia sempre dar uma explicação das razões que o haviam levado a fazê-lo. A família e os amigos que o suicida deixa atrás de si têm o direito de saber porque lhes foi infligido tanto sofrimento. Não, comandante, o Neville Dupayne nunca se teria suicidado ou, melhor dizendo, não o faria sem deixar uma carta a explicar porque decidira matar-se. Fixou os olhos nos de Dalgliesh e acrescentou: Segundo me informaram, não escreveu nenhuma carta a explicar o seu acto.

Não encontrámos nenhuma.

O que não é bem a mesma coisa.

Desta vez, foi ela que pegou na garrafa. Dalglish meneou a cabeça em sinal negativo, e ela encheu apenas o seu próprio copo. Ao observá-la, Dalglish foi assaltado por uma revelação tão assombrosa que perguntou, em tom natural e quase sem pensar:

O Neville Dupayne foi adoptado?

Os olhos de Mrs. Strickland fixaram-se nos do comandante.

Porque me faz essa pergunta, Mister Dalglish?

Nem eu sei. Foi uma ideia que me passou pela cabeça. Peço desculpa.

Então, ela sorriu, e por breves instantes Dalglish pôde aperceber-se do radioso encanto que havia desconcertado a própria Gestapo.

Desculpa? De quê? admirou-se Mrs. Strickland. Tem toda a razão: ele foi adoptado. O Neville era meu filho, meu e do Max Dupayne. Sai de Londres cinco meses antes do parto e, quando nasceu, ficou confiado aos cuidados do Max e da Madeleine Dupayne e, mais tarde, foi adoptado por eles. Essas coisas eram feitas com muito maior facilidade naqueles tempos.

E esse facto é do conhecimento geral? perguntou Dalglish. A Caroline e o Marcus Dupayne sabem que o Neville era seu meio-irmão?

Sabem que ele foi adoptado. Quando se processou a adopção, o Marcus tinha três anos e a Caroline, claro, não era ainda nascida. Todos os três ficaram a sabê-lo desde pequenos, mas não que eu era a mãe e o Max, o pai do Neville. Cresceram aceitando sempre a adopção como um facto da vida mais ou menos normal.

Nenhum deles me falou disso referiu Dalglish.

O que não me surpreende minimamente. Porque iriam fazê-lo? Nenhum deles é dado a entrar em confidências sobre assuntos de família e o facto de o Neville ter sido adoptado é irrelevante no que respeita à sua morte.

E ele nunca recorreu aos tribunais, como agora é permitido, para averiguação da paternidade e da maternidade?

Nunca, tanto quanto sei. Não tinha a intenção de lhe falar deste assunto. Sei, no entanto, que posso confiar na sua discrição e que o senhor não irá divulgar a mais ninguém o que lhe contei, nem mesmo aos membros da sua equipa.

Depois de uma curta pausa, Dalglish declarou:

Não direi nada, a menos que a adopção venha a revelar-se relevante para as minhas investigações.

Chegara o momento de partir. Ela acompanhou-o até à porta e estendeu-lhe a mão. Ao apertá-la, Dalglish apercebeu-se de que aquele gesto era algo mais do que uma despedida inesperadamente formal; era também a confirmação da promessa que ele lhe fizera.

Tem o dom de encorajar as pessoas a fazerem-lhe confidências, Mister Dalglish. Deve ser muito útil para um detective. As pessoas contam-lhe coisas de que o senhor pode até servir-se contra elas. Suponho que, em sua opinião, o faz em defesa da justiça.

Não creio que usasse uma palavra tão forte. Diria antes, que o faço em defesa da verdade.

E acha que essa palavra é mais fraca? Pôncio Pilatos não foi da mesma opinião. No entanto, não creio que lhe tenha contado seja o que for de que venha a arrepender-me. O Neville era um homem bom e eu vou sentir a sua falta. Devotava-lhe grande afeição, mas não amor materno. Como poderia experimentar esse sentimento? E que direito tinha eu, que me afastei dele com tanta ligeireza, de proclamar agora que era meu filho? Estou demasiado velha para chorar por ele, mas não demasiado velha para sentir-me indignada. O senhor vai descobrir quem o matou e essa pessoa ficará presa pelo menos durante dez anos. Pessoalmente, preferia até que morresse.

De regresso ao seu carro, a mente de Dalglish remoeu tudo quanto acabara de saber. Mrs. Strickland pedira para falar a sós com ele, a fim de lhe revelar duas coisas: a sua absoluta convicção de que Neville Dupayne nunca se teria suicidado e a sua enigmática confissão acerca de um fracasso envolto em labaredas, que o atormentava. Não tivera o propósito de divulgar a verdade acerca da filiação de Neville e, provavelmente, fora sincera quando afirmara não acreditar que tal facto fosse relevante para a morte do filho. Dalglish, contudo, não estava tão certo disso. Ponderou o emaranhado de relacionamentos pessoais centrados no museu: o traidor do Serviço de Operações Especiais que havia atraído os seus camaradas, e Henry Calder-Hale, cuja ingenuidade havia contribuído para essa traição, o amor secreto e o parto secreto, vidas vividas intensamente sob a ameaça da tortura e da morte. A agonia havia terminado; os mortos não regressavam, a não ser em sonhos. Era difícil vislumbrar como algum ponto daquela história podia constituir motivo para o assassinio de Neville Dupayne. Podia, contudo, imaginar a razão pela qual os 327

Dupayne haviam julgado prudente não divulgar que Neville fora adotado. Ser impedido por um irmão do mesmo sangue de fazer o que mais intensamente se deseja era já bastante difícil de suportar; se essa frustração fosse provocada por um irmão adotado, então, era ainda mais imperdoável, e o remédio para pôr termo a tal situação talvez mais fácil de contemplar.

LIVRO TRÊS

A Segunda Vítima

Quarta-feira, 6 de Novembro/quinta-feira, 7 de Novembro

Na quarta-feira, seis de Novembro, o dia amanheceu imperceptivelmente, com os primeiros raios de luz a passar pelo céu matinal que se estendia, tão espesso como um cobertor, sobre a cidade e o rio. Kate fez chá e, como era seu costume, levou o copo alto até à varanda. Naquele dia, contudo, não havia qualquer brisa fresca. A seus pés, o Tamisa corria tão lentamente como melaço, parecendo absorver as luzes que bailavam sobre o rio em vez de as reflectir. As primeiras barcas do dia avançavam pesadamente, sem deixar rasto. Em geral, aquele momento era de uma profunda satisfação e até, por vezes, de felicidade, provocadas pelo bem-estar físico e pela promessa de um novo dia. A vista daquele rio e o apartamento de duas divisões, atrás de si, representavam tudo o que alcançara, o que lhe trazia em cada manhã uma renovada sensação de satisfação e segurança. Conseguira o emprego que quisera, o apartamento que desejara na parte da cidade que havia escolhido. Podia esperar por uma promoção que, segundo ouvira dizer, estava para breve. Trabalhava com pessoas de quem gostava e que respeitava. Naquela manhã, disse a si própria, como o fazia todos os dias, que ser solteira, com casa própria, um emprego estável e dinheiro suficiente para as suas necessidades era desfrutar de maior liberdade do que qualquer outro ser humano à face da terra.

Todavia, a obscuridade do dia que acabara de nascer contagiou-a. O caso que tinha entre mãos era muito recente, mas começava agora a entrar em declínio, essa fase tão deprimente

de uma investigação de homicídio, quando o entusiasmo inicial dá lugar à rotina e a perspectiva do seu rápido deslindar vai diminuindo com o passar dos dias. A Brigada de Investigações Especiais não estava habituada ao fracasso; pelo contrário, era considerada como uma garantia contra o insucesso. No intuito de eliminar possíveis suspeitos, haviam recolhido as impressões digitais de todas as pessoas que podiam legitimamente haver tocado na lata de gasolina ou entrado na garagem, mas não foram detectadas quaisquer impressões digitais desconhecidas. Ninguém confessara haver removido a lâmpada. Ao que tudo indicava, Vulcano, por esperteza, por sorte ou talvez por uma mistura de ambas as coisas, não deixara quaisquer provas que o incriminassem. Era ridículo e prematuro preocupar-se com o resultado final num caso que ainda mal começara, mas, apesar disso, Kate não conseguiu dissipar um receio quase supersticioso de que não houvesse provas suficientes que justificassem uma detenção. Mesmo que as houvesse, permitiria o procurador da Coroa que o caso fosse a tribunal quando o misterioso condutor que atropelara Tally Glutton ainda não fora identificado? E existiria realmente? Tinham, como provas, a roda da bicicleta amolgada e a nódoa negra no braço de Tally, mas podiam ser facilmente fabricadas através de uma queda deliberada ou do embate da bicicleta contra uma árvore. A mulher parecia honesta e era difícil pensar nela como uma assassina impiedosa, em particular como autora daquele homicídio, mas já não era tão difícil pensar nela como cúmplice. Afinal, tinha mais de sessenta anos e era muito apegada ao seu trabalho e à segurança que a vivenda lhe proporcionava. Podia ser tão importante para ela, como para os Dupayne, que o museu se mantivesse aberto. Além do mais, a polícia nada sabia acerca da sua vida privada, dos seus temores, das suas necessidades psicológicas nem dos recursos que possuía para se proteger contra uma catástrofe. Mas se o misterioso condutor existia realmente e não passava de um inocente visitante, então, porque ainda não se apresentara? Ou estaria ela a ser ingénua? Porque haveria o misterioso condutor de aparecer? Porque se submeteria a um interrogatório policial, a expor a sua vida privada e a revelar possíveis segredos quando podia ficar

332 quieto no seu canto? Mesmo sendo inocente, aquele homem sabia que a polícia o trataria como um suspeito, provavelmente, como o principal suspeito. E se o caso não fosse resolvido, ele seria considerado um assassino para o resto da vida.

O museu abriria naquela manhã às dez horas, para que Conrad Ackroyd o mostrasse aos seus quatro convidados canadianos. Dalgliesh dera instruções a Kate para que estivesse presente e se fizesse acompanhar por Benton-Smith. Não lhe fornecera qualquer explicação, mas Kate lembrou-se das palavras que o chefe pronunciara no decurso de uma investigação anterior: Num caso de homicídio, fiquem sempre tão perto quanto possível dos suspeitos e do local do crime. Mesmo assim, não conseguia perceber o que esperava o seu chefe alcançar com aquilo. Neville Dupayne não morrera no museu e Vulcano não tivera quaisquer motivos para ali entrar na sexta-feira anterior. Como poderia haver entrado no museu sem ter as chaves? Tanto Miss Godby como Mrs. Glutton haviam sido peremptórias ao afirmar que a porta do museu ficara fechada à chave quando haviam saído. Vulcano devia ter-se escondido entre as árvores, na barraca do jardim ou o que era a hipótese mais plausível num recanto da garagem às escuras com a lata de gasolina na mão, à espera de ouvir o som da porta a abrir-se e de ver o vulto da sua vítima estender a mão para o interruptor. O museu, em si, não estava contaminado pelo horror, mas, pela primeira vez, Kate sentiu uma certa relutância em lá voltar, porque começava já a estar infestado pelo cheiro do fracasso.

Quando se preparou para sair, o dia mal clareara mas não chovia, embora pudesse ver umas poucas gotas grossas que manchavam a calçada. Devia ter chovido às primeiras horas do dia, já que o piso das estradas estava escorregadio, mas os aguaceiros não haviam refrescado o ar. Nem mesmo quando Kate avistou a parte mais elevada de Hampstead e baixou os vidros do carro, se produziu qualquer alívio da opressão provocada pelo atmosfera poluída e pelas nuvens pesadas e sufocantes. Os candeeiros do caminho de entrada do museu ainda estavam acesos e, quando Kate dobrou a última esquina, viu

que todas as janelas se achavam iluminadas, como se o museu se preparasse para uma grande festa. Consultou o relógio; faltavam cinco para as dez. O grupo de visitantes já devia estar ali.

Estacionou o carro, como de costume, por trás dos loureiros, pensando de novo como aquele local constituía um esconderijo conveniente para quem quisesse estacionar sem ser visto. Havia já uma fileira alinhada de automóveis. Reconheceu o *Ford Fiesta* de Muriel Godby e o *Mercedes* de Caroline Dupayne. A outra viatura era uma carrinha que devia ter transportado os canadianos, certamente alugada por eles para as suas excursões em Inglaterra. Benton-Smith, contudo, ainda não havia chegado.

Apesar do fulgor das luzes, a porta de acesso ao museu estava fechada e Kate teve de tocar à campainha. Muriel Godby veio à porta e cumprimentou Kate com a sua formalidade quase hostil, dando a entender que, muito embora aquela visitante não fosse nem distinta nem bem-vinda, devia tratá-la, à cautela, com o devido respeito.

Mister Ackroyd e os seus convidados já chegaram e estão a tomar café no gabinete de Mister Calder-Hale anunciou. Há uma chávena para si, se quiser.

Muito bem. Vou subir. O sargento Benton-Smith deve aparecer a qualquer momento. Peça-lhe, por favor, que se junte a nós.

A porta do gabinete de Calder-Hale estava fechada, mas Kate pôde ouvir um murmúrio de vozes. Bateu e, quando entrou, viu dois casais e Ackroyd sentados em várias cadeiras, que deviam ter sido trazidas de outras salas. Calder-Hale apoiara-se a um canto da sua escrivaninha, enquanto Caroline Dupayne ocupava a cadeira giratória do conservador. Todos tinham chávenas de café nas mãos. Os homens levantaram-se quando Kate entrou.

Ackroyd procedeu às apresentações. O professor Ballanryne e Mrs. Ballantyne, o professor McIntyre e a Dr.a McIntyre. Provinham de universidades de Toronto e nutriam um especial interesse pela história da sociedade inglesa durante o período entre as duas guerras. Ackroyd acrescentou, dirigindo-se a Kate:

Informei-os sobre a morte trágica do doutor Dupayne e expliquei-lhes que o museu se acha encerrado ao público enquanto a polícia continuar a investigação. Bom, podemos começar? A não ser que queira beber café, inspectora...

Aquela referência casual à tragédia foi acolhida em silêncio. Kate agradeceu, mas dispensou o café; não fora propriamente um convite que Ackroyd esperasse ser aceite por ela. Os quatro visitantes pareciam admitir a sua presença. Se porventura se interrogavam sobre o motivo por que, sendo eles estranhos ao museu, deviam ser acompanhados por um elemento da polícia no que era afinal uma visita privada, revelaram-se demasiado educados para tecer qualquer comentário. Mrs. Ballantyne, uma mulher de rosto bondoso e idade avançada, nem sequer pareceu dar-se conta de que Kate pertencia à polícia e, quando saíram do gabinete de Calder-Hale, perguntou-lhe se ela era visitante assídua do museu.

Sugiro que comecemos pela Sala de História, no piso térreo propôs Calder-Hale, e que depois passemos à sala dedicada ao Desporto e Entretenimento, antes de subirmos ao primeiro andar e visitarmos a Sala do Crime. Deixaremos a biblioteca para o fim. Será o Conrad Ackroyd que vos falará das peças expostas na Sala do Crime. É um assunto mais da sua competência do que da minha.

Nesse mesmo instante, foi interrompido pelo ruído de passos que subiam a escada a correr. Benton-Smith apareceu no topo da escada. Kate apresentou-o, por mera formalidade, e o grupo iniciou a visita. Estava irritada com o atraso do colega mas, depois de consultar o relógio, apercebeu-se de que não podia queixar-se da sua falta de pontualidade, porque havia chegado à hora combinada.

Desceram até à Sala de História, onde uma parede com uma fileira de vitrinas e estantes focava os acontecimentos principais da história britânica entre Novembro de 1918 e Julho de 1939. Em frente, uma colagem semelhante exibia o que acontecera no resto do mundo. As fotografias tinham uma qualidade extraordinária e algumas, supôs Kate, deviam ser raras e valiosas. Avançando lentamente, o grupo contemplou a chegada dos chefes de Estado à Conferência de Paz, a

assinatura do Tratado de Versalhes, a fome e a queda da Alemanha, em contraste com as celebrações dos vitoriosos Aliados. Uma procissão de reis destronados desfilou à frente deles, com os seus rostos banais dignificados o que, por vezes, tinha o efeito contrário e os ridicularizava por uniformes sumptuosamente decorados e capacetes ridículos. Os novos detentores do poder preferiam um uniforme mais proletário e prático, com botas de montar feitas para caminhar por entre o sangue derramado. Muitas daquelas figuras políticas nada diziam a Kate, mas viu que Benton-Smith se lançara numa discussão acalorada com um dos professores canadianos acerca do significado da greve geral, em Maio de 1926, para o trabalho organizado. Só então se lembrou de que Piers lhe dissera que Benton era formado em História. Era de calcular. Por vezes, Kate reflectia, não sem algum cinismo, que em breve seria a única pessoa com menos de trinta e cinco anos a não ter um curso, o que talvez com o tempo lhe conferisse um prestígio particular. Os visitantes pareciam convencidos de que tanto ela como Benton estavam tão interessados como eles nas peças expostas e que tinham o mesmo direito de exprimir a sua opinião. Seguindo-os, disse a si própria, com ironia, que a investigação daquele homicídio estava a tornar-se de certo modo um evento social.

Seguiu o grupo até à sala dedicada ao desporto e ao entretenimento. Ali estavam as tenistas de outras eras, com as suas fitas no cabelo e as suas incómodas saias compridas, enquanto os homens usavam calças brancas de flanela, muito bem engomadas; pósteres de homens, em calções e com mochilas às costas, que faziam longos passeios em idealizadas zonas rurais de Inglaterra; a Liga Feminina da Saúde e da Beleza, com calções de cetim preto blusas brancas, executando em grupo os seus exercícios rítmicos. Havia também vários cartazes dos caminhos-de-ferro, com imagens de colinas azuis e praias amarelas, onde crianças com o cabelo comprido e cortado à pajem brincavam com baldes e pás reluzentes, ao lado dos pais nos seus fatos de banho discretos, aparentemente alheios ao clangor distante de uma Alemanha que se armava para a guerra. E ali também se achava o fosso, omnipresente e intransponível, entre

336 os ricos e os pobres, os privilegiados e os desfavorecidos, realçado pelo inteligente agrupamento das fotografias, que permitiam comparar um grupo de pais e amigos num jogo de críquete entre a equipa de Eton e a de Harrow, em 1928, com os rostos inexpressivos de crianças subnutridas fotografadas aquando da excursão que a escola dominical organizava anualmente.

Subiram ao primeiro piso em direcção à Sala do Crime. Embora as luzes já estivessem acesas, a obscuridade do dia intensificara-se e pairava no ar um cheiro desagradável a mofo. Caroline Dupayne, que quase sempre se havia mantido em silêncio, falou pela primeira vez.

Cheira a bafio aqui. Não podemos abrir uma janela, James? Deixe entrar um pouco de ar fresco para dissipar este cheiro.

Calder-Hale dirigiu-se a uma janela de guilhotina e, com algum esforço, conseguiu baixá-la uns quinze centímetros.

Foi a vez de Ackroyd tomar a palavra. Que homenzinho extraordinário era, com o seu corpo anafado mas enérgico enfiado num fato de corte impecável, e um rosto tão inocente e excitado como o de uma criança, por cima daquele ridículo laço às bolas, pensou Kate. AD havia contado à equipa a sua primeira visita ao Dupayne. Sempre muito atarefado, prescindira de algumas horas preciosas para conduzir Ackroyd ao museu. Kate reflectiu, não pela primeira vez, na singularidade da amizade masculina que, aparentemente, não se apoiava nos sustentáculos da personalidade, nem numa visão partilhada do mundo, mas, na maior parte das vezes, num único interesse comum ou numa experiência mútua pouco exigente e expressiva. Que podiam ter em comum AD e Conrad Ackroyd? Este último parecia estar a gostar do seu papel de guia. Os seus conhecimentos sobre

casos de assassinio era excepcional e nem precisou de recorrer a apontamentos. Alongou-se com o caso Wallace, e os visitantes examinaram o comunicado do Clube Central de Xadrez, que assegurava que Wallace devia jogar ali na noite anterior ao crime, assim como observaram em respeitoso silêncio o tabuleiro de xadrez de Wallace, exposto numa vitrina. >

Esta barra de ferro não é a arma do crime explicou Ackroyd, porque nunca a encontraram. No entanto, o facto é que uma barra parecida, usada para remover as cinzas da parte inferior da lareira, desapareceu. Estas duas fotografias em grande plano do corpo da vítima, tiradas pela polícia com poucos minutos de intervalo, são muito interessantes. Na primeira, podem ver a gabardina amarrotada de Wallace, manchada de sangue, por baixo do ombro direito da vítima, enquanto, na segunda, a gabardina já fora retirada.

Mrs. Ballantyne examinou as fotografias com um misto de aversão e de pena. O seu marido e o professor McIntyre trocavam impressões sobre o mobiliário e os quadros da sala de estar atulhada, esse santuário de respeitabilidade da classe média, raramente usado, que, na qualidade de sociólogos, achavam mais fascinante do que as manchas de sangue e um crânio esmagado.

Foi um caso único em três aspectos prosseguiu Ackroyd. O Tribunal de Ultima Instância anulou o veredicto com base em que era pouco firme, tendo em conta as provas. Na realidade, declarou que o júri se enganara, o que deve ter constituído uma humilhação para o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Lorde Hewart, que se pronunciara sobre o recurso e cuja filosofia era a de que o sistema britânico, baseado num júri, era absolutamente infalível. Em segundo lugar, o sindicato de Wallace financiou o recurso, mas só depois de chamar todos os envolvidos no caso ao seu gabinete de Londres, onde procedeu a uma espécie de julgamento em pequena escala. Em terceiro lugar, foi o único caso para o qual a Igreja Anglicana autorizou uma oração especial que guiasse o Tribunal de Ultima Instância a tomar a decisão acertada. E uma oração magnífica... Naquela época, a Igreja ainda sabia escrever a liturgia... e podem vê-la, impressa num folheto destinado ao serviço religioso, nesta vitrina. Pessoalmente, gosto da última frase. E devereis orar para que os sábios conselhos do nosso senhor e soberano, o rei, possam ser fiéis às ordens cristãs do apóstolo Paulo. Nada deveis julgar até que Deus traga à luz coisas escondidas nas trevas e torne manifesto os conselhos do coração. O advogado de acusação, Edward

Hemmerde, ficou furioso com esta prece e ainda mais exasperado quando ela se revelou eficaz.

Os conselhos do coração repetiu o professor Ballantyne, o mais velho dos dois visitantes masculinos. Pegou num bloco de apontamentos e o grupo aguardou pacientemente enquanto ele, consultando o folheto, anotava a última frase da oração.

Ackroyd tinha menos a dizer acerca do caso Rouse e concentrou-se nas provas técnicas relativas à possível causa do incêndio, omitindo a explicação de Rouse acerca de alguém haver ateadado uma fogueira, evitando com grande tacto matéria tão delicada. Kate perguntou a si própria se o fizera por prudência ou por sensibilidade. Não que esperasse que Ackroyd efectuassem qualquer alusão à similaridade daquele caso com o assassinio de Neville Dupayne. Sabia que ninguém, para além das pessoas envolvidas, fora informado da existência do misterioso condutor ou de que as palavras por ele ditas a Tally Glutton eram idênticas às que Rouse proferira. Kate fitou discretamente Caroline Dupayne e James Calder-Hale durante a cuidadosa explicação de Ackroyd acerca do caso Rouse, mas nenhum dos dois deixara transparecer a menor centelha de interesse.

Passaram para o caso do Assassínio do Baú de Brighton. Era uma ocorrência menos interessante para Ackroyd, por lhe ser mais difícil caracterizá-lo como típico da época em que fora cometido. Assim, concentrou-se no baú.

Este era o típico baú de latão usado pelas pessoas pobres quando tinham de viajar. Podia ter contido praticamente todos os haveres de Violette Kaye, uma prostituta, mas no fim converteu-se no seu caixão. Tony Mancini, o seu amante, foi julgado no Tribunal do Condado de Lewes, em Dezembro de mil novecentos e trinta e quatro, e absolvido depois de uma brilhante alegação por parte de Mister Norman Birkett. Foi um dos poucos casos em que as provas apresentadas pelo patologista forense, Sir Bernard Spilsbury, foram postas em causa com êxito. Este caso é um exemplo do que realmente mais importa no julgamento de um homicídio: o talento e a reputação do advogado de defesa. Norman Birkett, que mais tarde

se tornaria Lorde Birkett de Ulverston, era dono de uma voz particularmente melodiosa e persuasiva, o que constituiu uma arma poderosa. Mancini ficou a dever-lhe a vida e julgou-se que terá sabido agradecer-lhe devidamente. Antes de morrer, Mancini confessou que assassinara Violette Kaye. Se premeditara matá-la, isso é outra coisa.

O pequeno grupo observou o baú, mais por cortesia do que levado por um interesse genuíno, pelo menos no entender de Kate. A atmosfera pesada parecia ter-se intensificado ainda mais e Kate deu consigo a desejar que o grupo passasse a outra sala. Todo o museu mas, em particular, a Sala do Crime havia-a oprimido desde a primeira vez que ali entrara. Tinha dificuldade em compreender aquela cuidadosa reconstituição do passado. Tentara esquecer-se da sua própria história durante anos, mas agora sentia um certo receio e algum rancor perante a clareza e a terrível inevitabilidade com que ela regressava, mês após mês. O passado estava morto e enterrado e não podia ser alterado. Não havia como compensá-lo e, ainda menos, como compreendê-lo. As fotografias a sépia que a rodeavam tinham tanta vida própria como o papel em que estavam impressas. Aqueles homens e mulheres, há muito falecidos, tinham sofrido ou provocado sofrimento, mas haviam desaparecido. Que impulso extraordinário levava o fundador do Dupayne a exhibir assassinos e vítimas com tanto empenho? Não eram, certamente, mais relevantes para a sua época do que as fotografias de carros antigos, os trajes de outras eras, as cozinhas e outros artefactos do passado. Algumas daquelas pessoas estavam enterradas em cal viva, outras, nos átrios de igrejas, mas podiam ter sido atiradas para uma vala comum, porque isso agora pouco importava. Como posso viver com segurança senão no momento presente, um momento que, quando me dou conta dele, se torna passado?, pensou. A incómoda convicção que sentira ao sair de casa de Mrs. Faraday invadiu-a novamente. Não podia confrontar-se com os primeiros anos da sua carreira nem tão-pouco anular o poder que exerciam sem trair o seu próprio passado.

Iam passar a outro caso quando a porta se abriu e Muriel Godby apareceu. Caroline Dupayne achava-se junto ao baú e

Muriel, algo esbaforida, avançou na sua direcção. Ackroyd fez uma pausa antes de apresentar o caso seguinte, e o grupo aguardou.

O silêncio deliberado e o círculo de rostos virados na direcção de Muriel desconcertaram-na. Era óbvio que esperara transmitir o recado discretamente.

Lady Swathling está ao telefone e quer falar consigo, Miss Dupayne, mas expliquei-lhe que estava ocupada informou.

Nesse caso, diga-lhe que ainda estou ocupada e que lhe telefonarei daqui a uma meia hora.

Ela diz que é urgente, Miss Dupayne.

Está bem, eu vou atender.

Caroline Dupayne afastou-se com Muriel Godby, e o grupo concentrou de novo a sua atenção em Conrad Ackroyd. Foi nesse preciso instante que aconteceu. Um telemóvel começou a tocar, quebrando o silêncio, de uma forma tão assustadora e sinistra como um alarme de incêndio. Não havia quaisquer dúvidas quanto à proveniência daquele toque. Todos os olhares se fixaram no baú. Para Kate, os poucos segundos até que alguém se mexesse ou falasse pareceram transformar-se em minutos, uma suspensão do tempo durante a qual viu o grupo petrificado, como num quadro, com os braços e as pernas imóveis como se fossem manequins de uma loja, enquanto o som metálico continuava a ecoar.

Por fim, Calder-Hale comentou em tom jovial:

Parece que alguém resolveu pregar uma partida um tanto ou quanto infantil, mas nem por isso menos surpreendente e eficaz.

Foi, contudo, Muriel Godby quem agiu.

Que estupidez! exclamou com o rosto enrubescido. E antes que os outros pudessem fazer qualquer coisa, precipitou-se para o baú, ajoelhou-se e levantou a tampa. O cheiro pestilento espalhou-se pela sala, tão avassalador como se fosse gás. Kate, que se achava atrás do grupo, apenas vislumbrou um torso curvado e uma madeixa de cabelo louro, antes de Muriel largar a tampa, que caiu pesadamente com um estrondo. As pernas dela tremiam e os pés deslizavam no

341

no chão, como se quisesse levantar-se mas todas as forças houvessem abandonado o seu corpo. Tombou sobre o baú e emitiu ruídos abafados, gemidos e guinchos lancinantes, como se fosse um cachorrinho perdido. Entretanto, o telemóvel parara de tocar. Kate ouviu Muriel murmurar:

Não! Não!

Também ela se sentiu paralisada por breves segundos, mas, por fim, avançou para assumir o comando da situação fazer o seu trabalho.

Virou-se para o grupo e num tom de voz calmo ordenou:

Recuem, por favor.

Avançou então para o baú, colocou os braços em volta da cintura de Muriel e tentou erguê-la, mas a mulher tinha uma constituição forte e era, naquele momento, um peso morto. Benton-Smith veio em seu auxílio e, juntos, conseguiram que Muriel se pusesse de pé e fosse levada para uma das cadeiras.

Kate dirigiu-se a Caroline Dupayne.

Mistress Glutton está em casa?

Suponho que sim. E provável, mas a verdade é que não sei.

Nesse caso, leve Miss Godby para o gabinete da recepção e cuide dela, está bem? Alguém irá ter consigo logo que for possível.

Dirigiu-se então a Benton-Smith.

Peça a chave a Miss Dupayne, veja se a porta de entrada está fechada e certifique-se de que continua fechada. Ninguém pode sair do museu. Depois, ligue para o comandante Dalgliesh e regresse.

Calder-Hale permanecera calado. Mantinha-se um pouco afastado do resto do grupo, atento a tudo o que se passava. Kate virou-se para ele.

Pode levar Mister Ackroyd e o grupo para o seu gabinete, por favor? Vamos precisar dos seus nomes e dos seus endereços neste país, mas depois poderão partir.

O pequeno grupo de visitantes não se mexera. Perscrutando os seus rostos, Kate teve a impressão de que apenas um dos canadianos, o idoso professor Ballantyne, que se achava junto do baú com a mulher, vira o cadáver, porque a tez do seu rosto

342 tornara-se esverdeada e, estendendo os braços, puxou a esposa para si.

O que é? Há um animal ali dentro? É um gato morto? perguntou Mrs. Ballantyne, visivelmente nervosa.

Acompanha-me, minha querida respondeu-lhe o marido e juntaram-se ao pequeno grupo que se dirigia para a porta.

Entretanto, Muriel Godby acalmara-se. Levantou-se e disse num tom que tentava mostrar alguma dignidade:

Desculpem. Desculpem... mas foi um choque... É horrível... Sei que parece um disparate, mas, por uma fracção de segundo, pensei que era Violette Kaye. Lançou um olhar que inspirava compaixão a Caroline Dupayne. Perdoe-me. Perdoe-me. Foi do choque...

Ignorando-a, Caroline Dupayne hesitou antes de se dirigir para o baú, mas Kate impediu-a de avançar.

Por favor, leve Miss Godby para o gabinete da recepção tornou a pedir, mas desta vez num tom de voz mais autoritário. Sugiro que prepare uma bebida quente, chá ou café. Vamos telefonar ao comandante Dalgliesh que virá juntar-se a nós assim que puder, se bem que talvez demore algum

tempo.

Seguiu-se um breve silêncio e Kate julgou que Caroline ia protestar, mas ela limitou-se a acenar com a cabeça, para depois se virar para Benton-Smith.

As chaves da porta de entrada estão no armário. Se descer connosco, entrego-lhas.

Kate ficou sozinha. O silêncio era total. Não havia despido o casaco e procurou no bolso as suas luvas, mas só então se lembrou de que as deixara no porta-luvas do carro. No entanto, tinha um lenço limpo. Não havia pressa. AD chegaria dali a pouco tempo com o equipamento necessário, mas ela tinha de levantar, pelo menos, a tampa do baú, se bem que não naquele instante. Era importante ter uma testemunha e resolveu nada fazer antes de Benton-Smith regressar. De pé, sem se mexer, fitou o baú. Benton-Smith ausentou-se apenas por alguns minutos, mas para Kate pareceu uma eternidade, sozinha naquela sala em que nada parecia real à excepção daquele ameigado receptáculo de horror.

343

Por fim, o sargento regressou.

Miss Dupayne não ficou lá muito contente por ter recebido ordens para esperar no gabinete da recepção. A porta da entrada já estava trancada e tenho as chaves comigo. E quanto aos visitantes? Vale a pena mantê-los aqui?

Não. Quanto mais depressa saírem do museu, melhor. Vá ao gabinete do Calder-Hale, por favor, anote os nomes e os endereços deles e tranquilize-os, se conseguir pensar numa maneira de o fazer... Não refira que encontrámos um cadáver, se bem que me pareça que eles não têm grandes dúvidas quanto a isso...

Devo certificar-me de que eles não têm algo importante a revelar-nos? Quer que lhes pergunte se repararam em algo de estranho?

É pouco provável. A rapariga está morta há já algum tempo, e eles chegaram ao museu há cerca de uma hora. Livre-se deles com tanto tacto e discrição quanto lhe for possível. Interrogaremos Mister Calder-Hale mais tarde. Mister Ackroyd deverá partir com os canadianos, mas duvido que consiga mandar para casa Mister Calder-Hale. Volte para aqui depois de os acompanhar até à porta.

Desta vez, a espera foi mais demorada. Muito embora o baú estivesse fechado, Kate teve a sensação de que o fedor aumentava a cada segundo, o que a fez recordar-se de outros casos e de outros cadáveres; no entanto, era subtilmente diferente, como se aquele corpo proclamasse a sua singularidade mesmo na morte. Kate ouviu o murmúrio de vozes. Ao sair, Benton fechara a porta da Sala do Crime atrás de si, abafando todos os ruídos, excepto uma voz aguda, que devia ser a de Ackroyd e depois o som de passos na escada. Continuou à espera, sempre com os olhos postos no baú. Seria realmente o mesmo que contivera o corpo de Violette Kaye? Até àquele momento nunca lhe despertara grande interesse saber se era ou não genuíno, mas agora ali estava, preto e um pouco amolgado, parecendo querer desafiá-la com os seus terríveis segredos. Por cima, os olhos de Tony Mancini fitavam-na, numa expressão de desafio. Era um rosto brutal, de olhos negros e ferozes, boca grande e bigode hirsuto; a verdade, contudo, é

que o fotógrafo não procurara torná-lo mais atraente. Tony Mancini morrera de causa natural porque Norman Birkett o defendera, da mesma forma que Alfred Arthur Rouse havia sido enforcado porque Norman Birkett representara a Coroa. Por fim, Benton-Smith regressou.

São pessoas muito simpáticas comentou. Não levantaram quaisquer objecções e nada tinham a contar, a não ser que repararam haver um cheiro estranho na sala. Só Deus sabe que histórias levarão com eles, quando regressarem a Toronto. Mister Ackroyd também partiu, mas não sem antes protestar. Está cheio de curiosidade... Receio que não haja grandes esperanças de que ele guarde segredo do que aconteceu... Não consegui despachar Mister Calder-Hale. Insistiu que tem muito trabalho a fazer no seu gabinete. O comandante Dalglish estava numa reunião, mas vai já sair. Deve chegar dentro de vinte minutos. Quer aguardar, inspectora?

Não, não quero aguardar replicou Kate.

Perguntou a si própria porque era tão importante que fosse ela a abrir o baú. Agachou-se e, com a mão direita envolta no lenço, levantou lentamente a tampa e lançou-a para trás. O braço pareceu-lhe mais pesado, mas o seu movimento ascendente foi tão gracioso e formal como se aquela acção fizesse parte da inauguração de uma cerimónia. O cheiro que se alastrou era tão nauseabundo que quase se sentiu sufocar. Como sempre, despertou-lhe emoções contraditórias, das quais só conseguia discernir o choque, a raiva e a triste constatação da mortalidade, emoções que foram substituídas pela determinação. Afinal, aquele era o seu trabalho e fora treinada para lidar com a morte.

A rapariga estava enfiada no baú de lado, como um feto grande, com os joelhos unidos quase a tocarem na cabeça inclinada, e os braços cruzados. Dava a impressão de que havia sido guardada com todo o cuidado, como um objecto, num espaço tão exíguo. Não se via o rosto, mas madeixas louras tombavam, tão delicadamente como a seda, sobre as suas pernas e os seus ombros. Usava casaco e calças cremes e botas curtas pretas de cabedal. Tinha o braço direito dobrado, com a mão pousada sobre o ombro esquerdo. Apesar das unhas com-

pridas e pintadas de um encarnado garrido e do anel grosso, de ouro, no dedo anelar, aquela mão parecia tão pequena e vulnerável como a de uma criança.

Não tem carteira comentou Benton-Smith, nem consigo ver o telemóvel. Provavelmente, está num dos bolsos do casaco. Ao menos, ajudar-nos-á a descobrir quem é.

Não devemos tocar em mais nada replicou Kate. Esperaremos por Mister Dalglish.

Benton-Smith baixou-se mais.

Que flores murchas são estas... espalhadas pelo cabelo dela?

As pétalas pequenas ainda conservavam alguns vestígios de cor púrpura e Kate reconheceu a forma de duas folhas.

São, ou melhor, eram violetas-africanas respondeu.

Quando Dalgliesh telefonou para o hospital universitário, sentiu um grande alívio por saber que Miles Kynaston estava disponível e o haverem encontrado antes de dar início a uma aula que pudera adiar. Sendo um dos mais eminentes patologistas do mundo, podia estar debruçado sobre um cadáver em decomposição avançada num terreno distante, ou haver sido chamado para um caso no estrangeiro. Dalgliesh podia ter convocado outros patologistas do Ministério do Interior, porque eram todos eles muito competentes, mas Miles Kynaston era o seu patologista favorito. Não deixava de ser interessante, pensou, que dois homens que pouco sabiam da vida privada um do outro, que não tinham outros interesses em comum a não ser o seu trabalho e que raramente se viam, excepto num local onde houvesse um corpo putrefacto, sentissem a reconfortante segurança proporcionada pela compreensão e pelo respeito instintivos sempre que se encontravam. A fama e a reputação de alguns casos mais publicitados não haviam transformado Kynaston numa prima-dona. Quando o chamavam, acorria prontamente, abstinha-se de recorrer ao humor macabro que alguns patologistas e detectives empregavam como antídoto para o horror ou o nojo, elaborava relatórios de autópsias que eram um modelo de clareza e de boa prosa e, quando depunha no banco das testemunhas, escutavam-no com todo o respeito. Na realidade, corria o risco de ser considerado infalível. A memória do grande Bernard Spilsbury ainda estava muito viva e não era bom para o sistema de justiça criminal,

quando uma testemunha avalizada apenas tinha de se sentar no lugar reservado às testemunhas para que todos acreditassem nela.

Corria o boato de que a ambição de Kynaston fora ser médico de clínica geral, mas que tivera de mudar de rumo antes de concluir o estágio, devido à sua relutância em testemunhar o sofrimento humano, e não restavam dúvidas de que era poupado a esse sofrimento enquanto patologista forense. Não seria ele que bateria à porta de casas desconhecidas, arranjando coragem para dar as más novas a um familiar ou a um amigo. No entanto, para Dalgliesh, aquele boato era infundado; Kynaston devia ter descoberto a sua aversão ao sofrimento alheio muito antes de entrar na faculdade de Medicina. Talvez o que movesse Kynaston fosse uma obsessão pela morte, as suas causas, as suas diversas manifestações, a sua universalidade e inevitabilidade, o seu mistério. Não tendo qualquer religião nem crença, tanto quanto Dalgliesh sabia, tratava, contudo, cada cadáver como se o seu sistema nervoso ainda pudesse sentir e os seus olhos vítreos ainda pudessem rogar-lhe um diagnóstico esperançoso. E, quando Dalgliesh observava aquelas mãos pequenas, anafadas e cobertas pelas luvas de látex a mover-se enquanto examinava um cadáver, por vezes tinha a irracional impressão de que Kynaston ministrava a sua própria e laica extrema-unção.

Mantivera o mesmo aspecto durante anos, mas havia visivelmente envelhecido desde a última vez que se haviam encontrado, como se houvesse descido de súbito a um nível inferior do contínuo declínio físico. O seu corpo tornara-se mais pesado, a linha de cabelo na testa sardenta avançara, mas mantinha os mesmos olhos vivos e as mesmas mãos firmes.

Passavam três minutos do meio-dia. As persianas haviam sido baixadas, parecendo desligar o tempo e expulsar a hostil penumbra do fim da manhã. Para Dalgliesh, a Sala do Crime parecia apinhada, e, no entanto, havia apenas seis pessoas para além dele, de Kate, de Piers e de Kynaston. Os dois fotógrafos haviam concluído o seu trabalho e começado a arrumar o equipamento, mas ainda havia uma lâmpada que, do alto, iluminava o corpo. Dois peritos em impressões digitais passavam

pó pelo baú, enquanto Nobby Clark e um segundo agente inspeccionavam meticulosamente o chão que, segundo parecia, oferecia poucas esperanças de conter pistas físicas. Usando os fatos próprios do seu ofício, todos eles se movimentavam com confiança, falando em voz baixa mas não num murmurar artificial. Quem os visse podia julgar, pensou Dalgliesh, que estavam concentrados num ritual esotérico secreto. As fotografias alinhavam-se, numa parede, como uma fileira de testemunhas silenciosas, contaminando a sala com as tragédias e as desgraças do passado: Rouse, com o seu cabelo liso e o seu sorriso complacente de sedutor; Wallace, com o seu colarinho alto e os olhos dóceis por trás dos óculos de armação metálica; Edith Thompson, com um chapéu de abas largas, rindo ao lado do seu jovem amante, sob um sol de Verão.

Haviam removido o corpo, que agora jazia ao lado do baú, sobre um lençol de plástico. O brilho impiedoso da luz que se projectava directamente sobre a rapariga havia dissipado os últimos traços de humanidade, e ela parecia tão artificial como uma boneca pronta a ser embalada. O cabelo louro e brilhante apresentava raízes castanhas. Devia ter sido bonita em vida, com uma sensualidade felina, mas não havia nem beleza nem serenidade naquele rosto sem vida. Os seus olhos azul-claros e ligeiramente exoftálmicos estavam esbugalhados, dando ideia de que, com uma pressão na sua testa, saltariam e rolariam como berlindes pelas suas faces pálidas. Tinha a boca entreaberta e dentes perfeitos, pousados sobre o lábio inferior, como num esgar. Um fio de muco secara no lábio superior. Havia uma nódoa negra de cada lado do pescoço fino: as marcas de mãos fortes que lhe haviam tirado a vida.

Dalgliesh permaneceu de pé em silêncio a observar Kynaston, acorado, enquanto se movia lentamente em volta do corpo, estendia os dedos lívidos da rapariga e lhe virava a cabeça da esquerda para a direita, a fim de poder perscrutar melhor as equimoses. Por fim, pegou na sua velha mala *Gladstone*, que trazia sempre consigo, e procurou o termómetro rectal. Passados alguns minutos, deu por concluído o seu exame preliminar e pôs-se de pé.

A causa da morte é óbvia. A rapariga foi estrangulada. O assassino usava luvas e era destro. Não detectei marcas de unhas, arranhões nem sinais de que a vítima se tenha tentado libertar das mãos que lhe apertaram o pescoço. Perdeu muito rapidamente os sentidos. A pressão mais forte foi feita pela mão direita, na parte da frente do pescoço. Pode ver-se a marca de um polegar por baixo do maxilar inferior, sobre o *cornu* da tiróide e, no lado esquerdo, as marcas resultantes da pressão feita pelos restantes dedos. Estão um pouco mais abaixo, alinhados na vertical, junto à cartilagem da tiróide.

Uma mulher podia ter feito isto? perguntou Dalglish.

Teria de ser forte, mas não de ser dotada de uma força descomunal. A vítima era magra e tinha um pescoço estreito. Sim, podia ter sido uma mulher a estrangulá-la, mas não, por exemplo, uma mulher frágil ou alguém com artrite nas mãos. A hora da morte? É complicado determiná-la em virtude de o baú ser praticamente hermético. Talvez lhe possa fornecer dados mais exactos após a autópsia. Por enquanto, a minha estimativa é a de que a rapariga foi assassinada, pelo menos, há quatro dias, provavelmente há cinco.

O Dupayne morreu por volta das dezoito horas da passada sexta-feira. E possível que esta morte tenha ocorrido aproximadamente à mesma hora? perguntou Dalglish.

É perfeitamente possível, mas, mesmo depois da autópsia, não poderei determiná-lo com tanta precisão. Amanhã de manhã, tenho algum tempo livre, às oito e meia. Tentarei enviar-lhe o meu relatório ao princípio da tarde.

Haviam encontrado o telemóvel no bolso do casaco da vítima. Era um dos modelos mais recentes. Dirigindo-se para a outra extremidade da sala, Piers premiu as teclas com os dedos enluvados, a fim de descobrir a origem do telefonema, e depois marcou o número.

Foi uma voz masculina que atendeu.

Garagem Mercer.

Penso que acabou de telefonar para este número, mas não nos foi possível atender...

Sim, é verdade. É só para dizer que o carro da Célia Mellock já está arranjado e para perguntar se ela quer vir buscá-lo ou se prefere que lho levemos a casa.

Ela disse que prefere que lho entreguem. Sabe qual é o endereço, não é assim?

Sim. É o número quarenta e sete de Manningtree Gardens, Earls Court Road.

Pensando melhor, esqueça. Ela acabou de sair e talvez prefira ir buscar o carro. De qualquer forma, dar-lhe-ei o recado. Obrigado.

Piers desligou.

Já temos o nome e a morada anunciou a Dalgliesh. E também sabemos porque foi que ela não veio até ao museu de carro. Estava a ser reparado numa garagem. O nome dela é Célia Mellock e o seu endereço é o número quarenta e sete de Manningtree Gardens, Earls Court Road.

Haviam colocado luvas de plástico nas mãos da rapariga e as suas unhas brilhavam como se tivessem sido mergulhadas em sangue. Erguendo-lhe as mãos com delicadeza, o Dr. Kynaston cruzou-as sobre o peito da morta. Depois, enfiou o corpo no saco de plástico e puxou o fecho de correr. O fotógrafo começou a desatarraxar a sua lâmpada enquanto o Dr. Kynaston, já sem luvas, despia a bata e a enfiava no seu saco *Gladstone*. Haviam pedido uma carrinha mortuária e Piers descera ao piso térreo para esperá-la. Foi então que a porta se abriu e uma mulher entrou com passos decididos.

O que está aqui a fazer, Mistress Strickland? exclamou Kate num tom de voz ríspido.

Hoje é quarta-feira respondeu Mrs. Strickland, calmamente. Presto voluntariado no museu às quartas-feiras, das nove e meia da manhã à uma da tarde, e, às sextas, das duas às cinco da tarde. Foram os horários que estabeleci. Pensei que o soubessem.

Quem a deixou entrar?

Miss Godby, claro. Sabe melhor do que ninguém que nós, os voluntários, temos de ser meticolosos com as nossas obrigações. Disse-me que o museu estava encerrado ao público, mas eu não sou um visitante.

Avançou, aparentemente sem qualquer repugnância, para o saco de plástico.

Vejo que têm um cadáver aí dentro. Detectei o cheiro inconfundível assim que abri a porta da biblioteca. Tenho um olfacto muito apurado. Perguntava a mim própria o que acontecera ao grupo de visitantes de Mister Ackroyd. Disseram-me que eles visitariam a biblioteca e tirei algumas das publicações mais interessantes para que pudessem vê-las. Agora, deduzo que já não virão...

Acabam de sair, Mistress Strickland replicou Dalglish, e lamento, mas tenho de lhe pedir que faça o mesmo.

Ir-me-ei embora daqui a dez minutos, mas antes preciso de arrumar a pequena exposição que tinha preparado. Pelos vistos, foi uma perda de tempo... Gostava que alguém me tivesse informado sobre o que se passou. Mas afinal o que aconteceu? Suponho que houve uma segunda morte suspeita, uma vez que se encontra aqui, comandante. Só espero que não seja nenhuma das pessoas que trabalha no museu.

Não, não é ninguém que trabalhasse para o museu, Mistress Strickland.

Dalglish, ansioso por se ver livre dela, mas não querendo contrariá-la, manteve a paciência.

Deduzo que seja um homem continuou Mrs. Strickland, porque não vejo nenhuma mala de mão. Ora nunca nenhuma mulher seria encontrada sem a sua mala de mão. E essas flores murchas? Parecem violetas-africanas. São violetas, não é verdade? É o corpo de uma mulher?

Sim, mas peço-lhe que não fale disto a ninguém. Temos de informar a família. Alguém pode ter dado pela sua ausência e estar preocupado com o seu paradeiro. Até informarmos a família mais próxima, qualquer fuga de informação poderá comprometer a investigação e causar-nos problemas. Estou certo de que compreende a nossa posição. Lamento não haver sabido que se encontrava no museu. Ainda bem que não chegou mais cedo...

Os mortos não me causam qualquer aflição replicou Mrs. Strickland. Só os vivos me causam problemas, de tempos a tempos. Suponho que a família já saiba... Refiro-me aos Dupayne, claro...

352

Miss Dupayne e Mister Calder-Hale achavam-se presentes quando descobrimos o corpo. Não tenho quaisquer dúvidas de que um deles ou até ambos já terão telefonado ao Marcus Dupayne.

Finalmente, Mrs. Strickland virou-se para a porta.

Ela estava dentro do baú, não é assim?

Sim, de facto admitiu Dalglish, ela estava no baú.

Com as violetas? Terá alguém tentado estabelecer um elo de ligação com Violette Kaye?

O olhar de Dalglish cruzou-se com o de Mrs. Strickland, mas nem um nem outro deixaram transparecer qualquer demonstração de reconhecimento. Era como se aquela hora no apartamento de Barbican, o vinho e a intimidade que haviam partilhado, as confidências que ela lhe fizera nunca houvessem existido. Para Dalglish, era como se falasse com uma desconhecida. Seria aquela a forma de Mrs. Strickland se distanciar de alguém a quem fizera perigosas confidências?

Devo insistir para que se retire, a fim de que possamos continuar o que estávamos a fazer tornou a pedir.

Com certeza. Não é minha intenção impedir que a polícia cumpra o seu dever. O seu tom de voz fora irónico. Avançou para a porta, mas voltou-se e anunciou: Se vos serve de alguma ajuda, ela não estava no baú às quatro horas da passada sexta-feira.

Fez-se silêncio. Se Mrs. Strickland quisesa ter uma saída teatral, conseguira-o.

Como pode estar certa disso, Mistress Strickland? perguntou Dalglish, sempre num tom de voz calmo.

Porque eu estava aqui quando o Ryan Archer abriu o baú e suponho que queiram saber porquê...

Dalglish teve de refrear o ridículo impulso de dizer que não lhe passara pela cabeça fazer tal pergunta.

Foi por pura curiosidade continuou Mrs. Strickland. Talvez impura curiosidade fosse o termo mais apropriado... Penso que o rapaz sempre quis ver o interior do baú. Acabara de aspirar o corredor que comunica com a biblioteca. Não era o momento apropriado, como é óbvio, mas também nunca o é... Tenho dificuldade em concentrar-me com aquele

desagradável ruído de fundo e, sempre que há visitantes, ele tem de desligar o aspirador. De qualquer forma, ele estava ali. Quando desligou o aspirador, entrou na biblioteca, mas, porquê, não sei... Talvez lhe apetecesse ter companhia... Eu acabara de fazer umas etiquetas novas para o caso Wallace e ele aproximou-se para as examinar. Disse-lhe que ia levá-las para a Sala do Crime e ele perguntou-me se podia acompanhar-me. Não vi motivo para lhe dizer que não.

E tem a certeza quanto à hora?

A certeza absoluta. Quando entrámos nesta sala ainda não eram quatro horas. Ficámos aqui cerca de cinco minutos. Depois, o Ryan foi receber o seu pagamento. Eu saí pouco depois das cinco. A Muriel Godby estava na recepção e, como já sabem, ofereceu-se para me dar boleia até à estação de metro de Hampstead. Esperei enquanto ela e a Tally Glutton inspeccionavam o museu. Deviam ser umas cinco e vinte quando finalmente partimos.

E o baú estava vazio? perguntou Kate. Mrs. Strickland fitou-a.

O Ryan não é o rapaz mais inteligente nem o mais digno de confiança, mas se tivesse encontrado um cadáver dentro do baú, acho que o teria dito. À parte isso, teria havido outros indícios, se a morta estivesse no baú há já algum tempo.

Lembram-se do que falaram nessa altura? Mencionaram algo importante?

Se bem me recordo, avisei o Ryan de que ele não devia tocar nas peças expostas. Não o recriminei. O seu gesto pareceu-me perfeitamente natural. Creio que ele disse que o baú estava vazio e que não vira manchas de sangue. Parecia desiludido.

Dalgliesh virou-se para Kate.

Veja se consegue encontrar o Ryan Archer. Hoje é quarta-feira, portanto, deve estar de serviço. Viu-o chegar?

Não, senhor. Provavelmente, encontra-se no jardim.

Pois veja se o descobre e se ele confirma esta informação. Não lhe explique o motivo das suas perguntas. Ele ficará a sabê-lo em breve, mas quanto mais tarde melhor. Duvido que conseguisse resistir à tentação de espalhar a notícia. Neste momento, a nossa prioridade é informar a família da rapariga.

Mrs. Strickland voltou-se de novo para a porta.

Façam favor de confirmar o que vos acabo de dizer, se bem que, se fosse eu, não assustaria o rapaz porque, se forem mais bruscos, ele negará tudo.

E saiu. Kate viu-a entrar na biblioteca quando desceu a escada.

Benton-Smith achava-se de guarda à porta de entrada. Ao vê-la, inclinou a cabeça na direcção do gabinete da recepção e comentou:

Começam a impacientar-se. Miss Dupayne já me perguntou duas vezes quando é que o comandante vai falar com elas. Aparentemente, precisam dela na escola, porque uma possível aluna vai visitar as instalações com os pais. Foi esse o motivo do telefonema de Lady Swathling.

Diga a Miss Dupayne que já falta pouco. Por acaso, viu o Ryan Archer?

Não, inspectora. O que se passa?

Mistress Strickland afirma que esteve na Sala do Crime com o Ryan às quatro horas da passada sexta-feira, e que ele levantou a tampa do o baú.

Benton já abriu a porta.

É uma informação útil. Ela tem a certeza da hora?

Ela diz que sim. Vou ver se encontro o Ryan. Hoje é quarta-feira. O rapaz deve andar por aí.

Apesar da obscuridade do dia, soube-lhe bem sair do museu e respirar ar fresco. Percorreu o caminho de entrada mas nem sinais de Ryan. A carrinha mortuária acabara de chegar e, voltando-se, viu que Benton-Smith saíra do seu posto para destrancar a barreira. Kate não aguardou. Não precisavam dela para transportar o corpo. A sua missão era encontrar Ryan. Passou pela garagem queimada em direcção às traseiras do museu, e foi então que avistou Ryan a trabalhar no jardim da casa de Mrs. Glutton. Usava um anoraque grosso, calças de ganga sujas e um gorro de lã com uma borla. Ajoelhado ao lado do canteiro que havia em frente de uma das janelas, afastava a terra com a sachola para plantar bolbos. Ergueu a cabeça quando ela se aproximou, e Kate detectou na expressão do rapaz um misto de desconfiança e de medo.

Precisas de enterrá-los mais fundo do que isso, Ryan disse-lhe. Mistress Faraday não te mostrou como se plantam os bolbos?

Ela não sabe que estou aqui e também não se importaria. Quando tenho algum tempo, gosto de trabalhar no jardim de Mistress Glutton. Estou a plantar estes bolbos para lhe fazer uma surpresa na próxima Primavera.

Tu também terás uma surpresa, Ryan, quando os bolbos não florescerem. Estás a plantá-los de cabeça para baixo...

E isso é importante? exclamou o rapaz olhando, desconsolado, para o último buraco que fizera.

Talvez os bolbos se endireitem e acabem por florescer, mas não sou uma especialista na matéria. Ryan, olhaste para o interior do baú da Sala do Crime na sexta-feira passada? Levantaste a tampa?

O rapaz cravou com mais força a sachola na terra.

Não. Nunca. Porque haveria de fazer isso? Não tenho permissão de ir à Sala do Crime.

Mas Mistress Strickland afirmou que estiveste lá com ela. Estás a dizer-me que ela mentiu?

Ryan fez uma pausa antes de responder.

Bom, se calhar, estive lá... Já não me lembrava... De qualquer forma, não fiz nada de errado. Não passa de um baú vazio.

Então é isso? Estava vazio?

Pelo menos, não havia nenhuma prostituta morta quando espreitei. Nem sequer manchas de sangue. Mistress Strickland estava comigo e poderá confirmar o que digo. Mas quem é que se queixou?

Ninguém, Ryan. Só queremos certificarmo-nos de certos factos. Então agora estás a dizer a verdade? Estiveste com Mistress Strickland pouco antes de saíres do museu e espreitaste para o interior do baú?

Já não lhe disse que sim? Então ergueu novamente a cabeça e Kate apercebeu-se do horror que bailava nos olhos do rapaz. Mas porque me faz essa pergunta? O que tem isso a ver com a polícia? Descobriram alguma coisa, não foi?

Seria desastroso se Ryan espalhasse a notícia antes de a polícia informar a família da rapariga. Era melhor não lhe contar nada, mas, na prática, isso revelava-se quase impossível, porque Ryan ficaria a par do que acontecera mais cedo ou mais tarde.

Encontrámos um cadáver no baú replicou Kate, mas não sabemos como foi lá parar. Até o descobrirmos, é importante que fiques calado. Saberemos, se abrires a boca, porque mais ninguém o fará. Compreendeste o que te disse, Ryan?

O rapaz fez que sim com a cabeça. Kate observou-o enquanto ele pegava em mais um bolbo com as mãos enlameadas e o inseria cuidadosamente no buraco. Parecia muito novo e vulnerável. Kate foi invadida por um sentimento incómodo e irracional de pena.

Prometes que nada dirás, Ryan? voltou a pedir.

Então... e Mistress Tally? replicou ele. Não lhe posso dizer? Ela deve estar de volta a qualquer momento. A bicicleta já está reparada e ela foi até Hampstead fazer compras.

Está descansado que falaremos com ela. Agora, porque não vais para casa?

Esta é a minha casa. Vou ficar aqui com Mistress Tally durante algum tempo, e só me irei embora quando estiver pronto.

Quando Mistress Tally regressar, diz-lhe que a polícia está aqui e pede-lhe que vá ao museu. Mas só ela, tu não.

Está bem, eu dou-lhe o recado. Não posso dizer-lhe porquê?

Ergueu a cabeça e fitou Kate com um olhar inocente e inexpressivo, mas ela não se deixou iludir.

Não lhe digas nada, Ryan. Limita-te a fazer o que te peço. Falaremos contigo mais tarde.

E sem dizer mais nada, Kate afastou-se. A carrinha mortuária, sinistra no seu negro anonimato, ainda se achava à entrada do museu. Kate acabara de chegar à porta quando ouviu o ruído de rodas a rolar no cascalho e, virando-se, viu Mrs. Glutton, que pedalava pelo caminho. O cesto da bicicleta estava apinhado de sacos de plástico. Apeou-se e conduziu a

bicicleta para o relvado, contornando a barreira. Kate foi ao seu encontro.

Acabo de falar com o Ryan explicou. Receio ter más notícias. Encontrámos outro corpo, o de uma rapariga, na Sala do Crime.

Mrs. Glutton apertou com força o guiador da bicicleta.

Mas eu estive esta manhã, às nove horas, a limpar a Sala do Crime e não vi lá ninguém.

Não havia maneira de amenizar a brutalidade dos factos.

Ela estava dentro do baú, Mistress Glutton.

Que horror! Foi algo que sempre receei... Tinha medo de que uma criança se enfiasse no baú e ficasse lá fechada, se bem que esse medo fosse irracional.... As crianças não podem visitar a Sala do Crime e um adulto nunca ficaria lá preso. A tampa não se tranca automaticamente nem é muito pesada. Mas como foi que isso aconteceu?

Tinham começado a caminhar, lado a lado, em direcção à casa.

Lamento informá-la de que não se tratou de um acidente respondeu Kate. A rapariga foi estrangulada.

Mrs. Glutton sentiu uma súbita vertigem e, por segundos, Kate pensou que ela ia cair. Estendeu a mão para a amparar. Mrs. Glutton apoiou-se à bicicleta, com os olhos postos na carrinha mortuária, ao longe. Já a havia visto antes. Sabia o que representava, mas conseguiu recompor-se.

Outra morte, outro assassínio murmurou. Alguém sabe quem é a rapariga?

Pensamos que se chama Célia Mellock. O nome diz-lhe alguma coisa?

Não, nada. E como conseguiu ela entrar? Não havia ninguém no museu quando eu e a Muriel passámos todas as salas em revista, ontem à tarde.

O comandante Dalgliesh está cá, bem como Miss Dupayne e Mister Calder-Hale. Ficávamos-lhe gratos se fosse juntar-se a eles.

E o Ryan?

Não me parece que precisemos dele por enquanto. Se for necessário, mandaremos chamá-lo.

Tinham chegado ao museu.

Deixe-me guardar a bicicleta na barraca do jardim e já irei ter consigo anunciou Mrs. Glutton.

Kate, contudo, não a deixou sozinha. Dirigiram-se à barraca e ela esperou enquanto Mrs. Glutton levava os sacos de plástico para casa. Não havia sinais de Ryan, se bem que a sachola e o cesto ainda estivessem no canteiro. Depois, as duas, em silêncio, encaminharam-se para o museu.

Quando Kate voltou à Sala do Crime, o Dr. Kynaston já saíra.

Onde estão eles? perguntou Dalglish.

Passaram para a galeria de quadros, incluindo Mister Calder-Hale. A Tally Glutton já regressou e está com eles. Deseja vê-los todos ao mesmo tempo?

Seria um método conveniente de confrontar as diferentes histórias. Penso que se estabeleceu a hora da morte da rapariga, sem grande margem para dúvidas. De acordo com o testemunho de Mistress Strickland e com o exame preliminar do doutor Kynaston, sabemos que morreu na sexta-feira, mais ao princípio do que ao fim da noite. O bom senso sugere que morreu pouco antes ou pouco depois de Dupayne. Um duplo homicídio. Recuso-me a acreditar que tenhamos dois assassinos diferentes, no mesmo local, na mesma tarde, aproximadamente à mesma hora.

Deixando Benton-Smith na Sala do Crime, Dalglish, Kate e Piers desceram ao átrio de entrada deserto e entraram na galeria de quadros. Seis pares de olhos viraram-se, aparentemente em simultâneo, para fitá-los. Mrs. Strickland e Caroline ocupavam as duas poltronas que se encontravam em frente da lareira. Muriel Godby e Tally Glutton estavam sentadas no banco almofadado que se encontrava no centro da sala, enquanto Marcus Dupayne e James Calder-Hale se achavam de pé, junto a uma das janelas. Ao olhar para Muriel Godby e Tally Glutton, Kate lembrou-se dos pacientes que havia visto

na sala de espera de um oncologista; ambas estavam cientes da presença uma da outra, mas não falavam ou se entreolhavam, uma vez que cada uma delas sabia que só conseguiria suportar a sua própria ansiedade. No entanto, também detectou uma atmosfera em que a excitação se misturava à apreensão e a que apenas Mrs. Strickland parecia imune.

Já que estão todos aqui anunciou Dalgliesh, parece-me ser o momento ideal para confirmar informações já fornecidas e descobrir o que sabem, se é que sabem alguma coisa sobre esta nova morte. O museu terá de permanecer encerrado, a fim de que os peritos em cenários de crime possam examinar todas as divisões. Vou precisar de todas as chaves. Quantos molhos existem e quem os tem?

Foi Caroline Dupayne que respondeu:

Eu e o meu irmão, bem como Mister Calder-Hale, Miss Godby, Mistress Glutton e as duas voluntárias, e ainda há um molho de reserva que fica guardado no gabinete.

Tenho andado a deixar entrar Mistress Strickland explicou Muriel Godby, porque, há dez dias, me disse que perdera as suas chaves. Repliquei que deveríamos esperar, pelo menos, uma semana antes de mandarmos fazer um duplicado do molho.

Mrs. Strickland não fez qualquer comentário. Dalgliesh dirigiu-se a Caroline.

Também terei de acompanhá-la, esta tarde, para ver as divisões do seu apartamento.

Caroline mostrava alguma dificuldade em manter a compostura.

Pensa realmente que é necessário, comandante? O único acesso às galerias a partir do meu apartamento está sempre trancado e só Miss Godby e eu possuímos as chaves da porta de entrada.

Se não fosse necessário, não lho pedia.

Não podemos sair do museu, assim sem mais nem menos protestou Calder-Hale. Tenho assuntos dos quais só posso tratar no meu gabinete e papéis a levar comigo, para os ler amanhã.

Não estamos a pedir-vos que saiam imediatamente do museu replicou Dalgliesh, embora agradecesse que nos entregassem as vossas chaves, ao fim da tarde. Entretanto, os peritos e o sargento Benton-Smith permanecerão aqui e, como é evidente, a Sala do Crime ficará interdita a todos.

A implicação contida naquele pedido era tão clara como desagradável: enquanto permanecessem no museu, seriam submetidos a uma discreta mas apertada vigilância.

Então, não foi um acidente? quis saber Marcus Dupayne. Pensava que a rapariga se tivesse enfiado no baú, talvez por curiosidade ou em resposta a um qualquer desafio, e que ficara fechada, quando a tampa lhe caiu em cima. Não é uma possibilidade a ter em conta? Morte por asfixia?

Não, neste caso respondeu Dalgliesh, mas, antes que continuemos, seria conveniente deixar o museu entregue aos peritos. Mistress Glutton, importa-se que usemos a sua sala de estar?

Tally Glutton e Mrs. Strickland haviam-se levantado, e Tally olhou, desconcertada, para Caroline Dupayne, que encolheu os ombros.

E a sua casa, enquanto ali viver. Se conseguir acolher-nos a todos, não me oponho.

Creio que há espaço suficiente retorquiu Tally. Posso trazer mais cadeiras da sala de jantar.

Então, é melhor sairmos daqui e acabarmos com isto o mais depressa possível rematou Caroline Dupayne.

O pequeno grupo saiu da galeria e esperou no corredor, enquanto Dalgliesh voltava a trancar a porta. Contornaram o museu, com passos arrastados e em silêncio, como se fizessem parte de um cortejo fúnebre acabado de sair do crematório. Seguindo Dalgliesh, quando este transpôs o pórtico da vivenda, Kate quase esperava encontrar sanduíches de presunto e uma garrafa de uma bebida revigorante na mesa da sala de estar.

Seguiu-se uma certa confusão quando Marcus Dupayne, com a ajuda de Kate, trouxe mais cadeiras e os outros se instalaram em volta da mesa. Somente Caroline Dupayne e Mrs. Strickland pareciam sentir-se à vontade. Ambas escolheram a cadeira que preferiam, sentaram-se e aguardaram, Caroline

Dupayne com severa condescendência e Mrs. Strickland com uma expressão de expectativa controlada, como se estivesse preparada para permanecer ali enquanto se sentisse interessada pelo interrogatório.

A sala, com a sua alegre simplicidade e atmosfera caseira, era incompatível com uma reunião daquele género. A lareira já estava acesa no mínimo, provavelmente, pensou Kate, para beneficiar o grande gato de pêlo amarelo-torrado, enroscado na mais confortável das duas cadeiras que ladeavam a lareira. Piers, que queria observar o que se passava, afastado do grupo que se instalara em volta da mesa, deu um piparote no gato para o tirar da cadeira. Ofendido, o animal dirigiu-se à porta com a cauda a abanar para, depois, desatar a correr até à escada.

Meu Deus! O *Tomcat* vai enfiar-se na minha cama! exclamou Tally. Ele sabe que não pode fazer isso. Se me dão licença...

Correu atrás do animal, enquanto os outros esperavam com o mesmo mal-estar dos convidados que aparecem num momento inoportuno. Tally apareceu à porta da sala com um dócil *Tomcat* nos braços.

Vou pô-lo lá fora. Em geral, ele anda lá por fora até ao entardecer, mas, hoje de manhã, apoderou-se da cadeira, adormeceu e não tive coragem de o incomodar.

Ouviram-na ralar com o gato e, depois, o ruído da porta a fechar-se. Caroline Dupayne olhou para o irmão, com as sobrancelhas erguidas e um sorriso sardónico. Finalmente, estavam instalados.

Dalgliesh manteve-se de pé ao lado da janela virada para sul.

O nome da rapariga é Célia Mellock. Alguém a conhece? Não lhe passou despercebido o olhar rápido que Muriel

Godby lançou a Caroline Dupayne, mas a secretária nada disse e foi Caroline que respondeu:

Tanto Miss Godby como eu a conhecemos ou, melhor dizendo, conhecíamos. Foi aluna em Swathling's, no ano passado, mas saiu no final do segundo trimestre, que terminou

na Primavera de dois mil e um. Miss Godby trabalhava como recepcionista na escola desde o trimestre anterior. Não vejo a Célia desde que saiu da escola. Nunca lhe dei aulas, mas fui eu que entrevistei a Célia e a mãe, antes de a admitir. Ficou connosco apenas durante dois trimestres e não se pode dizer que tenha sido uma boa escolha...

Os pais dela estão em Inglaterra? Sabemos que o endereço de Miss Mellock é o número quarenta e sete de Manningtree Gardens, Earls Court Road, e já telefonámos, mas ninguém atendeu.

Penso que é o endereço da casa dela e não da dos pais

replicou Caroline Dupayne. Posso falar-lhe da família, se bem que não saiba grande coisa. A mãe casou-se pela terceira vez, cerca de um mês antes de a Célia entrar na nossa escola. Não me lembro do nome do marido. Creio que é um industrial, e muito rico, claro, se bem que a própria Célia não fosse pobre. O pai dela deixou-lhe um fundo, em fideicomisso, e ela teve acesso ao capital quando completou dezoito anos. Era muito nova, mas estava estipulado desse modo. Agora me recordo que a mãe dela costumava passar grande parte do Inverno no estrangeiro. Se não se encontra em Londres, provavelmente estará nas Bermudas.

Que extraordinária memória comentou Dalglish.

Obrigado.

Caroline Dupayne encolheu os ombros.

Geralmente, não costumo enganar-me na selecção das alunas, mas, com a Célia, cometi um erro. Os fracassos são raros em Swathling's e, por isso, lembro-me deles mais facilmente.

Foi Kate que prosseguiu, virando-se para Muriel Godby.

Conheceu bem Miss Mellock enquanto trabalhou na escola?

Não a conhecia. Tinha muito pouco contacto com as alunas e o pouco que tinha não era agradável. Algumas não gostavam de mim, mas nunca percebi porquê. Uma ou outra chegaram a ser hostis para comigo e lembro-me perfeitamente dos seus nomes, mas essa rapariga não era uma delas. Não me parece que passasse muito tempo na escola e duvido que tenhamos chegado a falar uma com a outra.

Mais alguém conhecia a rapariga? Ninguém respondeu, mas todos menearam negativamente a cabeça. Alguém faz ideia do motivo que a levou ao museu?

De novo, todos menearam a cabeça.

E de presumir que tenha ido ao museu como visitante sugeriu Marcus Dupayne, ou sozinha ou com o seu assassino. Parece pouco provável que se tenha encontrado com alguém por mero acaso. Talvez Miss Godby se lembre dela.

Todos os olhos se viraram para Muriel.

Duvido muito que a reconhecesse, se a tivesse visto entrar. Talvez ela me reconhecesse e me falasse, mas não o creio. Se não consigo lembrar-me dela, porque haveria ela de lembrar-se de mim? Só posso dizer que não entrou no museu enquanto eu estive na recepção.

Suponho que a escola possua o nome e o endereço da mãe de Miss Mellock interveio Dalglish. Miss Dupayne, não se importa de ligar para lá e obter essa informação, por favor?

Saltou à vista que aquele pedido não foi bem recebido.

Não parecerá um pouco estranho? exclamou Caroline. A rapariga saiu no ano passado e depois de ter estado connosco apenas durante dois trimestres.

Destroem assim tão rapidamente as fichas das vossas antigas alunas? Claro que não. Não precisa de falar com Lady Swathling. Basta que peça a uma das secretárias que procure a ficha. Afinal, não é a directora adjunta? Porque não haveria de pedir uma informação de que precisa?

Mesmo assim, Caroline Dupayne hesitou.

Não podem descobri-lo de outra forma? Não me parece que a morte da rapariga tenha qualquer relação com a Swathling's.

Isso, ainda não o sabemos. A Célia Mellock foi aluna da escola, a senhora é a directora adjunta e ela foi encontrada no seu museu.

Se põe as coisas nesse pé...

Sim, ponho. Temos de informar a família dela. Existem outras formas de descobrir o endereço da família, mas esta é a mais rápida.

Caroline não levantou mais objecções e levantou o auscultador do telefone.

Miss Cosgrove? Preciso do endereço e do número de telefone da mãe da Célia Mellock. A ficha está no armário do lado esquerdo, na secção das antigas alunas.

A espera prolongou-se por um minuto, pelo menos. Por fim, Caroline anotou as informações e entregou-as a Dalgliesh, que lhe agradeceu e entregou o papel a Kate.

Veja se pode marcar um encontro, o mais depressa possível ordenou a Kate, que não precisou de mais instruções para saber que devia ligar à família através do seu telemóvel, fora da vivenda. A porta fechou-se atrás dela.

A obscuridade das primeiras horas da manhã dissipara-se mas o Sol ainda não começara a brilhar e o vento era frio. Kate resolveu fazer o telefonema no seu carro. O endereço ficava em Brook Street e quem atendeu tinha a voz melíflua de alguém que devia pertencer ao pessoal. Lady Holstead e o marido achavam-se na sua casa das Bermudas e não havia autorização para fornecer o número.

Daqui fala a inspectora Miskin, da Scotland Yard replicou Kate. Se desejar verificar a minha identidade, indicar-lhe-ei um número de telefone para onde poderá ligar, mas preferia que não perdêssemos mais tempo. Preciso de falar urgentemente com Sir Daniel.

Houve uma pausa. Não se importa de esperar? disse a voz.

Kate pôde ouvir o eco de passos. Volvidos trinta segundos, a voz indicou-lhe o número de telefone da casa das Bermudas, repetindo-o com todo o cuidado.

Kate desligou e reflectiu antes de fazer a segunda chamada, mas não lhe restava qualquer alternativa; a notícia teria de ser dada quanto antes e por telefone. Nas Bermudas, deviam ser umas quatro horas mais cedo. Talvez o telefonema fosse inconveniente porque seria recebido de madrugada, mas não era despropositado. Marcou o número e alguém atendeu quase de imediato.

Uma voz masculina exclamou, indignada:

Sim? Quem fala?

A inspectora Kate Miskin, da Scotland Yard. Preciso de falar com Sir Daniel Holstead.

É o próprio, e não são horas decentes para me telefonar. O que aconteceu? Foi uma nova tentativa de assalto ao nosso apartamento de Londres?

Está sozinho, Sir Daniel?

Sim, estou, e quero saber que raio se passa.

É acerca da sua enteada, Sir Daniel.

Antes que Kate pudesse continuar, ele interrompeu-a.

Em que sarilho se meteu ela desta vez? Ouça, a minha mulher já não é responsável por ela e eu nunca o fui. A rapariga tem dezanove anos, leva a vida como bem entende e tem o seu próprio apartamento. Por isso mesmo, que resolva sozinha os seus problemas. Só tem dado desgostos à mãe desde o dia em que começou a falar. O que foi, desta vez?

Era evidente que Sir Daniel tinha mau acôrdo, facto que apresentava as suas vantagens.

Receio ser portadora de uma má notícia, Sir Daniel. A Célia Mellock foi assassinada. O corpo dela foi encontrado, ao princípio desta manhã, no Museu Dupayne, em Hampstead Heath.

O silêncio foi tão absoluto que Kate perguntou a si própria se Sir Daniel a ouvira. Preparava-se para repetir a notícia quando Holstead exclamou:

Assassinada? Como?

Foi estrangulada, Sir Daniel.

Está a dizer-me que estrangularam a Célia e que a encontraram num museu? E alguma partida de mau gosto?

Receio que não. Pode verificar a informação telefonando para a Scotland Yard. Pensámos que seria melhor falar com o senhor, primeiro, para que pudesse dar a notícia à sua esposa. Lamento muito. Deve ser um choque terrível.

Meu Deus, se é! Regressaremos ainda hoje no avião da empresa. Não que possamos dizer algo que vos possa ajudar. Nem eu nem a minha mulher vimos a Célia nos últimos seis meses, e ela nunca telefona, nem tinha motivos para isso... Leva a vida como bem entende. Sempre deixou bem claro o que pensava sobre qualquer interferência da nossa parte. Agora, se

me dá licença, vou comunicar a notícia a Lady Holstead. Assim que chegarmos a Londres, telefonolhe. Suponho que ainda não tenham ideia de quem a matou?

Por enquanto, não, Sir Daniel.

Não há nenhum suspeito? Um namorado óbvio? Nada?

Por enquanto, não...

Quem está incumbido do caso? E alguém que eu conheço?

A investigação está a cargo do comandante Adam Dalgliesh. Irá falar com o senhor e com a sua esposa assim que regressarem. Talvez tenhamos então mais informações.

Dalgliesh? O nome não me é estranho. Depois de falar com a minha mulher, telefonarei ao comandante-chefe. Podia ter dado a notícia com um pouco mais de tacto. Adeus, inspectora.

Antes que Kate pudesse replicar, Sir Daniel desligou. Tinha alguma razão, pensou. Se houvesse dado a notícia de imediato, não teria ouvido aquela explosão de rancor. Sabia mais acerca de Sir Daniel Holstead do que ele teria desejado e essa' ideia deu-lhe uma certa satisfação, mas perguntou a si própria porque também a fazia sentir-se um pouco envergonhada. De volta à vivenda, Kate ocupou o seu lugar depois de confirmar a Dalgliesh, com um aceno de cabeça, de que havia transmitido a notícia. Podiam discutir os pormenores mais tarde. Viu que Marcus Dupayne ainda se achava sentado à cabeceira da mesa, com as mãos entrelaçadas e uma máscara de impassibilidade no rosto.

Temos a liberdade perguntou a Dalgliesh de nos retirarmos desta reunião, se qualquer um de nós precisar ou quiser, não é verdade?

Total liberdade. Pedi-vos para virem até aqui para vos interrogar, porque era a forma mais rápida de obter as informações de que necessito. Se causar incómodo a qualquer um de vós, posso falar com essa pessoa mais tarde.

Obrigado agradeceu Marcus. Achei por bem estabelecer a nossa posição, a nível legal. Como é evidente, tanto eu como a minha irmã queremos colaborar convosco em tudo aquilo que nos for possível. Esta morte constituiu um terrível choque. E também uma tragédia para a rapariga, para a sua família e para o museu.

Dalgliesh não replicou. Intimamente, duvidava que o museu fosse afectado. Assim que voltasse a abrir, a Sala do Crime tornar-se-ia o centro das atenções. Ainda guardava uma imagem muito nítida de Mrs. Strickland, sentada na biblioteca e ladeada pelos Dupayne, a escrever, com as mãos deformadas pela artrite, uma nova etiqueta: *O baú original em que foram escondidos os corpos de Violette Kaye e de Célia Mellock encontra-*

-se, de momento, na posse da polícia. Este baú é parecido, em estilo e em antiguidade. Aquele seu devaneio revelou-se desagradável.

É possível, a cada um de vós, regressar até à passada sexta-feira? Sabemos o que fizeram depois de o museu encerrar. Agora, precisamos de obter um depoimento pormenorizado do que aconteceu durante o dia.

Caroline Dupayne olhou para Muriel Godby. Foi esta que começou e, gradualmente, os outros, à excepção de Calder-Hale, confirmaram o que ela ia dizendo ou acrescentaram outras informações. Estabeleceu-se um relato elaborado do dia, hora a hora, desde o momento em que Tally Glutton havia chegado ao museu, às oito da manhã em ponto, para fazer as suas habituais limpezas, até àquele em que Muriel Godby finalmente fechara à chave a porta principal e conduzira Mrs. Strickland à estação de metro de Hampstead Heath.

Terminada a reconstituição, Piers interveio:

Então, houve duas ocasiões em que a Célia Mellock e o seu assassino podiam ter entrado no museu sem serem vistos; às dez horas da manhã e à uma e meia da tarde, quando Miss Godby abandonou a recepção e se dirigiu à vivenda para ir chamar Mistress Glutton.

A recepção não ficou sem ninguém por mais de cinco minutos explicou Muriel Godby. Se tivéssemos um sistema telefónico adequado, ou se Mistress Glutton concordasse em ter um telemóvel, eu não precisaria de ir até à vivenda. É simplesmente ridículo tentar ser eficiente com um sistema antiquado que nem sequer possui gravador de mensagens.

Partindo do princípio de que Miss Mellock e o seu assassino entraram no museu sem que ninguém os visse, existe alguma sala onde pudessem esconder-se durante a noite? perguntou Piers. Qual é o procedimento para trancar as portas por dentro?

Foi Muriel Godby que respondeu. Depois de fecharmos a porta de entrada, às cinco da tarde, faço uma ronda com a Tally para verificar se não há ninguém no museu. Depois, fecho as duas únicas portas para as quais existe uma chave: a da galeria de quadros e a da

biblioteca. São as salas que contêm as peças mais valiosas. Não fica fechada nenhuma outra sala, exceptuando o gabinete de Mister Calder-Hale, e isso não é da minha responsabilidade. Em geral, ele mantém a porta fechada à chave quando não se encontra no museu, e, por isso, não verifiquei se a porta do seu gabinete estava fechada.

Calder-Hale manifestou-se pela primeira vez.

Se o tivesse feito, teria descoberto que estava trancada.

E quanto à cave? quis saber Piers.

Abri a porta e vi que a luz ainda estava acesa. Do alto da escada de ferro, passei uma vista de olhos pela cave. Não havia ninguém na cave e apaguei as luzes. A porta não tem fechadura. Também verifiquei, juntamente com Mistress Glutton, se as janelas estavam fechadas. Saí às cinco e um quarto com Mistress Strickland e deixei-a na estação de metro de Hampstead. Depois, segui para casa, mas isso já o sabe, inspector, porque já fui interrogada a esse respeito na sexta-feira.

Piers ignorou aquele protesto.

Portanto, seria possível que alguém se escondesse na cave onde se encontra o arquivo, entre as estantes corrediças de aço? Não desceu a escada para verificar?

Foi então que Caroline Dupayne os interrompeu.

Inspector, dirigimos um museu, não uma esquadra da polícia. O museu não foi assaltado nem roubado nos últimos vinte anos. Porque haveria Miss Godby de inspeccionar a sala de arquivo? Mesmo que alguém se tivesse escondido no museu depois de este encerrar, como conseguiria sair? As janelas do piso térreo ficam fechadas durante toda a noite. Miss Godby e Mistress Glutton cumpriram as tarefas de rotina.

O irmão permanecera calado até àquele momento, mas resolveu dar a sua opinião.

Encontramo-nos ainda todos em estado de choque. Penso não ser necessário dizer que estamos tão ansiosos como os senhores por que este mistério seja deslindado e é nossa intenção cooperar com a investigação. Não existem quaisquer motivos para se pensar que uma das pessoas que trabalha no museu teve algo a ver com a morte da rapariga. Talvez

Miss Mellock e o seu assassino hajam vindo ao museu apenas como visitantes ou com um objectivo que só eles conheciam. Sabemos como poderiam ter entrado, sem serem vistos, e como poderiam esconder-se, mas existe um senão acerca da forma como um intruso sairia do museu sem dar nas vistas. Após a morte do nosso irmão, a minha irmã e eu esperámos pelos senhores na biblioteca. Deixámos a porta de entrada entreaberta por sabermos que os senhores não tardariam. Esperámos mais de uma hora, o que é tempo mais do que suficiente para que o assassino pudesse escapulir-se sem que ninguém o visse.

Nesse caso, correria um grande risco comentou Mrs. Strickland. Tanto o senhor como a Caroline podiam ter saído da biblioteca ou, então, o comandante Dalglish poderia ter entrado no mesmo instante em que o assassino se escapulia.

Marcus Dupayne ouviu aquele comentário com a mesma contida impaciência com que poderia ter acolhido a intervenção de um seu subordinado numa reunião departamental.

Sim, de facto, o assassino arriscou-se. Não tinha alternativa a não ser correr esse risco, se não queria ficar fechado no museu durante a noite. Bastar-lhe-ia espreitar pela porta da cave para ver que o átrio de entrada estava deserto e a porta, entreaberta. Não que esteja a sugerir que o homicídio tenha sido cometido na cave; a Sala do Crime parece ser o local mais provável. No entanto, a sala de arquivo oferecia o melhor, senão mesmo o único esconderijo seguro até o assassino conseguir escapar. Não estou a afirmar que foi isso que aconteceu, apenas que é uma possibilidade a ter em conta.

Mas a porta da biblioteca também estava entreaberta replicou Dalglish. E, certamente, o senhor e a sua irmã teriam ouvido alguém passar pelo átrio de entrada...

Uma vez que parece evidente alguém ter atravessado o átrio de entrada sem nós ouvirmos nada ripostou Marcus, a resposta é irrefutável. Se bem me lembro, estávamos sentados, com as nossas bebidas, em frente da lareira. Não nos achávamos perto da porta nem podíamos ver o átrio de entrada.

Caroline Dupayne fitou Dalglish, olhos nos olhos.

Não quero dar a ideia de que estou a fazer o seu trabalho, comandante, mas não existe um motivo plausível para a ida da Célia ao museu? Podia estar acompanhada por um namorado. Talvez fosse o tipo de rapariga que precisa de um factor de risco para tornar o sexo mais excitante. Talvez a Célia tenha sugerido o Museu Dupayne como um possível ponto de encontro. O facto de saber que eu era fiduciária do museu pode ter adicionado uma ponta de perigo à excitação sexual; depois, contudo, as coisas descontrolaram-se e ela acabou por morrer.

Kate não falara, havia algum tempo.

Pelo que conhecia de Miss Mellock perguntou a Caroline, acha que ela teria esse tipo de comportamento?

Fez-se uma pausa. A pergunta era delicada.

Como já afirmei, não lhe dei aulas e nada sei sobre a sua vida privada, mas era uma aluna infeliz, confusa e difícil. Também era facilmente influenciável. Nada do que pudesse fazer *me* surpreenderia.

Devíamos recrutar este grupo para a nossa brigada. É só dar-lhes mais meia hora e terão resolvido os dois homicídios, pensou Piers. Contudo, o pedante Marcus Dupayne tinha razão, em parte. O enredo que ele estabelecera podia ser improvável mas não de todo impossível. Seria uma dádiva para um advogado de defesa. No entanto, se tudo tivesse acontecido como sugerira, com um pouco de sorte Nobby Clark e os seus colaboradores descobririam algumas provas, talvez na sala de arquivo situada na cave. Só que as coisas não haviam acontecido daquela forma. Ultrapassava os limites da credibilidade que dois assassinos se achassem no museu, na mesma tarde, aproximadamente à mesma hora, com o propósito de matar duas vítimas muito diferentes uma da outra. Célia Mellock morrera na Sala do Crime, não na cave, e Piers começava a pensar que sabia porquê. Olhou de relance para o seu chefe. A expressão de Dalgliesh era grave e um pouco distante, quase contemplativa. Piers conhecia aquele olhar e perguntou a si próprio se os seus pensamentos se geriam pelas mesmas linhas dos do comandante.

Já temos as vossas impressões digitais disse Dalgliesh, que foram tiradas após o assassinio do doutor Dupayne. Lamento termos de selar a Sala do Crime e encerrar temporariamente o museu, o que certamente vos trará incómodos, mas espero que tudo esteja concluído na segunda-feira. Por ora, creio já haveremos terminado o nosso trabalho com todos os senhores, à excepção de Mistress Glutton e Mistress Strickland. Se, entretanto, precisarmos de mais informações, dispomos dos vossos endereços.

Não podemos saber como foi que a rapariga morreu? perguntou Marcus Dupayne. Penso que a notícia chegará à imprensa muito depressa. Ora não temos o direito de sermos os primeiros a saber?

Não haverá qualquer fuga de informação replicou Dalgliesh, nem o caso será tornado público enquanto a família da rapariga não for informada. Ficava-vos grato se mantivessem segredo, a fim de evitar uma angústia desnecessária à família e aos amigos da Célia Mellock. Assim que o homicídio se tornar público suscitará, inevitavelmente, o interesse da imprensa. Esse aspecto será tratado pelo Departamento de Relações Públicas da Polícia Metropolitana. Talvez seja melhor tomarem algumas precauções para não serem perseguidos pelos jornalistas.

E a autópsia? quis saber Caroline. E o inquérito preliminar? Para quando serão marcados?

A autópsia está marcada para amanhã, de manhã, e o inquérito será marcado pelo gabinete do juiz encarregado da investigação, logo que for possível respondeu Dalgliesh. Tal como no caso da morte do seu irmão, iniciar-se-á o inquérito para, logo de seguida, ser adiado.

Os dois Dupayne e Calder-Hale levantaram-se. Piers pensou que os irmãos se sentiam ofendidos por haverem sido excluídos do resto da conversa e, aparentemente, Miss Godby sentia o mesmo. Levantou-se, a contragosto, e olhou para Tally Glutton com um misto *de* curiosidade e de ressentimento.

Depois de a porta se fechar, Dalgliesh ocupou uma das cadeiras espalhadas em volta da mesa.

Obrigado por não haver mencionado as violetas, Mistress Strickland.

O senhor pediu-me para guardar segredo e foi o que eu fiz.

Tally Glutton ergueu-se. O seu rosto empalidecera.

Que violetas? exclamou.

Havia quatro flores de violetas-africanas murchas sobre o cadáver, Mistress Glutton explicou gentilmente Kate.

De olhos esbugalhados pelo horror, Tally fitou os outros rostos.

Violette Kaye! murmurou. Então, foram homicídios copiados de outros.

Kate foi sentar-se a seu lado.

É uma possibilidade que devemos levar em conta. O que temos de descobrir é como foi que o assassino obteve as violetas.

Dalglish dirigiu-se-lhe com tacto.

Vimos pequenos vasos de terracota com essas violetas em dois locais. No gabinete de Mister Calder-Hale e na sua casa. Vi as plantas de Mister Calder-Hale no domingo, por volta das dez da manhã, quando fui interrogá-lo. Nessa altura, estavam intactas, se bem que eu pensasse que ele iria decapitá-las quando baixou bruscamente a persiana da janela. A inspectora Miskin julga que não havia nenhuma flor partida, quando esteve, juntamente com os visitantes canadianos, no gabinete de Mister Calder-Hale, esta manhã pouco antes das dez horas, e o sargento Benton-Smith reparou nas flores quando se dirigiu ao gabinete, pouco depois da descoberta do corpo da Célia Mellock. Não faltava qualquer caule ou flor, por volta das dez e meia da manhã. Já verificámos e continuam intactas. Uma das plantas que tem no peitoril da sua janela apresenta quatro caules partidos. Portanto, parece que as violetas vieram daqui, o que significa que a pessoa que as espalhou por cima do corpo da Célia Mellock deve ter acesso à vivenda.

Tally respondeu calmamente, como se não tivesse quaisquer dúvidas de que iam acreditar nela.

Mas as violetas que viram são as que estavam no gabinete de Mister Calder-Hale! Troquei o vaso dele por um dos meus no domingo de manhã.

Kate já tinha prática em ocultar o seu entusiasmo e perguntou, num tom de voz contido:

Como foi que isso aconteceu?

Tally, contudo, voltou-se para Dalglish, como se quisesse obrigá-lo a compreender.

Ofereci um vaso de violetas-africanas a Mister Calder-Hale, quando ele fez anos, a três de Outubro. Suponho que foi um disparate... Devia ter-lhe perguntado primeiro... Nunca teve plantas no gabinete ou talvez esteja demasiado atarefado para regá-las. Como eu sabia que ele estaria a trabalhar no seu gabinete no domingo, porque costuma vir ao museu quase todos os domingos, pensei em regar as violetas e arrancar as flores e folhas mortas antes de ele chegar. Foi então que vi que faltavam quatro flores. Pensei, tal como o senhor, que se haviam partido quando ele baixou a persiana. Além do mais, não regara a planta e as folhas não pareciam viçosas. Assim, trouxe o vaso para minha casa a fim de tratar da planta e de substituí-la por uma das minhas. Acho que ele nem reparou.

Quando foi que viu pela última vez intactas as violetas-africanas que se encontravam no gabinete de Mister Calder-Hale? perguntou Dalglish.

Tally Glutton reflectiu antes de responder.

Penso que foi na quinta-feira, na véspera do assassinio *de* Mister Dupayne, quando limpei o gabinete de Mister Calder-Hale. Fica sempre fechado à chave, mas há um duplicado no armário. Lembro-me de haver pensado na altura que as folhas não pareciam lá muito viçosas, mas que as flores estavam todas intactas.

E no domingo a que horas trocou os vasos?

Não sei precisar a hora exacta, mas foi de manhã cedo, pouco depois de eu chegar. Talvez entre as oito e meia e as nove horas.

Vou ter de lhe fazer esta pergunta, Mistress Glutton. Foi a senhora que arrancou as flores?

Sempre com os olhos fixos em Dalglish, Tally respondeu num tom de voz tão dócil como o de uma criança obediente:

Não, não fui eu que arranquei as flores.

E está certa quanto aos factos que acaba de nos contar? Que as violetas-africanas do gabinete de Mister Calder-Hale se achavam intactas, na quinta-feira, trinta e um de Outubro, mas que foi encontrá-las estragadas e as substituiu no domingo, três de Novembro? Não tem quaisquer dúvidas quanto a isso?

Não, Mister Dalgliesh, não tenho quaisquer dúvidas. Agradeceram-lhe por ela haver consentido que usassem a

sua casa e prepararam-se para sair. Fora útil manter Mrs. Strickland ali, como testemunha do interrogatório a Tally, e, naquele momento, a voluntária dava mostras de não ter qualquer intenção de se ir embora tão cedo. Tally parecia contente com aquela companhia e sugeriu timidamente que talvez pudessem comer uma sopa e uma omeleta antes de Ryan regressar. O rapaz não dera sinais de vida, desde que Kate falara com ele, e teriam de interrogá-lo novamente agora, acerca do que havia feito na sexta-feira durante o dia.

Na segunda-feira, depois de Tally o trazer de volta, fornecera uma pista útil ao referir o antagonismo entre Neville e os seus irmãos quanto ao futuro do museu. O rapaz dissera que, depois de receber o pagamento pelo seu dia de trabalho, se dirigira a uma casa abandonada que havia ocupado, em tempos, com vista a convidar os amigos a tomar um copo, mas descobrira que a casa havia sido reocupada pelos donos. Então, vagueara pela área de Leicester Square durante algum tempo antes de resolver voltar para Maida Vale. Julgava que chegara a casa por volta das sete horas, mas não tinha a certeza. Não haviam conseguido comprovar as suas andanças. Aversão que dera da agressão coincidia com a do major, muito embora Ryan não tivesse explicado porque ficara tão ofendido com o que o major lhe dissera. Era difícil ver Ryan Archer como principal suspeito, mas tudo se complicava ainda mais por poder ser um dos suspeitos. Dalgliesh esperava que, onde quer que Ryan se encontrasse naquele momento, se mantivesse calado.

Calder-Hale ainda estava no seu gabinete e Kate e Dalgliesh foram falar com ele. Não podiam alegar que ele se mostrava pouco disposto a colaborar, se bem que parecesse imerso numa enorme apatia. Quando entraram no gabinete, recolhia

vagarosamente papéis que ia guardando numa pasta muito velha e estragada. Depois de saber que haviam encontrado quatro violetas-africanas murchas sobre o cadáver, revelou muito pouco interesse, como se esse facto fosse um pormenor sem importância que não lhe dizia respeito. Olhando, com expressão distraída para as violetas que repousavam no peitoril da janela, replicou que não havia dado pela troca dos vasos. Fora muito gentil da parte de Tally lembrar-se do seu aniversário, mas preferia não celebrar aquela data. Não gostava de violetas-africanas. Não havia nenhum motivo em particular para não gostar daquelas flores. Era, simplesmente, uma planta que não lhe dizia nada. Contudo, teria sido uma falta de educação dizer tal coisa a Tally e, por isso, não o fizera. Em geral, fechava à chave a porta do gabinete quando saía, mas não invariavelmente. Depois de Dalglish e de Piers o haverem interrogado no domingo, continuara a trabalhar até ao meio-dia e meia, altura em que fora para casa. Não se lembrava se tinha ou não fechado à chave a porta ao sair. Como o museu ficaria encerrado até ao funeral de Dupayne, era provável que não se houvesse dado ao trabalho de trancar o gabinete.

Enquanto Dalglish e Kate o interrogavam, continuou a recolher os seus papéis, arrumou a escrivaninha e foi até à casa de banho para lavar uma caneca. Agora que estava pronto para sair do museu, não revelava qualquer inclinação para continuar a sujeitar-se a mais perguntas. Entregou as suas chaves a Dalglish, não sem dizer que ficaria grato se lhas devolvessem o mais depressa possível, porque lhe causava grande incómodo não poder utilizar o gabinete.

Por fim, Dalglish e Kate chamaram Caroline Dupayne e Muriel Godby, que continuavam à espera no gabinete da recepção. Aparentemente, Miss Dupayne conformara-se com a inspecção ao seu apartamento. A porta situava-se na parte de trás da ala oeste do museu e passava despercebida. Miss Dupayne abriu-a e o grupo entrou para um pequeno vestíbulo, onde havia um elevador moderno cujo mecanismo era controlado por um painel. Enquanto digitava o código, Caroline Dupayne comentou:

Foi o meu pai que mandou instalar este elevador. Viveu aqui no fim da sua vida e era obcecado pela segurança. Eu também me sinto obcecada pela minha segurança, quando fico aqui sozinha. Prezo a minha privacidade como, sem dúvida, o senhor preza a sua, comandante. Por isso, considero esta diligência como uma intrusão.

Dalgliesh nada disse. Se houvesse indícios de que Célia Mellock estivera ali ou que pudesse haver entrado no museu pelo apartamento, então, Miss Dupayne teria de confrontar-se com uma busca e, nesse caso, sim, isso seria uma intrusão na sua vida. A visita guiada pelo apartamento, se lhe podiam chamar assim, foi rápida, mas Dalgliesh não se preocupou. Miss Dupayne mostrou-lhe os dois quartos de hóspedes, ambos com casa de banho própria e chuveiro e nenhum deles com indícios de haver sido usado recentemente, a cozinha, com um grande frigorífico, uma pequena área de serviço, onde havia uma máquina de lavar e outra de secar a roupa, e a sala de estar. Não podia ser mais diferente da sala de estar de Neville Dupayne. Ali, havia cadeiras confortáveis e um sofá forrado a linho verde-claro. A estante baixa corria ao longo de três paredes enquanto o chão polido estava coberto, quase na sua totalidade, por tapetes. Por cima da estante, as paredes ostentavam fotografias emolduradas, aguarelas, litografias e quadros a óleo. Apesar da luminosidade ténue do dia que era projectada pelas duas janelas que deixavam ver o céu, era uma sala acolhedora que, com o seu silêncio arejado, devia proporcionar um certo alívio do lado impessoal e da falta de privacidade do seu barulhento apartamento em Swathling's, e Dalgliesh julgou compreender porque era tão importante para ela aquele refúgio.

Por último, Caroline Dupayne mostrou-lhes o seu quarto, que surpreendeu Kate por não corresponder ao que esperava encontrar. Era simples mas cómodo, até mesmo luxuoso e, apesar de uma certa nota de austeridade, também muito feminino. Tal como nos outros quartos, as janelas tinham persianas e cortinas. Não entraram no quarto. Limitaram-se a permanecer à soleira da porta que Caroline escancarara e à qual se recostara, olhando fixamente para Dalgliesh. Kate detectou naquele olhar uma expressão de desafio, quase lasciva, o que a intrigou. Ajudava em certa medida a explicar o comportamento

379 de Caroline Dupayne durante a investigação. Então, em silêncio, Caroline Dupayne voltou a fechar a porta do seu quarto.

Contudo, o que interessava a Dalgliesh era o possível acesso ao museu. Uma porta pintada de branco abria-se para um lanço de degraus alcatifados que levavam a um pequeno corredor. A porta de mogno, à frente deles, tinha um trinco no topo e outro na parte inferior, e do lado direito via-se uma chave pendurada num gancho. Dalgliesh tirou as suas luvas de látex do bolso, calçou-as, puxou as linguetas dos dois ferrolhos e destrancou a fechadura. A chave girou facilmente na fechadura, mas a porta era pesada e, depois de aberta, Dalgliesh teve de servir-se do peso do seu corpo para evitar que se escancarasse.

E, ante os seus olhos, ali estava a Sala do Crime. Nobby Clark e um dos peritos em impressões digitais fitaram-nos, surpreendidos.

Quero que verifiquem se este lado da porta tem impressões digitais ordenou-lhes Dalgliesh. Depois, fechou-a e voltou a trancá-la.

Caroline Dupayne não tecera qualquer comentário nos últimos minutos, e Miss Godby não pronunciara uma só palavra desde que haviam entrado no apartamento. De volta à sala de estar, Dalgliesh perguntou:

Confirmam que só as duas possuem as chaves da porta de entrada do piso térreo do apartamento?

Já lhe disse que sim respondeu Caroline Dupayne. Não existem outras chaves. Ninguém pode entrar no apartamento pela Sala do Crime, porque não há puxador daquele lado, por ordens do meu pai.

Quando foi que estiveram pela primeira vez aqui, depois do homicídio do doutor Dupayne?

Finalmente, Muriel Godby respondeu:

Vim até cá no sábado de manhã, porque sabia que Miss Dupayne planeava passar o fim-de-semana no apartamento. Limpei o pó e verifiquei se estava tudo em ordem. Nessa altura, a porta que comunica com o museu estava trancada.

E é normal verificar se a porta está trancada? Porque haveria de fazê-lo?

Porque faz parte da minha rotina. Sempre que venho ao apartamento, verifico se está tudo em ordem.

Ceguei por volta das três da tarde explicou Caroline Dupayne e passei a noite de sábado aqui, sozinha. Saí por volta das dez e meia de domingo e, tanto quanto sei, ninguém esteve aqui depois disso.

E mesmo que alguém houvesse estado no apartamento, pensou Dalglish, a conscienciosa Muriel Godby teria já eliminado todo e qualquer vestígio. Foi em silêncio que os quatro desceram ao rés-do-chão do apartamento e também em silêncio que Miss Dupayne e Miss Godby entregaram os seus molhos das chaves do museu. Pouco passava da meia-noite quando Dalglish regressou ao seu apartamento na margem do rio, no último andar de um armazém remodelado do século XIX, em Queenhithe. Dalglish tinha entrada própria e um elevador de segurança. Ali, exceptuando os dias de expediente durante a semana, vivia por cima de gabinetes silenciosos e vazios, na solidão de que tanto precisava. As oito da noite, até mesmo as empregadas de limpeza já haviam saído dos gabinetes. Sempre que regressava a casa, imaginava os andares inferiores com gabinetes vazios, computadores desligados, cestos de papéis esvaziados e telefones que não eram atendidos, num silêncio quase sobrenatural, apenas quebrado pelo ocasional toque do fax. O edifício albergara, originalmente, um armazém de especiarias e um aroma pungente e evocativo infiltrara-se nas paredes, forradas com painéis de madeira, e que ainda era possível detectar apesar do forte cheiro a maresia do Tamisa. Como era seu costume, dirigiu-se a uma janela. O vento amainara. Uns poucos resquícios esfiapados de nuvens mostravam-se tingidos por um tom de vermelho cor de rubi, proveniente do brilho da cidade que pairava, imóvel, num céu quase roxo pontilhado por estrelas. Quinze metros abaixo da sua janela, a maré cheia afastava-se para, em seguida, bater contra os muros de tijolos; o deus castanho de T. S. Eliot assumira o seu negro mistério nocturno.

Havia recebido uma carta de Emma, em resposta à sua. Avançando para a secretária, releu-a. Era curta mas explícita. Emma estaria em Londres na sexta-feira, ao fim da tarde, e

planeava apanhar o comboio das seis e um quarto que chegaria a King's Cross às sete e três minutos. Perguntava-lhe se podia encontrar-se com ela junto à barreira. Sairia de Cambridge por volta das cinco e meia, e podia Adam telefonar-lhe antes, se não pudesse ir ao seu encontro? Assinara com um simples Emma. Voltou a ler as poucas linhas escritas numa caligrafia elegante com traços que se curvavam para cima, tentando decifrar o que se escondia por trás daquelas palavras. Aquela brevidade implicaria, mesmo que subtilmente, um ultimato? Não era o género de Emma, mas tinha o seu orgulho e, depois de ele haver cancelado o último encontro, podia estar a dizer-lhe agora que aquela era a sua última oportunidade, que seria a última oportunidade para os dois.

Mal se atrevia a nutrir qualquer esperança de que ela o amasse, mas mesmo que Emma se achasse a um passo do amor, podia sempre recuar. Ávida dela era em Cambridge, enquanto a dele era em Londres. Ele podia sempre pedir a demissão. Herdara de uma tia uma quantia suficiente para ser consideravelmente rico. Era um poeta respeitado. Desde a sua infância sempre soubera que a poesia seria a principal razão da sua existência, mas nunca quisera tornar-se um poeta profissional. Fora importante para ele encontrar um trabalho útil à sociedade afinal, saía ao pai, um emprego em que pudesse ser fisicamente activo e que, de preferência, o colocasse, de tempos a tempos, em perigo. Estendera a sua própria escada, senão no sujo ferro-velho do coração de W. B. Yeats, pelo menos num mundo muito distante da sedutora paz daquela reitoria de Norfolk e dos subsequentes e privilegiados anos em que estudara, primeiro, em escolas particulares e, depois, em Oxford. A carreira na polícia havia-lhe fornecido o que procurava e muito mais. O seu trabalho assegurara-lhe privacidade, protegera-o das obrigações inerentes ao êxito, das entrevistas, das palestras, das viagens ao estrangeiro, da publicidade implacável e, acima de tudo, de fazer parte do *establishment* literário de Londres. Além de que lhe dera inspiração para o melhor da sua poesia. Não podia desistir de tudo o que conquistara e sabia que Emma nunca lhe exigiria tal coisa, tal como ele nunca lhe pediria que sacrificasse a carreira por sua causa. Se, por

algum milagre, ela o amava, haveria de arranjar maneira de terem uma vida em comum.

Estaria na estação de King's Cross na sexta-feira, para a esperar. Mesmo que se produzissem desenvolvimentos importantes durante a tarde, Kate e Piers eram mais do que competentes para lidar com tudo o que pudesse acontecer no fim-de-semana. Somente uma detenção poderia retê-lo em Londres, e não havia nenhuma iminente. Já havia planeado como empregaria o tempo na sexta-feira à tarde. Chegaria mais cedo a King's Cross e passaria uma meia hora na British Library, antes de o comboio concluir a viagem. Depois percorreria a pé a curta distância até à estação. Mesmo que chovesse, Emma vê-lo-ia à sua espera quando aparecesse.

O seu último acto consistia em escrever uma carta a Emma. Não sabia por que motivo, naquele momento de paz, precisava de encontrar as palavras que a convencessem do amor que sentia por ela. Talvez houvesse um momento em que ela não quisesse mais ouvir a sua voz ou em que, se o escutasse, sentisse que precisava de mais tempo para pensar antes de dar a sua resposta. Se esse momento se verificasse, a carta já estaria escrita.

Na quinta-feira, sete de Novembro, Mrs. Pickering chegou à loja de beneficência em Highgate às nove e meia em ponto, como era seu hábito. Aborreceu-a deparar com um saco preto de plástico em frente da porta. Estava aberto, revelando a usual roupa velha de lã e algodão. Destrancou a porta, arrastando o saco atrás de si, levemente irritada. Era realmente lamentável. Apesar do papel colado no lado interior da janela, avisando que os doadores não deviam deixar sacos na rua devido ao risco de serem roubados, o certo é que continuavam a fazê-lo. Dirigiu-se ao pequeno escritório das traseiras, para pendurar o casaco e o chapéu, sempre arrastando o saco atrás de si. Teria de esperar por Mrs. Eraser, que costumava chegar pouco antes das dez, pois era ela, enquanto responsável pela loja de beneficência e especialista na avaliação das peças doadas, que examinaria o conteúdo do saco e decidiria o que seria posto em exposição e qual o preço.

Mrs. Pickering não nutria grandes esperanças quanto ao seu achado. Todos os voluntários sabiam que os doadores de roupas que pudessem ser compradas em segunda mão gostavam de entregá-las pessoalmente e nunca as deixavam em plena rua, onde corriam o risco de ser roubadas. Contudo, não resistiu a fazer uma inspecção preliminar. Certamente não havia nada de interessante naquele fardo, composto por umas calças de ganga muito desbotadas, várias camisolas de lã cheias de borbotões devido às muitas lavagens, um casaco, tricotado à mão, que lhe parecera prometedora até descobrir, nas mangas,

os buracos feitos pelas traças, e uma meia dúzia de pares de sapatos estalados e deformados. Tirando as peças, uma a uma, concluiu que o mais provável era Mrs. Fraser rejeitar aquele lote. Foi então que, enquanto remexia no interior do saco, as suas mãos tocaram num objecto de couro com uma corrente fina de metal, que se enroscilhara nos atacadores de um sapato de homem. Mrs. Pickering, mesmo assim, puxou a corrente e deu consigo a olhar para uma mala de mão que devia ter custado uma fortuna.

O estatuto de Mrs. Pickering na hierarquia da loja era baixo, facto que ela aceitava sem qualquer rancor. Demorava muito tempo a dar o troco, confundia-se quando lhe entregavam notas ou moedas de euros, tendia a perder tempo quando a loja estava cheia por ficar a conversar com os clientes, tentando ajudá-los a decidir que tipo de roupa era a indicada para o seu tamanho e aparência. Aliás, reconhecia aquelas suas falhas, mas elas não a perturbavam. Certa vez, Mrs. Fraser dissera a uma sua colega:

É uma desgraça com a caixa registadora, fala pelos cotovelos, mas é da mais total confiança e muito afável com os clientes. Por isso, temos muita sorte em tê-la a trabalhar connosco.

Mrs. Pickering ouvira apenas a última parte daquela frase, mas provavelmente não teria ficado desolada se a houvesse ouvido na totalidade. No entanto, apesar de a avaliação e a estipulação do preço das peças serem privilégios reservados a Mrs. Fraser, ela também sabia reconhecer couro de qualidade. Aquela mala de mão era, com certeza, valiosa e invulgar. Alisou-a com as mãos, sentindo a suavidade do couro, para depois voltar a colocá-la no saco de plástico.

Passou a meia hora seguinte como de costume. Limpou o pó das prateleiras, arrumou as peças pela ordem recomendada por Mrs. Fraser, voltou a pendurar as peças de roupa que mãos ansiosas haviam tirado dos seus cabides e dispôs as chávenas para o *Nescafé* que prepararia assim que Mrs. Fraser chegasse. Esta apareceu pontualmente, como era seu hábito. Fechando a porta da loja atrás de si, olhou com uma expressão de aprovação para o interior da loja e só depois se dirigiu para o escritório das traseiras, acompanhada por Mrs. Pickering.

Encontrei este fardo de roupa anunciou Mrs. Pickering. Foi deixado lá fora, como já é costume. A pessoas são realmente mesquinhas... O aviso é tão claro... O conteúdo não é grande coisa, exceptuando uma mala de mão.

Mrs. Eraser, como bem o sabia a sua companheira, nunca conseguia resistir a um novo donativo. Enquanto Mrs. Pickering ligava a chaleira eléctrica e vertia o *Nescafe* nas chávenas, Mrs. Eraser aproximou-se do saco. Seguiu-se um silêncio. Mrs. Pickering observou-a quando ela levantou a pega da mala, examinou atentamente o fecho e a virou. Por fim, abriu-a.

É uma mala *Gucci* e parece nova. Quem se lembraria de nos dar uma mala destas? Viu a pessoa que deixou o saco?

Não. O saco já cá estava quando cheguei. A mala não se achava no cimo do fardo. Estava enfiada de lado, no fundo. Eu é que vasculhei o interior, por curiosidade, e encontrei-a.

Tudo isto é muito estranho. É a mala de uma mulher rica. Ora, os ricos nunca nos dão as roupas que já não usam. Mandam as criadas vendê-las nessas lojas caras de peças em segunda mão. E por isso que continuam a ser ricos. Conhecem muito bem o valor do que possuem. Nunca tivemos uma mala com esta qualidade.

Havia um bolso lateral. Mrs. Eraser enfiou os dedos e tirou um cartão-de-visita. Esquecendo-se por completo do café, Mrs. Pickering aproximou-se e leram o cartão juntas. O texto era pequeno e a letra, simples e elegante. Na parte de cima, leram: CÉLIA MELLOCK e no canto inferior esquerdo: POLLYAN-

NE PROMOTIONS, AGENTES TEATRAIS, COVENT GARDEN, WC2.

Não seria melhor entrarmos em contacto com a agência para tentar descobrir a dona da mala? perguntou Mrs. Pickering. Podíamos devolver-lha. Talvez a tenha doado por engano.

Mrs. Eraser, contudo, não compactuava com aquelas sensibilidades tão inconvenientes.

Se uma pessoa dá coisas suas por engano, cabe-lhe vir até cá e pedir que as devolvamos. Não podemos chegar a esse género de conclusão. Afinal, temos de lembrar-nos da nossa causa, o abrigo para animais velhos ou abandonados. Se os objectos são deixados na rua, temos todo o direito de vendê-los.

Podemos pô-la de parte para Mistress Roberts sugeriu Mrs. Pickering. Penso que nos oferecerá um bom preço. Ela não ficou de vir até cá esta tarde?

Mrs. Roberts, uma voluntária ocasional e não totalmente digna de confiança, tinha olho para uma boa pechincha, mas como oferecia sempre mais dez por cento do que Mrs. Fraser se atreveria a pedir aos clientes normais, nenhuma das senhoras via qualquer impedimento moral em agradar à colega.

Contudo, Mrs. Fraser não respondeu à sugestão da companheira. Estacara de tal forma que, por momentos, parecia incapaz de se mover. Por fim, replicou:

Agora me lembro. Conheço este nome. Célia Mellock. Ouvi-o na rádio local esta manhã. É a rapariga que foi encontrada morta naquele museu... o Dupayne, não é assim que se chama?

Mrs. Pickering nada disse. Sentia-se perturbada com a evidente, se bem que reprimida, excitação da colega, apesar de não compreender qual o significado daquela descoberta. Dando-se então conta de que devia tecer um qualquer comentário, replicou:

Nesse caso, ela deve ter resolvido dar a mala antes de
ser morta.

Ser-lhe-ia muito, mas muito difícil dar a mala depois de estar morta, Grace! E olhe para as restantes peças. Não podem ser da Célia Mellock. É óbvio que alguém enfiou a mala de mão no saco de plástico para se livrar dela!

Mrs. Pickering, que sempre encarara a inteligência da colega com o maior respeito, ao ser confrontada com aquele espantoso poder de dedução, esforçou-se por encontrar um comentário adequado.

Em seu entender, o que devemos fazer? perguntou por fim.

A resposta é simples. Vamos deixar a placa ENCERRADO na porta e só abriremos a loja às dez horas. Agora, vamos telefonar à polícia.

Quer dizer à Scotland Yard? exclamou Mrs. Pickering.

Exactamente. São eles que estão a investigar o homicídio da Célia Mellock e devemos sempre ir directamente ao topo.

As cerca de duas horas que se seguiram revelaram-se muito gratificantes para as duas senhoras. Mrs. Fraser telefonou enquanto, a seu lado, a colega admirava a clareza com que informava a polícia da sua descoberta. No final, ouviu-a dizer:

Sim, já o fizemos, e permaneceremos na sala das traseiras para que as pessoas não nos vejam e comecem a bater à porta. Há uma outra entrada, por trás, se quiserem chegar discretamente.

Pousou o auscultador e anunciou:

Vão enviar alguém. Pedem-nos para não abrimos a loja e esperarmos por eles no escritório.

A espera não foi longa. Dois agentes masculinos chegaram, de carro, e entraram pela porta das traseiras. Um era baixo e corpulento e saltava à vista que tinha uma patente mais elevada, enquanto o outro era alto, moreno e tão bonito que Mrs. Pickering mal conseguiu desviar os olhos dele. O agente mais velho apresentou-se como sendo o inspector Tarrant e ao seu colega, como sendo o sargento Benton-Smith. Ao trocar um aperto de mãos com o sargento, Mrs. Fraser lançou-lhe um olhar sugestivo, dando a entender que não tinha a certeza de que os agentes da polícia devessem ser tão bonitos como aquele. Mrs. Pickering voltou a contar a sua história, enquanto Mrs. Fraser, revelando um considerável domínio sobre si própria, se mantinha a seu lado, pronta a corrigir qualquer pequeria inexactidão e a salvar a colega do assédio da polícia.

O inspector Tarrant calçou um par de luvas antes de pegar na mala e de a enfiar num grande envelope de plástico, que selou, escrevendo algo na aba.

Estamos-lhes muito gratos por nos haverem informado sobre a vossa descoberta. A mala pode revelar-se uma peça muito interessante. Se for necessário, teremos de descobrir quem lhe pegou. Crêem que podem acompanhar-nos, agora, para que possamos tirar as vossas impressões digitais? Precisamos delas, como é óbvio, para eliminá-las das outras que vamos encontrar. Desde já, quero dizer que as vossas impressões digitais serão destruídas se e quando não precisarmos mais delas.

Mrs. Pickering imaginou-se a chegar de carro, em todo o esplendor, à Scotland Yard, em Victoria Street, porque vira o sinal giratório várias vezes na televisão. Ao invés, e para seu grande desapontamento, foram conduzidas à esquadra da polícia mais próxima, onde lhes tiraram discretamente as impressões digitais. Enquanto um agente pegava com delicadeza em cada um dos dedos de Mrs. Pickering e os fazia rolar numa almofada de tinta, sentiu a excitação de uma experiência nova e começou a tagarelar alegremente sobre aquele proforma. Mrs. Fraser, mantendo a sua dignidade, limitou-se a perguntar que procedimento era efectuado para destruir as suas impressões digitais quando não fossem mais necessárias. Passada meia hora, estavam novamente de volta à loja. Sentaram-se e beberam café. Após toda aquela agitação, ambas sentiam que precisavam de uma bebida revigorante.

Mostraram-se muito calmos, não lhe pareceu? comentou Mrs. Pickering. Também não nos revelaram o que quer que fosse. Pensa que a mala é realmente importante?

Claro que é, Grace. Caso contrário, eles não se teriam dado a tanto trabalho nem nos teriam tirado as impressões digitais. Ainda pensou em acrescentar: Toda aquela aparente indiferença foi apenas para nos iludir, mas acabou por acrescentar: Pareceu-me algo desnecessário que o inspector Tarrant insinuasse que, se a descoberta viesse a público, a responsabilidade seria toda nossa. Afinal, assegurámos-lhe que não diríamos nada a ninguém. Além do mais, é evidente que somos duas mulheres responsáveis, o que lhe devia ter bastado.

Oh, Elinor, não me pareceu que ele quisesse insinuar tal coisa. Mas é uma pena, não concorda? Gosto sempre de contar ao John o que aconteceu, ao fim do dia, quando estou aqui. Creio que ele gosta de me ouvir falar das pessoas que conheci, em especial dos clientes. Alguns têm histórias tão interessantes assim que começamos a conversar com eles, não é verdade? É uma pena não poder partilhar com ele a coisa mais extraordinária que alguma vez me aconteceu.

Intimamente, Mrs. Fraser concordava com a colega. Quando haviam regressado à loja no carro da polícia, não se cansara de dizer a Mrs. Pickering quanto era necessário que

ambas se mantivessem caladas, embora já planeasse uma perfídia. Fazia tenções de contar tudo ao marido. Cyril era magistrado e sabia como era importante manter um segredo.

Receio que o seu John vá ter de esperar retorquiu. Seria um desastre, se a notícia se espalhasse. Além de que deve lembrar-se, Grace, que foi você que encontrou a mala de mão e que talvez venha a ser chamada a testemunhar.

Valha-me Deus! Mrs. Pickering deteve-se no momento em que levava a chávena aos lábios e pousou-a sobre o pires. Quer dizer que eu teria de sentar-me no banco das testemunhas? Que teria de entrar num tribunal?

Bom, não creio que se façam julgamentos numa retrete pública!

Para nora de um antigo presidente da Câmara, Elinor por vezes podia ser muito vulgar, pensou Mrs. Pickering. Sir Daniel Holstead sugerira que se encontrassem às nove e meia quando telefonara a Dalglish, havia uma hora. Quase não daria tempo para que ele e a mulher se recompusessem da viagem de avião, mas a sua ansiedade em ouvir, antes de tudo o resto, o que tinha a polícia para lhes dizer era imperativa. Dalglish duvidava de que tanto um como o outro tivessem dormido, salvo durante alguns minutos, desde que haviam tomado conhecimento da notícia. Por isso, achou mais prudente ser ele a ir ver o casal, acompanhado por Kate. O edifício, situado num bloco moderno de apartamentos de Brook Street, tinha um porteiro na recepção, que examinou os cartões de identidade de Dalglish e de Kate, e os anunciou pelo telefone antes de lhes indicar um elevador controlado por um dispositivo de segurança. Digitou o código e explicou:

Só tem de premir este botão, comandante. É um elevador privado que sobe directamente até ao andar do apartamento de Sir Daniel.

As três paredes do elevador eram espelhadas e, numa delas, havia um assento almofadado. Dalglish viu a sua imagem e a de Kate reflectidas numa sucessão aparentemente infindável. Ambos permaneceram em silêncio. A subida foi rápida, o elevador parou suavemente e as portas abriram-se quase de imediato.

Encontravam-se num corredor largo, ladeado por uma série de portas. A parede em frente do elevador ostentava uma fila dupla de ilustrações de aves exóticas. Ao saírem, depararam-se-lhes

duas mulheres que avançavam na direcção deles com passos silenciados pela alcatifa alta e macia. Uma das mulheres, com um fato de casaco e calças preto e uma presunção algo intimidante, revelava a eficácia de uma secretária particular. A outra, loura e mais nova, usava uma bata branca e transportava ao ombro uma mesa de massagem desdobrável.

Então, até amanhã, Miss Murchison despediu-se a mulher mais velha. Se conseguir acabar em menos de uma hora, talvez possa encaixá-la antes do cabeleireiro e da manicura, mas, para isso, terá de chegar quinze minutos mais cedo. Sei que Lady Holstead não gosta de massagens feitas à pressa.

A massagista entrou no elevador e as portas fecharam-se. Só então a mulher se voltou para Dalglish.

Comandante Dalglish? Sir Daniel e Lady Holstead estão à sua espera. Acompanhe-me, por favor.

Não prestara atenção a Kate nem sequer se apresentara. Seguiram-na pelo corredor até a uma porta que a mulher abriu com aparente segurança, para anunciar:

O comandante Dalglish e a sua colega, Lady Holstead.

Dito aquilo, fechou a porta atrás de si.

A sala, de tecto baixo mas ampla, tinha quatro janelas que deixavam ver Mayfair. A decoração era rica, mesmo luxuosa, ao estilo de uma suite de um hotel de cinco estrelas. Apesar das fotografias com as suas molduras de prata dispostas sobre uma mesa de chá, junto à lareira, pouco ou nada revelava, ali, um gosto pessoal. Era patente que a lareira ornamentada, de mármore, não fazia parte da estrutura original do apartamento. Sobre a alcatifa cinzenta com laivos de prateado, estendiam-se vários tapetes, cujas tonalidades eram mais claras do que a das almofadas de cetim, dos sofás e das poltronas. Por cima da lareira, havia um retrato de uma mulher loura envergando um vestido de baile escarlate.

A retratada achava-se sentada ao lado da lareira, mas, quando Dalglish e Kate entraram, levantou-se com elegância e avançou para eles estendendo uma mão trémula. O marido, que até àquele momento se achava de pé atrás do cadeirão, avançou e estendeu-lhe o braço. A impressão que ambos

davam era a de uma delicada angústia feminina sustentada por uma impressionante força masculina. Depois de cumprimentar Dalglish e Kate, o marido conduziu a esposa novamente até ao cadeirão.

Sir Daniel era um homem forte, de ombros largos, feições pesadas e testa larga, emoldurada por cabelo grisalho penteado para trás. Tinha olhos pequenos, por cima dos papos duplos, que revelaram uma expressão absolutamente impassível quando se fixaram em Dalglish. Ao observar aquele rosto inexpressivo, uma memória de infância acorreu à mente de Dalglish. Um proprietário de terras da região, que era um dos ajudantes de seu pai, levava a jantar à reitoria um multimilionário numa altura em que um milhão de libras significava alguma coisa. Também era um homem forte, afável e revelara-se um convidado agradável. O jovem Adam, que tinha catorze anos, sentira-se desconcertado ao descobrir durante o jantar que aquele homem, tão rico, era estúpido. Fora nesse dia que ficara a saber que a capacidade em fazer fortuna de determinada maneira era um talento muito vantajoso para quem o possuía e possivelmente benéfico para os outros, mas não implicava qualquer virtude, sabedoria ou inteligência para lá de conhecimentos específicos no ramo dos negócios lucrativos. Dalglish concluiu que era fácil mas perigoso estereotipar os muito ricos, embora possuíssem qualidades comuns, entre elas o exercício do poder com grande confiança em si próprios. Era possível que Sir Daniel se deixasse impressionar por um juiz do Supremo Tribunal de Justiça, mas nunca permitiria que um comandante e uma inspectora da Polícia Metropolitana o aborrecessem.

Obrigada por terem vindo tão depressa disse Lady Holstead. Mas é melhor sentarmo-nos... Olhou então para Kate. Peço desculpa... Não sabia que viria acompanhado...

Dalglish apresentou Kate e os quatro dirigiram-se para os dois sofás de cada lado da lareira, com a qual formavam um ângulo recto. Dalglish teria preferido qualquer outro assento da sala àquela sufocante opulência, e sentou-se no rebordo enquanto fitava o casal Holstead.

Lamento termos sido obrigados a comunicar-lhes por telefone uma notícia tão trágica. Ainda é muito cedo para fornecer informações mais pormenorizadas acerca da forma como morreu a Célia Mellock, mas direi tudo o que possa.

Lady Holstead inclinou-se para a frente.

Oh, por favor, conte-nos tudo o que sabe. Uma mãe sente-se tão impotente... Penso que ainda não me dei verdadeiramente conta... Quase esperava que me dissesse que tudo não passara de um engano. Por favor, perdoe-me se não me revelo mais coerente... O voo... Interrompeu-se.

Foi o marido que prosseguiu.

Podiam ter-nos dado a notícia com mais tacto, comandante. A pessoa que me telefonou, e creio que foi a senhora, inspectora Miskin, não revelou grande consideração. Não me foi dada qualquer indicação de que se tratava de um telefonema importante.

Não lhe teríamos telefonado e acordado àquela hora, se fosse um assunto de somenos importância replicou Dalgliesh. Peço desculpa por ter ficado com a impressão de que a minha colega não revelou qualquer sensibilidade quando lhe deu a notícia. No entanto, parece-me óbvio que a inspectora Miskin preferia falar com o senhor do que com Lady Holstead para que pudesse decidir a melhor maneira de lhe transmitir a má notícia.

Lady Holstead voltou-se para o marido.

É foste amoroso, meu querido. Fizeste o teu melhor, mas não se pode dar uma notícia destas com suficiente tacto ou delicadeza, pois não? Não me parece. Não existe qualquer fórmula para dizer a uma mãe que a sua filha foi assassinada. Nenhuma.

O desgosto era genuíno, pensou Dalgliesh. Como não poderia sê-lo? Era lamentável que tudo em Lady Holstead sugerisse uma certa teatralidade, quase a beirar a falsidade. Vestia na perfeição um fato preto, que fazia lembrar um uniforme militar, com uma saia curta e uma fileira de pequenos botões de latão nos punhos do casaco. O cabelo louro parecia ter sido arranjado recentemente e a maquilhagem, o sombreado cuidadoso das faces e o delinear meticuloso dos lábios só podiam

ser conseguidos por mãos firmes. Devido ao facto de a saia lhe deixar os joelhos a descoberto, sentara-se com as pernas juntas, muito unidas, revelando as tíbias por baixo do brilho do náilon fino dos colãs. No entanto, era admissível encarar aquela perfeição como um acto de coragem por parte de uma mulher que preferia enfrentar as tragédias da vida, assim como as imperfeições menores, com uma aparência cuidada. Dalgliesh não lhe detectou qualquer parecença com a filha, mas isso não o espantou. A morte violenta eliminava mais do que a aparência da vida.

O marido, tal como Dalgliesh, sentara-se no rebordo do sofá com os braços tombados entre as pernas afastadas. O seu rosto era impassível, e os olhos, fixos durante a maior parte do tempo no rosto da esposa, mostravam-se vigilantes. Não podia esperar-se que aquele homem sentisse como uma perda pessoal a morte de uma rapariga que conhecera mal e que, provavelmente, se revelara um empecilho para a sua vida profissional, pensou Dalgliesh. Agora, era confrontado com aquela tragédia pública para a qual se esperava que demonstrasse os sentimentos adequados a uma tal situação. Provavelmente, não era diferente dos outros homens. Quisera obter paz no seu lar, com uma esposa feliz ou, pelo menos, contente, e não ao lado de uma mãe eternamente enlutada. Mas tudo aquilo passaria. Ela perdoar-se-ia por haver sido pouco afectuosa, talvez até se convencesse de que *havia* amado a filha, mesmo que não o tivesse conseguido, ou, quiçá, se revelasse mais racional e aceitasse que não se pode amar nem mesmo um filho por um acto de força de vontade. Naquele momento, parecia mais confusa do que abalada pela perda da filha, estendendo os braços na direcção de Dalgliesh, num gesto mais histriónico do que patético devido às suas unhas compridas e pintadas de um vermelho-vivo.

Ainda não consigo acreditar... murmurou. Apesar da vossa presença, não faz sentido. Durante a viagem de regresso no avião, imaginei que, quando aterrássemos, ela estaria à nossa espera para nos explicar que tudo não passara de um engano. Se a visse, acabaria por acreditar, mas não quero vê-la. Não creio que conseguisse aguentar. Não sou obrigada a vê-la, pois não? Não podem obrigar-me.

Fitou o marido com olhos suplicantes. Sir Daniel revelava alguma dificuldade em dissimular a impaciência na voz.

Claro que não. Se for necessário, eu irei identificá-la. Lady Holstead fixou os olhos em Dalgliesh.

Não é natural que um filho morra antes de nós. Não devia ser assim.

De facto, não devia ser assim replicou Dalgliesh. O seu único filho morrerá com a mãe, logo ao nascer e,

agora, ambos lhe vinham ao pensamento com mais frequência do que nos últimos anos, despertando memórias há muito adormecidas: a sua mulher, que morrerá muito nova; aquele casamento impulsivo, quando dar-lhe o que ela tanto desejava ele lhe havia parecido uma coisa tão fácil; o rosto do filho, nado-morto, com uma expressão de quase pretensioso contentamento, como se ele, que nada conhecera nem haveria de conhecer, houvesse conhecido tudo. A dor provocada pela perda do filho fora abrangida pela grande agonia da morte da mulher e por uma sensação avassaladora de participar num pesar universal, de se tornar parte de algo que não compreendera previamente. Contudo, o passar dos anos, e já eram muitos, havia formado a pouco e pouco uma cicatriz misericordiosa. Ainda acendia uma vela em memória da mulher na data da sua morte, por ser o que ela haveria desejado, mas, passado tanto tempo, conseguia pensar nela com uma tristeza nostálgica e sem dor. E agora, se tudo corresse bem, talvez ainda tivesse outro filho, um filho dele e de Emma. Que uma tal ideia, composta pelo medo e por um infundado anseio, lhe viesse à mente naquele instante enervou-o.

Tinha consciência da intensidade do olhar de Lady Holstead. Algo passou entre eles que ela podia interpretar como um momento de compaixão partilhada.

Compreende-me, não é verdade? exclamou. Posso ver que sim. E descobrirá quem a matou? Prometa-mo!

Faremos tudo ao nosso alcance, mas precisamos da sua ajuda. Conhecemos muito pouco sobre a vida da sua filha, sobre os amigos dela, sobre os seus interesses. Sabem se havia alguém que lhe fosse próximo com quem pudesse encontrar-se no Museu Dupayne?

Lady Holstead, com expressão desamparada, fitou o marido, que replicou:

Não me parece que se tenha apercebido da situação, comandante. Julgava haver deixado bem claro que a minha enteada levava a vida de uma mulher independente. Herdou o dinheiro do pai quando completou dezoito anos, comprou um apartamento em Londres e praticamente desapareceu das nossas vidas.

Lady Holstead virou-se para ele.

Mas é o que todos os jovens fazem, meu querido. Querem ser independentes. E compreendo-os. Ambos os compreendemos.

Antes de se mudar, vivia aqui convosco? perguntou Dalglish.

Foi Sir Daniel que respondeu de novo:

Normalmente, sim, mas passava algum tempo na nossa casa em Berkshire. Mantemos um número reduzido de empregados lá, e ela aparecia, por vezes, com amigos. Usavam a casa para organizar festas, em geral para grande incómodo dos empregados.

Tanto o senhor como Lady Holstead chegaram a conhecer algum desses amigos? continuou Dalglish.

Não. Suponho que eram mais parasitas que se aproveitavam da fortuna dela do que amigos. Ela nunca falava deles e, mesmo quando estávamos em Inglaterra, raramente a víamos.

Penso que a minha filha sofreu quando me divorciei do pai dela explicou Lady Holstead, porque, quando ele morreu num desastre de avião, me culpou pela sua morte, dizendo que, se ainda vivêssemos juntos, ele não teria estado naquele avião. Ela adorava o Rupert.

Receio que tenhamos muito pouco para lhes dizer prosseguiu Sir Daniel. Sei que, a dada altura, ela tentou tornar-se uma *pop star* e que gastou uma pequena fortuna em lições de canto. Chegou a ter um agente, mas não deu em nada. Antes de atingir a maioridade, conseguimos persuadi-la a frequentar durante um ano uma escola privada para raparigas, e escolhemos Swathling's. A educação da Célia havia sido

muito negligenciada. Andara de escola em escola. Swathling's tem muito boa reputação, mas, como já era de calcular, ela não concluiu os estudos.

Não sei se sabem que Miss Caroline, uma das fiduciárias do museu interveio Kate, é a directora adjunta de Swathling's...

Quer dizer que Célia foi ao museu para se encontrar com ela?

Miss Dupayne diz que não, e parece pouco provável, mas Célia podia ter tomado conhecimento da existência do museu através de Miss Dupayne.

Mas alguém a deve ter visto entrar. Alguém deve ter reparado com quem ela estava.

O museu tem muito poucos empregados respondeu Dalgliesh, e é possível que a Célia e o seu assassino tenham entrado no museu sem que ninguém os visse. Como também é possível que o assassino tenha saído, naquela sexta-feira ao fim da tarde, sem ser visto. Por enquanto, ainda não o sabemos. O facto de o doutor Neville Dupayne também ter sido assassinado no mesmo dia indicia que pode haver um elo de ligação. Contudo, de momento, nada podemos adiantar. A investigação ainda mal começou. Como é evidente, mantê-los-emos informados dos nossos progressos. A autópsia será efectuada esta manhã, embora a causa da morte, estrangulamento, fosse visível a olho nu.

Por favor, diga-me que ela teve uma morte rápida... implorou Lady Holstead. Diga-me que ela não sofreu, por favor...

Creio que foi rápido.

Que mais podia ele dizer? Porque haveria de massacrar aquela mulher com o momento final de puro terror da filha?

Quando libertarão o corpo? quis saber Sir Daniel.

O inquérito preliminar vai ser aberto amanhã e adiado, e não sei quando o juiz da investigação dará ordem para que lhes entreguem o corpo.

Organizaremos um funeral discreto, uma cremação replicou Sir Daniel. Ficava-lhe muito agradecido por toda a ajuda que possa dar-nos para manter os curiosos à distância.

399 Faremos o que pudermos. A melhor forma de assegurar a privacidade é manter a hora e o local do funeral em segredo, se for possível.

Lady Holstead virou-se para o marido.

Mas, meu querido, não podemos enterrá-la como se fosse uma indigente! Os amigos irão querer despedir-se dela. Terá de haver, pelo menos, uma missa numa bonita igreja algures. Seria mais conveniente em Londres... Hinos, flores, algo de muito belo para celebrar a vida da Célia... uma cerimónia que as pessoas nunca esquecerão.

Olhou então para Dalgliesh, como se esperasse que ele pudesse encontrar, como que por magia, o local mais adequado, o padre, o organista, a congregação e os arranjos florais.

Foi o marido dela que replicou:

A Célia nunca se aproximou sequer de uma igreja enquanto foi viva. Se um homicídio é suficientemente notório ou trágico, pode encher-se uma catedral, mas duvido que seja esse o caso. Por mim, não tenho qualquer desejo de fornecer uma reportagem fotográfica aos jornalistas dos tablóides.

Não podia ter demonstrado o seu domínio de forma mais clara. A mulher fitou-o, mas, logo de seguida, baixou os olhos e num tom de voz dócil murmurou:

Se é isso que pensas, meu querido...

Kate e Dalgliesh saíram pouco depois. Sir Daniel pedira, ou melhor, exigira que o mantivessem a par do progresso da investigação e ambos haviam voltado a assegurar-lhe, não sem alguma reticência, que o informariam de tudo quanto descobrissem. Nada mais havia a saber nem a dizer. Sir Daniel acompanhou-os à porta do elevador e desceu com eles até à entrada. Dalgliesh ainda pensou se toda aquela cortesia não era um motivo para lhe dar oportunidade de falar com ele em privado, mas Sir Daniel nada disse.

Já no carro, Kate permaneceu calada durante alguns minutos, até observar:

Pergunto a mim própria quanto tempo demorou aquela mulher esta manhã para se maquilhar e pintar as unhas. Não corresponde exactamente à imagem de uma mãe chorosa e prostrada pela dor, pois não?

Dalgliesh manteve o olhar fixo na estrada.

Se é importante para o seu amor-próprio encarar o dia bem arranjada, se, para ela, é um acto de rotina tão usual como tomar duche, espera que o negligencie só para parecer devidamente abatida? Os ricos e famosos são tão capazes de perpetrar um homicídio como os outros; são mais privilegiados, mas isso não os imuniza contra os sete pecados mortais. E devíamos lembrar-nos de que também são capazes de experimentar outras emoções, incluindo a confusa devastação do desgosto.

Falara em voz baixa como que para si próprio, mas não fora dessa forma que Kate o escutara. Dalgliesh raramente tecia uma crítica, mas, quando o fazia, ela sabia que era melhor calar-se do que tentar justificar-se ou pedir desculpa. Com as faces ruborizadas, nada disse, consumida pela vergonha.

Dalgliesh prosseguiu, já num tom de voz mais afável, como se nunca houvesse pronunciado as palavras anteriores.

Quero que você e o Piers entrevistem Lady Swathling. Descubram se ela se mostra mais disposta a fornecer informações acerca da Célia Mellock do que a Caroline Dupayne. Tenho a certeza de que as duas sócias já falaram uma com a outra, mas nada podemos fazer quanto a isso.

Foi então que o telemóvel de Kate tocou e ela o atendeu.

Era o Benton-Smith anunciou. Acaba de receber um telefonema de uma loja de beneficência em Highgate. Parece que encontraram a mala de mão. O Piers e o Benton já vão a caminho.

Lady Swathling recebeu Kate e Piers no que era, obviamente, o seu gabinete. Indicou-lhes um sofá com um gesto tão afectado como um aceno de mão real.

Por favor, sentem-se. Posso oferecer-lhes algo de beber? Café? Chá? Sei que não podem beber em serviço.

Aos ouvidos de Kate, o tom implícito na voz de Lady Swathling deixava transparecer subtilmente que, fora das horas de serviço, os polícias mergulhavam num estupor alcoólico. Antes que Piers pudesse agradecer, replicou:

Não, obrigada, até porque não iremos empatá-la por muito tempo.

O gabinete tinha o aspecto discordante de uma sala com duas funções, mas sem que se soubesse, ao certo, qual delas era a principal. As duas secretárias, em frente da janela voltada para sul, o computador, o fax e a fila de arquivadores de metal que forravam a parede do lado esquerdo da porta constituíam o escritório, enquanto o lado direito revelava o aconchego de uma sala de estar. Na elegante lareira antiga, as falsas chamas azuis, produzidas pela estufa a gás, proporcionavam uma temperatura amena que complementava o calor fornecido pelos radiadores. Sobre a prateleira da lareira, com as suas estatuetas de porcelana alinhadas, havia um quadro a óleo. Uma mulher do século xvm, com os lábios comprimidos e de olhos protuberantes, usando um vestido de cetim azul decotado, segurava entre os dedos estreitos uma laranja com tanta delicadeza como se esperasse que ela explodisse. Na

parede ao fundo, achava-se uma cristaleira com uma variedade de chávenas e respectivos pires de porcelana em tons de rosa e verde. A direita da lareira, havia um sofá, e, à esquerda, uma única poltrona, com uma capa imaculada e almofadas cujas tonalidades condiziam com o rosa-pálido e o verde das chávenas expostas na cristaleira. O lado direito daquela sala fora cuidadosamente alterado para produzir um determinado efeito, do qual Lady Holstead fazia parte.

Foi ela que tomou a iniciativa. Antes que Kate ou Piers começassem a falar, declarou:

Estão aqui decerto por causa da tragédia que ocorreu no Museu Dupayne, ou seja, a morte da Célia Mellock. É evidente que o meu desejo é o de vos ajudar naquilo que puder, mas não vejo o que os leva a pensar que vos possa ser útil. Miss Dupayne já deve ter dito, sem dúvida, que a Célia deixou a escola na Primavera do ano transacto, ao fim de dois trimestres. Não possuo quaisquer informações sobre a vida que levou ou o que fez depois de sair de Swathling's.

Num caso de homicídio, temos de saber o mais que pudermos sobre a vítima retorquiu Kate. Esperávamos que nos pudesse dizer algo acerca de Miss Mellock, dos seus amigos, de como se comportou enquanto aqui esteve ou, talvez até, se nutria particular interesse em visitar museus. Receio não poder responder a essas perguntas. Deverá fazê-las à família ou às pessoas que a conheciam. Essas duas terríveis mortes nada têm a ver com esta escola.

Piers olhava fixamente Lady Swathling com uma expressão ao mesmo tempo de admiração e de desprezo. Kate conhecia aquele olhar. O seu colega antipatizara com Lady Swathling.

Mas não lhe parece que há uma relação? perguntou Piers num tom quase melífluo. A Célia Mellock foi aluna desta escola. Miss Dupayne é a directora adjunta, a Muriel Godby trabalhou aqui e a Célia morreu no museu. Receio que, num caso de homicídio, Lady Swathling, tenhamos de fazer certas perguntas tão inconvenientes para os inocentes como inoportunas para os culpados...

Pensou na frase com antecedência. É mordaz e ele vai voltar a usá-la, pensou Kate.

E surtiu efeito em Lady Swathling.

A Célia não era uma boa aluna, em grande parte pelo facto de ser uma jovem infeliz, que não revelava qualquer interesse pelo que tínhamos para lhe oferecer. Miss Dupayne mostrou-se relutante em admiti-la, mas Lady Holstead, que conheço pessoalmente, foi muito persuasiva. A rapariga já havia sido expulsa anteriormente de duas ou três escolas e a mãe e o padrasto ansiavam por dar-lhe alguma educação. Infelizmente, a Célia veio para cá contra a sua vontade, o que nunca é um início prometedor. Como já disse, nada sei sobre a sua vida. Enquanto aqui estive, raramente a via e não voltei a encontrá-la depois *de* ela sair da escola.

Conhecia bem o doutor Dupayne, Lady Swathling? perguntou Kate.

A resposta foi acolhida com um misto de incredulidade e de desagrado.

Nunca o conheci e, tanto quanto sei, ele nunca visitou a escola. Mister Marcus Dupayne esteve presente num dos concertos das alunas há cerca de dois anos, mas o irmão nunca cá pôs os pés. Nunca nos conhecemos nem tão-pouco falámos um com o outro pelo telefone.

Nunca o chamaram para tratar uma das vossas alunas, como, por exemplo, a Célia Mellock? insistiu Kate.

Claro que não. Mas porquê? Alguém sugeriu tal coisa?

Ninguém, Lady Swathling. Foi apenas uma hipótese que me passou pela cabeça.

Que relação existia entre a Célia e a Muriel Godby? interveio Piers.

Nenhuma. Porque haveria de existir? Miss Godby era a recepcionista. Não era popular junto de algumas das raparigas, mas, tanto quanto consigo lembrar-me, a Célia Mellock nunca se queixou dela. Fez uma pausa, para acrescentar de seguida: E para o caso de estarem a pensar em fazer essa pergunta, o que, devo dizer, seria uma grande ofensa para mim, estive aqui na sexta-feira passada a partir das três da tarde, quando regresssei de um almoço, até ao fim do dia. Os meus compromissos relativos a esse dia estão anotados na minha agenda e as visitas que recebi, incluindo a do meu advogado

que chegou às quatro e meia, poderão confirmar onde eu me encontrava. Lamento não poder ajudá-los mais. Se me lembrar de algo relevante, entrarei em contacto convosco.

Tem a certeza de que não voltou a ver a Célia, depois de ela haver deixado Swathling's? perguntou Kate.

Já lhe disse que não, inspectora. E agora, se não têm mais perguntas a fazer, preciso de tratar de outros assuntos. Como é óbvio, escreverei uma carta a Lady Holdstead para lhe apresentar as minhas condolências.

Levantou-se apressadamente da cadeira que ocupava e dirigiu-se para a porta. No corredor, o porteiro uniformizado que os havia deixado entrar já os esperava. Não restava quaisquer dúvidas de que o homem permanecera ali, de guarda, enquanto eles haviam entrevistado Lady Swathling.

Ao chegarem ao carro, Piers comentou:

Uma encenação algo artificial, não te pareceu? Não é preciso muito para adivinhar as prioridades daquela mulher: a sua própria pessoa em primeiro lugar e a escola, em segundo. Reparaste na diferença entre as duas secretárias? Uma achava-se praticamente vazia, enquanto a outra estava cheia de papéis. Também não é preciso muito para saber quem ocupa a secretária com toda aquela papelada. Lady Swathling impressiona os pais das potenciais alunas com a sua elegância aristocrática, enquanto Caroline Dupayne se ocupa de tudo o resto.

Mas porque haveria ela de ter tanto trabalho? O que lucra com isso?

Talvez nutra a esperança de assumir a direcção da escola, se bem que nunca viesse a ficar com a casa, a não ser que lhe fosse deixada em herança. Talvez seja por isso que ela espere. Não creio que possa ter dinheiro para comprar a casa.

Imagino que deve ser muito bem paga pelo que faz replicou Kate. O que acho interessante não é o porquê da permanência da Caroline Dupayne nesta escola, mas sim o seu patente interesse em manter o museu aberto.

Tudo se resume ao orgulho familiar concluiu Piers. O apartamento é a sua casa e deve querer afastar-se da escola de tempos a tempos. Não simpatizaste com Lady Swathling, pois não?

Nem me impressionei com a escola. Tal como tu, aliás. E o tipo de local privilegiado para onde os malditos ricos enviam as filhas, na esperança de se verem livres delas. Ambas as partes sabem o que está em jogo. Os pais pagam mais do que deviam para que as suas queridas filhas não engravidem, não consumam drogas nem álcool e que venham a encontrar o homem certo.

Estás a ser um tudo-nada intolerante. Certa vez, saí com uma rapariga que estudara aqui e não me pareceu que lhe tivesse feito assim tanto mal. Não é propriamente a mesma coisa do que ser admitido em Oxbridge, mas, ao menos, sabia cozinhar. E não era esse o seu único talento...

E, claro está, tu eras o homem certo...

A mamã dela não parecia pensar assim. Queres conduzir?

E melhor seres tu até eu me acalmar. Então, devemos informar o AD que Lady Swathling provavelmente sabe alguma coisa que não nos disse?

Estás a insinuar que ela é uma possível suspeita?

Não. Ela nunca nos teria fornecido o seu álibi se não tivesse a certeza de que a ilibava, mas, se for preciso, podemos comprová-lo. Por ora, seria uma perda de tempo. Não é ela a assassina no que respeita aos dois homicídios, mas pode ter sido uma cúmplice.

Estás a ir longe de mais... replicou Piers. Analisa os factos. De momento, pressupomos que as duas mortes estão interligadas. Isso significa que, se Lady Swathling estiver envolvida na morte da Célia, também está envolvida na morte do Neville Dupayne. E, se houve algo, e tudo o que disse pareceu-me corresponder à verdade, foi a sua afirmação de que nunca o conheceu. Que lhe importa se o museu encerrar? Até podia ser-lhe favorável manter a Caroline mais ligada à escola. Não, Lady Swathling está posta de parte enquanto suspeita. Sim, há qualquer coisa acerca da qual ela mentiu ou de que não nos falou, mas que há de novo quanto a isso?

Eram três e um quarto de quinta-feira, sete de Novembro, e a equipa debatia os progressos da investigação na sala de interrogatórios. Benton-Smith trouxera sanduíches e a secretária particular de Dalglish fornecera uma grande cafeteira de café forte. Naquele momento, já haviam limpo todos os restos da refeição, acomodando-se com os seus papéis e blocos de apontamentos.

A descoberta da mala de mão fora interessante, mas não os levava a parte alguma. Qualquer um dos suspeitos podia tê-la enfiado no saco preto, independentemente de o haver planeado ou decidido por súbito impulso. Era uma ideia que ocorreria mais a uma mulher do que a um homem, mas isso não constituía uma prova concludente. Ainda estavam à espera de obter o relatório da central de telecomunicações dos serviços de rede móvel acerca da localização do telemóvel de Muriel Godby quando esta atendera a chamada de Tally Glutton, mas os pedidos eram muitos e havia outros de mais premente prioridade. As investigações acerca da vida profissional de Neville Dupayne antes de se mudar da zona central da Inglaterra para Londres, em 1987, haviam resultado apenas num silêncio por parte da polícia local. Não que o facto de a investigação não ter progredido os deixasse desanimados. Afinal, decorrera menos de uma semana desde o início do caso.

Kate e Piers deviam relatar a sua visita ao apartamento de Célia. Para surpresa de Dalglish, Kate manteve-se em silêncio e foi Piers que começou a falar. Passados os primeiros segundos

tornou-se óbvio que Piers estava a divertir-se e, através de frases curtas, o cenário por ele descrito ganhou vida.

É um apartamento situado num rés-do-chão na margem de um jardim central. Árvores, canteiros e um relvado cuidado, do lado mais caro do bloco de apartamentos. Grades nas janelas e duas fechaduras de segurança na porta. Uma sala de estar espaçosa, à frente, e três quartos com cama de casal e casa de banho *en suite*. Provavelmente, ela comprou-o como um investimento, aconselhada pelo advogado do papá, e, no mercado actual, deve valer mais de um milhão de libras segundo os meus cálculos. Uma cozinha agressivamente moderna, mas nenhum sinal de que alguém se desse ao incómodo de cozinhar ali. O frigorífico tresandava, devido a um pacote de leite já azedo e a embalagens de ovos e refeições pré-cozinhadas fora de prazo. Deixou o apartamento desarrumado. Roupas espalhadas por cima das camas, para não falar já dos guarda-louças atulhados e dos roupeiros apinhados. Cerca de cinquenta pares de sapatos, vinte malas de mão, alguns vestidos provocantes, desenhados para que pudesse mostrar o mais possível as pernas sem se arriscar a ser presa. Na sua maioria, o resto é roupa cara, de estilista. Não tive grande sorte quando inspecionei a escrivaninha. Não se dava ao trabalho de pagar as contas recebidas, nem de responder a cartas oficiais, mesmo as dos seus advogados. Uma empresa da City encarrega-se da sua carteira de investimentos, que se resume à mistura habitual de acções e de títulos do Estado. Estava a gastar dinheiro rapidamente.

Algun sinal de um amante? perguntou Dalglish. Finalmente, Kate tomou conta do relato.

Encontrámos no cesto de roupa suja um lençol de baixo com manchas. Pareciam ser manchas de sémen, mas não eram recentes. Nada mais. Tomava a pílula. Encontrámos a embalagem no armário da casa de banho. Não descobrimos drogas, mas havia bebidas alcoólicas de todos os tipos. Aparentemente, ela tentou uma carreira de modelo, porque havia um portefólio com fotografias. Também procurou tornar-se uma *pop star*. Sabemos que constava dos livros da tal agência e que pagava uma pequena fortuna pelas lições de canto. 408

Pessoalmente, acho que estava a ser explorada. O que é mais estranho, comandante, é que não encontrámos quaisquer convites nem outros indícios de que ela tivesse amigos. Era de pensar que, com um apartamento dotado de três quartos, quisesse partilhá-lo com outras pessoas, nem que fosse pela companhia e para dividir as despesas. Não encontrámos quaisquer vestígios de que alguém ali tenha estado a não ser ela, exceptuando o lençol manchado. Levámos os nossos sacos para os casos de homicídio connosco e, por isso, guardámos o lençol num saco de provas. Já o enviei para o laboratório.

E livros? Quadros? perguntou Dalglish.

Todas as revistas femininas à venda no mercado, incluindo as de moda respondeu Kate. Livros de bolso, na sua maioria de ficção popular. Havia também fotografias de *pop stars*. Mais nada. Não encontrámos sequer um diário ou uma agenda. Talvez os levasse na mala de mão, o que significa que o seu assassino os tem em seu poder, se não os destruiu. Havia uma mensagem no gravador; era da garagem a informar que podia ir buscar o carro. Se não foi ao museu acompanhada pelo assassino, então o mais provável é ter apanhado um táxi. Não estou a ver uma rapariga como ela a andar de autocarro. Estivemos no gabinete de transportes públicos, na esperança de que pudessem localizar o motorista. Não havia mais mensagens no gravador nem encontrámos tão-pouco cartas particulares, o que é estranho. Tanta tralha e nem uma só prova da sua vida pessoal ou social. Tive pena da rapariga. Creio que devia ser uma solitária.

Piers, contudo, revelou-se menos sentimental.

Não sei por que raio não haveria de ser solitária. Todos sabemos que a santíssima trindade moderna é o dinheiro, o sexo e a fama. Ela tinha já os dois primeiros e esperava alcançar a terceira.

Não é uma esperança realista comentou Kate.

Mas tinha dinheiro. Vimos os extractos bancários e a carteira de investimentos. O papá deixou-lhe dois milhões e meio. Não é uma imensa fortuna pelos padrões actuais, mas pode viver-se bem com uma quantia dessas. Uma jovem com todo aquele dinheiro e apartamento próprio, em Londres, não tem de ficar só durante muito tempo.

A não ser que fosse carente, do tipo que se apaixona, se agarra ao homem que ama e não o larga contrapôs Kate.

Com ou sem fortuna, os homens podiam encará-la como alguém insuportável.

Pelos vistos, foi isso que pensou um deles, porque passou à acção de forma muito eficaz rematou Piers. Fez-se silêncio, mas ele prosseguiu: Os homens da vida dela teriam de ser muito desleixados para conseguir viver naquela desarrumação toda. Havia um bilhete, debaixo da porta, da empregada da limpeza, a dizer-lhe que não podia ir trabalhar na quinta-feira porque tinha de levar o filho ao hospital. Só espero que fosse bem remunerada.

A voz calma e baixa de Dalglish fez-se ouvir.

Se um dia for assassinado, Piers, o que não é totalmente impossível, esperemos que o encarregado da investigação que tiver de remexer nos seus pertences pessoais não se revele tão crítico.

É uma possibilidade que tenho em conta, comandante

respondeu Piers, com ar grave. Ao menos, encontrará as minhas coisas devidamente arrumadas.

Mereci ouvir esta resposta, pensou Dalglish. A total falta de privacidade a que ficava exposta a vítima sempre fora a parte do seu trabalho que maior dificuldade tinha em compreender. O homicídio tirava mais do que a vida em si. O cadáver era empacotado, etiquetado, dissecado; as agendas, os diários, as cartas confidenciais, tudo o que fazia parte da vida da vítima era revistado e examinado. Mãos estranhas remexiam nas roupas, pegavam e analisavam pequenos objectos, registavam-nos e etiquetavam-nos para que os tristes detritos de vidas patéticas se tornassem públicos. E, apesar de haver sido privilegiada, também a vida de Célia Mellock fora patética. A imagem que tinham agora era a de uma rapariga rica mas vulnerável e sem amigos, que procurara entrar num mundo que nem sequer todo o seu dinheiro podia pagar.

Selaram o apartamento? perguntou.

Sim. E também entrevistámos o porteiro do prédio. Vive num apartamento, no lado norte. Exerce aquela função há apenas seis meses e nada sabe sobre ela.

O bilhete que estava debaixo da porta indica que a empregada da limpeza não tinha chave, a não ser que alguém haja enfiado o bilhete debaixo da porta a seu pedido continuou Dalgliesh. Talvez venha a ser necessário localizá-la. E quanto ao Brian Clark e à sua equipa?

Estarão cá amanhã de manhã cedo. O lençol é uma prova importante, mas duvido que eles descubram alguma coisa. Ela não foi assassinada ali; não foi aquele o local do crime.

No entanto, é melhor que os peritos dêem uma vista de olhos. Você e o Benton-Smith podem encontrar-se com eles no apartamento. Talvez alguns dos vizinhos possam dar-vos qualquer informação sobre possíveis visitantes.

Concentraram-se então no relatório da autópsia do doutor Kynaston, recebido uma hora antes. Pegando na sua cópia, Piers comentou:

Assistir a uma autópsia feita pelo Dr. Kynaston pode ser instrutivo, mas está longe de ser terapêutico... Não é tanto pela sua espantosa meticulosidade nem pela precisão com que retalha os cadáveres, mas, sim, pelas suas preferências musicais. Não estava propriamente à espera de um coro de *The Yeoman of the Guard*, de Gilbert & Sullivan, mas ouvir o *Agnus Dei* do *Requiem* de Fauré é um pouco pesado, tendo em conta as circunstâncias... Pensei que fosse desmaiar, sargento.

Olhando para Benton-Smith, Kate viu que o rosto deste se enrubescou e que os seus olhos negros emitiram um brilho tão escuro como carvão; mas aceitou aquele comentário sarcástico sem sequer pestanejar e replicou calmamente:

Também eu o pensei, por breves instantes. Fez uma pausa e olhou então para Dalgliesh. Foi a minha primeira autópsia de uma jovem, comandante.

Dalgliesh tinha os olhos postos no relatório da autópsia.

Sim, as autópsias de crianças e de mulheres novas são sempre as piores retorquiu. Qualquer pessoa que consegue assistir a uma autópsia dessas sem sentir angústia devia questionar-se se está a exercer a profissão certa. Vejamos o que o doutor Kynaston tem a revelar-nos.

O relatório do patologista confirmava o que já havia descoberto durante o primeiro exame. A pressão mais forte fora exercida com a mão direita sobre a laringe, fracturando o *cornu* superior da tiróide, na sua base. Havia uma pequena equimose na nuca, o que sugeria que a rapariga fora empurrada contra a parede enquanto o assassino a estrangulava, mas não havia quaisquer indícios de contacto físico entre o agressor e a vítima, nem quaisquer vestígios por baixo das unhas que indicassem ter tentado defender-se do ataque com as mãos. A única descoberta interessante era a de que Célia Mellock estava grávida de dois meses.

Portanto, temos um possível móbil adicional declarou Piers. Talvez haja combinado encontrar-se com o amante para decidirem o que iriam fazer, ou para pressioná-lo a casar-se com ela. Mas porque escolheu o Museu Dupayne? Tinha apartamento próprio.

E no caso desta rapariga, rica e com experiência sexual, a gravidez é um motivo muito pouco provável para um homicídio. Não seria mais do que um pequeno problema de que ela podia livrar-se, passando uma noite numa clínica de luxo. E como engravidou ela, quando, segundo parece, andava a tomar a pílula? Ou foi uma gravidez planeada ou deixara de se preocupar com a contracepção. A embalagem que encontrámos ainda não havia sido aberta.

Não creio que ela tenha sido assassinada por estar grávida opinou Dalglish. Assassinar-na por se achar no local onde estava. Temos um só assassino e a primeira e intencional vítima foi o Neville Dupayne.

A imagem, se bem que naquele momento pouco mais do que uma suposição, veio-lhe à mente com uma espantosa nitidez: aquela figura andrógina, cujo sexo ainda desconhecia, a abrir a torneira num canto da barraca do jardim. Um jacto forte de água a lavar todos os vestígios de gasolina das mãos cobertas por luvas de borracha. O rugido feroz do fogo. E então, ouvido ao de leve, o som de vidros a estilhaçarem-se e o primeiro estalido da madeira, quando as labaredas saltaram e atingiram a árvore mais próxima. E o que levava Vulcano a erguer o olhar para a casa? Uma premonição ou o medo de

que o fogo se tornasse incontrolável? Devia ter sido nessa altura que vira, observando-o da janela da Sala do Crime, uma rapariga de grandes olhos e com o cabelo louro emoldurado pelas labaredas. Teria sido naquele momento e em razão daquele simples olhar que Célia Mellock fora condenada à morte? Ouviu Kate dizer:

Mas ainda nos falta saber como foi que a Célia entrou na Sala do Crime. Uma das maneiras seria pela porta do apartamento da Caroline Dupayne. Mas, se foi esse o caso, como conseguiu entrar no apartamento e que foi lá fazer? E como poderíamos prová-lo, quando é perfeitamente possível que a Célia Mellock e o seu assassino tenham entrado no museu numa altura em que não se encontrava ninguém na recepção?

Naquele mesmo instante, o telefone tocou. Kate levantou o auscultador, escutou o que alguém lhe disse e respondeu:

Certo. Vou já descer. Dirigiu-se então a Dalglish.

A Tally Glutton veio até cá, comandante. Afirmo que tem urgência em falar consigo.

Deve ser coisa urgente para ela vir até cá pessoalmente

replicou Piers. Suponho que será demasiado optimista esperar que tenha reconhecido finalmente o condutor.

Kate já se achava à porta.

Faça-a entrar para a sala mais pequena de interrogatórios, está bem, Kate? Vou recebê-la consigo.

LIVRO QUATRO

A Terceira Vítima

Quinta-feira, 7 de Novembro/sexta-feira, 8 de Novembro

A polícia havia informado que os peritos que operavam no local do crime iriam precisar do resto de quarta-feira e de parte de quinta-feira para concluir as investigações no museu. Esperavam devolver as chaves ao fim da tarde, na quinta-feira. O baú já fora removido e, depois de o comandante Dalgliesh e a inspectora Miskin haverem inspeccionado o apartamento de Caroline Dupayne, parecia ter sido aceite que não havia motivos para lhe confiscar as chaves e a manter afastada do que era a sua casa.

Nessa quinta-feira, depois de se levantar cedo como de costume, Tally sentiu-se agitada por lhe fazer falta a rotina matinal de limpar o pó nas salas do museu. Agora, o desenrolar do dia deixara de ter qualquer sentido para ela. Resumia-se apenas a uma confusa impressão de que nada era real e reconhecível e de que se movia, como um autómato, num mundo de aterradora fantasia. Até mesmo a vivenda deixara de proporcionar-lhe refúgio para a sensação que a dominava de alheamento total da realidade e de crescente tragédia. Apesar do seu estado, ainda pensava na vivenda como o calmo centro da sua vida, mas a presença de Ryan havia destruído a paz e a ordem. Não que o rapaz se mostrasse propositadamente difícil, mas sim a casa demasiado pequena para duas pessoas com personalidades tão diferentes. Uma só sanita, na casa de banho, revelara-se mais do que um simples inconveniente. Tally não conseguia servir-se dela sem a desconfortável impressão de que Ryan esperava impacientemente que ela saísse, enquanto

ele ficava na casa de banho demasiado tempo e deixava toalhas húmidas pelo chão e restos de sabonete líquido colados ao lavatório. Era muito asseado quanto à sua higiene pessoal. Tomava banho duas vezes por dia, o que fazia com que Tally se preocupasse com a conta do gás, mas atirava a roupa suja para o chão para que ela a apanhasse e enfiasse na máquina de lavar. Alimentá-lo também se revelara um problema. Tally já contava que Ryan tivesse gostos diferentes do seu, mas nunca que o rapaz comesse tanto. Ryan não se oferecera para partilhar as despesas e ela não conseguia ganhar coragem para lho pedir. Deitava-se sempre cedo, mas apenas para ligar a sua aparelhagem de alta fidelidade. A música *pop*, no volume máximo, tornara intoleráveis as noites de Tally. Na noite anterior, ainda mal refeita do choque que havia sofrido com a descoberta do corpo de Célia Mellock, pedira a Ryan que baixasse o som e o rapaz obedecera sem protestar. Contudo, o ruído, apesar de mais abafado, ainda era suficientemente irritante para a deixar com os nervos em franja e Tally não conseguira deixar de ouvi-lo, mesmo depois de enfiar a cabeça debaixo da almofada.

Na quinta-feira, logo após o pequeno-almoço, enquanto Ryan ainda estava a dormir, Tally decidiu ir até ao West End. Sem saber quanto tempo se ausentaria, não levou a sua mochila, mas um saco grande onde enfiou uma banana e uma laranja para o seu almoço. Apanhou o autocarro em Hampstead, foi de metropolitano até à estação de Embankment, seguiu a pé por Northumberland Avenue e atravessou a movimentada Trafalgar Square, em direcção ao Mail e ao St. James's Park. Era um dos seus passeios favoritos por Londres e, a pouco e pouco, enquanto contornava o lago, aquela caminhada foi-lhe trazendo alguma paz. O calor, invulgar para aquela época do ano, regressara, e Tally sentou-se num banco para comer o seu frugal almoço, sob um sol pálido, enquanto observava pais e filhos a lançar pão aos patos, turistas que tiravam fotografias uns aos outros em frente do lago de águas reluzentes, namorados que passeavam de mãos dadas e homens misteriosos, de sobretudos pretos, caminhando aos pares e que sempre lhe faziam lembrar espiões do mais alto nível a trocar perigosos segredos entre si...418

Por volta das duas e meia, já revigorada, sentiu, contudo, que ainda não estava pronta para regressar a casa e, depois de circundar o lago, decidiu caminhar até à margem do rio. Chegou à Praça do Parlamento e deu consigo à porta do Palácio de Westminster. Agindo sob um impulso, resolveu juntar-se à curta fila de pessoas que queriam entrar na Câmara dos Lordes. Tally visitara a Câmara dos Comuns, mas nunca a dos Lordes. Seria uma experiência nova e far-lhe-ia bem ficar sentada em paz durante cerca de meia hora. Não teve de esperar muito. Passou pelos rigorosos dispositivos de segurança e, depois de lhe revistarem o saco, deram-lhe um passe e indicaram-lhe que subisse a escadaria atapetada que conduzia à galeria destinada ao público.

Ao empurrar a porta de madeira, apercebeu-se de que se achava por cima da câmara, o que a fez olhar para baixo, movida pela perplexidade. Havia visto várias vezes a câmara na televisão, mas agora a sua sombria magnificência ganhava vida com todo o seu esplendor. Ninguém poderia criar, actualmente, uma câmara legislativa como aquela; o que admirava era que alguém houvesse pensado construí-la numa outra época. Era como se nenhuma ornamentação, nenhum conceito arquitectónico, nenhum trabalho de talha dourada nem nenhum vitral pudesse ser considerado demasiado opulento para aqueles duques, condes, marqueses e barões vitorianos. Não restavam dúvidas de que o haviam conseguido, talvez porque, concluiu Tally, os construtores confiassem em si próprios. Tanto o arquitecto como os artesãos conheciam o objectivo da sua obra e haviam acreditado no que sabiam. Afinal, nós também temos as nossas pretensões, porque construímos a Cúpula do Milénio, pensou. A câmara fazia-lhe recordar, em certa medida, uma catedral, muito embora aquele edifício fosse puramente laico. O trono de ouro, com o seu baldaquino e o seu candelabro, celebrava a realeza terrena, as estátuas, nos seus nichos por entre as janelas, representavam barões e não santos, e as janelas altas, com os seus vitrais, ostentavam brasões e não cenas da Bíblia.

O grande trono dourado achava-se à sua frente e dominou-lhe o pensamento tanto quanto a câmara em si. Se um

dia a Grã-Bretanha se tornasse uma república, o que aconteceria àquele edifício? Até mesmo o governo mais antimonárquico, certamente, não o mandaria demolir. Mas que museu poderia ser tão grande para albergar a Câmara dos Lordes? Para que finalidade podia ser utilizada? Talvez um futuro presidente, envergando fato e gravata, se sentasse, algo nervosamente, por baixo do baldaquino. A experiência de Tally sobre o mundo e os assuntos estatais era limitada, mas notara que aqueles que haviam alcançado o poder e um determinado estatuto gostavam tanto dos seus benefícios como os que os tinham adquirido por direito, à nascença. Ficou contente por poder sentar-se e ter tanto com que distrair a mente e os olhos. Algumas das suas ansiedades daquele dia dissiparam-se.

Absorta nos seus pensamentos e obcecada com a câmara em si, a princípio mal reparou nas figuras que ocupavam em baixo os bancos vermelhos. Foi então que ouviu a voz dele, nítida e inconfundível. O seu coração deu um salto. Olhou para baixo. Lá estava ele, de pé, em frente de um dos bancos que se achavam entre os reservados ao governo e os reservados à oposição, de costas voltadas para ela. Dizia:

Distintos lordes, peço permissão para fazer uma pergunta, que aparece, com o meu nome, no registo das moções que serão apresentadas.

Tally quase agarrou o braço do rapaz que estava sentado a seu lado quando lhe sussurrou, ansiosa:

Quem é aquele homem? Sabe quem está a falar?

O rapaz franziu o sobrolho e mostrou-lhe um papel. Sem sequer a fitar respondeu:

O orador é Lorde Martlesham, um par do reino independente.

Sentada no seu lugar, Tally debruçou-se para a frente, com os olhos cravados na nuca do orador. Se ao menos ele se virasse! Como poderia ter a certeza, se não lhe visse o rosto? Ele devia sentir, por certo, a intensidade do seu olhar. Tally não ouviu a resposta do ministro nem as intervenções dos outros pares do reino. O tempo dedicado à formulação de perguntas terminara e anunciaram o assunto que se seguiria. Um grupo de membros preparava-se para abandonar a câmara-e, quando

o homem se levantou para se juntar aos outros, Tally viu-o com toda a clareza.

Não voltou a olhar para Lorde Martlesham. Não precisava de confirmar aquele momento de reconhecimento instantâneo. Podia haver-se deixado enganar pela voz, mas a voz e o rosto juntos forneceram-lhe a convicção avassaladora que não deixava quaisquer resquícios de dúvida. Não acreditava; tinha a certeza.

Deu consigo na calçada, em frente da entrada de St. Stephen's, sem se lembrar de como chegara ali. A rua revelava-se tão movimentada como no pico da época turística. Churchill, do alto da sua estátua, contemplava com uma solidez de bronze a sua querida Câmara dos Comuns, do outro lado da rua, atulhada de táxis, carros e autocarros que mal se moviam. Um polícia mandara parar os peões, para poder dirigir os automóveis dos pares do reino até ao pátio da Câmara dos Comuns, e um grupo de turistas, de máquinas fotográficas ao ombro, esperava que o sinal do semáforo ficasse verde para atravessar a rua em direcção à abadia. Tally juntou-se àquele grupo. Sentia uma necessidade premente de paz e de solidão. Precisava de se sentar e de reflectir, mas havia já uma longa fila de espera em frente da porta norte da abadia e ser-lhe-ia difícil encontrar paz ali. Optou por entrar na Igreja de St. Margaret, e sentou-se num banco, a meio da nave.

Havia poucos visitantes, que andavam e falavam em voz baixa quando se detinham em frente dos monumentos, mas Tally não reparou neles nem tão-pouco prestou atenção ao que diziam. Os vitrais da janela, a leste, feita como parte do dote de Catarina de Aragão, os dois nichos com o príncipe Artur e a princesa Catarina, ajoelhados, com os dois santos de pé por cima deles, haviam-na maravilhado quando visitara a igreja pela primeira vez, mas agora fitava-os sem os ver. Perguntou a si própria porque se sentia subjugada por aquele tumulto de emoções. Afinal, vira o corpo do Dr. Neville. A imagem do seu corpo calcinado voltaria a visitá-la, em sonhos, enquanto fosse viva. E agora houvera uma segunda morte, multiplicando o horror, um cadáver de contornos mais distintos na sua imaginação do que se houvesse sido ela a levantar a

tampa do baú. Em nenhum dos dois casos, contudo, lhe haviam pedido que assumisse responsabilidades até àquele momento. Revelara tudo o que sabia à polícia, que não lhe havia feito mais perguntas. Agora, porém, estava envolvida intimamente num homicídio, como se a sua contaminação lhe circulasse já nas veias. Deparava-se com uma decisão pessoal; o facto de ter plena consciência de que era seu dever tomar aquela decisão não lhe servia de consolo. Sabia que tinha de actuar a Scotland Yard ficava apenas a oitocentos metros de Victoria Street, mas precisava de encarar as implicações do seu acto. Lorde Martlesham tornar-se-ia o principal suspeito. Não podia ser de outro modo. O depoimento dela não deixara margem para dúvidas. Não se sentia intimidada por ele ser membro da Câmara dos Lordes; esse facto mal lhe passara pela cabeça. Não era uma mulher que desse importância ao estatuto dos outros. O seu problema era não acreditar que o homem que se debruçara sobre ela com tanta preocupação fosse um assassino. Mas, se não conseguisse encontrar provas que o libassem, então corria o risco de ser julgado e até mesmo de ser dado como culpado. Não seria a primeira vez que se incriminaria um inocente. E se o caso nunca fosse resolvido, não ficaria aquele homem estigmatizado como um provável assassino para o resto da vida? Além do mais, sentia-se perturbada por uma convicção menos racional quanto à inocência daquele desconhecido. Algures, num canto recôndito da sua mente, a que não conseguia ter acesso mau grado os esforços que fazia para raciocinar e entregar-se a uma calma meditação, havia algo que ela sabia, um único facto de que se devia ter recordado, para o revelar à polícia.

Deu consigo a recorrer a um velho jogo da sua infância. Sempre que tinha de encarar um problema, entregava-se a um diálogo interior com uma voz muda que, por vezes, reconhecia como sendo a da sua consciência, mas, na maioria das vezes, como um bom senso céptico ou como um simples *alter ego*.

Sabes o que tens a fazer. O que acontecer, depois, não é da tua responsabilidade.

Mas sinto como se o fosse.

Então, se queres sentir-te responsável, aceita essa responsabilidade. Sabes bem o que aconteceu ao doutor Neville. Se Lorde Martlesham é culpado, queres que ele fique impune? Se está inocente, então, porque não se apresentou às autoridades? Se for inocente, talvez tenha informações que poderão levar ao assassino. O tempo é primordial. Porque hesitas?

Porque preciso de me sentar tranquilamente e de pensar.

Pensar em quê e durante quanto tempo? Se o comandante Dalglish perguntar onde estiveste desde que saíste da Câmara dos Lordes, o que vais dizer-lhe? Que estiveste numa igreja a rezar para que Deus te guie?

Não estou a rezar. Sei o que devo fazer.

Então, despacha-te. Este é o segundo homicídio. Quantas mais mortes terá de haver antes que arranjes coragem para dizeres o que sabes?

Tally levantou-se e, com passos mais firmes, transpôs a pesada porta da igreja e seguiu por Victoria Street, em direcção à Scotland Yard. Na sua visita anterior, fora conduzida até ali pelo sargento Benton-Smith, motivada pela esperança, mas saíra com a sensação de que tinha fracassado e os desapontara. Nenhuma das fotografias que lhe haviam mostrado nem tão-pouco os desenhos habilmente esboçados revelaram qualquer semelhança com o homem que procuravam. Agora, contudo, ia dar uma boa notícia ao comandante Dalglish. Então, porque se sentia tão triste?

Foi atendida na recepção. Pensara com cuidado no que iria dizer.

Posso falar com o comandante Dalglish, por favor? Sou Mistress Tallulah Glutton do Museu Dupayne. E acerca dos homicídios. Possuo informações importantes.

O agente de serviço não se mostrou surpreendido. Repetindo o nome dela, levantou o auscultador do telefone.

Está aqui uma tal Mistress Tallulah Glutton, que quer falar com o comandante Dalglish acerca dos homicídios no Dupayne. Diz que é importante. Volvidos poucos segundos, pousou o auscultador e dirigiu-se a Tally. A inspectora Miskin, uma das colaboradoras do comandante Dalglish, vem buscá-la conhece-a **423**

Sim, conheço-a, mas preferia falar com Misrer Dalgliesh, por favor.

A inspectora Miskin irá conduzi-la à presença do comandante.

Tally sentou-se no lugar que o agente lhe indicou e apoiou as costas contra a parede. Como era seu hábito, carregava o seu saco ao ombro com a correia a passar-lhe sobre o peito. De repente, pensou que aquela sua precaução contra o roubo podia ser considerada estranha; afinal, achava-se na Scotland Yard. Passou a correia por cima da cabeça e, com ambas as mãos, apertou o saco, que pousou sobre o regaço. Sentia-se subitamente muito velha.

Para sua grande surpresa, a inspectora Miskin apareceu logo de seguida. Tally perguntou a si própria se eles receavam que mudasse de ideias e se fosse embora, caso a deixassem algum tempo à espera. No entanto, a inspectora Miskin cumprimentou-a calmamente com um sorriso e conduziu-a até aos elevadores. Era grande o movimento no corredor. Quando as portas de um dos elevadores se abriram, entraram com meia dúzia de homens altos e reservados, mas ficaram a sós quando o elevador parou. Tally nem sequer reparara que botão premira a inspectora.

A sala de interrogatórios onde entraram era pequena e intimidante, com pouca mobília. Viu uma mesa quadrada com duas cadeiras de espaldar direito, de cada lado, e uma espécie de equipamento de gravação num suporte.

Como se lhe tivesse lido o pensamento, a inspectora Miskin comentou:

Receio que não seja muito acolhedor, mas ninguém nos incomodará aqui. O comandante Dalgliesh vai falar pessoalmente consigo. A vista é esplêndida, não lhe parece? Já pedimos chá.

Tally aproximou-se da janela. Em baixo, podia ver as torres geminadas da abadia e, mais ao longe, o Big Ben e o Palácio de Westminster. Os carros circulavam como se fossem miniaturas e os peões como se fossem minúsculos bonecos. Observou o panorama sem qualquer emoção, ansiosa por ouvir a porta abrir-se.

O comandante entrou discretamente e aproximou-se dela. Tally sentiu-se tão aliviada ao vê-lo que teve de se conter para não correr na sua direcção. Dalgliesh conduziu-a até uma cadeira e depois sentou-se à sua frente, ao lado da inspectora Miskin.

Sem qualquer preâmbulo, Tally anunciou:

Acabo de ver o condutor que me atropelou. Estive, hoje, na Câmara dos Lordes. Ele estava lá, no banco dos pares do reino independentes. O seu nome é Lorde Martlesham.

Ouviu-o falar? perguntou Dalgliesh.

Sim. Assisti à sessão de perguntas referentes às moções e ele pediu a palavra. Reconheci-o de imediato.

Pode ser mais específica? O que foi que reconheceu primeiro? A voz ou o aspecto? Os pares do reino independentes estão de costas voltadas para a galeria destinada ao público. Chegou a ver-lhe o rosto?

Não enquanto falou, mas estavam no fim da sessão de perguntas e ele foi o último. Depois de lhe responderem e da intervenção de mais um ou dois pares do reino, passaram a outro assunto. Foi quando ele se levantou e se voltou para sair que lhe vi o rosto.

Foi a inspectora Miskin e não o comandante Dalgliesh que fez a pergunta esperada:

Tem a certeza, Mistress Glutton? Ao ponto de enfrentar um interrogatório no Tribunal da Coroa sem se deixar abalar?

Tally, contudo, olhou para Dalgliesh.

A certeza absoluta. Fez uma pausa e perguntou tentando não deixar transparecer a sua ansiedade. Vou ter de identificá-lo?

Por enquanto, não. Talvez nem venha a ser necessário respondeu Dalgliesh. Tudo dependerá do que ele tiver para nos dizer.

Sempre com os olhos postos no comandante, Tally perguntou:

Ele é bom homem, não é verdade? Mostrou-se preocupado comigo. Nunca me enganaria quanto a isso. Não posso crer que... Interrompeu-se.

Pode apresentar uma explicação perfeitamente plausível para o que estava a fazer no Dupayne na passada sexta-feira e para o facto de não se haver apresentado retorquiou Dalglish. Além do mais, talvez possua informações úteis que poderão ajudar-nos. Era muito importante descobri-lo e ficamos-lhe gratos por se haver lembrado, Mistress Glutton.

Foi uma sorte ter ido hoje até à Câmara dos Lordes acrescentou a inspectora Miskin. Planeou essa visita?

Calmamente, Tally relatou o seu dia, com os olhos sempre postos em Dalglish; a necessidade de se afastar, pelo menos temporariamente, do museu; o passeio e o almoço frugal no St. James's Park; a decisão impulsiva de visitar a Câmara dos Lordes. Não havia uma nota de triunfo na sua voz. Enquanto a escutava, Dalglish teve a sensação de que Mrs. Glutton queria que ele lhe assegurasse de que aquela sua confissão não constituía um acto de traição. Depois de Tally acabar de beber o chá, que sorvera sofregamente, tentou persuadi-la gentilmente a aceitar que um carro da polícia a levasse a casa, depois de lhe garantir que não chegaria ao museu num carro-patrulha com as luzes azuis acesas. Ela recusou a oferta com a mesma gentileza mas firmemente. Regressaria a casa pelo caminho do costume. Talvez fosse melhor assim, concluiu Dalglish. Se Tally chegasse a casa num carro da polícia, isso suscitaria vários comentários por parte de todos os que estavam ligados ao museu. Havia-lhe pedido que nada dissesse e tinha a certeza de que ela cumpriria a sua promessa, mas não queria incomodá-la com mais perguntas. Era uma mulher honesta para quem a mentira seria repugnante.

Acompanhou-a até ao rés-do-chão e despediu-se dela fora do edifício. Quando trocaram um aperto de mão, Tally fitou-o e disse:

Isto vai causar problemas àquele homem, não é assim?

Talvez lhe cause alguns problemas, mas, se estiver inocente, sabe que nada terá a recear. Tomou a decisão acertada ao vir falar comigo, mas penso que já o sabe.

Sim, sei-o replicou Mrs. Glutton, voltando-se finalmente, se bem que isso não me sirva de consolo.

P

Dalgliesh regressou à sala de interrogatórios. Kate punha Piers e Benton-Smith a par daquela novidade, que escutaram em silêncio até Piers fazer a pergunta óbvia:

Até que ponto aquela mulher tem a certeza, comandante? E que se ela se tiver enganado, estaremos metidos num belo sarilho...

Afirmou que não tinha quaisquer dúvidas. Reconheceu Martlesham, assim que ele se levantou e começou a falar. Ver-lhe o rosto confirmou-lhe que havia reconhecido o misterioso condutor.

A voz antes do rosto? exclamou Piers. E muito estranho... E como pode ela estar tão certa? Viu-o apenas por breves instantes debruçado sobre ela e à luz ténue de um candeeiro.

Qualquer que haja sido a sequência dos seus pensamentos, se o reconheceu pela aparência, pela voz, ou pelas duas, tem a certeza de que foi Martlesham que a atropelou na passada sexta-feira.

Que sabemos acerca dele, comandante? perguntou Kate. E uma espécie de filantropo, não é assim? Li qualquer coisa sobre o facto de levar roupas, comida e medicamentos até aos locais onde são mais necessários. Não viajou até à Bosnia ao volante de um camião? Veio em todos os jornais. A Tally Glutton pode ter visto o retrato dele naquela altura.

Piers foi buscar o *Who's Who* à estante e trouxe-o até à mesa.

É um título hereditário, não é? O que significa que ele foi um dos herdeiros desse título eleitos para permanecer na Câmara dos Lordes depois daquela primeira reforma mal alinhavada, o que significa que deverá ter demonstrado o seu valor. Não houve alguém que se referiu a ele como a consciência dos pares do reino independentes?

Não me parece replicou Dalgliesh. Não são os pares do reino independentes uma consciência em si própria? Não se enganou quanto à filantropia, Kate. O Martlesham estabeleceu um programa em que os ricos emprestam dinheiro a quem não consegue obter crédito. E um esquema muito parecido com as entidades de crédito locais, mas os empréstimos ficam isentos de juros.

Piers, entretanto, começara a ler o *Who's Who* em voz alta:

Charles Montague Seagrove Martlesham. Um pariató, algo tardio, criado em mil oitocentos e trinta e seis. Nascido a

três de Outubro de mil novecentos e cinquenta e cinco, educado nas universidades do costume, herdou o título em mil novecentos e setenta e dois. Ao que tudo indica, o pai morreu novo. Casado com a filha de um general. Não tem filhos. Até aqui conforme ao género. Passatempos: música e viagens. Morada: a velha reitoria de Martlesham, no condado de Suffolk. Aparentemente, não há uma casa ancestral da família. Membro do conselho de administração de um número impressionante de instituições de caridade. E é este o homem que estamos prestes a considerar como responsável por um duplo homicídio. O caso promete...

Contenha o seu entusiasmo, Piers avisou Dalgliesh. Continuam a aplicar-se as mesmas objecções. Porque haveria um homem de fugir do local de um crime particularmente hediondo para parar, depois, com o propósito de se certificar que não atropelara uma mulher de idade que caíra da sua bicicleta?

Vai avisá-lo, comandante? quis saber Kate.

Vou informá-lo de que desejo vê-lo em relação à investigação de um homicídio. Se ele achar necessário fazer-se acompanhar pelo seu advogado, a decisão será dele. Dalgliesh sentou-se à sua secretária. Provavelmente, ainda se encontra na Câmara dos Lordes. Vou escrever um bilhete a pedir-lhe que venha ver-me assim que lhe for possível. O Benton-Smith pode entregar-lhe o bilhete e escoltá-lo até cá. O Martlesham deve dispor de uma morada em Londres e podermos ir até lá, se ele o preferir, mas penso que virá com o Benton.

Kate avançou para a janela e esperou, enquanto Dalgliesh escrevia o bilhete.

E pouco provável que seja ele o assassino, comandante...

Tal como todos os outros: o Marcus Dupayne, a Caroline Dupayne, a Muriel Godby, a Tally Glutton, Mistress Faraday, Mistress Strickland, o James Calder-Hale e o Ryan

No entanto, um deles é o assassino. Depois de havermos ouvido Lorde Martlesham, poderemos estar mais perto de descobrir quem cometeu dois homicídios. Kate voltou-se e fitou o chefe.

Mas já sabe quem foi, não é verdade, comandante?

Creio que todos o sabemos. Contudo, uma coisa é sabê-lo e outra é prová-lo.

Kate sabia que ele não pronunciaria o nome enquanto não estivessem preparados para efectuar uma detenção. Vulcano continuaria a ser Vulcano, e ela julgava saber porquê. No início da sua carreira de detective, Dalglish vira-se envolvido na investigação de um homicídio que correria mal. Um homem inocente havia sido preso e condenado. Por ser apenas um jovem detective, não fora responsabilizado pelo engano, mas aprendera a lição. Para AD, o maior perigo na investigação de um crime, especialmente de um homicídio, continuava a ser o mesmo: a fixação num principal suspeito e a concentração de todos os esforços para provar a sua culpabilidade em detrimento de outras linhas de investigação, e a inevitável falta de discernimento que fazia com que uma equipa não contemplasse sequer a hipótese de se haver equivocado. Um segundo princípio era a necessidade de evitar uma detenção prematura, que poderia prejudicar o êxito tanto da investigação como do subsequente julgamento. A excepção era a necessidade de proteger uma terceira pessoa. E não restavam dúvidas, pensou Kate, que, com aquele segundo homicídio, Vulcano deixara de constituir um perigo. Já faltava pouco. O fim estaria à vista mais cedo do que ela pensara ser possível.

Depois de Benton-Smith partir para a Câmara dos Lordes, Dalglish permaneceu em silêncio durante um minuto. Kate aguardou.

Quero que vá até Swathling's já disse por fim o comandante, e regresse com a Caroline Dupayne. Ela não está detida, mas penso que virá, e à hora que nos convier a nós e não a ela. Então, ao reparar na expressão de espanto de Kate, acrescentou: Talvez esteja a arriscar-me, mas tenho a certeza de que a Tally Glutton identificou o homem certo.

E o que quer que seja que o Martlesham tenha para nos dizer, tenho o pressentimento de que estará relacionado com a Caroline Dupayne e com o seu apartamento no museu. Se me enganar e não existir qualquer elo de ligação, tentarei contactá-la pelo telemóvel antes que chegue a Richmond.

Volvidos trinta minutos, Lorde Martlesham chegou à Yard e foi conduzido ao gabinete de Dalgliesh. Entrou, calmo mas muito pálido, e a princípio parecia não saber se devia trocar um aperto de mão com o comandante. Sentaram-se, em frente um do outro, na mesa que se achava diante da janela. Contemplando os seus traços lívidos, Dalgliesh não teve dúvidas de que Lorde Martlesham sabia porque fora convocado. A formalidade com que recebera Benton-Smith, o facto de haver sido conduzido àquele gabinete, triste e funcional, a despojada mesa de madeira clara que os separava, falavam por si sós. Não se tratava de uma visita social e era evidente que ele nunca esperara que o fosse. Observando-o, Dalgliesh pôde compreender porque Tally Glutton o achara atraente. Tinha um desses raros rostos para o qual nem a palavra bem-parecido nem a palavra bonito são inteiramente apropriadas, mas que revelam, com uma sincera vulnerabilidade, a natureza essencial do homem.

Sem qualquer preâmbulo, Dalgliesh declarou: Mistress Tallulah Glutton, a governanta do Museu Dupayne, reconheceu-o esta tarde como sendo o condutor que a derrubou da bicicleta, por volta das seis horas e vinte e cinco, na sexta-feira, dia um de Novembro. Nessa noite, duas pessoas foram assassinadas no museu: o doutor Neville Dupayne e Miss Célia Mellock. Tenho de perguntar-lhe se estava lá e o que fazia..

Lorde Martlesham havia pousado as mãos sobre o regaço. Ergueu-as e cravou-as no tampo da mesa. As veias incharam como cordas escuras e os nós dos dedos brilharam com a alvura do mármore por baixo da pele esticada.

Mistress Glutton não se enganou replicou. Eu estava lá e quase a atropelei. Espero que não tenha ficado mais ferida do que me pareceu. Ela disse-me que se sentia bem...

Sofreu apenas algumas leves contusões. Porque não se apresentou até agora?

Porque esperava que este momento nunca viesse a acontecer. Não cometi nenhuma ilegalidade, mas não queria que se ficasse a conhecer a minha ida até lá. Foi por isso, aliás, que me apressei a sair dali.

Contudo, mais tarde, quando teve conhecimento do primeiro homicídio, deve ter-se dado conta de que o seu testemunho era muito importante e que era seu dever apresentar-se.

Sim, creio que sim, mas por outro lado sabia que nada tivera a ver com o homicídio. Ignorava sequer que se tratara de fogo posto. Se me chegou a passar alguma ideia pela mente, foi a de que alguém havia ateado uma fogueira que se descontrolara. Convenci-me de que se me apresentasse, só complicaria a investigação e provocaria uma situação embaraçosa, não só para mim como para outras pessoas. Contudo, quando tomei conhecimento esta manhã do segundo homicídio, tudo se complicou. Mesmo assim, resolvi manter o silêncio, mas, se fosse identificado, então contaria toda a verdade. Não pensei que a minha decisão constituísse uma obstrução à justiça, por saber que nada tinha a ver com os dois homicídios. Não estou a tentar defender-me, mas apenas a explicar como tudo aconteceu. Pareceu-me desnecessário apresentar-me após o homicídio do doutor Neville, e essa decisão afectou o que fiz posteriormente. A cada hora que passava tornava-se mais difícil fazer o que achava ser correcto.

Porque estava no museu naquele dia?

Se me tivesse feito essa pergunta logo após a morte do Dupayne, ter-lhe-ia respondido que me servira do museu para sair da estrada e descansar um pouco e que, ao acordar, me dera conta de que estava atrasado para um encontro e tinha de

me apressar. Não sou um experiente mentiroso e duvido muito que houvesse sido convincente, mas pensei que valeria a pena tentar. Ou, como é óbvio, podia ter contestado a identificação de Mistress Glutton. Seria a palavra dela contra a minha, mas a segunda morte veio alterar tudo. Eu conhecia a Célia Mellock. Fui ao museu naquela noite para me encontrar com ela.

Fez-se silêncio até Dalgliesh perguntar:

E encontrou-se com ela?

Não. Ela não estava lá. Devíamos encontrar-nos no parque de estacionamento, por trás dos loureiros à direita da casa. A hora combinada havia sido as seis e um quarto, por ser o mais cedo que me era possível chegar ao museu. No entanto, atrasei-me e o carro dela não se achava lá. Tentei ligar-lhe para o telemóvel, mas ninguém atendeu. Concluí que não queria encontrar-se comigo ou que se cansara de esperar e, por isso, resolvi ir-me embora. Não contava cruzar-me com ninguém no caminho e conduzi mais depressa do que devia, o que provocou o acidente.

Qual era a sua relação com Miss Mellock?”

Fomos amantes durante muito pouco tempo. Eu queria acabar com tudo e ela não. Era uma decisão brutal da minha parte, mas ela pareceu admitir que a nossa relação devia terminar. Aliás, nunca sequer devia ter começado. Pediu-me que fosse ter com ela uma última vez ao museu. O parque de estacionamento era o nosso ponto de encontro habitual, porque à noite fica completamente deserto. Nunca sentimos o risco de sermos descobertos e, mesmo que isso acontecesse, não estávamos a cometer qualquer ilegalidade.

De novo fez-se silêncio. Martlesham havia mantido o olhar posto nas mãos, que voltou a pousar sobre o regaço.

Disse que veio até cá para contar toda a verdade replicou, por fim, Dalgliesh, mas o que acaba de me dizer não corresponde à verdade, pois não? A Célia Mellock foi encontrada morta na Sala do Crime do museu e pensamos que foi assassinada ali. Tem alguma ideia de como foi que ela entrou no museu?

Martlesham parecia curvado na cadeira. Sem erguer o olhar, respondeu:

433

Não, nenhuma. Não podia ela ter chegado mais cedo para se encontrar com outra pessoa e depois esconder-se, por exemplo, na sala de arquivo da cave e ficar fechada ali, provavelmente com o seu assassino, quando o museu encerrou às cinco da tarde?

Como sabe que existe uma sala de arquivo e que o museu encerra às cinco horas?

Porque estive lá, ou melhor, porque visitei o museu.

Não é a primeira pessoa a fornecer uma explicação tão simples. Contudo, para mim é uma interessante coincidência, mas havia uma outra maneira de a Célia Mellock entrar na Sala do Crime, não é assim? Pela porta do apartamento da Caroline Dupayne. Não era ali que você e a Célia haviam combinado encontrar-se?

Lorde Martlesham ergueu então a cabeça e fitou Dalgliesh. Era um olhar de total desespero.

Não a matei murmurou. Não a amava nem nunca lhe disse tal coisa. A nossa relação foi uma loucura e sei que a magoei. Ela julgava haver encontrado em mim o que precisava... um pai, um amante, um amigo, apoio, segurança, mas não lhe dei nada disso. Não estaria morta se não fosse por culpa minha, mas não a matei e não sei quem o fez.

Porquê o Museu Dupayne? continuou Dalglish. Nem sequer faziam amor no carro, pois não? Por que motivo haveriam de ter relações sexuais num local tão desconfortável quando tinham o apartamento da Célia e toda a cidade de Londres à vossa disposição? Estou a sugerir que se encontravam no apartamento da Caroline Dupayne. Pedirei a Miss Dupayne que me forneça uma explicação, mas, por ora, gostaria de ouvir a sua. Esteve em contacto com Miss Dupayne depois da morte da Célia Mellock?

Sim, telefonei-lhe quando soube da notícia. Expliquei-lhe o que pensava dizer à polícia, se fosse identificado. Ela zombou de mim, afirmando que eu nunca conseguiria safar-me. Não parecia preocupada. O seu tom de voz era ríspido, quase cínico, como se toda a situação a divertisse, mas repliquei-lhe que, caso a polícia me pressionasse, teria de contar toda a verdade.

E que verdade é essa, Lorde Martlesham? perguntou Dalglish quase com delicadeza.

Suponho que é melhor contar-lhe tudo... De facto, a Célia e eu encontrávamo-nos ocasionalmente no apartamento do museu, porque a Caroline Dupayne nos havia dado dois duplicados das chaves.

Mesmo apesar de a Célia ter apartamento próprio?

Cheguei a lá ir a certa altura, mas uma única vez. Não me senti em segurança e Célia não gostava de servir-se do seu apartamento.

Há quanto tempo é amigo íntimo da Caroline Dupayne?

Não posso dizer que fôssemos amigos íntimos respondeu Lorde Martlesham num tom de voz triste.

Mas tinham de sê-lo. E uma mulher muito reservada e, no entanto, empresta-lhe o seu apartamento e entrega dois duplicados das chaves a si e à Célia Mellock. Miss Dupayne disse-me que nunca mais voltara a ver a Célia, desde que ela saíra de Swathling's, em dois mil e um. Está a afirmar que ela mentiu?

Mais uma vez, Martlesham ergueu o olhar. Fez uma pausa e, com um sorriso constrangido, respondeu:

Não, ela não está a mentir. Não sou lá muito bom nisto, pois não? Não chego aos calcanhares de um detective experiente.

Isto não é um jogo, Lorde Martlesham. A Célia Mellock foi assassinada, assim como o Neville Dupayne. A propósito, conhecia-o intimamente ou não?

Não o conhecia, nem sequer havia ouvido falar dele até ler, nos jornais, que fora assassinado.

Portanto, voltamos à minha pergunta: qual é a verdade, Lorde Martlesham?

Por fim, o homem estava pronto a falar. Havia uma garrafa de água e um copo sobre a mesa. Tentou verter o líquido para o copo, mas as mãos tremiam-lhe. Piers debruçou-se e serviu-o. Esperaram enquanto Lorde Martlesham bebia lentamente a água, mas, quando começou a falar, a sua voz era firme.

Éramos ambos membros de um clube cujos encontros se efectuam no apartamento da Caroline Dupayne. Chama-se o Clube Noventa e Seis. Vamos até lá pelo sexo. Penso que foi fundado pelo marido dela, mas não tenho a certeza. Tudo o que envolve o clube é secreto, incluindo os seus membros. Podemos propor um outro membro, mas é a única pessoa cuja identidade conhecemos. Os encontros são marcados na Internet e o *website* está codificado, íamos até lá por um único motivo: para desfrutar do sexo que podia ser praticado com uma mulher, com duas ou em grupo. Pouco importava. Era ou, pelo menos, parecia tão divertido, tão livre da ansiedade que nos consome... Tudo o resto se dissipava. Os problemas que não podemos evitar, aqueles que nos impomos a nós próprios, as trevas ocasionais do desespero quando nos apercebemos de que a Inglaterra que o senhor conheceu, a Inglaterra pela qual o meu pai combateu, está a morrer e que estamos a morrer com ela, a tomada de consciência de que a nossa vida assenta numa grande mentira... Não creio que possa fazê-lo compreender... Ninguém era explorado ou usado no clube, nem o fazia a troco de dinheiro. Não havia ali menores de idade ou pessoas mais vulneráveis. Ninguém tinha de fingir.... Éramos como crianças atrevidas, se o preferir, mas crianças, porque havia uma espécie de inocência naqueles encontros...

Dalgliesh nada disse. O apartamento era o local ideal. A entrada do museu, recuada e escondida da estrada pelas árvores e pelos arbustos, o espaço para estacionar, a entrada separada para o apartamento, a total privacidade.

Como se tornou a Célia Mellock membro do clube? perguntou.

Não foi por meu intermédio. Não sei. Era o que estava a tentar explicar-lhe. Esse era o grande propósito do clube. Ninguém saberia dar-lhe essa resposta, excepto o membro que, pela primeira vez, a levou a um encontro.

E não faz ideia, ao menos, de quem era esse membro?

Não faço a menor ideia. A Célia e eu infringimos todas as regras. Ela apaixonou-se. O Clube Noventa e Seis não alimenta essa perigosa indulgência. Encontrámo-nos para manter relações sexuais fora do clube, o que era proibido. Usámos o

museu para um encontro privado, o que também era contra as regras.

Acho estranho que a Célia Mellock tenha sido aceite no clube. Tinha apenas dezanove anos comentou Dalglish. Não se pode esperar discrição de uma rapariga dessa idade. Tinha ela a maturidade ou a experiência sexual para lidar com esse tipo de clube? Não a consideravam perigosa? E não terá sido precisamente por ela constituir uma ameaça que teve de morrer?

Desta vez, o protesto foi veemente.

Não! Não, não era esse género de clube. Nunca nenhum dos membros se sentiu em perigo!

Não, provavelmente não se sentiam em perigo, pensou Dalglish. Não era apenas a conveniente localização do apartamento, a sofisticação dos encontros e a confiança mútua que os fazia sentir em segurança. Os membros do clube eram homens e mulheres habituados a manipular o poder, que nunca acreditariam que podiam correr perigo.

A Célia estava grávida de dois meses. Terá ela pensado que o filho era seu?

É provável. Talvez tenha sido por isso que quisesse ver-me com tanta urgência, mas eu nunca poderia tê-la engravidado. Não posso dar filhos à minha mulher. Tive papeira quando era adolescente e nunca poderei ser pai.

O olhar que lançou a Dalglish estava repleto de sofrimento.

Penso que esse facto influenciou a minha atitude para com o sexo. Não quero desculpar-me de forma alguma, mas o propósito do sexo é a procriação. Se tal não é nem nunca será possível, então, de certa forma, o acto sexual deixa de ser importante, excepto como um alívio necessário. E era isso que eu pedia ao Clube Noventa e Seis: um alívio necessário.

Dalglish não respondeu. Permaneceram sentados, em silêncio durante algum tempo. Por fim, Lorde Martlesham prosseguiu:

Há certas palavras e certos actos que definem um homem. Uma vez proferidas essas palavras, uma vez cometidos esses actos, não existe qualquer desculpa ou justificação possível

nem sequer uma explicação aceitável. Dizem-nos: É assim que tu és. Não podes continuar a fingir. Agora, já o sabes. São palavras e actos inalteráveis e inesquecíveis.

Mas não forçosamente imperdoáveis retorquiui Dalglish.

As outras pessoas que acabam por descobrir a nossa verdadeira natureza não conseguem perdoar-nos. Nem são tão-pouco perdoáveis aos nossos próprios olhos. Talvez o sejam para Deus, mas como alguém disse: *C'est son métier*. Passei por um desses momentos quando me afastei de carro daquele fogo. Sabia que não era uma fogueira. Como poderia sê-lo? Sabia que alguém podia estar em perigo, alguém que podia ter sido salvo, mas entrei em pânico e fugi.

No entanto, parou para se certificar de que Mistress Glutton não sofrera qualquer ferimento grave.

Está a sugerir que esse meu comportamento pode ser uma atenuante, comandante?

Não, limitei-me a mencionar um facto. Silêncio.

Antes de partir, chegou a entrar no apartamento de Miss Dupayne? quis saber Dalglish.

Apenas para abrir a porta. O vestíbulo estava às escuras e o elevador parado no rés-do-chão.

Tem a certeza de que o elevador estava parado no rés-do-chão?

A certeza absoluta. Aliás, foi isso que me convenceu de que a Célia não se encontrava no apartamento.

Após novo silêncio, Lorde Martlesham acrescentou:

Parece-me que segui um caminho que outros me prepararam, como se fosse um sonâmbulo... Fundei uma instituição de caridade porque descobri uma necessidade e a forma de a satisfazer. Na realidade, era demasiado óbvio. Milhares de pessoas levadas ao desespero financeiro, até mesmo ao suicídio, porque não conseguem obter crédito a não ser de agiotas prontos a explorá-los. Quem mais precisa de dinheiro são aqueles que não podem tê-lo. Por outro lado, existem milhares de pessoas com dinheiro para gastar... não muito, apenas alguns trocados para eles... que estão dispostas a fornecer os

r

fundos de imediato sem juros, mas com a garantia de que recuperarão o seu capital. E funciona. Este sistema é organizado por voluntários. Raramente o dinheiro é gasto em despesas de gestão e, a pouco e pouco, porque as pessoas ficam gratas, começam a tratar-nos como se fôssemos uma espécie de santo secular. Precisam de acreditar que a bondade ainda é possível, que nem todos são motivados apenas pela ganância. Anseiam por um herói virtuoso. Nunca me considerei um homem bom; julguei, isso sim, que podia praticar o bem. Fiz os discursos e os apelos que esperavam que eu fizesse. Agora, contudo, foi-me mostrada toda a verdade acerca de mim próprio, aquilo que sou realmente, e isso horroriza-me. Não se pode ocultar essa verdade? Não por mim. Pensava nos pais da Célia. Nada pode ser pior do que a morte dela, mas gostaria que fossem poupados a uma parte da verdade. Terão de lhes falar do clube? E ainda há a minha mulher. Sei que é tarde de mais para pensar nela, mas está doente e queria poupar-lhe mais sofrimento.

Se porventura a existência do clube tiver de fazer parte das provas a apresentar em tribunal, então eles ficarão a saber toda a verdade comentou Dalgliesh.

Tal como todos os outros. Os tablóides encarregar-se-ão disso, mesmo que não seja eu a sentar-me no banco dos réus. Não a matei, mas sou responsável pela sua morte. Se ela não me tivesse conhecido, ainda estaria viva hoje. Suponho que não estou detido, pois não? Não me avisaram de que tudo o que eu dissesse poderia ser usado contra mim.

Não, não está detido. Precisamos do seu depoimento, que os meus colegas irão registar imediatamente. Terei de voltar a falar consigo. Essa segunda entrevista será gravada, de acordo com o disposto na lei processual quanto a depoimentos relativos a crimes.

Devo supor que vai aconselhar-me a arranjar um advogado?

Isso cabe-lhe a si decidir, mas em meu entender seria melhor replicou Dalgliesh.

Apesar do trânsito congestionado, Kate, acompanhada por Caroline Dupayne, regressou à Scotland Yard duas horas depois de haver saído. Caroline Dupayne passara a tarde a passear pelo campo a cavalo; regressara no seu automóvel e acabara de subir a álea de acesso a Swathling's um minuto antes da chegada de Kate. Não esperara para trocar de roupa e ainda usava as calças de montar. Dalglish pensou que, se ela houvesse trazido o chicote consigo, a imagem da mulher dominadora não poderia ser mais completa.

Kate nada lhe havia dito durante a viagem e, quando Caroline soube que Tally reconheceria Lorde Martlesham, não revelou mais emoção do que um breve sorriso tímido.

O Charles Martlesham telefonou-me depois de se descobrir o corpo da Célia. Disse-me que, caso o reconhecessem, tentaria ocultar a verdade, mas que no fim seria forçado a contar tudo, tanto acerca do que estava a fazer no Dupayne na passada sexta-feira, como sobre o Clube Noventa e Seis. Para lhe ser sincera, nunca pensei que o encontrassem, mas, mesmo que o conseguissem, sabia que ele se revelaria um mentiroso ineficaz. É uma pena que a Tally Glutton não haja limitado a sua educação política à Câmara dos Comuns...

Como começou o Clube Noventa e Seis? perguntou Dalglish.

Há seis anos, com o meu marido. Foi ele que o fundou. Morreu ao volante do seu *Mercedes* há quatro anos, mas isso já o sabe, por certo, até porque não me parece que haja

l

muito acerca de todos nós que vocês já não tenham descoberto. A ideia do clube foi dele. Dizia que se podia ganhar dinheiro, procurando uma necessidade que ainda não fora suprida. As pessoas são motivadas pelo dinheiro, pelo poder, pela fama e pelo sexo. Aqueles que alcançam o poder e a fama geralmente também têm dinheiro. Obter sexo seguro já não é tão fácil. Homens ambiciosos e bem-sucedidos precisam de sexo com regularidade e gostam de variar. Podem comprar sexo a uma prostituta, mas arriscam-se a ver a sua fotografia nos tablóides e a ter de apresentar queixa por difamação em tribunal. Podem consegui-lo circulando nos seus carros em volta de King's Cross, se o factor risco os excita. Ou podem ir para a cama com as mulheres dos seus amigos, se estiverem preparados para complicações emocionais e matrimoniais. O Raymond dizia que aquilo de que um homem poderoso precisava era de sexo sem culpa com mulheres que gostassem, tanto como ele, de praticá-lo e nada tivessem a perder. Seriam, na sua maior parte, mulheres casadas, que valorizavam os seus matrimónios, mas que se sentiam entediadas ou insatisfeitas sexualmente ou que precisavam de algo envolto em mistério, ou até que implicasse um certo perigo. Foi por isso que fundou o clube. O meu pai já falecera e eu havia ocupado o apartamento.

E a Célia Mellock fazia parte desse grupo? Há quanto

tempo?

Não sei. Nem sequer sabia que ela pertencia ao grupo. Era assim que o clube funcionava. Ninguém, incluindo eu própria, sabe quem são os membros do clube. Temos um *site* para que os membros possam verificar a data de um futuro encontro ou se o local é seguro, mas, como é evidente, é-o sempre. Depois da morte do Neville, tudo o que tive de fazer foi colocar uma mensagem no *site* a informar os membros de que todos os encontros haviam sido cancelados. De nada lhe servirá pedir-me uma lista dos membros, porque não existe nenhuma. A essência do clube residia na total privacidade.

A menos que os membros se reconhecessem entre eles fez notar Dalglish.

Usavam máscaras. Era uma medida teatral, mas o Raymond pensava que tornava o clube ainda mais atractivo.

Uma máscara não é disfarce suficiente para ocultar uma identidade quando as pessoas estão a ter relações sexuais.

Admito que talvez um ou dois dos membros suspeitassem de quem eram os seus parceiros ocasionais. Afinal, provinham do mesmo meio, mas não vai conseguir descobrir quem são.

Dalgliesh deixou-se ficar sentado, em silêncio, atitude que Caroline pareceu achar opressiva, porque de súbito exclamou:

Pelo amor de Deus, não é como se eu estivesse a falar com o vigário de uma paróquia! O senhor é um membro da polícia e já viu tudo isto antes. As pessoas juntam-se para praticar sexo em grupo e a Internet é um meio mais sofisticado de arranjar esses encontros do que atirar uma moeda ao ar para saber quem vai ficar com quem. Sexo consensual em grupo. Acontece e o que fazíamos não era ilegal. Não podemos manter o sentido das proporções? A polícia nem sequer dispõe ainda de recursos para combater a pedofilia na Internet. Quantos milhares, quantas dezenas de milhares de homens pagam para ver crianças serem sexualmente torturadas? E quanto às pessoas que fornecem essas imagens? Estão a pensar seriamente em perder o vosso tempo e dinheiro na caça aos membros de um clube privado para adultos responsáveis, que se reuniam para praticar sexo numa propriedade também privada?

O problema é que, neste caso, uma das participantes foi assassinada contrapôs Dalgliesh. Nada é privado quando se trata de um homicídio. Nada.

Ela revelara-lhe o que ele queria saber e, por fim, deixou-a partir. Não sentia qualquer sentimento de desaprovação. Que direito tinha de julgá-la? Não fora a sua própria vida sexual, conduzida sempre pela meticulosidade, uma cuidadosa separação entre o prazer físico e o amor até há pouco tempo?

Vai ficar bem, não é verdade, Mistress Tally? exclamou Ryan. Quero dizer: está habituada a viver aqui. Não pensa que eu deveria ficar?

Tally regressara a casa depois de uma viagem de metro em que não conseguira lugar para se sentar e em que apenas os corpos dos viajantes, esmagados uns contra os outros, a haviam mantido de pé. Fora encontrar Ryan na sala de estar com a mochila feita, pronto para se ir embora. Uma nota escrita em maiúsculas na parte de trás de um sobrescrito achava-se sobre a mesa.

Tally deixou-se cair na cadeira que se encontrava mais próxima.

Não, não penso que devas ficar, Ryan. Lamento que a tua estada aqui tenha sido desconfortável, mas a vivenda é muito pequena.

É isso! replicou o rapaz com veemência. É por tudo ser tão pequeno aqui, mas voltarei. Quero dizer: estarei de volta ao trabalho, como de costume, na segunda-feira. Vou para casa do major.

O alívio de Tally foi ensombrado pela ansiedade. Para onde iria realmente Ryan?, interrogou-se.

E o major está contente por te receber? Ryan não a fitou quando respondeu:

Ele diz que não se importa. Quero dizer: não será por muito tempo. E que tenho planos. -:

Não duvido que tenhas planos, Ryan, mas o Inverno aproxima-se. As noites podem ser terrivelmente frias e precisas de ter um abrigo.

Mas terei sempre um abrigo, se sabe ao que me refiro. Não se preocupe, Mistress Tally, que está tudo bem comigo.

Dito aquilo, pôs a pesada mochila aos ombros e dirigiu-se para a porta.

Como vais chegar a casa do major, Ryan? perguntou-lhe Tally. Se Miss Godby ainda cá estivesse, talvez te pudesse dar boleia até à estação de metro.

Tenho a minha bicicleta nova que o major me comprou. Fez uma pausa. Bom, vou andando. Adeus, Mistress Tally. Obrigado por me ter acolhido.

E saiu. Tally tentava reunir forças suficientes para se mexer quando alguém tocou à porta da frente. Era Muriel. Trazia um casaco vestido, o que tornava óbvio que se preparava para regressar a casa.

Já verifiquei se estava tudo trancado anunciou. Não podia esperar mais pelo seu regresso. Vi o Ryan a pedalar pelo caminho de entrada com a mochila às costas. Foi-se embora?

Sim, Muriel, ele voltou para casa do major, mas não há problema. Estou acostumada a viver sozinha. Aqui, nunca me sinto nervosa. Não há problema repetiu.

Miss Caroline é capaz de não pensar o mesmo. Devia telefonar-lhe para ouvir os seus conselhos. Talvez queira que fique com ela, Tally. Ou pode ficar em minha casa, se estiver realmente assustada.

Aquela proposta não podia ter sido menos amável. Acha ser sua obrigação fazer-me este convite, mas não me quer na sua casa. Podia ter-se oferecido para ficar aqui, mas nunca o faria, sobretudo depois do que aconteceu ontem, pensou Tally. Pareceu-lhe detectar uma expressão de medo nos olhos de Muriel, o que a fez sentir um certo prazer. Muriel estava mais assustada do que ela.

E muita bondade sua, Muriel respondeu, mas ficarei muito bem na vivenda. É aqui que vivo. Tenho ferrolhos nas janelas, uma fechadura dupla na porta e o telefone. Não creio que corra perigo. Porque haveria alguém de querer assassinar-me?

Porque quiseram assassinar o doutor Neville ou aquela rapariga? Quem quer que o tenha feito deve ser louco. É melhor telefonar a Miss Caroline e pedir-lhe que venha buscá-la. Pode arranjar-lhe uma cama em Swathling's.

Se estás tão preocupada comigo, porque não insistes para que eu faça as malas e vá para tua casa?, perguntou Tally intimamente. Não que censurasse Muriel, que devia ter ponderado cuidadosamente todos os prós e contras. Assim que Tally se mudasse para sua casa, poderia lá ficar durante semanas, talvez até meses. Não haveria razão para regressar à vivenda enquanto não fossem solucionados os dois homicídios, e não se sabia quanto tempo isso iria levar. Talvez nunca viessem a ser solucionados. Tally nutria a convicção embora tivesse plena consciência de que pouco tinha de racional, não obstante, era demasiado intensa para ignorá-la de que, se saísse da vivenda, nunca mais regressaria. Já se imaginava a procurar, desesperada, um quarto mobilado ou a ser hóspede de um dos Dupayne ou de Muriel, transformando-se numa fonte contínua de ansiedade e de irritação para eles. Aquela vivenda era o seu lar e não permitiria que um assassino a tirasse dali.

Bom, a responsabilidade é sua rematou Muriel. Pela minha parte, sugeri-lhe o que me pareceu mais adequado... Vim até cá para lhe dar as suas chaves do museu. Foram-nos devolvidas por volta das duas horas e prometi ao sargento Benton-Smith que as entregaria aos outros. E melhor eu levar as chaves da vivenda que você emprestou ao Ryan, porque são as únicas que temos em duplicado e devem ficar guardadas no armário do gabinete.

Deus meu... Receio que o Ryan se tenha esquecido de mas devolver e eu não me lembrei de lhas pedir, mas ele estará de volta na segunda-feira.

Muriel expressou a sua usual reprimenda, mas sem o empenho habitual. Parecia ausente enquanto falava. Não havia dúvida de que ela mudara desde o segundo homicídio.

Nunca devia ter-lhe dado as chaves. Ele podia muito bem ter mantido um horário normal e confiado em si para lhe abrir a porta. Se o vir antes de mim na segunda-feira, certifique-se de que ele lhe devolve as chaves.

Por fim, partiu. Tally trancou a porta, para depois se ir sentar numa cadeira em frente da lareira. Estava exausta. O trauma por haver reconhecido Lorde Martlesham, a sua visita à Scotland Yard, a sua preocupação com o destino de Ryan e agora a pequena escaramuça com Muriel haviam intensificado o seu cansaço. Talvez tivesse sido mais sensato da sua parte aceitar a oferta do comandante Dalgliesh para que alguém a levasse a casa de carro. Contudo, a pouco e pouco, o cansaço tornou-se quase agradável e a paz que sentia sempre ao fim do dia, quando se sentava sozinha, regressou e teve o dom de acalmá-la. Deixou-se invadir por aquele estado de espírito durante alguns momentos; depois, mais recomposta, levantou-se e, começou a arrumar a casa.

Subiu ao primeiro andar. Ryan não se dera ao incómodo de desfazer a cama e, no quarto, pairava um cheiro a bafio. Tally tirou a chave da janela do pequeno gancho onde ficava pendurada e abriu as vidraças duplas. Uma brisa suave e outonal entrou. Ficou ali por instantes, a saborear aquela lufada de ar fresco, enquanto contemplava o vácuo obscuro que constituía o Heath, antes de voltar a fechar e a trancar a janela. Depois desfez a cama, enfiando os lençóis e as fronhas no cesto da roupa suja. Lavá-los-ia no dia seguinte, porque não conseguiria suportar o ruído da máquina de lavar roupa naquele momento. Em seguida, apanhou as toalhas húmidas que Ryan deixara no chão da casa de banho, limpou o lavatório e puxou o autoclismo. Experimentou um sentimento de culpa por eliminar os vestígios da desarrumação que o rapaz deixara, como se quisesse afastá-lo da sua vida. Onde dormiria ele naquela noite? Sentiu-se tentada a telefonar ao major para lhe perguntar se estava realmente à espera de Ryan, mas não sabia o número, porque o rapaz apenas lhe dera a morada de Maida Vale. Podia sempre procurar o número na lista telefónica, mas, se ligasse para casa do major, isso seria considerado certamente uma intromissão imperdoável da sua parte. Ryan tinha quase dezoito anos e ela não era nem sua avó nem sua tutora. Contudo, não conseguiu livrar-se de um ligeiro sentimento de culpa e de responsabilidade. De certa forma, havia desiludido o rapaz e revelara-se um desastre no que dizia respeito a

tolerância e a amabilidade. A vivenda era o seu santuário e o seu adorado lar, mas talvez a sua vida solitária a houvesse tornado egoísta. Lembrou-se de como se sentira em Basingstoke. Teria sido o que levava Ryan a sentir também?

Começou a pensar no seu jantar, mas, muito embora não houvesse comido nada depois do almoço frugal, não tinha fome nem nenhuma das refeições pré-cozinhadas que havia no frigorífico lhe abriram o apetite. Decidiu preparar uma caneca com chá, deitando água a ferver sobre uma saqueia, abriu uma embalagem de biscoitos digestivos com sabor a chocolate e sentou-se à mesa da cozinha. Os biscoitos revigoraram-na. Depois, e quase sem se dar conta, vestiu o casaco, destrancou e abriu a porta e saiu para a escuridão. Afinal, era assim que os seus dias sempre acabavam e aquele fim de tarde não ia ser diferente. Precisava do curto passeio pelo Heath, de contemplar a reluzente vista sobre Londres, que se estendia mais abaixo, de sentir o ar fresco nas faces, de inalar o cheiro a terra e a relva, de um momento de solidão que nunca era completamente solitário, do mistério em que não havia medo nem arrependimento.

Algures, naquela imensa e silenciosa escuridão, pessoas solitárias podiam estar a passear naquele instante, algumas à procura de sexo, de companhia, ou até de amor. Havia cento e cinquenta anos, uma criada descera pelo mesmo caminho e transpusera o mesmo portão para ir ao encontro do namorado e de uma morte terrível. Aquele mistério nunca fora deslindado, e a vítima, tais como as vítimas dos assassinos cujos rostos a fitavam das paredes da Sala do Crime, havia-se juntado ao grande exército dos mortos amorfos. Tally podia pensar na criada com um sentimento passageiro de pena, mas a sua sombra nunca tivera o poder de perturbar a paz nocturna nem de levá-la a ter medo. Armara-se com a abençoada segurança de que não se deixaria dominar pelo terror e de que o horror dos dois homicídios não podia mantê-la cativa na sua própria casa nem estragar aquele passeio solitário sob o céu nocturno.

Foi depois de regressar do seu passeio pelo Heath e de fechar o portão atrás de si que, ao olhar para a massa escura que constituía o museu, viu a luz. Brilhava na janela sul da Sala do

Crime, não com grande intensidade, como sucederia se todos os candeeiros de parede tivessem ficado acesos, mas com um fulgor ténue e difuso. Estacou por segundos, fitando-a, enquanto se interrogava se podia ser o reflexo das luzes da vivenda; mas era impossível. Tally deixara acesas apenas as luzes da sala de estar e do vestíbulo que, naquele momento, passavam pelas estreitas fendas que separavam as cortinas corridas. Nunca poderiam iluminar uma parte do museu. Dava ideia de que alguém deixara um único candeeiro aceso na Sala do Crime, provavelmente um dos candeeiros de leitura junto às poltronas que se achavam em frente da lareira. Talvez um dos Dupayne ou Mr. Calder-Hale houvesse estado na Sala do Crime para estudar algum documento e se tivesse esquecido de apagá-lo. Mesmo assim, era espantoso que Muriel, quando procedera à sua última inspecção, não o tivesse detectado.

Tally disse a si própria com firmeza que não havia motivo para ter medo e que devia agir com sensatez. Seria ridículo telefonar a Muriel que, por aquela altura, já devia estar em casa, ou a qualquer um dos Dupayne, sem verificar primeiro que aquela luz acesa não passava de um simples esquecimento. Telefonar à polícia seria ainda mais absurdo. O que tinha a fazer era verificar que a porta de entrada se achava trancada e o alarme ligado. Se tudo estivesse em ordem, então teria a certeza de que não se achava ninguém no museu e que poderia entrar. Se a porta não se encontrasse trancada, regressaria à vivenda de imediato, fechar-se-ia a sete chaves e telefonaria à polícia.

Voltou a sair, de lanterna em punho, e passou tão silenciosamente quanto lhe foi possível por entre os ramos enegrecidos das árvores carbonizadas em direcção à parte da frente da casa. A luz deixara de ser visível; aquele pálido fulgor só podia ser visto através das janelas voltadas para leste e sul. A porta de entrada achava-se devidamente trancada. Tally entrou, acendeu a luz à direita da porta e apressou-se a silenciar o alarme. Depois das trevas do exterior, o átrio pareceu resplandecer sob a luz eléctrica. Tally deteve-se enquanto pensava que aquele local lhe parecia, de súbito, estranho e desconhecido. Tal como todos os espaços geralmente apinhados de figuras humanas

448 e dos sons e actividades que lhes são característicos, o átrio de entrada parecia aguardar misteriosamente. Tally hesitou antes de avançar, como se, ao quebrar aquele silêncio, pudesse libertar algo de sobrenatural e maligno. Porém, logo de seguida, o bom senso que a havia guiado durante os últimos dias tranquilizou-a. Nada tinha a temer; nada, naquele museu, era bizarro ou sobrenatural. Fora até ali movida por um objectivo simples: apagar uma única luz. Regressar à vivenda sem fazer mais nada, ir dormir sabendo que a luz continuava acesa seria ceder ao medo, seria perder talvez para sempre a confiança e a paz que aquele lugar e a vivenda lhe haviam proporcionado durante os últimos oito anos.

Atravessou, decidida, o átrio de entrada, ouvindo o eco dos seus passos no chão de mármore. Subiu a escada. A porta da Sala do Crime estava fechada mas não selada. A polícia devia ter concluído as investigações mais cedo do que pensava. Talvez Muriel, ainda traumatizada por haver descoberto o corpo de Célia, não se tivesse atrevido a abrir a porta. Não era característico dela, mas Muriel não parecia a mesma desde a terrível descoberta do conteúdo do baú. Podia não admitir que estava assustada, mas Tally vira o medo escurecer os olhos de Muriel. Era possível que tivesse receio de proceder à última inspecção do edifício, sobretudo por estar sozinha, e a houvesse efectuado com menor meticulosidade do que de costume.

Tally empurrou a porta e viu que não se enganara. O candeeiro de leitura junto da cadeira da direita ficara aceso e havia dois livros fechados e o que parecia ser um bloco de apontamentos sobre a mesa. Alguém estivera a ler. Avançando para a mesa, Tally percebeu que fora Mr. Calder-Hale, porque reconheceu a sua letra pequena, quase ilegível, e concluiu que o bloco de apontamentos lhe pertencia. Devia ter ido ao museu para recolher as chaves assim que a polícia pudera devolver-lhe. Como conseguira ele sentar-se ali e trabalhar calmamente depois de tudo o que acontecera?

Era a primeira vez que se achava na Sala do Crime, depois da descoberta do corpo de Célia e apercebeu-se logo de que algo mudara, que havia qualquer coisa estranha, até se dar conta de que faltava o baú. Ainda devia estar sob custódia da

polícia ou talvez no laboratório para investigação. Sempre constituiria uma peça tão fundamental na sala, apesar de ser um objecto ao mesmo tempo comum e tão portentoso, que a sua ausência era mais sinistra do que a sua presença.

Não apagou de imediato a luz. Deixou-se ficar junto à porta durante meio minuto. As fotografias não a assustavam. Nunca a haviam assustado. Oito anos a limpar diariamente o pó, a fechar e abrir os armários, a limpar os vidros das vitrinas que continham os objectos em exposição haviam desprovido aqueles retratos de qualquer interesse para ela. Agora, contudo, a suave penumbra da sala provocou-lhe uma estranha sensação. Disse a si mesma que não era medo mas apenas um certo mal-estar. Teria de habituar-se a permanecer na Sala do Crime e mais valia começar quanto antes.

Dirigiu-se a uma das janelas voltadas para leste e contemplou a noite. Era ali que Célia Mellock se achava, naquela fatídica sexta-feira? Era por haver estado à janela, no momento errado, que tivera de morrer? Porque havia olhado para as árvores em chamas e vira o assassino debruçado sobre a torneira a lavar as mãos enluvadas? E que sentira o assassino quando erguera o olhar e a vira ali, com o rosto lívido, a contrastar com o seu cabelo louro e comprido, e os olhos esbugalhados pelo horror? Célia Mellock devia ter-se dado conta das implicações do que acabara de testemunhar. Então, porque esperara que aqueles passos decididos e apressados a apanhassem? Que aquelas mãos enluvadas lhe apertassem o pescoço? Ou tentara fugir, empurrando sem êxito a porta de acesso ao apartamento, ou descendo apressadamente a escada para cair nos braços do seu assassino, à sua espera? Fora assim que tudo acontecera? Tanto Dalglish como qualquer um dos seus subordinados não lhe tinham revelado grande coisa. Tally apenas sabia que, após o primeiro homicídio, haviam estado constantemente no museu, interrogando, examinando, procurando, falando entre eles, mas ninguém sabia o que lhes ia na mente. Era impossível que dois assassinos houvessem decidido cometer um homicídio no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo local. Tinha de haver uma ligação entre os crimes e, se estivessem interligados, então Célia certamente morrera em consequência do que vira.

Tally manteve-se em frente da janela durante alguns momentos enquanto pensava na rapariga morta, no primeiro homicídio e em Lorde Martlesham debruçado sobre ela, com uma expressão de terror e de compaixão nos olhos. Foi então que algo lhe veio à memória. Dalglish havia-lhe pedido para reflectir cuidadosamente sobre cada momento daquela sexta-feira e contar-lhe tudo de que pudesse lembrar-se, por muito insignificante que lhe parecesse. Tentara fazê-lo, mas não lhe ocorrera nada que já não houvesse dito à polícia. Agora, contudo, num segundo de total certeza, lembrara-se. Era um facto e tinha de revelá-lo. Nem sequer se questionou se moralmente devia revelá-lo, nem tão-pouco se poderia ser mal interpretada. Não sentia nenhuma das dúvidas que a haviam atormentado na Igreja de St. Margaret, depois de reconhecer Lorde Martlesham. Afastou-se da janela e avançou bruscamente para apagar a luz do candeeiro. A porta da Sala do Crime ficara entreaberta e a claridade do átrio de entrada e da galeria superior projectava-se no chão de madeira como uma camada de verniz dourado. Fechou a porta atrás de si e desceu a escada.

Excitada pela sua descoberta, nem sequer pensou em esperar pelo regresso à vivenda para fazer a chamada. Levantou o auscultador do telefone que se achava sobre o balcão da recepção e marcou o número que a inspectora Miskin lhe dera e que ela havia decorado. Não foi, contudo, a inspectora Miskin que atendeu.

Sargento Benton-Smith anunciou a voz.

Tally não desejava dar o recado a outra pessoa que não fosse o comandante Dalglish.

Daqui fala a Tally Glutton, sargento replicou. Gostava de falar com Mister Dalglish. Ele está?

De momento encontra-se ocupado, Mistress Glutton, mas estará livre daqui a pouco tempo. Quer deixar recado?

De súbito, o que Tally tinha para dizer pareceu-lhe menos importante. A dúvida começou a infiltrar-se no seu cérebro cansado.

Não, obrigada. Lembrei-me de uma coisa que preciso de transmitir-lhe, mas pode esperar.

Tem a certeza? insistiu o sargento. Se for urgente, posso encarregar-me disso.

Não, não é urgente. Pode ficar para amanhã. Preferia falar com ele pessoalmente e não pelo telefone. Penso que estará no museu amanhã, não é assim?

Estou certo de que sim respondeu o sargento, mas ele pode vê-la esta noite.

Isso seria incomodá-lo. E apenas um pequeno pormenor e talvez esteja a dar-lhe demasiada importância. Falarei com ele amanhã. Estarei cá durante toda a manhã.

Pousou o auscultador. Nada mais tinha a fazer ali. Ligou o sistema de segurança, dirigiu-se com passos apressados para a porta da frente e fechou-a à chave depois de sair. Dois minutos mais tarde, estava de regresso à vivenda.

Depois de a porta de entrada se haver fechado, o museu ficou imerso no mais completo silêncio. Então, a porta do gabinete abriu-se devagar, sem barulho, e um vulto sombrio passou pela recepção em direcção ao átrio de entrada. As luzes não se acenderam, mas a figura moveu-se com passos delicados mas confiantes pelo átrio de entrada e subiu a escada. Uma mão enluvada pousou-se sobre o puxador da porta da Sala do Crime e abriu-a, de mansinho, como se receasse alertar os olhos vigilantes dos assassinos. O vulto dirigiu-se à exposição de William Wallace. Uma mão enluvada tacteou o buraco da fechadura, inseriu uma chave e levantou a tampa da vitrina. O vulto levava consigo um saco de plástico e, uma a uma, tirou as peças do tabuleiro de xadrez, que enfiou no fundo do saco. Então, a mão tacteou o fundo da vitrina até encontrar o que procurava: a barra de ferro.

Pouco passava das sete e meia. A equipa encontrava-se reunida na sala de interrogatórios.

Agora conhecemos o quem, o porquê e o como anunciou Dalglish, se bem que só disponhamos de provas circunstanciais. Não existe uma só prova física que associe directamente o Vulcano a qualquer uma das vítimas. O caso ainda não está resolvido. O promotor público pode mostrar-se disposto a tentar a sorte de obter uma condenação com base numa percentagem pouco superior a cinquenta por cento, mas pode falhar se a defesa for atribuída a um advogado competente.

Uma coisa é certa, comandante interveio Piers. Será um advogado de defesa mais do que competente. Pode transformar a morte de Dupayne num suicídio. Existem provas suficientes de que ele andava sob um grande stresse. E se o Dupayne não foi assassinado, então, o elo de ligação entre as duas mortes deixa de existir. A morte da Célia Mellock pode ser considerada um homicídio com um móbil sexual ou, quando muito, um homicídio involuntário. Isto porque subsiste o desconfortável facto de que ela possa ter entrado no museu ao fim da tarde de sexta-feira, sem que ninguém a visse, bem como o facto de o seu assassino poder ter saído sem ser visto. Ela podia ter chegado a qualquer hora durante o dia, tencionando encontrar-se com o Martlesham mais tarde.

Se ela chegou ao museu de táxi, então é uma pena que o motorista ainda não se tenha apresentado às autoridades

comentou Benton-Smith. No entanto, ainda é cedo. Talvez o homem esteja de férias. Kate dirigiu-se a Dalgliesh:

Mas o caso é sustentável, comandante. A base pode ser circunstancial mas é forte. Pense nos factos mais relevantes. A mala de mão desaparecida e o motivo que levou o assassino a livrar-se dela. As impressões das palmas das mãos na porta do apartamento. O facto de o elevador se encontrar no rés-do-chão quando o Martlesham chegou. As violetas arrancadas. A tentativa de fazer com que os homicídios imitassem outros...

Benton-Smith deu a sua opinião:

A tentativa de imitar um outro homicídio só se aplica à segunda morte, porque se tratou, quase de certeza, de uma coincidência no primeiro caso. No entanto, o mais provável é que quem assassinou a Célia tivesse conhecimento do primeiro homicídio.

Então é ainda cedo para uma detenção, comandante?

Precisamos de prosseguir com os interrogatórios, agora de acordo com a lei sobre depoimentos relativos a crimes e na presença de um advogado. Se não obtivermos uma confissão, e não estou à espera disso, talvez consigamos com alguma paciência uma admissão ou possamos detectar contradições no mesmo relato. Entretanto, há a mensagem da Tally Glutton. O que foi que ela disse ao certo?

Que possuía uma informação e que queria revelar-lha, mas não pelo telefone explicou Benton-Smith. Parecia ansiosa por lhe falar pessoalmente, comandante, mas afirmou que não era urgente. Disse que podia ficar para amanhã. Tive a impressão de que se arrependera de haver telefonado.

E o Ryan Archer? Ainda está na vivenda?

Ela não mo disse.

Dalgliesh manteve-se em silêncio durante algum tempo até excluir:

Amanhã, não; quero vê-la agora, e gostava que viesse comigo, Kate. Não quero que ela fique naquela vivenda esta noite, apenas com o rapaz para a proteger..,

Pensa que ela corre perigo de vida? perguntou Piers. O Vulcano foi forçado a cometer o segundo homicídio. Não temos motivos para supor que venha a cometer um terceiro.

Dalglish não lhe respondeu e dirigiu-se a Kate.

Não se importa de passar a noite com Mistress Glutton? Presumo que o rapaz dorme no quarto de hóspedes, o que significa que provavelmente terá de passar a noite sentada numa poltrona.

Por mim não há problema, comandante.

Nesse caso, ouçamos o que Mistress Glutton tem para nos dizer. Telefone-lhe, por favor, Kate, para a informar de que vamos a caminho. Piers e Benton, a não ser que eu vos chame antes, encontramo-nos aqui amanhã cedo, às oito.

Em circunstâncias normais, Tally estaria a pensar no que iria fazer para o jantar; ou a preparar o tabuleiro, se tivesse planeado ver televisão enquanto comia ou, o que era mais usual, a pôr uma toalha na mesa da sala de estar. Preferia jantar com alguma formalidade, dado sentir um obscuro sentimento de culpa por julgar que demasiadas refeições na poltrona com o tabuleiro sobre os joelhos podiam levá-la à indolência e ao desmazelo. Era mais confortável sentar-se à mesa e o seu jantar, a que geralmente dedicava tempo e trabalho, tornava-se um prazer, primeiro antecipado, depois desfrutado, constituindo um dos rituais reconfortantes da sua vida solitária.

No entanto, naquela noite não conseguia sentir o menor interesse em preparar qualquer prato por mais simples que fosse. Talvez tivesse sido um erro beber o chá e comer aqueles biscoitos. Deu por si, muito agitada, a andar à volta da mesa, numa deambulação inútil, mas que parecia não conseguir controlar. A revelação que lhe ocorrera no museu era tão simples, mas, ao mesmo tempo, tão extraordinária devido às suas implicações, que não conseguia pensar noutra coisa excepto no espanto que lhe provocara. Numa das suas muitas anteriores visitas, o comandante Dalglish pedira-lhe para pensar bem em tudo o que acontecera no dia em que o Dr. Neville morrera e que anotasse todos os pormenores, por muito insignificantes que fossem, que ela se houvesse esquecido de lhe contar. Não se recordara de nada. Supunha que o que lhe viera à

memória era apenas um pormenor, mas, mesmo assim, perguntou a si própria porque não se lembrara daquilo mais cedo. Não fora por falta de uma reconstituição mental cuidadosa. O que havia agido sobre a sua memória devia ter sido a fusão de ideias, de imagens, de sons e de pensamentos coexistentes. Sentada em frente da mesa com os braços estendidos sobre o tampo, mantinha-se tão imóvel e rígida como um manequim, ali colocado à espera que lhe servissem um imaginário prato de comida. Tentou raciocinar, esforçou-se por perguntar a si própria se podia ter-se enganado quanto ao momento, à sequência ou às implicações do que lhe ocorrera, mas sabia que não havia qualquer engano. Tinha a certeza absoluta.

O toque do telefone fê-la sobressaltar-se. Era raro alguém telefonar-lhe depois de o museu encerrar, e levantou o auscultador com alguma apreensão. Podia ser novamente Jennifer, mas sentia-se muito cansada para responder às perguntas da filha e lidar com a sua incômoda preocupação. Ao ouvir a voz do outro lado do fio, suspirou de alívio. Era a inspectora Miskin para lhe dizer que o comandante queria vê-la ainda naquela noite e que ambos iam a caminho.

Então, o seu coração deu um salto e Tally agarrou-se ao rebordo da mesa, aterrorizada. O ar havia sido rasgado por um grito sobrenatural. A princípio, pensou ser humano, mas depressa se apercebeu de que aquele grito agonizante vinha da garganta de um animal. Era *Tomca* A Cambaleante, Tally foi buscar as chaves à sua secretária e dirigiu-se para a porta. Pegou na lanterna que ficava sempre no umbral do pórtico e no primeiro agasalho que encontrou no bengaleiro, a sua gabardina, que pôs à pressa por cima dos ombros, enquanto tentava enfiar as chaves nas duas fechaduras fazendo com que deslizassem e embatessem nas placas metálicas. Foi só graças a uma grande força de vontade que conseguiu controlar as mãos trémulas e inserir as chaves nas ranhuras. Faltavam-lhe os ferrolhos. Por fim, a porta abriu-se e Tally correu para a escuridão.

O céu estava coberto por nuvens baixas; não se viam estrelas e as nuvens baixas apenas deixavam vislumbrar um resquício da Lua em quarto crescente. A única luz era a do feixe 457

brilhante proveniente da porta que ela deixara entreaberta. O vento mal soprava, movendo-se por entre as árvores e a relva como uma criatura viva que lhe tocava no rosto com mãos pegajosas. O miar desesperado pareceu-lhe mais próximo e vinha da orla do Heath. Descendo a correr o carreiro, empurrou o portão de verga e fez incidir o feixe da lanterna sobre as árvores. Por fim, encontrou-o.

Tomcat estava dependurado de um dos ramos mais baixos. Alguém atara a extremidade de um cinto a uma das patas traseiras do animal e a outra, ao ramo. Sempre que miava, balouçava e tentava agarrar em vão o ar com as suas três outras patas. Instintivamente, Tally correu e esticou-se, mas o ramo era muito alto. Soltou um grito de dor quando as garras de *Tomcat* lhe rasgaram a pele das mãos e sentiu o sangue tépido a escorrer.

Eu volto já! Volto já! exclamou, correndo até à vivenda. Precisava de luvas, de uma cadeira e de uma faca. Felizmente, as cadeiras da sala de estar eram suficientemente sólidas para aguentar o seu peso! Agarrou numa, tirou uma faca de trinchar do faqueiro e, passados poucos segundos, achava-se novamente debaixo da árvore.

Demorou algum tempo a enterrar a cadeira na terra macia de forma a que não se desequilibrasse. Ia murmurando palavras de conforto e de ternura ao gato, mas *Tomcat* não a ouvia. Estendendo os braços, envolveu o animal na gabardina e, com um forte empurrão, conseguiu levantá-lo até ele poder empoleirar-se no ramo. O miar desesperado cessou imediatamente. Ia ser mais complicado cortar o cinto. A forma mais fácil de libertar *Tomcat* seria desapertar a fivela que lhe prendia a pata traseira, mas Tally não podia arriscar-se a que ele voltasse a arranhá-la. Inseriu a lâmina da faca por baixo do cinto e cortou-o. Demorou um minuto até o couro se rasgar e, envolvendo *Tomcat* por completo com a gabardina, conseguiu descer da cadeira. De imediato, libertou o animal, que correu como uma flecha em direcção ao Heath.

De súbito, Tally sentiu-se dominada por um terrível cansaço. A cadeira parecera tornar-se demasiado pesada para a transportar e, com a gabardina por cima dos ombros, 458

arrastou-a atrás de si pelo carreiro do jardim. Apercebeu-se de que chorava em silêncio e, agora que as lágrimas haviam começado a rolar, empaparam-lhe as faces, tão geladas como a chuva de Inverno. Tudo o que queria era voltar para casa, fechar a porta e esperar pela polícia. Quem quer que houvesse feito aquilo a *Tomcat* era uma pessoa má e não restavam dúvidas de que havia apenas uma pessoa má que trabalhava no Museu Dupayne. Arrastou a cadeira até ao pórtico. A chave ainda se encontrava na fechadura. Girou-a e fez correr os ferrolhos. A porta do vestíbulo estava aberta e, sem sequer tentar fechá-la, dirigiu-se aos tropeções para a sala de estar. Conseguiu arrumar a cadeira no devido lugar e depois estacou, por momentos, debruçada sobre a cadeira e completamente exausta. Foi então mas já tarde de mais que ouviu passos a atravessar o vestíbulo. Tão cansada estava que demorou a aperceber-se do perigo que corria. Dera meia volta quando a barra de ferro a atingiu. Caiu sobre o tapete, com a cabeça a trinta centímetros da lareira a gás e com a gabardina ainda sobre os ombros. Viu, sem qualquer surpresa, o rosto da pessoa que a atacara, para logo de seguida não ver nem ouvir mais nada, no mesmo momento em que as peças de xadrez caíam em cascata sobre o seu corpo. Passaram-se alguns segundos até perder por completo os sentidos. Ainda teve tempo para pensar como era fácil e simples morrer, e para agradecer ao Deus em quem sempre acreditara e a quem pedira tão pouco.

Seguiram no carro de Dalgliesh, que conduziu sem pronunciar palavra. Era dado àqueles períodos de silêncio e Kate já o conhecia bem de mais para ousar quebrá-los. Ele era um condutor experiente e hábil e sabia que chegariam ao museu tão depressa quanto lhe fosse possível. De nada lhe serviria enervar-se com os inevitáveis atrasos, mas Kate apercebeu-se da crescente ansiedade do chefe.

Kate, telefone novamente a Mistress Glutton pediu Dalgliesh quando chegaram a Hampstead e diga-lhe que já falta pouco.

Desta vez, contudo, ninguém atendeu.

Enfiaram pelo caminho de entrada do Museu Dupayne. O *Jaguar* ganhou velocidade e os seus faróis pareceram dissipar a escuridão, conferindo um halo prateado aos rebordos de relva e aos arbustos. Quando Dalgliesh dobrou a última esquina, o edifício estava todo iluminado como se estivesse pronto para um espectáculo de *son et lumière*. Puderam ver que alguém havia levantado a barreira. O carro guinou ao contornar o flanco leste da casa, passou pelos escombros da garagem destruída pelo fogo e parou, de súbito, no carreiro de cascalho. Não havia luzes na vivenda, mas a porta estava aberta. Dalgliesh foi o primeiro a entrar e precipitou-se para a sala de estar. Tacteu a parede e encontrou o interruptor. A lareira a gás estava acesa no mínimo e Tally jazia sobre o tapete, com o rosto em frente das chamas. Uma gabardina cobria-lhe os ombros e o sangue que lhe corria da cabeça era ainda fresco, pelo

tom vermelho-vivo. Sobre o seu corpo, achavam-se espalhadas peças de xadrez de mármore branco e preto, como num último gesto de desdém.

Foi então que ouviram um ruído ténue mas inconfundível para os seus ouvidos. Era o motor de um carro. Kate correu para a porta, mas Dalglish agarrou-a por um braço.

Agora não, Kate. Preciso de si aqui. Deixe que o Piers e o Benton-Smith procedam à detenção. Chame uma ambulância e depois telefone ao Piers.

Enquanto Kate marcava o número, Dalglish ajoelhou-se junto ao corpo de Tally Glutton. O sangue já não escorria, mas, ao colocar os dedos sobre a sua garganta, apercebeu-se de que a pulsação parara. Apressou-se a enrolar a gabardina e a colocá-la por baixo do pescoço de Tally. Depois, abriu-lhe a boca e verificou se não usava dentadura. Debruçou-se e, comprimindo os seus lábios sobre os de Tally, iniciou a respiração boca a boca. Não se apercebeu do aviso alarmado de Kate nem do silvar que saía da lareira a gás por estar concentrado apenas na sua respiração ritmada e no corpo que tentava reanimar. Então, como que por milagre, sentiu de novo a pulsação. Tally respirava. Minutos depois, ela abriu os olhos e fitou-o com um olhar vago. Em seguida, soltando um pequeno gemido como que de satisfação, virou a cabeça de lado e tornou a perder os sentidos.

A espera pela ambulância foi interminável, mas Dalglish sabia que era inútil voltar a telefonar. Havião recebido a chamada e viriam o mais depressa possível. Foi com um suspiro de alívio que ouviu a ambulância chegar e viu os paramédicos entrarem na vivenda.

Peço desculpa pelo atraso, mas é que houve um acidente ao fundo do caminho de entrada para o museu explicou um dos paramédicos, e o trânsito está reduzido a uma só via.

Kate e Dalglish entreolharam-se, mas nenhum deles falou. De nada lhes serviria interrogar os paramédicos, que tinham de se preocupar com o seu trabalho. Nem havia pressa, porque não tinham de descobri-lo naquele instante. Quando voltassem à Scotland Yard, Piers informá-los-ia se havia procedido

461 a uma detenção e seria o fim do caso, independentemente de Vulcano estar vivo ou não.

Dalglish e Kate observaram os enfermeiros quando estes, depois de envolver Tally em cobertores e de a atar à maca, a conduziram para a ambulância. Deram-lhes o nome dela e outros pormenores e foi-lhes dito o nome do hospital para onde ela ia ser transportada.

As chaves da porta da frente achavam-se na fechadura. Kate desligou a lareira a gás, verificou se as janelas do piso térreo e do primeiro andar estavam fechadas e, por fim, saíram da vivenda, depois de desligar as luzes e de trancar a porta da frente.

Guie você, Kate pediu Dalglish.

Sabia que ela ficava feliz por poder conduzir o seu *Jaguar*. Quando chegaram ao caminho da entrada, pediu-lhe que parasse e saiu, deixando-a à espera no carro. Sabia que Kate nunca o seguiria nem lhe perguntaria o que estava a fazer. Afastou-se um pouco do caminho e contemplou a massa negra que era o museu, perguntando a si próprio se alguma vez voltaria a visitá-lo. Sentia-se exausto e triste, muito embora não lhe fosse uma emoção estranha; era assim que se sentia, na maioria das vezes, quando um caso era encerrado. Pensou nas vidas que por tão pouco tempo se haviam cruzado com a sua, nos segredos que descobrira, nas mentiras e nas verdades, no horror e no sofrimento. Aquelas vidas tão intimamente afectadas pelo caso continuariam o seu percurso, tal

como a dele. De volta ao carro, concentrou-se no fim-de-semana que se aproximava e sentiu-se invadido por uma precária alegria.

Trinta e cinco minutos antes, Toby Blake, de dezanove anos e dois meses de idade, entrara em Spaniards Road, na sua *Kawasaki*, no que era a última etapa da sua viagem de regresso a casa. Havia sido um trajecto frustrante, mas era sempre assim à quinta-feira à noite. Passar com perícia por entre os automóveis e os autocarros quase imobilizados e ultrapassar veículos de luxo, para grande desconsolo dos seus condutores, tinha as suas compensações, mas não era para isso que fora feita a sua *Kawasaki*. Então, viu pela primeira vez a estrada reluzente e vazia à sua frente. Chegara a altura de ver o que a sua moto podia fazer.

Acelerou. O motor rugiu e a moto saltou como um tigre. Os olhos de Toby estreitaram-se, por baixo da viseira do seu capacete e sorriu, feliz, ao sentir a investida do ar contra o seu corpo, a estonteante excitação da velocidade, o poder de deter o controlo. Mais à frente, um carro saiu a toda a velocidade de um caminho. O rapaz não teve tempo de travar, nem sequer de registar mentalmente a aparição da viatura. Apercebeu-se do inevitável, num segundo de puro terror. A *Kawasaki* embateu no lado direito do carro e atravessou a estrada, em piões sucessivos, até chocar contra uma árvore. O rapaz foi cuspidado para o ar com os braços abertos, para depois cair num dos lados da estrada e ficar imóvel. O carro perdeu o controlo, guinou e imobilizou-se na berma.

Após dez segundos de silêncio absoluto, os faróis de um *Mercedes* iluminaram a estrada. O carro parou, assim como o

que seguia atrás. Ouviram-se passos apressados, exclamações de horror e vozes angustiadas que falavam pelos telemóveis. Rostos ansiosos olharam para a pessoa que, debruçada sobre o volante, conduzia o automóvel envolvido no acidente. Vozes falaram entre si. Concordaram que deviam esperar pela ambulância. Outros carros pararam. Os primeiros socorros já vinham a caminho.

Na berma da estrada, o rapaz jazia, muito quieto. Não sangrava nem revelava sinais de estar ferido. Aos olhos das pessoas que o fitavam, parecia sorrir enquanto dormia. Desta vez, o hospital era moderno e revelava-se um território estranho para Dalgliesh. Foi conduzido à ala própria e, pouco depois, encontrava-se num corredor comprido sem janelas. Não pairava no ar o cheiro característico dos hospitais. Dava a ideia de que ali o ar era diferente de todos os outros, como se houvessem eliminado cientificamente todo e qualquer resquício de medo ou de doença. Não havia dúvidas de que era o quarto certo. Dois polícias uniformizados estavam sentados de cada lado da porta e, quando Dalgliesh se aproximou deles, levantaram-se e fizeram-lhe a continência. No interior, havia uma mulher-polícia, que também se levantou e o saudou em silêncio antes de sair e fechar a porta atrás de si. Dalgliesh e Vulcano ficaram a sós, cara a cara.

Muriel Godby estava sentada numa cadeira junto à cama. O único indício de que havia sofrido ferimentos era constituído pelo gesso que lhe cobria o braço e o pulso, e pela contusão lívida que lhe marcava a face esquerda. Usava um roupão aos quadrados de algodão, que parecia pertencer ao hospital, e mostrava-se muito calma. Penteara e prendera com um gancho de concha de tartaruga, com todo o cuidado, o cabelo brilhante de um tomalidade invulgar. Os seus olhos esverdeados com laivos amarelos fixaram-se nos de Dalgliesh com a mal dissimulada irritação de um paciente que recebe mais um visitante indesejado. Não continham quaisquer resquícios de medo.

Dalgliesh não se aproximou dela. - - -

Como está? perguntou.

Viva, como pode ver.

Presumo que saiba que o rapaz da mota morreu. Partiu o pescoço.

Conduzia depressa de mais. Quantas vezes eu disse a Miss Caroline que devia haver uma melhor sinalização da entrada para o museu; mas não veio até aqui para me dizer isso. Já tem a minha confissão escrita pelo meu próprio punho, e nada mais tenho a dizer.

A confissão era extensa mas puramente factual, sem adiantar pretextos ou revelar quaisquer remorsos. O homicídio fora planeado com antecedência na quarta-feira, depois da reunião dos fiduciários. Na sexta-feira, Godby, antes de seguir para o museu, colocara na bagageira do seu carro o balde, o fato-macaco de protecção, as luvas, a touca de banho e os fósforos compridos, juntamente com um grande saco de plástico onde pudesse enfiar todas as provas do homicídio depois de o cometer. Não voltara a casa, mas regressara ao museu após deixar Mrs. Strickland na estação de metro de Hampstead. Sabia que Tally Glutton sairia da vivenda para ir assistir à sua aula das sextas-feiras. Tivera o cuidado de desligar o telefone de sua casa, de manhã antes de sair, para o caso de alguém lhe ligar. Esperara na escuridão da garagem até que Neville Dupayne estivesse sentado no *Jaguar*. Só depois avançara, chamando-o. Surpreendido, ele havia reconhecido a sua voz, virara-se para ela e recebera sobre si a gasolina atirada com toda a força. Poucos segundos haviam bastado para acender o fósforo. O último som humano que Neville Dupayne ouvira tinha sido a voz dela. Quando Tally lhe telefonara, ela havia acabado de chegar a casa. Tivera tempo de recolocar o auscultador no descanso, de enfiar o fato-macaco de protecção na máquina de lavar roupa, de lavar o balde e de tomar banho, antes de voltar novamente ao museu. Durante o fim-de-semana, havia torcido e arrancado a alça do balde, cortado em pedaços as luvas e a touca de banho e, protegida pela noite, atirara-os para o meio do lixo de um contentor que encontrara.

Pouco havia naquela confissão que constituísse uma novidade para Dalglish, à excepção de um facto. Quando estudara

em Swathling's, Célia Mellock havia-a insultado, escarnecido dela e tentara que fosse despedida. Naquela altura, a rapariga era ruiva e só mais tarde pintara o cabelo de louro, mas, desde o momento em que Godby entrara na Sala do Crime para se livrar dela, o reconhecimento havia sido absoluto de ambas as partes. Para Godby, aquele segundo homicídio fora um prazer, além de uma necessidade.

Não sei o que está aqui a fazer, comandante. Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer um ao outro. Sei que passarei dez anos na cadeia, mas já cumpri uma pena muito maior... Além do mais, consegui o que queria, não é verdade? Os Dupayne não encerrarão o museu para honrar a memória do irmão. E cada dia que estiver aberto, cada visitante que chegar, cada êxito que alcançar, será graças a mim. Devem-me isso e eles sabem-no, mas deixe a minha vida pessoal em paz. Tem o direito de saber o que fiz e como o fiz. De qualquer forma, já o havia descoberto... É esse o seu dever e tem fama de ser um excelente profissional. Nem sequer tem o direito de saber porque o fiz, mas não me importei de fornecer um motivo, se isso pode servir para que todo o mundo fique contente. Anotei-o e é muito simples. O doutor Neville Dupayne matou a minha irmã devido à sua negligência. Ela telefonou-lhe ele não foi vê-la. Ela regou-se com petróleo e imolou-se pelo fogo. Por causa do Neville Dupayne, perdeu a vida, e eu não ia permitir que ele também me fizesse perder o emprego.

Averiguámos a vida do doutor Dupayne antes de se mudar para Londres adiantou Dalglish. A sua irmã morreu há quinze anos, doze anos depois de você sair de casa. Chegou a ver ou a conhecer o doutor Dupayne naquela época? Era muito chegada à sua irmã?

Muriel Godby fitou-o, e Dalglish pensou que nunca havia visto um tão grande encadeamento de ódio, de desdém e sim de triunfo. Quando ela falou, ficou admirado por a sua voz poder soar tão normal; a mesma voz que respondera calmamente às suas perguntas ao longo da semana anterior.

Como já lhe disse, tem o direito de saber o que fiz, mas não de saber quem sou. Não é nem um padre nem um psiquiatra. O meu passado pertence-me apenas a mim. Não

me vou livrar dele, se lho oferecer. Sei quem é, comandante Dalglish. Miss Caroline falou-me de si quando o senhor visitou o museu pela primeira vez, porque é o género de coisas que ela sabe. É um escritor, um poeta, não é verdade? Não lhe basta intrometer-se na vida dos outros, fazer com que sejam detidos, vê-los na prisão, despedaçar-lhes o coração. Tem de compreendê-los, entrar nas suas mentes, usá-los como sua matéria-prima. Mas não pode usar-me a mim; não tem esse direito.

Não, de facto não tenho esse direito replicou Dalglish.

Então, o rosto dela pareceu suavizar-se e entristecer-se.

Eu e o senhor nunca poderemos realmente conhecer-nos, comandante Dalglish murmurou.

Já à porta, Dalglish voltou-se para encará-la.

Não, não podemos; mas isso torna-nos diferentes de outras duas pessoas quaisquer?

O quarto de Tally Glutton, situado numa outra ala do hospital, era muito diferente. Quando entrou, Dalgliesh foi invadido pelo perfume quase sufocante de flores. Tally achava-se na cama, com uma parte da cabeça rapada e coberta de forma muito pouco favorecedora por um gorro de gaze, por baixo do qual se via claramente uma ligadura. Estendeu-lhe a mão e recebeu-o com um sorriso.

Que bom ter vindo, comandante. Tinha a esperança de que viesse ver-me. Puxe uma cadeira, por favor. Sei que não pode demorar-se, mas queria falar-lhe.

Como se sente agora?

Muito melhor. O ferimento da cabeça não é grave. Ela não teve tempo de me matar, não foi? Os médicos dizem que o meu coração parou de bater durante alguns segundos, devido ao choque. Se o senhor não tivesse chegado naquele momento, eu estaria morta. Tempos houve em que pensei que não me importava de morrer. Agora, penso de maneira diferente. Nem me atrevo a imaginar que não voltaria a ver outra Primavera inglesa. Fez uma pausa e acrescentou: Já soube do que aconteceu ao motociclista. Pobre rapaz... Disseram-me que tinha apenas dezanove anos e era filho único. Não consigo deixar de pensar nos pais dele. Suponho que podemos considerá-lo a terceira vítima...

A terceira e a última rematou Dalgliesh.

Sabe que o Ryan voltou para casa do major Arkwright?

Sim, o major telefonou-nos para nos dizer isso. Pensou que gostássemos de saber onde estava o Ryan.

A vida é dele, quero dizer, do Ryan, e creio que é o que ele deseja, mas eu nutria a esperança de que consagrasse mais tempo a pensar no seu futuro. Se eles discutiram uma vez, podem voltar a discutir e, da próxima... Bom, poderá ser mais grave.

Não me parece que volte a acontecer. O major Arkwright gosta dele e não deixará que algo de mau lhe aconteça.

Como é evidente, sei que o Ryan é *gay*, mas não estaria ele melhor com alguém da sua idade, não tão rico, não com tanto para dar?

Não creio que ele e o major Arkwright sejam amantes, mas o Ryan está quase a atingir a maioridade e não podemos controlar a sua vida.

Talvez ele devesse ter ficado comigo mais tempo continuou Tally, como se falasse mais para si própria do que para Dalglish, até ter a certeza do que pretendia, mas apercebeu-se de que eu não o queria lá em casa. Estou tão habituada a viver sozinha, a ter a casa de banho só para mim... Sempre detestei ter de partilhar uma casa de banho com alguém, e ele sabia-o, porque não é estúpido. Mas não era só a casa de banho... Tinha medo de me afeiçoar demasiado a ele e de deixar que fizesse parte da minha vida. Não estou a dizer que o via como um filho, porque seria ridículo. Falo de bondade humana, de me preocupar com ele, de cuidar dele. Talvez seja a melhor forma de amor. Empregamos a mesma palavra para coisas tão diferentes... A Muriel amava a Caroline, não é verdade? Matou por ela. Deve ter sido um acto *de* amor.

Talvez fosse antes uma obsessão fez notar gentilmente Dalglish. Uma forma perigosa de amor.

Mas o amor é perigoso, não concorda? Creio que, durante toda a minha vida, tive medo do amor e do compromisso que implicava. Agora, contudo, começo a compreendê-lo. Tally fitou Dalglish, olhos nos olhos. Só estamos meio vivos, se receamos o amor.

Manteve o olhar fixo em Dalglish, como se procurasse que ele a tranquilizasse com a sua sabedoria, mas era impossível adivinhar o que ia na mente do comandante.

Mas tinha algo para me dizer... murmurou. Tally sorriu.

Agora já não interessa, mas, quando vos telefonei, pareceu-me importante. Foi algo de que me lembrei. Quando a Muriel chegou, pouco depois de o incêndio deflagrar, a primeira coisa que me disse foi que devíamos ter fechado à chave a barraca onde se achava a lata de gasolina. Ora, eu não lhe dissera que o doutor Neville fora regado com gasolina. Nunca lho poderia ter dito, porque naquela altura não o sabia. Então, como o sabia ela? A princípio, pensei que este pormenor de que me lembrara era importante, mas depois disse a mim própria que ela devia ter adivinhado. Não há notícias do *Tomcatí*

Não estive no museu esta manhã, mas, que eu saiba,

ele não voltou.

Penso que um gato não é muito importante quando há tanta coisa com que a polícia tem de se preocupar. Se ele não voltar, espero que encontre alguém que o recolha. Não é um gato particularmente simpático, nem pode contar com o seu charme. O que a Muriel lhe fez foi terrivelmente cruel. E porquê? Podia ter-se limitado a bater à porta, porque eu tê-la-ia deixado entrar. Nem sequer tinha de se preocupar por eu a reconhecer. Afinal, eu estaria morta se o senhor não tivesse chegado pouco depois.

Ela tinha de matá-la na sala de estar para fazer com que parecesse um homicídio copiado de outro caso famoso replicou Dalgliesh. Além do mais, não tinha a certeza de que a deixasse entrar, se tocasse à sua porta. Penso que a ouviu quando nos telefonou do museu. Sabendo o que a senhora acabara de fazer, podia muito bem ter-se recusado a deixá-la entrar. Na esperança de fazer com que Tally pensasse noutras coisas, comentou: As flores são muito bonitas.

A voz de Tally animou-se ao retorquir:

Não são? As rosas amarelas são de Mister Marcus e de Miss Caroline, e a orquídea, de Mistress Strickland. Mistress Faraday e Mister Calder-Hale telefonaram e vêm visitar-me ao fim da tarde. A notícia espalhou-se rapidamente, não foi? Mistress Strickland enviou-me um bilhete. Pensa que devíamos pedir a um padre que fosse ao museu. Não sei muito

bem para quê, mas talvez para fazer algumas orações, aspergir água benta ou proceder a um exorcismo. Acrescenta, no seu bilhete, que Mister Marcus e Miss Caroline não se importam, desde que não tenham de participar. Afirmam que de nada servirá, mas que mal também não fará. Foi uma sugestão surpreendente por parte de Mistress Strickland, não lhe parece?

Talvez apenas um pouco surpreendente. Tally de repente pareceu exausta.

Bom, tenho de ir andando anunciou Dalglish. Não pode cansar-se.,.

Oh, não me sinto cansada. E um alívio tão grande poder falar... Miss Caroline veio visitar-me esta manhã e foi muito bondosa, mas não creio ter percebido tudo o que ela me disse... Quer que eu permaneça na vivenda e que faça uma' parte do trabalho da Muriel. Não na recepção, nem no que respeita à contabilidade, claro. Parece que já colocaram um anúncio para contratar alguém qualificado, porque agora vamos precisar de mais pessoas. Quer que eu limpe o apartamento dela. Disse-me que, de futuro, poderá ficar lá mais vezes. São tarefas leves, que consistem sobretudo em limpar o pó, em esvaziar o frigorífico e em enfiar os lençóis sujos na máquina de lavar roupa. Ela recebe alguns amigos, pessoas que precisam de uma cama por uma noite. Como é óbvio, fiquei feliz com a sua gentil proposta.

Nesse mesmo instante, a porta abriu-se e uma enfermeira entrou. Olhando para Dalglish, anunciou:

Bom, agora preciso de tratar de Mistress Glutton. Talvez o senhor queira esperar lá fora...

Eu já estava de saída...

Inclinou-se para pegar na mão que se achava pousada sem forças sobre o cobertor, mas que apertou a sua com firmeza. Por baixo da ligadura, os olhos que se cruzaram com os seus nada tinham da ansiedade inquisidora da velhice. Despediram-se e Dalglish regressou ao corredor anónimo e esterilizado. Nada havia que tivesse de dizer a Tally, nem nada em que pudesse ajudá-la. Revelar-lhe o que as suas novas funções implicavam significaria, quase de certeza, que ela as recusaria, arriscando-se a perder a casa e o emprego, e para quê? Já

começara a sucumbir ao extraordinário poder de sedução de Caroline Dupayne, mas não era tão ingênua como Muriel Godby. Era uma mulher suficientemente segura da sua personalidade para se deixar influenciar. Talvez, com o decorrer do tempo, se apercebesse do que se passava no apartamento. Se tal acontecesse, tomaria a sua decisão sem ajuda de ninguém. No corredor, Dalglish deparou com Kate, que avançou na sua direcção. Sabia que ela estava ali para se encarregar da transferência de Muriel Godby.

O médico diz que ela pode ser transferida. Como é óbvio, querem livrar-se dela quanto antes. Recebi uma chamada do Departamento de Relações Públicas, comandante. Querem que dêmos uma conferência de imprensa, hoje ao fim da tarde.

Podemos emitir um comunicado, mas, se quiserem contar com a minha presença, então a conferência de imprensa poderá esperar até segunda-feira. Tenho coisas a fazer no meu gabinete e preciso de sair mais cedo esta tarde.

Kate desviou a cara, mas não sem antes Dalglish vislumbrar no seu olhar uma nuvem de tristeza.

Sim, claro, comandante, já mo tinha dito replicou. Eu sei que precisa de sair mais cedo esta tarde.

Por volta das onze e meia, Dalglish, depois de tratar de todos os assuntos urgentes que exigiam a sua atenção, preparou-se para redigir o seu relatório sobre a investigação, porque tanto o comissário como o ministro adjunto haviam pedido para lê-lo. Era a primeira vez que lhe pediam para apresentar ao ministro adjunto um relatório pormenorizado de uma investigação e esperava que aquele caso não fosse abrir um precedente. Primeiro, contudo, havia ainda um assunto que ficara pendente. Pediu a Kate que telefonasse para Swathling's e dissesse a Caroline Dupayne que o comandante Dalglish queria vê-la com urgência na Scotland Yard.

Volvida uma hora, ela chegou. Estava vestida para um almoço formal. O casaco verde-escuro que usava, de seda pesada, caía em pregas largas, e a gola levantada emoldurava-lhe o rosto. O batom realçava-lhe a palidez. Sentou-se na cadeira que Dalglish lhe indicou e fitou-o, como se aquela fosse a primeira vez que se encontravam e ela estivesse a avaliá-lo sexualmente, enquanto ponderava diferentes possibilidades.

Suponho que devo dar-lhe os parabéns... comentou.

Não é necessário nem apropriado. Pedi-lhe que viesse até aqui porque tenho mais duas perguntas a fazer-lhe.

Ainda continua a trabalhar no caso, comandante? Pergunte e, se puder, responder-lhe-ei.

Disse à Muriel Godby na passada quarta-feira ou mais tarde que ia despedi-la e que não a queria mais no museu?

Esperou pela resposta.

O inquérito foi encerrado e a Muriel, presa. Longe de mim querer ofendê-lo ou não querer colaborar, mas isso ainda é da sua conta, comandante?

Responda, por favor.

Sim, disse-lhe na quarta-feira à tarde, depois de termos ido ao apartamento. Não exactamente por essas palavras, mas, sim, disse-lho. Estávamos no parque de estacionamento. Não consultei ninguém e a decisão foi só minha. Nem o meu irmão nem o James Calder-Hale achavam que ela fosse a pessoa indicada para estar na recepção. Até então, sempre insistira para que a Godby continuasse a trabalhar no museu. A eficiência e a lealdade contam para alguma coisa; mas, na quarta-feira, percebi que eles tinham razão.

Mais uma peça do *puzzle* que se encaixava no seu devido lugar. Então, fora por isso que Muriel Godby regressara ao museu na quinta-feira à noite e se achava no gabinete quando Tally havia telefonado para a polícia. Quando a interrogara, Muriel respondera que queria pôr em dia o seu trabalho; mas, se fosse verdade, porque saíra e voltara? Porque não tinha ficado no museu até mais tarde?

Fora buscar os seus haveres murmurou Dalglish. Não podia fazê-lo na presença dos outros, porque para ela seria uma intolerável humilhação.

Foi buscar os seus haveres e não só; deslocou-se ao museu para me deixar uma lista de tarefas que deviam ser feitas e para me dizer como deveria ser dirigido o gabinete acrescentou Caroline Dupayne. Consciente até ao fim...

Falara sem piedade, quase com desdém.

O seu irmão e Mister Calder-Hale podiam pensar que ela não era a pessoa adequada para estar na recepção, mas não foi por esse motivo que a despediu, pois não? Na quarta-feira à noite já não tinha dúvidas de que fora ela que assassinara o seu irmão e a Célia, e não queria que ela fizesse parte do pessoal do museu quando eu procedesse à detenção. Além do mais, havia o elo de ligação com Swathling's. Sempre foi importante para si manter a escola à distância de qualquer associação com um homicídio, não é verdade?

Isso eram considerações menores. Com alguma sorte, herdarei Swathling's. Fui eu que consolidei a reputação da escola. Não quero que comece a perder prestígio antes de eu ter a oportunidade de assumir o controlo. E não se enganou no que diz respeito ao museu. Era conveniente livrar-me da Muriel Godby antes que fosse feita a detenção. Contudo, não foi esse o principal motivo que me levou a dizer-lhe que estava despedida. Quando a verdade for revelada ao público, nem Swathling's nem o museu escaparão ao escândalo. A escola não será muito prejudicada, porque a Godby saíra de lá há muito tempo, e duvido que o museu sofra as consequências. As pessoas já começaram a perguntar quando pensamos reabrir. Finalmente, o Museu Dupayne consta do mapa...

E quando chegou à conclusão de que era ela a responsável pelos dois homicídios?

Suponho que pela mesma altura que o senhor... Quando soube que alguém havia trancado a porta do apartamento que comunica com a Sala do Crime. Só eu e a Godby tínhamos as chaves. A diferença entre nós os dois, comandante, é que eu não era obrigada a encontrar provas. Agora, sou eu que tenho uma pergunta a fazer-lhe: como ela confessou, seremos poupados a um julgamento, mas quais são as probabilidades de a minha vida privada ser exposta publicamente? Como deve calcular, estou a referir-me ao Clube Noventa e Seis. Não é relevante para a forma como cada uma das vítimas morreu. Ora, não é disso que trata o inquérito do juiz de investigação? Da causa da morte? Terão de mencionar o clube?

Fizera a pergunta calmamente, como se quisesse saber em que dia estavam. Não demonstrava a menor preocupação nem lhe fizera qualquer apelo.

Vai depender muito das perguntas que o juiz decidir formular respondeu Dalgliesh. Ainda há os dois inquéritos preliminares que foram adiados.

Ela sorriu.

Pois penso que descobrirá que o juiz será bastante discreto...

Disse à Muriel que descobrira a verdade? Desafiou-a?

Não. Ela estava a par da existência do Clube Noventa e Seis, claro; ou, pelo menos, desconfiava. Afinal, era ela que se

476

ocupava da roupa de cama do apartamento e que deitava fora as garrafas de champanhe. Não a desafiei e, quando me livrei dela, não fiz qualquer alusão directa aos homicídios. Apenas lhe disse que queria que ela tirasse os seus pertences do gabinete e se fosse embora, assim que nos devolvessem as chaves. Entretanto, ela devia sair do meu caminho.

Quero saber o que ambas disseram ao certo. Como reagiu ela?

Como julga que reagiu? Olhou para mim, como se eu tivesse acabado de condená-la a prisão perpétua. E suponho que talvez tenha sido isso o que fiz.... Houve um momento em que pensei que ela ia desmaiar. Quando conseguiu falar, as palavras que proferiu pareciam mais um coaxar. E o museu? E o meu emprego?, perguntou. Disse-lhe que não se atormentasse, porque ela não era

indispensável. Havia meses que o meu irmão e o James Calder-Hale a queriam despedir. Expliquei-lhe que a Tally se encarregaria da limpeza do meu apartamento.

E foi tudo?

Não exactamente. Ela gritou: O que vai acontecer comigo? Disse-lhe que a sua melhor esperança era a de que a polícia pensasse que os homicídios haviam sido copiados de outros. Foi a minha única referência aos homicídios. Depois, entrei no meu carro e parti.

E com aquelas últimas palavras, pensou Dalglish, Tally Glutton fora condenada à morte.

O homicídio do seu irmão foi a prenda dela para si comentou. Foi por si que ela quis salvar o museu. Talvez até esperasse que a senhora se mostrasse grata,

A voz de Caroline Dupayne tornou-se áspera.

Então, ela não me conhecia, nem tão-pouco o senhor. Julga que eu não amava o Neville, não é verdade?

Não, nunca pensei isso.

Nós, os Dupayne, não deixamos transparecer as nossas emoções. Fomos educados com severidade a não o fazer. Não nos revelamos sentimentais com a morte de um dos nossos nem com a de outra pessoa qualquer. Não sucumbimos à neurose dos soluços e dos abraços, a que as pessoas recorrem para

substituir as responsabilidades da verdadeira compaixão. Eu amava o Neville. Era o melhor de nós todos. Na realidade, foi adoptado. Não creio que alguém soubesse quem era a mãe dele, à excepção do nosso pai. O Marcus e eu sempre pensámos que o Neville era filho dele. Se não o fosse, então porque o teria adoptado? O meu pai não era um homem dado a impulsos de generosidade e a minha mãe fazia o que ele queria; era essa a sua função na vida. O Neville foi adoptado antes de eu nascer. Discutíamos muito, eu não respeitava a sua carreira e ele desprezava a minha. Talvez me desprezasse também, mas eu não o desprezava. Estava sempre presente e, para mim, era o meu irmão mais velho, um Dupayne. Assim que descobri a verdade, não podia ter a Muriel Godby debaixo do mesmo tecto que eu. Fez uma pausa e perguntou: É tudo?

Tudo o que tenho o direito legítimo de saber retorquiu Dalglish. Estou a pensar na Tally Glutton. Disse-me que a senhora lhe propôs que substituísse a Muriel na limpeza do apartamento.

Caroline Dupayne levantou-se e baixou-se para pegar na mala. Só depois sorriu.

Não se preocupe. O trabalho limitar-se-á estritamente a limpar o pó e a aspirar o chão... Sei valorizar a bondade, mesmo que, pessoalmente não aspire a tal sentimento. E se o Clube Noventa e Seis for reconstituído, não haverá mais encontros no Dupayne. Não queremos a polícia local a arrombar as portas e a entrar de rompante, sob pretexto de que receberam uma denúncia de que consumimos drogas ou somos pedófilos. Adeus, comandante. É uma pena que não nos tenhamos conhecido em circunstâncias diferentes...

Kate, que havia permanecido em silêncio, acompanhou-a, e a porta fechou-se atrás dela. Passados poucos minutos, voltou a entrar.

Meu Deus, como aquela mulher é arrogante! exclamou. E ainda há o orgulho familiar. Valorizava o Neville porque era meio Dupayne. Julga que ela disse a verdade a respeito da adopção?

Sim, Kate, ela estava a dizer a verdade.

E quanto ao Clube Noventa e Seis? O que ganhava ela com aquilo?

Alguns dinheiro, segundo creio. As pessoas deviam deixar ofertas, sob pretexto de que queriam participar nas despesas com a limpeza do apartamento e com o consumo das bebidas, mas, acima de tudo, do que ela gostava mais era do poder que o clube lhe conferia. Nisso, ela e a Godby eram parecidas.

Imaginou Godby, sentada atrás do balcão da recepção, a agarrar-se secretamente à ideia de que, se não fosse ela, o museu teria encerrado e talvez a perguntar a si própria se um dia poderia atrever-se a confessar a Caroline o que havia feito por ela, aquela exorbitante prenda que lhe havia dado por amor.

A Caroline Dupayne vai manter o clube a funcionar continuou Kate. Se herdar Swathling's, os membros poderão encontrar-se ali com segurança, em especial durante as férias escolares. Julga que devemos avisar a Tally Glutton?

Não é assunto que nos diga respeito, Kate. Não podemos organizar as vidas das pessoas por elas. A Tally Glutton não é tola. Tomará as suas próprias decisões. Não nos cabe a nós pô-la frente a uma decisão moral com que pode nunca vir a confrontar-se. Além de ser óbvio que precisa do emprego e da casa.

Está a insinuar que ela poderá ceder?

Quando há tanta coisa em jogo, as pessoas costumam ceder, até mesmo as mais virtuosas. Eram cinco horas, e a última aula da semana terminara. A aluna que se achava sentada em frente de Emma, junto ao lume, viera sozinha. A sua colega faltara por estar com gripe, tornando-se a primeira vítima do novo trimestre. Emma esperava ardentemente que não fosse o princípio de uma epidemia. Shirley parecia relutante em sair. Emma olhou para a rapariga encolhida na sua cadeira, com os olhos fixos no chão, enquanto torcia as mãos pequenas e sujas que pousara sobre o regaço. Sabia reconhecer, bem de mais, a angústia para ignorá-la. Deu consigo a rezar em silêncio: Meu Deus, por favor, não permitas que ela exija demasiado de mim. Hoje, não. Faz com que seja rápido.

Tinha de apanhar o comboio das seis e um quarto e Adam ficara de encontrar-se com ela às sete horas e três minutos, em King's Cross. Receara receber um telefonema seu a informá-la de que não podia encontrar-se com ela, mas Adam não telefonara. Havia pedido um táxi para as cinco e meia, o que lhe dava tempo suficiente para lidar com a possibilidade de o trânsito estar congestionado. Já tinha a mala pronta. Quando dobrara a sua camisa de dormir e o seu roupão, sorrira pensando que, se Clara a visse naquele momento, teria comentado que estava a fazer as malas para uma lua-de-mel. Afastou da mente a imagem da figura alta e morena de Adam, à sua espera junto à barreira, e perguntou:

Há alguma coisa que te preocupa?

Os olhos de Shirley procuraram os seus.

Os outros alunos pensam que estou aqui porque estudei numa escola pública. Julgam que o governo pagou a Cambridge para que aceitasse a minha candidatura. E por isso que estou aqui e não por ser inteligente, na opinião deles.

Alguém disse isso directamente? perguntou Emma com voz áspera.

Não, ninguém. Não o dizem, mas é o que pensam. Veio nos jornais e sabem que é isso que está a acontecer.

Emma inclinou-se para a frente.

Essa política não se aplica a esta universidade portanto, não foi o que sucedeu contigo. Isso não é verdade. Ouve-me com atenção, porque é importante. O governo não diz a Cambridge como há-de seleccionar os seus estudantes. Se este ou outro governo o fizesse, Cambridge nunca acataria tal ordem. Os nossos únicos critérios de selecção baseiam-se na inteligência e no potencial dos nossos alunos e, se estás aqui, é porque o mereces.

Não é isso que sinto.

Shirley falara num tom de voz tão baixo que Emma tivera de fazer um esforço para perceber o que dissera.

Pensa bem nisso, Shirley. A atribuição de bolsas de estudo em Cambridge é feita a nível internacional e, por conseguinte, é muito competitiva. Se Cambridge quiser manter o seu prestígio, tem de seleccionar os melhores. Estás aqui por mérito próprio. Queremos que fiques connosco e que sejas feliz.

Os outros parecem tão confiantes. Alguns já se conheciam antes de virem para cá ou têm amigos aqui, o que faz com que Cambridge não lhes seja um local estranho. Sabem o que fazer, porque estão juntos. Para mim, tudo é estranho. Sinto que não pertenço a esta universidade. Foi um erro ter vindo para Cambridge, conforme me disseram algumas das amigas da minha mãe lá em casa. Afirmaram que eu não me adaptaria.

Pois estavam enganadas. É verdade que sempre ajuda ir estudar para uma universidade nova com amigos. No entanto, alguns dos alunos que parecem tão confiantes têm as mesmas preocupações que tu. O primeiro trimestre numa universidade

nunca é fácil. Por toda a Inglaterra, neste momento, novos estudantes passam pelas mesmas incertezas. Quando nos sentimos infelizes, pensamos sempre que mais ninguém pode experimentar a mesma sensação que nós, mas é um erro, porque esse estado faz parte da condição humana.

Não acredito que possa sentir-se assim, doutora Lavenham.

Porque não? Por vezes sinto o mesmo que tu. Palavra. Já te inscreveste numa das associações de estudantes?

Ainda não. São tantas e não sei em qual me adaptaria.

Porque não te inscreves numa em que estejas realmente interessada? Não o faças apenas com o intuito de conhecer outras pessoas e estabelecer novas amizades. Escolhe uma de que possas desfrutar, talvez uma associação nova. Então conhecerás outras pessoas e farás novas amizades.

A rapariga acenou afirmativamente com a cabeça e sussurrou algo como Vou tentar. Emma ficou preocupada. Era o tipo de problema que causava maior ansiedade aos estudantes segundo a sua experiência. Em que momento, se é que havia algum, devia ela aconselhá-los a pedir apoio profissional ou ajuda psiquiátrica? Não detectar os indícios de uma grande angústia podia revelar-se desastroso, mas ter uma reacção exagerada era capaz de destruir a confiança que ela tentava incutir. Estaria Shirley desesperada? Não lhe parecia e esperava não se enganar, mas podia auxiliá-la de outra forma e sabia que a rapariga precisava dessa ajuda.

Quando entramos numa universidade disse num tom de voz carinhoso, por vezes é difícil saber como trabalhar da forma mais eficaz ou como empregar o nosso tempo da melhor maneira. É fácil desperdiçá-lo a trabalhar arduamente em matérias que não são essenciais, negligenciando o que é realmente importante. Escrever ensaios académicos requer muita prática. Estarei ausente de Cambridge durante o fim-de-semana, mas podemos conversar sobre isso na segunda-feira, se achares que pode ajudar-te.

Creio que me ajudava muito, doutora Lavenham. Obrigada.

Então, vemo-nos às seis horas?

A rapariga assentiu com um aceno de cabeça e levantou-se. Já à porta, voltou-se para sussurrar um último obrigada e desapareceu. Emma consultou o relógio. Estava na altura de vestir o casaco, pegar na mala e descer para esperar o táxi. Achava-se já na estação de Cambridge quando se apercebeu de que deixara o telemóvel no seu quarto. Talvez, pensou, tivesse sido menos por esquecimento do que pelo temor inconsciente de ouvi-lo tocar durante a viagem. Agora podia viajar em paz.

Finalmente Dalglish estava pronto para sair. A sua secretária particular passou a cabeça pela porta.

Acabo de receber uma chamada do Ministério do Interior, Mister Dalglish. O ministro quer vê-lo. Telefonaram do seu gabinete particular. E urgente.

Quando recebia um telefonema numa tarde de sexta-feira, geralmente era um assunto urgente.

Disse-lhes que vou sair quase de imediato, para gozar o fim-de-semana?

Sim, disse-lhes, mas a pessoa que me telefonou respondeu que fora uma sorte tê-lo apanhado a tempo. E importante. Mister Harkness também foi chamado.

Então, Harkness também estaria presente. E quem mais? interrogou-se Dalglish. Enquanto vestia o casaco, consultou o relógio. Cinco minutos para cortar caminho pela estação de metropolitano de St. James's Park e chegar a Queen Anne's Gate. Provavelmente o atraso habitual com o elevador. Ao menos, os agentes da segurança conheciam-no e, com o seu passe, não o reteriam por muito tempo. Se tivesse sorte, levaria seis minutos no total antes de entrar no gabinete do ministro. Não perdeu tempo a verificar se Harkness já saíra e correu para o elevador.

Passaram-se exactamente sete minutos antes que fosse introduzido no gabinete particular do ministro. Viu que Harkness já lá estava, assim como o subsecretário do Ministério do Interior, Bruno Denholm, do MI6, e o subsecretário do 484ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth, um oficial de meia-idade mas com aparência jovem, cujo ar de calmo distanciamento deixava bem claro que se achava ali apenas como espectador. Todos os presentes estavam habituados àquelas convocações urgentes e tinham prática em tornar o inesperado e indesejado em razoável e inócuo. Mesmo assim, Dalglish detectou um ambiente de mal-estar, quase de constrangimento.

O ministro saudou-os com um aceno de mão e procedeu às breves mas desnecessárias apresentações. Era um homem que adoptara as boas maneiras, em especial para com os graduados, como sua política de trabalho. Dalglish pensou que, de um modo geral, aquela tomada de atitude fora bem-sucedida. Pelo menos, tinha o mérito de ser original. No entanto, o seu convite para beberem um cálice de xerez, a não ser, cavalheiros, que pensem que ainda é muito cedo, mas também há chá e café se preferirem, e a sua atenção escrupulosa em relação ao lugar em que cada um dos presentes devia sentar-se assemelhavam-se a um táctica deliberada para retardar o início da reunião e, quando Harkness aceitou um cálice de xerez, aparentemente em representação dos restantes presentes, pareceu-lhe um capricho equivalente a um alcoolismo incipiente. Deus, quando começariam a reunião? O xerez excelente e muito seco foi servido, e sentaram-se em volta da mesa. Havia uma pasta em frente do lugar do ministro. Abriu-a e Dalglish viu que continha o seu relatório sobre os homicídios do Museu Dupayne.

Parabéns, comandante felicitou o ministro. Um caso delicado resolvido com rapidez e eficácia. Volta a suscitar a questão de saber se não deveríamos estender a Brigada de Investigações Especiais a todo o país. Estou a referir-me, em particular, aos recentes sequestros e homicídios de crianças. Uma brigada especializada a nível nacional poderia ser uma vantagem nesses casos tão notórios. Suponho que tem uma opinião pessoal a respeito desta minha sugestão...

Dalglish podia ter ripostado que aquela questão não era nova e que as opiniões, incluindo a sua, a propósito de uma brigada especializada a nível nacional já eram sobejamente conhecidas. No entanto, restando a sua impaciência, replicou:

As vantagens são óbvias, se for necessário para certa investigação que ela abranja todo o país, em vez de se concentrar num crime localizado, mas existem também algumas objecções. Arriscamo-nos a perder o conhecimento que possuímos de um determinado local e os contactos com a sua comunidade, dois importantes componentes de qualquer investigação. Depois há o problema da relação e colaboração com as autoridades a quem o caso disser respeito, e que poderiam sentir-se desmoralizadas se os casos mais complicados fossem reservados a uma brigada que pode ser tida como privilegiada, tanto a nível do recrutamento dos seus membros como a nível dos recursos de que dispõe. Do que precisamos é de aperfeiçoar a formação de todos os detectives, incluindo os que se achem a meio da carreira. As pessoas começam a perder a confiança na capacidade da polícia para resolver crimes locais.

E isso, claro, é o que a sua comissão pondera actualmente. O recrutamento e a formação dos detectives retorquiu o ministro. Pergunto a mim próprio se haveria alguma vantagem em encarar seriamente a hipótese da criação de uma brigada nacional.

Dalgliesh absteve-se de salientar que não se tratava da sua comissão, mas apenas da comissão para a qual trabalhava.

O director da minha comissão provavelmente estaria de acordo com a expansão das competências da brigada, se for esse o propósito do secretário de Estado. Se essas competências houvessem sido incluídas desde o princípio nas atribuições da brigada, teríamos conseguido decerto uma adesão muito diferente. Temo-nos deparado com alguns problemas em relação ao recrutamento de agentes nesta última fase.

A minha sugestão poderá ser analisada de futuro?

Com certeza, se Sir Desmond concordar. Contudo, aquela reiteração de um velho problema fora

apenas um preliminar, como Dalgliesh depressa se apercebeu. O ministro concentrou a sua atenção no relatório sobre os homicídios.

O seu relatório deixa bem claro que o clube privado comentou, ou talvez deva dizer as reuniões de amigos

promovidas por Miss Caroline Dupayne não foram responsáveis tanto pela morte do doutor Neville Dupayne como pela da Célia Mellock.

Só houve uma pessoa responsável: a Muriel Godby.

Exactamente. Sendo assim, parece-me desnecessário atormentar ainda mais a mãe da rapariga com uma referência pública ao motivo por que se encontrava a Célia Mellock no museu.

A hábil capacidade de acreditar que todas as pessoas são menos inteligentes e ingénuas do que nós próprios era uma qualidade útil num político profissional, pensou Dalglish, mas não um atributo que ele estivesse preparado para aceitar.

Isso não tem nada a ver com Lady Holstead, não é verdade? perguntou. Tanto ela como o seu segundo marido conheciam bem o estilo de vida que a rapariga levava. Quem queremos proteger ao certo neste caso?

Sentiu a maliciosa tentação de sugerir alguns nomes, mas soube reprimi-la. O sentido de humor de Harkness era rudimentar e nunca testara o sentido de humor do ministro, que olhou para o subsecretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth.

Um cidadão estrangeiro, homem importante e grande amigo deste país, pediu que lhe garantissemos que certos assuntos particulares permaneceriam em segredo explicou o subsecretário.

Mas não estará esse cidadão estrangeiro a preocupar-se desnecessariamente? exclamou Dalglish. Julgava que somente dois pecados eram susceptíveis de provocar a mais violenta reprovação do público quando publicados na imprensa nacional: a pedofilia e o racismo.

Não no país dele.

O ministro apressou-se a assumir o controlo da situação.

Antes que possamos assegurar-lhe seja o que for, existem certos pormenores acerca dos quais me quero certificar, sobretudo de que não haverá qualquer interferência com o decurso da justiça. Penso não ser necessário dizê-lo, mas por certo a justiça não exige a estigmatização de inocentes.

Espero que o meu relatório seja bem claro replicou Dalglish.

Não só claro como pormenorizado. Talvez me haja exprimido mal. Deveria ter dito que gostava que me esclarecesse em relação a certos aspectos. Por exemplo, esse clube dirigido por Miss Dupayne... Suponho que era um clube privado, que se reunia em propriedades privadas, e que nenhum dos seus membros tinha menos de dezasseis anos e, tão-pouco, que houvesse dinheiro envolvido. O que faziam pode ser reprovável para alguns, mas não era ilegal.

Miss Dupayne não dirigia um bordel nem nenhum membro do seu clube teve qualquer ligação com a morte do Neville Dupayne ou da Célia Mellock. A rapariga não teria morrido se não estivesse na Sala do Crime num dado momento e nunca se acharia no museu, se não fosse um membro do Clube Noventa e Seis, mas, como já o disse, só uma pessoa foi responsável pela sua morte: a Muriel Godby.

O ministro franziu as sobrancelhas; tivera o cuidado de omitir o nome do clube.

Não restam quaisquer dúvidas quanto a isso? perguntou.

Não. Temos a confissão dela. Fosse como fosse, tê-la-íamos detido esta manhã. A Tallulah Glutton reconheceu-a antes de perder os sentidos. Encontrámos a barra de ferro manchada com sangue no carro da Godby. Ainda não enviámos o sangue para ser analisado, mas não há duvidas de que é o sangue da Glutton.

Exactamente concordou o ministro. Mas regressemos às actividades no apartamento de Miss Dupayne. Sugere, no seu relatório, que a rapariga, que combinara encontrar-se com Lorde Martlesham nessa noite, chegou a ir ao apartamento e entrou na Sala do Crime depois de destrancar a porta e, talvez levada pela curiosidade e pelo facto de ser estritamente proibido entrar no museu por aquela porta, avistou da janela voltada para leste a Muriel Godby a lavar as mãos na barraca do jardim. A Godby ergueu o olhar, viu a rapariga à janela, entrou no museu, estrangulou a sua vítima, que não podia voltar para o apartamento porque a porta, além de estar fechada, não tinha puxador do lado da Sala do Crime, e enfiou o corpo no baú. Devia ter muita força para fazer o que

fez. Depois, entrou no apartamento pela porta exterior, da qual tinha uma chave, desligou as luzes do apartamento, fez descer o elevador até ao rés-do-chão e saiu. Lorde Martlesham chegou logo de seguida. Verificando que o carro da Célia Mellock não se encontrava no parque de estacionamento, que todas as luzes do vestíbulo do apartamento estavam apagadas e que o elevador se achava no rés-do-chão, convenceu-se de que a rapariga faltara ao encontro. Foi então que viu as chamas do incêndio na garagem, entrou em pânico e partiu no seu carro. Na manhã seguinte, a Godby, que chegou cedo como era seu hábito, teve tempo e oportunidade de arrancar as flores do vaso de violetas-africanas do gabinete do Calder-Hale e de as espalhar sobre o cadáver. O seu intuito, claro está, era o de fazer com que o segundo homicídio parecesse haver seguido o método de um outro, já antigo. Também voltou a fechar e a trancar a porta do apartamento que comunicava com a Sala do Crime e verificou se a Mellock não deixara quaisquer vestígios que pudessem denunciar a sua presença ali, ou que pudessem incriminá-la. Não poderia ter feito isso nem recorrido ao truque das violetas-africanas logo após o homicídio. Assim que o incêndio se tornou visível, teve de fugir rapidamente antes que fosse dado o alarme. Posso ver por que motivo a Godby teve de levar a mala de mão. Era importante que não se descobrisse a chave do apartamento junto ao cadáver da Mellock. Era mais rápido apoderar-se da mala de mão do que perder tempo à procura da chave. Existem pormenores adicionais, mas, essencialmente, o caso resume-se a isto.

Ergueu o olhar com o sorriso de satisfação de um homem que mais uma vez demonstrara a sua habilidade em dominar a arte de resumir um relatório.

Pelo menos, é como o caso se me afigura replicou Dalgliesh. Desde o início, sempre acreditei que os dois homicídios estavam relacionados. A minha opinião confirmou-se quando obtivemos o depoimento, que consta do relatório, de que o baú se achava vazio às quatro da tarde de sexta-feira. Era praticamente impossível pensar que dois homicídios completamente diferentes tivessem sido cometidos ao mesmo tempo e no mesmo local.

489 No entanto, e desculpe-me contrapô-lo ao ministro, a rapariga podia ter chegado ao museu mais cedo com outro amante, encontrar-se com ele na sala de arquivo na cave, e ficar ali escondida depois de o museu encerrar. E, se tivesse entrado no museu sem ser pelo apartamento, então o facto de ser membro do clube privado de Miss Dupayne seria completamente irrelevante para a sua morte. Por conseguinte, não há que fazer referência ao clube.

Pediram-me um relatório completo replicou Dalgliesh e foi o que fiz. Não estou disposto a alterá-lo nem a elaborar outro. Uma vez que a Godby já assinou uma confissão e tenciona declarar-se culpada, não haverá julgamento. Se for necessária uma versão abreviada da investigação para uso interno, tenho a certeza de que o departamento poderá fornecê-la. E agora, se me dá licença, gostava de ser dispensado. Tenho um encontro privado urgente.

Reparou na expressão de surpresa de Harkness e no semblante reprovador do ministro, que, contudo, disse em tom afável:

Muito bem; foi-me assegurado aquilo que eu pretendia. Nem a lei nem a justiça exigirão que factos relativos à vida privada de Miss Mellock sejam tornados públicos. Sendo assim, cavalheiros, creio que podemos dar este caso como encerrado.

Dalgliesh sentiu-se tentado a salientar que não havia assegurado nada ao ministro nem que ninguém, ali presente, incluindo ele próprio, tinha competência para o fazer.

Existe sempre a possibilidade de Lorde Martlesham falar... comentou Harkness.

Já conversei com ele. Tem uma consciência muito desenvolvida, o que lhe causa certos problemas, mas não deseja causar problemas a outras pessoas.

Os dois inquéritos foram adiados, senhor ministro, e agora haverá outro.

Oh retorquiu o ministro, num tom despreocupado. Penso que o juiz irá restringir as suas perguntas ao que é relevante para estabelecer a causa das duas mortes. Afinal, é essa a sua função. Obrigado, cavalheiros. Lamento tê-lo empatado, comandante. Tenha um bom fim-de-semana.

Precipitando-se para o elevador, Dalgliesh consultou o relógio. Tinha três quartos de hora para chegar a King's Cross, o que era mais do que suficiente. Planeara com grande antecedência o seu trajecto. Ir de carro de Victoria Street até King's Cross numa sexta-feira, à hora de ponta, seria correr o risco de sofrer um acidente, em particular, com a nova sincronização dos semáforos feita pelo presidente da Câmara de Londres; além disso, deixara o *Jaguar* no parque de estacionamento do costume, perto do seu apartamento. O percurso mais rápido e mais lógico era o de tomar a linha de Circle ou a de District, na estação de metro de St. James's Park, e sair em Victoria a estação seguinte para depois fazer o transbordo para a linha de Victoria. Eram apenas cinco estações e, com alguma sorte, estaria em King's Cross dali a quinze minutos. Teria de abdicar do seu plano de fazer um compasso de espera na British Library, porque a reunião com o ministro alterara os cálculos anteriores.

O trajecto começou bem; uma carruagem da linha de Circle chegou, ao fim de três minutos, e nem sequer teve de esperar na estação de Victoria. Uma vez no interior da carruagem da linha de Victoria, em direcção a norte, sentiu-se mais calmo e conseguiu apagar da mente as complicações do dia e começar a pensar noutras complicações, muito diferentes, e nas promessas da noite que se aproximava. Foi então que, depois de Green Park, surgiu o primeiro obstáculo: a carruagem abrandou até a uma velocidade quase imperceptível, ficou

parada durante o que para Dalgliesh pareceu ser uma eternidade e recomeçou a andar, a passo de caracol, depois de arrancar aos solavancos. Passaram-se vários minutos, durante os quais Dalgliesh, de pé e apertado entre vários corpos quentes, parecia calmo, mas, intimamente, sentia um torvelinho de frustração, de raiva e de impotência. Por fim, chegaram à estação de Oxford Circus, em que as portas se abriram ao grito de «Mudança de linha!»

No caos dos passageiros que saíam da carruagem e se misturavam com os que esperavam para entrar, Dalgliesh ouviu um homem perguntar a um guarda que passava:

O que aconteceu?

A linha está bloqueada mais à frente. Uma composição avariou-se.

Dalgliesh não esperou para ouvir o resto. Pensou com rapidez: não havia outra linha directa para King's Cross e tinha de tentar apanhar um táxi.

Teve sorte. Uma passageira saía de um táxi à esquina de Argyll Street. Correndo, Dalgliesh chegou à porta do veículo antes que a passageira tivesse tempo de se apear. Esperou impacientemente, enquanto a mulher procurava dinheiro trocado, e só depois exclamou:

Siga para King's Cross, o mais depressa possível.

Sim, senhor. Será melhor tomarmos o percurso habitual, primeiro, por Mortimer Street, depois, por Goodge Street, em direcção a Euston Road.

O táxi já havia arrancado. Dalgliesh tentou acomodar-se no assento traseiro e controlar a sua impaciência. Se chegasse atrasado, quanto tempo esperaria Emma? Dez minutos, vinte minutos? Porque haveria de esperar por ele? Tentou ligar-lhe para o telemóvel, mas não obteve resposta.

Como calculava, o trajecto foi insuportavelmente lento e, apesar de a velocidade melhorar quando chegaram a Euston Road, ainda continuou a ser pouco mais do que um trajecto arrastado. Foi então que se deu um desastre: mais à frente, uma carrinha chocou contra um automóvel. Não era um acidente grave, mas a carrinha ficara atravessada na estrada. O trânsito parou e haveria um atraso inevitável até chegar a

polícia para fazer fluir o tráfego de novo. Dalgliesh deu uma nota de dez libras ao motorista, saiu do táxi e começou a correr. Quando entrou, esbaforido, na estação de King's Cross, estava vinte minutos atrasado.

Além do pessoal uniformizado, a pequena plataforma que servia a linha de Cambridge encontrava-se deserta. Que teria feito Emma? Que teria ele feito no seu lugar? Não queria ir para o apartamento de Clara, passando a noite a ouvir a amiga, furiosa, dar-lhe as condolências. Emma voltaria para Cambridge, onde se sentia em casa. E era para lá que ele ia. Tinha de vê-la naquela noite, tinha de saber o pior ou o melhor. Mesmo que ela não quisesse ouvi-lo, podia entregar-lhe a carta. No entanto, quando perguntou a um empregado da estação a que horas partia o próximo comboio, descobriu o motivo por que a plataforma se achava vazia; houvera problemas na via-férrea e ninguém fazia ideia de quando voltaria a estar operacional. O comboio que chegara às sete horas e três minutos havia sido o último a passar. Estariam porventura todos os deuses das viagens a conspirar para o impedir de alcançar o seu objectivo?

Há os comboios da linha normal com destino a Cambridge e que partem de Liverpool Street aconselhou o empregado. Será melhor tentar lá. E o que está a fazer a maior parte dos passageiros.

Não havia a menor possibilidade de apanhar um táxi à pressa, porque vira a longa fila quando entrara a correr na estação, mas havia um trajecto alternativo e, com alguma sorte, mais rápido. Tanto a linha de Circle como a de Metropolitan levá-lo-iam a Liverpool Street, em quatro paragens, se por algum milagre a carruagem não se avariasse. Atravessou a estação de comboio em direcção à do metropolitano e tentou abrir caminho por entre a multidão que descia a escada. Encontrar as moedas para a máquina automática de bilhetes pareceu-lhe um inconveniente insuportável, mas por fim alcançou a plataforma e, volvidos quatro minutos, chegava uma composição da linha de Circle. Em Liverpool Street, subiu a escada a quatro e quatro, passou pela moderna torre do relógio e, finalmente, deteve-se no topo da escada, enquanto

consultava o amplo painel azul com os horários das partidas.

O comboio para Cambridge, com a lista das dez estações em que parava, sairia da plataforma número seis. Tinha menos de dez minutos para a encontrar.

Devido ao encerramento da linha de King's Cross, uma pequena multidão acotovelava-se em frente da barreira que dava acesso à plataforma. Tentando abrir caminho, gritou à mulher que controlava as entradas dos passageiros:

Tenho de encontrar uma pessoa. É urgente!

A mulher nada fez para detê-lo. A plataforma estava a abarrotar de gente e, à sua frente, as pessoas avançavam para o comboio, empurravam-se ao entrar pelas portas das carruagens e procuravam desesperadamente um assento vazio.

Foi então que viu Emma. Pareceu-lhe que caminhava com ar desconsolado, com a mala na mão, em direcção às carruagens da frente. Dalglish tirou a carta do bolso e correu para ela. Emma voltou-se e ele só teve tempo de ver a sua expressão de surpresa e em seguida, como que por milagre, o seu rápido involuntário sorriso, antes de lhe colocar o sobrescrito nas mãos.

Não sou o capitão Wentworth disse, mas, por favor, lê isto agora. Esperarei por ti ao fundo da plataforma.

Ficou sozinho. Voltara-se porque não poderia suportar vê-la meter a carta na mala e entrar no comboio, mas depois forçou-se a olhar para ela: Emma afastara-se da multidão e lia a carta. Dalglish recordava-se de cada uma das palavras que havia escrito.

*Disse a mim próprio que escrevo isto porque te dará tempo para
pensares antes de me dares uma resposta, mas talvez haja sido apenas um acto de cobardia da minha parte. Ler que me
rejeitarás será mais suportável do que vê-lo nos teus olhos. Não tenho motivos para nutrir esperanças Sabes que te amo,
mas o meu amor não me confere qualquer direito Outros homens disseram-te estas palavras e voltarão a pronunciá-las.
E não posso prometer-te que te farei feliz, seria arrogante se supusesse que possuo tal poder Se fase teu pai, teu irmão ou
simplesmente um amigo, poderia encontrar um sem-número de motivos para argumentar contramim próprio, mas já os
conheces Só os grandes poetas poderiam falar por mim, mas não é o momento para citar as palavras de outros homens
Só posso escrever o que me vai no coração A minha única esperança é a de que gostes*

de mim o suficiente para queres arriscar-te a iniciar esta aventura comigo. Quanto a mim, não corro quaisquer riscos, pois não posso aspirar a maior felicidade do que a de ser teu amante e teu marido.

Ali de pé, sozinho e à espera, pareceu-lhe que à sua volta a vida havia desaparecido misteriosamente, como se fizesse parte de um sonho. O eco irregular dos passos, os comboios que se preparavam para partir, os encontros e as despedidas, os gritos, as portas das carruagens que se fechavam, as lojas e os cafés da estação e o zumbido longínquo da cidade, tudo se desvanecera. Achava-se por baixo da magnífica cúpula do telhado, como se ali não houvesse mais ninguém a não ser ele, que aguardava, e a distante figura de Emma.

Então, o seu coração acelerou-se. Emma avançava para ele com passos decididos primeiro, e depois, a correr. Encontraram-se e ele pegou-lhe nas mãos. Ela procurou os olhos dele com os seus, rasos de lágrimas.

Minha querida, precisas de mais tempo? perguntou ele.

Não, não preciso de mais tempo. A resposta é sim, sim! Ele não a tomou nos braços nem se beijaram. Precisavam de

estar a sós para aquelas primeiras e doces intimidades. Dalgliesh contentou-se em sentir as mãos dela nas suas e em deixar a maravilhosa torrente de felicidade irromper através das suas veias até brotar, como uma fonte, no seu coração. Lançou a cabeça para trás e celebrou a sua vitória com uma sonora gargalhada. Ela também começou a rir-se.

Que local mais estranho para um pedido de casamento! Bom, podia ter sido pior... Podia ter sido em King's Cross... Emma consultou o relógio e acrescentou: Adam, o comboio parte dentro de três minutos. Poderíamos acordar ao som das fontes de Trinity Great Court.

Dalgliesh soltou-lhe as mãos, inclinou-se e pegou na mala dela.

Mas o Tamisa passa por baixo das minhas janelas... Ainda rindo, ela enfiou o braço no dele.

Então, vamos para casa.

O Autor e a Obra

Phyllis Dorothy James, escritora inglesa, nasceu em Oxford a 3 de Agosto de 1920.

Frequentou a High School de Cambridge, que abandonou aos dezasseis anos por dificuldades económicas da família. Em

1941, casou-se com Connor White, um estudante de Medicina que viria a morrer em 1964. No início da Segunda Guerra Mundial foi enfermeira da Cruz Vermelha e em 1949 trabalhou como arquivista do Serviço Nacional de Saúde. Funcionária superior no Departamento Criminal do Home Office em 1968, aí adquiriu os conhecimentos médicos que evidencia com rigor nos seus livros. Actualmente ensina em universidades dos EUA e do Canadá.

Da sua bibliografia, destacamos os seguintes livros, todos eles já editados em Portugal: *Cover Her Face* (tradução portuguesa: *O Enigma de Sally Jupp*, 1963), *A Mind to Murder* (tradução portuguesa: *Um Crime demasiado Óbvio*, 1963), *Unnatural Causes* (tradução portuguesa: *O Cadáver sem Mãos*, 1967), *Shroud for a Nightingale* (tradução portuguesa: *Mortalha para Uma Enfermeira-*, 1971), *Un Unsuitable Job for a Woman* (tradução portuguesa: *Uma Estranha Profissão de Mulher*, 1972), *The Skull Beneath the Skin* (tradução portuguesa: *Fascínio pela Morte*, 1986), *Devices and Desires* (tradução portuguesa: *Intrigas e Desejos*, 1989), *The Children of Men* (tradução portuguesa: *Os Filhos dos Homens*, 1992), *Original Sin* (tradução portuguesa: *Pecado Original*, 1994), *A Certain Justice* (tradução portuguesa: *Morte no Tribunal*, 1997), *Death in Holy Orders* (tradução portuguesa: *Morte em Ordens Sagradas*, 2001) e *The Murder Room* (tradução portuguesa: *A Sala do Crime*, 2003).